

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Andreza Marcião dos Santos

**O LÉXICO E A CULTURA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO
NO SUL DO AMAZONAS**

Belo Horizonte
2023

Andreza Marcião dos Santos

**O LÉXICO E A CULTURA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO
NO SUL DO AMAZONAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Antonieta
Amarante de Mendonça Cohen.

Belo Horizonte

2023

S2371 Santos, Andreza Marcião dos.
O léxico e a cultura do Projeto de Assentamento São Francisco no Sul do Amazonas [manuscrito] / Andreza Marcião dos Santos. – 2023.
1 recurso online (321 f. : il., tabs., p&b., maps., color.) : pdf.
Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 213-220.
Apêndices: f. 221-321.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Amazonas – Teses. 2. Língua portuguesa – Regionalismos – Amazonas – Teses. 3. Linguagem e cultura – Amazonas – Teses. 4. Sociolinguística – Teses. 5. Lexicologia – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O LÉXICO E A CULTURA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO NO SUL DO AMAZONAS

ANDREZA MARCIÃO DOS SANTOS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 20 de março de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen - Orientadora
UFMG

Prof(a). Alexia Teles Duchowny
UFMG

Prof(a). Maria do Socorro Vieira Coelho
Unimontes

Prof(a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho
IFMG

Prof(a). Celina Márcia de Souza Abbade
UNEB

Belo Horizonte, 20 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professora do Magistério Superior**, em 21/03/2023, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen, Professora do Magistério Superior**, em 24/03/2023, às 05:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celina Marcia de Souza Abbade, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria do Socorro Vieira Coelho, Usuário Externo**, em 25/03/2023, às 09:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Usuário Externo**, em 29/03/2023, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2111649** e o código CRC **DA0558A2**.

A minha avó Lolita Garcia dos Santos, *in memoriam*.

Aos meus pais, que apoiaram minhas escolhas incondicionalmente.

Ao meu esposo Diogo e meu filho Arthur, que estiveram comigo neste percurso e recarregaram as minhas energias por meio de palavras e ações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força, saúde, persistência e fé de continuar a minha caminhada até o final desta pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, pelo voto de confiança, pela compreensão e pelas orientações durante a minha trajetória no doutorado.

A todos os professores e colegas que tive a honra de conhecer durante a Pós-Graduação, em especial, a minha grande amiga Shirlene Aparecida, pela amizade e companheirismo nessa jornada nada tranquila, e a sua filha Danielly que me acompanhou durante esse período.

À Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pelo atendimento e compreensão quando precisei de informações para esclarecimentos de dúvidas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia – NUPEAS, pela oportunidade de conhecer o Projeto de Assentamento São Francisco e mostrar o caminho da pesquisa científica.

A todos os informantes e moradores do Projeto de Assentamento São Francisco, que relataram sobre suas vidas e mostraram seus anseios e esperanças, alegrias e tristezas. Vocês contribuíram não só para o desenvolvimento desta pesquisa, mas também pelas lições de vida e superação diante das dificuldades.

Aos meus pais que, mesmo tão distantes de mim fisicamente, se fizeram tão presentes em minha vida por meio de ligações, mensagens e vídeos engraçados do TikTok. Segundo eles, precisamos rir de vez em quando para afastar a tristeza e o cansaço. Por isso, fico sem palavras para expressar a minha gratidão e a minha alegria de compartilhar mais um momento de realização profissional com vocês.

A minha sogra e ao meu sogro, sempre alegres, divertidos e “silenciosos”, que me deram todo o apoio para continuar na minha jornada.

Aos meus irmãos e às minhas irmãs, Adriana, Angélica, Anderson, Antônio Marcos, Cleudo, Cleuson e Suelane, pelas conversas, momentos de auxílio e boas porções de lanchinhos quando estávamos juntos.

As minhas amigas Greicy Nascimento, Keicynara Batista, Paula Rayanny e Crislayne Oliveira pelos momentos de descontração e conversas de jovens-senhoras aos fins de tarde.

A minha professora e comadre Ana Cláudia Fernandes Nogueira por todos os ensinamentos e conselhos ao longo da minha carreira como pesquisadora.

Por último, quero agradecer a todos aqueles que fizeram parte da minha caminhada e que de alguma forma contribuíram para o prosseguimento dessa etapa. A minha gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a relação existente entre a língua, o léxico e a cultura do Projeto de Assentamento São Francisco, por meio dos aspectos socioculturais dos assentados e da comunidade de fala. Criado em 1993 pelo Instituto de Nacional Colonização e Reforma Agrária (INCRA), esse projeto de reforma agrária apresenta uma realidade linguística e cultural heterogênea, pois é constituída por sujeitos oriundos de outras regiões brasileiras, que saíram de sua terra natal em busca de melhores condições de vida. Por isso, em busca de conhecermos essa realidade, utilizamos as bases teórico-metodológicas da Antropologia Linguística, Lexicologia, Lexicografia, Linguística de Corpus e Teoria dos Campos Lexicais, focalizando nas contribuições de cada área para compreender a tríade língua (léxico), cultura e sociedade. Para a estruturação do *corpus* de estudo foram coletadas 13 narrativas orais de falantes do projeto de assentamento, oriundos de distintas regiões brasileiras. Após o processamento dos dados, com o auxílio do software *Sketch Engine*, chegamos a um total de 366 unidades lexicais, que, posteriormente, constituíram os campos lexicais, as redes geradas pelo programa *Gephi* e o Glossário. Com a análise, constatamos que o léxico, de fato, deixa transparecer os aspectos socioculturais e possibilita a caracterização de uma determinada comunidade de fala. Isso porque o contexto heterogêneo dos falantes que residem no PA São Francisco, bem como as infinitas dimensões do léxico mediante as suas significações, nos levaram a compreender que o uso do léxico por parte dos assentados se encontra em dois graus: o individual e o compartilhado. O primeiro refere-se às suas próprias origens e experiências, enquanto o segundo surge quando se trata de assuntos que são compartilhados por todos dentro do assentamento. Logo, os traços comuns entre os falantes aparecem por meio das lexias, que se concretizam pela língua e pela cultura.

Palavras-chave: Língua. Léxico. Cultura. Projeto de Assentamento São Francisco.

ABSTRACT

This research aimed the analysis of the existing relationship between the language, the lexicon and the culture of the São Francisco Settlement Project, through the sociocultural aspects of the settlers and the speech community. Created in 1993 by the Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), this agrarian reform project presents a heterogeneous linguistic and cultural reality, since it is made up of subjects from other Brazilian regions who left their homeland in search of better living conditions. Therefore, in order to understand this reality, we used the theoretical-methodological bases of Linguistic Anthropology, Lexicology, Lexicography, Corpus Linguistics and Lexical Fields Theory, focusing on the contributions of each area to understand the language (lexicon), culture and society triad. For the structuring of the study corpus, 13 oral narratives of speakers from the settlement project were collected and with the help of computer programs, Sketch Engine and Gephi, it was possible to carry out the selection and analysis of the 366 lexical units, which later constituted the lexical fields, the networks generated by the *Gephi* program and the Glossary. Therefore, we found that the lexicon, in fact, reveals the sociocultural aspects and enables the characterization of a given speech community. This is due to the heterogeneous context of the speakers residing in the São Francisco Settlement Project, as well as the infinite dimensions of the lexicon, through its meanings, led us to understand that the use of the lexicon by the settlers is found in two degrees: the individual and the shared. The first refers to their own origins and experiences, while the second arises when it comes to matters that are shared by everyone within the settlement. Therefore, the common traits among speakers appear through lexias, which materialize through language and culture.

Keywords: Language. Lexicon. Culture. São Francisco Settlement Project.

RESUMEN

Esta investigación buscó analizar la relación existente entre la lengua, el léxico y la cultura del Proyecto de Asentamiento “São Francisco”, a través de los aspectos socioculturales de los pobladores y de la comunidad de habla. Creado en 1993 por el Instituto de Colonización y Reforma Agraria (INCRA), este proyecto de reforma agraria presenta una realidad lingüística y cultural heterogénea, ya que está compuesto por sujetos de otras regiones brasileñas, que abandonaron su tierra natal en la búsqueda por mejores condiciones de vida. Por lo tanto, para comprender esta realidad, utilizamos las bases teórico-metodológicas de la Antropología Lingüística, la Lexicología, la Lexicografía, la Lingüística de Corpus y la Teoría de los Campos Léxicos, enfocándonos en los aportes de cada área para comprender la tríada lengua (léxico), cultura y la sociedad. Para la estructuración del corpus de estudio se recogieron 13 narraciones orales de hablantes del proyecto de asentamiento y con la ayuda de los programas informáticos Sketch Engine y Gephi se pudo realizar la selección y análisis del 366 unidades léxicas, que posteriormente constituyeron los campos léxicos, las redes generadas por el programa Gephi y el Glosario. Por lo tanto, fue posible constatar que el léxico, de hecho, revela los aspectos socioculturales y permite la caracterización de una determinada comunidad de habla. Eso ocurre porque el contexto heterogéneo de los hablantes que residen en el Proyecto de Asentamiento “São Francisco”, así como las infinitas dimensiones del léxico, a través de sus significados, nos llevaron a comprender que el uso del léxico por los pobladores se encuentra en dos grados: el individual y lo compartido. El primero se refiere a sus propios orígenes y experiencias, mientras que el segundo surge cuando se trata de asuntos que son compartidos por todos dentro del asentamiento. Por tanto, los rasgos comunes entre los hablantes aparecen a través de las lexías, que se materializan a través de la lengua y la cultura.

Palabras-clave: Idioma. Léxico. Cultura. Proyecto de Asentamiento “São Francisco”.

Lista de quadros

Quadro 1 - Relações de oposição, inclusão, participação e associação	43
Quadro 2 - Atlas dos falares Amazonenses	54
Quadro 3 - Tipos de Projeto de Reforma Agrária	63
Quadro 4 - Extensão do corpus de estudo	93
Quadro 5 - Perfil dos sujeitos-agentes	95
Quadro 6 - Campos semânticos do Alib e Cruz (2004)	96
Quadro 7 - Modelo de ficha proposto por Costa (2012) com adaptações	106
Quadro 8 - Naturalidade dos assentados	122
Quadro 9 - Variação das lexias e naturalidade dos assentados	123
Quadro 10 - Léxico e estereótipo de gênero e sexualidade	125
Quadro 11 - Campos semânticos e perguntas direcionadas	128
Quadro 12 - Remédios caseiros	145

Lista de diagramas

Diagrama 1 – As relações entre língua, léxico, cultura e sociedade/comunidade	51
--	----

Lista de figuras

Figura 1 - A Lexicologia e a Lexicografia	34
Figura 2 - As diferenças entre <i>token</i> e <i>type</i>	38
Figura 3 - A rede semântica e o campo léxico do trabalho	42
Figura 4 - Associação da palavra ensinamento	44
Figura 5 - Associação da palavra escravidão	45
Figura 6 - Semasiologia	47
Figura 7 - A integração entre a Semasiologia e Onomasiologia	48
Figura 8 - O léxico a cultura na base de dados <i>Scopus</i>	49
Figura 9 - O léxico e a cultura na base de dados <i>Web of Science</i>	50
Figura 10 - Mesorregiões	56
Figura 11 - Microrregiões	56
Figura 12 - A vida de Esperança e Vitória na Amazônia	66
Figura 13 - Placa de indicação do início da construção da Transamazônica e trechos da rodovia Transamazônica, BR-230	68
Figura 14 - Localização do PA São Francisco	71
Figura 15 - Crédito habitação de 100% para construção	73
Figura 16 - Crédito habitação de 40% para recuperação	73
Figura 17 - A constituição do PA São Francisco	76
Figura 18 - Estrada que dá acesso ao PA São Francisco	79
Figura 19 - Igarapé Roncador	81
Figura 20 - Igarapé das Pedras	81
Figura 21 - Associação dos Produtores Rurais: Guaraná, Acaí e Hortifrutigranjeiros – APROGAH	88
Figura 22 - Página inicial do <i>Sketch Engine</i>	100
Figura 23 - Amostra da lista por frequência	101
Figura 24 - Lista de palavras individuais (<i>Single-words</i>)	101
Figura 25 - Lista de palavras agrupadas (<i>Multi-word terms</i>)	102
Figura 26 - Ferramenta <i>Concordance</i>	102
Figura 27 - Lista de palavras-chave gerada na comparação entre o <i>corpus</i> de estudo e o <i>corpus</i> de referência	103
Figura 28 – Modelo de ficha adotado por Costa	106
Figura 29 - Organização dos dados na primeira planilha no Excel	108
Figura 30 - Dados convertidos em tabela	109
Figura 31 - Dados convertidos em <i>Da Tabela</i>	109
Figura 32 - Preparação de dados no <i>Power Query</i>	110
Figura 33 - Transformar colunas em linhas	110
Figura 34 - Leitura no programa <i>Gephi</i>	111
Figura 35 - Padronização das palavras	112
Figura 36 - Organização dos dados para a leitura no <i>Gephi</i>	114
Figura 37 - Planilha importada para o <i>Gephi</i>	115
Figura 38 - Tipo de grafo	115
Figura 39 - Copiar dados de ID para Label	116
Figura 40 - Grafo gerado	116
Figura 41 - Nós e Arestas	117
Figura 42 - O campo semântico de saúde	131

Figura 43 - Convívio e comportamento social	133
Figura 44 - Meios de transporte	136
Figura 45 - Campo semântico de religião e crenças	137
Figura 46 - Campo semântico de jogos e diversões.	139
Figura 47 - Campo semântico de assentamento	141
Figura 48 - Campo semântico e macrocampos da saúde	143
Figura 49 - Processo para a retirada do óleo de andiroba.	144
Figura 50 - Área de reflorestamento ao redor de uma residência.	144
Figura 51 - Campo semântico do trabalho	146
Figura 52 - Casa de farinha	147
Figura 53 - Lavoura de guaraná	148
Figura 54 - Guaraná na estufa	148
Figura 55 - Campo semântico de fauna	149
Figura 56 - Campo semântico de religião e crenças	151

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj.	Adjetivo
Adv.	Advérbio
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALiB	Projeto Atlas Linguístico do Brasil
fras.	Fraseologia
IEAA	Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LC	Linguística de <i>Corpus</i>
NUPEAS	Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia
PA	Projeto de Assentamento
QSL	Questionário Semântico-Lexical
s.m.	Substantivo masculino
s.f	Substantivo feminino
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
v.	Verbo

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, LÉXICO E CULTURA	21
1.1 Aspectos da língua(gem), pensamento e cultura: Boas, Sapir e Whorf.....	21
1.2 As teorias da cultura	27
1.3 Léxico e lexicografia	30
1.4 Léxico e campos lexicais.....	38
<i>1.5.1 A visão geral de trabalhos referentes ao léxico e à cultura.....</i>	<i>49</i>
<i>1.5.2 As pesquisas sobre o léxico no contexto amazônico</i>	<i>52</i>
CAPÍTULO II - O PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO	61
2.1 O contexto histórico da criação e implantação de assentamentos no sul do Amazonas	61
<i>2.1.1 O Projeto de Assentamento São Francisco</i>	<i>70</i>
2.2 O PA São Francisco sob o ponto de vista dos assentados de reforma agrária.....	76
2.3 Organização sociocultural do PA São Francisco	80
2.4 A percepção dos assentados a partir do convívio e comportamento social, religião e crença.....	83
2.5 O trabalho dos assentados no PA São Francisco	86
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	90
3.1 Natureza da pesquisa	90
3.2 Etapas da pesquisa	90
3.3 Corpus da pesquisa.....	92
<i>3.3.1 As contribuições da Linguística de Corpus.....</i>	<i>92</i>
<i>3.3.2 Corpus de estudo e corpus de referência</i>	<i>94</i>
<i>3.3.3 O programa Sketch Engine.....</i>	<i>99</i>
3.4 A construção das redes associativas.....	104
<i>3.4.1 A organização das lexias nos campos semânticos</i>	<i>104</i>
<i>3.4.2 A criação das redes semânticas no software Gephi</i>	<i>108</i>
3.5 A estrutura e a organização do glossário	118
<i>3.5.1 A Macroestrutura</i>	<i>118</i>
<i>3.5.2 A microestrutura do glossário</i>	<i>119</i>
CAPÍTULO IV - O LÉXICO DO PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO	121
4.1 A heterogeneidade das lexias no PA São Francisco: as relações entre língua, léxico, cultura e sociedade	121
4.2 Análise das unidades lexicais em redes associativas e campos lexicais.....	127
<i>4.2.1 As perguntas direcionadas</i>	<i>127</i>
<i>4.2.1.1 O campo lexical de saúde.....</i>	<i>129</i>

4.2.1.2	<i>O campo lexical de convívio e comportamento social</i>	132
4.2.1.3	<i>O campo lexical de meios de transporte</i>	136
4.2.1.4	<i>O campo lexical de religiões e crenças</i>	137
4.2.1.5	<i>O campo lexical de jogos e diversões</i>	138
4.3.1	<i>As perguntas não direcionadas</i>	140
4.3.1.1	<i>O campo lexical de assentamento</i>	141
4.3.1.2	<i>O campo lexical de saúde</i>	143
4.3.1.3	<i>O campo lexical do trabalho</i>	146
4.3.1.4	<i>O campo lexical da fauna</i>	149
4.3.1.5	<i>O campo lexical de religiões e crenças</i>	151
4.4	As relações entre o léxico, a cultura e as redes semânticas	154
CAPÍTULO V – O GLOSSÁRIO DO PA SÃO FRANCISCO – SUL DO AMAZONAS		
.....		163
5.1.	Quadro geral do campo lexical de assentamento	163
5.2	Quadro geral do campo lexical de saúde	164
5.3	Quadro geral do campo lexical de convívio e comportamento social	165
5.4	Quadro geral do campo lexical de trabalho	165
5.5	Quadro geral do campo lexical de meios de transporte	166
5.6	Quadro geral do campo lexical de fauna	166
5.7	Quadro geral do campo lexical de religião e crenças	167
5.8	Quadro geral do campo lexical de jogos e diversões	167
5.9	Glossário do PA São Francisco – sul do Amazonas	168
5.9.1	<i>Campo lexical de assentamento</i>	168
5.9.2	<i>Campo lexical de saúde</i>	174
5.9.3	<i>Campo lexical de convívio e comportamento social</i>	181
5.9.4	<i>Campo lexical de trabalho</i>	188
5.9.5	<i>Campo lexical meios de transporte</i>	196
5.9.6	<i>Campo lexical de fauna</i>	198
5.9.7	<i>Campo lexical de religião e crenças</i>	202
5.9.8	<i>Campo lexical de jogos e diversões</i>	206
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS		209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		213
APÊNDICE A – FICHAS LEXICOGRÁFICAS		221
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA		319

INTRODUÇÃO

Estudar a relação entre língua, léxico, cultura e sociedade não é uma tarefa simples e requer um olhar atento às concepções teóricas e metodológicas, adotadas para analisá-la, além de considerar a comunidade de fala e seu processo histórico, social e cultural. Nesse caso, por comunidade de fala, entende-se a constituição do Projeto de Assentamento São Francisco - doravante PA São Francisco - no sentido de estar atrelado às características, segundo os aspectos socioculturais dos falantes e os processos migratórios que envolveram a ocupação e a criação desse projeto de assentamento.

O propósito de pesquisar como se constitui e/ou se entrelaçam tais relações no contexto amazônico, partiram das inquietações de verificar como o léxico é aberto e de suas infinitas formas de uso a partir de seus falantes que o molda, por exemplo, a partir de suas experiências, de seus contextos históricos, sociais e culturais. Além disso, envolve a minha experiência particular de pesquisadora vinculada ao ¹Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia (NUPEAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que possibilitou conhecer o modo de vida dos assentados, suas origens e como se organizam dentro do assentamento, desde 2013. Assim, a curiosidade de explorar mais a relação entre língua, léxico e a cultura desta comunidade foi a base inicial para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como o objetivo de contribuir com o NUPEAS no que se refere a uma melhor comunicação entre os pesquisadores e os assentados, a cultura do pesquisador (teórica) e assentado (prática), a linguagem do homem letrado (estudantes de graduação, professores e pesquisadores) e não letrado (analfabetos ou com baixa escolaridade) a partir do glossário desenvolvido nesta pesquisa.

Se considerarmos o contexto geral brasileiro, há muitos trabalhos desenvolvidos na área do léxico como uma forma de guardar e mostrar toda a diversidade de fenômenos que envolvem a língua no contexto brasileiro, como o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB e, no caso específico da região norte, o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, elaborado por Cruz (2004). Por isso, compreende-se que há muitas possibilidades de pesquisas e de construção de conhecimento científico para esta área de estudo, considerando as reflexões acerca do léxico e da cultura. Dessa forma, ampliar a gama de conhecimento que se tem do contexto amazônico e dos aspectos linguísticos e culturais do PA São Francisco pode contribuir para a compreensão

¹ O NUPEAS realiza oficinas, seminários e cursos destinados ao aperfeiçoamento das práticas locais no PA São Francisco, sendo, portanto, uma área de estudo que já sendo explorada por pesquisadores da área de Agronomia e Engenharia Ambiental do IEAA/UFAM.

das diferenças e/ou similaridades e/ou variações presentes nesta comunidade, assim como as características dos assentados por meio da língua, do léxico, da cultura e da sociedade, pois, como afirma Souza (2019), as características do falar amazônico tende a apresentar particularidades de acordo com o tipo de território em que é falado e também dos aspectos socioculturais as quais estão submetidas.

A partir disso, constatamos a grande riqueza da língua em uma perspectiva heterogênea, sendo a seleção e o uso das palavras por cada assentado o processo que permite a construção de diferentes sentidos e a identificação não só de uma linguagem particular, mas também de uma identidade coletiva. Isso parte das mudanças ocorridas na linguagem e nos sentidos que, na maioria das vezes, são influenciados pelos fatos socioculturais, resultados do uso da linguagem como instrumento para a leitura do mundo, para expressão do sujeito e de sua identificação como membro de um determinado grupo social (BORTONI-RICARDO; VELLASCO E FREITAS, 2010).

Nesse aspecto, a presente pesquisa considera a seguinte questão norteadora: Os assentados do PA São Francisco apresentam traços socioculturais e lexicais individuais e coletivos? As hipóteses traçadas são: i) Entre a língua e o contexto sociocultural se constrói um léxico heterogêneo, conforme as características individuais dos assentados, mas que se conectam com outros falantes por meio das lexias; ii) Entre o falante e o contexto sociocultural da comunidade se estabelece o uso do léxico comum/geral entre os falantes.

Para respondê-las, apresentamos o seguinte objetivo geral: analisar as relações entre a língua, léxico e cultura do PA São Francisco, por meio dos aspectos socioculturais dos assentados e da comunidade de fala. Como objetivos específicos, têm-se: i) levantar os aspectos socioculturais do Projeto de Assentamento São Francisco; ii) descrever o léxico dos assentados coletados nas entrevistas, organizando-os em campos semânticos; iii) elaborar fichas lexicográficas para identificar as significações atribuídas ao léxico pelos falantes; iv) verificar se o vocabulário apresentado pelos assentados mostra a relação entre língua, cultura e sociedade; v) elaborar um glossário com as unidades lexicais dos assentados coletadas durante a pesquisa.

Cabe ressaltar também que a presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, sob o CAAE: 43158021.9.0000.5149, número do Parecer: 4.717.712, e pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, pois trata de um estudo que envolve a coleta de dados envolvendo seres humanos. Sendo assim, os resultados apresentados foram sendo construídos a partir da participação direta na comunidade, da interação com os assentados por meio de entrevista, que

os levaram a narrarem fatos pessoais, suas experiências de vida e o retorno à infância por meio de perguntas direcionadas e não direcionadas, acarretando uma linha de relatos que proporcionou a identificação do léxico e os aspectos socioculturais dos falantes.

Nesse sentido, esperamos que este texto contribua para a reflexão das relações entre língua, léxico e cultura, considerando o caráter heterogêneo desses conceitos que circunda os assentados e o PA São Francisco. Sendo assim, a estrutura da Tese foi organizada de modo a alcançar os objetivos propostos, construindo um texto pautado nas relações entre língua, léxico e cultura dos assentados, sem esquecer das bases teórico-metodológicas que fundamentaram as discussões e reflexões de um contexto vivenciado pelos sujeitos-agentes² desta pesquisa. Por isso, passamos às considerações gerais dos cinco capítulos que constituem este texto, sendo eles:

O *Capítulo I* trata da fundamentação teórica que traz as concepções de língua, cultura, léxico e campos semânticos, pelo viés da Antropologia Linguística e da Lexicologia. Há também os princípios relevantes para a constituição e estruturação de um produto lexicográfico, com base na Lexicografia, e o auxílio da Linguística de *Corpus* para o processamento e armazenamento dos dados coletados durante a pesquisa. Ademais, são apresentadas as pesquisas bibliográficas realizadas sobre a relação entre língua, léxico e cultura no contexto brasileiro e amazônico, como uma forma de verificar como essa tríade é trabalhada por outros pesquisadores e outras vertentes teórico-metodológicas.

No *Capítulo II*, há o delineamento do percurso histórico e sociocultural dos assentados em terras amazônicas. Essa parte nos permitiu identificar o assentado como um sujeito-agente, ou seja, como um ator social, que está envolvido em contexto de luta política e esperanças de uma vida melhor, a partir dos processos de criação e implantação de projetos de assentamento de reforma agrária no sul do Amazonas. Foi estruturado para trazer informações gerais sobre a origem do PA São Francisco, como, por exemplo, a caracterização da comunidade de fala, a percepção dos assentados a partir do convívio e comportamento social, religião e crenças, e trabalho. Essa parte é composta por pontos teóricos e por dados coletados durante a pesquisa de campo.

O *Capítulo III*, detalha as etapas e particularidades metodológicas de constituição do corpus de estudo e do glossário. Nesse percurso realizamos a descrição da constituição do

² Optamos por utilizar o termo *sujeito-agente* de acordo com a concepção de Bourdieu (1994, p. 67) que afirma: “os sujeitos sociais se tornam agentes, isto é, indivíduos considerados na prática e imersos na ação, agindo por necessidade”. Isso significa que os assentados do PA São Francisco fazem parte de um contexto social e não são considerados somente em sua individualidade, mas em constante movimento e passíveis de mudança a partir do contexto social em que estão inseridos.

corpus de estudo, os sujeitos-agentes da pesquisa, o uso de softwares e as ferramentas para a análise lexical. Apresentamos também o processo de criação dos campos semânticos adotados na pesquisa e os elementos necessários para a constituição do glossário, última etapa da pesquisa.

Com relação ao *corpus* coletado e a extração das lexias, o delineamento desse processo não foi simples, pois o *corpus* de estudo apresentou um total de palavras (*tokens*) de 53.941. Com a extração, considerando tanto as perguntas direcionadas quanto as perguntas não direcionadas, totalizaram-se 366 unidades lexicais, o que exigiu uma organização e utilização de ferramentas disponíveis em softwares, como, o *Sketch Engine* e o *Gephi*, para a representatividade e melhor visualização dos dados analisados.

O *Capítulo IV* apresenta a análise das lexias e os campos semânticos, mediante as relações de sentido que estruturaram cada campo lexical por meio das redes elaboradas pelo *Gephi*. As subseções deste capítulo apresentam a delimitação dos campos semânticos e das lexias com base nas perguntas direcionadas e perguntas não direcionadas, visando analisar as relações dos assentados com os aspectos socioculturais e linguísticos apresentados na comunidade.

O *Capítulo V* traz o glossário, resultante dos processos e análises das lexias do *corpus* de estudo pela perspectiva onomasiológica. O produto lexicográfico gerado a partir disso compilou a linguagem dos assentados em verbetes, como uma forma de oferecer aos futuros pesquisadores e leitores os significados atribuídos ao léxico pelos assentados, considerando os contextos de uso das lexias.

E, por fim, têm-se as *Considerações Finais*, que abordam os principais pontos encontrados durante a análise do *corpus*, à luz dos caminhos teórico-metodológicos que delinearam este estudo, bem como apresenta a resposta da questão norteadora e das hipóteses iniciais elaboradas para esta pesquisa.

Dessa forma, esperamos apontar um novo caminho para o estudo das relações entre a língua, léxico e cultura, visando, principalmente, o contexto do PA São Francisco, para colaborar com os estudos linguísticos no Sul do Amazonas e o (re) conhecimento linguístico-cultural dos assentados em suas diferenças e similaridades quanto aos aspectos socioculturais identificados por meio do léxico.

CAPÍTULO I - A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, LÉXICO E CULTURA

É útil ser procedido ao exame da quantidade de sentidos que uma expressão pode ter, não só para falarmos com clareza (é mais fácil qualquer pessoa saber entender corretamente uma expressão se estiver ciente da variedade de sentidos que ela pode ter), como também para raciocinarmos em função das coisas e não em função das palavras. Se não for clara a quantidade de sentidos de uma expressão, torna-se possível que tanto o interrogando com o interrogador não estejam a pensar na mesma coisa; sabendo em quantos sentidos se pode usar uma expressão e em qual deles o proponente a está empregando, seria ridículo o interrogador argumentar atribuindo-lhe outro sentido qualquer.

Aristóteles, Tópicos.

(trad. José António Segurado e Campos)

Neste capítulo, apresentamos as concepções teórico-metodológicas norteadoras da escrita desta Tese, a saber, os conceitos de cultura, língua, léxico, Lexicologia, Lexicografia e campos semânticos. Para discutir os três primeiros conceitos, apoiamo-nos nas reflexões desenvolvidas por Boas (1911), Sapir (1921, 1929), Whorf (1940) e Duranti (1997). Os conceitos selecionados das ciências do léxico se assentam nos estudos de Biderman (1984, 1996, 2001, 2003, 2008), Oliveira e Isquerdo (2001), Porto Dapena (2002), Isquerdo e Krieger (2004) e Henriques (2018) Para os campos lexicais, adotamos os fundamentos de Baldinger (1964), Geckeler (1976), Pottier (1978), Coseriu (1981), Biderman (2001), Borba (2003), Abbade (2011, 2012) e Saussure (2006). Além da revisão teórica, expomos o panorama das produções científicas do léxico, das bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, bem como das pesquisas desenvolvidas no contexto amazônico. Esperamos que, com a compreensão desses princípios e fundamentos, possamos contribuir para a construção teórico-metodológica acerca das relações entre língua, léxico e cultura. Dessa forma, temos o propósito de demonstrar a pertinência daqueles conceitos para o estudo do léxico dos assentados do PA São Francisco, como uma parte da língua que visa o aspecto linguístico e envolve uma questão social, histórica e cultural.

1.1 Aspectos da lingua(gem), pensamento e cultura: Boas, Sapir e Whorf

Nas primeiras décadas do século XX, surgiram, na Linguística, novas tendências nos Estados Unidos, e um dos principais colaboradores, foi o antropólogo alemão Franz Boas, que estudou as línguas indígenas norte-americanas com base na Antropologia Linguística,

(CAMARA JR³, 2021). No livro *Handbook of American Indian Languages*, Boas (1911) descreve a língua Athapaskan, uma das maiores famílias linguísticas na América do Norte, constituída por três grupos linguísticos localizados no Norte, na costa do Pacífico e no sul. Cada área investigada tinha especificidades definidas por limites de ocupação e diferenças linguísticas observadas nos aspectos gramaticais e, que segundo a concepção de Boas, cada língua estabeleceria dentro do seu próprio sistema as categorias que lhe são necessárias.

Boas (1911) criou a base para o desenvolvimento de outras pesquisas, com ênfase na ampliação e na descrição de traços linguísticos gerais de outras línguas indígenas americanas. Os conhecimentos adquiridos durante essas análises serviram para demonstrar que a classificação das línguas é arbitrária, pois cada língua dispõe de regras gramaticais específicas para criação do vocabulário, responsável por dividir o mundo e estabelecer categorias de experiência. Para ele, é impossível compreender outra cultura, sem ter acesso direto à língua, em vista da relação entre a cultura e a língua.

O interesse de Boas (1911) pelas línguas ameríndias influenciaram, por exemplo, o antropólogo Edward Sapir, no início do século XX. Este, por sua vez, contribuiu para atestar a existência da variabilidade da linguagem no lugar e no tempo, nesse contexto, linguagem como produto histórico. Além disso, colaborou não só para os estudos sobre o problema do pensamento, mas também para a compreensão da natureza do processo histórico, da cultura, da raça, da arte e de como as línguas influenciam umas às outras. Esses conceitos foram abordados por Edward Sapir no livro *Language: An introduction to the study of speech* (1921). Por meio dos estudos das línguas indígenas americanas, Sapir (1921) evidenciou a possibilidade de estudar a relação entre língua e cultura, ao propor que cada língua se configura em um conjunto de subsistemas e, quando interligada à cultura, forma um sistema único, ou seja, não se repete, pois é específico para cada língua (MOURA, 2018).

Além da correlação entre língua e cultura, Sapir, em 1929, trouxe importantes reflexões acerca da linguística e das diversas relações que essa ciência pode manter com outras áreas do conhecimento científico, por exemplo, com a Antropologia e a Sociologia. O teórico, no artigo intitulado *The Status of Linguistics as a Science*, discutiu essas questões e dentre os pontos abordados ao longo do texto, destacam-se dois: (i) a ilusão de pensar que se pode compreender o significado de uma cultura sem considerar o linguístico e (ii) a compreensão de que a linguagem funciona como uma guia para a ‘realidade social’.

³ Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero (2021).

Com referência ao primeiro ponto, entende-se que: “⁴A linguagem está se tornando cada vez mais válida para estudar uma determinada cultura. Nesse sentido, a rede de padrões culturais de civilização está indexada na linguagem, a qual expressa essa civilização (SAPIR, 1929, p. 209, tradução nossa)”. Logo, a cultura não pode ser compreendida somente pelo viés da observação, porque ela não é suficiente para evidenciar, com clareza, as significações para uma determinada sociedade, por consequência, o linguístico é uma fonte essencial para minimizar esse problema.

Sobre o segundo ponto, observa-se que: “⁵Os seres humanos não vivem sozinhos no mundo objetivo, nem sozinhos no mundo da atividade social como é compreendido, mas estão à mercê de uma linguagem particular que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade” (*Ibidem*, p. 209, tradução nossa). Em outras palavras, significa que a linguagem pode auxiliar na compreensão da ‘realidade social’, pois cada comunidade usufrui de hábitos linguísticos próprios e cria interpretações próprias sobre o mundo que a rodeia.

O ponto de vista de Sapir (1929), nesse sentido, se sustenta na premissa de que o pensamento linguístico serve para compreender a cultura e a relação entre o indivíduo e a sociedade. Para o autor, não há duas línguas suficientemente semelhantes para serem consideradas representantes de uma mesma realidade, pois os mundos em que as diferentes sociedades vivem são distintos e “⁶a linguagem é principalmente um produto cultural ou social e deve ser entendida como tal” (*Ibidem*, p. 214, tradução nossa).

Segundo Câmara Jr. (2021), a influência de Sapir na ampliação da linguística americana foi valiosa, porque propôs as inter-relações entre língua e pensamento, a fim de verificar até que ponto a língua pode influenciar a atividade mental, e a guiar a visão coletiva da vida e do mundo de uma comunidade de fala. Em decorrência disso, Benjamin Lee Whorf (1940), na tentativa de compreender tais relações, afirma que nenhum indivíduo é livre para descrever a natureza com absoluta imparcialidade. Todavia, é levado a certos modos de interpretação, visto que recorta a natureza (realidade) e a organiza em conceitos pela atribuição de significados, porque o homem, por fazer parte de um acordo, organiza e codifica a linguagem em padrões linguísticos para identificação da sua comunidade de fala. Entende-se, portanto, que a

⁴ “Language is becoming increasingly valuable as a guide to the scientific study of a given culture. In a sense, the network of cultural patterns of a civilization is indexed in the language which expresses that civilization” (SAPIR, 1929, p. 209).

⁵ “Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society” (SAPIR, 1929, p. 209).

⁶ “Language is primarily a cultural or social product and must be understood as such” (SAPIR, 1929, p. 214).

linguagem só pode ser compreendida dentro do seu próprio espaço, ou seja, dentro da comunidade de fala, razão pela qual é impossível traduzi-la para outro grupo linguístico.

Whorf (1940) diferencia-se de Sapir, pois, em seus estudos sobre cultura, elegeu a linguagem como ponto de partida. Logo, para este autor o uso da linguagem não devia ser guiado somente pelas normas de correção convencional e social (gramática das línguas), mas também pelo pensamento racional. Dito de outro modo, para Whorf (1940), há uma relação entre língua, cultura e processo mental. Com o objetivo de aplicar seus pressupostos teórico-metodológicos e, sob a orientação de Sapir, Whorf (1940) estudou a língua Hopi, pertencente ao povo indígena denominado de *pueblo*, localizado no estado do Arizona, Estados Unidos da América (EUA).

Whorf (1944), no decorrer de suas análises, afirmou que a descrição da língua Hopi, com referência aos aspectos morfológicos, ainda estava longe de ser concluída. Embora Whorf (1944) conhecesse todo o processo de formação morfológica dos plurais, não sabia como usá-los, uma vez que o emprego dessa categoria no Hopi se distingue de outras línguas, por exemplo, o inglês e o francês. Considerando esses dados, concluiu-se que a gramática do Hopi se relacionava com a cultura Hopi e, em contrapartida, a gramática das outras línguas citadas se relacionava com a cultura ocidental ou europeia. Desse modo, parecia haver uma inter-relação entre os hábitos de vida e as instituições sociais gerada por meio das experiências condicionadas pela linguagem.

Segundo Whorf (1944), a linguagem pode determinar a percepção que temos da realidade, o que gerou o surgimento da visão do relativismo linguístico, teoria também conhecida como hipótese de Sapir-Whorf. Essa hipótese não foi formulada em conjunto pelos dois estudiosos, mas a expressão ‘hipótese de Sapir-Whorf’ foi designada por Hojier, em 1954, no congresso sobre a hipótese da relatividade linguística (FIGUERAS; CASANOVA, 2019). Segundo Gonçalves (2020), o relativismo linguístico compreende a variável independente, a língua; e as variáveis dependentes, a experiência, as crenças, a percepção, a visão de mundo, os conceitos e a memória. Essas variáveis variam conforme a língua falada pelo grupo.

Há muitas críticas em relação à hipótese de Sapir-Worf, mas, nesta Tese, destacamos o artigo *Linguistic Relativity: The Views of Benjamim Lee Whorf*, de Black (1959), que debate a criação do conceito de “relatividade linguística” e a autoria da hipótese. Ademais, o autor do texto menciona dez proposições elaboradas com base no relativismo linguístico, quais sejam:

1⁷) as línguas incorporam “modos integrados de fala” ou “sistemas linguísticos de fundo”, que consistem em modos prescritos de expressar o pensamento e a experiência; 2) um falante nativo tem um “sistema conceitual” distinto para “organizar a experiência”; 3) um falante nativo tem uma “visão de mundo” distintiva a respeito do universo; 4) o sistema linguístico determina parcialmente o sistema conceitual associado; 5) o sistema linguístico determina parcialmente a visão de mundo associada; 6) a realidade consiste de um fluxo caleidoscópico de impressões; 7) os “fatos” percebidos são uma função da língua na qual eles são expressos; 8) a “natureza do universo” é uma função da língua na qual ela é declarada; 9) a gramática não reflete a realidade, mas varia arbitrariamente com a língua; 10) a lógica não reflete a realidade, mas varia arbitrariamente com a língua (BLACK, 1959, p. 229, tradução nossa).

Dessas proposições, destacamos a segunda, a quarta e a quinta, porque apresentam pontos que não consideram a linguagem atrelada ao contexto extralinguístico (sociocultural) e aos conceitos semânticos (significado). As críticas de Black (1959) transformam a hipótese do relativismo linguístico em algo testável, sugerindo novas percepções de interpretação para as proposições elaboradas por Whorf, pois eram exageradas e vagas. Sendo assim, ao considerar a segunda proposição, afirma que a função principal da linguagem é estabelecer a realidade, no entanto, os seres humanos empregam mais conceitos do que palavras para expressá-los, além de deixar um lugar para símbolos e linguagem não verbal. Isso significa que a linguagem não deve ser considerada de maneira uniforme e nem vista sob o viés estrutural de um sistema fechado em si, porque há uma grande diversidade nos sistemas das línguas.

A quarta e a quinta proposição abordam a questão da confusão que se tem sobre o pensamento e a linguagem. Para Black (1959), o determinismo de que o pensamento é submetido à linguagem só funcionaria em um sistema em que o pensamento seja subordinado à linguagem. Segundo Gonçalves (2020), essa visão é posta de lado devido aos exemplos conceituais para os quais não há palavras e, se o pensamento é definido como um aspecto da linguagem, a ligação entre os dois torna-se uma necessidade lógica.

Esse determinismo linguístico toma forma como a hipótese Sapir-Whorf, em que há duas possibilidades de classificação: 1) a ‘versão forte’, em que a realidade cultural e social é

⁷ (i) Languages embody "integrated fashions of speaking" or "background linguistic systems," consisting of prescribed modes of expressing thought and experience. (2) A native speaker has a distinctive "conceptual system" for "organizing experience"; and (3) a distinctive "world-view" concerning the universe and his relations to it. (4) The background linguistic system partially determines the associated conceptual system; and (5) partially determines the associated world-view. (6) Reality consists of a "kaleidoscopic flux of impressions." (7) The "facts" said to be perceived are a function of the language in which they are expressed; and (8) the "nature of the universe" is a function of the language in which it is stated. (9) Grammar does not reflect reality, but varies arbitrarily with language. (10) Logic does not reflect reality, but varies arbitrarily with language.

determinada pela linguagem; 2) a ‘versão fraca’, em que a linguagem influencia o pensamento, mas não o determina. Um exemplo da segunda seria as diferenças lexicais das línguas utilizadas por diferentes grupos que exemplificam casos de relativismo linguístico, haja vista que há línguas que contêm um número maior de lexias do que outras, para designar determinado objeto ou coisa. Na língua Hopi, *inseto*, *avião* e *piloto de avião* recebem a mesma designação, a saber, *Masa’ytaka*, porque apresenta um substantivo que abarca a classe de tudo que voa, com exceção das aves (WORF, 1940). Diferentemente da língua dos esquimós, que contém uma grande variedade para designar *neve*, por exemplo, neve na terra - *aput*, neve que cai - *qana* e assim por diante (DURANTI, 1997). A esse respeito, Biderman (1998, p. 95) afirma:

No universo esquimó a neve é uma realidade cotidiana e fundamental. Por isso nesse meio ambiente esse referente é percebido e categorizado de modo mais específico do que em nossas culturas ocidentais, sobretudo se estabelecermos um confronto com um país como o Brasil em que a neve é quase uma mera imagem pictórica de realidades muito distantes. Isso não quer dizer que o esquimó vê a neve de modo diferente, mas que sua cultura, isto é, a experiência coletiva acumulada em sua comunidade percebe melhor os detalhes dessa realidade do que o habitante de um país tropical, ou mesmo de um indivíduo de Paris, ou Nova Iorque, onde esse fenômeno físico não exerce o mesmo impacto que no mundo esquimó. Assim, se constata que o esquimó, de uma certa forma, de fato percebe o mundo objetivo de modo distinto. E é por isso que o esquimó tem palavras distintas para designar as diferentes formas pelas quais a neve se apresenta à sua percepção sensorial, vocábulos esses que não têm correspondência em português.

Fundamentado no exposto, entendemos que a língua recebe a influência da cultura e da sociedade dos esquimós, uma vez que, por terem maior contato com a *neve*, sentem a necessidade de elaborar mais conceitos para designarem sua realidade. Segundo Gonçalves (2020), os esquimós podem observar a diferença conceitual da lexia neve, que outros grupos não veem, mas as lexias geradas por eles podem ser traduzidas para outras línguas, sem haver uma correspondência (e nem é necessário que exista) entre os termos de uma língua e de outra.

O que se percebe ao retomar as ideias desenvolvidas por Boas, Sapir e Whorf é que o debate sobre a relação linguagem, pensamento e cultura são discutidos sob diversos pontos de vista. Mas, mesmo percorrendo caminhos distintos, as pesquisas proporcionam a compreensão dos estudos culturais e dos diversos conceitos que envolvem a linguagem, além de indicarem a complexidade dessas relações por intermédio de novos olhares. Entendemos, de forma geral, que a cultura pode ser considerada um processo que auxilia no conhecimento de contextos particulares de grupos sociais ou comunidades, por terem costumes e formas próprias de serem e estarem no mundo. Por tais motivos, na subseção seguinte, explanamos as teorias da cultura, a fim analisar as distintas concepções e as contribuições de cada perspectiva teórica para os estudos da relação entre língua e cultura.

1.2 As teorias da cultura

Há muitas possibilidades de empreender pesquisas experimentais, com ênfase nos pressupostos da Antropologia Linguística, com o intento de estudar a relação entre linguagem e cultura. Para tanto, as investigações se baseiam nas ⁸6 teorias da cultura propostas por Duranti (1997), de modo a analisar como a linguagem desempenha papel fundamental na compreensão dessas relações. A linguagem, de acordo com o autor, pode ser estudada sob os fundamentos das seguintes abordagens teóricas: 1) a cultura como algo distinto da natureza; 2) a cultura como conhecimento; 3) a cultura como comunicação; 4) a cultura como um sistema de mediação; 5) a cultura como um sistema de práticas; 6) a cultura como um sistema de participação.

A cultura como algo distinto da natureza, primeira teoria responsável por explicar a cultura, considera que a linguagem serve para categorizar o mundo natural e cultural. Nessa perspectiva, encontra-se a dicotomia natureza/ambiente, que reconhece não só a existência de ‘habilidade’ para adquirir uma cultura, mas também o entendimento de que a cultura pode ser transmitida de geração para geração pelos princípios genéticos. Envolve, nessa ótica, o entrelaçamento entre a biologia e a cultura, além dos conceitos de herança e aquisição. Ademais, notamos a oposição entre cultura e natureza, noção conceitual introduzida por Franz Boas, sob a influência de Immanuel Kant. Amplamente desenvolvida por Hegel (2003), no seu livro *Fenomenologia do Espírito*, essa noção conceitual propunha que as pessoas são distintas dos animais, não porque controlam seus instintos, mas porque têm capacidade de superar os problemas diários, com base no compartilhamento de necessidades.

Em contrapartida, *a cultura como conhecimento*, segunda teoria que explica a cultura, admite que a cultura se aprende, então, parte dela pode ser pensada em termos de conhecimento de mundo. Dito de outro modo, os membros de uma cultura além de saber certos fatos e serem capazes de reconhecerem objetos e lugares, por exemplo, também devem compartilhar certos modelos de pensamentos, a título de exemplo, como entendem o mundo e como fazem inferências e predições. Nesse processo, observamos a visão cognitiva da cultura, composta do conhecimento proposicional (o que se sabe) e do conhecimento procedimental (como se sabe). Duranti (1997), a esse respeito, assim, exemplifica: para dirigir um carro, é preciso saber

⁸ Destacaram-se as principais perspectivas do capítulo 2 *Teorías de la cultura* (DURANTI, 1997, p. 47-81).

‘quando’ e ‘como’ utilizar a informação sobre o ato dirigir, bem como reconhecer quando uma situação requer uma determinada ação.

Ainda apoiada na teoria *a cultura como conhecimento*, concebeu-se a ideia da *cultura como conhecimento socialmente distribuído*, a fim de destacar que, apesar de todos os indivíduos terem acesso a mesma informação, eles não a utilizam de modo igual. Os membros de uma comunidade estão expostos, portanto, ao mesmo conhecimento, mas não de forma absoluta. Um exemplo são as pessoas procedentes de diversos lugares de um país, como é o caso do Brasil, e, mesmo pertencendo a famílias distintas, fazem parte de uma mesma comunidade. Porém, mesmo no seio familiar, pode haver percepções diferentes das crenças culturais (como a existência de Deus), distintos domínios de práticas culturais cotidianas (como cozinhar) e diferentes estratégias para interpretar os fatos e resolver os problemas surgidos no cotidiano.

Com relação à *cultura como comunicação*, terceira teoria que explica o conceito de cultura, se assenta na teoria semiótica da cultura, de autoria do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que a designa como um sistema de signos. O autor parte da pressuposição de que a mente humana é a mesma em todos os lugares e que as culturas são diferentes aplicações das mesmas propriedades lógicas do pensamento, ou seja, todos os seres humanos compartilham e se adaptam às respectivas condições de vida. Todavia, Clifford Geertz (1973) refuta com outro enfoque interpretativo, pois, para desvendar as “tramas” da cultura deve-se executar cuidadosas pesquisas etnográficas e reflexões, a fim de revelarem as diferentes perspectivas dos membros de uma comunidade, porque, para esse autor, a cultura é um produto da interação humana, e não de uma capacidade inconsciente de pensamento abstrato, conforme proposto por Lévi-Strauss. Somam-se a essas possibilidades para se trabalhar essa teoria a dêixis, a metapragmática, as metáforas e os protótipos.

Quanto à *cultura como um sistema de mediação*, quarta teoria que explica o conceito de cultura, atrela-se à noção de ferramentas que são por definição objetos de mediação, pois pode ser qualquer coisa que os humanos utilizam para controlar o ambiente e produzir recursos. Por essa ótica, entende-se que os meios de comunicação estão sempre ‘entre’ as pessoas e comida, pessoas e tempo, pessoas e objeto físico, pessoas entre si e seus próprios pensamentos pessoais. Dessa forma, essa teoria inclui tantos objetos materiais (flechas, serras, automóveis) quanto objetos ideacionais (sistemas de crenças e códigos linguísticos) e, por meio dessas estruturas, o sujeito estabelece relações com o mundo.

A cultura como um sistema de práticas e a cultura como um sistema de participação, quinta e sexta teorias, se complementam por meio do pressuposto de que a comunicação verbal

é de natureza social, coletiva e participativa. Essas teorias surgiram com o pós-estruturalismo, no final dos anos 60 e início dos anos 70. No sistema de práticas, o sociólogo Bourdieu introduz a noção de *habitus*, que envolve as dimensões históricas, por intermédio das quais o indivíduo adquire competência e começa a praticar atividades, além de criar expectativas sobre o mundo. Sendo assim, o sujeito, sob esse ponto de vista, é um agente social que pode existir culturalmente e atuar como participante de uma série de atividades habituais. *A cultura como um sistema de participação* serve também para ilustrar o funcionamento da linguagem no mundo real, pois as palavras carregam em si muitas possibilidades de conexão entre o “eu” e o “outro”, o que gera interação nas mais diversas situações e eventos, por servir para expressar crenças e sentimentos.

Logo, os diferentes recortes acerca das teorias da cultura, proposto por Duranti (1997), serviram de embasamento para revelar que, ao elaborar quaisquer tipos de pesquisas relacionadas à língua e à cultura, deve-se, primeiro, considerar os membros e a comunidade a serem analisados e, só depois, selecionar a teoria mais adequada tanto aos objetivos do pesquisador quanto à realidade social e linguística. Em vista disso, para analisar o léxico e as relações entre língua e cultura, presente no Projeto de Assentamento São Francisco, assumimos as seguintes pressuposições teóricas: *a cultura como conhecimento socialmente distribuído*, *a cultura como um sistema de práticas* e *a cultura como um sistema de participação*, pois defendemos que a língua e a cultura se inter-relacionam, de forma a construir as características particulares de cada contexto pesquisado.

É válido ressaltar também as várias possibilidades de conhecer e entender o conceito de cultura, mas o que se pode supor é que a cultura nos faz enxergar a nós mesmos como seres sociais. Na relação com as diferenças e semelhanças, cada grupo organiza e transforma a vida em sociedade, para superar conflitos e obstáculos diários. Por isso, relacionar a cultura e o léxico é uma forma de perceber que,

Sendo a pessoa, por natureza, comunicativa e receptiva, cada um vai difundindo o que descobre e o que elabora na ordem da inteligência, dos misteres e das artes, e vai, ao mesmo passo, apreendendo e aprendendo que os outros descobrem e elaboram. Por isso, em toda comunidade existe permanente uma circulação dos bens da cultura, da qual todos se beneficiam e que, em termos de média resultante, se traduz num estado da comunidade. É um patrimônio de ideias, de conceitos científicos ou de conhecimentos empíricos, de costumes, de criações artísticas. Esse patrimônio social transmite-se, de uma geração para outra, ao longo do tempo, com perdas e conquistas novas, com empobrecimento e com enriquecimento. Aí está o sentido sociológico de cultura, que traz como conotação necessária a tradição, o tempo, a história. Cultura, assim entendida, é, pois, um produto histórico-social (MELO, 1974, p. 19).

Em conformidade com o excerto, verificamos a necessidade de elaborar pesquisas que estudam o léxico de determinadas comunidades de fala, visando analisar a relação entre língua e cultura, pois acreditamos que a cultura compõe a língua e, dentre os vários componentes de uma língua (morfologia, fonologia, sintaxe), o léxico é o que mais revela e registra os costumes de um grupo social. Identificamos também que a língua cria uma realidade de sentidos distintos, o que nos permite buscar as mais diversas significações para uma expressão ou palavra, pois as unidades lexicais refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade e exprimem visões particulares de mundo (SEABRA, 2015).

Por esses motivos, na subseção seguinte, abordaremos os conceitos referentes ao léxico e aos campos semânticos, para compreensão mais detalhada dos fatores que podem comprovar a relação entre a língua e a cultura de uma comunidade de fala. São necessários, para tanto, apresentar distintos conceitos, a fim de verificar os fatos linguísticos e socioculturais que auxiliam na interpretação que os sujeitos-agentes criam do mundo por meio da língua, mais especificamente por meio do léxico, para falar sobre a sua realidade.

1.3 Léxico e lexicografia

Em concordância com o exposto na seção anterior, notamos a existência de uma integração entre língua e cultura, assim como, compreendemos que nessa relação, a língua se renova constantemente, de acordo com a necessidade e os contextos comunicativos dos falantes. Nesse viés, o léxico torna-se uma ferramenta fundamental para as mais diversas formas de manifestações e organizações socioculturais, a saber, costumes e crenças de um grupo, com o intento de nomear e denominar o espaço onde vivem.

Para Siqueira et al. (2014, p.54), “o léxico das línguas naturais cumpre dois papéis fundamentais: apropriar-se do real simbolicamente, conectando o exterior ao interior do sujeito e categorizar cognitivamente a experiência vivenciada em lexemas”. Dito de outro modo, significa que o léxico pode denotar características específicas de uma comunidade e ser um reflexo da realidade social, com o propósito de descrever as experiências individuais de cada sujeito (interior) e dos espaços geográficos e culturais (externos). Desse modo,

os falantes que integram uma dada comunidade linguística podem variar entre si no uso da língua – ou provém de variedades ou dialetos distintos ou são falantes conservadores face a outros mais inovadores. Geralmente, esse espaço de “desacerto” linguístico não impede a intercompreensão e também não é caracterizado como erro [...] (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 22).

Em consonância com essa afirmação, *a priori*, deve-se considerar que o léxico pode variar de acordo com a língua ou o lugar, pois os falantes apresentam as diversidades linguísticas, segundo a região, a classe social, o sexo e a idade. *A posteriori*, deve-se considerar o léxico um sistema aberto e infinito, que possibilita a criação, a transformação e a ressignificação desses sujeitos. Segundo Biderman (2001, p. 12), o léxico é:

o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Em razão disso, o léxico não só deve ser estudado como uma lista infinita de palavras que carregam significados particulares, mas também deve ser entendido como um patrimônio linguístico, razão pela qual carrega muitas significações, por causa das atribuições dadas pelos falantes. Assim, identificar o léxico sob o ponto de vista cultural depende dessas primeiras noções acerca da língua e da comunidade de fala. Por isso, é preciso compreender que a língua por meio do léxico contribui para o entendimento da formação de um povo, tendo em vista que é por intermédio das unidades lexicais que são registradas as informações que permanecem ou levam a transformação da cultura (BIDERMAN, 1996). A esse respeito, Souza (2008, p. 21) complementa: “Por meio do léxico, a língua revela características peculiares do local onde se vive como, também, das crenças e costumes de um grupo social”.

Por causa disso, quando se busca conhecer um universo lexical, mais precisamente de um grupo específico, é necessário analisar as características sociais, históricas e culturais do sujeito, por meio da língua, pois “[...]é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade.” (OLIVEIRA, ISQUERDO, 2001, p. 09). Portanto, constrói-se uma conexão entre esses fatores com base no léxico.

Conforme Isquerdo e Krieger (2004), a palavra sempre foi um meio de transmissão de mensagens, de valores pessoais e sociais que auxiliam na tradução da visão de mundo do homem enquanto ser social nas diferentes civilizações. O homem pode nomear, caracterizar o mundo, registrar e perpetuar a cultura por meio do léxico, pois traduz o pensamento das diferentes sociedades no decorrer da história e do tempo, razão que nos motiva a estudar o léxico em conjunto com o resgate da cultura.

Partindo dessas primeiras noções conceituais, é necessário compreender também as nomenclaturas do campo da Lexicologia, uma das ⁹ciências que estuda o léxico. Para Biderman (1981), a Lexicologia é a área de estudo do léxico que estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos, desde que tenham alguma ligação semântica. A autora completa que essa disciplina também estuda as palavras, considerando os subsistemas da língua, bem como os conjuntos de vocábulos de um grupo linguístico, com base na memória, transmissão de pensamento e ideias em cada ato de fala. Para Krieger e Finatto (2018), a Lexicologia é uma área que apresenta uma longa trajetória, com o intuito de estudar cientificamente o léxico, isto é, as palavras de uma língua.

Apoiada nessas duas definições, temos em mente, que a Lexicologia, por um lado, estuda as palavras considerando a ligação semântica e os vocábulos de cada indivíduo apresentados na fala e, por outro, estuda as palavras de uma língua, no caso desta pesquisa, de uma comunidade. Se admitirmos a dimensão social e heterogênea da língua, o léxico deriva de resultados e experiências vividas pelas sociedades. Os falantes (re)criam o léxico, o que motiva a variação e a mudança linguística ao longo do tempo e, por consequência, o vocabulário de uma língua se enriquece cada vez mais.

Assim, os falantes de uma língua se expressam por meio das lexias, pensamentos e modos de concepção do mundo. Segundo Biderman (1996), o termo lexia foi proposto por Pottier, com o intento de evitar a ambiguidade conceitual entre palavra e/ou vocábulo. A autora registra dois tipos de unidades léxicas: lexias simples (escola, alguém, hora etc.) e lexias complexas (fim de semana, dona de casa, pouco a pouco etc.), grafadas por meio de uma sequência de unidades, mas que correspondem a um único referente.

O léxico de uma comunidade pode conter as duas unidades léxicas, ou sequências complexas formadas por vários vocábulos, ou até frases inteiras, quais sejam, expressões idiomáticas e provérbios. Contudo, não há critérios bem estabelecidos para o reconhecimento de tais unidades (BIDERMAN, 2008). No caso das lexias complexas, um exemplo é a sequência cristalizada “bater as botas”, que não difere de uma sequência livre, pois considerando as variações de tempo e modo tem-se: “Carlos bateu as botas. [= Carlos morreu]”; “Todos sabiam que Carlos ia bater as botas”; “Temo que Carlos vá bater as botas”. No primeiro exemplo, há uma combinação cristalizada de memória coletiva, o que resulta em uma herança cultural

⁹ Além da Lexicologia, há também a Lexicografia, definida como arte ou técnica de compor dicionários, a Terminologia, ocupa-se do componente lexical especializado ou temático dos sistemas linguísticos, e a Terminografia, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e banco de dados (KRIEGER; FINATTO, 2018).

registrada com o significado de ‘morrer’. Contudo, nos outros dois exemplos, a expressão pode se movimentar a despeito da posição dos advérbios: “Carlos bateu muito cedo as botas” e “Carlos, desta vez, bateu as botas”, o que gera uma sequência livre, diferente do primeiro exemplo que é invariável (BIDERMAN, 2008).

Diante desses dados, ressaltamos a importância de identificar a carga semântica presente nas lexias, quando relacionadas à cultura, pois são os falantes que as produzem e as utilizam, para transmitir experiências de vida e falarem sobre a realidade. Conforme Biderman (2001, p. 14), “embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. É nessa perspectiva, então, que a análise do léxico dos assentados do PA São Francisco se apoiou, com vista a verificar a organização sociocultural desse grupo instalado no interior do Sul do Amazonas.

A fim de registrar os aspectos socioculturais e linguísticos desses sujeitos-agentes, bem como compartilhar os conhecimentos dessa realidade com outros grupos e regiões brasileiras que vivem em assentamentos rurais, recorreremos à Lexicografia, para sistematizar em glossário, as lexias coletadas nas entrevistas articuladas em campos semânticos.

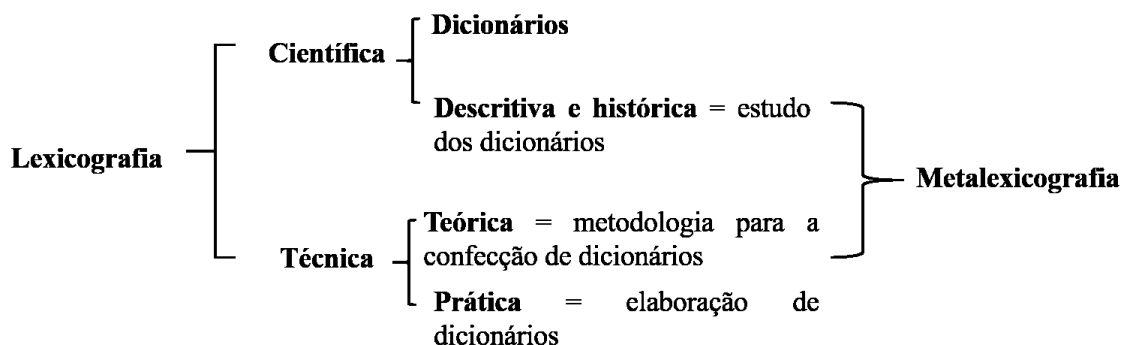
Segundo Porto Dapena (2002), com a intenção de definir o conceito de Lexicografia, é necessário verificar as relações e as diferenças com outras disciplinas linguísticas, à guisa de exemplo, citamos a Lexicologia, a Semântica e a Gramática, uma vez que todas essas áreas se preocupam, em certa medida, com o estudo das palavras. Henriques (2018, p. 15) define que:

LEXICOGRAFIA é uma disciplina intimamente ligada à LEXICOLOGIA. Ela se ocupa da descrição do léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários (em formato impresso ou eletrônico) e base de dados lexicológicas [...].

Ao reconhecermos que essas duas ciências do léxico podem auxiliar na compreensão e divulgação do significado das palavras, tal como expresso pelos autores, é trabalho do pesquisador e/ou lexicógrafo interessado nessas relações, elaborar obras lexicográficas que partam da compilação do léxico de uma língua. Para facilitar a compreensão dos conceitos, ilustramos na Figura 1, em forma de esquema, um resumo com representações conceituais da Lexicologia e Lexicografia.

Figura 1 - A Lexicologia e a Lexicografia.

Lexicologia = Estudo geral ou particular do léxico



Fonte: Porto Dapena (2002, p. 23).

Como a Lexicologia é definida como o estudo geral ou particular do léxico, a Lexicografia é a área de estudo do léxico que visa registrar o léxico de uma língua, por meio de dicionários. Nesse sentido, destacamos a existência de uma conexão entre a Lexicografia científica e a técnica, visto que a teórica e a prática se complementam para evidenciar os procedimentos metodológicos empregados na criação de dicionários. Para Porto Dapena (2002), a lexicografia técnica é direcionada para o lexicógrafo que se ocupa da produção de obras lexicográficas, e a segunda para os iniciantes nesse campo, com o objetivo de mostrar todas as informações (uso, história, metodologias) dos dicionários. Denomina-se de Lexicografia teórica ou Metalexigrafia a junção desses dois conceitos. Henriques (2018), apresenta a importância de se conhecer as estruturas e nomenclaturas dos dicionários, além dos vários tipos de trabalhos lexicográficos que podem ser encontrados na sociedade para o conhecimento do léxico.

A Lexicografia é a ciência dos dicionários que contribui para a descrição dos significados do vocabulário de uma língua, elaborados e cristalizados na cultura (BIDERMAN, 2001). Para Krieger e Finatto (2018), essa área do léxico é a arte ou a técnica de compor dicionários, e a função dessas obras lexicográficas é ser instrumento de consulta e/ou referência de um conjunto de palavras de uma língua, seja de natureza lexical, seja de natureza gramatical.

Mediante essas conceituações, entendemos que a Lexicografia é um campo de estudo responsável pela elaboração de dicionários e também de glossários, com a finalidade de descrever o léxico e o conhecimento de suas significações. Essas obras, por conseguinte, podem ser fontes de consulta para os interessados em estudar determinada língua. Ademais, não somente o dicionário, mas também o glossário pode auxiliar, de forma rápida, eficaz e precisa,

os leitores nas dúvidas sobre as palavras que se apresentam ao usuário da língua (PORTO DAPENA, 2002).

Conforme Biderman (1984), desde a antiguidade a produção de conhecimento acerca das palavras se dava por intermédio de glossários, elaborados por filólogos ou gramáticos preocupados com a compreensão de textos literários, ou correção de “erros” linguísticos. A autora ainda afirma que, no caso dos dicionários gerais da língua portuguesa, o mais antigo é o dicionário bilingue português-latim *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1721, século XVIII), dividido em 8 volumes e composto por informações enciclopédicas, com detalhes sobre a realidade e o mundo, segundo o conhecimento cultural do Padre Rafael Bluteau, autor dessa obra lexicográfica¹⁰.

Com base em Bluteau, Antônio de Moraes Silva elaborou a primeira edição do dicionário brasileiro intitulado *Dicionário da Língua Portuguesa*. Cumpre ressaltar que a obra é uma recopilação dos vocábulos descritos por Bluteau, em 1789. A segunda edição foi publicada em 1813 (século XIX) e serviu de base para a reprodução *fac-simile* de Laudelino Freire em 1922. Moraes omitiu as informações enciclopédicas presentes em Bluteau e informa ao leitor o processo de execução do trabalho, a saber, o *corpus* utilizado, a escolha das entradas, a elaboração do verbete e a ortografia. No total, foram 10 edições, e a última consta em 12 volumes, publicada pela Editora Confluência, de 1944-1957¹¹ (BIDERMAN, 1984).

Além dessa obra publicada no século XIX, destacamos também o *Grande Dicionário Português* ou *Tesouro da língua portuguesa*, de Frei Domingos Vieira (1871-1874), e o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete (1881) (BIDERMAN, 2003). Contudo, para esta autora, as obras lexicográficas do século XIX retratam apenas o português europeu, enquanto o registro da variedade do português brasileiro foi um processo lento que abarcou séculos. Conforme a pesquisadora,

Somente em 1938 o português brasileiro passou a contar com um dicionário que registrou seu patrimônio lexical: o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP), obra modesta e de porte reduzido [...]. Esse dicionário teve um sucesso extraordinário para a época, constituindo-se num *best-seller* no Brasil atrasado e rural de então. A partir da 6ª edição do PDBLP, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira passou a ser seu principal editor, tendo trabalhado intensamente em todas as suas edições sucessivas. O PDBLP teve onze edições, sendo a última de 1967; sua carreira gloriosa foi interrompida quando a ditadura militar fechou a Editora Civilização Brasileira, que o publicava (BIDERMAN, 2003, p. 58-59).

¹⁰ Para Henriques (2018), o *Vocabulário Português e Latino*, do Padre Rafael Bluteau, é composto por dez volumes, sendo dois suplementos. O primeiro foi publicado em 1712 e o décimo em 1728, sendo um dicionário bilingue com uma descrição do léxico português do século XVIII.

¹¹ Biderman (2003) afirma que a décima edição é uma obra distante da original e, segundo ela, não deveria ter o nome de Moraes. Foi uma versão dirigida por José Pedro Machado e publicada em 1949-1957.

Depois da difusão dessas obras lexicográficas, a produção de dicionários no Brasil ganhou impulso e, em 1939, foi publicado o primeiro volume do *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, elaborado por Laudelino Freire¹², porém, o quinto, e último volume, publicado em 1944. Na obra, inclui-se locuções e expressões, neologismos, termos técnicos e numeração das acepções das palavras-entrada (BIDERMAN, 2003).

Seguindo a linha do tempo, com a disseminação dessas primeiras publicações, houve um aumento significativo na editoração de obras lexicográficas, que colaboraram com o registro do léxico do português brasileiro¹³. Os compêndios encontrados atualmente são: 1) o *Dicionário Houaiss* (1ª edição em 2001); 2) o *Novo Dicionário Aurélio* (1ª edição em 1976), 3) o *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis* (1ª edição em 1998) e o 4) *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (1ª edição em 2002) (HENRIQUES, 2018). Sobre esses dicionários, Biderman (2003) garante que o *Novo Dicionário Aurélio* continua sendo a obra lexicográfica mais coerente e de melhor qualidade técnica, se comparado ao *Dicionário Houaiss*. Todavia, a teórica ressalta que o Aurélio pecou ao utilizar somente fontes de escritores portugueses e brasileiros, com predomínio do literário, tornando o *corpus* relativamente homogêneo (BIDERMAN, 1984).

Uma vez que o léxico é aberto e, por conseguinte, muito extenso, dispõe-se de diversas possibilidades para constituição do *corpus*, seja por gêneros literários, seja por gêneros jornalísticos, por exemplo. Nesse caso, o auxílio de programas computacionais, na elaboração de dicionários, pode contribuir significativamente para o processo de análise do *corpus* de uma língua, quer com dados orais, quer com dados escritos. Dentre os disponíveis, citamos, o software *Sketch Engine*, que oferece uma variedade de *corpora* das línguas como fonte de pesquisa para os lexicógrafos e iniciantes interessados no processo de elaboração de dicionários.

O usuário também pode criar um *corpus* com base em seus próprios materiais, ou em textos da internet e disponibilizá-los. Segundo Krieger e Finatto (2018), as novas tecnologias permitem processar volumes consideráveis de dados e auxiliam na produção de pequenas bases de dados, como os glossários, em versão eletrônica. O glossário, de acordo com Barbosa (2001, p. 35-36), pode ser definido da seguinte forma:

¹² Trata-se de uma publicação póstuma.

¹³ *Dicionário Prático da Língua Nacional* (1946), *Dicionário Brasileiro Contemporâneo* (1953), *Dicionário da Língua Portuguesa* (1959-1967), *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (1962) e *Dicionário Brasileiro Globo* (1991).

Um glossário *stricto sensu* seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência[...]. O glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas.

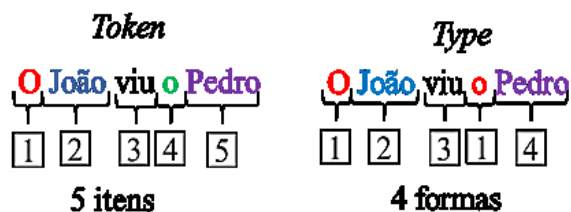
Ao coletarmos as unidades lexicais extraídas das entrevistas do PA São Francisco por meio do software *Sketch Engine*, consideramos as ocorrências e as especificidades léxico-semânticas. Essas lexias, cumpre lembrar, se configuram como um repertório particular do universo dos assentados, portanto, é uma forma de compilação do léxico dessa cultura.

Os glossários, assim como os dicionários, se organizam segundo dois eixos fundamentais: a macroestrutura, constituída por todas as entradas, segundo o critério de ordenação; e a microestrutura, conjunto de informações, organizadas conforme o tipo de obra lexicográfica, razão pela qual varia de uma para outra. Com referência à primeira, uma das questões a ser pensada é qual o tipo de unidade léxica deve ser considerada entrada de um dicionário ou glossário (PORTO DAPENA, 2002).

É difícil determinar os critérios das entradas de forma específica, pois depende do tipo de obra lexicográfica a ser elaborada. Haensch (1982), citado por Porto Dapena (2002), aponta dois tipos de critérios seletivos: externos ou extralinguísticos, que consistem na finalidade (público-alvo) e no tamanho do dicionário; e internos ou linguísticos, que compreende a frequência de utilização. O último critério é o que mais nos chama a atenção para aplicar nesta pesquisa, em vista das ferramentas computacionais que auxiliam na seleção e na adoção de critérios das unidades lexicais para a composição do glossário. Todavia, não significa, segundo esse autor, que este critério seja seguido a rigor, visto que, o lexicógrafo pode se basear tanto nos dados estatísticos quanto nas análises subjetivas, sem empregar nenhum controle estatístico.

Por tais razões, é relevante considerar a natureza e a noção de palavra a ser adotada na macroestrutura do glossário. Os programas computacionais utilizados para a seleção das entradas, empregam as nomenclaturas *token* e *type* para se referir aos dados lexicográficos. Em conformidade com Berber Sardinha (2004) *token* relaciona-se ao número de itens (ou ocorrências), e *type* ao número de formas (ou vocábulos). Por exemplo, a Figura 2 mostra essas diferenças:

Figura 2 - As diferenças entre *token* e *type*.



Fonte: Adaptado de Berber Sardinha (2004, p. 94).

Essas distinções possibilitam a compreensão acerca das unidades léxicas contabilizadas pelo programa e selecionadas, para compor o glossário, ou seja, as entradas propriamente ditas. Nesse caso, podem surgir entradas com um único vocábulo, denominada de *lexia simples*, e entradas com dois ou mais vocábulos, chamadas de *lexias compostas* ou *lexias complexas*, conforme o uso da língua pelo falante.

Pottier (1978) classifica a *lexia simples*, correspondente à palavra, em uma forma mais simples ou derivada, por exemplo, *árvore*, *agora*, *entre*, e a *lexia composta*, produz uma integração semântica entre as palavras, a título de exemplo, *olho-de-sogra*, *guarda-florestal*. Além desses dois tipos de *lexias*, há também a *lexia complexa*, que resulta de um processo de lexicalização que assume uma significação única, à guisa de exemplo, *tirar o leite* e *selar o cavalo*. Em contraposição, Borba (2003), declara que a *lexia simples* é formada por uma única forma livre, por exemplo, *cara* e *vento*, e as *lexias complexas* são expressões que combinam mais de uma forma livre, por exemplo, *porta-luvas* e *mal-me-quer*.

Biderman (2008) afirma que a identificação da unidade léxica num texto discursivo prevê a delimitação clara da fundamentação teórica a ser utilizada. Esse tipo de unidade linguística apresenta um grau de complexidade, em razão das combinações lexicais, formadas com base na cultura e no armazenamento da memória individual e coletiva. Borba (2003) colabora com essa afirmação quando afirma que não basta só conhecer o léxico e a gramática, mas também conhecer os traços culturais em jogo para se perceber os sentidos que as *lexias*, simples, composta ou complexa são empregadas. Em vista disso, apresentamos na próxima seção os apontamentos referentes às definições, à organização e às relações semânticas, em conformidade com a teoria dos campos lexicais para a elaboração de glossário.

1.4 Léxico e campos lexicais

De acordo com Borba (2003), os dicionários tradicionais baseiam-se em uma semântica lexical que procura identificar o valor significativo de cada unidade lexical (palavra), mas, na

maioria das vezes, apoiam-se somente uns nos outros, sem teste de uso. Esse autor ainda afirma que as palavras só se manifestam dentro de um contexto, e é somente por meio desse elemento que é possível identificar o significado da entrada. Admite o autor, porém, que há palavras autônomas com relação a outras, por exemplo, os termos técnicos que têm significação constante dentro e fora de um contexto. Não obstante, existem as palavras polissêmicas como *terra* e *trabalhar* que contêm valor significativo genérico, motivo pelo qual verifica-se a significação (individual e restrita) somente por meio do contexto.

Em função disso, é necessário compreender como os significados das palavras podem ser analisados segundo as ligações de sentido. Encontramos na literatura diversas definições empregadas para se referirem ao campo são elas: campo léxico, campo linguístico de signos, campo conceitual, campo linguístico, campo, esfera conceitual (Trier); sistema semântico (Meyer); campo semântico (Ipsen, Jolles, Porzig, Biderman, Herinques); campo léxico e esfera conceitual (Weisgerber). Seleccionamos para discussão desta Tese, o campo linguístico, o campo léxico e o campo semântico.

Segundo Geckeler (1976), G. Ipsen (1924) iniciou a primeira formulação da ideia de campo, a partir da ideia de mosaico, ou seja, uma palavra se une à outra de forma limitada e diferente, que permite acoplar todos juntas em uma unidade semântica. Essa noção também está presente em Trier (1931), que, com base em Ipsen, criou a terminologia sobre a investigação da teoria dos campos.

Sob esse viés, Trier (1931 *apud* ABBADE, 2012) trabalhou com os conceitos de *campos linguísticos* e *campos lexicais*. Com o primeiro campo, buscou elucidar que as palavras constituem um conjunto estruturado e estão sob a dependência das outras em forma de cadeia, isto é, a mudança conceitual de uma acarreta modificações nas outras, e assim sucessivamente. O segundo campo representa uma estrutura, em que há articulação com o todo, numa espécie de relação de coordenação e hierarquia entre as palavras.

Trier (*apud* GECKELER, 1976), além da influência de Ipsen, também buscou em Saussure ideias para desenvolver e defender os campos linguísticos como estruturas semânticas articuladas e organizadas de modo hierárquico. Conforme Saussure (2006, p. 168), “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros”. Em outros termos, significa que uma palavra pode ser substituída por outra semelhante ou não, e essa troca não pode fixar um valor. Só é possível, então, verificar o que existe além dela, ao analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos do sistema da língua.

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes. Inversamente, existem termos que se enriquecem pelo contato com outros; por exemplo, o elemento novo introduzido em *décrépit* (“un vieillard *décrépit*”, ver p. 124 s.) resulta da coexistência de *décrépi* (“un mur *décrépi*”). Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; há línguas em que é impossível dizer “sentar-se ao sol” (SAUSSURE, 2006, p. 170).

Nesse caso, o que se considera não é a significação em si, mas o valor atribuído às palavras (valor semântico), pois, se partisse somente do primeiro, cada língua teria um correspondente exato para o sentido de uma palavra. Mas, isso não ocorre na realidade, uma vez que, não se pode determinar o valor de nenhum termo sem considerar o contexto em que está sendo utilizado.

Em relação à organização e à hierarquia, Trier propõe o termo *macrocampo* para organizar de forma progressiva as palavras em seus respectivos campos. O campo, para o autor, é uma unidade formada de macrocampos, porque a divisão conceitual que um vocabulário estabelece, com determinada esfera ou seção conceitual da visão de mundo, está na disposição ou na ordenação. Abbade (2011) também apoia essa ideia de que os campos lexicais representam uma estrutura onde ocorre uma relação de coordenação e hierarquia, mas que só podem ter sentido no todo. Dito de outra forma, é preciso observar a lexia no conjunto do campo, haja vista fora dele não poder existir significação. Nesse sentido, os campos são realidades linguísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário (TRIER, 1934 *apud* GECKELER, 1976).

Biderman (2001, p. 194) exemplifica termos postos em forma hierárquica, com a inclusão semântica dos componentes sêmicos¹⁴.

1. palácio
2. palacete
3. mansão
4. casa
5. casinha
6. choupana
7. casebre

¹⁴ Ordena da maneira mais explícita os conteúdos focalizados dentro de um campo lexical, pondo à mostra o que esses itens lexicais possuem em comum, bem como aquilo que faz a especificidade de uns e outros (FIORIN, 2014, p. 119).

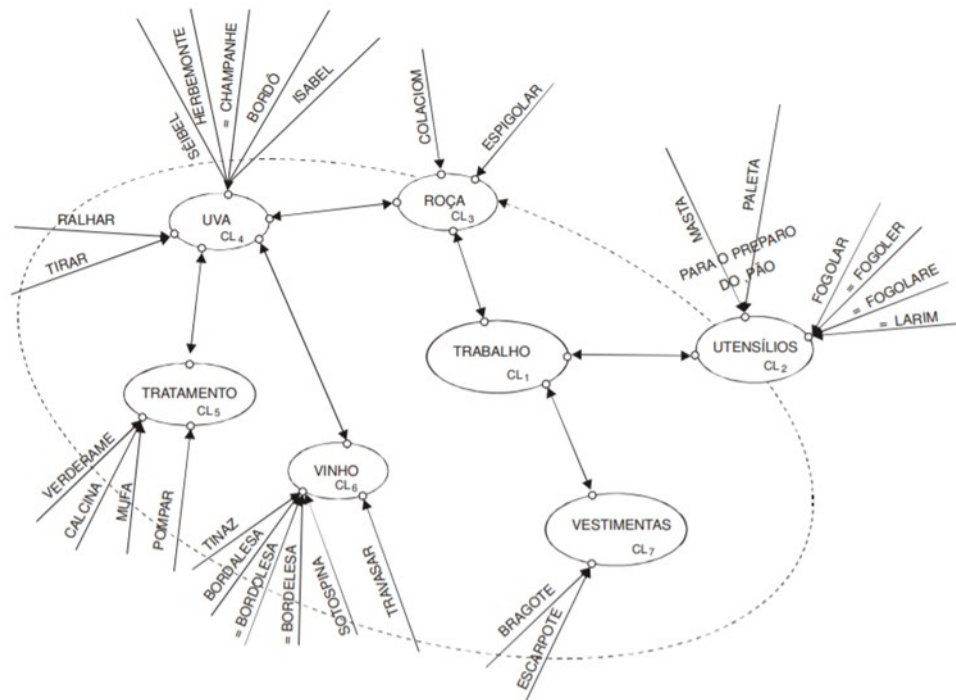
Nessa lista de termos, incluem-se os aspectos semânticos para organizar o léxico (campos lexicais) dos componentes sêmicos de “casa”, cujos traços de distinção são tamanhos e riqueza e/ou pobreza (BIDERMAN, 2001). Observamos, na lista, que os vocábulos pertencentes a um campo podem não só apresentar um grande número de sentidos, mas também ocasionar a inclusão em outro campo lexical.

Considerando essa problemática, Biderman (2001) propõe as intersecções parciais de áreas de significação, em que consta o significado conceptual básico (o número 1 em cada verbete) e o contexto da palavra. Para exemplificar, a autora cita os campos semânticos de *destino* e *acaso* que mantêm intersecção com *sorte*, ou seja, *sorte* e *destino*, *sorte* e *acaso*, *destino* e *acaso*. No entanto, cada lexia apresentada tem um significado léxico e as possibilidades criadas podem ser de *sorte* como sinônimo de *destino*, mas não de *acaso*, ou, *sorte* como sinônimo de *acaso*, mas não de *destino*. A identificação dessas intersecções só é viável em determinados contextos, por causa das conotações adicionadas pelo uso.

Embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da língua[...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade (BIDERMAN, 2001, p. 179).

As palavras abrangem uma rede de significações, chamadas por Biderman (2001) de campo semântico. Coseriu (1981), entretanto, expõe que verificar as relações semânticas é complexo, em face das proximidades de significados que são difíceis de serem separadas. Para Biderman (1981), os campos semânticos constituem-se de partes que formam um todo, isto é, na construção de uma rede semântica são consideradas as lexias que compartilham um traço semântico em comum. A proposta da autora consiste em agrupar e relacionar o léxico dentro e entre campos lexicais. Na Figura 3, ilustramos a rede semântica e o campo léxico do ‘trabalho’, elaborado por Alberti (2005, p. 108):

Figura 3 - A rede semântica e o campo léxico do trabalho.



Fonte: Alberti (2005, p. 108).

O campo léxico ‘trabalho’ (CL₁) funciona na condição de rede semântica, e representa um conjunto de traços semânticos pertinentes e comuns a essa unidade lexical. Os demais campos, associados ao CL₁, receberam uma numeração progressiva, composta de outros seis campos lexicais (utensílios, roça, uva, tratamento, vinho e vestimentas). Esses campos estão interligados entre as partes da rede, por intermédio dos nós semânticos, a saber, os núcleos de significação, que comunicam os campos léxicos (ALBERTI, 2005). Mediante os dados expostos na figura acima, notamos que as lexias, os campos léxicos e a rede semântica possibilitam visualizar, de forma mais clara, a ideia de uma lexia pertencer à rede e aos campos distintos por intermédio da intersecção.

Pottier (1978) também propõe um modelo de campo, mas analisa as relações de sentido, considerando o signo linguístico. Nesse sentido, o significado constitui-se de uma forma de conteúdo (classe sintática) e de uma substância (classe semântica), e o significante é a forma de expressão. Na significação, tem-se o *semema*, unidade lexical composta de traços semânticos, denominados de *sema*, que têm a função de individualizar o signo (uma lexia), sem isolá-lo dos demais. O processo de definição desses signos ocorre por meio da oposição, inclusão, participação e associação. Corrêa (2012) exemplifica essas integrações da seguinte forma:

Quadro 1 - Relações de oposição, inclusão, participação e associação.

Relação de oposição: Corresponde a escolha de uma lexia (nível paradigmático) em detrimento de outra. Nesse caso ocorre o processo de exclusão a partir da finalidade comunicativa.		
Lexias: juta-média e meia-juta (oposição) Lexias: jutinha, juta-miúda, perereca, vermelha	Semas diferentes: casca violácea, atingem 3m, floração em 90 dias (oposição) Semas diferentes: casca violácea, atingem 2m, floração em 40 dias	Sema igual: qualidade de juta
Relação de inclusão: Relação existente entre uma lexia mais geral e inclusiva, isto é, cada elemento está em relação de inclusão com o termo que o inclui.		
Taxema de experiência¹⁵: <i>roça</i> Domínio: <i>tipos de maniva</i>	Mandioca amarela: arroz, laranjinha, manteiga, pacuí Mandioca branca: Boninitinha, folha inteira, macaxeira, olho verde	Traços comuns: tipo de cor – mandioca amarela e mandioca branca
Relação de participação: Relação que ocorre entre uma lexia e um de seus semas.		
Domínio: <i>roça, casa de farinha</i>	Sema: forno, rodo, remo, taru, tipiti, garera, gamela, paneiro	Lexia: casa de farinha
Relação de associação: Relação que existe entre uma lexia e outra que a ela se prende por vínculos diversos, sejam eles psicológicos, sociológicos, socioeconômico ou sociocultural.		
Domínio: <i>medicina caseira</i>	Sema: andiroba	Lexias: reumatismo, dor de garganta

Fonte: Adaptado de Corrêa (2012, p. 7-12).

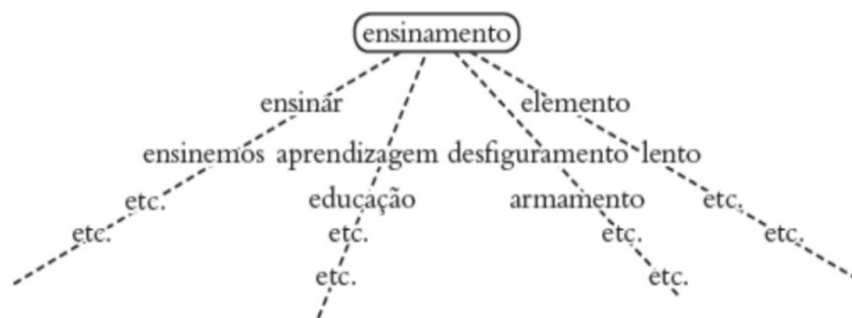
Consoante a teoria de Pottier (1978), as lexias pertencem à classe semântica das designações, por representarem situações linguísticas dos contextos socioculturais, que refletem a realidade de uma comunidade. As lexias, nesse caso, podem-se formar de agrupamentos em

¹⁵ Um taxema de experiência é constituído de uma série de signos cujos sememas têm um certo número de semas em comum, em uma situação sociocultural dada (POTTIER, 1975, p. 97). Os taxemas podem formar um ou vários domínios de experiência ligados à cultura de uma comunidade (CORRÊA, 2012).

categorias constituídas de um componente natural (experiência comum) e um componente cultural (elementos específicos de acordo com o lugar e o tempo) (BABINI, 2006).

Outra forma de identificar as ligações de sentidos é pela associação entre as palavras, também denominadas de relações associativas, propostas por Saussure (2006). De acordo com o linguista, “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (*idem, ibid*, p. 181). Nesse caminho, tem-se na Figura 4 as distintas formas de associação que podem existir entre as palavras:

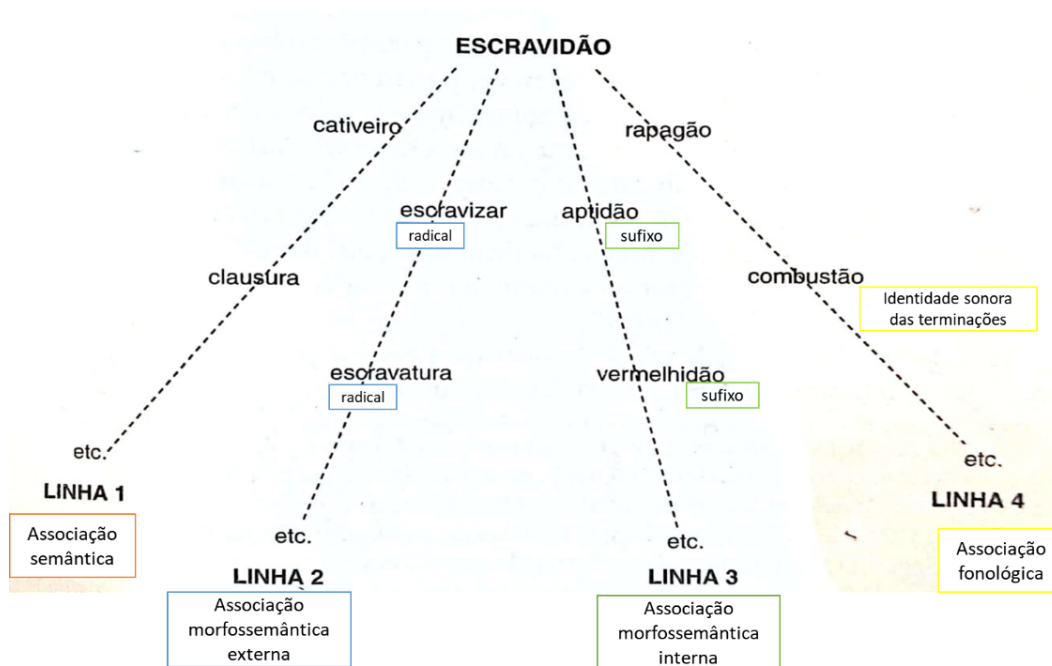
Figura 4 - Associação da palavra ensinamento.



Fonte: Saussure (2006).

Saussure (2006) explica que essa relação não ocorre somente por causa de algum traço em comum, mas também por causa da necessidade de reconhecer a distinção entre as relações que regem a associação. O sistema das relações associa-se com a Gramática, que possibilita examinar as famílias de palavras, as flexões e os elementos formativos (radicais, sufixos, desinências). Por seus aspectos linguísticos e semânticos, as palavras são agrupadas. Henriques (2018) na Figura 5, seguindo a concepção de Saussure, expõe um outro exemplo com a palavra “escravidão”.

Figura 5 - Associação da palavra escravidão.



Fonte: Adaptado de Henriques (2018, p. 77).

Esses exemplos demonstram que as associações são infinitas, por esse motivo é impossível identificar um número de palavras exatas que podem surgir por meio dos pontos fixados: “ensinamento” e “escravidão”. Dessa forma, o pesquisador pode criar novos critérios lógicos de organização dessas somatórias, para ilustrar outros tipos de associações. Henriques (2018) as distribuem da seguinte forma: a linha 1 pertence a uma noção de campo conceitual, que expressa as palavras agrupadas ideologicamente por meio de uma rede de associações e interligações de sentidos. Por sua vez, as linhas 2 e 3 pertencem a um agrupamento de palavras reunidas linguisticamente, considerando a classe gramatical (morfologia) e qual a ideia que a palavra apresenta no contexto da oração (semântica). Enquanto a linha 4, por meio de uma rede de critérios fonológicos. Assim, das linhas apresentadas nesse exemplo, o que se compreende para esta presente pesquisa é a linha 1, com a associação semântica que se relaciona a um determinado campo lexical.

Segundo Coseriu (1981), é importante estudar os procedimentos gerais de distinção e mudanças nas estruturas semânticas, haja vista poderem revelar novos rumos na análise linguística. Também é essencial estabelecer que os campos semânticos manifestam distinções particulares. Assim, o pesquisador interessado em adotar esse modelo de trabalho lexicográfico, além dos aspectos linguísticos (interno), também pode avaliar as questões das condições históricas e culturais (externas).

Isquerdo (2001), ao estudar o vocabulário do seringueiro do Estado do Acre, expôs o campo léxico da atividade da *seringa*. Grande parte das lexias desse campo partiram das formas linguísticas existentes, e o acréscimo de traços semânticos foram motivados pelos aspectos socioculturais, característicos dessa realidade, por exemplo, as lexias *raspagem* e *raspar madeira*. A ação de *raspar* designa uma atividade praticada pelo seringueiro no processo de “corte” da árvore seringueira, e significa *raspar* levemente a casca para a remoção de impurezas. Esse processo denomina-se *raspagem*. Os grupos de unidades lexicais de *raspagem*, por exemplo, *risco/riscar*, *traço* são sinônimos, pois designam a ação inicial de coleta do látex (ISQUERDO, 2001). Ao analisarmos esses itens lexicais, identificamos a manifestação de elementos linguísticos e não-linguísticos, que contribuíram para a geração de novos significados contextuais das diferentes lexias encontradas.

Para o estudo dos campos lexicais, Coseriu (1981) considera as noções de norma e sistema. A norma seria tudo o que é, mas não necessariamente distintivo, dentro de uma comunidade linguística, por exemplo, normas de espaço geográfico, classes sociais, grupos sociais, registro formal e informal que corresponde à linguagem como uma ‘instituição social’. Enquanto o sistema engloba, dentro do tradicional, tudo o que é distintivo. A linguagem, portanto, apresenta estruturas de oposição, ou seja, um conjunto de possibilidades de realização. Dessa forma,

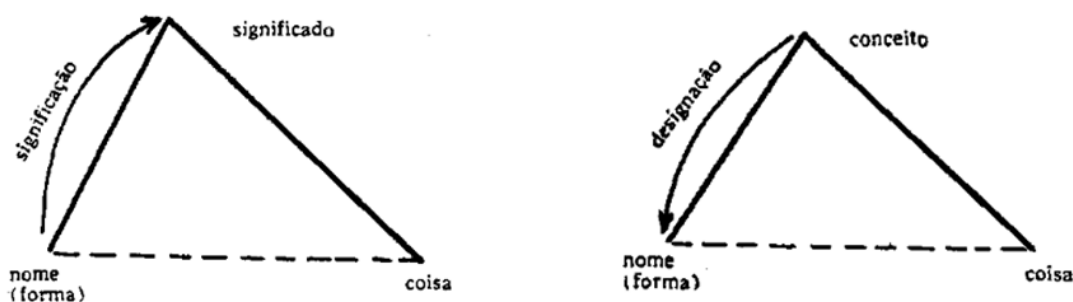
A estruturação e o funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a realidade extralinguística que elas organizam ou formam a partir do ponto de vista semântico. Logo, as relações formais internas de um campo pertencem também ao tipo de relação existente entre os significados e sua expressão (ABBADE, 2012, p. 154).

Conforme Biderman (2001), o modelo de oposição é um dos processos mais comuns nas associações semânticas, e são constituídos de vocábulos antônimos. À guisa de exemplos, registramos: *bom x mau*, *bonito x feio*, *homem x mulher*. Outro aspecto notável, enfatizado por Coseriu (1981), é o uso preferencial de certas palavras para determinadas circunstâncias. Por exemplo, os uruguaianos usam a palavra ‘pátria’, para referir-se ao próprio país, mas outras pessoas poderiam optar por ‘nação’ e ‘terra’. Os uruguaianos preferem utilizar a palavra com esse sentido e não com outro, o que pode indicar importantes reflexões acerca das atitudes sociais, políticas e culturais de uma comunidade. Desenvolvida por Coseriu (1981), a teoria dos campos lexicais facilita o levantamento do léxico que auxiliará depois, no conhecimento de algum aspecto particular da comunidade pesquisada.

Das diferentes formas de analisar as relações entre as palavras e as várias expressões utilizadas para a delimitação de campo, adotamos nesta pesquisa a noção de campo lexical para a verificação de como o léxico é um sistema aberto, e de como os falantes podem empregar as lexias de diferentes formas, a depender da intenção comunicativa. Nas interações, os indivíduos constroem, pois, infinitas formas de associação, das quais nos atemos as associações semânticas e lexicais.

Além desses modelos de análise sobre as relações de significação do campo lexical, há também a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico. Para Baldinger (1964), o campo semasiológico refere-se ao campo das significações, que consiste nas multiplicidades de significações, agrupadas em torno de um nó de significações, mais especificamente, o nome liga-se à coisa por meio do conceito. Em oposição, o onomasiológico refere-se ao campo das designações, ou seja, compreende as diferentes formas de um nome. Na Figura 6, expomos as representações.

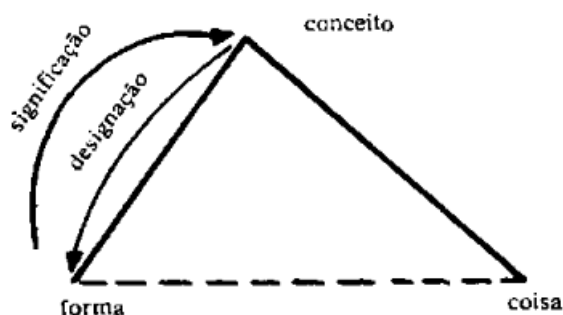
Figura 6 - Semasiologia e Onomasiologia.



Fonte: Baldinger (1964, p. 28).

As figuras explicam separadamente a relação entre coisa, sentido e nome, além disso elucidam que o signo linguístico se compõe de dois elementos: a forma e o conteúdo. Nessa perspectiva de Baldinger (1964), as palavras ganham novos contornos, em conformidade com a evolução e o uso da língua. Cumpre lembrar ainda que as palavras podem sempre encontrar relações nos dois campos (BALDINGER, 1964). Para esse autor e para Biderman (2001), a Onomasiologia e a Semasiologia integram dois enfoques do fenômeno léxico-semântico, que são ao mesmo tempo opostos e complementares. Evidenciamos, na Figura 7, uma nova forma composicional do triângulo.

Figura 7 - A integração entre a Semasiologia e Onomasiologia.



Fonte: Baldinger (1964, p. 28).

Depreendemos dessas relações que não são “dois elementos isolados que se trata, mas de duas estruturas [...], uma palavra (normalmente) tem diversas significações, quer dizer que as flechas levam a diversos conceitos” (BALDINGER, 1964, p. 29). Nesse contexto, segundo Biderman (2001), o enfoque onomasiológico é característico da Lexicologia; e o semasiológico, da Lexicografia.

A fim de exemplificar o enfoque onomasiológico, destacamos a noção de “velho” que, dependendo do contexto e do referente, bem como da denotação e conotação que o falante pretende usar, ele decidirá por *velho/idoso/antigo*. Desse modo, *velho* pode ser usado para pessoas, animais, objetos e sentimentos; *idoso*, só para pessoas) e *antigo*, para objetos concretos e abstratos. Citamos “livro” e seus significantes: livro, tomo, volume, obra, códice, fólio, catálogo etc. para exemplificar o enfoque semasiológico. Segundo Biderman (2001), o uso de um, ou de outro, será determinado pelo contexto e/ou situação. Por isso, compreendemos que:

A língua vive apenas pelo homem. Um inquérito semasiológico e onomasiológico não passará de um esqueleto se não for contemplado pelas relações humanas, pelas questões históricas, culturais, sociológicas e econômicas. Mais nos penetramos na complexidade da evolução linguística, mais nos tornamos modestos. [...] É a partir desses problemas que a história [...] se torna interessante, pois que é aqui que aprenderíamos as relações entre a língua e homem (BALDINGER, 1964, p. 36).

Entre as propostas de análise acerca dos campos lexicais destacamos as importantes contribuições de Pottier (1978), Biderman (1981), Coseriu (1981) e Baldinger (1964). Esses estudiosos da língua, sob o ponto de vista lexical, enfatizam a complexidade de delimitação dos campos e das diversas unidades lexicais. As propostas empreendidas por esses teóricos buscam verificar as oposições e as relações entre os campos semânticos, com base em classificações e composição, sem desconsiderar o contexto real de uso da língua pelo falante. A análise lexical do vocabulário dos assentados do PA São Francisco, assentada nos princípios teóricos de

campo, serviu para demonstrar como as perspectivas léxico-semânticas podem contribuir para a compreensão da realidade linguística de uma comunidade de falantes por meio do contexto sociocultural. Contudo, temos ciência de que as lexias encontradas e selecionadas para a análise dessa pesquisa não só se associam ao aspecto semântico, mas também se modificam ou se redefinem pelos falantes da língua.

Logo, com o referencial teórico e bibliográfico deste capítulo, esperamos que a pesquisa apresente o repertório de uso e de significações do universo lexical dos assentados. Para tanto, consideramos o contexto sociocultural, acompanhado das respectivas definições e organização, com base no enfoque onomasiológico, e de acordo com as relações semânticas propostas por Biderman (1981) e com a teoria dos campos lexicais. Na seção seguinte, salientamos os trabalhos escritos sobre léxico e cultura, para verificar a produção científica divulgada em banco de dados. Temos a intenção de verificar quais as perspectivas teórico-metodológicas adotadas, sobretudo, as direcionadas para o contexto linguístico do Amazonas.

1.5 As produções científicas do léxico

1.5.1 A visão geral de trabalhos referentes ao léxico e à cultura

Com o intuito de identificar a temática abordada nesta pesquisa, realizamos uma busca pelas palavras-chave *léxico* e *cultura*, nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, para observar a produção científica sobre o assunto. Nessa busca, detectamos seis trabalhos na primeira base de dados; e vinte e dois, na segunda. Em seguida, com o auxílio do programa *VOSviewer*, classificamos os documentos por palavras comuns a todos e pelas ocorrências ou coocorrências, com o intento de formar redes semânticas de associação, conforme a Figura 8 a seguir.

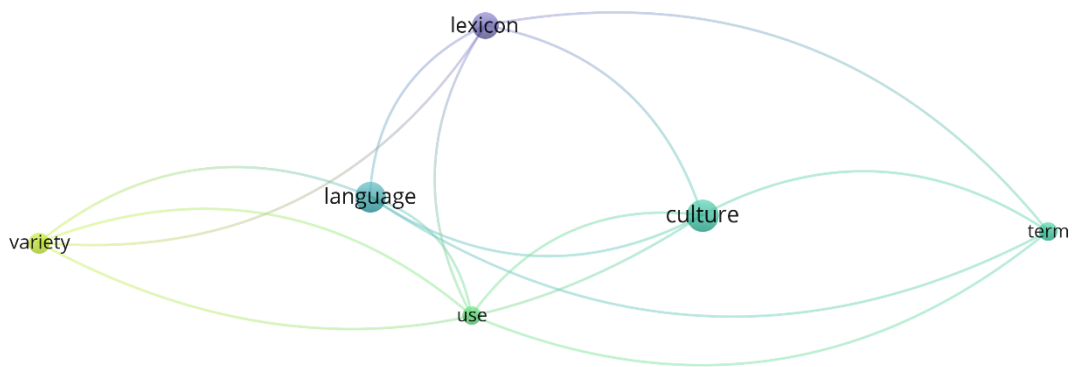
Figura 8 - O léxico e a cultura na base de dados *Scopus*.



Fonte: Elaborada pela autora.

A Figura 8 ilustra o campo lexical da *cultura* como aquele que mais se destaca dentro da rede associativa, porque exibe a maior frequência encontrada nos trabalhos selecionados pela *Scopus*. Por seu turno, os campos *lexical term*, *speaker* apresentam uma relação entre si e também com o campo lexical da *cultura*. Como visto na figura, há intersecção entre os dois campos, que fornecem informações importantes sobre a intermediação do tema léxico e cultura.

Figura 9 - O léxico e a cultura na base de dados *Web of Science*.

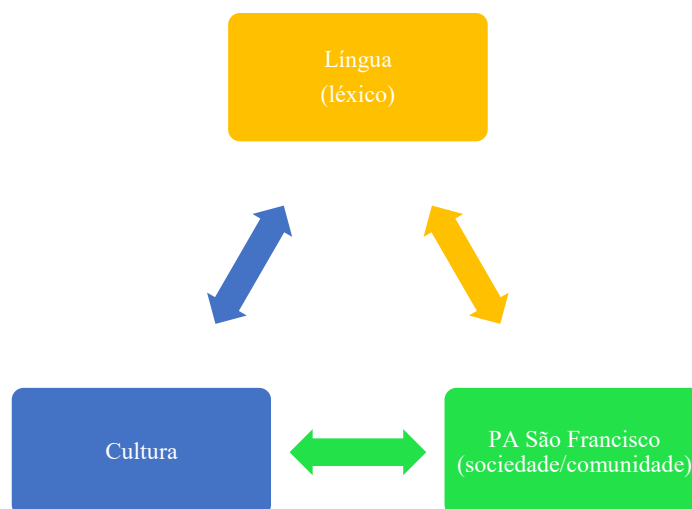


Fonte: Elaborada pela autora.

Na Figura 9, por apresentar uma quantidade maior de trabalhos sobre a temática, observamos uma associação semântica mais ampla, se comparada à Figura 8. Os campos semânticos de *lexicon*, *language* e *culture* exibem maior densidade, pois há frequência maior das lexias nos trabalhos selecionados pela *Web of Science*. Entendemos, assim, que as diferentes frequências de uma palavra podem refletir diferentes aspectos socioculturais. Por isso, a identificação desses campos é uma probabilidade de verificar como eles interagem com outros campos para tratar das relações da cultura, língua e léxico.

Assim sendo, os campos semânticos e o delineamento das relações de sentido que sustentam a língua, o léxico e a cultura do PA São Francisco podem ser compreendidos como um todo articulado, tal como representado no Diagrama 1.

Diagrama 1 – As relações entre língua, léxico, cultura e sociedade/comunidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o diagrama, ressaltamos a concepção adotada neste estudo, ciente de que não é a única, mas é o caminho escolhido para entender uma comunidade de fala pelo processo de entrelaçamento e/ou uma linha tênue entre a língua, o léxico e a cultura. A fim de conhecer as manifestações da linguagem do PA São Francisco, partimos dessa possibilidade que resultou na organização onomasiológica das lexias dos assentados.

O PA São Francisco é um assentamento constituído de falantes oriundos de diversas regiões brasileiras (ver o Capítulo II) e para compreendermos melhor o processo de migração de sujeitos para outras localidades, retomamos os estudos desenvolvidos por Bortoni-Ricardo (2011) no livro *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Na obra, a autora chama a atenção para o processo de migração de massas do campo para a cidade e os efeitos da transição do rural para o urbano. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2011, p. 16):

Este livro representa uma síntese de métodos sociolinguísticos quantitativos (a análise baseada no paradigma de redes sociais é suplementada por outra, variacionista e mais tradicional, de escores agregados) com um estudo etnográfico desenvolvido durante uma observação participante de longo termo em uma comunidade. Tanto a dialetologia urbana, quanto as metodologias de linguística antropológica visavam fornecer explicação efetiva da relação entre língua e rede social e, em última instância, do fenômeno de transição entre a vida no campo e a urbana.

Assim, como a obra discute os aspectos migratórios e as redes sociais, serviu para auxiliar na compreensão do campo de pesquisa, a saber, o PA São Francisco. A pesquisa de Bortoni-Ricardo (2011) foi realizada em Brazlândia, localizada a 43 km de Brasília, e o processo de migração ocorreu do rural para o urbano, doravante chamado de rurano. Tal estudo

fornece dados para a interpretação e comparação das consequências linguísticas e o ajustamento dos migrantes no espaço territorial estudado.

A partir da leitura da obra, delineamos de forma mais clara os motivos que explicam os assentados do PA São Francisco migrarem para esse espaço, localizado no sul do Amazonas. Sabemos que um dos objetivos de Bortoni-Ricardo (2011) foi reproduzir um retrato sociolinguístico, operando com o paradigma das redes sociais, para mostrar a problematização da chegada dos sujeitos rurais aos centros urbanos. Nesse viés, foi possível compreender não somente o processo da migração do rural para o urbano, como também as mudanças do rural para o rural, visto que os assentados quando residiam em outros estados também moravam em área rural. Por isso, procuramos identificar, portanto, as razões que motivaram os assentados a mudarem de uma residência rural para outra área rural, sendo à conclusão semelhante aos resultados de Bortoni-Ricardo (2011), em que a principal motivação desses assentados foi a busca de melhores condições de vida e trabalho estável.

Embora o estudo de Bortoni-Ricardo (2011) ocorra em sentido oposto (rural-urbano) ao realizado por esta pesquisa (rural-rural), identificamos pontos em comuns, quais sejam, as pessoas envolvidas na pesquisa que são migrantes e os pressupostos teóricos que se baseiam nos estudos etnográficos, a fim de descrever a comunidade estudada. Mediante essa exposição mais geral sobre os trabalhos envolvendo o léxico e a obra que apresenta a importância do fluxo migratório para a identificação e descrição linguística, na próxima seção expomos algumas pesquisas específicas sobre o léxico do contexto amazônico, para conhecimento dos estudos realizados nessa área.

1.5.2 As pesquisas sobre o léxico no contexto amazônico

Os conhecimentos teórico-metodológicos descritos nas seções anteriores confirmam, de forma geral, as diversas pesquisas elaboradas no âmbito lexical e também cultural. Posto isso, é pertinente olhar também para o contexto amazônico, pois o viés linguístico ainda é pouco explorado e isso nos motiva a conhecer um pouco mais sobre os estudos desenvolvidos acerca do tema nesta região. Dessa forma, explicitamos como a relação entre língua, léxico e cultura foram exploradas e trabalhadas, segundo alguns ramos dos estudos linguísticos, a saber: Dialectologia, Geografia Linguística e Sociolinguística Variacionista.

Iniciamos essa reflexão, com vista à compreensão geral da variação linguística encontradas nas regiões brasileiras, ou seja, nos diferentes espaços geográficos que suscitaram

diversos estudos dialetológicos, quais sejam: *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral (1920), *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922), *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, de Antenor Nascentes (1958 e 1961), *o Guia para estudos Dialetológicos*, de Serafim da Silva Neto (1957) e o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, em 1996.

Baseados nessas obras, muitos projetos sobre os estudos dialetais subsidiaram, e ainda subsidiam pesquisas acerca da realidade linguística brasileira. Por exemplo, há muitos trabalhos de natureza lexical que proporcionaram a elaboração de glossários, vocabulários e dicionários, sem contar os estudos que enfocam os níveis fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. A título de conhecimento, destacamos algumas pesquisas desenvolvidas no contexto amazônico, com o fim de contribuir para o conhecimento linguístico dessa região.

A dissertação intitulada *Falar do “Caboclo” Amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*, de Côrrea (1980), foi o primeiro registro dialetal do Amazonas, com enfoque nos fenômenos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. No caso da produtividade dos fenômenos fonético-fonológicos, identificaram-se o alçamento de /e/ e /o/ pretônicos, o alçamento do /o/ tônico, o abaixamento de /u/ tônico e a monotongação dos ditongos /ej/ e /ow/. De acordo com Azevedo (2013), há uma forte intuição de que a fala dos povos amazônicos se identifica com a fala do nordeste brasileiro pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], hipótese estipulada por Nascentes, em 1953. Porém, a intuição recente é de que existe uma oscilação entre vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ], vogais médias pretônicas altas [e, o] e vogais altas [i, u] para a caracterização do falar caboclo.

Quanto ao aspecto semântico-lexical, houve a criação dos campos semânticos de *família* (parentesco, saúde e alimentação), *habitação* (estrutura, mobília e utensílios), *vida social* ou *ciclo de vida* (festas, folclore, lendas, crendices e superstições), *atividades de produção* (roça, juta e pesca), *meios de transporte* (transporte fluvial) e *terra* (fenômenos naturais e vegetação). Para a análise lexical, que resultou em 180 lexias simples (tupé), 242 lexias compostas (maseira), 176 lexias complexas (a roça nova) e 02 lexias textuais (vai almoçar que horas?), a autora seguiu o modelo proposto pela teoria de Pottier. Ademais, apresentou registrou algumas expressões típicas como: *olha já!*, *tibei!*, *disque!*, *paresque*. Côrrea (1980), dessa forma, difundiu o universo lexical do caboco amazonense (AZEVEDO, 2013).

O trabalho de Côrrea (1980) serviu de base para novas pesquisas da fala amazonense, e o primeiro estudo foi a elaboração do “Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM”, elaborado por Maria Luiza de Carvalho Cruz, em 2004, como tese de doutorado. Escrito na perspectiva da Geografia Linguística e da Sociolinguística Variacionista, esse projeto catalogou 107 cartas

fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais de falares dos nove municípios mais representativos das nove microrregiões do Estado do Amazonas, a saber: Barcelos (microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (microrregião do Jutai-Solimões-Juruá), Benjamim Constant (microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (microrregião do Jurá), Lábrea (microrregião do Purus), Humaitá (microrregião Médio Amazonas) e Parintins (microrregião do Baixo Amazonas). É a partir do ALAM que os estudos da descrição do falar amazônico se fortaleceram e, de modo semelhante à pesquisa de Côrrea (1980), os aspectos considerados foram o fonético-fonológico e o semântico-lexical.

Para a coleta de dados, a autora elaborou um questionário com 483 questões, divididas em questionário fonético-fonológico, com 156 questões, e questionário semântico-lexical, com 327. O conteúdo do questionário se baseou nos aspectos da agricultura e pesca, em atlas já publicados e em algumas questões do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. O ALAM é de grande importância para o conhecimento linguístico encontrado no Amazonas, uma vez que foi um dos primeiros trabalhos de pesquisas dialectológicas que auxiliaram no conhecimento linguístico da região. Mediante isso, no Quadro 2, descrevemos algumas investigações elaboradas sobre o léxico no contexto amazônico, que estão fundamentadas na Dialectologia e na Geolinguística, sob o ponto de vista dos atlas linguísticos.

Quadro 2 - Atlas dos falares Amazonenses.

(continua)

Atlas	Objetivo(s)	Pesquisador(es)
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM	Registrar as variantes a partir das respostas obtidas no questionário fonético-fonológico aplicado em Barreirinha, Boas Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará.	Brito (2011)
Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN	Registrar fenômenos fonéticos a partir de inquéritos realizados segundo os critérios do AFBAM nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos.	Justiniano (2012)

Atlas Morfossintático da Região do Madeira – AMSIMA	Realizar inquéritos em cinco municípios pertencentes à microrregião do rio Madeira, sendo eles: Borba, Novo Aripuanã, Manicoré, Apuí e Humaitá, com base no Questionário Morfossintático (QMS) do Atlas Linguístico do Brasil – AliB.	Tavares (2017)
Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM.	Verificar as particularidades linguísticas de seis municípios da mesorregião do Sul Amazonense (Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba) e de como os fatores linguísticos, históricos e sociais têm definido a fala desses grupos a partir de seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.	Maia (2018)
Atlas Morfossintático de parte da Microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES.	Registrar os fenômenos morfossintáticos do falar dos moradores de quatro municípios: Coari, Codajás, Manacapuru e Novo Airão.	Medeiros (2018)

Fonte: Adaptado de Sá (2021).

Segundo Souza (2019), um dos grandes questionamentos feitos acerca do contexto amazônico é: *Como escrever a história da Amazônia?* Na tentativa de responder a essa questão, o autor buscou relacionar a história e a geografia de tal modo que a “história mostra-se sempre como uma geografia retrospectiva, um registro das eras e um repositório de memórias humanas [...] porque cada momento da história é uma perfeita fusão do plural e do singular” (SOUZA, 2019, p. 25). Sobre esse aspecto, os atlas listados, no Quadro 2, explicitam a pluralidade de pesquisas feitas em diferentes mesorregiões¹⁶ e microrregiões¹⁷ do estado do Amazonas, devido a grande extensão territorial, o que nos leva a pensar em diversas Amazônia, portanto, diversos falares. Isso fica mais evidente nas Figuras 10 e 11 a seguir.

¹⁶ Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais que, por sua vez, são subdivididas em microrregiões. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa (Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEPLANCTI, 2016, p. 20).

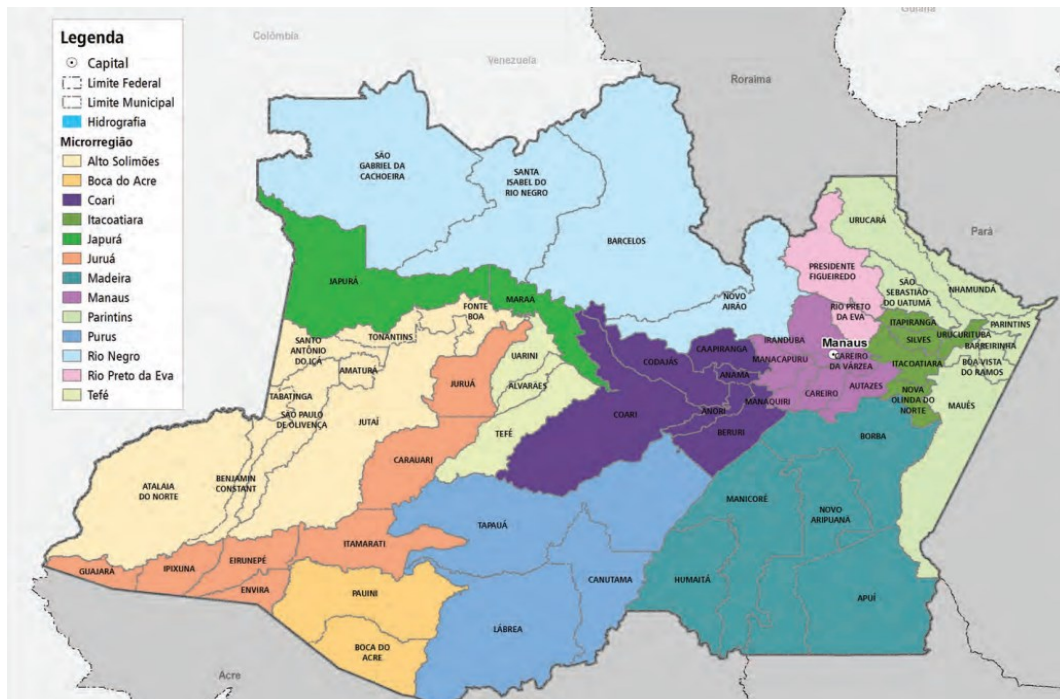
¹⁷ Microrregião é, de acordo com a Constituição Federal de 1988 (art. 25, §3º), um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. O Amazonas possui 13 microrregiões (Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEPLANCTI, 2016, p. 21).

Figura 10 - Mesorregiões.



Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEPLANCTI (2016, p. 20).

Figura 11 - Microrregiões.



Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEPLANCTI (2016, p. 20).

Optamos por ilustrar em mapas as mesorregiões e as microrregiões, a fim de facilitar a dimensão dos estudos dos falares realizados no contexto amazônico, tendo em vista que a Amazônia contém não só uma riqueza material, mas também histórica, cultural e geográfica. Por tais razões, é apropriado visualizar a realidade e falar sobre ela, porque, com os estudos da Dialetoлогия, da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionais, criaram-se caminhos para o registro da fala, por intermédio dos atlas apresentados em distintas localidades do estado do Amazonas. Sabemos que o foco principal desta pesquisa não é verificar tais questões, mas foi, e ainda é, a base inicial para a ampliação de outras pesquisas com ênfase na língua, em especial, os falares do Amazonas.

Além dos aspectos fonéticos-fonológicos enfatizados nas pesquisas citadas, há também o aspecto semântico-lexical observado em Maia (2018), em que o pesquisador criou 285 cartas linguísticas de cunho lexical. Para essa análise, as variações abrangem as áreas semânticas: *meio físico*, *meio biótico* e *meio antrópico* e, em suas respectivas subáreas, considerou as influências geográficas, históricas, socioeconômicas e culturais da mesorregião. O autor também comparou o léxico descrito no ALSAM e no ALAM, para demonstrar que se complementam. Os resultados também indicam outras variantes não registradas e as diferenças existentes entre os atlas, sobretudo, com relação à predominância das variantes em alguns campos semânticos. Dessa forma, o autor confirmou a influência indígena e nordestina no âmbito lexical.

Outra pesquisa a ser mencionada intitula-se *Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico*, de Batista (2019), que mapeou o fenômeno da variação linguística, com base no aspecto lexical. Nos municípios de Itacoatiara e Silves, o pesquisador aplicou o Questionário Semântico-lexical (QSL), com 100 perguntas, distribuídas em 10 campos semânticos. Como resultado, o estudo assinala o uso categórico, nos dois municípios, de algumas variantes, e da substituição de variantes regionais por outras inovadoras. Muitas variantes permaneceram as mesmas, independente do tempo, por exemplo, “lamparina”, “canoa” e “jirau”. Outras foram registradas pela primeira vez, a título de exemplo, “machucada” e “gay”, e algumas estão em condição de coocorrência, à guisa de exemplo, “penico”, mais falado em Silves, e “bacio”, mais utilizado em Itacoatiara. O autor chegou a essa conclusão ao comparar as pesquisas realizadas por Corrêa (1980), Cruz (2004), Azevedo (2013) e Maia (2018).

Em *O léxico amazônico nos manuscritos de Nicodemos Sena: O início de um projeto literário*, de Ortiz (2018), tem-se a análise do léxico amazônico registrado na Caderneta de anotações do escritor Nicodemos Sena. Continua, nesse material, o léxico recolhido durante as

viagens pelo rio Maró, no estado do Pará, que originou o livro *A espera do nunca mais – uma saga amazônica*, em 1999. No estudo de Ortiz (2018), a teoria dos campos lexicais foi empregada para dividir o léxico em temáticas, com o objetivo de analisar os campos semânticos utilizados pelos caboclos na década de 1990. Os resultados demonstram que o léxico amazônico mantém uma relação cultural entre homem e natureza, dados suficientes para a escrita do romance. Da obra, destacamos os exemplos: *cipó-titica*, fino, mas resistente; *cipó-de-ambé*, usado em paneiro; *paneiro*, cesto feito de cipó-de-ambé; e *cipó-tinga*, o titica mais grosso, partido em várias tiras, que serve para uso em geral. Assim, Nicodemos registrou as palavras e seus possíveis significados, ao avaliar as particularidades e as peculiaridades da linguagem cabocla e a relação do homem amazônico com a natureza.

A pesquisa *um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos no estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística*, de Gonçalves (2015), teve o objetivo de examinar o léxico falado por migrantes, provenientes do interior do estado do Amazonas, mais precisamente, Tefé, Itacoatiara e Manacapuru. Os participantes da pesquisa residiam em Manaus há 5 anos, de modo a comparar os campos semânticos-lexicais dos registros obtidos no ALAM e no livro *Amazonês*, de Souza (2011). Por consequência, o pesquisador identificou se havia alguma mudança na identidade linguística dos migrantes interioranos do estado do Amazonas e também analisou o processo de homogeneização ou não da cultura cabocla. Constatou-se com a pesquisa lexical que 59% dos migrantes que passaram a residir em Manaus alteraram o seu modo de falar e cerca de 40% dos migrantes assimilaram o léxico da capital do Amazonas.

Consultamos também a dissertação intitulada *Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo Dialetológico Volume II*, de Barbosa (2013), que descreve a linguagem utilizada em três comunidades do município de Barreirinha (Região do Matupiri), e em três grupos que se autorreconheceram quilombolas. Duzentos e setenta e duas cartas linguísticas semântico-lexicais e algumas considerações etimológicas sobre o léxico resultam desse estudo. O léxico dessas comunidades apresentou marcas de africanidade e de indigenismo, razão pela qual cada lexia narra uma história, testemunha uma cultura, contribuindo para a construção de uma identidade linguística. Dessa pesquisa, citamos as lexias *goronga*¹⁸, *caçula*, *banguela* (marcas da africanidade); *mutirão*, *mandioca*, *mingau* (marcas do indigenismo).

¹⁸ Para denominar o pomo-de-adão, ou gogó, ou garganta (BARBOSA, 2013).

O estudo de Azevedo (2013), intitulado *Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)*, também considerou os princípios da Dialectologia e abordou as realizações fonéticas das vogais pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Baixo Amazonas/PA. Em relação à variação lexical, o autor verificou a inexistência da variação expressiva dos vocábulos nas duas regiões estudadas, por exemplo, os instrumentos de pesca característicos do Médio Solimões são *poita*¹⁹ e *curumim*²⁰, enquanto que, no Baixo Amazonas, é *mexeriqueiro*²¹.

O estudo mais recente é o de Vasconcelos (2021), intitulado *A Geolinguística do falar Içaense: os (des)caminhos de sua identidade*, que verificou a variação semântico-lexical de Santo Antônio do Içá e Manaus. A pesquisa também se fundamenta nos pressupostos da Geografia Linguística e da Sociolinguística Variacionista e levou em conta os campos semânticos (1) meio físico, (2) meio biótico e (3) meio antrópico. Com base nesses campos, a autora constatou que o léxico dos icaenses, residentes há mais de 20 anos em Manaus, difere do léxico dos que vivem em Santo Antônio do Içá, pois, este último, recebe influência das línguas indígenas e espanhola. Por exemplo, na questão QSL -182 “*Como se chama aquele estrada, construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para se guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar de peixe, etc.?*” Foram identificadas as variantes *jirau*, *lavatório*, *lavador* e *assoalho*, o que totaliza 59% de origem do tupi, 33% do latim e 8% de outras origens.

Considerando os estudos do léxico no contexto amazonense, percebemos que a maioria se desenvolveu com base nos pressupostos da Dialectologia, Geografia Linguística/ Geolinguística e Sociolinguística Variacionista, com enfoque nos aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais de cada comunidade estudada. São pesquisas relevantes, porque se assentaram em aspectos linguísticos (fenômenos variáveis) e extralinguísticos (fatores sociais e culturais, faixa etária), para a identificação e compreensão da língua falada no estado do Amazonas. As cartas linguísticas semântico-lexicais, produzidas pelas diferentes investigações no Amazonas, exibem o acervo e o registro do léxico falado nas comunidades,

¹⁹ Corda grossa e longa composta por vários anzóis, lançada no meio do rio Solimões para fisgar peixes lisos (AZEVEDO, 2013, p. 596).

²⁰ Anzol fixado em uma linha, geralmente posto no igapó para pegar pirarucu ou tambaqui (AZEVEDO, 2013, p. 596).

²¹ Anzol fixado em uma linha, presa a uma vara fina e comprida, destinado a pegar peixes de pequeno porte como jaraqui, jatuarana (AZEVEDO, 2013, p. 596).

com o intento de evidenciar como a cultura e a visão de mundo particular de cada localidade podem ser conhecidas e refletidas por meio da língua.

Dessa forma, a presente pesquisa também toma por base os trabalhos de Côrrea (1980) e Cruz (2004) que, apesar de não se relacionar diretamente com os estudos da Dialetologia e da Geografia Linguística/Geolinguística, em determinados pontos também se entrelaçam. A comunidade do PA São Francisco é uma área de Projeto de Assentamento de Reforma Agrária que tem um processo histórico específico de fundação, conforme o Plano Nacional de Reforma Agrária. No local, verificamos, como o léxico é um sistema aberto e como ele apresenta particularidades e formas de estruturação, de acordo com a comunidade estudada. Assim, as infinitas formas de significação contribuem para o entendimento de que “o universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 139). Logo, a pesquisa no Projeto de Assentamento São Francisco possibilitou uma nova percepção do estudo do léxico, tendo em vista que a base das investigações foram os estudos lexicais e a relação entre língua e cultura, segundo os princípios da Antropologia Linguística, Lexicologia e Lexicografia.

CAPÍTULO II - O PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra
qualquer...*

Fernando Pessoa

Neste capítulo, relatamos o processo de formação do Projeto de Assentamento São Francisco, a organização sociocultural e a percepção dos assentados. Descrever os pontos de vista dos documentos oficiais e as concepções dos assentados em relação ao processo de criação do projeto de assentamento é imprescindível, além de pontuar as diversas experiências sociais e culturais que se cruzam dentro dessa comunidade. Para isso, precisamos conhecer o processo de formação e o âmbito sociocultural do PA São Francisco, por meio de um panorama geral do contexto da comunidade pesquisada e dos assentados. Temos a intenção de mostrar como esses sujeitos-agentes tornaram-se atores sociais em meio a luta por um lugar onde possam viver, com dignidade e valorização do espaço sociocultural e histórico. Com esse propósito, consultamos os documentos oficiais e os autores que discutem o processo de criação e implantação de projetos de assentamento de reforma agrária e, posteriormente, colhemos as narrativas dos assentados, que se fixaram nesse espaço.

2.1 O contexto histórico da criação e implantação de assentamentos no sul do Amazonas

Para compreender o contexto histórico do PA São Francisco foi necessário entender, em primeiro lugar, o que são assentamentos de reforma agrária e, em seguida, o fluxo migratório ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970, no estado do Amazonas. Após tomar conhecimento desses fatores, interpretamos os aspectos socioculturais, visto que a cultura e a língua, nesta pesquisa, não são estudadas de forma separada, mas, sim, de forma conjunta. Além da língua e da cultura, para análise, consideramos os falantes, o projeto de assentamento e o desenvolvimento social e histórico.

O termo “assentamento”, segundo Bergamasco e Norder (2001), no contexto brasileiro, começou a ser utilizado a partir da década de 1950. Esse conceito foi criado com base em políticas públicas que visavam uma nova forma de organização do uso da terra, além do beneficiamento de trabalhadores rurais que possuíssem pouca terra ou àqueles que necessitassem desse bem. Para Medeiros e Leite (2004), “assentamento” implica diferentes

tipos de beneficiários diretos que mantêm uma longa história de permanência no campo, por exemplo, filhos de produtores familiares que optaram pelos acampamentos e ocupações. Estes, por sua vez, têm o intuito de se tornarem produtores autônomos; assalariados rurais e aposentados, que viram no acesso à terra a possibilidade de um complemento de renda.

Do ponto de vista de organização e mobilização para a criação de assentamentos para esse público, no Brasil, houve vários movimentos de luta pela terra, criação de órgãos pelo Governo e oportunidades políticas. Penna e Rosa (2015) afirmam que parte dos assentamentos criados são resultados de um longo processo de organização dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e das Ligas Camponesas, que aceitaram participar dos processos políticos locais, para reivindicarem os direitos e, assim, poderem acessar à terra.

Além dos trabalhadores que lutavam pela terra, somaram-se a esse objetivo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão vinculado ao Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), as organizações não governamentais e as prefeituras, com o intento de prestar apoio e assessoria aos assentados. No entanto, conforme Medeiros e Leite (2004), a intervenção ocorreu de modo pontual, a fim de resolver situações de conflito e gravidade e/ou visibilidade dos interesses envolvidos. Os assentamentos, nesse cenário, tornam-se uma espécie de laboratório para observação de múltiplas experiências (*ibid, ibidem*).

Outra parte dos assentamentos surgiu a partir de ações de determinados governos, como, por exemplo, o de Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), que estipulou metas de assentar 280 mil famílias de 1995 a 1998, o que resultou em aproximadamente 140 mil famílias assentadas. Conforme Ferreira e Silveira (2003), apesar do número significativo de famílias assentadas, não foram considerados os assentados, já residentes em projetos antigos, e as famílias, regularizadas.

A criação de assentamento é uma maneira de facilitar o crescimento significativo do Estado ou do Município, seja sob o aspecto social, seja sob o aspecto econômico. Com a consolidação desses projetos, a população cresce e, em alguns casos, ocorre a ampliação do mercado de trabalho e consumo, o que gera o aumento da arrecadação de impostos (SANTOS; KRAJEVSKI, 2018). Entretanto, salvo exceções, grande parte dos assentamentos existentes, até o momento, surgiram, de forma desordenada e, sem preocupação com o bem-estar desses assentados, predominando o interesse político e econômico.

Segundo Benedetti (2004), o assentamento deve representar um novo momento na vida das famílias, e não uma trajetória interminável de luta pela terra, tendo em vista as condições de infraestruturas precárias e a impossibilidade de permanência no projeto. A fim de atender a

essa demanda, o INCRA²² tem o objetivo de “implementar a política de reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional, contribuindo para o desenvolvimento rural sustentável”²³ e, por consequência, gerar transformação no meio rural.

Conforme a Instrução Normativa nº. 93, de 17 de dezembro de 2018, um projeto de assentamento é uma “unidade territorial criada ou reconhecida pelo INCRA destinada ao Assentamento de famílias de agricultores ou trabalhadores rurais”, e a família assentada é a “unidade familiar homologada na relação de beneficiários do Projeto de Assentamento, criado ou reconhecido pelo INCRA, que tenha o Contrato de Concessão de Uso ou documento equivalente”. Em vista disso, o órgão abre editais de seleção de famílias e estipula critérios específicos, conforme cada modalidade de Projeto de Reforma Agrária apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 - Tipos de Projeto de Reforma Agrária.

(Continua)

ORD	TIPO	SIGLA
1.	Assentamento Federal	PA
2.	Assentamento Agroextrativista Federal	PAE
3.	Assentamento Estadual	PE
4.	Assentamento Municipal	PAM
5.	Programa Cédula da Terra	PCT
6.	Assentamento Estadual sem Convênio	PE
7.	Assentamento Casulo	PCA
8.	Colonização	PAP
9.	Assentamento Dirigido	PAD
10.	Assentamento Rápido	PAR
11.	Especial de Assentamento	PEA
12.	Colonização Oficial	PC
13.	Especial de Colonização	PEC

²² O INCRA foi criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970.

²³ Disponível em: <http://www.incra.gov.br/node/14454>

14.	Integrado de Colonização	PIC
15.	Assentamento Conjunto	PAC
16.	Área de Regularização Fundiária	PF
17.	Assentamento Quilombola	PAQ
18.	Projeto de Desenvolvimento Sustentável	PDS
19.	Reserva Extrativista	RESEX
20.	Território Remanescente de Quilombos	TRQ
21.	Assentamento Florestal	PAF
22.	Floresta Nacional	FLONA
23.	Reserva de Desenvolvimento Sustentável	RDS
24.	Reassentamento de Barragem	PRB
25.	Reconhecimento de Assentamento Fundo de Pasto	PFP
26.	Terra Indígena	TI
27.	Reconhecimento de Projeto Público de Irrigação	PPI
28.	Assentamento Agroindustrial	PAG
29.	Floresta Estadual	FLOE

Fonte: SIPRA (2021).

Observamos, no Quadro 3, a existência de vinte e nove tipos de Projetos de Reforma Agrária, e onze modalidades podem ser encontradas no estado do Amazonas, quais sejam: PA, PAE, PAM, PCA, PIC, PDS, RESEX, PAF, FLONA, RDS, FLOE. Cada assentamento dispõe de uma característica específica de criação, com o fim de atender às demandas da localidade, a saber:

- 1) o PA é uma regularização individual que foi bastante utilizado no período de colonização pelas estradas na Amazônia;
- 2) o PAE é direcionado às comunidades tradicionais, isto é, extrativistas e ribeirinhos que já moram em uma área e que fazem uso da floresta para o seu sustento;
- 3) o PAM é de responsabilidade dos municípios acerca de recursos de crédito e infraestrutura e o INCRA o reconhece e viabiliza o acesso aos direitos do Programa de Reforma Agrária;
- 4) o PCA pode ser de responsabilidade do município ou da União e se diferencia pela proximidade à centros urbanos e atividades agrícolas intensivas;
- 5) o PIC era voltado para atender famílias com baixa renda, que não possuíam terra;
- 6) o PDS é parecido com o PAE, com a única diferença de que os moradores podem residir há poucas gerações na terra e não precisam ser extrativistas;
- 7) a RESEX surgiu a partir da luta das famílias seringueiras e extrativistas com o intuito de defenderem as suas florestas quanto aos conflitos com fazendeiros e madeireiros;
- 8) o PAF também é parecido com o PAE, com a diferença no uso da madeira, ou seja, a principal atividade é madeireira;
- 9) a FLONA depende dos órgãos ambientais federal e a obtenção de terras não é realizada pelo INCRA, sendo uma modalidade coletiva que deve incluir toda a área que as famílias residem e utilizam para o trabalho sem delimitar o tamanho por família. A FLONA é criada em terras da União e os proprietários particulares que se

localizarem nessas áreas devem sair e podem ser indenizados pelo governo.

10) a RDS é uma unidade de conservação sustentável que reconhece os direitos das comunidades tradicionais que residem na terra através de um título de Concessão;

11) a FLOE é criada nas terras públicas do Estado e em áreas com muita floresta. Se houver proprietários particulares dentro dessa área, eles devem sair e podem ser indenizados pelo governo (CARVALHEIRO, 2013, p. 74-107).

Ao contextualizar os dados produzidos pelo Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária SIPRA (2021), as modalidades de Projeto de Assentamento Agroextrativista Federal (PAE), o Projeto de Assentamento Federal (PA), o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), a Reserva Extrativista (RESEX) e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), constatamos os assentamentos que mais se destacam no contexto Amazônico. Dos municípios do estado do Amazonas que contêm mais modalidades são: Canutama (PA, PAE, RESEX, FLONA e FLOE), Manicoré (PA, PAE, RESEX e RDS), Maués (PA, FLONA, RDS, FLOE), Borba (PA, PAE, PDS e RDS) e Humaitá (PAE, PDS, FLONA).

Discutir a realidade dos assentamentos rurais no Amazonas é contribuir para um olhar que deixa de ser somente para o estado, que possui a maior floresta do mundo, e passa para o registro da riqueza social, cultural e histórica, construída por meio de comunidades, criadas na mata amazônica. Os sujeitos desse contexto dependem da floresta, para produzirem e realizarem o uso sustentável dos recursos naturais oferecidos por ela. Posto isso, é necessário falar da luta em busca da regularização fundiária, com o fim de atender aos direitos dessas populações. Em conformidade com Medeiros e Leite (2004), a análise de uma região constrói-se, em funções de variáveis que configuram uma rede de relações, que têm não só uma delimitação, mas também uma construção social, resultante dos enfrentamentos históricos entre os diversos atores sociais e as diferentes modalidades de projetos de assentamento.

Ainda sobre o assentamento, é indispensável contextualizar o processo de fluxo migratório ocorrido na região amazônica, uma vez que os responsáveis pelo novo perfil populacional dessa região foram os migrantes. No final do século XVIII e no início do século XX, os processos históricos do ciclo da borracha, durante o Governo de Getúlio Vargas e do Golpe Militar de 1964, contribuíram, em partes, para a formação populacional e cultural da realidade amazônica (SOUZA, 2019). A dissertação de Moraes (2012), intitulada *Rumo à Amazônia, Terra da Fartura: Jean-Pierre Chablot e os cartazes concebidos para o serviço especial de mobilização de trabalhadores para a Amazônia*, abordou os cartazes produzidos durante esses governos, que tinham o propósito de evidenciar a Amazônia como uma alternativa de trabalho rentável para os imigrantes, conforme mostra a Figura 12.

Figura 12 - A vida de Esperança e Vitória na Amazônia.



Fonte: MORAES (2012, p. 301).

Os três cartazes ilustrados foram produzidos por Jean-Pierre Chabloz (1929-1940), Bacharel em Letras, músico e desenhista publicitário. Chegou ao Brasil em maio de 1940, e foi trabalhar no departamento de propaganda do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), órgão responsável por mobilizar e selecionar a mão de obra, principalmente de nordestinos, para a Amazônia. A análise realizada por Moraes (2012) indicou a particularidade da presença da letra “v”, por meio dos feixes de luz, causados pelo corte da seringueira. Somadas a essa particularidade, têm-se os braços estendidos dos nordestinos no comboio e a mulher estendendo roupa no varal, figuras que, segundo a autora, remetem à ideia de vitória e conotações positivas de sopro de esperança de uma vida familiar tranquila em terras amazônicas.

Em decorrência do processo migratório, a Amazônia sofreu grandes transformações, principalmente pela mudança do perfil populacional, provocado pelos inúmeros migrantes que chegaram ao local, atraídos pela riqueza da borracha. Todavia, com a queda dos preços da borracha (1910), devido ao declínio dos preços internacionais decorrente da produção asiática, que se tornou concorrente da produção amazônica (OLIVEIRA; TRINDADE; MACHADO, 2012), outra transformação ocorreu, houve a redução populacional e a Amazônia ficou abandonada. Dessa forma,

A conjugação de períodos de seca e depressão econômica levou o Nordeste brasileiro, especialmente o estado do Ceará, a participar com o maior número de imigrantes, que a partir de 1877 foram chegando em levas desordenadas, para a seguir se transformar numa rotina perversa resultando num quadro terrível de exploração humana. Milhares

de lavradores pobres, iludidos por contratadores, trocaram suas terras áridas pelas selvas do alto Purus, Madeira e Acre, vivendo sob o domínio do sistema de aviamento. [...] De qualquer forma, mostraram sua tenacidade e capacidade de sobreviver, se mesclaram com as populações tradicionais e enriqueceram a cultura regional, interpretando o grande vale através de seu colorido folclore, da música, da culinária e da literatura de cordel (SOUZA, 2019, p. 258-259).

No entanto, a realidade de vivência na Amazônia, de forma próspera e tranquila, se transformou em um verdadeiro *Inferno Verde*²⁴. Em 1940, Getúlio Vargas visitou a região e pronunciou “A Amazônia abandonada era a terra do futuro, o Vale da Promissão na vida do Brasil de Amanhã” (SOUZA, 2019, p. 292). Nessa fase, desencadearam-se os interesses de retomada da produção da borracha durante a II Guerra Mundial (OLIVEIRA; TRINDADE; MACHADO, 2012). Porém, houve, em meados de 1941, outro processo de migração para a região, iniciando, assim, o segundo Ciclo da Borracha, que não foi diferente do primeiro ciclo.

A partir do Golpe Militar (1964-1984), houve a intensificação de incentivo à migração na Amazônia, com o discurso “Integrar para não entregar”, cujo lema era “proteger a floresta”. Nesse período, iniciou-se a construção de rodovias, tanto que, em 1966, criou-se a “Operação Amazônica”, com o objetivo de reformular e transformar a economia da região (NOGUEIRA, 2018). Com a política agrária como garantia do controle populacional, as obras da construção da rodovia Transamazônica foram iniciadas e, com ela, também o Plano de Colonização foi elaborado, para incentivar os agricultores a ocuparem a região. Dessa forma, “este conjunto de ações [...] cria sujeitos sociais que passam a ser beneficiários de políticas governamentais e parte de um novo ordenamento territorial, os assentados rurais” (NOGUEIRA, 2018, p. 46).

Para Ianni (1979), com a decisão de construção de rodovias, iniciaram-se os projetos de colonização em terras virgens na Amazônia, a fim de aliviar as tensões sociais do Nordeste, pois a terra e a produção no campo haviam gerado problemas de desemprego e superexploração de camponeses na agricultura. A saída encontrada pelo governo General Médici, para não alterar a estrutura fundiária nordestina, foi promover a política de colonização dirigida nas terras amazônicas.

Nesse período, o fluxo migratório intenso para a região amazônica cooperou para a ocupação desse espaço e para a construção de rodovias, com o intento principal de ligar o Nordeste à Amazônia. Segundo Velho (1981), foi feito um anúncio pela ²⁵Presidência da República e a edição de um Decreto-Lei nº 1.106, em 16 de junho de 1970, para o Programa de

²⁴ Título da obra literária que apresenta o olhar exagerado sobre a natureza amazônica, escrita por Alberto Rangel e publicada em 1908, na cidade de Gênova.

²⁵ Presidente da República Emílio Garrastazu Médici.

Interação Nacional (PIN), que disponibilizou o recurso financeiro para a construção das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém. Reservaram essas rodovias para a colonização e a reforma agrária, com a orientação de que a faixa de terra, até dez quilômetros, tanto à esquerda quanto à direita das novas rodovias, poderiam ser ocupadas e exploradas economicamente. Desse modo, iniciou-se o novo processo de colonização do “vazio demográfico” e da exploração dos recursos disponíveis na região amazônica (VELHO, 1981), de acordo com a Figura 13.

Figura 13 - Placa de indicação do início da construção da Transamazônica e trechos da rodovia Transamazônica, BR-230.



Fonte: Folha de São Paulo.

Entretanto, com esse novo projeto de migração, aumentaram os problemas sociais e o desenvolvimento de uma política de colonização, com o objetivo de “distribuir alguma terra para não distribuir as terras” (IANNI, 1979, p. 65). Para este mesmo autor, o processo migratório começou desde os meados de 1950 e 1960, pois o

Governo colocou à disposição de latifundiários e fazendeiros estímulos e favores fiscais e creditícios, políticos e econômicos, para a formação e o crescimento de latifúndios, fazendas, ou empresas agropecuárias, de extrativismo e mineração. Foi assim que se intensificou a migração de trabalhadores, empreiteiros, gerentes, técnicos, latifundiários, fazendeiros e empresários para diferentes áreas da Amazônia. [...] Os próprios empresários, fazendeiros e latifundiários, diretamente ou por intermédio de empreiteiros de mão-de-obra (os gatos) trataram de atrair, ou buscar, trabalhadores disponíveis, perto ou distantes (IANNI, 1979, p. 12).

O processo de ocupação da Amazônia ocorreu de forma densa e sem controle, mas os migrantes pouco a pouco começaram a procurar terra para construir casas, fazer roça e criar animais, com o objetivo de instituírem uma nova vida. Sanches (1977) afirma que o homem recém-chegado à região amazônica procurou um pedaço de chão para plantar e viver, mas, não tinham conhecimento da realidade, ao se aventurarem em busca das “terras de graça”, dadas pelo governo, de que ouviram falar. Além disso, os mais “afortunados”, que adquiriram um lote do INCRA, precisavam pagá-lo, quando as terras começassem a produzir.

Conforme Becker e Stenner (2008), as iniciativas governamentais para a solução dos problemas das populações em áreas de assentamentos não têm alcançado resultados positivos, pois os assentados estão localizados em meio à floresta, sem acessibilidade a mercados, e sem técnicas adequadas para a produção e cultivo de culturas. Muitas famílias assentadas, por tais motivos, respondem a essas condições, abandonando os lotes, vendendo-os, ou deslocando-se para outros lugares. Então, na tentativa de ir além da ocupação de áreas e “distribuição de terra”, o Governo Federal e o INCRA passaram a se preocupar com a função social.

A função social está prevista no Art. 186 da Constituição Federal de 1988 e, para que essa medida se efetive, os Projetos de Assentamentos Federais (PA) cumprirão, por exemplo, os critérios da “[...] utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente [...]; exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e trabalhadores.” Portanto, os projetos deverão se integrar a ações de natureza interdisciplinar e pública, que visem ao desenvolvimento territorial regional, levando em conta os espaços físicos e os recursos naturais existentes no local.

Além disso, tem por finalidade cumprir com a função social da terra, ao promover a economia e a questão social e cultural do trabalhador e de toda a sua família (Art.2º, inciso XXI, da Instrução Normativa INCRA n.º 65, de 27 de dezembro de 2010). Essa afirmação é retratada também no II Plano Nacional de Reforma Agrária – PNRA (2003), em que a forma de implantação de assentamentos deve seguir ações que promovam possibilidades de homens e mulheres produzirem e terem uma renda, a fim de acessarem à saúde, à educação, à energia, ao saneamento e à assistência técnica.

Para que o processo de função social nos assentamentos aconteça, Carvalheiro (2013) afirma que as famílias devem se organizar em associações, e o INCRA deve ser o órgão responsável por estabelecer as normas de uso das terras e dos recursos naturais. Mas, a modalidade de PA tende a ter o maior índice de desmatamento e se destacar pela individualidade das famílias, o que dificulta a organização da comunidade, ao gerar o alto risco das vendas de lotes e, posterior transformação da comunidade em grandes fazendas. Cada

família, segundo o INCRA, recebe um lote de até 100 hectares²⁶ e assinam um Contrato de Concessão de Uso (CCU). Após 10 anos, se as condições do contrato estiverem sido cumpridas, as famílias receberão o Título de Domínio Individual, isto é, o Título Definitivo da Terra (CARVALHEIRO, 2013).

No percurso atual, exige-se o desafio de cumprir a função social da terra, as delimitações econômicas, sociais e políticas de diferentes órgãos e instituições que são responsáveis pelas áreas de assentamento. Falar sobre essas dimensões é perceber os distintos modos de desenvolvimento de um espaço próprio que carrega a necessidade de considerar as condições passadas e atuais dos sujeitos assentados. É relevante resgatar, portanto, os diferentes aspectos do fluxo migratório para a região amazônica, a trajetória de criação e a implantação de assentamentos de reforma agrária. Também vale resgatar a origem e a realidade dos assentados, considerando as diferentes modalidades de projeto de reforma agrária e as motivações que os fizeram chegar até aos projetos de assentamento²⁷.

2.1.1 O Projeto de Assentamento São Francisco

O PA São Francisco localiza-se no município de Canutama, no sul do estado do Amazonas. Segundo os dados do IBGE (2021), Canutama tem população estimada de 15.981 e pertence a mesorregião Sul Amazonense²⁸, microrregião do Purus, que faz limites com Humaitá, Lábrea, Tapauá, Pauini, Boca do Acre e Porto Velho. De acordo com a Figura 14, a localização da área de estudo fica a 190 km do município de Canutama e 56 km de Porto Velho, capital de Rondônia, e dispõe da principal forma de acesso à BR-319²⁹.

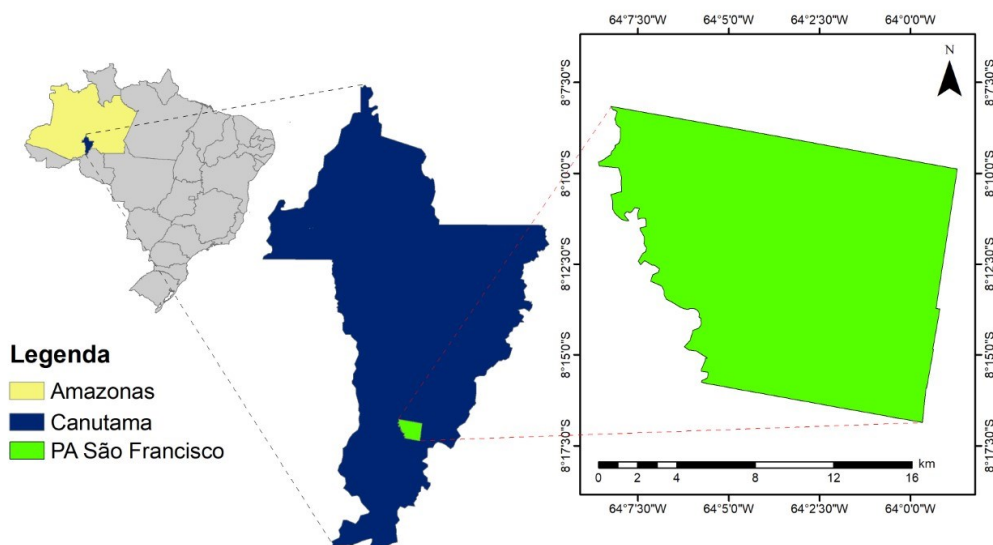
²⁶ É uma unidade de área que é usada por muitas organizações. Cada hectare mede 10.000 metros quadrados, que pode ser 100 metros de frente por 100 metros de fundo, ou outra medida que tenha essa mesma área (CARVALHEIRO, 2013, p. 132).

²⁷ Há 29 tipos de projeto de reforma agrária, segundo a relação de Beneficiários do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

²⁸ É composta pelos municípios de Canutama, Lábrea, Boca do Acre, Apuí, Manicoré, Novo Aripuanã, Humaitá, Borba, Pauini e Tapauá.

²⁹ A BR-319 liga Manaus (Amazonas) a Porto Velho (Rondônia) e foi inaugurada em 27 de março de 1976. É, denominada também Rodovia Álvaro Maia, pela Lei nº 6.336, de 4 de junho de 1976.

Figura 14 – Mapa de localização do PA São Francisco.



Fonte: Elaborada por NASCIMENTO, Isis Ribeiro do. **Mapa de localização do PA São Francisco.** Sistema de Coordenadas Geográficas Datum WGS, 1984. Autoral desta pesquisa, 2020.

Apesar de o PA São Francisco fazer parte do município de Canutama, o INCRA não existe nesta cidade. Por causa disso, o INCRA de Humaitá/AM, distante cerca de 140 km do assentamento, foi e ainda permanece como o principal responsável pela regularização fundiária e desapropriação de terras públicas na localidade pesquisada.

Ressaltamos que, antes da implantação desse projeto de assentamento, já havia mobilizações coletivas dos agricultores/extrativistas, residentes no local antes do órgão realizar o processo de regularização do assentamento. Em 1989, os agricultores/extrativistas fundaram a primeira associação de moradores da comunidade São Francisco, a saber, a Associação dos Produtores Rurais Unidos do Colombo – APRUC, e a primeira pessoa a ocupar o cargo de presidente foi o senhor Francisco Fernando Rodrigues Rocha. Conforme Nogueira (2018), o objetivo era alcançar, junto à prefeitura de Humaitá/AM, a posse de suas terras e a abertura de estradas, processo inicial relevante para dar andamento à luta dos sujeitos e à busca por melhorias na área de assentamento.

A partir de 1992, foram enviados vários ofícios pela prefeitura de Humaitá ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, com o intuito de adquirir recursos financeiros para a limpeza da área, terraplanagem e construções de pontes nas vicinais, com o objetivo de atender, aproximadamente, 125 famílias, residentes na comunidade. A Diretoria de Assentamentos do INCRA considerou a demanda, mas, uma vez que a área ainda não pertencia a nenhum projeto de assentamento, foi necessário criar um na localidade. Feito isso, a população pôde ter acesso

não só às vicinais, mas também aos benefícios direcionados às áreas de assentamento (NOGUEIRA, 2018).

O Conselho de Diretores do INCRA, criado pelo Decreto-Lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970, alterado pela Lei nº 7.231, de 23 de outubro de 1984, restabelecido pelo Decreto Legislativo nº 02, de 29 de março de 1989, tendo em vista a decisão adotada na 401ª Reunião, resolveu criar o projeto de assentamento, sob a Resolução nº 19, de 29 de abril de 1993, na qual consta:

I- Aprovar a proposta de destinação, para assentamento de agricultores, no imóvel rural denominado Gleba C – 1 arrecadado e matriculado em nome da União sob o número 301, Livro 2-A-1, CRI da Comarca de Canutama em 10/12/81 com área de 18.120 há (dezoito mil cento e vinte hectares), localizado no Município de Canutama, no Estado do Amazonas, que prevê a criação de 298 (duzentos e noventa e oito) unidades agrícolas familiares e implantação da infra-estrutura física necessária ao desenvolvimento da comunidade rural, de conformidade com o Plano Preliminar elaborado pela Superintendência Estadual do INCRA naquele Estado, e as recomendações da Diretoria de Assentamento, objeto do processo INCRA/SR-15/AM/Nº1101/92.

II- Criar, para efeitos da destinação ora aprovada, o Projeto de Assentamento São Francisco, a ser implantado e desenvolvido por aquela Superintendência Estadual, em articulação com a Diretoria do Assentamento.

Em 1994, os moradores foram notificados de que o projeto de assentamento havia sido aprovado e, após dois anos de sua criação, iniciaram-se as obras de aberturas das vicinais. O PA São Francisco compõe-se das linhas 1, 2, 3 e 4, sendo a Linha 1, por seu turno, a base para o surgimento das demais. Cumpre ressaltar que as linhas foram abertas pelos próprios moradores, a fim de ligar a rodovia ao rio Mucuim (NOGUEIRA, 2018).

Para se cadastrar, o interessado se dirigia ao INCRA, com a intenção de comunicar que estava morando na área, e tinha interesse em se inscrever e ser reconhecido como pertencente ao projeto. Até 1997, já haviam sido demarcados 298 lotes, e distribuídas 204 famílias, nas vicinais Colombo, Mucuim, Jaci e São Francisco. Também foram abertos dezoito quilômetros de estradas terraplanadas, mas ficaram faltando 68 quilômetros. Tal situação gera uma problemática, até hoje, tendo em vista que as linhas 1 e 4 não foram terraplanadas, o que afeta diretamente o acesso às linhas e às escolas, colaborando, dessa forma, para a evasão dos assentados (NOGUEIRA, 2018).

A habitação também se torna relevante, pois, de acordo com os dados do INCRA de Humaitá/AM, em 2004, houve o Acompanhamento da Operacionalização e Fiscalização da Aplicação do Crédito Apoio à Instalação e Aquisição de Material de Construção às famílias. O Crédito Instalação é a primeira etapa de financiamento garantida pelo INCRA às famílias residentes em áreas de assentamento.

Assim, o INCRA de Humaitá/AM liberou o valor do crédito em contas específicas do Banco do Brasil para algumas famílias que compraram os materiais de construção, para serem utilizados tanto na construção quanto na recuperação das casas. Entretanto, segundo o relatório elaborado em 2007, os créditos de habitação de 100% foram destinados à construção de 12 casas; e os créditos de 40%, à recuperação de 12 casas. Das duzentas e quatro famílias, apenas vinte e quatro foram contempladas. As Figuras 15 e 16 elucidam esse processo.

Figura 15 - Crédito habitação de 100% para construção.



Fonte: Acervo do INCRA de Humaitá/AM.

Figura 16 - Crédito habitação de 40% para recuperação.



Fonte: Acervo do INCRA de Humaitá/AM.

Ao refletirmos esse resultado, observamos que o INCRA, apesar de fornecer o crédito, não atendeu a todos, razão pela qual pressupõe-se condições de exclusão, sofridas pelas populações assentadas. Conforme o II PNRA (2005), os ministérios e os órgãos federais deverão garantir recursos orçamentários e financeiros, acesso a direitos básicos como,

habitação, educação, saúde, cultura, infraestrutura (estradas, energia, pontes, água, saneamento, comunicação) e segurança pública para as famílias residentes nos assentamentos.

Quanto à questão de infraestrutura do assentamento, no momento atual, o PA São Francisco tem três escolas municipais, quais sejam, a Escola Municipal Juscelino Gomes (Linha 1), a Escola Municipal Jacira Souza de Oliveira (Linha 2) e a Escola Municipal Jacy (Linha 3), todas em funcionamento. Conta também com um posto de saúde e com a Associação de Produtores Rurais de Guaraná, Acaí e Hortifrutigranjeiros de Canutama – APROGAH. Os assentados têm acesso à energia elétrica, por causa do Programa Luz Para Todos, desenvolvido pelo Governo Federal, acesso à internet (desde 2019) e ao fornecimento de água por poços e igarapés. O retrato dessa realidade permite, por um lado, o:

reconhecimento de que os assentamentos, como espaços de vida, inserem-se num constante reconstruir de suas condições, uma vez que as informações revelaram que a qualidade de margem nestas áreas pode ser identificada na ausência de serviços básicos como pavimentação, energia, educação, saúde, segurança, acesso a crédito e acesso a serviços de assistência técnica e extensão rural (NOGUEIRA, 2018, p. 28).

Por outro lado, ainda no processo histórico que envolve os processos de criação e implantação de assentamentos, principalmente no contexto amazônico, outro aspecto em destaque é a permanência dos sujeitos na área de assentamento. Em 2018, por exemplo, foi publicado o Edital de convocação para os trabalhadores rurais assentados, não mais residentes no PA São Francisco, que totaliza 113 famílias. Já em 2021, conforme o SIPRA, o projeto continha quatrocentos e sete famílias beneficiárias do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

Dessas famílias, apenas cinquenta e quatro possuem o Título de Domínio Individual, e vinte e oito assinaram o Contrato de Concessão de Uso, entre os anos de 2002 e 2013. Ressaltamos também que trezentos e vinte e cinco famílias ainda não regularizaram a situação, o que interfere na organização sociocultural, no trabalho, no acesso a benefícios sociais do governo do Estado e do governo federal. Sem a documentação, também existe a dificuldade de provar quem tem o direito de uso da terra. Além disso, no caso do PA São Francisco, o próprio INCRA de Humaitá afirmou não mais visitar o projeto, tanto que a última ocorreu há 6 anos (2017). Dessa forma, comprovamos a situação de abandono e descaso para com essas populações.

É importante considerar também o fluxo migratório e sua contribuição para o processo de ocupação do PA São Francisco a partir de 1995, pois, assim como ocorreu nas décadas de 60 e 70, muitos sujeitos oriundos da região amazônica e de outras regiões brasileiras também

acreditaram no sonho de uma vida melhor na Amazônia. Em vista disso, o PA São Francisco evidencia traços linguísticos e socioculturais que não são fechados em si, tendo em vista que os assentados, apesar de viverem dentro do projeto, podem ir com frequência a capital de Rondônia, Porto Velho e ao município de Humaitá, localizado no estado do Amazonas, por esse motivo apresenta uma forma de organização e vivência particular.

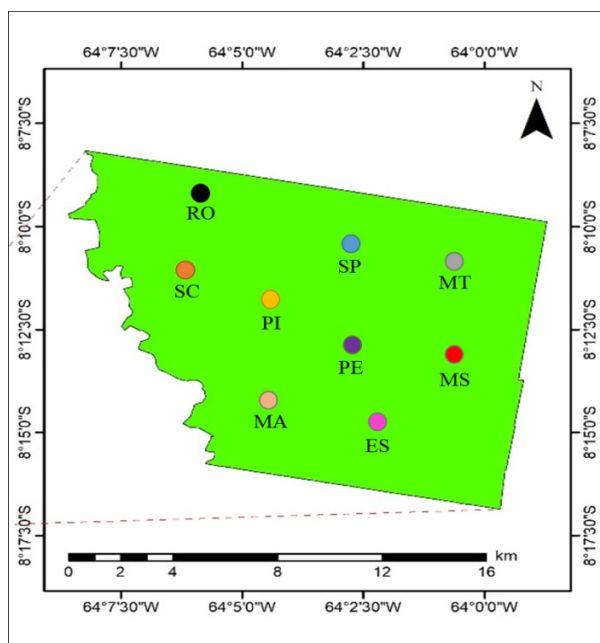
Mediante essas referências, para caracterizar o PA São Francisco, adotamos a noção de comunidade mosaica, por constituir-se de uma heterogeneidade linguística e sociocultural que motiva analisar a diversidade de uso da língua pelos falantes, que não deixam de carregar os traços de suas respectivas regiões de origem. Entendemos que essas relações possibilitaram a construção de uma identidade individual e coletiva dos assentados no projeto de assentamento.

O termo *mosaico*, segundo o dicionário Houaiss (versão on-line 1.43), significa: “5.1. Fig. Conjunto de elementos justapostos ou conglomerados.” Para caracterizar o PA São Francisco, empregamos o seguinte conjunto de elementos: a língua, os fatores socioculturais e o assentado. Juntos esses fatores constituem um conglomerado de características particulares, porque cada sujeito usa a língua, com base em suas origens, e transformaram a mudança do perfil populacional nessa localidade a partir do processo migratório para a região. Esses fatores distintos levam ao mesmo ponto ou destino, porque ao considerar o contexto histórico de ocupação da Amazônia, o mosaico construído também considera a realidade de luta, resistência e esperança para as condições de vida no assentamento.

Em outras palavras, o PA São Francisco compõe-se de falantes de uma mesma língua, ou seja, o português brasileiro, mas que se diferem nos aspectos linguísticos e socioculturais traçados pelo processo de imigração de sujeitos. Esses fatores, todavia, não são mantidos desintegrados dentro da comunidade, uma vez que é, em função desses distintos aspectos, que se constroem as conexões locais. Assim sendo, os assentados se encontram na realização de interpretações da realidade onde vivem, por meio dos significados socioculturais de uso da língua, empregados no ato comunicativo.

Pode-se dizer, portanto, que, enquanto os assentados apresentarem seus traços linguísticos e socioculturais de origem dentro do assentamento, é provável a manutenção desses valores como sendo, ao mesmo tempo, um símbolo de distinção e de identificação desses falantes, bem como de caracterização do PA São Francisco. Sendo assim, surge a necessidade da definição de uma comunidade mosaica, tendo em vista o assentamento compor-se de falantes, oriundos de vários estados brasileiros. Nesse cenário, a heterogeneidade linguística e sociocultural resulta em um conglomerado, isto é, as partes se unem para formar um todo.

Figura 17 - A constituição do PA São Francisco.



Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, o assentamento não é o ponto final da trajetória de migração desses assentados, mas é um caminho que trouxe à região sul amazense uma reorganização territorial, linguística e sociocultural, derivada do agrupamento das famílias nesse espaço regularizado pelo INCRA, às margens da BR-319 (NOGUEIRA, 2018).

Por isso, mais do que analisar os assentamentos rurais que privilegiam somente os aspectos físicos, ambientais e econômicos da região estudada, torna-se necessário resgatar as dimensões socioculturais, históricas, linguísticas e até políticas, que estão atreladas em cada contexto de investigação. Somente assim, será possível delinear os aspectos geral e específico das relações criadas dentro dos assentamentos, visto que as construções sociais empreendidas dentro do PA envolvem diversos atores sociais e diferentes perspectivas de enxergar a realidade. A língua é, pois, uma ferramenta que pode auxiliar na compreensão desse mundo.

2.2 O PA São Francisco sob o ponto de vista dos assentados de reforma agrária

Como descrito na seção anterior, a criação e a implantação do PA São Francisco ocorreu por meio da regularização fundiária em terras públicas, e o INCRA foi o principal órgão responsável por esse processo. Nesse contexto, é necessário também, pelo exposto, conhecer a

visão dos assentados, uma vez que o assentamento é visto apenas como um fragmento do todo que o envolve e de tudo que ele representa.

A fim de acessar as memórias e a percepção dos assentados sobre o PA São Francisco, alguns pontos norteadores foram selecionados, tais como: a criação do assentamento, acesso ao projeto, infraestrutura, condição de vida e crenças. No nosso entendimento, conhecê-los pode ser um modo de falar do passado e do presente, mediante a realidade a ser (re)construída por meio das experiências e interpretações de cada sujeito.

No caso desta pesquisa, a observação e o relato dos assentados, em relação ao processo de criação do assentamento, proporcionaram comparação entre os residentes mais antigos e os mais novos. Assim, quando perguntados sobre o processo de criação do assentamento, alguns moradores residentes há mais de 10 anos no assentamento responderam:

Oh o assentamento foi criado assim...era uma área que num tinha nenhuma benfetoria e o INCRA cortô...formô o projeto né de assentamento de reforma agrária e cortô os lote e colocô as pessoa...assentô as pessoa né? {Hurum}É...eu como já tinha um começo aí eles fizeram e me botaram no direito de posse que eu já tinha (Entrevista 10PM58).

Quando eu cheguei aqui... no caso desse sítio... o projeto era/tava em fase inicial de habitação. Então era muito difícil/era muito difícil o acesso né?(Entrevista 06SM67).

O primeiro assentado, residente há 24 anos no assentamento, afirma que o INCRA foi o responsável por dividir os lotes e assentar cada família no projeto. No caso, esse assentado já estava no local muito antes do órgão começar a regularização do projeto de assentamento e, por residir no lote durante esse processo, o direito de posse da terra foi repassado ao morador. O segundo assentado, residente há 16 anos, em oposição ao primeiro, relata as dificuldades apresentadas no assentamento quanto à moradia e ao acesso, na fase inicial de criação.

Chama a atenção o fato de alguns dos moradores mais antigos não recordarem o processo de criação e, por consequência, afirmam que o projeto já estava em andamento. Um exemplo é da moradora residente há 19 anos no assentamento, e o outro é do morador residente há 13 anos.

Eu num me lembro né? porque quando chegamo aqui já tava tudo bem adiantado né? (Entrevista 07JF62).

Vim. Quando chego já tava já em andamento (Entrevista 08JM64).

Os dois assentados demonstram desconhecimento sobre o processo de criação do assentamento, mesmo morando há mais de 10 anos na área, mas relatam as dificuldades encontradas durante os anos que passaram no assentamento, desde a chegada ao local. Tal

situação se compara aos residentes, com menos de 10 anos no projeto, qual seja, a primeira, com 5 anos, e o segundo, com 9 anos. Esses dois assentados desconhecem a origem do assentamento, pois, segundo eles, quando chegaram à área, o processo de criação já estava em andamento.

Eu num sei. Infelizmente eu num posso nem lhe dizê esse... porque quando eu entrei já tava tudo formadinho num tem? Em alguém... algumas pessoas falam que/que iam a pé carregava as coisa nas costa... na varedinha que cortava lá e varava lá perto daquela chácara que agora é do Banco Bradesco... se não me engano varavam lá... carregando macaxêra nas costa para vendê né? Então já se foi assim... já melhorou bastante né? (Entrevista 03LF41).

Não. Infelizmente não (Entrevista 05AM18).

De um lado, os relatos evidenciam que poucos assentados sabem a origem do processo de criação do PA São Francisco, mas, por outro, sabem descrever as principais dificuldades encontradas nessa área. Em outras palavras, o processo de criação do PA se relaciona às dificuldades de estrutura da estrada e também de uma tentativa de resgate da memória individual e da memória coletiva, a fim de buscar respostas para o processo de criação. Isso significa que os assentados, por vezes, têm conhecimento acerca do assentamento, porque ouviram falar, como se fosse uma história criada por uma pessoa e recriada para outras. O intento desse recurso é manter vivo os conhecimentos relacionados à origem do projeto. Portanto, é um aspecto importante a ser considerado pois, mesmo não havendo certeza quanto à origem do assentamento, há possibilidades de conhecer os pontos de vista dos assentados lá residentes.

Um assentamento de reforma agrária, tutelado pelo INCRA, deveria ser um espaço de produção de vida e de oportunidades para pessoas que são desprovidas desses meios. Porém, ao observar o contexto social dos assentados do PA São Francisco, por meio de relatos, observamos que a estrada é um dos problemas que mais afeta diretamente o assentado, pois ainda não é asfaltada e, durante o período do inverno amazônico, que corresponde aos meses de dezembro a maio, é mais difícil de se chegar ao assentamento. A Figura 18 mostra a BR-319 e, ao lado, saindo da rodovia, a estrada e a placa de identificação do PA São Francisco.

Figura 18 - Estrada que dá acesso ao PA São Francisco.



Fonte: Acervo pessoal.

Os relatos dos assentados denotam que, ao saírem da BR-19, ainda têm de percorrer 10 km em uma estrada de chão, para chegar ao projeto. Isso é uma realidade desde que chegaram ao assentamento, sendo que ainda não houve melhorias nesse sentido. Assim, o acesso ao PA São Francisco permanece difícil e com frequência é retratado na fala dos assentados, por exemplo:

Quando eu cheguei aqui... no caso desse sítio... o projeto era...tava em fase inicial de habitação. Então era muito difícil/era muito difícil o acesso né? A estrada num era tão ruim como tá agora né? mas já tinha uns obstaculozinhos e num tinha condução... meio/meio de transporte aqui. Eu... no meu caso... tinha que andá a pé esses dez quilômetro na BR pra ir/prá ir na cidade e era tudo muito ríscio assim e desinformado... um povo desinformado... um povo perdido... sem rumo a seguir né? (Entrevista 06SM67).

Horrível. Pra falá bem a verdade Deus me livre aqui era cruel. Era... num tinha energia... num tinha estrada agora é pra mim tá ruim né... mas tá doido naquele tempo era água demais nessa estrada (Entrevista 012JM50).

Percebemos que, no primeiro relato, o assentado afirma que as pessoas quando chegaram ao assentamento estavam desinformadas, perdidas, sem rumo. Esse comportamento gera alguns questionamentos sobre o que realmente esses conceitos significam, pois, desinformado, ou perdido, ou sem rumo significam falta de informação sobre o acesso ao PA? Ou sobre a vida? Ou sobre o que fazer e para onde ir? Ou foi o lugar final de uma vida sem rumo? Mesmo com tantos questionamentos, a certeza que se tem é de que os assentados optaram

por permanecer em meio às dificuldades para construírem o seu lar e a sobreviverem no projeto. O segundo relato registra que mesmo a estrada não tendo sido feita de forma rápida e ainda precisar de melhorias, as modificações ocorridas no assentamento amenizaram as dificuldades do início de criação do projeto, com referência à estrada e ao acesso ao PA São Francisco.

Com base nas narrativas, verificamos que os assentados não relatam, de forma clara, o processo de criação do assentamento pelos aspectos legais, mas ressaltam as dificuldades encontradas no assentamento. No entanto, são eles os que mais conhecem a realidade onde vivem, e são eles que lutam diariamente para se adaptarem às mudanças e criarem a sua própria forma de organização social. Dessa forma, compartilham histórias e vivências para falar sobre a realidade.

2.3 Organização sociocultural do PA São Francisco

Segundo o Relatório do INCRA (2019), há no PA São Francisco 410 registros de beneficiários, destes: 211 são famílias assentadas; 78 desistentes, 45 assentados com o título definitivo da terra³⁰; 72 eliminadas; 4 transferidas e 10 assentados falecidos. Como já mencionado, o assentamento é dividido nas linhas 1, 2, 3 e 4. Destas, as linhas 1 e 4 não dispõem de terraplanagem na estrada, nem de postes de luz, resultando, assim, na evasão ou transferência de uma vicinal à outra. De acordo com o relato dos moradores mais antigos do assentamento, a linha 1 serviu de base para a abertura das demais e a ligação ao rio Mucuíim.

O rio Mucuíim é importante para o projeto de assentamento, pois proporciona alimento e lazer para os assentados, conforme os relatos apresentados.

É o mucuíim lá... que agora é reserva. O pessoal tira...a maioria do pessoal por aqui tira bastante sustento de lá né com os pêsco lá pra comê né e tal. Tem gente que até que tira pra vendê né...mas eu acho errado... mas tem gente que faz isso. Aí ele é importante... eu acho porque quando a gente que passá um pôquinho lá ...um tempo né? lá tem umas prainha... uns negócio... aí eu gosto de ir pra lá. Minha mãe Vixi... a minha mãe é apaixonada pelo rio. Aí agora ela tá com probleminha de saúde e aí ela tá doída pa melhorá pra vim. Vamo lá que nós vamo pu rio pescá (Entrevista 13SF42).

Pra pescá...que vai travessando os lote e daí o rio Mucuíim né que é o rio importante. A gente pesca...pega muito pêsco ali. É muito bom de pêsco (Entrevista 12JM50).

Referente à educação, o PA São Francisco contém três escolas implantadas: duas oferecem o ensino fundamental; e a outra, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o

³⁰ É o mecanismo garantido através da Lei 8.629/1993, que transfere o imóvel rural ao assentado de forma definitiva, após o cumprimento das cláusulas do Contrato de Concessão de Uso (CCU).

relato, a seguir, a educação ofertada não é boa, tendo em vista a sobrecarga de trabalho para os professores atuantes na escola.

[...] a minha filha tá estudando o primêro ano tecnológico também. Só que ela não tá nem comigo né? tá na casa dela lá...mas as ôtra...eu já trabalhei uns dia lá na escola e num é muito bom não o ensino é porque... não é culpa das professora... muita vez... por causa que lá eles coloca as criança do primêro ao quarto... ao quinto não sei... tudo na mesma sala pra poderem estudá e deixam aquele monte de criança numa sala só. Agora com a pandemia não tá ninguém indo pra escola mas só que continua assim ainda um monte de/de série na mesma sala {na mesma sala} com a mesma professora. Aí fica pesado pa professora e fica difícil pa entendê os aluno né? (Entrevista 13SF42).

Outro relato que confirma a informação acima:

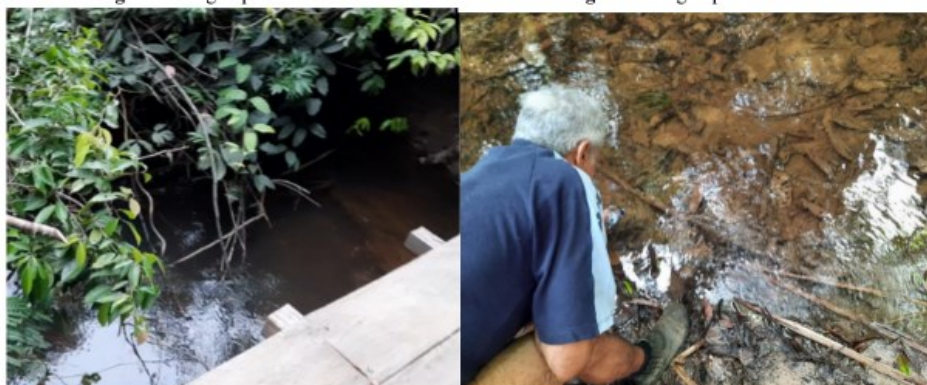
[...] Eu ouço as pessoa falando que/que as crianças chega...termina a quinta série num sabe de nada... vai pa escola... as professora passam o dia conversando e as criança lá sentada na sala de aula ou brincando...é isso que eu escuto os pais de familia falá... quando paro né? fica as criança num aprende e eu tô falando porque eu tenho uma colega que mora ali dentro e o filho dela precisou estudá em Porto Velho... acabou o ensino dele aqui né? Então ele chegou lá... teve que voltá duas série porque o estudo infelizmente num tá valendo viu? (Entrevista 03LF41).

No entendimento de Silva et.al. (2020), os princípios que compreendem a educação do campo estão vinculados à contextualização cultural, ao respeito aos saberes e ao reconhecimento das identidades, para facilitar a compreensão sobre as relações desiguais e de poder, presentes no meio social. Mas, a avaliação realizada pelos assentados é da existência de uma defasagem em relação aos conhecimentos que os alunos adquirem e no trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula. Tal contexto apresenta, portanto, uma das dificuldades enfrentadas na questão do ensino e aprendizado no PA São Francisco.

Quanto ao acesso à água, há possibilidades de ser por meio de poços artesianos, riacho e igarapés, poço raso e cacimba. Nas entrevistas, os igarapés citados foram Roncador, Colombo e Igarapé das Pedras (Figuras 19 e 20).

Figura 19 - Igarapé Roncador.

Figura 20 - Igarapé das Pedras.



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse ponto, ressaltamos que alguns dos entrevistados não lembraram, de imediato, os nomes dos igarapés e nem o porquê de serem chamados assim.

Esse aí é o/é o...como é o nome desse garapé? Agora tá difícil lembrá dele. É o...eu me esqueci o nome desse garapé. [...] É...ele é o...roncadô é o nome desse garapé. [...] Rocandô que não ronca nada. Mas eu não sei qual foi a finalidade de colocarem o nome de roncado (Entrevista 10PM58).

Eu acho que é roncado.[...] É. O pessoal chamava de primêro. É o apelido do rio né? {Aham} aí daí a gente pega água dele. Ele é importante pra mim. Ele é muito importante porque não preciso d'eu fazê poço logo... apesá que eu tô doida pra fazê um poço porque a água do rio é boa e tudo...mas tem um período que ela é muito amarela...pa bebê não serve né? Aí eu tenho que buscá esses galão de água lá no vizinho lá que tem poço artesiano pra mim tomá...daí só que pra usá aqui dentro de casa pa lavá louça... pra limpá casa... essas coisa... moíá as planta aí eu posso pegá do rio né? (Entrevista 13SF42).

Óia. aqui tem é cê já...tem o Colombo...tem o do Vicente que atravessa/atravessa a estrada ali. É... fala Colombo...conheço já o Colombo. É. Ele atravessa a estrada e vai aqui depois atravessa a estrada ali em cima de novo e vai descê pra cá né? {Hurum} as vez vai ali...corta duas vez passa a ponte aqui... lá embaixo passa a ponte de novo {Aí corta mesmo?} É...corta bem aqui...bem fora da estrada depois vai lá em cima.... depois corta a estrada de novo (Entrevista 08JM64).

É não...é... tem/tem esse Colombo...é muito/é muito importante pro assentamento que ele corta os lote do assentamento todinho. É muito bom isso aí (Entrevista 12JM50).

Ao analisar as narrativas, julgamos que os igarapés são importantes para os assentados, não só porque oferecem água para consumo, mas também porque integram parte da cultura do assentamento, além de funcionarem como uma ferramenta de localização para parte dos moradores. Apesar da relevância dos igarapés para os assentados, não se tem conhecimento das motivações que deram origem aos nomes, assim sendo, uma parte da cultura do assentamento vai se perdendo.

O acesso à energia elétrica ocorre por meio do Programa Luz Para Todos, implantado em setembro de 2010, coordenado pelo Ministério das Minas Energia e operacionalizado pela Eletrobrás (BARBOSA, 2019). Além disso, no ano de 2019, os assentados começaram a ter serviços de internet, mas nem todas as famílias têm condições de instalar os equipamentos e pagar a mensalidade, conforme indicam os relatos a seguir.

[...] mas assim de internet... essas coisa...té porque divido sê zona rural acho que deveria sê bem mais em conta né? porque cê paga 300 reais pa instalá... só pa ele vim instalá a internet e mais 200 reais por mês. Então pra quem num tem uma renda... assim que nem eu. Num tenho renda num tenho como me mantê... assim pra você tirá todo mês 200 reais é bem pesado né? (Entrevista 01HM35).

Cobram muito caro também...duzentos... trezentos e a internet não é de boa qualidade. [...] Ah, quando venta já cai, imagina quando chove. É que ela é satélite, né? (Entrevista 02JM27).

Eu butei internet mana porque eu já não...depois desse assalto aí... eu nem confio mais ficar sem/ sem/ sem comunicá com meus filhos lá na cidade né? É se eu preciso de alguma coisa... eu tenho que pedi pra eles (Entrevista 03LF41).

Aqui tem mas é só um (...)...o que eu falo o que nós precisa aqui é puxá o fio que passa na BR ali... é que daí é ôtra coisa. Eu tinha internet aqui...mandei...tava muito caro e num prestava né? {Ah} Eu disse Deus o livre se...o meu muleque foi estudá na...pra lá porque a internet daqui num...senão ele podia tá estudando aqui né? (Entrevista 12JM50).

A internet é uma ferramenta que proporciona uma maior facilidade de comunicação, mas o custo é muito alto, segundo os assentados, ainda mais para quem reside em áreas rurais. Ademais, auxiliam os assentados a manterem e a estreitarem relações com os familiares e amigos, além de proporcionar acesso à educação. Ressaltamos também que a internet transmite uma sensação de segurança para os assentados, tendo em vista que, no assentamento, é frequente a ocorrência de assaltos e, por isso, é necessário utilizá-la para pedir ajuda ou alertar outros moradores.

Apesar das dificuldades relatadas pelos assentados sobre o assentamento, a maioria ainda prefere permanecer no local, outros preferem deixar o projeto, por causa da falta de saúde e por não estarem mais em condições de trabalhar, em vista da idade.

Tenho não. Meu marido que fala em sai daqui... vendê aqui... diz ele que tá vendendo aqui. [...] Qué ir embora...num quero não. Eu falo pra ele num me vejo morando em outro lugá...eu gosto muito daqui... sussegado né? Sinto falta dos filho que mora longe...mas a vida é assim mermo né? (Entrevista 04MF61).

Não... é/ é/ é assim vontade eu num tenho só que eu preciso sai/preciso sai (...). Eu preciso/eu preciso sai daqui porque eu fiz um investimento grande aqui na formação de/de lavôra de SAFIS...que são dois safi... tem o Safi 1... Safi 2. Então eu/eu investi muito tempo e tempo... esforço... dinheiro... então só que hoje eu num tô dando conta divido a idade... divido a resistência física... então num tô dando conta. Então/então é...eu pretê.../pretê.../eu pretendo sai mas vontade eu num tenho entendeu? É assim...eu sô forçado a sai procurá ôtro rumo...terra menor né? em ôtro lugá (Entrevista 06SM67).

Pelos relatos, consideramos que a vontade de permanecer no assentamento está ligada à noção de pertencimento ao lugar e de construção de uma identidade, pois houve esforço e procura de um local, para se estabelecerem e sobreviverem em meio às dificuldades impostas pela vida.

2.4 A percepção dos assentados a partir do convívio e comportamento social, religião e crença

Estabelecer uma relação de convívio dentro de uma comunidade traz grandes desafios, e os assentados buscam em seus próprios princípios formas que podem auxiliar uma vivência comum entre eles, tendo em vista dividirem o mesmo ambiente e exercerem uma prática individual e coletiva. Em vista disso, os assentados apresentam uma formação que consiste em aspectos sociais, crenças e religião, colaborando, desse modo, para a construção do convívio e comportamento social.

Embora cada assentado apresente percepção distinta sobre diversos assuntos, as experiências individuais são compartilhadas e, de certo modo, formam uma rede coletiva, pois, durante o processo de comunicação, há uma transmissão de expectativas e condições, além de formulação de regras que estabelecem um bom convívio entre eles. Em outras palavras, os assentados expressam o que aceitam ou não, seja positivo ou negativo. Um exemplo disso são as respostas para a seguinte pergunta: “*Como você chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?*”.

Eu acho que não que tem dificuldade... eu acho que é falta de interesse mermo sabia. É porque quando você tem interesse mermo/mermo que você seja lenta da...na memória um pouquinho lenta mas você aprende. Eu já aprendi tanta coisa em tão pouco tempo assim fiz...que eu tinha tanta vontade de estudar mas a gente num podia porque tinha que plantá né tempo da planta...da colhêta. Então lá no nordeste dentro do sítio mermo quando nós morava aí eu num conseguia estudar eu e meus irmão ia um dia uma semana aí passava o resto do ano sem ir né. Então eu acho assim é...tem gente que tem problema né problema mental que num consegue né...no meu caso eu acho que é lerdeza mermo assim da pessoa... falta de interesse mermo pô/pô aprendê...ah se a pessoa me ensiná uma coisa uma vez eu aprendo. Tal planta/tal planta é assim/assim/assim assado...tantos metro centímetro de buraco pa plantá tal planta...mando vê e dá certo (Entrevista 03LF41).

() eu chamo de burro mermo (Entrevista 11PM24).

*Vamo convenhá “tu é burro pra caraca rapá”. Sei lá é como eu falo... depende...[...]
É que eu tinha...eu demorei muito porque eu era gago né? Eu não terminei os estudos por vários motivos também. Eu era bem gago mesmo... não conseguia...pra mim chamá vovó era muito ó ...nossa... farinha...aí divido a bagunçarem muito na escola... minha irmã às vezes entrava no meio... aí brigava por mim. Aí quer saber... desisti mas...hoje eu quase não consigo assim maltratar o próximo... que eu lembro de mim né? como eu fui odiado... Então criança... pessoa assim eu quase não ... mesmo que ela não consiga vê isso... fazê mal nenhum... mas eu num tenho assim de chegá na ingnorância “poxa tu é burro”... nossa é meio pesado. O cara vai ficá aqui... sei lá se você pudesse ajudar o ser humano é bem mais gostoso. Ah mas não tô conseguindo fazer isso... aí como você sabe assim... tipo assim você vai lá e fala “assim você não vai consegui... tenta assim”. Então divido eu ter sofrido isso quando era pequeno... então hoje eu num tenho coragem de chegá... aí o cara não tá conseguindo fazer e chamá ele de burro. Té porque se tem muita gente em volta dele... ele vai se sentir ali pior ainda. A outra vez ele vai querê fazê...mas como tem muita gente... ele vai ficá ali meio acanhado entende? Aí se você chegá e dando incentivo pra ele... assim você não vai conseguir... mas tenta assim... ele vai amar (Entrevista 01HM35).*

Nos relatos, identificamos visões conflitantes entre os assentados sobre as pessoas que não conseguem aprender alguma coisa. Por um lado, há um aspecto mais direto e negativo ao

falar que a pessoa é burra, ou, com muito esforço, ela pode aprender alguma coisa, ou de que ela não pode aprender, porque apresenta algum problema mental. Por outro lado, ao mesmo tempo que um dos entrevistados emprega o termo “burro”, também relembra a sua trajetória no tempo de escola, quando sofria preconceito por ser gago. Esse último registro mostra certa empatia pelo outro, e o que fazer para auxiliá-lo na aprendizagem. A capacidade de se colocar no lugar do outro pode não ser uma tarefa simples, mas é uma forma de tentar compreender o próximo, com o fim de tornar as relações mais respeitadas dentro do convívio social no projeto de assentamento.

Concernente à religião e às crenças, muitos assentados relataram uma tradição passada de geração em geração. Os pais, segundo eles, eram assíduos na igreja, contavam histórias de fantasmas e tinham suas superstições. Alguns informaram que, apesar de serem batizados na igreja católica, admitem que, hoje, não seguem nenhum credo religioso. De forma geral, a religião predominante no assentamento é a católica e, para os assentados, a religião é entendida da seguinte forma:

EnTÃO minha religião até eu tava comentando com os menino agora... minha religião é assim... num é minha né? é dos meus avós... dos meus pai né? dos meus tio que praticamente me criaram que eu perdi meu pai...eu tinha sete anos de idade...sete anos...dois meses e dezesseis dias. EnTÃO a gente/a gente vê assim as leitura bíblicas né? e vê assim mais ou menos o que tá escrito nas/nas leitura bíblica segundo/segundo as leitura bíblica foi Jesus que escreveu aquilo dali...mandô/ mandô evangelizá aquilo dali...então a gente vai ali no/no catolicismo né? segundo as leitura também é a Igreja de Cristo...a Igreja de São Pedro que ele ordenô pa São Pedro e tarará...mas é que nem diz a gente/a gente procura sê religioso... sê devoto com Deus que nos dá milhões e milhões e quintrilhões de maravilhas... então TUA RELIGIÃO?... meu Deus. Meu Deus do Céu que me dá vida... me dá todas as maravilhas da vida... me dá tudo...chama-se Deus do Céu...meu Deus... EnTÃO que a gente chama de Deus né? esse/esse podê é/é infinito né? (Entrevista 06SM67).

[...] eu sigo a minha religião e eu respeito e...mas não tem critica de nada e ôtra pessoa que nem a minha muiê... a minha muiê ela é d'ôtra religião. Como é que fala? ela é adventista né? mas só que já casemo... já convessemos tudinho né? ela segue a dela... eu sigo a minha... não tem nada contra né? Respeito todas né? (Entrevista 08JM64).

De batismo... eu sô católico mas hoje em dia eu não tenho religião. Mas em fê...eu tenho Deus que ele não precisa duma religião ou instituição assim pra gente... pra ele existir na nossa vida (Entrevista 05AM18).

Em concordância com os relatos, verificamos que a religiosidade não envolve somente o aspecto de infraestrutura de uma igreja, mas também o de crer em um Deus onisciente e o de respeito às outras religiões. Sendo assim, não importa de qual igreja o assentado faça parte, o importante é acreditar que Ele está presente em seu dia a dia.

O ato de acreditar ou crer em algo possibilita infinitas formas de ser e estar no mundo, pois envolve sujeitos que apresentam características e experiências distintas. Contudo, há

também aqueles que não acreditam. Logo, eles vão criando e/ou construindo suas próprias formas de integração no meio onde estão inseridos. A seguir, descrevemos um relato para exemplificar esse assunto:

Que nem eu tenho muita superstição assim já várias vezes aconteceu um fato de eu não sei...até porque queria que acontecesse comigo mas já aconteceu um fato de eu ir pra tal canto e por incrível que pareça aquela voz dizia não vai/ não vai/ não vai e eu não ir. E eu não sei o que poderia ter acontecido que nem esses dias eu tava limpando a bananeira aqui... cara eu num tô com conversa... num tô mentindo...espero que até você confie porque se você não confiar...eu posso enganar você mas a Deus não engana. Cara eu limpando as bananeiras... cortando as folhas seca... aí por incrível que pareça o meu pé tava aqui onde tava o seu... aí eu olhei aquele negócio...olha pra baixo/olha pra baixo... do nada/do nada/do nada... olha pra baixo. E eu cortando as folhas olhando pra cima... olha! Cara quando eu olhei... Nossa Senhora do Céu... mano aí tinha uma cobra... uma jararaca enrolada bem ali assim mas rapaz se eu dou um assim meu pé tava aqui assim e a cobra tava ali enroladinha... se eu mexo um pouquinho só... sorte que ela dormindo né? Ela não tava acordada (Entrevista 01HM35).

Não tenho superstição não (Entrevista 09GM46).

De certa forma, não importa se quem ouve a história está acreditando ou não, o que deve ser considerado é a crença de quem está falando. Não cabe aos outros julgar, mas respeitar cada sujeito e compreendê-lo. Por isso, entendemos que as concepções que cada assentado carrega, quando compartilhadas com outros, formam um conjunto de crenças que podem ser identificadas e até exclusivas, mas, nem sempre, podem ser concordadas com as crenças do mesmo grupo.

2.5 O trabalho dos assentados no PA São Francisco

Para sobreviver no assentamento, os assentados trabalham com a agricultura familiar, em especial com a cultura da mandioca, cupuaçu e guaraná, além da criação de animais como aves, suínos e bovinos. Das atividades mencionadas, destacamos o cultivo do guaraná, tendo em vista que a maioria dos participantes da pesquisa trabalha com esta cultura e a tem como o principal meio de subsistência.

A produção do guaraná foi crescendo de modo gradual ao longo do tempo no assentamento, mas, logo no início, antes de os assentados selecionarem essa cultura, tentaram, em solo amazônico, plantar culturas da região de origem, no entanto, não obtiveram êxito em cultivá-las por diversos fatores, por exemplo, o solo e o clima.

Quando eu cheguei aqui eu comecei a plantá cana...feijão... truxe oito espécie de feijão lá do Mato Grosso do Sul/Mato Grosso do Sul...São Paulo. Aí comecei a plantá qui, Plantei arroz num deu certo...plantei milho num deu certo... a melancia num deu certo...melão também num deu certo... aí eu falei meu Deus... Então aí eu comecei com o açaí...cupuaçu. Aí já resolvi reflorestá né? fazê/fazê um sistema agroflorestal. Aí já comecei com a andiroba...com seringêra...com castanha... com copaíba...o cupuaçu e então é assim HOJE/hoje aí como agricultor eu tenho o açaí/tenho o açaí...tenho o cupuaçu que tudo serve como reflorestamento. Aí tem o ôtro safi e a base agrícola é o guaraná...aí eu tenho o guaraná... eu tenho castanhêra... tem andiroba...tem copaíba e cumarú espécie madêrêra. É tudo assim meio misturado né? Então é o que eu planto é castanha... é andiroba... é copaíba (Entrevista 06SM67). Lá [Costa Marque e Alvorada d'Oeste] se prantava...produzia batata-doce...produzia as ôtras coisa...aqui cê pode prantá aí que num...só se adubá né? fazê adubo...prepará toda a terra...a num sé... Aí pra lá pra fora num precisava fazê isso (Entrevista 07JF62).

Esse relato ilustra as diversas tentativas de plantação de outras culturas no assentamento, além da preocupação de fazer o processo de reflorestamento, tendo em vista que os assentados devem manter pelo menos 80% de sua área preservada e, no máximo, 20% de desmatamento (CARVALHEIRO et al., 2013). Também comprovamos que o assentado pode fazer uso de uma variedade de árvores nativas, de pequenas plantações e de outras plantas naturais para compor o sistema agroflorestal.

A sistematização de um PA ocorre de maneira individual, por essa razão os assentados devem se organizar formalmente por meio de uma associação. No caso do PA São Francisco, os assentados criaram a Associação dos Produtores Rurais: Guaraná, Açaí e Hortifrutigranjeiros - APROGAH, que se encontra na linha II, Vicinal Colombo. Apesar de terem formado a associação, o processo de organização para produzir e vender o guaraná não era satisfatória, porque, segundo os relatos, a individualidade de cuidar somente do que lhe pertence e, sem acordar os outros assuntos referentes à associação e à comercialização do guaraná, foi um empecilho para o desenvolvimento econômico dos assentados. Para fins de conhecimento, a Figura 21 elucida a estrutura da associação dos produtores rurais do assentamento.

Figura 21 - Associação dos Produtores Rurais: Guaraná, Acaí e Hortifrutigranjeiros – APROGAH.



Fonte: Acervo pessoal.

De início, os assentados vendiam o guaraná individualmente, isto é, viajavam até Porto Velho e procuravam comércios e pessoas para oferecerem o produto, o que gerava pouca renda e muito gasto durante as viagens para a comercialização, sem contar as dificuldades de locomoção dentro do assentamento, durante a época do inverno. Com a finalidade de auxiliar os assentados nessa demanda, o NUPEAS – IEAA/UFAM e a gerente do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM, desenvolveram pesquisas no projeto de assentamento e formularam uma estratégia de comercialização do guaraná. Esse foi o primeiro incentivo para os assentados continuarem a plantar o produto e comercializá-lo.

então agora a gente já conseguiu/ já conseguiu é... as informações necessária pra gente ir fazê a exploração de...a...o cultivo da lavôra certa aqui... que é o guaraná. Então isso através do IDAM/isso através do IDAM já tinha pessoas que cuidava aqui...mas o IDAM/o IDAM trouxe informações pra gente...informações/informação técnica já na época... dez anos atrás/ dez anos atrás é mais de dez anos atrás que...é a comercialização a gente só conseguimos fechá uma comercialização é... vamo dizê assim ãa/ ãa comercialização compensadora divido o esforço da Professora Ana Cláudia da UFAM e a Gisele que na época era gerente do IDAM. Então através...essas duas pessoas aí foram a chave pra/prá dizê assim pra gente/ pra gente abri a comercialização oficial do guaraná através da nossa associação. Então é/é/é isso é as melhorias que a gente viu é isso daí...mas assim DIVIDO O ESFORÇO da Professora Ana Cláudia e a Gisele...gerente do IDAM. Então fora disso...de político aqui ninguém vê falá A nem B com relação ao cultivo NÃO/NÃO de jeito manêra (Entrevista 06SM67).

Ao ler o relato, observamos o sentimento de gratidão por parte do assentado em ter recebido apoio de pessoas de fora do assentamento, durante o início do processo de plantação

do guaraná. Cumpre lembrar que essa cultura é apropriada para o solo amazônico, e gera lucro para todos os agricultores. Atualmente, a coordenadora do NUPEAS- IEAA/UFAM, em parceria com os assentados, formulou um projeto sobre o guaraná produzido no assentamento e enviou à empresa Coca-Cola, que aceitou comprá-lo. Esse foi outro incentivo para os assentados continuarem gerando renda, com garantia de permanência no assentamento.

Óia. Aqui/aqui teve o IDAM que veio uns pá de tempo aqui né lá do Humaitá. Funcionou uns pá de tempo mais nós aqui mas num foi muito a frente não. Aí já não pudemo participá mais. A UFAM também veio um bucado aqui. Agora com esse negócio da pandemia também afastô tudo né? Só tá nós com a Coca agora que é a turma do Amazonas né? Manaus. Tem o Rômulo que toma conta da Coca...o Felipe que mexe na venda de Guaraná né? que tá entrozado mais nós e Graças a Deus [...].Já tá com três... vai fazê já duas colheita já vindimo pra ele. É/é. Antes nós vendia mas sempre levando/levando furada. (Entrevista 08JM64).

Eu já tive. Antes de...a Coca-Cola/ a Coca-Cola veio pra cá pra comprá o guaraná mas as pessoas tinha que tá tudo certinho né? E eu num tava e daí ficô meio assim...eles num tava querendo comprá o meu guaraná...daí me deu vontade de eu ir embora porque eu tive uma multa né do Ibama aí... e a Coca-Cola não pode né? Aí eles...me deu vontade de eu ir embora... se eles não comprassem... eu acho que eu teria ido embora {Hurum} Tinha vendido e ido embora (Entrevista 12JM50).

Os relatos demonstram o difícil processo dos assentados, referente ao trabalho e à luta diária para superar as adversidades, decorrentes da vivência no assentamento. Percebemos, assim, que as relações sociais, culturais e econômicas estão indissociáveis, e que os assentados formam um grupo, com características individuais e compartilhadas, por intermédio de concepções de mundo e do contexto onde estão inseridos.

Pelo exposto, o estudo do léxico de uma região pressupõe não somente investigar a língua, mas também considerar os aspectos socioculturais existentes. Com relação ao PA São Francisco, é necessário compreender essa comunidade linguística como um espaço cultural e, como tal, marcado pelo trabalho dos assentados, pelas suas histórias de vida, pelos seus costumes e pelas suas crenças. Dessa forma, a dinâmica social e as relações sociais constituídas por eles decorrem, portanto, do léxico e da cultura, construídos no espaço onde vivem.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A melhor metodologia é aquela que integra motivação e interação favorecendo um diálogo de aprendizagens.

Otávio Paulino

Neste capítulo, apresentamos os percursos trilhados durante a pesquisa, esclarecendo a natureza, os métodos empregados para a coleta e o tratamento dos dados, além de mostrar a composição das redes semânticas e a estruturação do glossário. Para tanto, foi necessário construir um *corpus* que contemplasse tanto o uso da língua quanto os aspectos socioculturais dos assentados do PA São Francisco. Assim, elaboramos um roteiro de entrevista com questões direcionadas e não direcionadas que auxiliaram na construção do *corpus* de estudo, a partir das entrevistas. Dessa forma, conseguimos caracterizar a pesquisa e realizar as análises necessárias, considerando os dados coletados.

3.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa por incorporar a questão do significado e intencionalidade presente nos atos e relações dos sujeitos-agentes pesquisados (MINAYO, 1994), mas também envolve uma abordagem quantitativa, ao considerar os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus*.

Neste percurso metodológico, também foi necessário realizar a pesquisa de campo, porque “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los” (MARCONI; LAKATOS, 2018, p.75) a partir da pesquisa etnográfica, visto que para se compreender como os assentados fazem uso do léxico é necessário observar *in loco* o comportamento linguístico dos falantes. Além disso, também se caracteriza por ser descritiva, pois, registra, analisa e interpreta os fenômenos encontrados no PA São Francisco (MARCONI; LAKATOS, 2018). Mediante essas considerações, as seções seguintes abordam detalhadamente cada etapa desenvolvida durante a pesquisa.

3.2 Etapas da pesquisa

A pesquisa foi dividida em etapas, sendo elas:

1) Inicialmente realizamos pesquisas bibliográficas que abordam as questões teóricas de língua, léxico, cultura e sociedade, Lexicologia e Lexicografia, Linguística de Corpus e campos semânticos, cujas leituras contribuíram para o embasamento teórico, o desenvolvimento dos caminhos metodológicos e a discussão dos dados coletados.

2) Foram feitos também um levantamento sobre os aspectos socioculturais, históricos, físicos e geográficos do Projeto de Assentamento São Francisco no NUPEAS – IEAA/UFAM, uma vez que este núcleo já contém um acervo significativo relativo a essa comunidade, sendo possível conhecer o léxico dos assentados e relacioná-los de acordo com os objetivos da pesquisa.

3) Em seguida, realizamos duas viagens a campo com o intuito de realizar a entrevista focalizada (MACONI; LAKATOS, 2018), com auxílio de um roteiro para orientar as perguntas direcionadas e não direcionadas. As entrevistas foram gravadas em áudio com o auxílio do aparelho celular da marca Samsung - A51, sendo realizada por conversas e interações com os assentados em suas residências.

Para a realização das viagens foi alugada uma caminhonete L200 com tração nas quatro rodas e um motorista para fazer o trajeto até o PA São Francisco. A primeira viagem foi realizada no dia 16/10/2020³¹, com duração de viagem de 3h, considerando a saída do município de Humaitá/AM. As dificuldades encontradas foram a estrada (estava quase intransitável) e a ausência dos moradores no assentamento, pois, no período de chuvas, poucos são os que ficam no PA São Francisco. Além disso, não foi possível realizar outras entrevistas devido à colheita do guaraná que se iniciou no mês de novembro e os moradores não estavam com tempo disponível.

Na segunda viagem, a estrada não apresentou grandes dificuldades, mas havia buracos decorrentes do período de chuvas e muita poeira. O tempo de viagem foi de 2:30h, considerando a saída do município de Humaitá/AM. Antes de realizar a viagem, entramos em contato com um dos moradores mais antigos do assentamento para verificar o dia em que poderia realizar a viagem e a possibilidade de hospedagem em sua casa. O retorno foi imediato e a resposta foi de que uma data possível seria na segunda semana de junho, devido à pandemia e seus afazeres no assentamento. Sendo assim, realizamos a viagem no dia 12/06/2021.

³¹ Considerando o contexto atual de pandemia da Covid-19 causada pelo Sars-Cov-2, tipo de coronavírus, e a impossibilidade de realizar as entrevistas via internet ou telefone, programamos a coleta das entrevistas para outubro de 2020. Além disso, foram seguidas todas as etapas de prevenção contra o coronavírus (Covid-19), conforme as orientações do Ministério da Saúde.

Durante a realização das entrevistas, todos os sujeitos-agentes foram solícitos e agradeceram por fazer parte da pesquisa, porque mostraram um pouco de sua vida, vivências e dificuldades no PA São Francisco. Além disso, ressaltamos que os entrevistados acima de 56 anos receberam as duas doses da vacina contra a Covid-19 e a vacina contra a gripe. Assim, mesmo imunizados, as medidas de prevenção contra a Covid-19 como, por exemplo, o uso de máscara, uso de sabão ou álcool em gel para higienização das mãos e o distanciamento, foram seguidas. Logo, apresentadas as primeiras etapas da pesquisa para a realização da coleta de dados, apresentamos como foi constituído o *corpus* de estudo desta pesquisa.

3.3 Corpus da pesquisa

Para a constituição do *corpus* utilizamos a base teórico-metodológica da Linguística de *Corpus* (LC), tendo em vista que ela apresenta conceitos referente à constituição, processamento e análise de dados que permite a compreensão, identificação e anotação das lexias presentes nas falas dos assentados entrevistados do PA São Francisco. Neste sentido, apresentamos as contribuições da LC, do programa computacional *Sketch Engine* e das características de algumas ferramentas de análises utilizadas, tais como: *WordList*, *Keywords* e *Concordance*.

3.3.1 As contribuições da Linguística de *Corpus*

A base teórico-metodológica da Linguística de *Corpus* (LC) adotada neste estudo é a de Tony Berber Sardinha (2004), presente no livro intitulado *Linguística de Corpus*, pois possibilitou ampliar o conhecimento acerca da importância e a relevância da LC para a descrição de uma língua através do uso de programas computacionais.

De modo geral, a LC traz um aporte metodológico que permite olhar para um *corpus* com o intuito de explorá-lo a partir de relatos empíricos que trazem à tona as possibilidades de uso da língua por parte dos falantes. Para Berber Sardinha (2004), a LC, conforme a definição de metodologia que se adota, pode auxiliar nos estudos da sintaxe e do léxico.

Nesse caso, é possível estudar a língua de forma probabilística e verificar as regularidades e padronizações que podem indicar as características de uma determinada comunidade de fala. Logo, é necessário que o pesquisador tenha conhecimento acerca das

ferramentas eletrônicas e de como utilizá-las no processo de análise dos dados. Sendo assim, o primeiro passo a ser considerado na metodologia da LC é a constituição do *corpus* de análise.

Conforme a classificação elaborada por Berber Sardinha (2004), o tamanho de um *corpus* se faz em número de palavras, pois, um *corpus* com menos de 80 mil palavras é classificado como pequeno, de 80 a 250 mil é pequeno-médio, de 250 mil a 1 milhão é médio, de 1 milhão a 10 milhões é médio-grande, de 10 milhões ou mais é grande. Alguns exemplos de *corpora* de Língua Portuguesa são: o Banco de Português com 233 milhões (PUC/SP), composto pelo Português brasileiro escrito e falado; o COMET (*Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução) com 5 milhões (USP), com parte referente ao português escrito comparável com inglês; e o *Corpus* do Português Brasileiro Contemporâneo com 100 milhões (UNESP Araraquara), composto pelo Português brasileiro escrito e falado.

Pensando nessa caracterização proposta por Berber Sardinha (2004), o *corpus* desta pesquisa possui o número total de 53,941 *tokens*³² e pode ser classificado como um *corpus* pequeno. O Quadro 4 apresenta, em dados numéricos, a extensão do *corpus* de estudo, considerando somente os sujeitos-agentes e outro constituído pela pesquisadora e os sujeitos-agentes. Dessa forma, o total de palavras apresentadas são:

Quadro 4 - Extensão do *corpus* de estudo.

<i>Corpus</i> de estudo	Total de palavras (<i>tokens</i>)
Sujeitos-agentes	53.941
Pesquisadora e sujeitos-agentes	78.591

Fonte: Elaborado pela autora.

Além desta classificação, há também a tipologia de *corpus* que pode ser agrupada segundo os critérios: modo (falado/escrito), tempo (sincrônico, diacrônico, contemporâneo e histórico), conteúdo (especializado, regional ou dialetal, multilíngue), autoria (de aprendiz, de língua nativa) e finalidade (de estudo, de referência, de treinamento ou teste) (BERBER SARDINHA, 2004). No contexto desta pesquisa, o modo do *corpus* é falado, pois é constituído por entrevistas e transcrição das narrativas orais. É considerado contemporâneo porque compreende os anos de 2020 e 2021. Apresenta também um conteúdo regional ou dialetal, visto que os textos são provenientes de uma variedade linguística de diferentes regiões brasileiras, empregadas pelos assentados do PA São Francisco. A autoria se refere à língua nativa, tendo em vista que são falantes nativos do português brasileiro. Por fim, tem-se a finalidade de estudo

³² Um *token* é caracterizado pelo número de itens identificados no corpus. Em outras palavras, é o número de ocorrências de uma palavra presente no *corpus*.

e de referência, em que a primeira se refere ao *corpus* de estudo que se pretende descrever, isto é, o *corpus* constituído através das transcrições de fala coletado no PA São Francisco e a segunda é o *corpus* de referência utilizado para fins de contraste com o *corpus* de estudo.

Dessa forma, a próxima seção explica como o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência foram utilizados nesta pesquisa, com o intuito de compará-los e verificar as palavras-chave do léxico dos falantes do PA São Francisco.

3.3.2 *Corpus de estudo e corpus de referência*

O *corpus* de estudo foi constituído através de entrevistas com os assentados em suas residências, totalizando 13 sujeitos-agentes³³. A princípio, seriam apenas 12 entrevistas, porém, um assentado se prontificou voluntariamente para fazer parte da pesquisa. Sendo assim, houve a inserção de mais uma entrevista. Posteriormente, foram divididos entre faixas etárias e o tempo de gravação variou de 20 a 60 minutos, de acordo com cada informante.

a) 18 a 35 anos

Número da entrevista	01	02	05	11
Sexo	M	M	M	M
Idade	35	27	18	24
Duração da entrevista	46:56	20:36	26:38	29:17
Duração total das entrevistas	2 horas, 03 minutos e 45 segundos.			

b) 36 a 55 anos

Número da entrevista	03	09	12	13
Sexo	F	M	M	F
Idade	41	46	50	42
Duração da entrevista	60:00	25:39	35:19	46:26
Duração total das entrevistas	2 horas, 47 minutos e 04 segundos			

c) 56 em diante

Número da entrevista	04	06	07	08	10
Sexo	F	M	F	M	M
Idade	61	67	62	64	58
Duração da entrevista	44:09	56:39	35:54	56:41	39:40
Duração total das entrevistas	3 horas, 53 minutos e 03 segundos				

³³ Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A opção por essas faixas etárias se deu pelo registro de fala de diferentes gerações e de como cada informante utiliza o léxico em diferentes contextos comunicativos. Nesse viés, percebemos que as diferentes faixas etárias proporcionaram tempo de gravação distintas, pois, os mais jovens apresentaram uma fala mais sucinta, sendo finalizadas em menos de 30 minutos, enquanto os mais velhos eram mais detalhistas, atingindo o tempo de 60 minutos de gravação. Todavia, todos revelaram conhecimentos significativos quanto aos campos semânticos utilizados nesta pesquisa.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a característica individual de cada entrevistado, sendo que para conhecer um pouco mais sobre os sujeitos-agentes, construiu-se um quadro informativo sobre o perfil de cada um.

Quadro 5 - Perfil dos sujeitos-agentes.

CÓDIGO DA ENTREVISTA	ESTADO DE ORIGEM	OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO PA
01HM35	RO	Serviços gerais/agricultor	Ensino fundamental I	10 anos
02JM27	RO	Agricultor	Ensino Médio	5 meses
03LF41	PI	Agricultora	Ensino fundamental I	5 anos
04MF61	SP	Doceira	Analfabeta	12 anos
05AM18	RO	Estudante	Ensino médio	9 anos
06SM67	PE	Aposentado/agricultor	Ensino fundamental I	16 anos
07JF62	MT	Dona de casa	Ensino fundamental I	19 anos
08JM64	MS	Lavrador	Ensino fundamental I	13 anos
09GM46	MT	Lavrador	Ensino fundamental I	11 anos
10PM58	ES	Agricultor	Ensino fundamental I	24 anos
11PM24	MA	Faz tudo	Ensino médio incompleto	3 anos
12JM50	SC	Agricultor	Ensino fundamental I	20 anos
13SF42	RO	Agricultora	Ensino médio tecnológico	3 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

O código da entrevista serviu para a identificação e a localização dos excertos extraídos das entrevistas dos assentados utilizados no decorrer do texto e para preservar a identidade dos participantes da pesquisa. Logo, a estruturação que gerou cada código de entrevista envolveu a

seguinte padronização: 1) Número da entrevista, considerando a ordem em que cada assentado foi entrevistado; 2) Iniciais dos nomes dos assentados; 3) Sexo; e 4) Faixa etária. A identificação do *estado de origem* colabora para a compreensão da heterogeneidade linguística e também sociocultural dos entrevistados em um espaço territorial e geográfico situado no estado do Amazonas, em que muito se fala, mas ainda pouco se conhece. A *ocupação* indica o trabalho realizado por cada entrevistado, sendo a maioria envolvido com a agricultura. O *nível de escolaridade* mostra o grau de instrução formal de cada participante da pesquisa, dando destaque para o Ensino Fundamental I. Por fim, o *tempo de residência no assentamento* contribui para a interpretação dos dados para o processo de criação, infraestrutura, vivências e dificuldades encontradas no PA São Francisco.

Após as informações do perfil dos sujeitos-agentes, o próximo ponto foi a elaboração do roteiro de entrevista com as questões direcionadas e não direcionadas. O roteiro foi constituído com base no Questionário Semântico-Lexical (QSL), desenvolvido pelo ALiB, e os questionários de Corrêa (1980), Cruz (2004), Azevedo (2013) e Batista (2019). Sendo assim, a sua estrutura foi formada por 85 questões, distribuídas em 8 campos semânticos.

Os campos semânticos foram selecionados a partir de uma análise dos campos semânticos apresentados no QSL do ALiB e no QSL de Cruz (2004). Ambos apresentaram questões sobre o léxico, conforme o quadro abaixo.

Quadro 6 - Campos semânticos do ALiB e Cruz (2004).

ALiB	Cruz (2004)
<ul style="list-style-type: none"> a) Acidentes geográficos b) Fenômenos atmosféricos c) Astros e tempo d) Atividades agropastoris e) Fauna f) Corpo humano g) Ciclos da vida h) Convívio e comportamento social i) Religião e crenças j) Jogos e diversões infantis k) Habitação l) Alimentação e cozinha m) Vestuário e acessórios n) Vida urbana 	<ul style="list-style-type: none"> I) Meio físico a) a terra e rios b) fenômenos atmosféricos II) Meio biótico a) fauna b) flora III) Meio antrópico a) o homem b) atividades de produção <ul style="list-style-type: none"> i) agricultura (roça, cultivo da juta, cultivo da mandioca) ii) caça e pesca iii) meios de transporte fluvial

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os campos semânticos encontrados no ALiB, foram selecionados: fauna, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, com o intuito

de se ter campos semânticos mais gerais, isto é, utilizados em outras pesquisas semântico-lexicais, independente dos estados brasileiros, mas que possibilitam o conhecimento sobre o sujeito/informante. Já os campos semânticos de Cruz (2004), foram a base para a criação específica de outros campos semânticos que, *a priori*, poderiam atender melhor os objetivos desta pesquisa. Sendo assim, foram criados, com base no conhecimento da pesquisadora sobre o PA São Francisco, os campos de assentamento, saúde, trabalho e meios de transporte, pois são pontos que abarcam o meio físico, meio biótico e meio antrópico, propostos por Cruz (2004), ao se pensar no contexto amazônico.

Assim, os campos semânticos selecionados e criados para esta pesquisa são: 1) assentamento; 2) saúde; 3) convívio e comportamento social; 4) trabalho; 5) meios de transporte; 6) fauna; 7) religião e crenças; 8) jogos e diversões. Nas entrevistas os sujeitos-agentes responderam, por um lado, às questões direcionadas sobre os campos semânticos, por outro, questões não direcionadas para que, no momento de comunicação, houvesse uma interação comunicativa mais natural e o informante ficasse à vontade para falar ou narrar fatos e experiências pessoais, de modo a não se monitorarem devido à situação comunicativa.

Posteriormente à realização das entrevistas, foram feitas as transcrições para a formação do *corpus* de estudo. As normas de transcrição seguiram o modelo adotado no Projeto Filologia – “Pelas Trilhas de Minas: As Bandeiras e a Língua das Gerais³⁴” (2003-2006). As normas estabelecidas foram:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000)
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma imagem do texto elaborado no plano da oralidade (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000).

1- Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado *forte=forti; grande=grandi*
(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2- Serão registrados:

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas

³⁴ FAPEMIG – SHA844/02, coordenado pela Prof^a Dra Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

adúcia=adoécia

cumê=comer

b) a redução dos ditongos [ow], [ey], [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

falô = falou

fechô = fechou

c) ausência do -r:

no final dos nomes: pescado=pescador

no final dos verbos: pescá=pescar; tecê=tecer

d) ausência do -m final, desnasalização

visage=visagem

vinhero=vieram

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalizados deverá ser marcada com

o til:

tãinha=tainha

f) prótese: as próteses serão marcadas, ortograficamente, como pronunciadas:

amiorá=melhorar

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo.

fei'=fez

h) iotização, grafando com i:

fio=filha

i) aglutinação, com apóstrofo:

que'le ~ que ele

j) casos de *uma, alguma, nenhuma, etc.* serão marcados com til:

ũa ~ uma

k) variação fonética do -s será grafada como efetivamente utilizada:

mermo ~ mesmo

3 – Indicações de:

Pausa: reticências...

Inaudível ou hipótese do que foi ouvido: ()

Comentários: (())

Sobreposição de fala: {}

Discurso direto: “”

Ênfase: maiúsculas

Truncamento: /

Com as entrevistas transcritas, constituímos um conjunto de dados em formato eletrônico, o que permitiu a leitura por computador. Ressaltamos que o processo de transcrição também envolveu o programa Praat para a análise de voz, indicando a composição das unidades lexicais. Essa foi uma etapa importante por ser a partir desse processo que os dados de uso oral foram inseridos no *Sketch Engine* e, posteriormente, compilados, analisados e descritos. De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 18):

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Pensando na caracterização e no processo de construção do *corpus* de estudo, o conceito de *corpus* de referência também precisa ser explicado, pois foi utilizado nesta pesquisa. O *corpus* de referência foi adotado para fins de comparação e extração de palavras-chave do *corpus* de estudo. Dessa forma, o *corpus* de referência selecionado foi o Português Web 2011 (pt TenTen11), disponível no programa *Sketch Engine*.

O Português Web 2011 (pt TenTen11) é um *corpus* de língua portuguesa constituído por textos recolhidos na internet e apresenta quase 4 bilhões de palavras (*tokens*), com as variedades linguísticas do português europeu e do português brasileiro. A escolha deste *corpus* de referência se deu em detrimento do *Banco de Português do Brasil*, pois não foi possível selecioná-lo devido a um erro decorrente do programa *Sketch Engine* que não permitiu ter acesso a informações sobre a frequência e as linhas de concordância.

Como um dos objetivos foi identificar as lexias presentes no *corpus* de estudo, o *corpus* de referência pôde auxiliar neste processo através da extração das palavras-chave. Dessa forma, na seção seguinte, são apresentados os processos de análise por meio do programa *Sketch Engine*.

3.3.3 O programa *Sketch Engine*

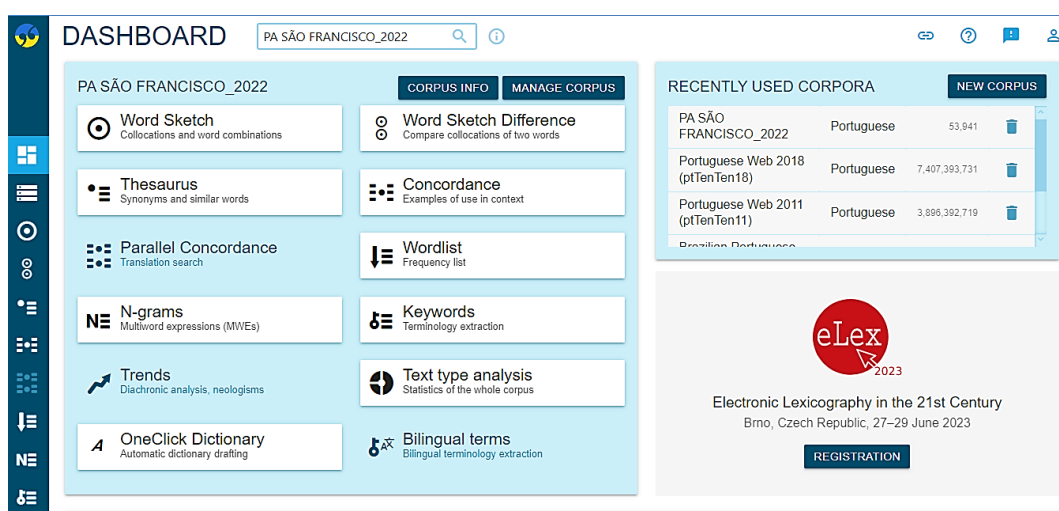
O programa *Sketch Engine* permite explorar e analisar, por meio de algoritmos, *corpora* de textos autênticos de bilhões de palavras, identificando o que é típico ou de uso raro na língua. Conforme as informações disponibilizadas no site³⁵, o programa possui 600 *corpora* prontos

³⁵ <https://www.sketchengine.eu/>

para serem utilizados em mais de 90 idiomas e pode fornecer uma amostra representativa de uma língua.

Para a manipulação do programa, destacamos, primeiramente, que o pesquisador pode construir o próprio *corpus* e, posteriormente, adicioná-lo ao *Sketch Engine* para análise, mediante o uso das ferramentas disponíveis pelo programa. No caso desta pesquisa, a aplicação e o funcionamento das ferramentas utilizadas durante o processo de análise do *corpus* de estudo foram: *Concordance*, *Wordlist* e *Keywords* (Figura 22).

Figura 22 - Página inicial do *Sketch Engine*.



Fonte: Tela do Programa *Sketch Engine*.

A ferramenta *Concordance*, de forma geral, permite encontrar exemplos de uso no contexto, ou seja, é usada para encontrar exemplos de uma palavra em particular junto ao contexto em que ela aparece. Enquanto a *Keywords* permite a localização de palavras-chave que ocorrem com maior ou menor frequência dentro do *corpus* de estudo, o que permite definir ou compreender o tema principal do *corpus*. Por fim, a *Wordlist* é utilizada para gerar uma lista de frequências das palavras, junto aos percentuais.

Das três ferramentas, a *Wordlist* foi a primeira a ser utilizada, tendo em vista que a partir da listagem geral de palavras e suas respectivas frequências, seria possível manipular melhor as outras duas. A ordem das informações aparece da seguinte forma: palavra (*Word*), frequência (*frequency*) e DOCF, em que mostra quantos documentos diferentes contêm o item. Além disso, a lista é organizada por ordem de frequência e não por ordem alfabética, conforme a Figura 23.

Figura 23 - Amostra da lista por frequência.

WORDLIST PA_São Francisco_informantes

word (4,628 items | 69,620 total frequency)

Word	Frequency ? ↓	DOCF ?
1 .	8,105	13 ...
2 :	2,658	13 ...
3 inf	2,646	13 ...
4 ...	2,289	13 ...
5 é	2,027	13 ...
6 que	1,768	13 ...
7 a	1,522	13 ...

Fonte: Tela do programa *Sketch Engine*.

Um ponto observado durante a geração da lista de palavras, é de que quando se considera somente o *corpus* de estudo, a opção de listagem é apresentada individualmente como *single-words*. Por outro lado, quando se faz a comparação entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência, a lista é apresentada tanto como *single-words* quanto em *multi-words terms* (agrupada a duas ou mais palavras), como mostram as Figuras 24 e 25.

Figura 24 - Lista de palavras individuais (*Single-words*).

KEYWORDS PA_São Francisco_informantes

SINGLE-WORDS ✓ MULTI-WORD TERMS ✓

reference corpus: Portuguese Web 2011 (ptTenTen11) (items: 3,399)

Word	Word
1 inf ...	101 iscola ...
2 mermar ...	102 problema ...
3 prantar ...	103 chifrudo ...
4 ôtro ...	104 graças ...
5 ficá ...	105 vinheram ...
6 cê ...	106 bucado ...
7 ôtra ...	107 tamo ...
8 guaraná ...	108 itaúba ...

Fonte: Tela do programa *Sketch Engine*.

Figura 25 - Lista de palavras agrupadas (*Multi-word terms*)

Word	Word
1 mão de vaca	11 pessoa pá
2 pá gente	12 corpus cristo
3 nó cego	13 pá rua
4 pá porto velho	14 porto velho
5 pá porto	15 zero vírgula zero
6 olho gordo	16 reais o quilo
7 rio mucuim	17 vírgula zero
8 pé de boi	18 capim santo
9 gente tava	19 prisão de ventre
10 pá manaus	20 zero vírgula

Fonte: Tela do programa *Sketch Engine*.

Diferente do que ocorre quando se analisa somente o *corpus* de estudo, o programa ao realizar a comparação de dois *corpora* não apresenta de forma explícita a frequência, sendo necessário clicar na pontuação “...” para verificar o número de ocorrências a partir da ferramenta *concordance*. Esta, no que lhe concerne, apresenta o *CQL* para fornecer informações sobre critérios de pesquisa e contagem de frequência (incluindo frequência por milhão e porcentagem de todo o *corpus*). O *Details* mostra em linhas as informações sobre os arquivos. Há também o *left context*, palavra (*token*) localizada à esquerda, a palavra-chave no contexto (*KWIC*) e o *Right context*, palavra (*token*) localizada à direita. Para ilustrar tem-se a Figura 26.

Figura 26 - Ferramenta *Concordance*.

	Left context	KWIC	Right context
1	<S>Informante: Bom dia</S><S>	Inf	:: É sim.</S><S>A minha 'qui dentro é bem divertida né? que a ç
2	doc#0 • 01HSSM3... aqui é bem pôca e a gente tem que segurá como pode.</S><S>	Inf	:: Bem/bem praticamente não... mas eu ainda tenho algumas m
3	doc#0 • 01HSSM3... </S><S>Bem dificultoso na época que eu cheguei aqui.</S><S>	Inf	:: Já.</S><S>Sem dúvida.</S><S>Até porque quando eu chegue
4	doc#0 • 01HSSM3... ><S>Eu amei muito e parabenizá esse local num tem?</S><S>	Inf	:: Boa pergunta.</S><S>Eu nunca parei assim pra pesquisá por

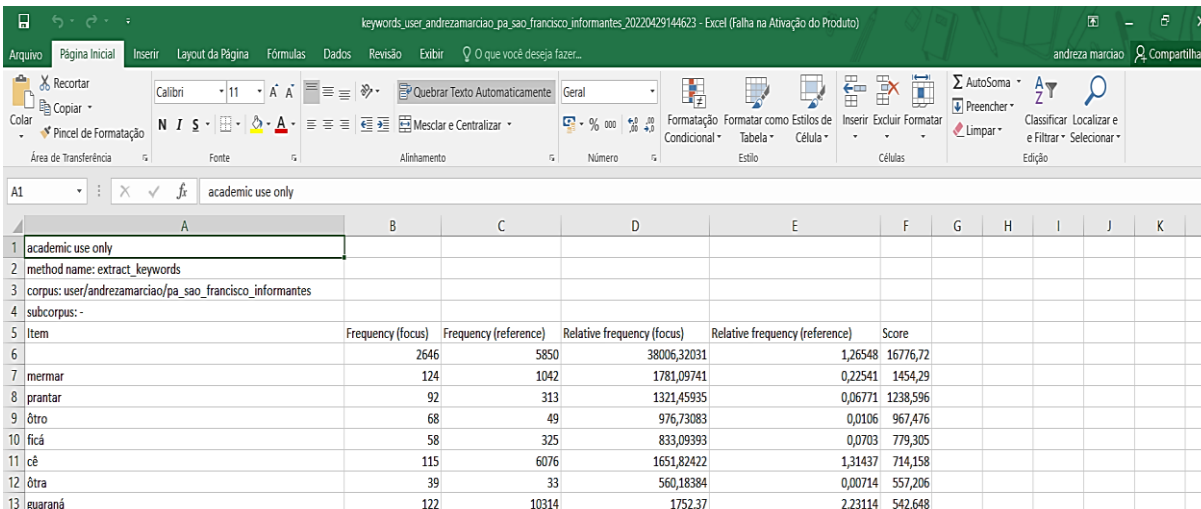
Fonte: Tela do programa *Sketch Engine*.

No processo de comparação entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência, o próprio programa seleciona as palavras-chave (*Keywords*), considerando as frequências que são estaticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras no

corpus de referência. Sendo assim, é produzida uma lista com as diferenças mais significativas de palavras-chave dentro do *corpus* de estudo. Com base nisso, o total de palavras-chave gerada para a análise desta pesquisa foi de 1.000 palavras individuais (*single-words*) e 1.000 palavras agrupadas (*multi-words terms*), totalizando uma lista com 2.000 mil palavras.

Com a utilização do *Sketch Engine* e também das ferramentas disponíveis pelo software, foi possível verificar uma base mais real de afirmação das unidades lexicais que foram mais importantes (mais frequentes) e quais foram as secundárias (menos frequentes) em uma infinita possibilidade de combinações lexicais. Logo, a organização e as análises que envolveram os campos semânticos deste trabalho, encontra-se fundamentado nas informações extraídas do uso real do léxico em diferentes *corpora*, de acordo com Figura 27.

Figura 27 - Lista de palavras-chave gerada na comparação entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência.



Item	Frequency (focus)	Frequency (reference)	Relative frequency (focus)	Relative frequency (reference)	Score
academic use only	2646	5850	38006,32031	1,26548	16776,72
mermar	124	1042	1781,09741	0,22541	1454,29
prantar	92	313	1321,45935	0,06771	1238,596
ôtro	68	49	976,73083	0,0106	967,476
ficá	58	325	833,09393	0,0703	779,305
cê	115	6076	1651,82422	1,31437	714,158
ôtra	39	33	560,18384	0,00714	557,206
guaraná	122	10314	1752,37	2,23114	542,648

Fonte: Programa *Sketch Engine*.

Segundo Berber Sardinha (2006, p. 91), as palavras-chave podem ser classificadas em dois tipos: “As positivas são aquelas cuja frequência no *corpus* de estudo é maior do que no *corpus* de referência, ao passo que as negativas são aquelas cuja frequência é menor no *corpus* de estudo”. Para efeitos de seleção de lexias, até o momento, as palavras-chave negativas são mais úteis do que as positivas para este estudo, pois, se percebe, por exemplo, que as lexias *prantar* e *guaraná* apresentam um nível de significância relevante para o campo lexical do *trabalho*. Chega-se a essa interpretação devido à seleção das palavras-chave selecionadas dentro do *corpus* de estudo apresentar diferença significativa (maior ou menor) em relação ao *corpus* de referência. Para Berber Sardinha (2006, p. 91),

O cálculo do que chamamos de ‘maior’ e ‘menor’ é feito pelo programa por meio de testes estatísticos como o qui-quadrado e o log-likelihood, que comparam a frequência de cada palavra no corpus com sua frequência no corpus de referência (caso a palavra em questão não exista no corpus de referência sua frequência será zero).

Além disso, o pesquisador deve estar atento a leitura realizada pelo programa, principalmente, quando se tratar de um *corpus* oral, pois, sabe-se que a modalidade oral da língua apresenta muitas variações e pode ocorrer que, ao comparar dois *corpora*, tais variações não sejam encontradas em ambos. Isso pode gerar a problemática de análise das formas tipicamente dialetais como *tisôra* e *tesôra*, no *corpus* de estudo, e *tesoura*, no *corpus* de referência. Por isso, uma alternativa seria confirmar manualmente no *corpora* a ocorrência das variações. No caso desta pesquisa, o processo foi realizado apenas dentro do *corpus* de estudo, a partir da lexia selecionada pelo programa.

Após a etapa de seleção das palavras-chave geradas de forma semiautomática pelo programa *Sketch Engine*, cabe ao pesquisador considerar os objetivos da pesquisa para selecionar as palavras-chave e analisá-las (BERBER SARDINHA, 2009). Com base nisso, optamos por verificar individualmente os significados das lexias apresentadas pelo programa e retornar as linhas de concordância para verificar o contexto em que foram empregadas para que, posteriormente, fossem agrupadas nos campos semânticos.

Sendo assim, como foram apresentadas 2.000 palavras-chave, um número bem significativo de palavras a serem analisadas, e pensando nas relações semânticas, buscamos as classes gramaticais mais abrangentes dentro do corpus de estudo, sendo elas: substantivos, verbos, adjetivos, sendo que, para esta pesquisa, foram utilizadas 366 unidades lexicais distribuídas entre essas três classes. Logo, ao considerar todo o *corpus* de estudo, o *Sketch Engine* apresentou as seguintes frequências: 2.002 substantivos, 880 verbos, 484 adjetivos.

Mediante estas considerações sobre as contribuições da LC para esta pesquisa e de como o programa *Sketch Engine* foi utilizado, é importante compreendermos melhor a organização das lexias e o agrupamento nos campos semânticos. Por isso, a próxima seção é dedicada a isso.

3.4 A construção das redes associativas

3.4.1 A organização das lexias nos campos semânticos

O léxico dos assentados do PA São Francisco é resultado de um longo percurso de idas e vindas ao assentamento desde 2013, sendo pautado pelo método etnográfico, que visa o estudo

in loco das práticas culturais, relações sociais e sistemas de crenças, por exemplo. Esse processo permitiu a elaboração, *a priori*, dos campos semânticos e, conforme as respostas dadas pelos falantes, foram estabelecidas as possíveis relações associativas.

A constituição dos campos semânticos do PA São Francisco também envolveu a comparação dos campos lexicais do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM). Esses atlas foram selecionados porque envolvem uma dimensão de caráter mais ampla, como o projeto ALiB, que possui como meta o desenvolvimento de um atlas geral do Brasil, e o ALAM como a primeira fonte de consulta para os falares de nove municípios representativos para o Estado do Amazonas, tais como: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins.

Com o objetivo de organizar as lexias nos campos semânticos, a disposição delas se deu a partir de uma organização onomasiológica para que fosse possível agrupá-las. Tal como proposto por Coseriu (1981), Abbade (2012) e Biderman (1981), a estruturação dos campos semânticos se estabeleceu por meio de uma relação de sentidos e de intersecção entre as lexias que compõem os campos semânticos delimitados.

De acordo com o *corpus*, os campos semânticos dos aspectos socioculturais dos assentados é dividido em: 1) assentamento, tendo em vista o objetivo de conhecer o processo de criação e a realidade desta comunidade; 2) saúde, pois é uma das principais dificuldades vivenciadas pelos assentados; 3) convívio e comportamento social, dado que é relevante conhecer a organização e atitudes sociais ao considerar o ‘eu’ e o ‘outro’; 4) trabalho, os meios necessários para a (sobre)vivência no assentamento e a fonte de renda; 5) meios de transporte, como meio destinado à locomoção de pessoas dentro e fora do assentamento, ou de produtos produzidos pelos próprios assentados; 6) fauna, para conhecer os animais mais característicos do assentamento; 7) religião e crenças, para conhecer as atitudes dos assentados em relação aos seres sobrenaturais e lendas, bem como os rituais e comportamentos religiosos; 8) jogos e diversões, como uma forma de retornar ao passado dos assentados e lembrar a infância.

Para a organização das lexias nos campos semânticos, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia para a verificação das definições e significações dadas em obras lexicográficas. A ficha seguiu o modelo adotado por Costa (2012), com adaptações para esta pesquisa, conforme a Figura 28.

Figura 28 – Modelo de ficha adotado por Costa.

Número da ficha – lexia [classificação morfológica]
<i>Abonação</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Freire: 4. Aurélio:
Origem:
Obs:

Fonte: Costa (2012).

Quadro 07 - Modelo de ficha proposto por Costa (2012) com adaptações.

a) Garapé b) Nm [Ssing] c) (13 OCORRÊNCIAS) ~ Igarapé Nm [Ssing.] (10 OCORRÊNCIAS)
d) <i>Aí ela chegô lá no igarapé... quando ela viu a lavôra do guaraná assim... aí as castanhêra/castanhêra quando ela veio tava com nove anos é... nove anos não....dez ano... esse ano faz onze ano... lá em cima cheio de bola em volta do guaraná assim pura castanha... lá em cima aquele bichona com dez anos hoje é... agora com dez anos... então aí o igarapé água correndo assim ó...ela chegou no igarapé ela se emocionô... MENINA DO CÉU...ufa... aí ficou sentada ali e eu só olhando a água correndo e fazendo pergunta e pergunta e a lágrima correndo... (Entrevista 06SM67).</i> d) <i>Esse aí é o/é o...como é o nome desse garapé? Agora tá difícil lembrá dele. É o...eu me esqueci o nome desse garapé (Entrevista 10PM58).</i>
e) Etimologia: igarapé sm. ‘pequeno rio que corre entre duas ilhas Provavelmente do cast. <i>Iguana</i> e, este, do arua—ou entre uma ilha e a terra firme’ 1693. Do tupi que antilhamo <i>iwana</i> iguanodonte 1899. Do ing. * <i>ïara</i> ’pe < <i>ï</i> ’ara ‘canoa’ + ‘pe ‘caminho’. <i>iguanodont</i> , formado pelo modelo de <i>mastodont</i> igarité → igara. (v. mastodonte).
f) Registro em dicionários: Freire – Igarapé , s.m. Pequeno canal, que apenas dá passagem a igaras ou a outros pequenos barcos. 2. Rio pequeno ou riacho navegável. Aurélio – Igarapé , s.m. [Do tupi]. Bras. Amaz. MS Rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes e que é geralmente navegável; os maiores denominam-se <i>igarapés-açus</i> e os menores, <i>igarapés-mirins</i> . Houaiss – Igarapé , s.m. [Tupi * <i>ïara</i> ’pe no sentido de ‘pequena corrente de água entre ilhas ou trechos de um rio’ (derivado de (o) <i>ï</i> ’ara no sentido de ‘canoa’ + ‘pe no sentido de ‘caminho’). 1. Riacho que nasce na mata e deságua em rio. 2. Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme.
g) Observações:
h) Definição: Pequeno curso de água ligado ao rio que se caracteriza por possuir pouca profundidade e estar localizado no interior da mata.

a) A lexia apareceu de acordo com o encontrado nas entrevistas, com exceção dos verbos, uma vez que, devido à diversidade de formas, apareceu na forma infinitiva. b) A classificação morfológica indicou a classe gramatical, gênero e número. c) No número de

ocorrências há o número de vezes que a lexia apareceu nas entrevistas. d) Na abonação, foi apresentado, em itálico, um trecho da fala dos entrevistados com a lexia em estudo. e) No que se refere à etimologia, esta foi apresentada quando possível. f) No registro em dicionários o vocabulário apareceu como descrito em cada obra e quando não encontrada foi indicada por “não consta”. g) Nas observações foram feitas algumas anotações sobre as lexias pesquisadas, quando necessárias. h) Por fim, a definição foi elaborada a partir dos aspectos socioculturais apresentados pelos assentados do PA São Francisco, pois o que se almeja é verificar as distintas relações semânticas, considerando as possibilidades de combinação lexical em contexto de uso. Dessa forma, almejamos priorizar uma definição o mais clara possível e que realce os aspectos socioculturais dos entrevistados.

Para verificar se as lexias se encontravam dicionarizadas, tomamos como base os dicionários:

- a) “Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Laudelino Freire (1954);
- b) “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Versão digital³⁶);
- c) “Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, de Antônio Houaiss (Versão digital³⁷);

Além dessas obras lexicográficas, utilizamos também o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2012), para verificar a etimologia. Todavia, nem para todas as lexias foram encontradas uma etimologia, por isso, foram indicadas na ficha quando possível. A consulta aos dicionários nos permitiu não somente um retorno ao passado, mas ao contexto atual também, sendo importante para a compreensão dos significados atribuídos às lexias utilizadas nesta pesquisa, facilitando o agrupamento delas nos campos lexicais e da discussão acerca de uma lexia pertencer a mais de um campo lexical.

Após este processo, criaram-se as redes associativas utilizando o programa *Gephi*³⁸ para uma melhor visualização das conexões e intersecções das lexias dentro de cada campo lexical.

³⁶ Desenvolvido por *Snowman Labs*. 5ª edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010).

³⁷ Versão do Houaiss Corporativo.

³⁸ Eduardo Silva, Integrante do Laboratório de Políticas Públicas Participativas – L3P, elaborou um guia básico em português do software *Gephi* para a compreensão da interface do programa e pode ser acessado pelo link https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/771/o/Gephi-Guia_B%C3%AAsico_de_Interface.pdf.

3.4.2 A criação das redes semânticas no software Gephi

O *Gephi* é um software gratuito³⁹ utilizado para a estruturação e visualização de redes pelo formato de arquivo .csv, separados por ponto e vírgula. A escolha por este programa se fez pela possibilidade de revelar estruturas particulares e associações coletivas das lexias encontradas no PA São Francisco. Ressaltamos também que esse recurso se tornou relevante para mostrar quantas pessoas mencionaram algumas lexias, com base na frequência de ocorrência no *corpus*. Sendo assim, os dados foram tabulados e convertidos para o formato .csv, com todas as lexias que constituíram as redes dos campos semânticos. Tal metodologia seguiu os procedimentos adotados por Andrade Rios (2017), com adaptações para o propósito desta pesquisa.

O passo mais importante, antes de importar os dados para o *Gephi*, é estruturar e organizar as informações necessárias para análise na tabela no Excel. A construção da planilha para a criação da rede envolveu dois processos de organização dos elementos, sendo: 1) estruturação dos dados na tabela, conforme as informações relevantes para a pesquisa; e 2) estruturação dos dados para a leitura no *Gephi*. A Figura 29 abaixo mostra o primeiro passo de construção da planilha.

Figura 29 - Organização dos dados na primeira planilha no Excel.

Id	Origem	Lexia 1	Lexia 2	Lexia 3	Lexia 4	Lexia 5	Lexia 6	Lexia 7	Lexia 8	Lexia 9	Lexia 10	Lexia 11	Lexia 12	Lexia 13	Lexia 14	Lexia 15	Lexia 16	Lexia 17	Lexia 18	Lexia 19
1	01RO	bui veio	burro	boi	chifrudo	sapatao	mano	pregao	sapatona	gay	miseravel	cachaceiro	lesbica	boy	pinguico	bebaio	garoto			
2	02RO	mao de va no cego		nega	xara	cornio	mano	panguao	cachaceiro	talarico	veadagem									
3	03PI	mao de va cu de cachaca		meu amo	falta de interesse	burro	calotero	sapatao	cornio	jumento	sapatona	amo	mana	gatinha	cachaceiro	fofoquera	homossexi	veiaico	lerdeza	coincidenc
4	04SP	xara	calotero	sapatao	cornio	leso	tagarela	pao duro	inadimplente	cachacero										
5	05RO	mao de va pa de cornos		pe de cana	pa de chifre	irmao	xara	cornio	gay	tagarela	lesbica									
6	06PE	nega do le sem fe		meu irmao	irmao	burro	nega	boi	calotero	chifrudo	leso	miseravel								
7	07MT	mao de va no cego		meu irmao	fala demais	irmao	chifrudo	cornio	alcoolatra	sapatona	amo	fofoquera	falado	economizado						
8	08MS	mao de va bom dia cavalo		pe de boi	mia nega	melo lerdo	irmao	nega	boi	xara	seguro									
9	09MT	mao de va no cego		sem nocao	chifrudo	alcoolatra	homossexual	linguado												
10	10ES	mao de va no cego		fala demais	xara	calotero	seguro	alcoolatra	cano											
11	11MA	mao de va cu de cachaca		home da cobra	pe inchado	meu irmao	fala demais	irmao	burro	nega	chifrudo	viado	jumento	sapatona	amo					branquela
12	12SC	no cego	mao fechada	burro	xara	chifrudo	viado	jumento	safado	sapata										
13	13RO	mao de va pe inchado		no cego	meu irmao	fala demais	meu veio	irmao	burro	xara	chifrudo	sapatao	viado	mana	fuxiquero	ignorante				

Fonte: Tela do Programa Excel.

A planilha foi composta pelo cabeçalho *Id*, referente à identificação das linhas da planilha; *Origem*, relaciona-se com a ordem de realização das entrevistas e o estado de origem dos assentados (01RO); e de *Lexia 1* até a *Lexia 21*, enumera as lexias que cada falante apresentou para o campo lexical *convívio e comportamento social*. O preenchimento das linhas variou de acordo com o informante, por isso nem todos conseguiram atingir as 21 lexias, o que

³⁹ O download do programa pode ser feito pelo site <https://gephi.org/>.

não gerou nenhum problema para esta análise. Cabe ressaltar que o pesquisador pode inserir outras informações na planilha, por exemplo, *Id*, *Idade*, *Gênero* etc., conforme os objetivos traçados.

Realizada essa primeira parte, transformamos os dados em tabela, mas, para isso, selecionamos uma célula que constitui a tabela (Figura 30), posteriormente, localizamos a aba *Inserir* do Excel e pressionamos o ícone *Tabela*. Assim, todas as colunas e linhas foram convertidas.

Figura 30 - Dados convertidos em tabela.

id	Origem	Lexia 1	Lexia 2	Lexia 3	Lexia 4	Lexia 5	Lexia 6	Lexia 7	Lexia 8	Lexia 9	Lexia 10	Lexia 11	Lexia 12	Lexia 13	Lexia 14	Lexia 15	Lexia 16	Lexia 17	Lexia 18
1	01RO	boi veio	burro	boi	chifrado	sapatao	mano	pregao	sapatona	gay	miseravel	cachaceiro	lesbica	boy	pinguco	bebao	garoto		
2	02RO	mao de vaca	no cego	nega	xara	cornio	mano	panguao	cachaceiro	talarico	veadagem								
3	03PI	mao de vaca	cu de cachaca	meu amo	falta de interesse	burro	calotero	sapatao	cornio	jumento	sapatona	amo	mana	gatinha	cachaceiro	fofoquera	homossexu	veiaço	lerdeza
4	04SP	xara	calotero	sapatao	cornio	leso	tagarela	mufino	pao duro	inadimplente	cachacero								
5	05RO	mao de vaca	pa de cornos	pe de cana	pa de chifre	irmao	xara	cornio	gay	tagarela	lesbica								
6	06PE	nega do leite	sem fe	meu irmao	irmao	burro	nega	boi	calotero	chifrado	leso	miseravel							
7	07MT	mao de vaca	no cego	meu irmao	fala demais	irmao	chifrado	cornio	alcoolatra	sapatona	amo	fofoquera	falado	economizado					
8	08MS	mao de vaca	bom dia cavalo	pe de boi	mia nega	meio lerdo	irmao	nega	boi	xara	seguro	viado	alcoolatra	descontrolado					
9	09MT	mao de vaca	no cego	sem nocao	chifrado	alcoolatra	homossexual	linguaurdo											
10	10ES	mao de vaca	no cego	fala demais	xara	calotero	seguro	alcoolatra	cano										
11	11MA	mao de vaca	cu de cachaca	home da cobra	pe inchado	meu irmao	fala demais	irmao	burro	nega	chifrado	viado	jumento	sapatona	amo	branquela			
12	12SC	no cego	mao fechada	burro	xara	chifrado	viado	jumento	safado	sapata									
13	13RO	mao de vaca	pe inchado	no cego	meu irmao	fala demais	meu veio	irmao	burro	xara	chifrado	sapatao	viado	mana	fuxiquero	ignorante			

Fonte: Tela do Programa Excel.

Como na tabela há células com espaços vazios que não foram preenchidos, fizemos as alterações na estrutura da tabela para inspecionar os dados e, posteriormente, eliminar os espaços vazios. Dessa forma, selecionamos toda a tabela e, em seguida, realizamos a localização da aba *Dados* e pressionamos o ícone *Da Tabela*, conforme a Figura 31.

Figura 31 - Dados convertidos em *Da Tabela*.

id	Origem	Lexia 1	Lexia 2	Lexia 3	Lexia 4	Lexia 5	Lexia 6	Lexia 7	Lexia 8	Lexia 9	Lexia 10	Lexia 11	Lexia 12	Lexia 13	Lexia 14	Lexia 15	Lexia 16	Lexia 17	Lexia 18
1	01RO	boi veio	burro	boi	chifrado	sapatao	mano	pregao	sapatona	gay	miseravel	cachaceiro	lesbica	boy	pinguco	bebao	garoto		
2	02RO	mao de vaca	no cego	nega	xara	cornio	mano	panguao	cachaceiro	talarico	veadagem								
3	03PI	mao de vaca	cu de cachaca	meu amo	falta de interesse	burro	calotero	sapatao	cornio	jumento	sapatona	amo	mana	gatinha	cachaceiro	fofoquera	homossexu	veiaço	lerdeza
4	04SP	xara	calotero	sapatao	cornio	leso	tagarela	mufino	pao duro	inadimplente	cachacero								
5	05RO	mao de vaca	pa de cornos	pe de cana	pa de chifre	irmao	xara	cornio	gay	tagarela	lesbica								
6	06PE	nega do leite	sem fe	meu irmao	irmao	burro	nega	boi	calotero	chifrado	leso	miseravel							
7	07MT	mao de vaca	no cego	meu irmao	fala demais	irmao	chifrado	cornio	alcoolatra	sapatona	amo	fofoquera	falado	economizado					
8	08MS	mao de vaca	bom dia cavalo	pe de boi	mia nega	meio lerdo	irmao	nega	boi	xara	seguro	viado	alcoolatra	descontrolado					
9	09MT	mao de vaca	no cego	sem nocao	chifrado	alcoolatra	homossexual	linguaurdo											
10	10ES	mao de vaca	no cego	fala demais	xara	calotero	seguro	alcoolatra	cano										
11	11MA	mao de vaca	cu de cachaca	home da cobra	pe inchado	meu irmao	fala demais	irmao	burro	nega	chifrado	viado	jumento	sapatona	amo	branquela			
12	12SC	no cego	mao fechada	burro	xara	chifrado	viado	jumento	safado	sapata									
13	13RO	mao de vaca	pe inchado	no cego	meu irmao	fala demais	meu veio	irmao	burro	xara	chifrado	sapatao	viado	mana	fuxiquero	ignorante			

Fonte: Tela do Programa Excel.

Após esse processo, a primeira tabela foi importada para uma nova tabela no *Power Query* (Fig.32), um suplemento gratuito do Excel para transformações e preparação de dados.

Figura 32 - Preparação de dados no *Power Query*.

	Id	Origem	Lexia 1	Lexia 2	Lexia 3	Lexia 4	Lexia 5	Lexia 6	Lexia 7	Lexia 8	Lexia 9	Lexia 10	Lexia 11
1	1	01RO	boi veio	burro	boi	chifrudo	sapatao	mano	pregao	sapatona	gay	miseravel	cachaceiro
2	2	02RO	mao de vaca	no cego	nega	xara	cornu	mano	panguao	cachaceiro	cornu	talarico	veadagem
3	3	03PI	mao de vaca	cu de cachaca	meu amo	falta de interesse	burro	calotero	sapatao	cornu	jumento	sapatona	amo
4	4	04SP	xara	calotero	sapatao	cornu	leso	tagarela	mufino	pao duro	inadimplente	cachacero	
5	5	05RO	mao de vaca	pa de cornos	pe de cana	pa de chifre	irmao	xara	cornu	gay	tagarela	lesbica	
6	6	06PE	nega do leite	sem fe	meu irmao	irmao	burro	nega	boi	calotero	chifrudo	leso	miseravel
7	7	07MT	mao de vaca	no cego	meu irmao	fala demais	irmao	chifrudo	cornu	alcoholatra	sapatona	amo	fofoquera
8	8	08MS	mao de vaca	bom dia cavalo	pe de boi	mia nega	meio lerdo	irmao	nega	boi	xara	seguro	viado
9	9	09MT	mao de vaca	no cego	sem nocao	chifrudo	alcoholatra	homossexual	linguarudo		null	null	null
10	10	10ES	mao de vaca	no cego	fala demais	xara	calotero	seguro	alcoholatra	cano		null	null
11	11	11MA	mao de vaca	cu de cachaca	home da cobra	pe inchado	meu irmao	fala demais	irmao	burro	nega	chifrudo	viado
12	12	12SC	no cego	mao fechada	burro	xara	chifrudo	viado	jumento	safado	sapata		null
13	13	13RO	mao de vaca	pe inchado	no cego	meu irmao	fala demais	meu veio	irmao	burro	xara	chifrudo	sapatao

Fonte: Tela inicial do *Power Query*.

Com os dados importados para a *Power Query* verificamos se todas as colunas e linhas que havia na tabela anterior estavam presentes na nova configuração. Feito isso, selecionamos as colunas de *Lexia 1* até a *Lexia 21* (Figura 33). Em seguida, localizamos a guia *Transformar* e pressionamos o ícone que aponta duas tabelas trocadas, com a seleção da alternativa *Transformar colunas em linhas*.

Figura 33 - Transformar colunas em linhas.

	Id	Origem	Atributo	Valor
1	1	01RO	Lexia 1	boi veio
2	1	01RO	Lexia 2	burro
3	1	01RO	Lexia 3	boi
4	1	01RO	Lexia 4	chifrudo
5	1	01RO	Lexia 5	sapatao
6	1	01RO	Lexia 6	mano
7	1	01RO	Lexia 7	pregao
8	1	01RO	Lexia 8	sapatona
9	1	01RO	Lexia 9	gay
10	1	01RO	Lexia 10	miseravel
11	1	01RO	Lexia 11	cachaceiro
12	1	01RO	Lexia 12	lesbica
13	1	01RO	Lexia 13	boy
14	1	01RO	Lexia 14	pinguico
15	1	01RO	Lexia 15	bebaao
16	1	01RO	Lexia 16	garoto

Fonte: Tela inicial do *Power Query*.

Todas as colunas de *lexias* (1 a 21) foram organizadas em uma única coluna chamada de *Valor* e outra foi criada, denominada *Atributo*. Nesse processo, houve a identificação de cada *lexia* pelo cabeçalho (*Lexia 1* e assim sucessivamente) que constava na coluna originalmente. Além disso, os dados de *Id* e *Origem* foram multiplicados para identificar as *lexias* que correspondem a cada entrevistado. Depois, procuramos a aba *Arquivo* e clicamos em *Fechar e Carregar*, porque o *Power Query* não permite edição de dados.

Após fechar e carregar, a tabela retorna ao Excel com os dados gerados no *Power Query*, mas com uma nova guia chamada *Planilha 2*. Realizado todo esse processo inicial, organizamos a coluna *Valor* por ordem alfabética, pela seta que aparece disponível à direita. Isso foi realizado para facilitar o processo de organização das palavras, eliminando os espaços vazios das células.

É importante também realizar uma padronização em maiúscula ou minúscula e eliminação de espaços entre as lexias, pois quando a tabela é convertida para o programa *Gephi*, ele reconhece a mesma palavra com dois valores diferentes se forem escritas de formas distintas, por exemplo, *estilingue* difere de *estilingue_* (seguida por um espaço em branco). Os acentos também seguem a mesma lógica, *pupunha* difere de *pûpûnha* e o programa ao realizar a leitura não interpreta o item que apresenta a acentuação, sendo necessário retirar o acento (Fig.34).

Figura 34 - Leitura no programa *Gephi*.

Id	Source	Target	Type	Label	Weight
1	RO	pupunha	Undirected	50	1
2	AM	p?p?nha	Undirected	100	2

Fonte: Tela do programa *Gephi*.

Para evitar esses problemas foram necessários alguns passos de padronização das palavras na tabela. Primeiro, todas as palavras foram convertidas em maiúsculas ou minúsculas. Optamos por utilizar a função do Excel =MINÚSCULA(D2)⁴⁰ e, em seguida, pressionamos a tecla *Enter* (teclado). Dentro do parêntese foi inserida a célula em que foi convertida em minúscula. Conseqüentemente, as outras células da coluna *D* também foram convertidas automaticamente, de acordo com a Figura 35.

⁴⁰ É importante ressaltar que o nome da função sofre alteração de acordo com a língua em que o programa foi configurado. Por exemplo, em inglês a função é =LOWER(), minúscula, e =UPPER(), maiúscula.

Figura 35 - Padronização das palavras.

Id	Origem	Atributo	Valor
1	01RO	Lexia 1	boi veio
2	01RO	Lexia 2	burro
3	01RO	Lexia 3	boi
4	01RO	Lexia 4	chifrufo
5	01RO	Lexia 5	sapatao
6	01RO	Lexia 6	mano
7	01RO	Lexia 7	pregao
8	01RO	Lexia 8	sapatona
9	01RO	Lexia 9	gay
10	01RO	Lexia 10	miseravel
11	01RO	Lexia 11	cachaceiro
12	01RO	Lexia 12	lesbica
13	01RO	Lexia 13	boy
14	01RO	Lexia 14	pinguico
15	01RO	Lexia 15	hebao
16	01RO	Lexia 16	garoto
17	02RO	Lexia 1	mao de vaca
18	02RO	Lexia 2	no cego
19	02RO	Lexia 3	nega
20	02RO	Lexia 4	xara
21	02RO	Lexia 5	cornio
22	02RO	Lexia 6	mano
23	02RO	Lexia 7	pinguao
24	02RO	Lexia 8	cachaceiro
25	02RO	Lexia 9	talario
26	02RO	Lexia 10	veadagem
27	03PI	Lexia 1	mao de vaca
28	03PI	Lexia 2	cu de cachaca
29	03PI	Lexia 3	meu amo
30			

Fonte: Tela do programa Excel.

Para eliminar os espaços entre as palavras, utilizamos a função do Excel =ARRUMAR(D2) e pressionamos a tecla *Enter* (teclado). Tal como o passo anterior, todas as palavras da coluna *D* foram convertidas automaticamente. Além disso, é importante que as palavras não contenham acentuação, símbolos ou caracteres especiais. Por exemplo, *Edição* deverá ser escrita como *Edicao*.

Após esse passo, selecionamos toda a tabela para converter os valores pelo processo de *copiar* e *colar* no mesmo local, usando o formato de pressionar o botão direito do mouse em *copiar*, *Colar Especial* e, em seguida, *Valores*. Assim, as colunas foram retiradas e as novas configurações de leitura para o *Gephi* foram iniciadas.

A parte de integração de lexias foi mais trabalhosa porque a lista de palavras apresentou muitos registros e a tabela gerada fez uma organização mais detalhada para a leitura do *Gephi*. Posteriormente, o próximo passo foi fazer a substituição do cabeçalho das colunas, nomeando-os com: *Origem (Source)*, *Destino (Target)*, *Tipo (Type)*, *Id*, *Label* e *Weight*.

A *Origem (Source)* e o *Destino (Target)* referem-se às informações de entrada e saída, e servem para verificar se o item *João* pode estar relacionado somente com o item *Maria* ou com outro item, como *Ana*. Para a primeira possibilidade, tem-se uma origem de *João* e saída para *Maria*, para a segunda tem-se a origem *João* e saídas para *Maria* e *Ana*. Em outras palavras, a origem *João* entra em contato somente com *Maria* ou também pode estabelecer relação com *Ana*. O processo descrito é interessante para quem deseja verificar as relações ou

trocas de informações/contato de forma direcionada, como, por exemplo, entre diferentes sujeitos.

Todavia, a distinção entre *Origem (Source)* e *Destino (Target)* não é relevante para esta pesquisa, pois o *tipo* de rede construída foi a não direcionada, ou seja, não há origem da lexia e nem destino da lexia. Logo, o programa *Gephi* encontrou as informações a partir da leitura dos dados disponibilizados na tabela do Excel, em formato .csv, e, posteriormente, criou a rede. É importante ressaltar que a *Origem e Destino* (Português) ou *Source e Target* (Inglês) devem encabeçar a primeira e a segunda coluna, identificadas ortograficamente por uma delas, pois o programa reconhece os dados somente a partir da leitura dessas formas.

O *Type* refere-se ao tipo de aresta *Undirected* (não direcionado) ou *Directed* (direcionada), sendo que o primeiro indica quando no par de palavras analisadas não há relação indicada, enquanto no segundo ocorre o inverso, isto é, quando há direcionamento. O *Type* não direcionado possibilita ao próprio programa, *Gephi*, a realização da leitura dos dados e o encontro das relações entre as palavras. O *Type* direcionado limita essas associações, porque é o pesquisador que indica as ligações entre as palavras. Logo, para esta pesquisa, utilizamos o não direcionado (*Type Undirected*).

Outro cabeçalho importante é o *id*, pois funciona como o número de identificação e aparece em sequência e sem repetição. É importante destacar que se houver repetição de *id*, deve-se realizar a troca por outro que ainda não tenha sido usado. O *Label* é o nome das arestas e indica o peso delas com base na frequência relativa, e *Weight* apresenta a frequência de ocorrência no *corpus* de estudo. O peso das arestas (*Label*) foi calculado por meio da função $=INT((D2/13)*100)$, ou seja, o *INT* é usado para fechar qualquer número para inteiros, mais o número de frequência no *corpus* de cada lexia apresentado na célula *D2*, dividido pelo número de entrevistados (13) e multiplicado por 100. Esse passo proporcionou a comparação entre diferentes ocorrências de palavras pelos falantes. Nesse sentido, a Figura 36 mostra detalhadamente os passos adotados, visando uma melhor compreensão desta etapa.

Figura 36 - Organização dos dados para a leitura no *Gephi*.

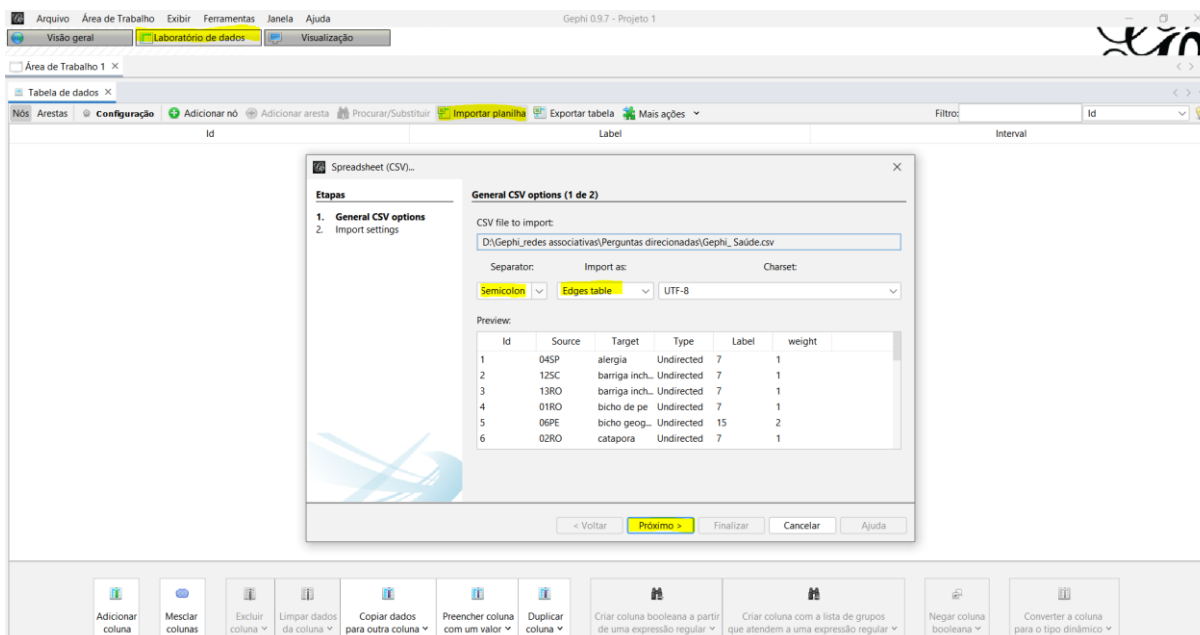
Id	Source	Target	Type	Label	weight
1	04SP	alergia	Undirected	7	1
2	12SC	barriga inchada	Undirected	7	1
3	13RO	barriga inchada	Undirected	7	1
4	01RO	bicho de pe	Undirected	7	1
5	06PE	bicho geografico	Undirected	15	2
6	02RO	catapora	Undirected	7	1
7	04SP	catapora	Undirected	7	1
8	07MT	catapora	Undirected	7	1
9	08MS	catapora	Undirected	23	3
10	09MT	catapora	Undirected	7	1
11	12SC	catapora	Undirected	7	1
12	13RO	catapora	Undirected	15	2
13	02RO	caxumba	Undirected	7	1
14	03PI	caxumba	Undirected	15	2
15	04SP	caxumba	Undirected	15	2
16	05RO	caxumba	Undirected	7	1
17	06PE	caxumba	Undirected	15	2
18	07MT	caxumba	Undirected	7	1
19	08MS	caxumba	Undirected	15	2
20	09MT	caxumba	Undirected	7	1
21	10ES	caxumba	Undirected	23	3
22	12SC	caxumba	Undirected	7	1
23	13RO	caxumba	Undirected	7	1
24	01RO	cocerinha boa	Undirected	15	2
25	01RO	curuba	Undirected	7	1
26	02RO	curuba	Undirected	15	2
27	10ES	elergia	Undirected	15	2
28	10ES	elergia de pele	Undirected	7	1
29	04SP	pmachado	Undirected	15	2

Fonte: Tela inicial do Excel.

Com esse processo realizado, o arquivo foi salvo em formato .csv. Caso contrário, não seria possível importarmos a planilha de dados para o *Gephi*. Em seguida, abrimos o programa *Gephi* e selecionamos a opção *novo projeto*, conforme a figura 36. Para importar a tabela criada, pressionamos o menu *Laboratório de dados*, selecionamos o menu *importar planilha*, posteriormente, localizamos o arquivo com a tabela (salvo no computador), verificamos o tipo correto de separador do arquivo de .csv⁴¹, vírgula ou ponto e vírgula e, por fim, selecionamos *Avançar e Finalizar* (Figura 37).

⁴¹ Para salvar o arquivo em formato.csv no Excel, é importante escolher a opção de *Salvar como > Tipo > CSV (separado por vírgulas)*.

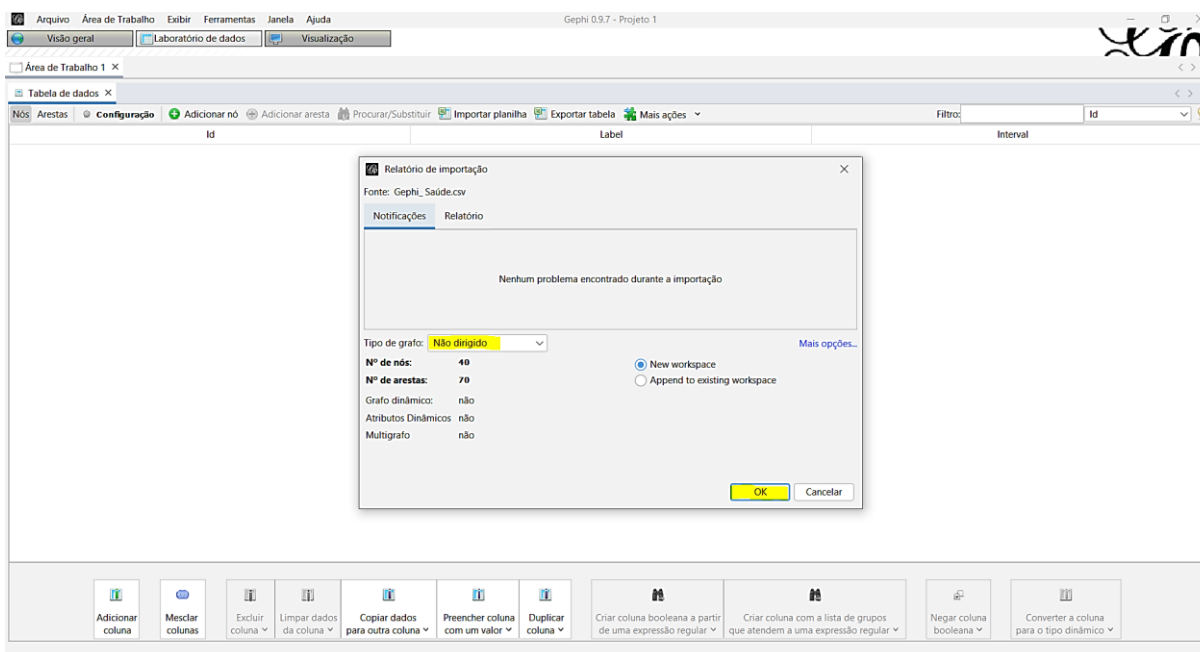
Figura 37 - Planilha importada para o *Gephi*.



Fonte: Tela inicial do *Gephi*.

Após *Finalizar* apareceu uma nova janela para a escolha do *Type*, sendo selecionado o *não direcionado* e *OK* (Figura 38).

Figura 38 - Tipo de grafo.

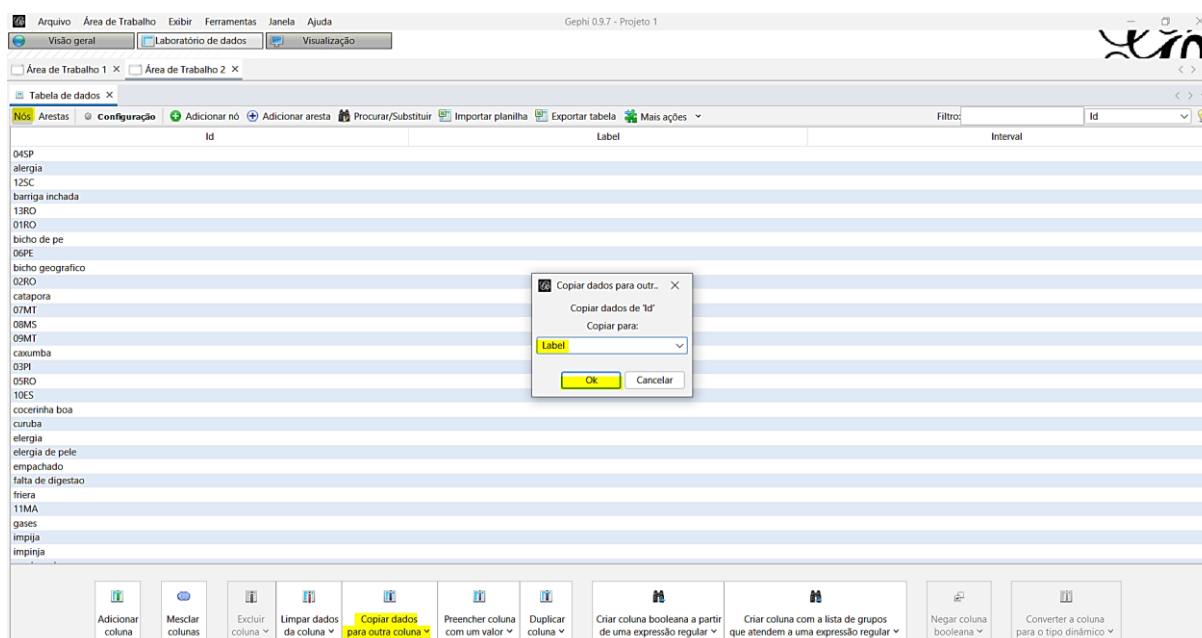


Fonte: Tela inicial do *Gephi*.

Com a planilha importada para o *Gephi*, a primeira ação executada foi a de verificar, no *Laboratório de dados*, se todos os dados apresentados na tabela do Excel estavam presentes. Posteriormente, clicamos em *Copiar dados para outra coluna*, selecionamos *ID*, que se refere

à coluna da qual copiamos os dados, em seguida, Label, coluna em que os dados foram copiados (Fig. 39).

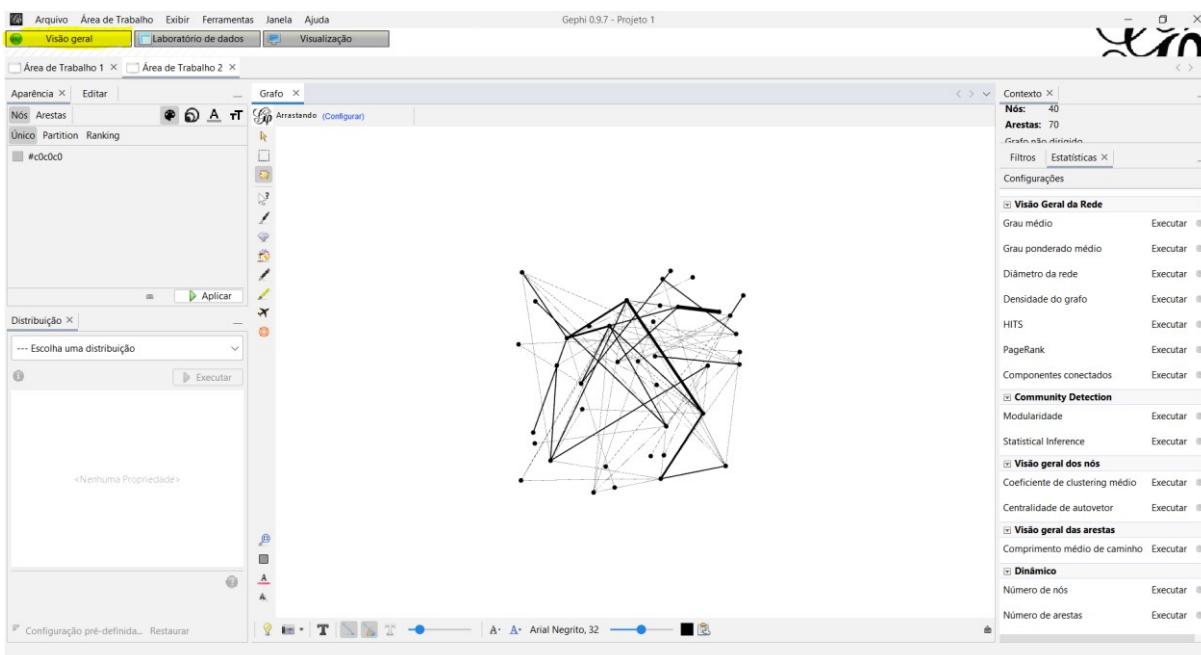
Figura 39 - Copiar dados de ID para Label.



Fonte: Tela do programa *Gephi*.

Após clicar em *OK*, todos os dados copiados foram agrupados na coluna *Label* e o grafo foi gerado. Para visualizá-lo, clicamos no menu *Visão geral*, conforme a Figura 40 abaixo:

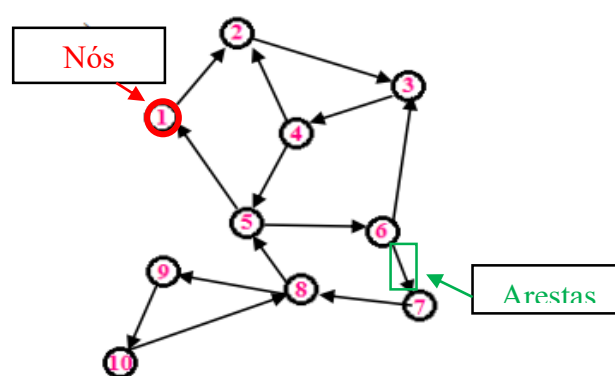
Figura 40 - Grafo gerado.



Fonte: Tela inicial do *Gephi*.

Sendo assim, a primeira versão do grafo foi gerada, mas para darmos forma à estrutura foi necessário configurá-lo, pensando em uma melhor visualização dos dados para o leitor. Para isso, foram ajustadas as *arestas* e *nós* com o auxílio das ferramentas de configuração disponíveis pelo programa. A leitura das redes por meio dos grafos se faz pelas unidades ou atributos que são representadas por nós e as ligações entre as unidades, que são identificadas pelas arestas (MENDONÇA JUNIOR, 2015). No caso desta pesquisa, os nós seriam as lexias utilizadas pelos assentados e as arestas uniriam os falantes através do peso, critério de frequência e distribuição das lexias no *corpus*. A figura 41 apresenta os *nós* e *arestas*.

Figura 41 - Nós e Arestas.



Fonte: Adaptado de Reis e Izidio (2017).

Com isso, podemos verificar qual(is) lexia(s) são relevantes dentro de cada campo lexical e qual forma é mais conhecida pelos falantes dentro do contexto do PA São Francisco. Assim, as *arestas* que possuem uma espessura maior têm o valor (peso) de frequência mais alto, enquanto a espessura menor (peso) apresenta um baixo valor de frequência. Para uma melhor visualização das lexias e dos falantes, foram adicionadas cores para identificar os atributos individuais de cada entrevistado e as relações de ligações que ocorrem entre eles para formar um todo.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do léxico do PA São Francisco foram delineados para que a descrição e análise das lexias não dependesse da subjetividade, mas de critérios que possibilitassem escolhas e condições para a criação das redes associativas. Assim, a próxima seção mostra a estrutura e organização do produto final desta tese, ou seja, o glossário com as unidades lexicais dos assentados do PA São Francisco.

3.5 A estrutura e a organização do glossário

Realizada, portanto, a delimitação e a organização das lexias nos oito campos semânticos e a criação das redes associativas, temos a última fase desta pesquisa: a elaboração do glossário com as lexias utilizadas pelos assentados do PA São Francisco. No glossário, as lexias seguem a organização onomasiológica (do conceito para a palavra), visto que é um dos princípios da teoria dos campos semânticos e o *corpus* utilizado é a fonte principal para a construção das definições e contextos de uso. Assim, o que é relevante para a pesquisa é o significado atribuído às lexias pelos assentados, considerando o contexto em que os falantes estão inseridos, isto é, o projeto de assentamento.

A elaboração do glossário adotou os pressupostos de Barbosa (1995), uma vez que afirma que o glossário pretende ser representativo de um vocabulário que “reúne os vários empregos, ou seja, as várias palavras-ocorrências de um mesmo vocábulo, muito embora sejam essas ocorrências levantadas de um único texto”. Nesse sentido, a macro e a microestrutura do glossário foram desenvolvidas.

3.5.1 A Macroestrutura

O *Glossário do PA São Francisco – sul do Amazonas* é constituído pelas unidades lexicais determinadas pelo critério de seleção do programa *Sketch Engine*, a partir da ferramenta *Keywords* e, posteriormente, da relação entre as lexias e seus respectivos campos semânticos. Assim, as entradas tratam-se das lexias que, mesmo não sendo encontradas exclusivamente no PA São Francisco, caracterizam a comunidade pelo viés heterogêneo, tanto linguístico quanto sociocultural. Como afirma Freire (2011), é “bobagem” disputar a naturalidade dos termos, porque falamos uma só língua e todos fazem parte do português brasileiro. Todavia, é importante conhecer as várias razões socioculturais e históricas que acabaram contribuindo para o uso de uma ou outra lexia no PA São Francisco.

Nesse sentido, apresentamos as propriedades linguísticas dos assentados a partir dos parâmetros geográficos, referente à localidade, e socioculturais, relacionados aos fatores de identidade dos falantes, processos históricos e organização da comunidade de fala. Logo, fundamentado em Biderman (1981), acerca do conceito de rede associativa, os campos foram agrupados da seguinte forma: assentamento, saúde, convívio e comportamento social, trabalho, meios de transporte, fauna, religião e crenças, jogos e diversões. Dessa forma, conseguimos estabelecer uma relação entre os termos e os devidos campos conceituais.

3.5.2 A microestrutura do glossário

O conjunto de entradas foi organizado de acordo com os campos semânticos pelo número de ocorrências das lexias e a elaboração da microestrutura seguiu este modelo:

Lexia – variação (quando houver) - estrutura morfológica – definição – abonação – remissiva – procedência.

A *lexia* foi retirada do *corpus* de estudo constituído para esta pesquisa. A *variação* foi apresentada, quando possível, para se referir às diferentes lexias que os assentados apresentaram para identificar um referente no mundo, seja a nível fonético-fonológico e/ou lexical. A *estrutura morfológica* possui as seguintes indicações: sm (substantivo masculino); sf (substantivo feminino); V (verbo); Adj. (adjetivo); fraseologismo (fras.) para indicar expressões com duas ou mais palavras que apresentam idiomaticidade, frequência ou estabilidade de uso. A *definição* comporta o significado da lexia pela representatividade apresentada no contexto do PA São Francisco, mesmo que, inicialmente, seja de uso geral, pois expõe características importantes referentes aos aspectos socioculturais do grupo de falantes. A *abonação* trata do contexto de uso, em que a lexia foi empregada pelos assentados. A *remissiva*, remete à lexia sinônima de outra lexia, já definida; ou seja, a relação semântica que a lexia possui com o termo-entrada. Por fim, a *procedência* mostra a naturalidade dos assentados.

Como as palavras-chave usadas nesta pesquisa já haviam sido selecionadas anteriormente, a opção foi por elaborar o glossário manualmente. Nesse caso, todas foram agrupadas e editadas de acordo com o objetivo da pesquisa. A partir da microestrutura delineada, os verbetes foram digitados e cada informação foi inserida nos campos destinados para a alocação, tal como apresentado no exemplo da microestrutura utilizada no glossário.

05. capim santo, s.m. Planta que apresenta folhas compridas, ásperas e com aroma forte. É muito utilizada na preparação de chá, para fins medicinais. *Tem umas plantas que assim... só não sei... Capim Santo né que/que é bom pra dormi (Entrevista 03LARF41). Ver erva cidrêra, cidrêra (PI, SP, PE).*

Após a elaboração do *Glossário do PA São Francisco – sul do Amazonas*, pretendemos fazer a divulgação on-line⁴² do produto lexicográfico para que todos os interessados no estudo

⁴² A confecção do glossário eletrônico está sendo desenvolvida como projeto PIB-LLA/0102/2022 (PIBIC-AF), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia - NUPEAS, com o apoio da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

da língua, principalmente no que se refere ao contexto amazônico, tenham conhecimento sobre a diversidade e a riqueza dos falares apresentados no Projeto de Assentamento São Francisco.

CAPÍTULO IV - O LÉXICO DO PROJETO DE ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO

“Quando contemplamos o mundo natural que partilhamos com os outros, não perdemos o contato conosco, mas nos reconhecemos como membros de uma sociedade de mentes. /.../ E essa comunidade de mentes é a base do conhecimento e a medida de todas as coisas.”

Donald Davidson, *Three Varieties of Knowledge*.

Este capítulo mostra as reflexões acerca das lexias, campos semânticos e aspectos socioculturais do *corpus* de estudo do PA São Francisco. O objetivo é expor a estruturação dos campos lexicais, a fim de esclarecer a delimitação apresentada ao longo da tese para os campos estudados e o delineamento das relações de sentido que dão base para o léxico do PA São Francisco, como um conjunto de fatores que formam um todo articulado. Dessa forma, foram analisadas as relações de sentido responsáveis pelos desenhos dos campos lexicais que, posteriormente, resultaram na organização onomasiológica do glossário.

4.1 A heterogeneidade das lexias no PA São Francisco: as relações entre língua, léxico, cultura e sociedade

Estudar o léxico do PA São Francisco foi desafiador, no sentido de buscar e traçar as relações entre a língua (léxico), cultura e sociedade para explicá-lo, porque é necessário ir além de um olhar individualista acerca desses fatores para compreender que a língua usada por nós apresenta diferenças e semelhanças, em que “se cada variante do português espalhada por esse país imenso tem sua nuance é porque também tem sua história particular” (FREIRE, 2011, p. 10). Nesse sentido, o interesse em registrar o léxico do PA São Francisco não se faz somente de uma perspectiva pessoal, mas também pela apreensão de saberes que estão vinculados aos aspectos locais.

Por isso, ao considerarmos a origem dos sujeitos-agentes do PA São Francisco, foi possível compreender a diversidade de falantes que se apresentam neste lugar, visto que não há somente uma cultura, mas culturas diferentes que se entrelaçam e, como tal, é marcada pelo trabalho dos assentados através de práticas e traços culturais individuais e coletivas. A seguir, destaca-se do Quadro 8, as informações sobre a naturalidade dos sujeitos-agentes que residem no PA São Francisco.

Quadro 8 - Naturalidade dos assentados.

Naturalidade/Estado								
ES	MT	MS	MA	PI	PE	RO	SP	SC
1	2	1	1	1	1	4	1	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos que os sujeitos-agentes são naturais de diferentes estados brasileiros, mas que acabam colaborando para a construção de uma identidade cultural própria dentro do projeto de assentamento. Em outras palavras, isso significa que os assentados falam a mesma língua, no caso, o português brasileiro, mas apresentam diferenças significativas em relação à cultura de origem e utilizam o seu repertório lexical individual de forma livre na conversação. Todavia, os próprios assentados, segundo as suas próprias concepções, compreendem que algumas lexias utilizadas por eles apresentam variações para um mesmo referente, sendo perceptível essa diferença quando passaram a morar em uma região distinta da sua. Logo, começaram a ter conhecimento de outro léxico que complementa e amplia o seu acervo lexical. Por exemplo,

P: E como a senhora chama a doença que faz essa parte inchar?

I: Papêra.

P: Papêra?

I: Sim. Papêra (). Minha netinha...a irmã dele mais velha... sete ano ela tem hoje papêra. É ôtro...que ela fico sem...num podia erguê nada...diz que desse...é a papêra mermo né...caxumba... aqui chamam caxumba. Pra lá...no Piauí... é papêra que fala (Entrevista 03LF41).

P: O senhô faz uso de ervas ou algum tipo de planta medicinal?

I: Faço. Eu faço uso da/do hortelã e do mastruz que é da região né? O nome mastruz que lá pra nós pra 'quela região é erva Santa-Maria.

P: Lá no Espírito Santo?

I: O nome daquilo ali. É. E é Mastruz aqui na região (Entrevista 10PM58).

Com essa diversidade cultural, regional e lexical dos assentados é difícil fazer uma caracterização e/ou definição de uma margem em que o léxico se localiza como pertencente a um único sujeito ou específico do PA São Francisco. Então, o que se percebe é a existência de um léxico diverso que carrega características de outras regiões brasileiras e são incorporadas pelos assentados dentro do projeto. Como afirma Freire (2011, p. 09):

Nordestinos reconhecem em termos cabocos sua filiação nordestina. Indígenas veem a presença de seus termos de forma forte no português amazônico. Termos expressões como *arrudear*, *bucho*, *caga-raiva* e *desconforme* trazem uma cor nordestina, da mesma forma que *carapanã*, *mangarataia*, *empanhado*, *jururu*, *pitiú* apontam para um indigeneidade marcante.

Nesse contexto, é interessante percebermos também algumas variações de lexias presentes no *corpus* de estudo. Para isso, fez-se o Quadro 9 para verificá-las em conjunto com a naturalidade dos assentados que usaram as lexias.

Quadro 9 - Variação das lexias e naturalidade dos assentados.

Lexias	Tipo de variação	Naturalidade dos assentados
1. a) dificuldade ~ b) dificuldade.	Fonético-fonológico	a) PI/MT/ES/RO/PE/MT/MA/SC b) MS
2. a) igarapé ~ b) garapé	Fonético-fonológico	a) MT/RO/PE/MS/PI/SC/SP/ES b) ES/RO/PE/SP/MT
3. a) estilingue ~ b) istilingue	Fonético-fonológico	a) RO/MT/SP/SC/PI/MA/MS b) MS/PE/ES/MT/MA
5. a) baladêra ~ b) baladeira	Fonético-fonológico	a) RO/PI/MA b) RO
6. a) caxumba ~ b) papêra	Lexical	a) PI/SP/PE/MT/MS/ES/RO/SC b) PI
7. a) olho gordo ~ b) olho grande	Lexical	a) SC/RO b) MT/RO
8. a) cabra-cega ~ b) cobra-cega	Lexical	a) RO/PI b) MS/MA/RO/MT/ES/SC
9. a) benzedêra ~ bezedêra b) benzedô ~ c) curandêro ~ d) macumbeiro ~ macumbêro ~ e) raizêro ~ f) rezadêra ~ g) tendêra	Fonético-fonológico	a) PE/RO/SP/ES/SC/MS b) MT c) RO d) MT/RO e) MT f) RO/MT g) SC
10. a) benzedêra ~ bezedêra b) benzedô ~ c) curandêro ~ d) macumbeiro ~ macumbêro ~ e) raizêro ~ f) rezadêra ~ g) tendêra	Lexical	a) PE/RO/SP/ES/SC/MS b) MT c) RO d) MT/RO e) MT f) RO/MT g) SC

Fonte: Elaborado pela própria autora.

A partir do Quadro 9, é possível verificar a dinamicidade do léxico e de que ele transpassa barreiras geográficas. De fato, o léxico é aberto e infinito, por isso, os assentados dentro do PA São Francisco apresentam uma variação entre si no uso das lexias, o que não significa que essas outras possibilidades de variação possam impedir ou interferir o processo comunicativo (intercompreensão) desses falantes. Segundo Villalva e Silvestre (2014, p. 23),

Procurar conhecer o léxico de uma língua a partir do conhecimento do léxico dos falantes implica compreender o que se passa nessa dimensão. O léxico de cada falante, que é também chamado de léxico mental, depende da sua apropriação dos estímulos lexicais a que é exposto, e, portanto, variará muito em função da sua experiência linguística individual, do que ouve, do que lê, do que fala e do que escreve. Um indivíduo não é falante de uma dada língua porque nasceu e cresceu no país onde essa é a língua oficial, mas porque esses foram os dados linguísticos a que foi exposto, enquanto membro de uma dada comunidade, crucialmente nos seus primeiros anos (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23).

O uso variado das lexias por parte dos assentados representa, de certa forma, um incentivo à ampliação do seu próprio repertório lexical individual, resultando em uma rede de conhecimentos que é construída e atualizada de acordo com o processo comunicativo coletivo e de mobilização de conhecimentos prévios que eles já possuem sobre a língua e o léxico.

Como já dito anteriormente no *Capítulo II*, os principais motivos que levaram os assentados a se deslocar de sua terra natal foram a esperança de busca por melhores condições de vida, mas, que ainda conservam seus costumes e crenças, constituindo os próprios traços culturais que marcam as suas identidades e que configuram também a identidade do PA São Francisco. Isto é, os assentados possuem suas próprias histórias, que são compartilhadas e criadas dentro deste espaço que deixa de ser somente uma extensão e/ou pedaço de terra, pois formam um conjunto indissociável entre língua e contexto sociocultural, mediante o uso do léxico pelo assentado.

A partir disso, verificamos que a língua (léxico), a cultura e a sociedade, quando interligados, propiciam uma importância fundamental no que se refere à compreensão do próprio processo de construção desse sujeito-agente e da comunidade, pois o homem/assentado escolhe ficar neste lugar, mesmo diante de todas as dificuldades que enfrenta, construindo uma identidade para o assentamento. Por isso, enquanto a busca por melhores condições de vida permanece, há de se olhar também para a forma de como veem o mundo através de suas experiências socioculturais e de usar a língua para falar sobre ele. Um exemplo, pensando no campo lexical de convívio e comportamento social, são as lexias que envolvem o estereótipo de gênero e sexualidade, apresentadas no Quadro 10.

Quadro 10 - Léxico e estereótipo de gênero e sexualidade.

(Continua)

Lexias	N° das entrevistas	Trecho das entrevistas
gay lésbica sapatão	01HM35	Aí tipo assim... sei lá acho que uma palavra normal né? gay ou... até porque eu não tenho nada contra né? [...] [...] Então hoje eu passei a entender tudo o motivo de a pessoa entrar naquele vida... divido ela amar/amar aquele homem e tal... ele não gostava... traiu e tipo assim ela tinha uma amiga que já era sapatona e tinha curiosidade como é que era... tipo em duas pessoas fazerem aquilo... duas mulheres. E a amiga dela vez ali conversando e tal/tal e houve de acontecer e gostarem. Então tudo tem seu motivo né? Então a gente não pode... Quem somos nós para julgarmos?
veadagem sapatão	02JM27	Homem que gosta de homem? A gente fala que é muita veadagem né? Ah, a gente fala sapatão.
homossexual gay sapatão sapatona	03LF41	Eu num sô preconceituosa mas eu acho uma falta de vergonha danada sabia? Que Deus acho/acho que na Bíblia até onde eu li nem tem...num tem essa passage aí que mulhé tem que morá com mulhé e homem tem que morá com homem. É Deus fez o homem da...o Adão da costela da Eva ou foi a Eva da...foi um pedaço de um dos dois pa pra complementar né o casal...não mulhé com mulhé nunca... Bom...uns fala sapatão né...ôtros homossexual...gay...é mais a palavra certa mermo é () gay mermo...sapatona...mas eu...num sei...sei lá...meu Deus do céu...eu oro tanto pelos meus neto num tem?
sapatão	04MF61	A mulhé fala sapatão... gosta de ôtra. Agora o homem num sei não.
gay lésbica	05AM18	Lésbica. Gay.
	06SM67	<ul style="list-style-type: none"> • Isso daí é uma coisa hoje natural divido...mistura de raça/mistura de raça. Isso aí eu num defino não/não...eu num defino porque nem tudo a gente tem a capacidade de difini. Existe ou existe pessoa que começa a modelá a vida de A... a vida de B a forma de avivê. Eu/eu digo assim isso hoje é uma coisa natural. Quando eu era menino/quando eu era menino num existia isso daí. Primeiro a humanidade era mais reduzida né? então o ritmo de vida de setenta ano atrás era totalmente diferente né? hoje taí umas fantasia da vida aí dizendo no tempo da tecnologia fantasiosa que começa até seduzi o home...a mulhé ou pr'um lado ou pra ôtro. Então isso daí...isso pra mim é uma sedução através/atraves dos próprios meios de comunicação entendeu...vai seduzindo A...seduzindo B... exprementa que é bom... que experimenta... [...] então isso aí é um troço que a turma bota uns nome fantasioso mas é só pa/pa empolgação né? pa empolgá aquele povo que tá lá... bota nome A... nome B...mas isso aí é uma prática normal... uma prática normal num digo que seja né? mas é uma prática que tá natural...comum né? uma prática comum hoje.
sapatona -	07JF62	<ul style="list-style-type: none"> • Hoje em dia tá tão comum isso aí né? sapatona é né? Esse nome. Tá existindo muito isso né? • (Ao falar sobre o termo para designar o homem que gosta de home) Pior ainda. Credo!

-	08JM64	<ul style="list-style-type: none"> • Óia aí é uma coisa que eu num... nesse ponto eu não sô contra né? Eu sô um cara que todo o gosto de cada um eu respeito sabe? É. Eu não contrario não... gosta/gosta. Então se ela gosta daqui...que nem homem gosta de homem e mulhé gosta de mulhé né? cê pensa que eu critico negócio de pessoas (morando)...eu não critico ninguém não {Aham}. Eu ó...se ele tem...eu graças a Deus até hoje eu só gosto de muié né? {Aham} mas tenho respeito...eu respeito todo mundo né? Se você não importa cê gosta do ôtro/ôtro tipo de coisa.... eu respeito você...você me respeita né? Então eu sô assim...eu não contrario ninguém eu tenho respeito por cada um né? É. {Aham} Óia a minha muié mesmo tem a filha dela que gosta de outra muié... eu num critico ela... eu num sô contra... gosto é gosto... fazê o quê né? não gosta de homem eu vou fazê o quê né?
homossexual	09GM46	<ul style="list-style-type: none"> • Ah aí é homossexual. (lexia utilizada para se referir tanto ao homem que gosta de homem quanto à mulher que gosta de mulher).
-	10PM58	<ul style="list-style-type: none"> • [...] Eu não gosto muito nem de tocá nesse assunto...é meio problemático.
sapatona viado	11PM24	<ul style="list-style-type: none"> • Sapatona. • Viado. Ôxente...eu tô falando a verdade.
sapata viado	12JM50	<ul style="list-style-type: none"> • Sapata. • Viado.
viado sapatão	13SF42	<ul style="list-style-type: none"> • Sapatão. • Viado.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O Quadro 10 mostra que, por um lado, há uma variação de lexias para se referir à sexualidade de um homem e de uma mulher. Por outro lado, também é perceptível o não posicionamento por parte dos sujeitos-agentes no que se refere ao uso das lexias para tratar do assunto. Logo, existe uma relação complexa e heterogênea entre língua (léxico), cultura e sociedade, pois, a partir das exemplificações dadas e das lexias utilizadas, têm-se avaliações negativas, neutras e de respeito, bem como concepções pessoais e religiosas sobre o tópico abordado.

Percebemos também que dentre os sujeitos-agentes, as mulheres de 61 e 62 anos apresentaram as lexias *sapatão* ou *sapatona*, no que se refere à mulher, e para o homem não existe nenhuma. Os homens na faixa etária de 58 a 67 anos não apresentaram nenhuma. Desse modo, inferimos que a escolha por uma determinada lexia pode carregar um significado “ruim”, “problemático”, pode caracterizar uma falta de respeito para com essas pessoas ou até a falta de conhecimento, ou esquecimento de outras lexias.

Ao considerarmos as outras entrevistas, temos que as lexias mais utilizadas para falar que uma mulher gosta de mulher são *sapatão* (5) e *sapatona* (3). Já para o homem que gosta de homem, *gay* (3) e *viado* (3) são as mais utilizadas. Com base nisso, o que se pressupõe é que as

lexias funcionam como elementos fundamentais para a compreensão das relações de organização e convívio social, bem como a visão social e cultural dos assentados. De todo modo, o uso de uma lexia por parte do assentado pode representar uma carga de significação que está associado às concepções individuais.

Nesse contexto, as lexias encontradas na fala dos assentados caracterizam as suas percepções quanto a determinados juízos de valor e de representação de suas inferências e predições com base em suas experiências individuais para determinados assuntos. Dessa forma, o léxico pode fornecer informações acerca da conduta dos falantes que compõem um grupo social, tanto em sua relação coletiva quanto individual. Em outras palavras, essas observações contribuem para a compreensão de que, por vezes, o significado da lexia não é totalmente previsível em sua forma, pois o léxico se relaciona não somente com o falante em sua individualidade, mas também em coletividade, ou seja, por seus aspectos sociais e culturais.

Sendo assim, na próxima seção, verificamos detalhadamente as relações entre a língua (léxico) e cultura na fala dos assentados do PA São Francisco. Tais análises consideraram os fatores de frequência (maior ou menor), estado de origem dos falantes e perguntas direcionadas e não direcionadas, agrupadas nos oito campos semânticos delineados para esta pesquisa.

4.2 Análise das unidades lexicais em redes associativas e campos lexicais

4.2.1 As perguntas direcionadas

O estudo do léxico acerca da realidade linguística do PA São Francisco se deu a partir de uma expectativa de verificar a composição das unidades lexicais apresentadas pelos assentados, pois participar ativamente desta comunidade proporcionou muitas vezes o retorno em minha própria memória de palavras desconhecidas que, posteriormente, foi o pontapé inicial para o aprofundamento e o descobrimento de possíveis significados a partir do contexto de uso. A partir disso, realizamos a coleta de dados e analisamos as transcrições, vídeos, diário de campo com as anotações e as fotos das experiências vividas no projeto.

Com isso, os campos lexicais começaram a se estruturar e, após o exame de qualificação da presente pesquisa, o delineamento teórico-metodológico seguiu outro caminho, de modo a discutir e analisar melhor as questões dos campos lexicais, unidades lexicais e redes semânticas em uma perspectiva onomasiológica, suscitando em novos entornos de organização das lexias. Assim, foi possível chegar à seleção de 366 unidades lexicais, distribuídas entre os oito campos

lexicais, na tentativa de mostrar como a língua, através do léxico, pode representar a linguagem dos assentados e a sua realidade sociocultural.

Contudo, à medida que foram sendo elencadas as lexias em seus respectivos campos lexicais, consideramos uma divisão entre perguntas direcionadas e não direcionadas presentes no roteiro de entrevista. As perguntas direcionadas forneceram informações relevantes para o registro do léxico dos assentados e compreensão da heterogeneidade da língua, principalmente no que se refere às formas de emprego mais específicas (individual) e gerais (comunidade) do léxico existente no PA São Francisco, segundo os campos lexicais. Nesse caso, das 85 perguntas presentes no roteiro de entrevista, 24 foram destinadas às perguntas direcionadas, sendo elas:

Quadro 11 - Campos lexicais e perguntas direcionadas.

(Continua)

Campo lexical	Perguntas ⁴³
2. Saúde	22. Como você chama a doença caracterizada por bolhas que causam coceira? (BATISTA, 2019) 23. Como você chama a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança? (CRUZ, 2004). 24. Qual termo você usa para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”? (CORRÊA, 1980). 25. Você sabe como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele como bordas marcadas e o centro mais claro, que causa muita coceira nas regiões afetadas? (BATISTA, 2019). 26. Como você chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras? (BATISTA, 2019).
3. Convívio e comportamento social	27. Como você chama a pessoa que fala demais? 28. Como você chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? 29. Como você chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? 30. Como você chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? 31. Como você chama o homem que é traído pela esposa? (BATISTA, 2019). 32. Como você chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente? 33. Como você chama uma pessoa que bebe demais? 34. Qual é o nome usado neste local para a mulher que gosta de mulher? (AZEVEDO, 2013). 35. Qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem? (AZEVEDO, 2013). 36. Qual o termo afetivo que você usa para falar com algum irmão, parente ou amigo? (CRUZ, 2004).

⁴³ A numeração das perguntas apresentada segue a ordem do roteiro da entrevista.

5. Meios de transporte	66. Qual expressão você usa para dizer que uma moto, carro ou ônibus está até o máximo que pode suportar? (BATISTA, 2019).
7. Religião e crenças	77. Que nome você dá àquele que o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo? (CRUZ, 2004). 78. Como você chama a mulher que faz rezas, geralmente com galho de plantas? (AZEVEDO, 2013). 79. Como você chama a pessoa que trata de doenças por meio de ervas e plantas? (AZEVEDO, 2013). 80. Como você chama o olhar de uma pessoa que parece ter inveja da outra. (CRUZ, 200 (conclusão)
8. Jogos e diversões	82. Como você chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha que os meninos usam para matar passarinhos? (AZEVEDO, 2013). 83. Como você chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar outras? (AZEVEDO, 2013). 84. E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado? (AZEVEDO, 2013). 85. Como você chama aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando? (AZEVEDO, 2013).

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessas questões, verificamos as diferentes lexias que os assentados utilizam para falar sobre o mundo que conhecem e que vivem, bem como a frequência de ocorrência nas falas de cada sujeito-agente, apresentadas nas fichas lexicográficas (Apêndice A). Além disso, também observamos o grau de compartilhamento das lexias entre os falantes do PA São Francisco, colaborando para a verificação individual e também coletiva de uso realizado pelos assentados, pois, como afirma Isquierdo (2001), o estudo do léxico deixa transparecer conhecimentos relacionados à história, ao sistema de vida e à visão de mundo do grupo estudado.

Dessa forma, as lexias são apresentadas em uma rede semântica de associação para mostrar as relações de frequência entre os falantes, responsáveis pela articulação sociocultural e também lexical encontrada em cada campo lexical.

4.2.1.1 O campo lexical de saúde

O campo lexical de saúde é constituído por 05 questões direcionadas frequentes em pesquisas que utilizam o Questionário Semântico-Lexical (QSL), principalmente relacionado a

dialetologia. Todavia, esta análise parte da análise específica de cada falante (léxico individual), para o todo (léxico comum). Sendo assim, pretendemos mostrar como as lexias são utilizadas pelos falantes no PA São Francisco.

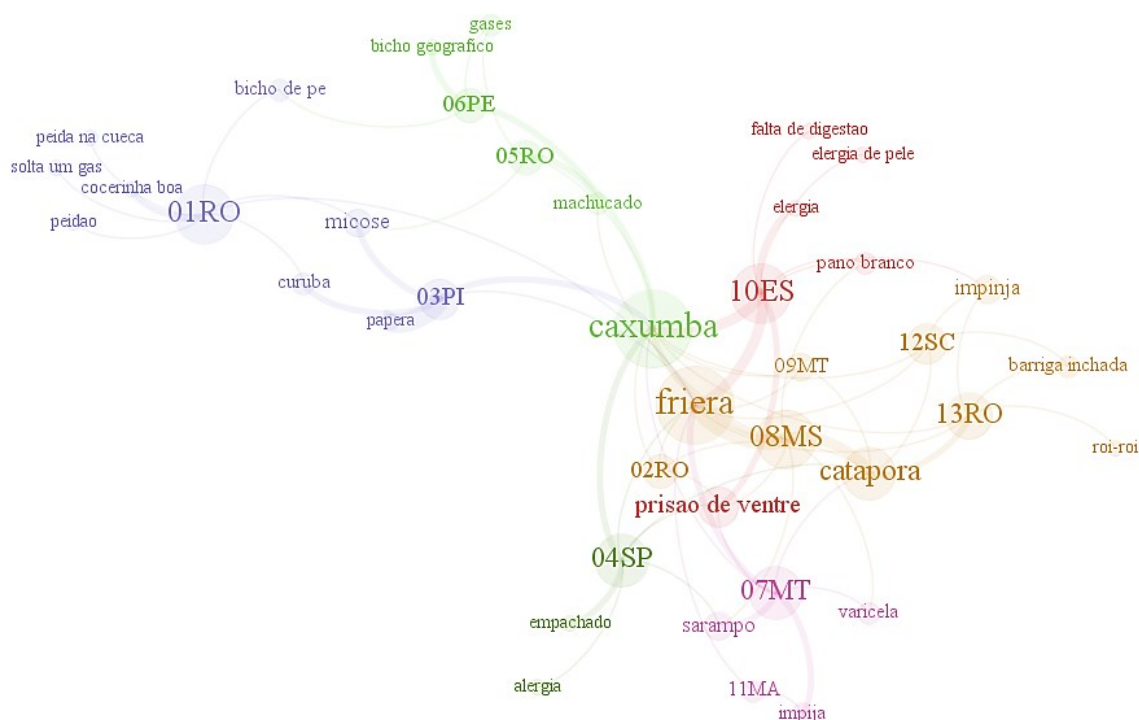
Logo, a disposição das lexias e dos falantes apresentada nas figuras elaboradas para essa análise torna-se uma possibilidade de observarmos de forma ampla o uso das unidades lexicais a partir de diferentes sujeitos, destacando as mais centrais (maior densidade) e as mais ultraperiféricas (menor densidade). Isso significa considerar a quantidade de vínculos de distribuição das lexias mais frequentes ou pouco frequentes entre os assentados por meio dos *nós* e *arestas*, sendo que o primeiro se refere aos falantes entrevistados e o segundo as ligações entre as lexias e os respectivos falantes.

Para explicarmos melhor a leitura das figuras ao longo da análise, temos que as lexias consideradas ultraperiféricas (menor densidade) são aquelas que estão conectadas somente com o seu nó de origem, sendo específicas de cada falante. As lexias que apresentam ligações com outros nós foram classificadas como conectoras. E, por fim, as lexias que apresentam maior distribuição entre os nós, ou seja, conexões para fora do nó de origem e estabelecendo relações com outros nós são denominadas de centrais (maior densidade).

Outro ponto que destacamos é de que estamos considerando como lexias, as unidades lexicais extraídas pelo programa *Sketch Engine*, a saber *single words* (lexias simples) e *multi-word terms* (lexias compostas ou complexas), mas cientes de que as classificações entre lexias compostas e lexias complexas não se dão de forma simples e tampouco há um consenso entre os estudiosos da área para classificá-las.

Nesse caso, esperamos que esta análise propicie um conhecimento acerca da estruturação de diferentes redes criadas por meio do uso das lexias pelos falantes e que, de alguma forma, possa facilitar o processo comunicativo entre os falantes de distintas regiões brasileiras e a forma como veem o mundo. Mediante isso, passamos a análise da primeira questão do campo lexical de saúde apresentada na Figura 42, sendo ela: *Como você chama a doença caracterizada por bolhas que causam coceira?*

Figura 42 - O campo lexical de saúde.



Fonte: Elaborada pela autora.

Temos como respostas as lexias *machucado* (05RO), *elergia de pele* e *elergia* (10ES), *alergia* (04SP) como ultraperiféricas, pois são conectadas somente com o seu nó, sendo específicas de cada falante. As lexias *varicela* (07MT, 08MS) e *curuba* (01RO, 03PI) são consideradas conectores que ligam regiões diferentes da rede. Por fim, a lexia que apresenta uma densidade maior e que distribui bastante conexões para fora do seu nó, para outros falantes, é *catapora* (02RO, 13RO, 12SC, 04SP, 07MT, 08MS, 09MT).

Para a questão *Como você chama a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança?* Tem-se a ultraperiférica *papêra* (03PI) e a densa *caxumba*, porque apresenta conexões com os falantes 02RO, 03PI, 04SP, 05RO, 06PE, 07MT, 08MS, 09MT, 10ES, 12SC, 13RO.

A questão *Qual termo você usa para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”?* Encontramos as lexias *peida na cueca*, *solta um gás*, *peidão* (01RO), *falta de digestão* (10ES), características de cada falante. Há também as lexias que ligam diferentes sujeitos dessa rede, como: *gases* (05RO, 06PE) e *barriga inchada* (12SC, 13RO). Por fim, temos *prisão de ventre* que joga conexões para fora do seu nó, relacionando-se com 04SP, 07MT, 08MS, 10ES.

Outra questão é *Você sabe como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele como bordas marcadas e o centro mais claro, que causa muita coceira*

nas regiões afetadas? As lexias conectoras foram *impija* (07MT e 11MA), *impinja* (10ES, 12SC, 13RO) e *pano branco* (08MS, 10ESP).

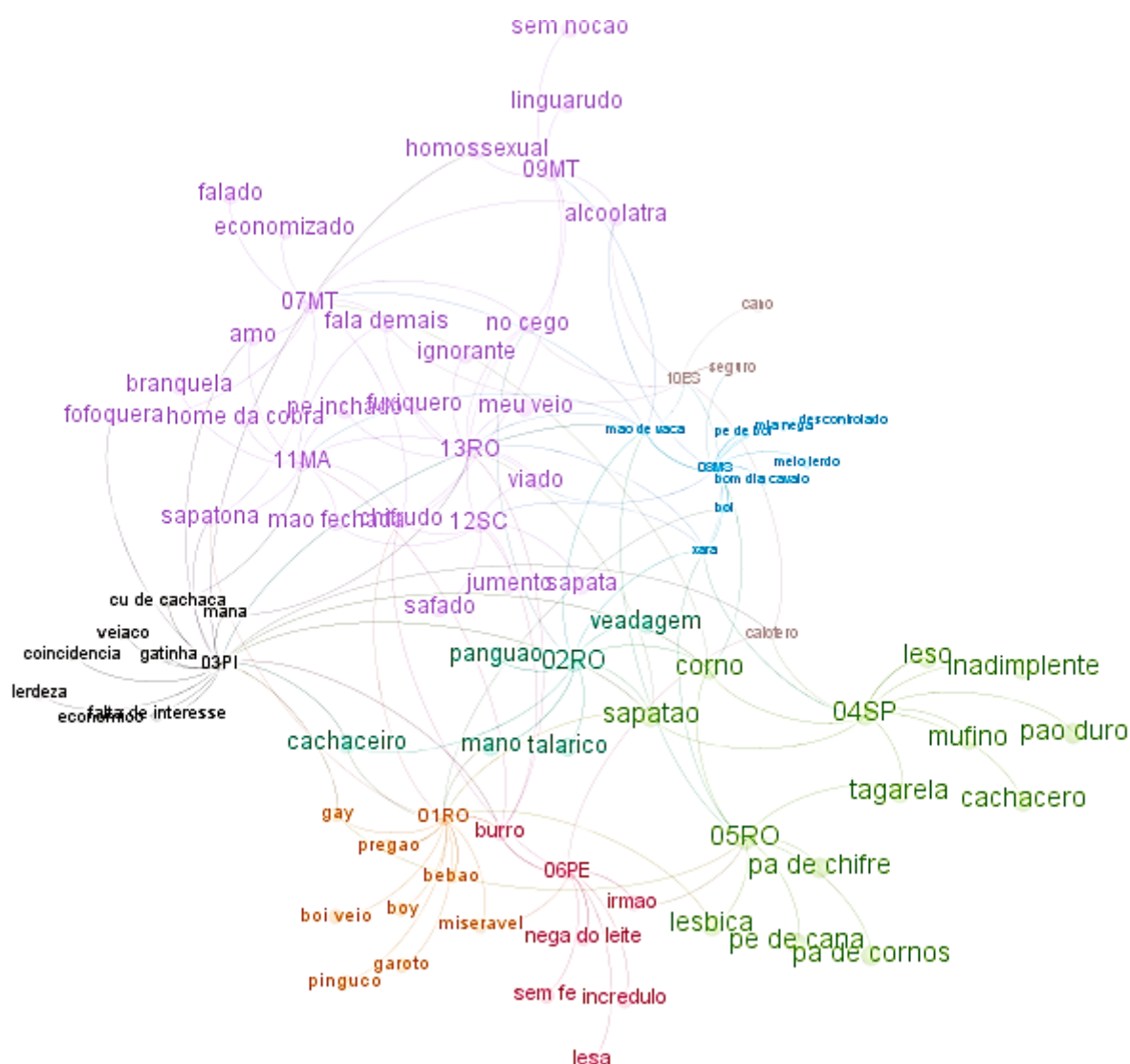
A última questão a ser destacada é *Como você chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras?* As lexias conectadas somente entre si, característica individual do falante, são: *bicho de pé*, *curuba*, *cocêrinha boa* (01RO), *bicho geográfico* e *bicho de pé* (06PE), *rói-rói* (13RO). A lexia que funciona como conector é *micose* (01RO, 03PI, 05RO) e a que apresenta o maior grau de conexões para fora do nó é *friêra*.

De forma geral, o primeiro ponto a ser observado é a particularidade apresentada pelos falantes no uso lexical, ou seja, lexias conhecidas e/ou utilizadas somente por eles. Por outro lado, há *lexias* que se conectam entre os diferentes assentados, como: *friêra*, *caxumba*, *catapora*, com um vínculo mais denso de conhecimento entre os sujeitos-agentes, enquanto há vínculos menos densos, poucas ligações entre os falantes.

4.2.1.2 *O campo lexical de convívio e comportamento social*

O campo lexical de *convívio e comportamento social* apresenta 10 questões direcionadas que visam tratar da relação entre o *eu* e o *outro*. Sendo assim, correspondem às lexias que os assentados utilizam para falar sobre as relações de convivência social a partir das diferentes interações que são necessárias, de forma geral, para a organização em sociedade e também da comunidade. A Figura 43 abaixo traz a rede de conexões existentes entre as lexias e os falantes a partir das perguntas propostas.

Figura 43 - Convívio e comportamento social.



Fonte: Elaborada pela autora.

Para a pergunta *Como você chama a pessoa que fala demais?* A Figura 43 apresenta as lexias *talarico* (02RO), *faladô* (07MT), *linguarudo* (09MT), *fluxiquêro* (13RO) como sendo mais ultraperiféricas, pois estão conectadas somente com o seu nó de origem, caracterizando a individualidade de cada falante. Destacamos ainda que as unidades lexicais *negra do leite* (06PE), *bom dia cavalo* (08MS) e *home da cobra* (11MA) são partes de unidades fraseológicas, isto é, pertencem à classificação de lexias textuais, como: *falar mais do que negra do leite*, *quem fala demais dá bom dia a cavalo* e *fulano fala mais que o homem da cobra*. Por outro lado, *fofoquêra* (03PI, 07MT) e *tagarela* (04SP, 05RO) começam a ter ligação com outros nós diferentes, com sujeitos de origem distintas, sendo a mais densa *fala demais* (07MT, 10ES,

11MA, 13RO), porque está presente na fala de falantes distintos. Percebemos que dentre os falantes, 07MT e 13RO apresentam tanto uma lexia ultraperiférica quanto mais densa.

Para a questão *Como você chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?* As lexias *panguão* (02RO), *falta de interesse*, *lerdeza* (03PI), *incrédulo* (06PE), *meio lerdo*, *sem fé* (08MS), *sem noção* (09MT), *jumento* (12SC), *ignorante* (13RO) são de uso individual de cada falante. As lexias que fazem conexões com outros nós são *leso* (04SP), *lesa* (06PE), sendo a mais densa *burro* (01RO, 03PI, 06PE, 11MA, 12SC, 13RO). Destacamos 03PI, 06PE, 12SC e 13RO que se caracterizam por apresentar lexias individuais e mais coletivas.

Na pergunta *Como você chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?* as lexias mais ultraperiféricas são *econômico*, *economizadô* (03PI), *pão duro*, *mufino* (04MS). Em início de conexões têm-se *mão fechada* (11MA, 13RO), *miserável* (01RO, 06PE), *seguro* (08MS, 10ES), com mais densidade para a lexia *mão de vaca* (02RO, 03PI, 05RO, 07MT, 08MS, 09MT, 10ES, 11MA, 13RO). Nesse sentido, chamamos a atenção para os falantes 03PI, 08MS, 10ES e 11MA que fazem o uso de um léxico particular, mas também geral, devido à distribuição ocorrida entre eles.

Em *Como você chama a pessoa que deixa as suas contas penduradas?* As lexias *pregão* (01RO), *inadimplente* (04SP), *descontrolado* (08MS), *cano* (10ES), *safado* (12SC) apresentam características de uso individual por cada falante. Enquanto *calotêro* (03PI, 04SP, 06PE, 10ES) e *nó cego* (02RO, 07MT, 09MT, 10ES, 12SC e 13RO) tornam-se mais densas, devido às conexões que possuem com falantes de outros nós. Sendo assim, 04SP apresenta conhecimento tanto da lexia particular *inadimplente* quanto *calotêro*, pertencente à lexia que possui mais de uma ligação com outros falantes. Já 10ES conhece tanto a ultraperiférica *cano*, uso individual, quanto as mais densas *calotêro* e *nó cego*. E 12SC também utiliza tanto uma lexia específica (individual) *safado* quanto mais compartilhada *nó cego*.

Em sequência, a pergunta *Como você chama o homem que é traído pela esposa?* As lexias ultraperiféricas são *boi véio* (01RO), *pá de chifre*, *pá de cornos* (05RO). Enquanto a que inicia conexão entre nós diferentes é *boi* (01RO, 08MS), considerada menos densa se comparada às mais densas *cornos* (02RO, 03PI, 04SP, 05RO, 07MT, 08MS) e *chifrudo* (01RO, 06PE, 07MT, 09MT, 11MA, 12SC, 13RO). Nesse caso, destacam-se os falantes 01RO e 05RO que utilizam tanto as lexias individuais quanto as mais compartilhadas, *cornos* e *chifrudo*.

Para a questão *Como você chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?* As lexias ultraperiféricas são *coincidência* (03PI) e *irmão* (06PE). A lexia mais densa é *xará* (02RO, 04SP, 05RO, 08MS, 10ES, 12SC, 13RO). Assim, diferentemente dos outros casos em que se tem grau de densidade com a lexia de uso individual e uma lexia conectada a mais de um falante

de diferentes regiões, em uma escala de menor ou maior densidade, conforme a distribuição entre os falantes, as lexias para esta questão são de uso individual ou compartilhadas.

Na questão *Como você chama a pessoa que bebe demais?* Temos as lexias *bebão*, *pinguço*, (01RO), *pé de cana* (05RO) como ultraperiféricas. Enquanto *cu de cachaça* (03PI, 11MA) e *pé inchado* (11MA, 13RO) iniciam conexões menos densas com outros falantes. As lexias *alcoólatra* (07MT, 08MS, 09MT, 10ES) e *chachaceiro*, *cachacêro* (01RO, 02RO, 03PI, 04SP) tornam-se mais densas dentro do grupo de falantes. Cabe ressaltar que 01RO apresenta a lexia de uso individual, mas também coletiva.

Em *Qual é o nome usado neste local para a mulher que gosta de mulher?* A lexia *sapata* (12SC) é considerada ultraperiférica e a que possui uma conexão menos densa é *lésbica* (01RO, 05RO). Já as que possuem maior densidade são *sapatona* (01RO, 03PI, 07MT, 11MA) e *sapatão* (01RO, 02RO, 03PI, 04SP, 13RO). Nesse contexto, destacamos o falante 01RO que utiliza uma lexia menos densa (*lésbica*) e mais densas (*sapatona* e *sapatão*), bem como 03PI que utiliza as duas lexias mais densas.

Realizamos também a pergunta *Qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem?* Em que encontramos a lexia *veadagem* (02RO) como sendo ultraperiférica e as lexias menos densas são *homossexual* (03PI, 09MT) e *gay* (01RO, 03PI, 05RO). A mais densa é *veado* (08MS, 11MA, 12SC, 13RO). Assim, 03PI apresenta tanto *homossexual* quanto *gay* com conexões com outros nós de falantes distintos.

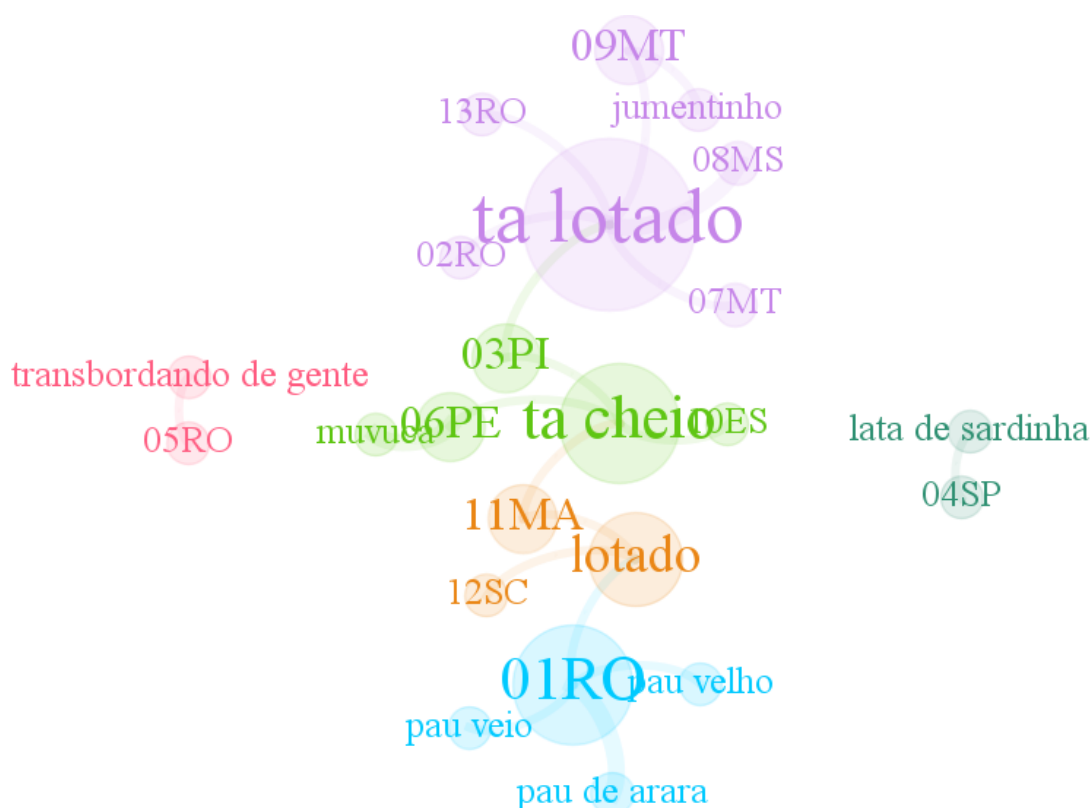
Por fim, a última questão *Qual o termo afetivo que você usa para falar com algum irmão, parente ou amigo?* As lexias mais ultraperiféricas são *boy*, *garoto* (01RO), *gatinha* (03PI), *mia nega* (08MS), *branquela* (11MA), *meu véio* (13RO). As menos densas são *amô* (03PI, 07MT, 11MA), *irmão* (05RO, 06PE), *mana* (03PI, 13RO), *mano* (01RO, 02RO), *nega* (02RO, 11MA). Mediante isso, os falantes 01RO e 11MA fazem uso tanto de lexias individuais quanto de outras menos densas, enquanto 03PI, 02RO e 13RO utilizam as menos densas.

Dessa forma, os falantes que mais se conectam por meio das lexias são 01RO, 03PI, 08MS, 11MA e 13RO, o que nos leva a premissa de que ao entrarem em contato, possivelmente, irão compreender as lexias utilizadas para se referirem a algumas questões de convívio e comportamento social. Enquanto os demais podem apresentar menos possibilidade de compreensão, pois usam um léxico específico ou de menor densidade de distribuição entre os integrantes do grupo.

4.2.1.3 O campo lexical de meios de transporte

O campo lexical meios de transporte foi o que apresentou menos lexias, se comparado aos demais campos, porque apresentou somente 01 pergunta direcionada, sendo ela: *Qual expressão você usa para dizer que uma moto, carro ou ônibus está até o máximo que pode suportar?* que colaborou para o conhecimento das lexias para esse campo, de acordo com a Figura 44 abaixo:

Figura 44 - Meios de transporte.



Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme as informações apresentadas no grafo, as lexias mais ultraperiféricas são *pau velho*, *pau véio*, *pau de arara* (01RO), *muvuca* (06PE) e *jumentinho* (09MT), caracterizadas por estarem conectadas somente com seus nós, isto é, os falantes individualmente. Há também as lexias *lata de sardinha* (04SP) e *transbordando de gente* (05RO) que também são ultraperiféricas, mas, diferentemente da situação anterior, as denominamos de ultraperiféricas sem vínculo, pois os falantes não possuem nenhuma ligação com o grupo de falantes, sendo, portanto, distanciadas da rede. Por outro lado, o nó que estabelece maior quantidade de vínculos entre os falantes é o que apresenta a lexia *tá lotado* (02RO, 03PI, 07MT, 08MS, 09MT, 13RO). Enquanto as demais lexias *tá cheio* (03PI, 06PE, 11MA) e *lotado* (01RO, 11MA, 12SC) apresentam menor densidade de vínculo, se comparada a *tá lotado*.

Dessa forma, destacamos os falantes 01RO e 06PE, que apresentam tanto uma lexia individualizada quanto àquelas que já estão distribuídas em menor densidade. O falante 09MT com o uso individual, mas com nós que já possuem algum tipo de vínculo com outros. E, os falantes 04SP e 05RO que não possuem nenhum tipo de vínculo com o grupo da rede, sendo afastados.

4.2.1.4 O campo lexical de religiões e crenças

O campo de religião e crenças possui 03 questões e apresenta uma diversidade de lexias para designar algo no mundo, sendo referentes à religiosidade e superstição. Dessa forma, a Figura 45 apresenta as principais conexões encontradas entre os falantes para cada pergunta realizada.

Figura 45 - Campo lexical de religião e crenças.



Fonte: Elaborada pela autora.

A primeira pergunta é *Que nome você dá àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?* Apresentam-se as seguintes lexias *disgraça* (01RO), *bicho feio* (03PI), *bicho ruim* (07MT), *satã* (12SC) como ultraperiféricas. As que já estabelecem relação com outros nós, em menor densidade, são *demônio* (03PI, 07MT), *cão* (01RO, 04SP, 11MA) e *diabo* (08MS, 09MT, 10ES). Enquanto *capeta* (01RO, 02RO, 11MA, 13RO) e *satanás* (01RO, 04SP, 05RO, 11MA) aparecem com maior densidade, porque se tem mais distribuição entre os falantes de diferentes nós. Nesse contexto, destacamos 01RO que apresenta a lexia ultraperiférica (*disgraça*), a lexia menos densa (*cão*) e mais densas (*capeta* e *satanás*). O falante

03PI também se destaca por apresentar a lexia ultraperiférica (*bicho feio*) e a menos densa (*demônio*), bem como 07MT com *ruim* e *demônio*. Por fim, 11MA apresenta a lexia menos densa (*cão*) e mais densas (*capeta* e *satanás*).

Em *Como você chama a mulher que faz rezas, geralmente com galho de plantas?* as lexias apresentaram tanto a forma masculina quanto feminina. Para o primeiro tem-se *benzedô* (07MT), *curandêro* (13RO), *macumbeiro* (09MT), *macumbêro* (02RO), *raizêro* (07MT) como ultraperiférica e para o segundo há *tendêra* (12SC) e *bezedêra* (08MS). As lexias menos densas são *rezadêra* (05RO, 09MT) e *curandêra* (01RO, 10ES, 12SC), enquanto a mais densa é *benzedêra* (04SP, 06PE, 10ES, 12SC, 13RO). Logo, 13RO apresenta as formas em masculino e feminino (*curandêro*, *benzedêra*) e 10ES a forma menos densa (*curandêra*) e mais densa (*benzedêra*).

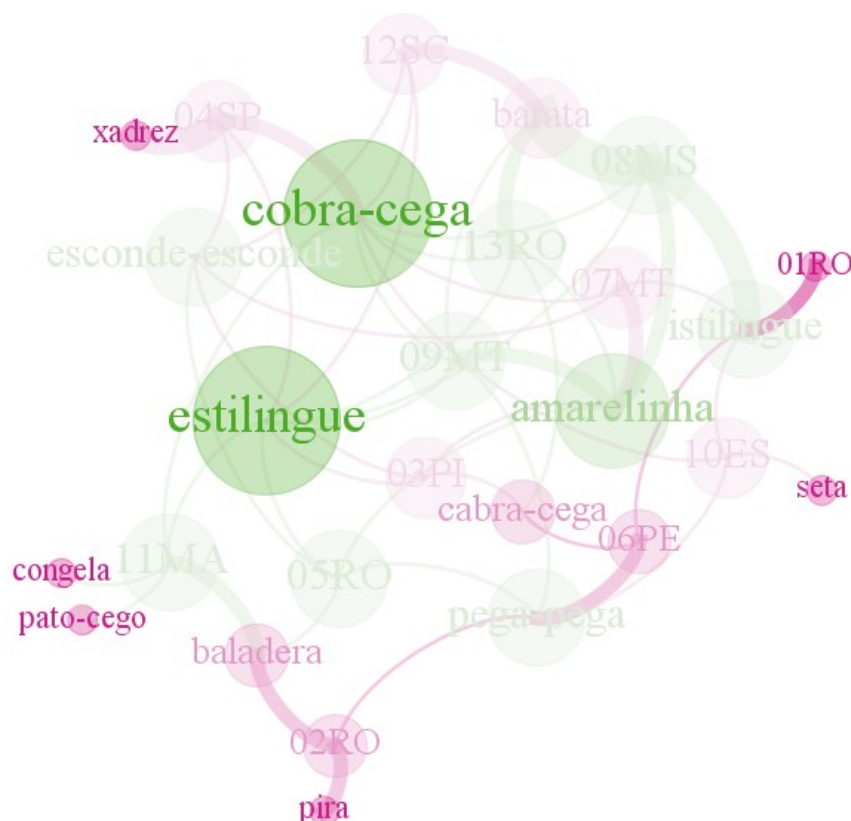
Para a última questão *Como você chama o olhar de uma pessoa que parece ter inveja da outra. Quando alguém olha assim para a outra pessoa se diz que ela está botando o que na outra?* as lexias apresentadas são *zoio grande* (02RO), *negativa* (03PI), *ambiciosa* (06PE), *oio ruim* (08MS), *quebranti* (07MT) e *feitiço*, *macumba* (11MA), como ultraperiféricas. A menos densa é *inveja* (02RO, 10ESP), *invejosa*, *invejoso* (04SP), *invejoso* (10ES), *olho grande* (01RO, 05RO, 09MT). Enquanto a mais densa é *olho gordo* (01RO, 02RO, 12SC, 13RO). Nesse contexto, 04SP e 10ES apresentam individualmente duas lexias menos densas e 02RO apresenta tanto a periférica (*zoio grande*) quanto a mais densa (*olho gordo*).

De forma geral, os nós que apresentam mais conexões no campo lexical de religião e crença são 01RO e 07MT, representando uma maior rede de conhecimento em relação às lexias, enquanto os demais apresentam poucas conexões, mas que se tornam relevante para verificar o percurso de uso das lexias que partem do uso individual do léxico para a tendência de se tornarem mais gerais.

4.2.1.5 O campo lexical de jogos e diversões

O campo lexical de jogos e diversões é composto por 04 questões, que remetem ao resgate de memórias pertencentes à fase de infância dos falantes. Assim, a Figura 46 acopla todas as lexias utilizadas por eles.

Figura 46 - Campo lexical de jogos e diversões.



Fonte: Elaborada pela autora.

Para a primeira pergunta, *Como você chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha que os meninos usam para matar passarinhos?* A lexia *seta* (10ES) é ultraperiférica, enquanto *baladêra* (02RO, 05RO, 11MA) é menos densa. Assim, as lexias mais densas são *istilingue* (01RO, 06PE, 07MT, 08MS, 10ES) e *estilingue* (03PI, 04SP, 05RO, 08MS, 09MT, 11MA, 12SC, 13RO). Desse modo, destacamos o falante 10ES que apresentou tanto a ultraperiférica quanto a mais densa.

Em *Como você chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar outras?* Apresenta-se a lexia *pato-cego* como sendo ultraperiférica e como mais densas *cabra-cega* (03PI, 06PE, 13RO, 04SP) e *cobra-cega* (07MT, 08MS, 09MT, 10ES, 11MA, 12SC, 13RO).

Na penúltima questão, *E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras pra trocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?* As lexias *pira* (03PI) e *congela* (11MA) são ultraperiféricas. Enquanto *barata* (08MS, 09MT, 12SC, 13RO), *esconde-esconde* (03PI, 04SP, 05RO, 07MT, 12SC) e *pega-pega* (02RO, 05RO, 06PE, 09MT, 10ES) são mais

densas. Nesse caso, chamamos a atenção para 03PI que aparece tanto com a ultraperiférica quanto com a mais densa.

Por fim, em *Como você chama aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando?* A lexia *xadrez* (04SP) é ultraperiférica e *amarelinha* (03PI, 05RO, 07MT, 08MS, 09MT, 13RO) é mais densa, porque há uma distribuição maior da lexia com os falantes distintos da rede.

Nesse contexto de interpretação do campo lexical de *jogos e diversões*, os falantes que mais se conectam mediante o uso de lexias são 03PI, 04SP, 08MS, 12SC e 13RO. Enquanto os demais apresentam pouca conexão entre os nós da rede.

Tais características presente em todos os campos lexicais mostram como o uso das lexias pelos falantes de origens distintas estruturam a rede de conexões, contribuindo para a identificação desse grupo, bem como as estruturas de funcionamento e distribuição das lexias em uma comunidade mosaica. Dessa forma, a análise das questões direcionadas e a criação das redes semânticas podem auxiliar na identificação não somente das ligações que se tem entre os sujeitos-agentes, mas também do significado que cada lexia apresenta em contexto de uso, pois não é somente verificar quais são as mais compartilhadas, mas qual a carga de significação atrelada a cada lexia.

Sendo assim, a próxima subseção mostra as perguntas não direcionadas que agregam as relações de proximidade entre os assentados pelo conjunto de experiências socioculturais apresentadas no PA São Francisco. Nesse contexto, o falante apresentou informações sobre os campos lexicais de forma livre, sem preocupação em selecionar uma lexia específica do seu repertório linguístico para denominar um referente no mundo.

4.3.1 As perguntas não direcionadas

As perguntas não direcionadas contribuíram para a identificação das unidades lexicais mais abrangentes, sem esperar por uma ou outra lexia, mas considerando as próprias seleções e escolhas lexicais disponíveis no repertório linguístico dos assentados para falar sobre um determinado assunto. Tal contexto foi o mais difícil de compreender e organizar, tendo em vista que houve um leque de combinações lexicais utilizadas pelos assentados ao falarem sobre os campos lexicais de *assentamento, saúde, trabalho, meios de transporte, fauna, religião e crenças, jogos e diversões*.

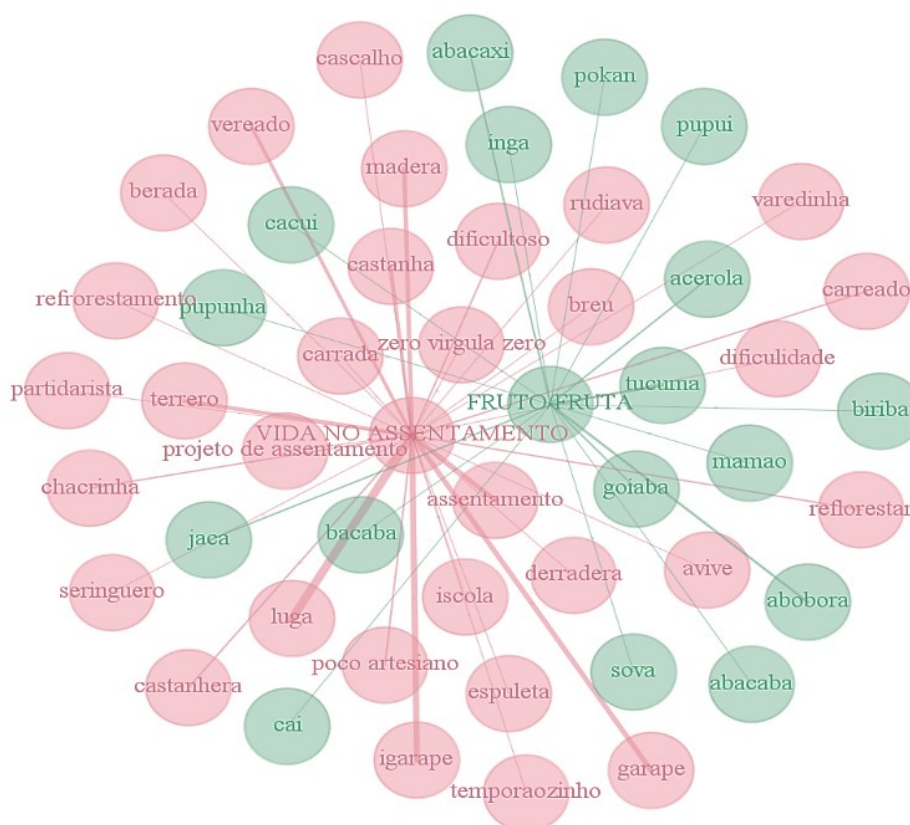
Por isso, para mostrar as relações mais significativas de cada campo lexical, foram elaborados os grafos que mostram as conexões entre os falantes e o uso das lexias. Cabe

ressaltar que as palavras-chave utilizadas para cada campo lexical foram selecionadas pelo programa *Sketch Engine* e, com base nas fichas lexicográficas, foram acopladas em seus respectivos campos. Além disso, os levantamentos realizados acerca das lexias para a composição destes campos lexicais consideraram os assentados como sendo os principais sujeitos-agentes culturais, que partem das principais motivações envolvendo aspectos de moradia, melhores condições de vida, alimentação e infraestrutura do PA São Francisco.

4.3.1.1 O campo lexical de assentamento

Durante o percurso de análise foi perceptível o agrupamento do campo lexical *assentamento* em outros macrocampos, tais como: 1) *Vida no assentamento* e 2) *Fruto/Fruta*. A partir desse delineamento as lexias foram agrupadas em cada macrocampo, sendo possível uma melhor visualização e organização das lexias. Mediante essa observação, os demais campos lexicais também foram estruturados dessa forma, tendo em vista que trabalhar com a língua em contexto de uso envolve uma grande quantidade de informação que carrega consigo aspectos socioculturais que são necessárias para analisar indiretamente as conexões geradas pelos assentados dentro do PA São Francisco, conforme a Figura 47.

Figura 47 - Campo lexical de assentamento.



Fonte: Elaborada pela autora.

Com base na Figura 47, as lexias que mais se destacam para o macrocampo *vida no assentamento* são referentes aos lugares (*assentamento, garapé, igarapé*), árvores (*castanhêra*) e situações (*madêra, lugá, dificuldade, dificultoso*) existentes na realidade do PA São Francisco. Como apresentado no *Capítulo II*, o processo de criação de assentamento sempre foi desafiador, principalmente para a população que saiu de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, acreditando no sonho de possuir um lugar próprio, como forma de recomeço. Todavia, a realidade apresentada por eles é de que foram esquecidos, abandonados pelo governo e pelos órgãos responsáveis pelo projeto. Por isso, o assentado afirma que viver no *lugá*, denominado *assentamento*, apresenta uma *dificuldade* ou é *difícultoso*.

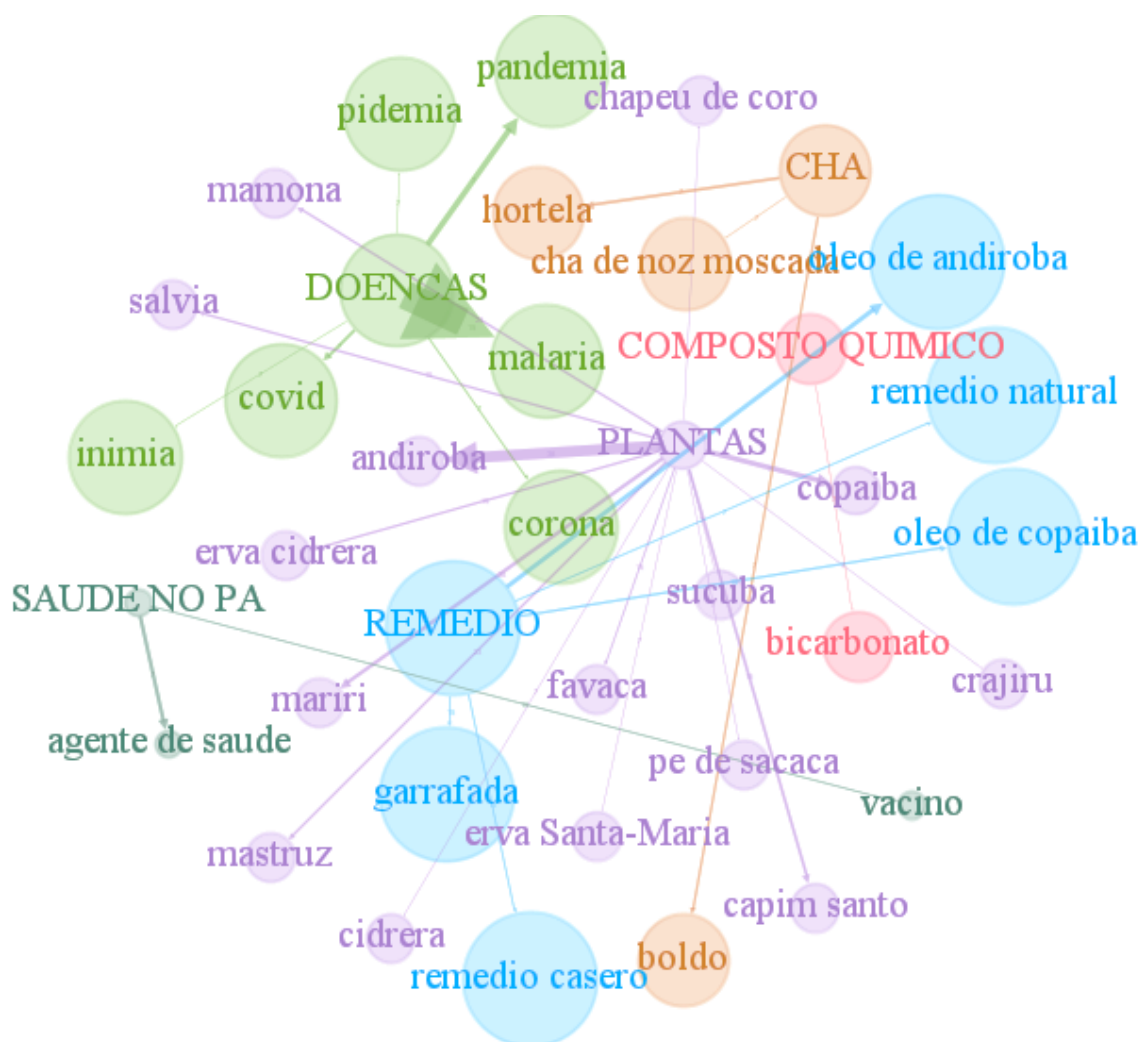
Há também a presença da *castanhêra*, pois é muito frequente nas proximidades das residências dos assentados ou estão presentes na mata, ou na plantação da lavoura de guaraná, convivendo com outras espécies de árvores. Enquanto a *madêra* envolve tanto a questão do alto índice de desmatamento que ocorre no assentamento e a falta de fiscalização dos órgãos responsáveis quanto à construção de residências. O macrocampo de *vida no assentamento* também se relaciona com o macrocampo *Fruto/Fruta*, visto que apresenta a lexia *castanha*, fruto da *castanhêra*. Quanto ao *garapé* ou *igarapé* são utilizados de forma genérica para os cursos de água que atravessam, por vezes, a propriedade de alguns assentados ou localizam-se em meio a mata.

Nesse contexto, as lexias apresentadas possibilitaram um olhar para o ‘homem/assentado’ e a realidade do PA São Francisco, considerando o processo histórico de criação do projeto de assentamento que envolve um panorama de busca por uma vida melhor e também de dificuldades que podem ser encontradas nesse meio. Além de compreender que as lexias não devem ser analisadas de forma independente, mas em conjunto com a comunidade estudada e o contexto de uso sociocultural apresentado pelos falantes. Nesse caso, há um entrelaçamento dos macrocampos, pois as lexias apresentadas se complementam.

4.3.1.2 O campo lexical de saúde

O campo lexical de saúde apresenta por meio das lexias a compreensão das estratégias desenvolvidas pelos assentados acerca das dificuldades relacionadas à saúde. Dessa maneira, a Figura 48 identifica a organização dos macrocampos centrais que estão relacionados a essa problemática.

Figura 48 - Campo lexical e macrocampos da saúde.



Fonte: Elaborada pela autora.

Através das informações contidas na imagem, percebemos que no macrocampo doenças, a lexia *malária* representa uma das grandes dificuldades que os assentados encontraram ao chegar no assentamento. Segundo a Fapesp (2004), no Brasil, a Região Norte possui o índice mais alto de casos de malária desde 1985, em que apresentou 11 mil casos. O maior surto da doença ocorreu no ano de 1999, com mais de 167 mil casos registrados. Em

2021, a maior parte dos casos de malária ocorreu em áreas indígenas e área rural, sendo que o município de Humaitá apresentou (556) e Canutama (591) (FVS-AM, 2021). Esse macrocampo se relaciona com a lexia *agente de saúde*, pois se refere a única pessoa responsável por essa questão no assentamento, realizando exames de lâmina e distribuição de cloro para os moradores.

Para o macrocampo *plantas*, as lexias *andiroba* e *copaiba* foram frequentes também, porque as árvores dão um fruto que produz um tipo de óleo muito utilizado para o tratamento de machucados, funcionando como um cicatrizante. Além disso, as árvores são encontradas com frequência no assentamento devido à plantação da cultura do guaraná, sendo útil na época de colheita do guaraná porque proporciona sombra e também como uma forma de reflorestamento na área desmatada para a plantação, conforme as Figuras 49 e 50 abaixo.

Figura 49 - Processo para a retirada do óleo de andiroba.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50- Área de reflorestamento ao redor de uma residência.



Fonte: Acervo pessoal.

Os assentados também apresentam uma forte ligação com as plantas e ervas medicinais para o tratamento caseiro, tendo em vista que, devido às circunstâncias de locomoção, período chuvoso ou a própria escolha de não sair do assentamento para buscar outras alternativas medicinais em outras cidades, recorrem à natureza e aos conhecimentos que possuem sobre os remédios e chás caseiros. Por exemplo:

Quadro 12 - Remédios caseiros.

Lexias	Para que serve?
<i>Andiroba</i>	Cicatrizante
<i>Boldo</i>	Dores de estômago
<i>Capim santo</i>	Prisão de ventre
<i>Chapéu-de-couro</i>	Dores reumáticas, artrite
<i>Chá de noz moscada</i>	Prisão de ventre
<i>Copaíba</i>	Cicatrizante
<i>Erva cidrêra</i>	Calmante, prisão de ventre
<i>Favaca</i>	Prisão de ventre
<i>Hortelã</i>	Calmante
<i>Pé de sacaca/sacaca</i>	Dores de estômago
<i>Sálvia</i>	Prisão de ventre

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o quadro, entendemos que o uso dos remédios caseiros feito pelos assentados é para o cuidado ou alívio de alguns sintomas que envolvem o estômago e machucados ocorridos durante o trabalho. É importante ressaltar que não fizemos nenhum tipo de estudo científico sobre as plantas citadas nas entrevistas para a comprovação da⁴⁴eficácia delas. Apenas foram destacadas, mediante os relatos, para mostrar a alternativa mais frequente utilizada pelos assentados para a saúde, bem como demonstrar os conhecimentos que eles possuem sobre esse campo lexical.

⁴⁴ Em 2008, foi criado o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, por meio da Portaria Interministerial nº 2.960, em que foram estabelecidas 436 ações para cumprir as diretrizes de incentivo à pesquisa, desenvolvimento de tecnologias e inovações, a inserção de plantas medicinais e fitoterápicos em Serviços de Saúde do SUS. Do total de ações, 213 são de responsabilidade do Ministério da Saúde. Em 2009, foram inseridas 71 espécies de plantas medicinais usadas em programas de fitoterapia em todo o Brasil. Para mais informações consultar o site <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/exposicao-marca-os-15-anos-da-politica-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos>.

Nesse novo contexto, denominado de PA São Francisco, os assentados precisaram fazer adaptações, principalmente no que se refere ao trabalho. Por isso, as lexias mais representativas mostraram os tipos de cultura mais eficazes para o cultivo no projeto. Logo, com a plantação dessas culturas há também as formas de realizar o controle de *pragas e doenças*. Assim, a mais frequente foi *veneno*, sendo citados *glifosato~glifosaco* e a mistura caseira feita com o uso da pimenta-do-reino, composta por álcool, detergente e água.

As lexias *plantar e colher* carregam a significância de meta do trabalho desenvolvidos pelos assentados, caracterizando-os ainda mais pelo viés do trabalho de cultivo e colheita de tipos de culturas, em especial a do guaraná, pois, é a principal fonte de renda desses sujeitos-agentes. As outras culturas também contribuem para a complementação da renda ou para o próprio sustento familiar, como a *roça* de farinha e o *cupuaçu*. Para a farinha e o guaraná, as Figura 52, 53 e 54 mostram os locais em que são realizadas as atividades de trabalho.

Figura 52 - Casa de farinha.



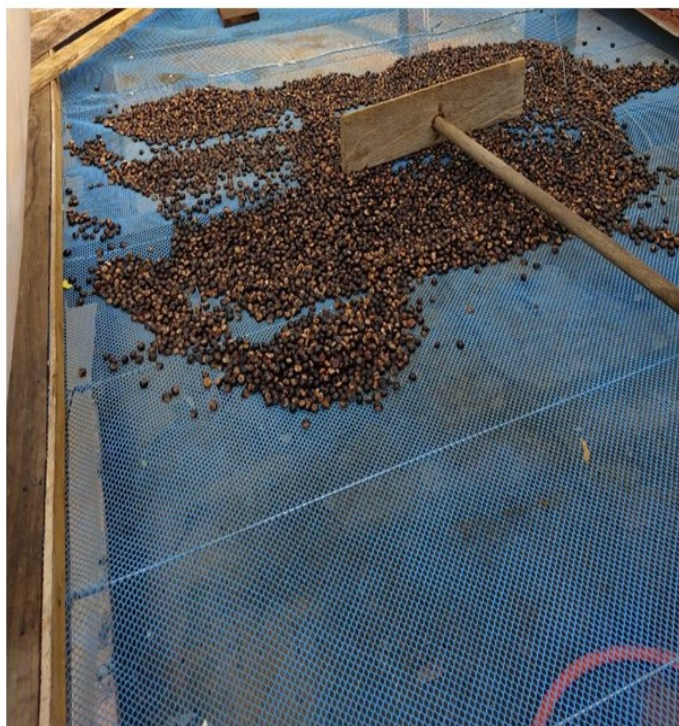
Fonte: Acervo pessoal

Figura 53 - Lavoura de guaraná.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 54 - Guaraná na estufa.



Fonte: Acervo pessoal.

Segundo a figura, destacamos do macrocampo *peixes* a lexia *traíra* por ser o peixe de pequeno porte mais pescado pelos assentados quando realizam a atividade de pesca no rio Mucuim ou nos igarapés. Para o macrocampo *animais* destacam-se *porco*, *galinha*, pois fazem parte da criação feita pelos assentados. Enquanto a lexia *onça*, o maior felino das Américas, rende muitas histórias contadas pelos assentados, sendo algumas delas:

Teve alguns anos atrás... teve uma onça entendeu? Só que ela tava bem doente. Isso aqui não é eu que tô falando e num é fato... assim é fato que aconteceu... num é lenda não. Tinha uma onça só que ela tava assim bem/bem assim magrinha... acho que ela tava um doente. Ai ela atacô/ ai ela atacô várias pessoas aqui dentro... mas até que conseguiram no finalmente dá um jeito nela. Mas foi bem/bem apavorante... todo mundo "Ah e tal? Se eu topá ela?" Tinha medo né? Porque realmente aconteceu mesmo...num foi que...(Entrevista 01HM35).

Óia aqui disque tem onça. Tem isso mas nunca vi onça. Só vi rastro até hoje né? Tô vinte ano/vai fazê vinte ano aqui nunca vi uma onça. Só vi rastro de onça que eu ando té na fundiária ai. Só vi rastro de onça. Nunca vi onça (Entrevista 08JM64).

A gente encontrô já té onça. [...] Esses tempos nós tava... Eu já/eu já/eu já vi onça umas três vezes. Ó um dia nós foi caçá paca bem aqui nesse sitio da frente. Daí a gente/logo que a gente chegô aqui não tinha energia nem nada. Ai a gente matô uma paca. Sempre eu vô com ele né? A gente faz os tempero lá. Sempre a gente vai nós dois junto que vai caçá. Ai ele/ai ele atirô numa paca. Ai eu falei pra ele vamo ficá mais um pouco. Daqui a pouco nós vamo embora porque tá cedo ainda. Daí nós ficô mais um pouco. [...] Daí nós ficô mais um pouco. Daí quando é/daí a pouco ele escutô uma zoada. Ai ele falô assim "eu acho que tá vindo um matêro". Daí eu fiquei quietinha né? Daí a pôco ele ficô nela. Era uma onça grandona. Uma onçona pintada. [...] Ai ele/ele daí nós vimos só essa onça lá do ôtro lado. Ele matô também. A gente veio embora. Daí quando foi ôtro dia nós fomo caçá lá pra/prá fundiária. Era. Era bem grandona. Um macho. Ai outro dia nós fomo caçá lá pra fundiária. Daí tava de dia... de tarde. A gente sempre andava pra lá vê se achava porção né? Ai a gente foi quando a gente tava quase chegando na mata. Ai ele escutô assim uma pisada assim...zuada. Ai a gente parô. Ficô quietinho pra vê o quê é que ia atravessá pra carreadô. Que tem um carreadô que vara lá. Ai a gente tava paradinha esperando. Há pouco apareceu a onça pin/pintada não... pretona. Preta. Onça preta. Nunca tinha visto. Té na televisão é difícil pra gente vê né? (Entrevista 13SF42).

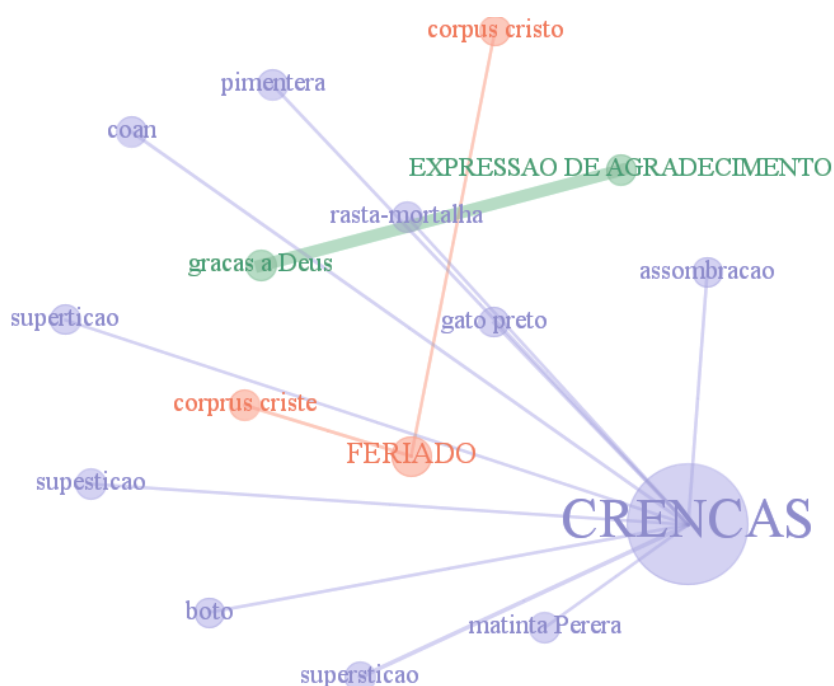
No que se refere ao macrocampo de *mosquitos* destacamos a lexia *porvinha*, um mosquito pequeno que causa irritação na pele, sendo comum no assentamento. Ele também é conhecido por *maruim*, *meruim*, *maruizinhos*, *polvinha* e *povinha*.

Por isso, compreendemos as histórias relacionadas à fauna indo ao encontro dos assentados em suas propriedades ou mesmo na mata, mostrando o contato entre os animais e o sujeito. A partir desses vínculos, a próxima seção mostra as superstições que muitas vezes se atrelam à fauna.

4.3.1.5 O campo lexical de religiões e crenças

O campo lexical de *religiões e crenças* é o último a ser analisado e proporciona os conhecimentos referentes às particularidades dos assentados quanto a identificação das superstições, crenças e religião que os constituem como sujeitos-agentes culturais. Com isso, a Figura 56 mostra algumas lexias encontradas na fala dos assentados e suas possíveis significações.

Figura 56 - Campo lexical de religião e crenças.



Fonte: Elaborada pela autora.

Do macrocampo de *crenças* destacamos a lexia *superstição* e *boto*, sendo a primeira utilizada pelos assentados de maneira geral para falarem que não acreditam em superstições ou acreditam. Enquanto a segunda refere-se às lendas que conhecem devido às experiências dentro ou fora do assentamento, como a lenda do boto que sai do rio para namorar e conquistar as mulheres. Outra lenda, especificamente presente no contexto amazônico, é a da *Matinta Perêra*. “A lenda diz que é uma velhinha...baixinha...que ela anda com um cajado e com um pássaro negro na ponta do cajado e quando cê tá fazendo alguma coisa dentro da mata que ela não gosta...ela já assobia de longe (Entrevista 05AM18)”.

As outras lexias como *rasga-mortalha* e *coan* são nomes de algumas espécies de coruja e pássaro, sendo que a primeira traz algum tipo de mau presságio e a segunda indica que a

pessoa irá receber notícia ruim, isto é, de alguém que morreu. A *lexia gato preto* está relacionada à má sorte.

Ressaltamos ainda que a *lexia assombração*, é utilizada de forma geral pelos assentados para se referirem a algo sobrenatural, como a estória da mulher que pegava carona no meio da estrada.

Mas assim ouvi dizê mas não cheguei nem vê. Até porque... Graças a Deus eu só bem... não tenho muito...não é qualqué coisinha que vai me assombrá não... mas disque tinha a mulhé que quando passava de moto ali... ela pulava na garupa da moto ne? disque a moto parece que pesava né? Assim quando você passava... ela sentava na moto né? Às vezes pedia carona da pessoa: "Ei me dá uma carona". E o cara "vem sobe aí". Aí quando ela subia na moto o cara tã... ia levando a fulana... aí olhava pra trás... cadê? NOssa SENhora do...rapaz eu largava da moto... num sei não. Eu voltava atrás. "Será que ela caiu bicho? Vou atrás dela ó". É que geralmente eu andava bem...assim... Graças a Deus hoje eu posso falá né? mas assim eu bebia demais... NOssa SENhora. Então assim eu pedi várias vezes... pedi pra Deus pra topá com ela mesmo... porque eu nunca tinha...assim eu tenho medo de...sinceramente eu tenho medo de um ser humano porque eu sei que ele pode me fazê mal. Tem uma vez que eu parei num entroncamento... ali onde é uma encruzilhada... pedi pra Deus "Senhô me mostre essa mulhé". Pedi. Eu não tinha medo que eu andava com fulano... me mostra essa mulhé que às vezes é...sempre minha vó explicava sobre e eu respeito muito entendeu isso. Eu tenho/eu tenho às vezes mais consideração pelas pessoas que já morreram do que de quem tá em cima dessa terra... porque aqueles ali além de estarem olhando por você lá em cima... elas são as pessoa que são...a voz deles são que realmente são verdadeiras (Entrevista 01HM35).

Há também a do primo Cido que puxou o pé da entrevistada:

Uma vez que eu fui dormi na casa do/do/d'uma tia minha e tinha um primo meu que falava quando ele morresse... se ele morresse primêro que eu digo que ele vinha puxá meu pé e eu vim...morava em Santos na casa deles fui lá pa minha tia... é minha madrinha também ela. Eu tava dormindo deram um puxado no meu pé [...]. Aí eu alevan/quis ficá com medo...deu vontade de gritá mas aí no outro dia eu falei pa irmã dele "Corrinha"...é Socorro o nome dela... "Corrinha essa noite puxaram o pé aqui" que ela disse "foi Cido" o nome dele era Tarciso... "foi Cido que puxou teu pé"... aí mas só que eu num acredito muito nessas coisa não (Entrevista 04MF61).

Além do tio caçador e da avó no meio da estrada:

Teve uma vez que um tio meu... ele passando no meio do mato... ele atirou... acabou matando (três paca no mato) e com isso ele esperou vim mais. [...] {Aí alguma coisa bateu no ombro dele e falou que "já chega"...tava bom já esse aí e era o suficiente pra ele. [...] (Entrevista 05AM18).

Minha vó falecida. Foi num dia... a gente indo na estrada... acabou que era só os cães dela... ela pegou... Indo um cachorrinho na frente com/alguma coisa muito preto pegou o cachorro e sumiu (Entrevista 05AM18).

Ou do homem que pedia no meio da estrada para quebrarem o seu braço:

Aí quando ele morreu...meu pai conta. Disseram que isso foi verdade mermo. Ai disque tinha uma encruzilhada né perto de onde ele morava. Ai disque toda gente que passava...disque tava aquele home lá com braço bem inchado e gemendo de dô...pedindo pa pessoa batê no braço dele...quebrá o braço dele. Ai ninguém tinha corage de fazê aquilo. Ai quando foi um dia disque ia passando um boiadêro...costumava viajá o mundo a cavalo...ai disque ele parô né? E tava aquele home pedindo “Pelo amor de Deus... quebra meu braço. Quebre aqui meu braço.” Ai disque o cavalêro só fez descê do cavalo ai disque foi lá pegô um pau né? Ai disque foi pa no braço do home. Ai disque na hora que ele bateu aquele pau foi dinhêro pa toda banda mia fia. Ai disque o home desapareceu. Disque nunca mais (Entrevista 07JF62).

E, por fim, a estória do pai que retorna para casa em busca da chupeta do filho e encontra o Araponga na estrada.

Quando o meu irmão era criança...pequeno. O meu irmão do meio. O nome dele é Roberto. Ele quando era criança... uma vez o meu pai/o meu pai tinha/eu também era criança né que eu tinha uns três ano...quatro ano. Daí o meu pai conta e eu tenho alguma lembrancinha desse lugá que a gente morava. Daí nesse lugá o pessoal fala que é assombrado. Ai a minha mãe fala que lá tinha/ tinha um barraco de seringuêro lá onde o meu pai foi nessa terra que meu pai foi pa morá. Tipo assim pa tomá posse daquela terra. Ai era uma área de seringuêro. Ai tinha um buraco atrás da casa. Daí ficava fazendo barulho lá. Jogando as coisa no buraco. Dizia a minha mãe que era assombração. Ai meu pai um dia lá. Nós só tinha um vizinho. Era difícil a vida. Antigamente era mais difícil que hoje em dia né? [...] Daí os vizinho/o vizinho mais próximo que nós tinha era bem longe. Acho que dava uns quatro...cinco quilômetro. Daí nós fomo pra casa desse vizinho. O meu pai e meu irmão pequenininho bebê chupava chupeta. Ai chegou lá a minha mãe esqueceu da chupeta. Ai meu pai meio que voltou pra trás pa/prá pegá a chupeta do meu irmão que já tava de noite. Daí diz ele quando ele tava indo tinha um homem segurando uma velhinha. Ai diz o meu pai que viu que não era normal porque o homem tava com a/um tanto assim levantado da terra né o pé. Ai diz ele que passô e se arrupiô todinho. Passô e foi lá. Buscô a chupeta do meu irmão. Ai levou. Dai/daí depois que ele foi contá pa mãe. A mãe diz que ôtro dia também ela viu esse homem descendo do/da frente da estrada assim... descendo com a vela na mão e gemendo pu rumo do garapé que tinha assim. Só que eu era criancinha assim e não lembro muito bem. Mas eles contava que existia esse homem era um tal de Araponga. Um homem que tinha lá. Mataram ele. Ai ele ficou assim perturbando lá. Só que o meu pai conta mais minha mãe. Mas eu fico assim. Não sei (Entrevista 13SF42).

Essas estórias são narrativas de cunho particular e popular que os assentados ouviram falar e que compartilham quando solicitados, sendo, em sua maioria, acompanhada pelas estradas. Todavia, isso não significa que acreditem, mas o fato é que as conhecem pelo contexto familiar ou pela relação com o espaço o qual estão inseridos. Nesse sentido, o campo lexical aborda mais as questões de crenças, superstições, seres sobrenaturais e lendas, contribuindo para o conhecimento das diversas histórias que envolvem os assentados.

Dessa forma, conhecidas as lexias que envolvem não somente as perguntas não direcionadas como as direcionadas, bem como as conexões estabelecidas entre os assentados e

os contextos socioculturais, a próxima seção retrata as considerações de se realizar uma análise lexical baseado no uso real da língua atreladas às concepções de cultura e das redes semânticas.

4.4 As relações entre o léxico, a cultura e as redes semânticas

A opção teórica e metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa se deu pela grande dinamicidade que o léxico apresenta por ser aberto e infinito, como também pela complexidade que envolve o ser humano quando faz as escolhas lexicais para falar sobre o mundo ou a realidade em que vive. O que vem sendo discutido por Boas (1911), Sapir (1921, 1929) e Whorf (1940) desde a primeira metade do século XX.

A partir disso, compreendemos haver muitas formas de estudar a língua e a cultura com o auxílio de distintas áreas da ciência, como, por exemplo, a Antropologia Linguística, a Sociologia, a Biologia e a Sociolinguística. Nesse percurso, outro ponto importante que destacamos é a escolha epistemológica e teórica do pesquisador, bem como o que deseja saber sobre essa relação, considerando a comunidade de fala a ser analisada. Todo esse trajeto foi delineado para o estudo dessas relações não se dessem de forma isolada, mas como uma estrutura, fazendo uma breve comparação com a metáfora de Saussure⁴⁵ (2006), quando diz que a língua é como um jogo de xadrez, porque visualizamos no léxico (lexias) as peças de um xadrez que estabelece as relações entre a língua e a cultura, pois contribui para a compreensão do conhecimento de uso da língua tanto pelos falantes quanto pelos aspectos socioculturais dos sujeitos-agentes que se refletem no léxico.

Nesse viés, retomamos a concepção de *cultura como conhecimento socialmente distribuído* delineado por Duranti (1997), pois, como apresentado nas seções anteriores, os assentados que residem no PA São Francisco são oriundos de diversas regiões e, por isso, carregam consigo as particularidades socioculturais e também linguísticas. Logo, nessa comunidade mosaica, os sujeitos aplicam lógicas e pensamentos distintos para falar sobre a realidade em que estão inseridos. Mas, por outro lado, há a possibilidade de compartilhamento dessas diferenças por meio do processo de interação comunicativa com o outro.

Tal assertiva foi verificada quando foram realizadas as perguntas direcionadas, visto que cada assentado apresentou suas particularidades de uso do léxico por meio das lexias para denominar ou falar algo sobre o mundo. Por isso, a estratégia de usar as redes semânticas para

⁴⁵ Saussure, Ferdinand de. [1916] 2006. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

analisar as diferentes estruturas apresentadas pelos falantes, mediante a diversidade sociocultural e linguística.

Por cada pergunta direcionada, já se esperava uma ou outra resposta sobre as possibilidades que se tinha nas escolhas lexicais dos entrevistados, tendo em vista os estudos desenvolvidos com o uso do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Contudo, as diferentes lexias encontradas não vêm de uma associação já pré-estabelecida, porque tanto o sujeito quanto a língua são naturais, razão suficiente para a constituição de estruturas naturais e heterogêneas. O que colabora mais uma vez para uma dinamicidade e um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos que abrangem a língua, sendo o léxico a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade (BIDERMAN, 1978).

Assim, o olhar que se considera para essas lexias enunciadas pelos falantes, não significam somente a quantidade de frequência com que cada uma ocorreu nas entrevistas individuais, mas de pensar nelas como o início de uma rede mais complexa envolvendo o léxico, em que as lexias representam a construção de significados múltiplos para retratar uma realidade. Como é o caso do campo lexical de saúde, em que houve diversas significações dadas pelos assentados para cada questão das questões direcionadas.

Por exemplo, *Como você chama a doença caracterizada por bolhas que causam coceira?* A que mais se destacou foi *catapora* (02RO, 13RO, 12SC, 04SP, 07MT, 09MT, 08MS), em detrimento de *varicela* (07MT, 08MS), *machucado* (05RO), *elergia de pele e elergia* (10ES), *alergia* (04SP), e *curuba* (03PI).

A título de conhecimento, se fosse considerada a datação das lexias mais frequentes entre os falantes e o significado que ocuparam durante a perspectiva diacrônica em diferentes obras lexicográficas, teríamos o conhecimento de que o dicionário etimológico de Cunha (2012) aponta *catapora* como ‘denominação vulgar da varicela’ ‘fraco’ 1899, de origem obscura. O dicionário de Freire (1954) define *catoporas* como “erupção cutânea, benigna, vulgarmente conhecida por *bexigas doidas*”. Enquanto *varicela* ou *varicella* seria “doença infecciosa e contagiosa, ordinariamente benigna, caracterizada por uma erupção de pequenas bolhas, que secam ao cabo de alguns dias”.

O dicionário Houaiss apresentou a etimologia da lexia *catapora* como sendo oriunda do tupi *tata'pora*, *tata* no sentido de ‘fogo’ e ‘pora’ no sentido de ‘que salta, irrompe’, datada em 1836 e a definição de “doença infecciosa aguda, comum na infância, provocada por vírus e caracterizada por febre e erupção maculopapular rápida, seguida de erupção vesiculoeritematosa muito pruriginosa”. Como sinônimos têm-se *catoporas*, *tatapora*,

tataporas, varicela e bexigas doidas. Enquanto *varicela* aparece como sendo o “mesmo que *catapora*” e apresentando os mesmos sinônimos.

No Aurélio, *catapora* é a “designação vulgar da varicela; *tatapora*”, de origem tupi = ‘fogo que salta’. E *varicela* a “doença infecciosa causada por vírus, contagiosa, de ordinário benigna, e que se caracteriza por febre acompanhada de máculas que evoluem para pequenas bolas, posteriormente surgindo crostas[...]. Como sinônimos apresenta *catapora* ou *cataporas*, *tatapora* ou *tataporas*. Do francês *varicelle*.

Todas as definições apresentaram a informação de que *catapora* é uma doença infecciosa, com exceção de Freire (1954), que apresentou erupção cutânea e a forma conhecida por *bexiga doida*. Enquanto *varicela* é tida como o mesmo que *catapora* e *doença infecciosa*. Então, o que se percebe é que não houve uma mudança de significado entre *catapora* e *varicela*, mas uma reorganização quanto ao uso de outros sinônimos, por exemplo, nos dicionários atuais o único que apresenta todos os sinônimos de *catapora* é o Houaiss, enquanto o Aurélio retirou *bexigas doidas*. A *varicela*, nesse dicionário, é uma nova entrada que recebe a definição e os sinônimos, enquanto *catapora* é considerada uma designação vulgar.

Ademais, segundo as informações apresentadas no site do Ministério da Saúde sobre essa doença causada pelo vírus *Varicela-Zoster*, a nomenclatura utilizada é *Catapora (Varicela)*, sendo ambas utilizadas como sinônimos. Assim, os falantes desta pesquisa também fizeram uso das expressões como sinônimas de uma doença característica da infância que afeta a pele, em que se destacou dentre os sujeitos-agentes, o falante 07MT, porque apresentou conhecimento tanto de *catapora* quanto de *varicela*. Dessa forma, para verificar como os sujeitos optam pelas escolhas de uma ou de outra, ou também por outra variante, eles devem recorrer à memória para buscar a lexia que mais se adequa ao assunto que está sendo abordado, com base em suas experiências individuais.

Outro exemplo seria para a questão *Como você chama a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança?* A lexia mais recorrente foi *caxumba*, utilizada por onze falantes, sendo eles: 02RO, 03PI, 04SP, 05RO, 06PE, 07MT, 08MS, 09MT, 10ES, 12SC, 13RO. Outra lexia encontrada foi *papêra*, falada por 03PI. Freire (1954) apresenta a definição de *caxumba* como “inflamação infecciosa da parótida, papeira”; e para *papeira* inflamação da parótida. Enquanto os dicionários Houaiss e Aurélio apresentam como definição para *caxumba* a remissiva “mesmo que parotidite epidêmica”, o inverso ocorre quando se busca a lexia *papeira* nesses dicionários. E no site do Ministério da Saúde encontra-se “a *caxumba*, também conhecida como *papeira*, é uma doença de distribuição universal, de alta morbidade e baixa letalidade [...] é mais comum em crianças no período escolar” (BRASIL, 2023). Sendo

assim, destaca-se 03PI, que possui conhecimento da lexia *caxumba* e *papêra*, usando-as como sinônimas de inflamação da glândula parótida, região próxima ao queixo.

Segundo os estudos realizados por Batista (2019) nos municípios de Itacoatiara e Silves/AM, a lexia *papeira* é mais recorrente em áreas rurais, enquanto *caxumba* é mais recorrente em áreas urbanas. Essa informação mostra as diferenças opostas encontradas nas diferentes comunidades estudadas, visto que o PA São Francisco apresenta pouco uso da lexia *papeira* que é típica da zona rural, se comparado à Itacoatiara e Silves, em detrimento de *caxumba* que é mais recorrente na fala dos assentados localizados em área rural, enquanto nos dois municípios é característico da zona urbana.

Para a questão *Qual termo você usa para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”?* o falante 01RO apresentou *peidão, peida na cueca, solta um gás*; 04SP *empachado*; o 05RO *gases*; o 10ES *falta de digestão*; o 12SC e 13RO *barriga inchada*. Dessas, a lexia *prisão de ventre* é a que mais se conecta entre os falantes: 04SP, 07MT, 08MS, 10ES. Freire (1954) apresenta a seguinte definição para *prisão de ventre* “dificuldade na defecação; constipação intestinal”. O dicionário Houaiss traz o “mesmo que constipação (no sentido de ‘retenção de fezes’)”. O Aurélio define como a “dificuldade de evacuar, produzida por alteração do trânsito intestinal, e que gera retenção de fezes”.

A questão *Você sabe como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele como bordas marcantes e o centro mais claro, que causa muita coceira nas regiões afetadas?* As lexias apresentadas foram *impija* (07MT e 11MA), *impinja* (10ES, 12SC, 13RO) e *pano branco* (08MS, 10ES). No dicionário de Freire (1954) há o registro de “impetigo, equivalente a dermatose auto-inoculável, caracterizada pelo aparecimento de pústulas de vários tamanhos, agrupadas ou isoladas, que se transformam em crostas espessas, gretadas e amarelas; impigem”. Houaiss tem a definição “designação vulgar de várias dermatoses; impigem”, enquanto no Aurélio é “designação imprecisa, comum a várias dermatoses”. Enquanto *pano branco*, é encontrada em Freire (1954) como *pitiríase* ou *pitysiase*, “doença de pele, caracterizada por pequenas manchas escamosas e rosadas”. Em Houaiss há *pano branco* referindo-se a “mesmo que *pitiríase versicolor*”. E no Aurélio encontra-se *pitiríase*, “designação comum a diversas dermatoses caracterizadas pela produção de escamas que se esfarelam”. Nesse sentido, o uso de uma ou outra variante pelos falantes refere-se ao tipo de problema de pele que desenvolve manchas e podem coçar.

A última questão a ser destacada é *Como você chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras?* A lexia destacada é *friêra*, sendo falada por onze entrevistados, sendo eles: 01RO, 02RO, 03PI, 04SP,

07MT, 08MS, 09MT, 10ES, 11MA, 12SC, 13RO. Fora essa lexia, outros falantes apresentaram também *bicho de pé*, *curuba*, *cocêrinha boa* (01RO), *micose* (01RO, 03PI, 05RO), *bicho geográfico*, *bicho de pé* (06PE), *rói-rói* (13RO).

No dicionário de Freire (1954), *frieira* é “uma inflamação produzida pelo frio e acompanhada de prurido e inchaço”. Em Houaiss tem-se “inflamação cutânea, de cor arroxeadada, odorosa, acompanhada às vezes de bolhas e rachaduras, causada pela exposição do organismo ao frio”. Aurélio apresenta “1. inflamação causada pelo frio, e acompanhada de prurido e inchaço; friagem. 2. Afecção cutânea, de origem vária, localizada nos pés, principalmente nos entrededos”. De acordo com os falantes, contrair *friêra* envolve o período chuvoso ou época das águas, pisar descalço em poças de lama, principalmente quando há criação de porco, sendo a causa origens diversas, como apontado pelo dicionário Aurélio. O método de prevenção citado pelos falantes é o uso de butina.

Para a lexia *micose*, a definição encontrada em Freire (1954) é “qualquer enfermidade produzida por cogumelos”. Enquanto em Houaiss é ‘qualquer afecção causada por fungo’ e no Aurélio “doença infecciosa causada por fungo”. Para *bicho de pé*, Freire (1954) apresenta “inseto parasitário do homem e dos animais”, apresentando também *bicho de porco* como sendo o mesmo que *bicho de pé*. No dicionário Houaiss tem-se “inseto sifonáptero (*Tunga penetrans*) da família dos tungídeos, de presumida origem sul-americana; relativamente comum nas zonas rurais, a fêmea fecundada penetra na pele do homem ou de outros animais, causando ulceração”. Enquanto no Aurélio aparece *bicho-do-pé*, considerado um brasileirismo popular da zoologia.

Assim, as diferentes formas utilizadas pelos assentados equivalem aos mesmos significados atribuídos pelos dicionários Houaiss e Aurélio, divergente somente à definição proposta por Freire (1954). Além disso, cabe destacar o falante 01RO, que apresentou *bicho de pé*, *curuba*, *friêra* e *micose* para se referir a inflamação que ocorre entre os dedos, mas explicando que o uso de uma ou de outra dependerá da pessoa com quem está se comunicando. Por outro lado, 03PI tem conhecimento da lexia *micose* e *friêra*, destacando que aprendeu o significado da primeira no assentamento e a segunda já era conhecida na sua região de origem, o Piauí.

Outro ponto a ser destacado é a lexia *curuba* utilizada pelos falantes 01RO e 03PI para responder às questões distintas: *Como você chama a doença caracterizada por bolhas que causam coceira?* e *Como você chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras?* A definição apresentada por Freire (1954) é “1. O mesmo que sarna. 2. Coceira. 3. Irritação da pele produzida pelo aparecimento de calombos grossos, especialmente nas verilhas”. O Houaiss apresenta a lexia

como pertencente da área médica de dermatologia como “borbulha, caroço que se forma na pele, de natureza aquosa, gasosa ou purulenta”. O Aurélio apresenta “borbulha”. Talvez, o uso de uma ou de outra para questões distintas seja feito pelo fato de lembrar ao falante algo associado a bolhas e coceiras.

A partir dessas considerações do campo lexical de *saúde*, as lexias que mais são conhecidas pelos falantes são *caxumba* e *friêra*, pois foram as mais distribuídas pelos assentados, formando ligações mais específicas que partem de um léxico particular para um léxico de conhecimento geral no projeto. Em outras palavras, a lexia que era de uso individual passa a fazer parte do conhecimento da maioria dos entrevistados, da comunidade. Já a lexia *catapora* tem tendência a ser tornar mais conhecida pelos falantes, devido ao início de conexão entre os falantes.

Destacamos outro exemplo das perguntas direcionadas, mais especificamente para o campo lexical de *meios de transporte*, em que houve repulsão de dois falantes para pergunta *Qual expressão você usa para dizer que uma moto, carro ou ônibus está até o máximo que pode suportar?* Dos onze falantes que responderam, 04SP e 05RO apresentaram lexias individuais e particulares (*lata de sardinha, transbordando de gente*) que não conseguiram estabelecer nenhum tipo de vínculo na rede, isto é, com os demais falantes.

Então, o que se pode concluir dessa primeira parte da análise sobre as lexias utilizadas pelos assentados do PA São Francisco, de acordo com a concepção de cultura como conhecimento socialmente distribuído, é de quanto maior o uso das lexias individualmente e quanto mais compartilhadas entre o grupo de falantes de diferentes origens em uma comunidade mosaica, mais facilmente se identifica o significado atribuído no processo comunicativo pelo uso do léxico.

Quanto às perguntas não direcionadas, foram consideradas as concepções de *cultura como um sistema de práticas* e a *cultura como um sistema de participação* (DURANTI, 1997), em que se considera os assentados como sujeito-agentes que podem coexistir entre costumes culturais e sociais distintos, mas, conforme o contexto em que se inserem podem produzir reflexões importantes por meio do léxico para representar o vínculo existente entre o sujeito e a comunidade.

Por isso, as perguntas não direcionadas proporcionaram uma variedade de unidades lexicais entre o universo individual dos falantes, sendo complexo delimitar as conexões entre os falantes, tal como realizado para as perguntas direcionadas. Conforme Biderman (1996, p. 30):

Em entrevistas não dirigidas, em que se dá ao máximo de liberdade ao locutor para garantir a espontaneidade da fala, os tópicos da conversação passam a ser aleatórios, acarretando em um léxico também aleatório, uma vez que certos vocábulos só ocorrem quando se fala de determinados assuntos e em certas situações. Sucede ainda que a situação e o contexto suprem a necessidade de mencionar verbalmente uma ou outra palavra, substituída por gestos ou dêiticos. Contudo, esses vocábulos são muitas vezes indispensáveis para a comunicação (BIDERMAN, 1996, p. 30).

Mediante essas várias possibilidades, a experiência que os sujeitos-agentes apresentam no PA São Francisco acabam contribuindo para uma seleção de sentidos lexicais mais gerais que coincidem entre si para falar sobre tal realidade, sendo que o “léxico engloba todo o universo de significação, o que inclui toda a nomenclatura e interpretação da realidade” (BIDERMAN, 2001, p. 198).

Nesse sentido, as diferenças socioculturais e linguísticas existentes entre os falantes diminuem quando tomadas pelo contexto da comunidade, tendo em vista que convivem no mesmo espaço geográfico e compartilham das mesmas experiências, por exemplo, quando abordam questões referentes ao campo lexical da *saúde*, do *trabalho* e da *fauna*. Em outras palavras, cada falante carrega consigo a visão de mundo particular, pois vê as coisas que os cercam por diferentes perspectivas, mas que podem coincidir com outros falantes quando vivem as mesmas realidades. Nesse caso, ocorre a noção de *cultura como um sistema de participação* (DURANTI, 1997), mostrando como a língua funciona no mundo real através dos aspectos socioculturais dos falantes.

Por isso, à medida que se organizava as lexias nos campos lexicais delimitados para esta pesquisa - perguntas não direcionadas - houve a dificuldade de relacioná-los a um único campo, pois, quando se comparou as lexias, algumas apresentavam novas significações que abarcariam outros campos, não sendo possível delimitá-las de forma clara. A alternativa encontrada, portanto, foi a criação de outros macrocampos para organizar melhor as lexias e traçar as relações existentes entre os assentados e o PA São Francisco.

Como exemplo, temos o campo lexical de *assentamento*, em que foram criados os macrocampos *vida no assentamento e fruto/fruta*, com base nas lexias apresentadas pelos falantes. E, dentre esse universo, foram destacadas as lexias *assentamento*, *castanhêra*, *garapé*, *igarapé*, *madêra*, *castanha*, que retratam a realidade sociocultural desses assentados para este campo. Para Trier, citado por Geckeler (1976), o termo *macrocampo* é o ⁴⁶campo como

⁴⁶ El campo como totalidad articulada, no como suma de piezas aisladas, es su objeto [el de la investigación aplicada al campo], y el campo como unidad lo ve formado a partir de macrocampos (por así llamarlos) superiores. Importante para esta investigación del campo es la división conceptual, que un vocabulário de este tipo efectúa com uma determinada esfera conceptual o sección de la visión del mundo, por el hecho de que existe precisamente em esta disposición y ordenación. Correspondem a la investigación del campo lós limites internos que un vocabulário existente establece en um momento determinado dentro de una esfera conceptual.

totalidade articulada, não como soma de partes isoladas, mas o campo como unidade que se vê formado a partir de macrocampos superiores, de tal modo que envolve uma divisão conceitual em que um vocabulário se relaciona com uma determinada esfera conceitual ou visão de mundo, pelo fato de existir a disposição e a ordenação. Logo, correspondem a investigação do campo nos limites internos que um vocabulário estabelece em um momento determinado dentro de uma esfera conceitual.

A partir disso, compreende-se que o universo lexical dos assentados do PA São Francisco se constitui a partir de atos sucessivos de compreensão da realidade constituídos individualmente, mas que se caracteriza através da experiência e são compartilhadas por meio das lexias. De acordo com Isquierdo (2001, p. 91):

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade [...]. Desde modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

Nesse caminho complexo em que se estrutura as relações entre língua, léxico e cultura, entendemos não haver como trabalhá-las de forma isolada, mas em conjunto com os sujeitos e a comunidade de fala. No caso das análises realizadas para as perguntas direcionadas, a estrutura traçada envolveu o léxico e o falante, considerando o ponto inicial de identificação lexical o indivíduo (particularmente), posteriormente, a análise das principais conexões que ocorre entre eles e, por fim, os pontos comuns que se apresentam entre os falantes, sendo possível por meio das estruturas de redes semânticas. Às vezes, essas conexões podem não ser tão densas, mas apresentam possibilidades de um sujeito interagir com o outro sem muitos problemas, tendo em vista a heterogeneidade existente dos assentados.

Por isso, as redes semânticas criadas para a análise foram estruturadas com cores distintas, para representar diferentes falantes que possuíam mais coisas em comum. As cores auxiliaram na identificação das conexões mais fortes encontradas entre as lexias e os falantes de diferentes grupos, sendo possível identificar quais deles apresentam conhecimento sobre as lexias faladas por outros sujeitos. Logo, para as perguntas direcionadas não é a frequência que está em jogo, mesmo que ela seja importante nesse processo para calcular o peso das arestas,

mas é o desenvolvimento e compartilhamento das lexias entre os outros falantes que permitem a compreensão tanto das partes quanto do todo.

No que se refere às perguntas não direcionadas, elas proporcionam o conhecimento da realidade sociocultural dos falantes e, conseqüentemente, do PA São Francisco, a partir dos diferentes sentidos atribuídos pelo homem/assentado para falar sobre a sua realidade. Logo, passamos a entender a língua como uma prática sociocultural e participativa, sendo pertinente verificar as relações semânticas estabelecidas dentro de cada campo lexical, para ser possível visualizar a estruturação dos campos semânticos e a organização das lexias que se configuram por diferentes conexões para formar um todo articulado.

Como uma forma de mostrar as relações significativas atreladas às unidades lexicais apresentadas pelos assentados do PA São Francisco, elaboramos no Capítulo V o *Glossário do PA São Francisco – sul do Amazonas* extraídos das fichas lexicográficas, a partir do contexto de uso realizado pelos falantes.

CAPÍTULO V – O GLOSSÁRIO DO PA SÃO FRANCISCO – SUL DO AMAZONAS

“Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo.”

Clifford Geertz, *O saber local*.

Com este capítulo visamos apresentar as unidades lexicais utilizadas pelos falantes do PA São Francisco acerca dos oito campos lexicais estabelecidos e discutidos ao longo do texto. O glossário, constituído por 366 entradas, é parte do repertório lexical que compõem as 13 entrevistas coletadas para a elaboração do *corpus* de estudo, sendo a organização das estruturas apresentadas no *Capítulo III* (seção 3.4). Logo, a organização do glossário se deu em duas partes, sendo: 1) a primeira é constituída pelo quadro geral de classificação, seguindo a estruturação dos campos lexicais, com base no critério onomasiológico, 2) a segunda com o agrupamento das unidades lexicais apresentadas nas fichas lexicográficas, seguindo o critério semasiológico⁴⁷. Dessa forma, esperamos que o glossário sirva como um instrumento de consulta para pesquisadores interessados em conhecer um pouco mais sobre o contexto amazônico, mais especificamente a realidade linguística e sociocultural dos assentados do PA São Francisco.

5.1. Quadro geral do campo lexical de assentamento

a) Perguntas não direcionadas

Fruto/Fruta

abacaba, bacaba, abóbora, acerola, abacaxi, biribá, cacuí, çai, castanha, goiaba, ingá, jaca, mamão, pokan, pupuí, pupunha, sova, tucumã.

Vida no assentamento

Assentamento, avivê, bêrada, breu, carrada, carreadô, cascalho, castanhêra, chacrinha, derradêra, dificuldade, dificultoso, espuleta, garapé, igarapé, iscola, lugá, madêra, partidarista, poço artesiano, projeto de assentamento, reflorestar, reflorestamento, rudiava, seringuêro, temporãozinho, terrêro, varedinha, veredadô, zero vírgula zero.

⁴⁷ Ressaltamos que os nomes próprios e os antropônimos apresentados nos grafos (ver *Capítulo V*) não farão parte dos glossários, tendo em vista que exigem uma outra forma de organização e análise.

5.2 Quadro geral do campo lexical de saúde

a) Pergunta direcionada

alergia, barriga inchada, bicho de pé, bicho geográfico, catapora, caxumba, cocêrinha boa, curuba, elergia, elergia de pele, empachado, falta de digestão, friêra, gases, impija, impinja, machucado, micose, pano branco, papêra, peida na cueca, peidão, prisão de ventre, rói-rói, sarampo, solta um gás, varicela.

b) Pergunta não direcionada

Saúde no PA

agente de saúde, vacinar.

Plantas

andiroba, capim santo, chapéu de côro, cidrêra, copaíba, crajiru, erva cidrêra, erva Santa Maria, favaca, mamona, mastruz, pé de sacaca, salvia, sucuba.

Composto químico

bicarbonato.

Chá

Boldo, chá de noz moscada, hortelã.

Doenças

Corona, covid, inimia, malária, pandemia, pidemia.

Remédio

Garrafada, óleo de andiroba, remédio casêro, remédio natural.

5.3 Quadro geral do campo lexical de convívio e comportamento social

a) Pergunta direcionada

Alcólatra, amô, bebão, boi, boi véio, bom dia cavalo, boy, branquela, burro, cachaceiro, cachacêro, calotêro, cano, chifrudo, coincidência, corno, cu de cachaça, descontrolado, econômico, economizadô, fala demais, faladô, falta de interesse, fofuêra, fuxiquêro, garoto, gatinha, gay, home da cobra, homossexual, ignorante, inadimplente, incrédulo, irmão, jumento, lerdeza, lésbica, leso, linguarudo, mana, mano, mão de vaca, mão fechada, meio lerdo, meu véio, mia nega, miserável, mufino, nega, nega do leite, nó cego, pá de chifre, pá de cornos, panguão, pão duro, pé de boi, pé de cana, pé inchado, pingüço, pregão, safado, sapata, sapatão, sapatona, seguro, sem fé, sem noção, tagarela, talarico, veadagem, véiaco, viado, xará.

5.4 Quadro geral do campo lexical de trabalho

a) Pergunta não direcionada

Tipo de cultura

açaí, açazinho, cupu, cupuaçu, farinha, farinhêra, feijão, guaraná, macaxera, mandioca, maniva, muda, pé de cupuaçu, pé de guaraná, pimenta-do-reino, sacolinha, urucum.

Trabalho

Adubar, adubo, alquêro, arquêro, atravessado, bananêra, bucado, calcário, carpir, cavucar, coca, colher, colhêta, companhêra, encuivará, ensacar, florada, lavôra, muié trabalhadêra, plantar, prantação, roça, roçar, tapioca, torrar, tucupí.

Instrumentos

balaio, butina, canelêra, cavadeira, cavadêra, enxada, enxadão, enxadinha, motô, rastelo, roçadêra, teçado, tisôra, trituradô.

Pragas e doenças

cupim, glifosaco, glifosato, lotação de cacho, mela, produto orgânico, purgão, sapé, tripe, tripice, trop, veneno.

Árvore

Itaúba

Tempo

lua cheia, lua nova, minguante.

5.5 Quadro geral do campo lexical de meios de transporte

a) Pergunta direcionada

jumentinho, lata de sardinha, lotado, muvuca, pau de arara, pau véio, pau velho, tá cheio, tá lotado, transbordando de gente.

b) Pergunta não direcionada

Tipo de veículo

caminhoneta, carrocinha, ôbinho, obus, vanzinha

Transporte

fretar, pegá um coletivo.

5.6 Quadro geral do campo lexical de fauna

a) Pergunta não direcionada

Animal

anta, catitu, cotia, cutia, matêro, minhoca grande, onça, paca, paquinha, porco, roedêrinha, tatu canastra.

Pássaro

beija-flô, curião, japiim, nambu, nambuzinho, periquito, rolinha, urutau, xéxeu.

Aranha

caranguêjêra.

Mosquito

carapanã, maribondo, marimbondo, maruim, maruizinhos, meruim, pernilongo, pernilongozinho, polvinha, porvinha.

Ave

galinha.

Serpente

cobra.

Peixe

jatuarana, pêxe, piau, pirara, pirarucu, sardinha, surumbi, tambaqui, traíra, trairinha.

5.7 Quadro geral do campo lexical de religião e crenças

a) Pergunta direcionada

ambiciosa, benzedêra, benzendô, bezedêra, curandêra, curandêro, feitiço, inveja, invejosa, invejoso, macumba, macumbeiro, macumbêro, mau olhado, negativa, oio ruim, olho gordo, olho grande, quebranti, raizêro, rezadêra, sem fé, tendêra, zóio grande.

b) Pergunta não direcionada

Crenças

gato preto, superstição, boto, coan, pimentêra, assombração, superstição, superstição, rasga-mortalha

Expressão de agradecimento

Graças a Deus

Feriado

Corpus Criste, Corpus Cristo

5. 8 Quadro geral do campo lexical de jogos e diversões

a) Pergunta direcionada

amarelinha, baladêra, barata, cabra-cega, cobra-cega, congela, esconde-esconde, estilingue, estilingue, pato-cego, pega-pega, pira, seta, xadrez.

5.9 Glossário do PA São Francisco – sul do Amazonas

5.9.1 Campo lexical de assentamento

1. **abacaba ~ bacaba**, s.f. Fruto da palmeira conhecida como bacabeira que produz um vinho oleaginoso, comestível. *Num me lembro...ah não o patuá... a abacaba (Entrevista 06SM67). (PE, ES).*
2. **abacaxi**, s.m. Planta terrestre que produz uma fruta com aroma forte, geralmente encontrada ao redor das residências dos assentados. *Assim tem que a gente...tem ingá... tem coco... tem biribá... tem laranja... tem manga... abacaxi (Entrevista 01HM35). (RO, PI).*
3. **abóbora**, s.f. Fruto da aboboreira. Possui um tom alaranjado ou avermelhado, geralmente encontrado nas hortas dos assentados para consumo próprio. *EnTÃO o que tava na minha/na minha memória era arroz... era feijão... era algodão... era mandioca... era melancia...era abóbora (Entrevista 06SM67). (PE, ES, RO).*
4. **acerola**, s.f. Fruto da planta conhecida como aceroleira. Possui cor avermelhado, muito consumida por ser rico em vitamina C. *Acerola também já tá botando (Entrevista 03LF41). (PI, ES).*
5. **assentamento**, s.m. Denominação geral para se referir ao local denominado de Projeto de Assentamento São Francisco. *Foi ante deu/deu chegá aqui em dois mil e...é mil novecentos e noventa e sete é que foi criado o assentamento... (Entrevista 08JM64). (RO, PE, MS, ES, SC).*
6. **aviver**, v. Aproveitar a vida de forma livre, com experiências novas e sem preocupação ou influência de outras pessoas. *Existe ou existe pessoa que começa a modelá a vida de A... a vida de B a forma de avivê (Entrevista 06SM67). (PE).*
7. **bêrada**, s.f. Margem ou pequena parte de faixa de terra próxima à estrada. *Eu uso mais na bêrada de estrada (Entrevista 08JM64). (MS).*
8. **biribá**, s.m. Fruto da árvore conhecida como biribazeiro. *"Ei fulano me arruma um biribá daquele". "Ah vai lá e tira pô" (Entrevista 01HM35). (RO).*

- 09. breu, s.m.** Substância sólida inflamável de cor escura. *Antigamente queimavam breu ... não sei se você conhece breu... que tem no mato de acendê fogo... ele dá uma fumaça (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 10. cacuí, s.m.** Árvore que, geralmente, é encontrada na mata e produz um fruto doce e comestível. *Do cacuí (Entrevista 06SM67) (RO).*
- 11. carrada, s.f.** Grande quantidade de mercadorias ou objetos que são transportadas de uma única vez em carros ou caminhões. *Vai vendê...chama as pessoa pa carregá o caminhão... no caso aí/aí ele sabe que aquele/aquela carrada custou cinco_mil reais (Entrevista 03LF41). (PI).*
- 12. carreadô, s.m.** Caminho estreito aberto na mata. *Ficô quietinho pra vê o quê é que ia atravessá pra carreadô (Entrevista 13SF42). Ver varedinha. (MT, RO).*
- 13. cascalho, s.m.** Mistura de pedras pequenas, pedregulho, utilizado para a manutenção de estrada. *Aqui fazendo a estrada/fazendo a estrada pa nós cascalho (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 14. castanha, s.f.** Fruto da árvore conhecida como castanheira, mas também uma designação geral para se referir à própria árvore castanheira. *Tem castanha que ele plantô lá por dois mil e nove que ele plantô as primêras e já tá dando (Entrevista 04MSF61). (PE, SC, RO).*
- 15. castanhêra, s.f.** Árvore localizada na mata e na lavoura de guaraná, por meio da técnica de reflorestamento. *Agora castanhêra de quinze metro...de doze...de vinte metro assim sabe... (Entrevista 06SM67). (PE, RO).*
- 16. chacrinha, s.f.** Pequena propriedade de terra com uma casa, criação de animais e cultivo de frutas. *Eu se/mas por enquanto na hora que eu achá um negócio ou que eu num achá eu tenho a ideia de dá uma trabalhadinha e comprá uma chacrinha lá (Entrevista 08JM64). (PI, MS).*
- 17. derradêra, Adj.** Que marca o último, fim da colheita. *Maió é derradêra catada já (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 18. dificuldade, s.f.** Situação difícil ou circunstâncias que tornam algo difícil, árduo. *[...]Então enfrentemo tudo isso aí e tamo até hoje aqui...mas Graças a Deus com*

vida...com saúde né? {Graças a Deus] passemos a dificuldade... tem altos e baixo do dia a dia e vamo tocando no dia a dia né? Graças a Deus (Entrevista 08JM64). (MS).

- 19. dificultoso, adj.** Algo difícil de ser executado ou que apresenta muitas dificuldades. *Era bem dificultoso o caminhozinho cheio de água... você tinha que andá nele (Entrevista 01HM35). (RO, PI).*
- 20. espuleta, s.f.** Pequeno artefato utilizado para produzir a inflamação da carga de pólvora para a produção de pequenas bombas caseiras. *Ah nós pegava pólvora. Era espuleta (Entrevista 11PM24). (MA).*
- 21. igarapé ~ garapé, s.m.** Pequeno curso de água ligado ao rio que se caracteriza por possuir pouca profundidade e estar localizado no interior da mata. *Aí ela chegô lá no igarapé... quando ela viu a lavôra do guaraná assim... aí as castanhêra/castanhêra quando ela veio tava com nove anos é... nove anos não...dez ano... esse ano faz onze ano... lá em cima cheio de bola em volta do guaraná assim pura castanha... lá em cima aquele bichona com dez anos hoje é... agora com dez anos... então aí o igarapé água correndo assim ó...ela chegou no igarapé ela se emocionô... MENINA DO CÉU...ufa... aí ficou sentada ali e eu só olhando a água correndo e fazendo pergunta e pergunta e a lágrima correndo... (Entrevista 06SM67). (RO, SP, PE, MT, ES, RO, PE, PI, MS, MA).*
- 22. goiaba, s.f.** Fruto da árvore conhecida como goiabeira. Possui polpa branca ou rosada com pequenas sementes. *Eu faço de goiaba (Entrevista 03LF41). (PI, ES).*
- 23. ingá, s.f.** Fruto da árvore conhecida como ingazeira. Possui uma polpa adocicada envolta em uma semente de cor preta. *Sei lá vai ficá chato cobrá dez reais de uma ingá dele assim... mesmo que ele tire bastante né? (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 24. iscola ~ iscolinha, s.f.** Estabelecimento público destinado à educação de ensino fundamental e médio tecnológico. *As merendêras num tem formação...sabe cozinhá arroz com feijão como eu... aí bota pra merendêra... isso pra mim tinha que tê um respeito na educação...envolve desde/ desde da'quela/aquela/aquela secretária que*

faz a limpeza no...na iscola ...no banheiro da iscola (Entrevista 06SM67). (PE).

- 25. jaca, s.f.** Fruto da árvore conhecida como jaqueira. Possui um aroma forte e polpa adocicada. *Tinha que batê em todas as jaca que tinha aquela que tava com a barriga fofa assim...tava meio fofa... amarrava a cordinha...cortava e descia ela (Entrevista 06SM67). (PE).*
- 26. lugá, s.m.** Espaço criado e ocupado pelos assentados de reforma agrária que constitui o Projeto de Assentamento São Francisco. *[...] E Cara eu só tenho agradecê tudo aonde eu morei... o lugá onde me acolheu (Entrevista 01HM35). (RO, PI, SP, PE, MT, MS, ES, SC).*
- 27. madêra, s.f.** Matéria retirada da floresta para o uso em construções e trabalhos de marcenaria. *É o nome de posto e eu acho que nem o nome... eu acho divido há muito tempo a tinta já apagô tudo... que é bem pequenininha... é de madêra ...acho que ele dá deste tamanhinho aqui assim ó (Entrevista 01HM35). (RO, PI, PE, MT, SC).*
- 28. partidarista, s.m.** Quem faz parte ou segue algum partido político. *Então a gente num sabe onde é que nós estamo... aí acaba deixando nós/ nós somo assim... vamo dizê assim...nós somo os mais necessitado/os mais necessitado continua/ continua e essa turma partidarista aí vão só crescendo né? (Entrevista 06SM67). (PE).*
- 29. poço artesiano, fras.** Poço cavado no solo com profundidade. A finalidade é captar água para o consumo. *Aí eu tenho que buscá esses galão de água lá no vizinho lá que tem poço artesiano pra mim toma (Entrevista 13SF42). (PI, RO).*
- 30. pokan, s.f.** Fruta cítrica de cor alaranjada que possui gomos adocicados e aroma forte. *As fruta que eu tenho aqui é/já é/foi fruto que eu plantei. É pokan .(Entrevista 10PM58). (ES).*
- 31. projeto de assentamento, fras.** Designação geral dada para o Projeto de Assentamento São Francisco. *Projeto de Assentamento São Francisco (Entrevista 05AM18). (SP).*

32. **pupuí**, *s.m.* Fruto de coloração marrom, que possui uma casca dura, tem polpa com pequenas sementes e cheiro forte. É comestível, mas pouco adocicado. *É da mata... é sova... tucumã... pupuí ... Qual é outra? (Entrevista 06SM67). (PE).*
33. **pupunha** ~ **pũpũnha**, *s.f.* Fruto da palmeira conhecida como pupunheira. Possui cor alaranjado-esverdeado, geralmente consumido após o cozimento e também pode ser processado para gerar farinha ou óleo. *Tem a pupunha né? (Entrevista 04MF61) (SP).*
34. **reflorestar**, *v.* Processo de plantar árvores em áreas desmatadas com o intuito de recuperar a floresta destruída. *Ai eu penso assim que pa podê reflorestá um pouco né?(Entrevista 13SF42). (PE, RO).*
35. **reflorestamento**, *s.m.* Técnica utilizada para formar novas florestas a partir do plantio de árvores em áreas que foram desmatadas ou queimadas. *Ai já comecei com a andiroba...com seringêra...com castanha... com copaíba...o cupuaçu e então é assim HOje/hoje aí como agrícola eu tenho o açai/tenho o açai...tenho o cupuaçu que tudo serve como reflorestamento. (Entrevista 06SM67). (PE).*
36. **rudiava**, *s.m.* O mesmo que andar em roda de, estar em volta de, contornar. *Mas a criança...olha num esquece... pode tê o brinquedo que fô mas essa brincadeira que ele num esquece Inf.: {qué vê quando chegá aqui em casa...a casa é grande aí eles rudiava a casa e quando se junta mais um...dois dos vizinho...meu Deus... o bicho pega fogo (Entrevista 04MSF61). (SP).*
37. **seringuêro**, *s.m.* Indivíduo que extrai o leite da seringueira e que prepara a borracha. *Ai a minha mãe fala que lá tinha/ tinha um barraco de seringuêro lá onde o meu pai foi nessa terra que meu pai foi pa mora (Entrevista 13SF42). (RO).*
38. **sova**, *s.m.* Designação geral para se referir à árvore sorveira que produz um fruto comestível e também possui um leite adocicado, pode ser consumido. *Da sova (Entrevista 06SM67). (PE).*

39. **temporãozinho**, s.m. Colheita que ocorre antes da grande safra. *Só um temporãozinho ali pra mês de maio/só um temporãozinho mas aí insignificante (Entrevista 06SM67). (PE).*
40. **terrêro**, s.m. Espaço de terra localizado no entorno das residências, geralmente de terra batida. *Se você tem uma galinha no terrêro (Entrevista 01HM35). (RO, MT, MS, SC).*
41. **tucumã**, s.m. Fruto que possui fibras de tons amarelados-avermelhados bastante consumidos na região do Amazonas. A palmeira geralmente é conhecida por tucumanzeiro. *É mesmo...ela vem (atrás) de tucumã mesmo é (Entrevista 04MF61). (RO, SP, PE).*
42. **varedinha**, s.f. Caminho estreito aberto no meio da mata. *Em alguém...algumas pessoas falam que/que iam a pé carregava as coisa nas costa... na varedinha que cortava lá e varava lá perto daquela chácara que agora é do Banco Bradesco... (Entrevista 03LF41). Ver carreadô. (PI).*
43. **vereadô**, s.m. Membro do poder legislativo de um município eleito pelo povo. *Não... que eles foram pra Canutama...negócio de vereadô...essas coisa né?(Entrevista 02JM27). (PI).*
44. **zero vírgula zero**, fras. Refere-se a algo difícil, que não muda. *Estrada ruim... é buraqêra balançando e o trem chacoalhando é zero vírgula zero aqui (Entrevista 06SM67). (PI).*

5.9.2 Campo lexical de saúde

- 01. agente de saúde, s.f.** Indivíduo que promove ações direcionadas à prevenção de doenças. Faz parte da rede básica de saúde. *Só tem a Agente de Saúde que passa tregando os cloro (Entrevista 02JM27).* (RO, PI, ES).
- 02. alergia ~ elergia, s.f.** Condição que afeta o sistema imunológico e causa uma reação anormal no corpo, com distintos sintomas a partir do contato com diferentes substâncias externas como poeira, medicamentos e alimentos. *Num é alergia não?(Entrevista 04MF61).* (SP, ES).
- 03. andiroba, s.f.** Designação geral dada ao óleo que é extraído do fruto da árvore conhecida como andirobeira. É utilizada como anti-inflamatório. *A andiroba/ a andiroba eu uso com/como é cicatrizante... tipo um antibiótico né?(Entrevista 06SM67).* (PE, SC, RO).
- 04. barriga inchada, s.f.** Sensação desconfortável ou inchaço na região da barriga. Geralmente é causada por acúmulo de gases ou má digestão. *A barriga inchada né? (Entrevista 12JM50).* (SC, RO).
- 05. bicho de pé, s.m.** Designação dada a um tipo de pulga que se hospeda no pé humano e desencadeia coceira e dor. *Cara depende porque é bem interessante porque no verão aqui dá muito...assim vamo sê bem sincero dá muito bicho de pé ... porque divido a terra tá muito seca né? (Entrevista 01HM35).* (RO, PE).
- 06. bicho geográfico, s.m.** Designação dada a um parasita que habita o intestino de cães e gatos e se instala na pele humana. Causa irritação e coceira. *Bicho geográfico né? (Entrevista 06SM67).* (PE).
- 07. bicarbonato, s.m.** Composto químico utilizado para fins medicinais. *O bicarbonato ele é assim. Num pôco de água cê bota uma pitadinha de cabo de garfo assim dentro de um copo de água e mexe que ele dissolve (Entrevista 10PM58).* (ES).

- 08. boldo, s.m.** Planta utilizada para a preparação de chás que auxiliam no tratamento de problemas relacionados a dores de estômago ou fígado. *E quê mais...o boldo (Entrevista 10PM58). (ES, SC, RO).*
- 09. capim santo, s.m.** Planta que apresenta folhas compridas, ásperas e com aroma forte. É muito utilizada na preparação de chá, para fins medicinais. *Tem umas plantas que assim... só não sei... Capim Santo né que/que é bom pra dormi (Entrevista 03LF41). Ver erva cidrêra, cidrêra (PI, SP, PE).*
- 10. catapora, s.f.** Infecção provocada por vírus e muito comum na infância. Os sintomas são febre, bolhas na pele e coceira. *Óia eu não sei nem falar o nome pro'cé viu? Eu sei desse negócio coçava aquelas bolinha assim {Aham} mesmo que dava que eu sabia que sempre dava isso aqui era catapora né? Ver varicela (Entrevista 08JM64). (RO, SP, MT, MS, SC).*
- 11. caxumba, s.f.** Inflamação que ocorre somente em um lado do queixo, geralmente se manifesta em crianças. *Caxumba né? eu tive caxumba com mais de 40 anos (Entrevista 04MF61). Ver varicela. (RO, PI, SP, PE, MT, MA, ES, SC, RO).*
- 12. chá de noz moscada, s.m.** Tipo de chá que auxilia no tratamento de prisão de ventre. *Rapaz...é tanto chá...é chá de noz moscada...é chá... principalmente de noz moscada...(Entrevista 06SM67). (PE).*
- 13. cocêrinha boa, fras.** Forte vontade de coçar uma área da pele, o que causa uma sensação gostosa de alívio. *Rapaz tá com uma cocêrinha boa aí (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 14. copaíba, s.f.** Designação geral dada para o óleo extraído da árvore conhecida como copaibeira. É utilizada como anti-inflamatório. *É copaiba também pra dô de estômago (Entrevista 13SF42). (RO, PE).*
- 15. corona, s.m.** Forma reduzida de *coronavírus*. *Aí resolvi vim pra cá mais por causa desse corona né e por gostá também (Entrevista 02JM27). (RO, SP).*
- 16. covid, s.f.** Doença infecciosa causada pelo *coronavírus SARS-CoV-2*, em 2019. *Eu vim morar aqui por gostar de morar no sítio né e por causa da Covid né? Lá não tava tendo serviço... lá onde morava mais aí resolvimo vim pra*

cá mais por causa desse corona né... e por gostar né (Entrevista 02JM27). (RO, PE, MS).

17. **crajiru**, s.f. Planta medicinal encontrada na mata que auxilia no tratamento de anemia. *Tem aquele...como é que é? crajiru né? (Entrevista 04MF61). (SP).*
18. **curuba**, s.f. Irritação da pele pelo aparecimento de pequenos nós grossos que causam coceira. *Ah tal tu tá com a curuba (Entrevista 01HM35). (RO, PI).*
19. **elergia de pele**, fras. Irritação ou reação inflamatória com o surgimento de coceira e/ou vermelhidão na pele. *Elergia da pele né? (Entrevista 10PM58). (ES).*
20. **empachado**, Adj. Sensação de estômago cheio, sobrecarregado de alimento. *Empachado que o povo fala muito né?Fica empachado né? (Entrevista 04MF61). (SP).*
21. **erva cidrêra ~ cidrêra**, s.f. Planta com folhas compridas e aromáticas, usada na produção de chá. É utilizada também para fins medicinais caseiros, principalmente como calmante. *Eu tenho erva cidrêra (Entrevista 03LF41). (SP, PI, PE).*
22. **erva Santa Maria**, s.f. Planta medicinal também conhecida como mastruz. *O nome mastruz que lá pra nós pra 'quela região é erva Santa Maria (Entrevista 10PM58). Ver mastruz.(ES).*
23. **falta de digestão**, fras. Sensação de desconforto, dor ou queimação na região próxima ao abdômen, após a refeição. *E o que eu sinto de vez em quando é uns problema de falta de digestão né no estômago (Entrevista 10PM58).(ES).*
24. **favaca**, s.f. Planta medicinal utilizada em chás que auxiliam no tratamento da prisão de ventre e que pode ser utilizada como tempero para alimentos. *EnTÃO aí ó... não pra quem quisé...aí que mais? A favaca ... eu tenho o capim santo...a favaca...tenho o manjerição e aí arrocha no bucho que o gás sai que sai tinindo (Entrevista 06SM67). (PE).*
25. **friêra**, s.f. Inflamação ocasionada por fungos e que se aloja nos pés e mãos, entre os dedos. Apresenta bolhas, rachaduras e coceira na região afetada. *[...] friêra lá no Piauí né... mas aqui eu já aprendi que quer dizê uma micose que dá*

entre os dedo...Graças a Deus que no meu ainda num deu não...muita gente dá (Entrevista 03LF41). Ver micose, rói-rói. (RO, PI, SP, MT, MS, ES, MA, SC).

- 26. garrafada, s.f.** Combinação de diversas plantas medicinais em conteúdo líquido, armazenado em garrafas, para o tratamento caseiro de diversas doenças. *Que faz remédio de planta? Eu mesmo não. A minha mãe ia direto. Pegava aquele de garrafada (Entrevista 13SF42). (RO).*
- 27. gases, s.m.** Gás intestinal que causa desconforto abdominal. *Gases (Entrevista 05AM18). (RO, PE).*
- 28. hortelã, s.f.** Planta utilizada para fins medicinais e, geralmente, usada na produção de chá para o combate de sintomas gripais ou outras doenças. *Eu faço uso da/do hortelã (Entrevista 10PM58). (SP, PE, ES).*
- 29. impija ~ impinja, s.f.** Infecção na pele causada por fungos. Apresenta manchas avermelhadas e coceira. *Eu acho que é impinja né?(Entrevista 10PM58). (MT, MA, ES, SC, RO).*
- 30. inimia, s.f.** Indivíduo que aparenta ter ‘falta de sangue’ e apresenta cansaço, tontura e fraqueza. *Faz do melão caetano com picão pa/pra inimia é bom (Entrevista 09GM46). (MT).*
- 31. machucado, s.m.** Designação comum para qualquer tipo de ferimento ou lesão. *Tem uns que arde o dedo assim cê num aguenta abri o dedo do machucado (Entrevista 08JM64). (RO, MS).*
- 32. malária, s.f.** Doença causada pelo mosquito *Anopheles*, parecido com o pernilongo. Os sintomas são febre alta, calafrios, cansaço, dor de cabeça e no corpo. É muito comum na região amazônica. *O postinho que tinha é onde fazia lâmina né de malária. {Aham}.Eu nem sei se a menina inda tá trabalhando lá no postinho ou se é na casa dela...nem sei dirêto (Entrevista 07JF62). (MT, MA, ES, SC, RO).*
- 33. mamona, s.f.** Fruto da mamoneira utilizado como purgante, laxante, em que leva o indivíduo a defecar. *É mamona (Entrevista 10PM58). (ES).*

34. **mastruz**, s.f. Planta medicinal utilizada para tratar da má digestão e fortalecer o sistema imunológico. *Eu faço uso da/do hortelã e do mastruz que é da região né? ((Entrevista 10PM58). Ver erva Santa Maria. (RO, PI).*
35. **micose**, s.f. Infecção causada por fungos e, geralmente, apresenta coceira ou rachaduras entre os dedos. *Aí outro chama micose depende de quem é a pessoa que tá conversando contigo né? (Entrevista 01SM35). Ver friêra. (RO, PI).*
36. **óleo de andiroba**, fras. Extraído do fruto andiroba após o cozimento. É muito utilizado devido às suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes. *A gente usa bastante o óleo da andiroba (Entrevista 05AM18). (RO, PE, SC).*
37. **óleo de copaíba**, fras. Extraído do tronco da árvore conhecida como copaibeira. É muito utilizado devido às suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes. *Machucado... pra tomá também que o óleo de copaíba e o óleo de andiroba... eu não lembro pra que especialidade...mas eles fazem bem (Entrevista 05AM18). (RO, PE).*
38. **pandemia ~ pidemia** s.f. Manifestação coletiva de uma doença infecciosa que se espalha rapidamente por diferentes regiões geográficas e alcança a todos mundialmente. *Agora muitos comércio que eu vou entregava fechô agora nessa pan/nessa pandemia fechô (Entrevista 04MF61). (SP, MS, SC, RO).*
39. **pano branco**, s.m. Infecção causada por fungos que apresenta manchas brancas, escuras ou avermelhadas na pele. *É isso aí é negócio de pano branco né? (Entrevista 08JM64). (MS, ES).*
40. **papêra**, s.f. O mesmo que *caxumba*. *Sim. Papêra (). Minha netinha...a irmã dele mais velha... sete ano ela tem hoje papêra. É ôtro...que ela fico sem...num podia erguê nada...diz que desse...é a papêra mermo né...caxumba... aqui chamam caxumba. Pra lá...no Piauí... é papêra que fala. Ela tem sete aninho (Entrevista 03LF41). (PI).*
41. **pé de sacaca**, fras. Árvore que possui casca e folhas utilizadas para chás e produção de óleo com fins medicinais, alívio de dores estomacais. *Aqui eu tenho pé de sacaca (Entrevista 13SF42). (RO).*

42. **peida na cueca**, **fras.** Indica que uma pessoa está com prisão de ventre e solta gases com frequência. *Ah aí a gente bagunça muito né? e aí tal sei lá tinha muitos "ei peida na cueca "* (Entrevista 01HM35). (RO).
43. **peidão**, **adj.** Indivíduo que solta muitos gases expelidos pelo ânus.[...] *outro "ei peidão"* (Entrevista 01HM35). (RO).
44. **prisão de ventre**, **s.f.** Dificuldade que a pessoa apresenta para evacuar, mesmo com muita vontade de ir ao banheiro. *Óia é... só conheço por prisão de ventre mermo* (Entrevista 08JM64). (RO, SP, MT, MS, ES).
45. **remédio casêro**, **fras.** Designação geral para se referir aos remédios que são produzidos pela utilização de ervas medicinais de modo caseiro. *Remédio casêro você fala?* (Entrevista 01HM35). (RO).
46. **remédio natural**, **fras.** Remédio produzido por plantas medicinais que são retirados diretamente da fonte, sem adição de qualquer outra substância que não seja a da planta. *Então eu acredito muito nessas pessoa assim que faz [...] remédio natural* (Entrevista 01HM35). (RO).
47. **rói-rói**, **s.m.** Infecção de pele causada por fungos, geralmente aparece entre os dedos dos pés. Apresenta vermelhidão, coceira e rachaduras na área afetada. *Tem gente que fala rói-rói* (Entrevista 13SF42). **Ver** *friêra, micose*. (RO).
48. **sálvia**, **s.f.** Planta medicinal utilizada para chá que auxilia no alívio de problemas relacionados à prisão de ventre ou azia. *A própria sálvia /a própria sálvia* (Entrevista 06SM67). (SP, RO).
49. **sarampo**, **s.m.** Infecção causada por vírus. É altamente transmissível através de tosse e espirros, geralmente afeta as crianças. Apresenta manchas avermelhadas na pele, febre e mal estar. *Que nem pa sarampo. Cê vê pa sarampo hoje em dia é mais difícil né?* (Entrevista 07JF62). (SP, MT, MS).
50. **solta um gás**, **fras.** Gases intestinais que são liberados quando uma pessoa está com prisão de ventre. *Pra quem tá com prisão... solta um gás assim* (Entrevista 01HM35). (RO).

- 51. sucuba, s.f.** Árvore que possui propriedades medicinais e de onde se extrai o leite e as folhas para o tratamento de gastrites ou tumores. *Sucuba também é uma árvore do mato né que dá um leite (Entrevista 12JM50). (RO).*
- 52. vacinar, v.** Dar ou receber uma vacina que contém o vírus, bactérias ou micróbios, para o desenvolvimento de anticorpos e criação de imunidade. *Veio. Vacinô quem tinha problema de saúde... vacinô todo mundo e acima de... (Entrevista 12JM50). (RO).*
- 53. varicela, s.f.** Mesmo que *catapora*. *Tem a varicela né? (Entrevista 07JF62). (RO).*

5.9.3 Campo lexical de convívio e comportamento social

- 01. alcoólatra, s.m.** Indivíduo que é dependente de álcool. Ingere bebida alcoólica com frequência. *É alcoólatra né? Bebe demais né? (Entrevista 07JF62).* **Ver** *bebão, cachaceiro, cachacêro, cu de cachaça, pé inchado, pingüço.* (MT, MS, ES).
- 02. amô, s.m.** Designação dada a pessoa que se ama, no sentido de amoroso ou afetivo. *Às vezes chama uma pessoa...a pessoa chama a ôtra de amô (Entrevista 07JF62).* (PI, MT, MA).
- 03. bebão, s.m.** Designação dada a pessoa que bebe muito. Bêbado. *Outros bebão (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 04. boi, s.m.** Designação dada para o homem que é traído pela mulher. *Então tipo assim um boi sem chifre é um animal indefeso... porque tem muita força... mas se não tivé um chifre pa furá o outro geralmente... boi né? (Entrevista 01HM35).* **Ver** *boi véio, chifrudo, corno, pá de chife, pá de cornos* (RO).
- 05. boi véio, fras.** Refere-se ao homem que é traído pela esposa. *Ai boi véio (Entrevista 01HM35).* **Ver** *chifrudo, corno, pá de chife, pá de cornos* (RO).
- 06. bom dia cavalo, fras.** Parte da expressão dada a pessoa que fala muito, *quem fala demais dá bom dia a cavalo. Rapaz que conversa demais eu falo "rapaz quem conversa demais é bom dia cavalo né?(Entrevista 08JM64).* (MS).
- 07. boy, s.m.** Designação direcionado ao outro, no sentido de termo afetivo para falar com algum irmão, parente ou amigo. *"e aí boy" (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 08. branquela, adj.** Designação direcionada ao outro, no sentido de termo afetivo para falar com algum irmão, parente ou amigo. *A ôtra tem um apelido é branquela (Entrevista 11PM24).* (MA).
- 09. burro, s.m.** Indivíduo que apresenta dificuldades para aprender as coisas. *Eu chamo de burro mermo (Entrevista 11PM24).* **Ver** *jumento* (RO, PI, PE, MA, SC).

- 10. cachaceiro ~ cachacêro, s.m.** Indivíduo que faz uso de cachaça ou outras bebidas alcoólicas habitualmente. *E nisso você vai entrando "e aê cachaceiro " "e aê bebo" (Entrevista 01HM35). Ver alcoólatra, bebão, cu de cachaça, pé inchado, pinguço. (RO, PI, SP).*
- 11. calotêro, s.m.** Indivíduo que não paga as suas contas, dívidas. *É como fala...é calotêro né? (Entrevista 04MF61). (PI, SP, PE, ES).*
- 12. cano, s.m.** Mesmo que *calotêro*. *Assim calotêro ou cano (Entrevista 10PM58). (PI, SP, PE, ES).*
- 13. chifrudo, s.m.** Designação dada ao homem que é traído pela esposa. *O homem que é traído pela esposa? Ele é um chifrudo...coitado (Entrevista 12JM50). Ver boi, boi véio, corno, pá de chifre, pá de cornos. (RO, PE, MT, MA, SC).*
- 14. coincidência, s.f.** Designação dada a pessoa que possui o mesmo nome de outra. *Coincidência né? (Entrevista 03LF41). (PI).*
- 15. corno, s.m.** Designação dada para o homem que é traído pela esposa. *Corno mermo. Tanto ela quanto ele tem ôtro nome né. Tem ôtro tanto homem quanto a mulhé é isso aí (Entrevista 03LF41). Ver boi, boi véio, chifrudo, pá de chifre, pá de cornos. (RO, PI, SP, MT, MS).*
- 16. cu de cachaça, fras.** Pessoa que faz uso exagerado de cachaça ou de outra bebida alcoólica. *Cu de cachaça (Entrevista 11PM24). (RO, PI, SP, MT, MS).*
- 17. descontrolado, s.m.** Indivíduo que não possui ou perdeu o controle sobre algo, como as finanças. *Pessoa muito/muito descontrolado né? (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 18. econômico, adj.** Indivíduo que faz uso de forma cautelosa ou evita fazer gastos excessivos, principalmente na área financeira. *Econômico (Entrevista 06SM67). Ver calotêro, cano, economizadô, inadimplente, mão de vaca, mão fechada, miserável, mufino, pão duro, seguro. (PI).*
- 19. economizadô, adj.** Designação dada ao indivíduo que não gosta de gastar o seu dinheiro. *Economizadô né? (Entrevista 07JF62). Ver calotêro, cano, econômico,*

inadimplente, mão de vaca, mão fechada, miserável, mufino, pão duro, seguro. (MT).

20. **fala demais**, *fras.* Expressão que intensifica um indivíduo que fala muito. *Econômico (Entrevista 06SM67). Ver bom dia cavalo, home da cobra, nega do leite (MT, ES, MA, RO).*
21. **faladô**, *adj.* Designação dada a pessoa que fala demais. *Faladô (Entrevista 07JF62). Ver bom dia cavalo, fofoquêra, fuxiquêro, linguarudo, nega do leite, tagarela. (MT).*
22. **falta de interesse**, *fras.* Designação dada a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas. *Eu acho que não é que tem dificuldade... eu acho que é falta de interesse mermo sabia? (Entrevista 03LF41). (PI).*
23. **fofoquêra**, *s.f.* Designação dada a pessoa que fala demais. *Fofoquêra (Entrevista 03LF41). Ver faladô, fuxiquêro, linguarudo, tagarela. (PI, MT).*
24. **fuxiquêro**, *adj.* Mesmo que *fofoquêra*. *Fuxiquêro (Entrevista 13SF42). Ver faladô, linguarudo, tagarela. (PI, MT).*
25. **garoto**, *s.m.* Refere-se ao termo afetivo utilizado para falar com algum irmão, parente ou amigo. *“E aí garoto” (Entrevista 01HM35). (RO).*
26. **gatinha**, *s.f.* Designação dada para se referir ao outro de forma afetiva, geralmente utilizada para pessoa do sexo feminino. *“Eu gosto muito de falá "e aí gatinha ...tudo bem? (Entrevista 03LF41). (PI).*
27. **gay**, *s.m.* Designação dada ao indivíduo que sente atração por pessoas do mesmo sexo, geralmente atribuído aos homens. *Aí tipo assim... sei lá acho que uma palavra normal né? gay assim ou... até porque eu não tenho nada contra né? (Entrevista 01HM35). Ver homossexual, veadagem, viado (RO, PI).*

28. **home da cobra**, **fras.** Parte de uma expressão para se referir a pessoa que fala demais, *fulano fala mais que o homem da cobra. Ah o povo fala/o povo fala mais que o home da cobra né?* (Entrevista 11PM24). (MA).
29. **homossexual**, **s.m.** Designação dada ao indivíduo que sente atração afetiva ou sexual por pessoas do mesmo sexo, homem com homem, mulher com mulher. *Ah aí é homossexual* (Entrevista 09GM46). (PI, MT).
30. **ignorante**, **adj.** Indivíduo que não tem conhecimento sobre algo. *Eu falo de ignorante* (Entrevista 13SF42). **Ver** burro, incrédulo, jumento, lerdeza, lesa, lesa, panguão, sem fé. (RO).
31. **inadimplente**, **s.m.** Indivíduo que não paga as suas contas, dívidas. *É inadimplente né?* (Entrevista 04MF61). (SP).
32. **incrédulo**, **adj.** Indivíduo que apresenta dificuldade ou não acredita que pode aprender as coisas. *Incrédulo* (Entrevista 06SM67). (PI).
33. **irmão**, **s.m.** Aquele que possui algum tipo de ligação com o outro, seja afetiva, biológica ou adotiva. *Eu e meus irmão ia um dia... uma semana... aí passava o resto do ano sem í né?* (Entrevista 03LF41). (PI, SP, RO, PE, MT, MS, MA, RO).
34. **jumento**, **s.m.** Indivíduo que não é considerado inteligente ou tem dificuldades de aprender as coisas. *Jumento. É o que o povo fala "ele não aprende nada aquele jumento"* (Entrevista 12JM50). **Ver** burro, ignorante, incrédulo, lerdeza, lesa, lesa, panguão, sem fé. (SC).
35. **lerdeza**, **s.f.** Designação dada ao indivíduo que tem dificuldades ou não tem capacidade de aprender as coisas. *No meu caso eu acho que é lerdeza mermo assim da pessoa... falta de interesse mermo pô/pô aprendê...ah se a pessoa me ensiná uma coisa uma vez eu aprendo* (Entrevista 03LF41). **Ver** burro, ignorante, incrédulo, jumento, lesa, lesa, panguão, sem fé. (PI).
36. **lésbica**, **s.f.** Designação dada a mulher que sente atração afetiva ou sexual por outra mulher. *Eu podia usar lésbica né?* (Entrevista 01HM35). (RO).

37. **leso**, **adj.** Designação dada a pessoa que apresenta dificuldade de aprender as coisas. *Eu chamo leso...a gente fala assim "ele é leso" (Entrevista 04MF61).* (SP, PE).
38. **linguarudo**, **s.m.** Designação dada a pessoa que fala demais. *Linguarudo (Entrevista 09GM46).* (MT).
39. **mana**, **s.f.** Designação dada para aquela que possui algum laço familiar ou íntimo em relação a outro, geralmente alguém do sexo feminino. *Minha irmã falo mana (Entrevista 13SF42).* (PI, RO).
40. **mano**, **s.m.** Designação dada para aquele que possui algum laço familiar ou íntimo em relação a outro, geralmente alguém do sexo masculino. *Eu falo mano (Entrevista 02JM27).* (RO).
41. **mão de vaca**, **fras.** Indivíduo que não gosta de gastar seu dinheiro e faz de tudo para economizar. *Mão de vaca. Como é que a gente vai tê um dinhêro que é pa gastá e num gasta né? Haja...é muita bobage pra eu... guarda...eu num guardo não... vai que amanhã eu vou me embora e fica a criá raiz (Entrevista 03LF41).* **Ver** *calotêro, cano, econômico, economizadô, mão fechada, miserável, mufino, pão duro, seguro* (RO, PI, MT, MS, ES, MA).
42. **mão fechada**, **fras.** Designação dada a pessoa que não gosta de gastar dinheiro. *Mão fechada (Entrevista 11PM24).* **Ver** *calotêro, cano, econômico, economizadô, inadimplente, mão de vaca, miserável, mufino, pão duro, seguro* (MA, SC).
43. **meio lerdo**, **fras.** Designação dada a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas. *É meio lerdo né? (Entrevista 08JM64).* (MS).
44. **meu véio**, **fras.** Termo afetivo utilizado pela esposa para se dirigir ao esposo. *Meu véio (Entrevista 13SF42).* (RO).
45. **mia nega**, **fras.** Refere-se ao tratamento carinhoso dado a uma pessoa próxima, geralmente, a esposa. *Ah eu...ah meu Deus eu falo "mia nega" (Entrevista 08JM64).* (MS).

46. **miserável, s.m.** Designação dada ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro. *Ah é bem/é bem simples... miserável. "Tu é muito miserável né cara?"* (Entrevista 01HM35). (RO, PE).
47. **mufino, s.m.** Mesmo que *miserável*. *É Mufino né?* (Entrevista 04MF61). (SP).
48. **nega do leite, fras.** Parte de uma expressão que faz referência a uma pessoa que fala muito, *falar mais do que nega do leite. A nega do leite é assim...ela vem entregá leite e ela já começa tá/tá/tá/tá/tá...cá vizinha num sei quê o marido da vizinha que falô num sei o quê pra vizinha* (Entrevista 06SM67). (PE).
49. **nó cego, s.m.** Indivíduo que não paga as contas, dívidas; mal pagador. *Nó cego né?* (Entrevista 07JF62). (RO, MT, ES, SC).
50. **pá de chifre, fras.** Designação dada ao homem que foi traído pela mulher. *Pá de chifre* (Entrevista 05AM18). (RO).
51. **pá de cornos, fras.** Mesmo que *pá de chifre*. *Dois...um pá de cornos* (Entrevista 05AM18). (RO).
52. **panguão, adj.** Indivíduo que apresenta dificuldade para aprender as coisas. *Ah sei lá. O cara não pô eu sou muito panguão... sou muito parado... não consigo falar com as pessoa. Aí eu peguei e comecei a falar* (Entrevista 02JM27). **Ver** burro, incrédulo, jumento, lerdeza, lesó, lesa, sem fé. (RO).
53. **pão duro, s.m.** Indivíduo que não gosta de gastar o seu dinheiro. *Pão duro* (Entrevista 04MF61). **V** (SP).
54. **pé de boi, s.m.** Pessoa que trabalha muito e cumpre com todas as suas obrigações. *Ela é o meu pé de boi sabe?* (Entrevista 08JM64). (MS).
55. **pé de cana, s.m.** Indivíduo que bebe muito, tem o hábito de se embriagar. *Pé de cana* (Entrevista 05AM18). (RO).
56. **pé inchado, s.m.** Mesmo que *pé de cana*. *Pé inchado* (Entrevista 11PM24). (MA, RO).
57. **pinguço, s.m.** Indivíduo que consome muito álcool, bebe demais. *Uns chama de pinguço* (Entrevista 01HM35). (RO).

58. **pregão**, s.m. Designação dada ao indivíduo que não paga as contas, dívidas. *Aí nós bota... tipo assim... pregão num tem?* (Entrevista 01HM35). (RO).
59. **safado**, s.m. Mesmo que *pregão*. *Aí é safado* (Entrevista 12JM50). (SC).
60. **sapata**, s.f. Designação dada a mulher que sente atração afetiva ou sexual por outra mulher. Mesmo que *lésbica*. *Sapata* (Entrevista 12JM50). **Ver** *lésbica, sapatão, sapatona*. (SC).
61. **sapatão**, s.f. Designação dada para a mulher que gosta de mulher. *Sapatão* (Entrevista 01HM35). **Ver** *lésbica, sapata, sapatona*. (RO, PI, SP).
62. **sapatona**, s.f. Mesmo que *sapatão*. *Sapatona* (Entrevista 07JF62). **Ver** *lésbica, sapata, sapatão*. (RO, PI, MT, MA).
63. **seguro**, s.m. Pessoa que não gosta de gastar dinheiro, econômico. *Isso é uma pessoa seguro né?* (Entrevista 10PM58). (MS, ES).
64. **sem fé**, fras. Designação dada a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas. *Incrédulo... sem fé né?* (Entrevista 06SM67). (PE).
65. **sem noção**, adj. Indivíduo que tem dificuldade de aprender as coisas. *Ah esse é meio sem noção* (Entrevista 09GM46). (MT).
66. **tagarela**, s.f. Indivíduo que fala muito. *Tagarela* (Entrevista 04MF61). (SP, RO).
67. **talarico**, s.m. Designação dada a pessoa que fala demais. *Talarico* (Entrevista 02JM27). (RO).
68. **veadagem**, s.m. Designação dada ao homem que gosta de homem. *A gente fala que é muita veadagem né?* (Entrevista 02JM27). (RO).
69. **véiaco**, adj. Designação dada para se referir a pessoa que não paga suas contas, dívidas. *É véiaco* (Entrevista 06SM67). (RO).
70. **viado**, s.m. Designação dada ao homem que sente atração afetiva ou sexual por outro homem. *Viado* (Entrevista 11PM24). **Ver** *gay, homossexual, veadagem*. (MS, MA, SC, RO).
71. **xará**, s.m. Indivíduo com o mesmo nome do outro. *É xará né?* (Entrevista 12AM50). (RO, SP, MS, ES, SC).

5.9.4 Campo lexical de trabalho

- 01. açai ~ çai ~ açazinho, s.m.** Fruto da palmeira conhecida como açazeiro. Designação geral para se referir ao açazeiro. É encontrado com frequência na lavoura do guaraná como técnica de reflorestamento. *Eu eu tô...a gente tá levando daqui pra lá no caso né porque num tem como a gente fazê derrubada... roçá muito sem tê condições de plantá sementes sem tê e também muda de plantio assim a gente num consegue né. Esses açai eu tive que comprá lá naquela/naquela senhô que mora na BR ali perto do antigo Daron né...ele tem muda lá pra vendê (Entrevista 03LF41).* (RO, PI, PE, MS, ES, SC).
- 02. adubar, v.** Preparar a terra com o uso de adubo orgânico ou fertilizantes químicos para o plantio. *Aqui cê pode prantá aí que num...só se adubá né? (Entrevista 07JF62).* (PI, MT, MA).
- 03. adubo, s.m.** Conjunto de resíduos animais ou vegetais, ou mineral ou químico, utilizado na terra com o intuito de fertilizar o solo para a realização do plantio de culturas. *[...] um adubo pra podê vim melhó né? (Entrevista 01HM35).* (RO, PI, PE, MT, ES, MA).
- 04. alquêro ~ arquêro, s.m.** Refere-se à unidade de medida utilizada para a escolha do tamanho da roça ou da lavoura a ser plantada. *Pelo meno um arquêro (Entrevista 08JM64).* (MT, MS).
- 05. atravessadô, s.m.** Indivíduo que exerce atividade de intermediário entre o produtor e o comerciante. Revende o produto. *Ficava procurando se ainda tinha uns atravessadô né que comprava da gente pa revendê (Entrevista 13SF42).* (MS, RO).
- 06. balaio, s.m.** Cesto de plástico ou de palha utilizado para a colheita do guaraná. *Segura um cacho... corta o cacho e joga no balaio (Entrevista 05AM18).* (RO, MS).
- 07. bananêra, s.f.** Planta de folhas compridas que possui frutos agrupados em cachos. É plantada pelos assentados em suas respectivas propriedades. *Que nem*

esses dias eu tava limpando a bananêra aqui... cara eu num tô com conversa... num tô mentindo (Entrevista 01HM35). (RO).

- 08. bucado, s.m.** Refere-se a uma grande quantidade que não pode ser contada. *Tem a professora Dinalva... tem o Jefinho... tem uns bucado aí que já foi confirmado (Entrevista 02J27). (RO, PE, MAT, MS).*
- 09. butina, s.f.** Espécie de bota de cano curto, geralmente utilizada por homens no verão. *Quando tá dia molhado eu tô de bota e quando tá enxuto é butina no pé né? (Entrevista 08JM64). (MS, RO).*
- 10. calcário, s.m.** Designação geral para se referir aos tipos distintos de calcário. Substância química a base de cálcio, utilizada no solo. *Aí geralmente se você tivesse condições de mandá gradiá jogá um calcário ...uma semente... um adubo pra podê vim melhó né? (Entrevista 01HM35). (RO, PI).*
- 11. canelêra, s.f.** Equipamento de proteção que protege uma parte da perna, entre o joelho e o pé, de pancadas ou cortes na lavoura. *Eu uso a canelêra e a máscara/a máscara (Entrevista 10PM58). (RO).*
- 12. carpir, v.** Processo de arrancar, capinar o mato ao redor de plantas. *Só carpia mermo (Entrevista 07JF62). (MT).*
- 13. cavadêra ~ cavadeira, s.f.** Instrumento que possui uma peça de ferro com uma lâmina afiada e que se adapta a um cabo de madeira para abrir buracos na terra. *Eles/eles... é só a cavadêra pa cavá... (Entrevista 04MF61). (RO, SP, MS, SC).*
- 14. cavucar, v.** Ação de cavar a terra. *Aí já sai cavucando e vai prantando ela (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 15. Coca, s.f.** Designação dada para se referir à empresa Coca-Cola Brasil. *Aí agora depois que começô a vendê pra Coca-Cola eles trouxeram um produto pra passá né? (Entrevista 04MF61). (SP, PE, MS, MT, ES, SC, RO).*
- 16. colher, v.** Ato de extrair, recolher ou separar os frutos da árvore em época de colheita. *O pessoal vem de Porto Velho colhê (Entrevista 06SM67). (SP, PE, MS, MT, MA, RO).*

- 17. colhêta, s.f.** Processo de colher os frutos das plantações em um determinado período, safra.
Tempo da planta...da colhêta (Entrevista 03LF41). (PI, ES, SC).
- 18. companhêra, s.f.** Refere-se à mulher que acompanha o marido no trabalho. *Eu fiquei/cê sabe o que é o cabra perdê uma companhêra e ficá quatro ano aí? (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 19. cupuaçu ~ cupu, s.m.** Fruto da árvore conhecida como cupuaçuzeiro. Possui polpa branca comestível, com aroma forte, não muito adocicada. É um tipo de cultura que gera renda para os assentados. [...] *Você num tem uma dispôpadêra de cupuaçu... que nem a renda aqui é muito forte de cupuaçu... açai... guaraná (Entrevista 01HM35). (MS).*
- 20. encoivarar, v.** Juntar os restos de matos ou galhos queimados em diversos pontos da roça. *É bem por acaso que cê tem que limpá... aí cê tem que tipo assim... você roça a capoeira né? aí cê dá uma sabrecadinha. Ela queima na verdade. Aí cê vai encoivará ela. (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 21. ensacar, v.** Colocar algo dentro de um saco. *Aí jogo dentro d'uma caixa de água de quinhentos litro. Aí passa ele e sai a casca e o caroço né? Aí a casca sobe e o caroço desce pra baixo. Aí tiro a casca jogo fora e pego o caroço. Ensaco. Aí jogo dentro da estufa. Aí com três dia tá seco o guaraná. (Entrevista 08JM64). (RO).*
- 22. enxada ~ enxadinha, s.f.** Instrumento que possui uma lâmina de metal, com um buraco que permite o encaixe de um cabo de madeira, usado para capinar ou cavar a terra. *Pra gente fazermos/pa plantá enxada né? (Entrevista 01HM35). (RO, SP, MS).*
- 23. enxadão, s.m.** Instrumento que se assemelha à enxada, mais longo e mais estreito. É usado para cavar a terra. *O enxadão é reto... (Entrevista 02JM27). (RO, PE, MS).*
- 24. farinha, s.f.** É produzida a partir da trituração da mandioca, posteriormente torrada até fazer pequenos grãos de cor amarelada. O assentado faz todo o cultivo e preparo da farinha para consumo próprio. *Agora a farinha desde quando eu vim pra cá plantá mandioca (Entrevista 09GM46). (RO, PI, MT).*

25. **farinhêra**, *s.f.* Designação dada ao forno de farinha. É um recipiente arredondado depositado sob uma pequena parede feita de barro ou tijolos, utilizado para torrar a farinha. *Como eu não tenho farinhêra aqui...mas ali na frente....na Josefa tem (Entrevista 01HM35). (RO).*
26. **feijão**, *s.m.* Designação geral para se referir a grande variedade de sementes de plantas conhecida como feijoeiro. Faz parte das primeiras tentativas de cultivo dos assentados ao chegar no PA São Francisco. *Já plantei feijão ...plantei tudo já... mas não pra mim (Entrevista 02JM27). (RO, MT, PE, MS).*
27. **florada**, *s.f.* Período em que a árvore do guaraná está com muitas flores, geralmente no verão amazônico. Aproximadamente três meses após a floração, o guaraná amadurece. *Tá na florada ...tá lindo até o final do mês começa (Entrevista 04MF61). (SP, PE, MS, ES).*
28. **glifosaco ~ glifosato**, *s.m.* Refere-se a um herbicida utilizado para o controle de plantas daninhas encontradas na lavoura de guaraná e em outros tipos de cultura cultivadas pelos assentados. *Óia o que eu uso mais agora pa matá mato é o Glifosato /Glifosato (Entrevista 08JM64). (SC, MS).*
29. **guaraná**, *s.m.* Fruto da árvore conhecida como guaranazeiro. Possui uma cor avermelhada e uma semente utilizada na produção de bebidas ou triturada até formar um pó. Contém cafeína e propriedades estimulantes. É o tipo de cultura que gera renda para os assentados do PA São Francisco. *O guaraná do mesmo jeito...o guaraná a gente colhe...por exemplo... a gente tá começando a colhê agora em outubro...novembro...já pode colhê ele e botá na sacolinha...tem uns detalzinho aí que depois a gente vê. Aí ó...aí a gente vamo plantá ele só novembro...dezembro do ano que vem... (Entrevista 06SM67). (RO, PI, SP, PE, MS, MT, ES, MA, SC).*
30. **itaúba**, *s.f.* Árvore que produz uma madeira de alta durabilidade. É encontrada em áreas próximas à lavoura de guaraná como técnica de reflorestamento. *Tem muda de Itaúba ali...muda de Itaúba ali. Lá pra esse mês que vem se começá chovendo bem vou tacá Itaúba no chão e vai sê lá no meio do guaraná que o guaraná tá cheio de castanha (Entrevista 06SM67). (PE).*

- 31. lavôra, s.f.** Preparo do terreno para cultivo ou área plantada com algum tipo de cultura, como a do guaraná. *Eu preciso/eu preciso saí daqui porque eu fiz um investimento grande aqui na formação de/de lavôra de SAFIS...que são dois safi (Entrevista 06SM67). (PE, MS).*
- 32. lotação de cacho, fras.** Refere-se ao pé de guaraná que possui muitos cachos que dificultam a geração do guaraná. *Às vezes dá cacho super/super lotação de cacho e acaba que o pé não consegue definir qual que ele vai brotar e não dá (Entrevista 05ACKM18). (RO).*
- 33. lua cheia, s.f.** Refere-se à fase da lua em que não se pode realizar a plantação de uma determinada cultura, gerando atraso ou pouca produtividade. *A lua cheia diz que num presta (Entrevista 12JM50). (PE, MA).*
- 34. lua nova, s.f.** Mesmo que *lua cheia*. [...] *parece que demora mais... lua nova parece...uma coisa assim (Entrevista 02JM27). (RO, SC).*
- 35. macaxêra, s.f.** Possui cor branca, amarelada ou rosada e pode ser consumida após um breve período de cozimento. É muito consumida pelos assentados do PA São Francisco e faz parte dos tipos de cultura presentes no projeto. *Lá varavam lá... carregando macaxêra nas costa para vendê né?(Entrevista 03LF41). (PI, MS, ES, MA, SC, RO).*
- 36. mandioca, s.f.** Raiz da planta que apresenta o nome científico de *Manihot Esculenta*. É cultivada para a produção da farinha de mandioca e extração do líquido tucupi pelos assentados. *Eu tenho uma mandioca... mas assim pra comê né? (Entrevista 01HM35). (RO, PI, PE, MS, MT).*
- 37. maniva, s.f.** Tronco da mandioca na fase adulta, geralmente é cortado em pequenos pedaços e plantados para gerar uma nova plantação. Faz parte de um processo utilizado pelos assentados para a criação de uma nova roça. *Aí cê tem que arrumá maniva... (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 38. mela, s.f.** Doença que ataca as culturas e impede o crescimento das plantas e dos frutos. *O feijão mermo tinha o tal do mela né que eles falaram (Entrevista 07JF62). (MT).*

39. **minguante**, s.f. Refere-se à fase da lua em que não se pode realizar a plantação de uma determinada cultura, gerando atraso ou pouca produtividade. *Eu planto na minguante /na minguante (Entrevista 12JM50).* (RO, SC).
40. **motô**, s.m. Designação geral dada à uma máquina que auxilia na produção do pó do guaraná. *Ele tem um motô aí um/uma máquina ali pa fazê o pó (Entrevista 04MF61).* (SP).
41. **muda**, s.f. Refere-se à planta do guaraná ou cupuaçu em fase inicial de crescimento que permite a mudança ou troca para outros locais até estar apropriada para o plantio em um local definitivo. *Ele tem muda lá pra vendê (Entrevista 03LF41).* (PI, SP, PE, MS, MT, MA, RO).
42. **muié trabalhadeira**, s.f. Mulher que trabalha muito. *A muié trabalhadeira (Entrevista 08JM64).* (MS).
43. **pé de cupuaçu**, fras. Na entrevista pé de cupuaçu refere-se a uma única árvore do cupuaçuzeiro. *Eu tenho mil pé de cupuaçu prantado ali e tá tudo produzindo também lá (Entrevista 08JM64).* (MT).
44. **pé de guaraná**, fras. Faz referência a uma única árvore de guaraná. *Aí que nem assim... todos os dias se tu passá em redó dum pé de guaraná ... ele vai tê um pouco pra tu colhê né? (Entrevista 13SF42).* (ES, RO).
45. **pimenta-do-reino**, s.f. Tipo de pimenta pequena, redonda, de cor preta e picante cultivada por alguns assentados no PA São Francisco. É utilizada como tempero. *Tem um remédio orgânico que a gente faz com o uso da pimenta-do-reino (Entrevista 05AM18).* (RO).
46. **plantar**, v. Ato de introduzir sementes ou mudas na terra até criar raízes e, posteriormente, cultivá-las. *Eu já aprendi tanta coisa em tão pouco tempo assim fiz...que eu tinha tanta vontade de estudá mas a gente num podia porque tinha que plantá né? (Entrevista 03LF41).* (RO, PI, SP, PE, MS, MT, ES, SC).
47. **prantação**, s.f. Designação geral para se referir aos produtos oriundos das plantações. *Já tem mais prantação (Entrevista 09GM46).* (MT, SC, RO).

48. **produto orgânico**, *s.m.* Designação geral dada ao produto que não é prejudicial às plantações, sendo produzido pelos próprios assentados. *Mas aí a gente/a gente/a gente conseguiu um produto natural...um produto orgânico e demo combate ano passado (Entrevista 06M67).* (PE).
49. **purgão**, *s.m.* Refere-se a um pequeno inseto que suga a seiva das plantas. *Mas diz que tem um purgão aí (Entrevista 13SF42).* (RO).
50. **rastelo**, *s.m.* Tipo de ferramenta com fileira de ferros e cabo utilizada para a limpeza de um terreno. *O rastelo (Entrevista 03LF41).* (RO).
51. **roça**, *s.f.* Área que foi derrubada para fins de plantio de culturas. *Fiquei aqui dentro aí trabalhando...prantando um bocado de mandioca...uma roça de guaraná (Entrevista 09GM46).* (RO, PI, SP, PE, MS, MT, ES, SC).
52. **roçadêra**, *s.f.* Instrumento utilizado para realizar a limpeza de capim presente na roça ou na lavoura. *[...] pra limpá mesmo você passa a roçadêra né no meio (Entrevista 01HM35).* (RO, PI, SP, PE, MS, MT, SC).
53. **roçar**, *v.* Ação de cortar ou derrubar pequenos arbustos, capim ou mato presentes na mata ou nas plantações. *Porque num tem como a gente fazê derrubada... roçá muito sem tê condições de plantá sementes sem tê e também muda de plantio assim a gente num consegue né? (Entrevista 03LF41).* (RO, PI, ES, MA).
54. **sacolinha**, *s.f.* Sacola pequena com furos utilizada para a germinação de plantas. *Bota na sacolinha e aí ele germina ali (Entrevista 06SM67).* (PE, SC, RO).
55. **sapé**, *s.m.* Espécie de capim que se desenvolve em terrenos pobres de nutrientes. É considerada uma praga no meio das plantações. *[...] cabei com o Sapé que eu preocupava mais com Sapé que aqui no Amazonas sai muito Sapé né? (Entrevista 08JM64).* (MS, SC).
56. **tapioca**, *s.f.* Produto em pó extraído da mandioca ou macaxeira, com o qual se prepara o beiju de tapioca. Faz parte do conhecimento que o assentado tem sobre a tapioca. *[...] cê faz a tapioca (Entrevista 01HM35).* (RO, PI).
57. **teçado**, *s.m.* Instrumento conhecido como facão. Possui uma espada longa e afiada embutida em um cabo de madeira, usado para realizar pequenos cortes

em plantas ou árvores. *Teçado pa cortá as maniva (Entrevista 01HM35). (RO).*

- 58. tisôra, s.f.** Instrumento que possui duas lâminas de aço afiadas, utilizado para realizar o corte do guaraná em época de colheita. *Tisôra de podá (Entrevista 05AM18). (RO, MS, MT).*
- 59. torrar, v.** Ato de pôr o guaraná para secar, geralmente o processo é realizado em uma estufa. *Torra tudo ali (Entrevista 08JM64). (MS, RO).*
- 60. tripe ~ tripice, s.m.** Refere-se ao inseto Tripes que suga a seiva das flores, folhas e frutos. *Então cê perde aonde tem esse tripe (Entrevista 06SM67). (PE, ES).*
- 61. trituradô, s.m.** Aparelho utilizado para auxiliar na separação da casca do caroço do guaraná. *Aí passo no trituradô que é um motorzinho (Entrevista 08JM64). (MS).*
- 62. trop, s.m.** Refere-se a um herbicida utilizado para combater as ervas daninhas. Geralmente encontradas nas lavouras e roças do PA São Francisco. *O trop né? (Entrevista 08JM64). (MS, SC).*
- 63. tucupi, s.m.** Líquido de cor amarela extraído da mandioca. *Cê faz o tucupi ... que é aquele que... num sei se cê já ouviu falá daquele pato no tucupi e tal (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 64. urucum, s.m.** Fruto da árvore conhecida como urucuzeiro. Possui cápsulas grandes constituídas por pequenas sementes que, após o processamento, produzem o colorau. Tipo de cultura presente na lavoura de alguns assentados do PA São Francisco. *Aí tá... fica um pouco difícil né que eu tenho uns urucum aí... tem uns dois anos já... não consigo venda (Entrevista 03LF41). (PI, ES, SC, RO).*
- 65. veneno, s.m.** Designação geral para se referir a diversas substâncias químicas com fins de retenção de pragas ou doenças nas lavouras. *Tá lindo...ele nunca passou veneno lá (Entrevista 04MF61). (SP, MT, MS, ES, MA, SC, RO).*

5.9.5 Campo lexical meios de transporte

- 01. caminhoneta, s.f.** Veículo utilizado para o transporte de cargas e pessoas, geralmente possui uma área aberta na parte da traseira, carroceria. *Eu vejo você bem com uma caminhoneta assim... (Entrevista 01HM35). (RO)*
- 02. carrocinha, s.f.** Pequeno veículo utilizado para o transporte de cargas, geralmente é acoplado na parte traseira da moto. *Aí tinha os equipamento de...então levaram as coisa dele tudo de valô e levaram a moto dele com a carrocinha cheio de trem (Entrevista 03LF41). (PI)*
- 03. fretar, v.** Designação dada para se referir ao ato de transportar cargas de um local para outro distante. *Alguns têm carro... ôtros freta pra levá ou trazê alguma coisa (Entrevista 02JM27). (RO, PI, MS, MT, SC).*
- 04. jumentinho, s.m.** Designação dada ao ônibus ou carro que não cabe mais ninguém. *Eu chamo é o jumentinho (Entrevista 09GM46). (MT).*
- 05. lata de sardinha, s.f.** Designação dada ao ônibus ou carro com pouco espaço, aglomeração de pessoas. *Vem uma lata de sardinha né? (Entrevista 04MF61). (SP).*
- 06. lotado, v.** Que não cabe mais ninguém, sem espaço, muito cheio. *Mas geralmente assim pau véio né assim... alguma assim nós brinca quando tá bem lotado mesmo (Entrevisat 01HM35). (RO, MA, SC).*
- 07. muvuca, s.f.** Designação dada para o veículo que possui muitas pessoas. *É uma muvuca só né? (Entrevista 06SM67). (PE).*
- 08. õbinho ~ õbus, s.m.** Veículo utilizado para o transporte de cargas e passageiros ao mesmo tempo. Transporte coletivo pago. *O õbus vinha até lá em cima. Tinha o buliche lá. O buliche do Maurício lá em cima antes da/na vorta lá em cima que vinha até lá só pra cá. A turma vinha tudo de a pé. Então enfrentemo tudo isso aí e tamo até hoje aqui. Mas Graças a Deus com vida. Com saúde né?(Entrevista 08JM64). (PE, MS).*
- 09. pau de arara, s.m.** Designação dada para se referir a um carro com muita aglomeração de pessoas e cargas. *Ah uns chamam pau de arara... outros chama lá vem o pau velho. Tem vários meios que... lá vem o pau de arara... outro*

rapaz... não cara... bem interessante. Aí tipo assim, que nem... até porque é interessante que é uma pessoa que é bem merecedô... que ele traz tudo... se tivé cachorro... galinha... pato... cavalo... rapaz se entrá dentro...ele traz. (Entrevista 01HM35). (RO).

- 10. pau véio ~ pau velho, s.m.** Refere-se ao ônibus que está muito velho. *Mas geralmente assim pau véio né assim... (Entrevista 01HM35). (RO)*
- 11. pega um coletivo, fras.** Veículo de transporte coletivo, geralmente pago. *Que paga vinte reais e desce lá no sinal e vai pro seu bairro cada um pega um coletivo né? (Entrevista 03LF41). (PI).*
- 12. tá cheio, fras.** Expressão utilizada para se referir a um ônibus ou carro muito cheio, capacidade de ocupação esgotada, sem espaço. *Tá cheio (Entrevista 11PM24). (ES, MA).*
- 13. tá lotado, fras.** Mesmo que *tá cheio*. *O ônibus tá lotado...num tem onde pegá na maçaneta (Entrevista 03LF41). (RO, PI, MT, MS).*
- 14. transbordando de gente, fras.** Expressão que remete ao excesso de pessoas ou cargas presentes em um ônibus ou carro. *Tá transbordando de gente (Entrevista 05AM18). (RO).*
- 15. vanzinha, s.m.** Veículo utilizado para o transporte de carga ou passageiros. Transporte coletivo. *Tem uma vanzinha que vem para cá né? (Entrevista 01HM35). (RO).*

5.9.6 Campo lexical de fauna

- 01. anta, s.f.** Animal de pelo liso, grande porte e coloração marrom-escuro que vive na mata e se alimenta de frutas e folhas. *Só nunca vi anta de dia aqui (Entrevista 12JM50).* (MS, SC, RO).
- 02. beija-flô, s.m.** Designação geral para se referir às aves pequenas e coloridas que possuem bico fino e se alimentam do néctar das flores. *É a beija-flô ela/ela quando chega assim e entra dentro de casa diz que vai trazê notícia boa né? (Entrevista 04MF61).* (SP, MT).
- 03. caranguêjera, s.f.** Espécie de aranha grande. Mesmo que aranha-caranguejeira. *Então assim quando começa a chovê... cê pode fazê... cê pode notá que vem vários bicho pra dentro de casa como aranha caranguejêra (Entrevista 01HM35).* (RO, SC).
- 04. carapanã, s.m.** Designação geral para o mosquito sugador de sangue. *Aí quando começa a chovê aí vem...começa a dá carapanã (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 05. catitu, s.m.** Espécie de porco pequeno, geralmente encontrado na mata. É conhecido também como porco-do-mato. *Catitu (Entrevista 03LF41).* (PI).
- 06. cobra, s.f.** Designação geral dada às serpentes, répteis rastejantes, venenosas ou não. *Que nem sai bastante cobra essa época (Entrevista 01HM35).* (RO, PE, MT, PI, SC).
- 07. cotia ~ cutia, s.f.** Pequeno roedor, geralmente é encontrado nas residências dos assentados por causa da alimentação. *É difi...aqui a única coisa que/que/que eu encontro sempre e tem aqui...elas vem comê aqui... é a cutia. Ela come aqui. {vem atrás de tucumã}. Só cutia. É mesmo...ela vem (atrás) de tucumã mesmo é (Entrevista 04MF61).* (PI, SC, RO, SP, MS, ES, MA).

- 08. curião, s.m.** Tipo de pássaro. *O curião também gosta d'uma lua cheia (Entrevista 06SM67).* (PE).
- 09. galinha, s.f.** Ave de criação doméstica que possui bico pequeno, penas e asas curtas. *A gente cria bastante galinha (Entrevista 03LF41).* (RO, PI, SP, PE, MT, MS, SC).
- 10. japiim, s.m.** Espécie de ave de coloração preta e amarela ou vermelha. *E tem o japiim que'le é bem...sei lá quando ele canta assim é bem lindo (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 11. jatuarana, s.f.** Espécie de peixe que se alimenta de frutos e sementes, muito comercializado na região amazônica. *Jatuarana (Entrevista 05AM18).* (SP).
- 12. maribondo ~ maribondo, s.m.** Designação geral para se referir a insetos que possuem ferrão e tem uma picada dolorosa. *Já aconteceu de pegá várias ferradas de maribondo ... mas inchá mesmo (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 13. maruim ~ maruizinhos ~ meruim, s.m.** Pequeno mosquito que possui uma picada dolorosa. *Só tem esses maruizinhos que ferram muito... mas o resto eu num sei falá (Entrevista 03LF41).* (RO, SP, MS).
- 14. matêro, s.m.** Espécie de veado. Mesmo que *veado-campeiro*. *Aqui na região a gente chama por matêro...mas é aquele veado campêro (Entrevista 05AM18).* (RO, MS).
- 15. minhoca grande, s.f.** Espécie de minhoca que aparece em períodos chuvosos. *A minhoca...se você achá a minhoca/a minhoca grande na terra seca aqui pode botá o balde na biquêra (Entrevista 06SM67).* (PE).
- 16. nambu ~ nambūzinho, s.m.** Ave que se assemelha a uma galinha d'angola, de cor parda e que possui um belo canto. *Um nambu (Entrevista 06SM67).* (PE, MS).
- 17. onça, s.f.** Designação geral para se referir ao maior felino das Américas, geralmente encontrado na mata. Popularmente identificada por onça-pintada ou onça-preta. *Óia aqui disque tem onça... tem isso mas nunca vi onça... só vi rastro até hoje né? tô vinte ano... vai fazê vinte ano aqui nunca vi uma onça... só vi rastro de onça que eu ando té na fundiária aí... só vi rastro de onça... nunca vi onça (Entrevista 08JM64).* (RO, MT, MS).

18. **paca ~ paquinha**, s.f. Designação geral para se referir a uma espécie de roedor de pelo duro, com manchas brancas que se alimenta de frutas e raízes. *Eu vou atrás de paca, mas só acho cutia. Nunca vi desse jeito pra dá aqui (Entrevista 02JM27).* (RO, PI, MS, SC).
19. **pernilongo ~ pernãlongozinho**, s.m. Designação dada para *mosquito* sugador de sangue. *Pernilongo (Entrevista 02JM27).* Ver *carapanã*. (RO, MA, PE).
20. **pêxe**, s.m. Designação geral dada às espécies de peixes de água doce. *A gente vai com a intenção de pegá os melhores pêxe...mas não (Entrevista 01HM35).* (RO, PE, MT, MS, ES, MA, SC).
21. **piau**, s.m. Designação dada a várias espécies de peixes pintados. *Tipo pega um pacu...traíra... piau... (Entrevista 01HM35).* (RO, PI, SC).
22. **pirarara**, s.f. Espécie de peixe de couro que possui faixas amarelas ao longo do corpo. *Pirarara mas é muito pôco (Entrevista 12JM50).* (SC).
23. **pirarucu**, s.m. Maior peixe de água doce, geralmente encontrado em rios, lagos e pântanos da floresta. *Eu tinha/ eu tinha a gente até colocô pirarucu ali (Entrevista 13F42).* (RO).
24. **polvinha ~ porvinha ~ povinha**, s.m. Referem-se ao mosquito pólvora. Mesmo que *maruim*. *Logo que nós chegemu aqui tacava muito o tal do porvinha né? um bichinho bem miudinho que ferra assim (Entrevista 07JF62).* (SP, MT, MS, SP).
25. **porco**, s.m. Animal mamífero encontrado como animal de criação. *Hoje eu não tenho gado mas tem galinha... tem porco...tem cachorro (Entrevista 01HM35).* (RO, PI, MT, ES, SC).
26. **roedêrinha**, s.f. Pequeno roedor. Mesmo que *paquinha*.. *Sim é...tu conhece aquelas...paquinha não é...aquelas roedêrinha...aquelas que roía as goiaba bem aqui (Entrevista 03LF41).* (PI).
27. **rolinha**, s.f. Pequena ave que se assemelha a uma pomba. *Caçá rolinha. De vez em quando tava matando rolinha viu aqui (Entrevista 08JM64).* (MS).

- 28. sardinha, s.f.** Espécie de peixe pequeno da água doce, geralmente encontrado em rios. *Aqui só a que compra no mercado mesmo...só essas sardinha ... (Entrevista 04MF61). (SP, PE).*
- 29. surumbi, s.m.** Espécie de peixe liso que apresenta manchas. Também é conhecido como pintado. *[...]quando pega um surumbi você fica muito alegre né? (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 30. tambaqui, s.m.** Espécie de peixe de água doce de coloração parda e preta, encontrado em rios e cativeiros. *Mas negócio de tambaqui principalmente esses que são de cativêro... num gosto não (Entrevista 07JF62). (RO, MT, MS).*
- 31. tatu canastra, s.m.** Espécie de animal que apresenta uma carapaça dura e resistente, e garras longas. *Eu acredito/eu acreditei numa história que ela falou que cê matá o tatu canastra ... num tem daqueles grandão? (Entrevista 02JM27). (RO).*
- 32. traíra ~ trairinha, s.f.** Peixe pequeno frequente em igarapés e rios. *O único pêxe que inda como uns pedacinho é só a traíra (Entrevista 07JF62). (RO, MT, MS, ES, SC).*
- 33. urutau, s.m.** Espécie de ave que possui um canto choroso e assustador. *É o negócio da lua. {é o negócio da lua}. O urutau tá cantando por causa da lua cheia (Entrevista 06SM67). (PE).*
- 34. xexéu, s.m.** Espécie de ave de coloração amarela e preta que se alimenta de frutos e sementes. **Ver japiim.** *O único animal aqui do mato que vi chegá aqui assim que eu sinto falta dos animal assim...os passáro né...pássaro tem bastante... Xexéu (Entrevista 03LF41). (PI).*

5.9.7 Campo lexical de religião e crenças

- 01. ambiciosa, s.f.** Aquele ou aquela que busca a todo custo alcançar um objetivo. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja. *Uma pessoa que num tem Deus na vida é uma pessoa ambiciosa (Entrevista 06SM67).* (PE).
- 02. assombração, s.f.** Aparição imaginária de coisas sobrenaturais, fantasma. *Que o povo mais velho do nordeste...pra lá do norte...que eles contava muito (coisa) assim de assombração (Entrevista 07JF62).* (MT, RO).
- 03. benzedêra ~ bezedêra, s.m.** A pessoa que afasta o mal por meio de rezas, geralmente utiliza galhos de plantas para o ato de benzer. *Ah é benzedêra né? Minha mãe era benzedêra (entrevista 04MF61).* (SP, PE, ES, SC, RO, PI).
- 04. benzendô, s.m.** Indivíduo do sexo masculino que se destina a curar pessoas doentes por meio de rezas, preces. Geralmente, utiliza galhos de ervas. *Benzendô (Entrevista 07JF62).* (MT).
- 05. boto, s.m.** Espécie de mamífero marinho que se transforma em homem para encantar e seduzir as mulheres. *Ah a lenda que eu conheço é do negócio do boto que eu conheço... boto que vira gente (Entrevista 02JM27).* (RO).
- 06. coan, s.f.** Um tipo de pássaro que traz notícia ruim. *Ah aqui eu falo pro meu marido ele fica dando risada é a coan né? A coan quando tá cantando diz que a gente vai saber notícia ruim né? (Entrevista 04MF61).* (SP).
- 07. Corpus Criste ~ Corpus Cristo, s.m.** Feriado cristão relacionado ao Corpo de Cristo. *Então assim tipo Corpus Cristo...NOssa SENhora se xingasse (Entrevista 01HM35).* (RO).
- 08. curandêra, s.f.** Pessoa do sexo feminino que realiza cura de enfermidades por meio de rezas e ervas medicinais. *É curandêra né? (Entrevista 10PM58).* (RO, ES, SC).
- 09. curandêro, s.m.** Pessoa do sexo masculino que cura enfermidades por meio de rezas e ervas medicinais. *É curandêro né? (Entrevista 13SF42).* (RO).

10. **feitiço**, *s.m.* Tipo de encanto, energias ruins direcionadas a um indivíduo. *Ah um feitiço (Entrevista 11PM24). (MA).*
11. **gato preto**, *s.m.* Gato doméstico que está associado a má sorte por ser da cor preta. *Tinha um gato preto perto de casa... aí tem esse negócio de gato preto... (Entrevista 02JM27). (RO).*
12. **graças a Deus**, *loc. adv.* Designação geral para se referir à proteção divina, uma coisa boa. *Minha infância foi boa... Graças a Deus (Entrevista 02JM27). (RO, SC, PI, SP, MT, MS, SC).*
13. **inveja**, *s.f.* Indivíduo que sente o desejo de possuir algo ou vivenciar a experiência de felicidade de outra pessoa. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja. *Num é de inveja? (Entrevista 02JM27). (RO, ES).*
14. **invejosa**, *adj.* Uma pessoa que tem inveja de outra. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja. *É invejosa né? (Entrevista 04MF61). (SP).*
15. **invejoso**, *adj.* Uma pessoa que tem inveja de outra. Mesmo que *invejosa*. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja. *Invejoso né (Entrevista 07JF62). (MT).*
16. **macumba**, *s.m.* Designação dada para qualquer forma de feitiço ou magia direcionada a uma pessoa. *Macumba (Entrevista 11PM24). (MA).*
17. **macumbeiro** ~ **macumbêro**, *s.m.* Indivíduo que realiza rezas ou feitiços, tanto para o bem quanto para o mal. *Macumbeiro (Entrevista 02JM27). (MT, RO).*
18. **mau olhado**, *s.m.* Mesmo que olho-gordo. Inveja de alguém, mediante o olhar direcionado a alguém. *Mau olhado né? (Entrevista 07JF62). (MT).*
19. **negativa**, *s.f.* Pessoa que tem um olhar de inveja para outra. *Eu acho uma pessoa muito negativa né apesar de muitos num sabe (Entrevista 03LF41). (PI).*

20. **oio ruim**, s.m. Indivíduo que possui um olhar de cobiça e inveja. Segundo as crenças, pode adoecer as pessoas e murchar as plantas. *“tem os óio ruim” (Entrevista 08JM64). Ver olho gordo, olho grande, zóio grande. (PI).*
21. **olho gordo**, fras. Indivíduo que tem inveja e pode prejudicar outra pessoa. [...] *é olho gordo. Num é, de inveja? (Entrevista 02JM27). Ver oio ruim, olho grande, zóio grande. (RO, SC).*
22. **olho grande ~ zóio grande**, s.m. Indivíduo que tem inveja. *É geralmente olho gordo... olho grande. É assim até porque nunca fui...eu sempre fui uma pessoa...se olho pra você hoje... eu vejo você bem com uma caminhoneta... assim tá bem estruturada... eu sempre fui um pessoa assim de/de correr atrás e batalhar e conseguir também só que...boa pergunta cara porque tem muita gente que olha pra você com alguma coisa... casinha boa... um carro e já quer ter tudo que essa pessoa tem né? Realmente cara bem interessante essa pergunta (Entrevista 01HM35). Ver olho gordo, olho ruim. (RO, MT).*
23. **pimentêra**, s.f. Designação dada a planta que produz pimenta, geralmente plantas em vasos que servem para afastar mau olhado. *Isso... tirá a pimentêra ... a pimentêra morre...{um vizinho que tem bem ali... veio aqui admirô mas...} "Oh que planta linda" aí pegou assim nela... () não num é... é o que ele... (Entrevista 03LF41). (PI).*
24. **quebranti**, s.m. Designação dada para a pessoa que está fraca, abatida e com dores no corpo devido ao efeito produzido por um mau olhado. *Quebranti (Entrevista 07JF62). (MT).*
25. **raizêro**, s.m. Indivíduo que realiza curas e tratamentos caseiros a partir de raízes de plantas medicinais. *Raizêro né? (Entrevista 07JF62). (MT).*
26. **rasga-mortalha**, s.f. Espécie de coruja que se atrela ao significado de morte. Segundo as crenças, quando a coruja sobrevoa a casa ou pousa no telhado, alguém da casa morrerá. *Eu acredito muito naquela rasga-mortalha ... não sei se você já ouviu fala (Entrevista 01HM35). (MT).*
27. **rezadêra**, s.f. Mulher que, por meio de rezas, pode curar ou afastar o mal. *Tá lindo...ele nunca passou veneno lá (Entrevista 04MF61). (RO, MT).*

- 28. superstição ~ superstição ~ supestição, s.f.** Relativo a crenças, não apresenta fundamento racional e lógico. Crença que leva a pessoa a acreditar ou ter medo de coisas infundadas. *Que nem eu tenho muita superstição assim...* (Entrevista 01HM35). (RO, PI, PE, MT, MS, ES).
- 29. tendêra s.f.** Mulher que realiza rezas, geralmente utiliza galhos de plantas. *A tendêra né?* (Entrevista 12JM50). (SC).

5.9.8 Campo lexical de jogos e diversões

- 01. amarelinha s.f.** Brincadeira em que as crianças riscam uma figura com vários quadrados no chão e jogam uma pedrinha para saírem pulando. *Amarelinha...conheci aqui já que lá num tinha naquele tempo não (Entrevista 03LF41). (PI, RO, MT, MS).*
- 02. baladêra s.f.** Instrumento geralmente utilizado para caçar passarinhos. É constituída por uma forquilha de madeira, com elástico. *Estilingue o povo fala...mas eu uso mais baladêra (Entrevista 11PM24). Ver estilingue, estilingue, seta (RO, MA).*
- 03. banda de feijão, s.f.** Brincadeira em que se abre o grão de feijão ao meio e joga as bandas. Se cair três bandas para cima, constitui trinta. Se cair quatro bandas para baixo é trinta e um. O jogador que fizer mais pontos, ganha. *Abre o grão de feijão no meio...dois grãos de feijão no meio aí cê joga o trinta e um. Aí vai. Aí tem as posição... se cai as três/as três banda pra cima aí é trinta... não...as quatro banda pra cima é trinta. Se cai as quatro banda pra baixo é trinta e um e aí vai. Tem vinte e nove...tem vinte e sete... tem vinte e dois. Se cai dois pra cima dois pra baixo é vinte e dois. Rolo doido né? (Entrevista 06SM67). (PE).*
- 04. barata s.f.** Brincadeira infantil em que as crianças correm atrás uma da outra. *Brincá de barata também (Entrevista 08JM64). Ver pira. (MS, MT, SC, RO).*
- 05. bolinha de barro s.f.** Bolinhas feitas com argila, geralmente é utilizada como munição para o estilingue ou baladeira. *Fazia bolinha de barro (Entrevista 01HM35). (RO).*
- 06. brincá de roda s.m.** Brincadeira em que as crianças giram em círculo, de mãos dadas e cantam cantigas. *Brincá de roda né? (Entrevista 04MF61). (SP).*
- 07. cabra-cega s.m.** Brincadeira em que coloca um pano sobre os olhos para tampá-los e a pessoa tem de pegar os demais integrantes. *A gente/a gente brincava de cabra-cega ... (Entrevista 03LF41). Ver cobra-cega, pato-cego. (PI, PE, RO).*

- 08. cobra-cega s.m.** Mesmo que *cabra-cega*. *Nós chamava o brinquedo de cobra-cega né? (Entrevista 07JF62). (SP, MT, MS, ES, MA, SC, RO).*
- 09. congela s.m.** Brincadeira em que a criança sai correndo atrás de outra e quando tocada deve permanecer parada, sem movimento, até outra pessoa tocá-la novamente. *É do congela (Entrevista 11PM24). (MA).*
- 10. esconde-esconde s.m.** Brincadeira em que uma criança se esconde e a outra tem de encontrá-la. *A gente/a gente brincava de cabra-cega... esconde-esconde à noite né quando tinha tempo né... quando tava morrendo de cansada nem isso...dava conta não [...] (Entrevista 03LF41). (PI, SP, RO, MT, SC).*
- 11. estilingue ~ istilingue s.m.** Designação comum para se referir ao pequeno instrumento utilizado para lançar pedras, geralmente é utilizado para caçar passarinhos. É constituído por uma forquilha de madeira com elástico. *[...] Aí quando tava bem seco mesmo, ficava ali, partia o talo, ficava só aquela liguinha dentro, aí eu fazia o estilingue, fazia bolinha de barro, aí quando todo mundo terminava de cozinhar eu ia e botava mais lenha no fogão, aí colocava uma lata em cima, aí eu fazia as bolinhas de barro pra ficar bem resistente (Entrevista 01HM35). Ver baladêra, seta. (PI, SP, RO, MS, MT, MA, PE, ES).*
- 12. pato-cego s.m.** Mesmo que *cabra-cega*. *Pato-ceto (Entrevista 11PM24). (MA).*
- 13. pega-pega s.m.** Brincadeira infantil em que a criança tem de correr atrás de outra e tocá-la. *Pega-pega (Entrevista 02JM27). (RO, PE, ES).*
- 14. pira s.f.** Mesmo que *pega-pega*. *Ah meu Pai do Céu...era da pira (Entrevista 03LF41) (RO).*
- 15. roba bandêra s.m.** Brincadeira infantil em que participam dois grupos que se situam em lados opostos de uma divisória e têm uma bandeira. Vence quem conseguir pegar a bandeira do grupo adversário. *roba bandêra não (Entrevista 01HM35). (RO, SC).*

16. **seta** s.f. Mesmo que *estilingue*. *Lá onde nos morava era seta né? (Entrevista 10PM58)*. **Ver** *baladêra, estilingue, istilingue*. (ES).
17. **talo de mamão**, s.m. Utilizado para a confecção das ligas de borracha para o estilingue a partir do leite da seringueira. *Aí tirava dois talo de mamão... esses talo de mamão cumprido né? (Entrevista 01HM35)*. (RO).
18. **xadrez** s.m. Jogo de tabuleiro em que duas pessoas fazem movimento de peças com o objetivo de pegar o rei. *É xadrez que fala né? (Entrevista 04MF61)*. (SP).

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória vivenciada no PA São Francisco por meio de encontros, reuniões e conversas, foram delineados caminhos teóricos-metodológicos para mostrar da melhor forma as características dessa comunidade e de seus sujeitos-agentes, por meio dos aspectos socioculturais e da riqueza linguística, caracterizada pelo viés heterogêneo, dos assentados. Por isso, optamos por trabalhar com os conceitos de língua, léxico, cultura e campos semânticos, pelo viés da Antropologia Linguística, Lexicologia, Lexicografia e Linguística de Corpus. Nesse sentido, destacam-se os pontos que entrelaçam todas as perspectivas adotadas para falar sobre os assentados e a comunidade mosaica, pois buscamos contribuir com outras possibilidades de analisar relações tão distintas para compreender o léxico de uma comunidade.

No que se refere à primeira, a Antropologia Linguística subsidiou a observação *in loco* do PA São Francisco, o modo de vida dos assentados, as relações sociais e a possibilidade de verificar o léxico coletado diretamente em seu contexto de uso, pelos participantes da pesquisa. Além disso, também forneceu a base teórica para a compreensão das diferentes concepções de culturas e selecionar, de acordo com a realidade do projeto de assentamento, as que mais colaboraram para o estudo desse contexto, visto que, para essa área, a linguagem deve ser compreendida pelo viés cultural.

Compreendendo, portanto, que a língua traz reflexos do contexto social e cultural de uma comunidade, a Lexicologia colabora para a compreensão do léxico, pois é através dele que os assentados conseguem exprimir suas ideias e falar sobre a sua realidade. De acordo com as concepções apresentadas no *Capítulo I*, entendemos, pelo contexto dessa pesquisa, que o léxico caracteriza os falantes de forma individual, mas também constitui registros de culturas diferentes que são representativas para o PA São Francisco, refletindo as percepções e as experiências que são compartilhadas entre os assentados de forma geral. Nesse viés, colaboram para a construção de uma identidade heterogênea do sujeito-agente e também da comunidade.

A Lexicografia colabora na organização do repertório lexical encontrado no PA São Francisco, a partir da construção do glossário de cunho onomasiológico e semasiológico. Tal proposta surgiu com o intuito de compartilhar as riquezas lexicais apresentadas em uma comunidade mosaica localizada no sul do estado Amazonas, em que as lexias são estreitamente ligadas pela diversidade dos falantes. Nesse percurso também entraram os aspectos semânticos, mais especificamente, os campos lexicais e as redes semânticas construídos para descobrir as conexões que unem a língua, o sujeito-agente, a cultura e a sociedade.

Por fim, a Linguística de *Corpus* surge com o propósito de auxiliar na organização e leitura dos dados coletados por meio das entrevistas, pois o *corpus* de estudo construído para esta pesquisa é representativo da comunidade do PA São Francisco. Com o auxílio de programas computacionais, por exemplo, é possível fazer o armazenamento e a exploração do material de forma a identificar as lexias de maior ou menor frequência, listas de palavras e até elaboração de dicionários. Dessa forma, proporcionam novas formas de processar dados e analisar as variedades de uma língua, mas ressaltando que não se descarta de forma alguma o olhar do pesquisador para uma nova leitura dos dados, tendo em vista os objetivos de cada pesquisa.

Realizado o delineamento teórico-metodológico da pesquisa, ressaltamos que, inicialmente, a intenção da pesquisa era descrever o léxico dos assentados, mas, ao analisarmos melhor os dados coletados, ficou nítido de que a descrição não era o suficiente para apresentar os diversos falares dos assentados, tendo em vista a relação da língua (léxico), cultura e sociedade. Sendo assim, incluímos a teoria dos campos lexicais para mostrar as possibilidades de uso do léxico e as relações estabelecidas e criadas pelas distintas significações atribuídas pelos falantes.

Por isso, a presente pesquisa lançou como objetivo geral: analisar o uso do léxico dos assentados do PA São Francisco, considerando os aspectos socioculturais. A partir disso, foi possível definir outros mais específicos, tais como: i) extrair as lexias do *corpus* de estudo; ii) organizar as lexias em campos semânticos; iii) identificar as relações de significado responsáveis pela distribuição das lexias nos campos semânticos; iv) elaborar o glossário do PA São Francisco.

Mediante esses objetivos, a pesquisa focalizou os assentados como sujeitos-agentes porque tiveram voz ativa durante o desenvolvimento das etapas da pesquisa. Por esse motivo, o discurso dos assentados não está presente somente no contexto de uso das lexias que constituíram o glossário, mas também nas reflexões acerca da vida no assentamento, trabalho, organização sociocultural e convívio e comportamento social, apresentados no *Capítulo II*. Tal espaço foi importante porque somente os assentados podem falar sobre a sua realidade e apresentar as dificuldades e as reivindicações por reconhecimento e visibilidade, em meio a um contexto apresentado, segundo eles, por “abandono” e que envolve um contexto político.

Conforme os dados analisados, o léxico investigado apresentou articulações de significação múltiplas e expôs o modo da cultura do assentado entrelaçado em relações semânticas complexas e heterogêneas, visto que partiu das vivências particulares de cada assentado para o contexto geral de vivência no assentamento. Por isso, o panorama que

envolveu as teorias e as relações entre língua (léxico), cultura e sociedade foram pertinentes para a análise do falar dos assentados propostos ao longo desta tese, dando destaques aos principais pontos encontrados durante esse percurso.

O primeiro mostra o PA São Francisco sendo constituído por sujeitos-agentes oriundos de outras regiões brasileiras, que migraram almejando melhores condições de vida e o sonho de possuir um pedaço de terra. Todavia, a realidade encontrada é vista pelos assentados como uma trajetória de luta e esquecimento por parte dos órgãos responsáveis pelos assentamentos de reforma agrária. Mesmo diante dessas adversidades, a comunidade é constituída por uma variedade de sujeitos-agentes que contribuem, por um lado, para uma riqueza linguística no contexto amazônico, considerando a heterogeneidade da língua, e por outro, pela construção da identidade do assentamento, quando se considera as relações do léxico e os aspectos socioculturais.

Nesse sentido, caracterizamos o PA São Francisco como sendo uma comunidade mosaica, porque apresenta uma heterogeneidade linguística, social e cultural que determina os traços de identificação da comunidade. Tal definição também se dá por compreender que tais relações não se dão somente no espaço em que os sujeitos-agentes estão inseridos, mas também de como eles percebem tal realidade, pois, somente assim o léxico pode refletir aspectos socioculturais e mostrar os significados que mais refletem a comunidade e os assentados.

Outra questão foi como os campos lexicais e as redes semânticas contribuíram para a compreensão das relações que ocorrem entre o léxico e sujeito-agente, bem como sujeito-agente, léxico e comunidade. Para isso foram delineadas perguntas direcionadas e perguntas não direcionadas, tendo em vista que os propósitos de análise das lexias são distintos, conforme a concepção de cultura adotada.

O primeiro passo foi a criação de oito campos lexicais, sendo: *assentamento, saúde, convívio e comportamento social, trabalho, meios de transporte, fauna, religião e crenças e jogos e diversões*. que possibilitaram o agrupamento das questões direcionadas e não direcionadas, com base no Questionário Semântico Lexical do ALiB, Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM e outras pesquisas que estudaram o léxico, em uma perspectiva dialetológica. Assim, para entender como as lexias foram distribuídas entre os diferentes sujeitos-agentes e qual o laço que as unem, elaboramos as redes semânticas que mostraram as lexias que mais se conectam com os diferentes grupos (assentados), considerando perguntas específicas. Logo, podemos afirmar que o uso do léxico parte do individual para o compartilhamento geral, sendo possível estabelecer relações menos densas e mais densas de uso das lexias de acordo com as conexões estabelecidas entre os sujeitos-agentes.

Para as perguntas não direcionadas, os falantes ficaram livres para falarem sobre os oito campos lexicais propostos, gerando dados que carregam as relações sociais, históricas, culturais, construídas por meio das diferentes percepções e experiências que o assentado possui ou partilha no ambiente em que vive. Nesse contexto, estabelecemos não somente os campos lexicais, mas também os macrocampos que se originaram após a análise das lexias, pois são relevantes para a estruturação e para a compreensão dos aspectos socioculturais dos assentados e do PA São Francisco.

Com o método etnográfico e o conhecimento dos diferentes contextos desses sujeitos-agentes, foi possível olhar para esta realidade linguística em múltiplas perspectivas, permitindo a leitura dos diversos sentidos e a representatividade atribuída a cada lexia estudada. Nesse caso, o resultado aponta que a língua reflete traços socioculturais do PA São Francisco por meio do léxico. Dessa forma, as lexias mais representativas dos campos lexicais retratam os aspectos socioculturais dos falantes por meio do compartilhamento das experiências vividas no assentamento.

A partir desse contexto, ratificamos que o objetivo geral desta pesquisa foi atendido, pois verificamos os diversos usos do léxico, sistematizados em campos lexicais, para representar o valor linguístico e sociocultural dos assentados. Nesse percurso chegamos à conclusão de que, a partir dos dados desta pesquisa, o uso do léxico por parte dos falantes se encontra em dois graus: o individual e o compartilhado. O primeiro refere-se às suas próprias origens e experiências, enquanto o segundo surge quando se trata de assuntos compartilhados por todos dentro do assentamento. Logo, os traços comuns entre os falantes aparecem por meio das lexias.

Sendo assim, esperamos que este estudo seja um caminho para outros pesquisadores, na forma de ampliação às pesquisas em outras localidades e comunidades, independentemente dos estados, mas que considerem a heterogeneidade presente na língua, no léxico, na cultura, na comunidade de fala e dos sujeitos-agentes. Para finalizar, acreditamos também que compartilhar e mostrar a cultura desses assentados pelo viés linguístico e sociocultural pode contribuir para a ampliação de outras visões para estes sujeitos-agentes, pois, por um lado, segundo Nogueira (2018) em uma perspectiva sociológica, eles são invisíveis para o estado e vivem numa espécie de condição colonial em pleno século XXI. Por outro, pelo viés linguístico, o repertório lexical e a articulação com as possibilidades de relações de sentidos entre os aspectos socioculturais que estruturam o assentamento e os assentados é possível criar possibilidades de adentrar em uma realidade linguística desconhecida para muitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBADE, C.M.S. Lexicologia social: a Lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A.N.; SEABRA, M.C.T.C (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume VI. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.
- ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n. 5, p. 1332-1343, 2011.
- ALBERTI, J.R. **Neologia lexical**: um estudo da fala e da vida de bilíngues português-fala dialetal italiana (RCI-RS). Dissertação. (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, 2005.000
- AURÉLIO. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa online**. 5ª ed. Regis LTDA. 2010.
- AZEVEDO, O.S. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil**: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicações e Expressão, UFSC, 2013.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº1.106, de 16 de junho de 1970**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1106.htm#:~:text=Del1106&text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%201.106%2C%20DE%2016%20DE%20JUNHO%20DE%201970.&text=Cria%20o%20Programa%20de%20Integra%C3%A7%C3%A3o,fiscais%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em 18 de out. de 2022.
- BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Revista Ciência e Cultura**. v. 58, n.2, São Paulo, abr. jun. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015. Acesso em 17 de out. de 2022.
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia. **Revue de Linguistique Romane**. XVIII, 1964, p. 249-272. Tradução de Ataliba T. de Castilho.
- BARBOSA, E.L. Políticas públicas no campo no assentamento São Francisco no Sul do Amazonas. 2019. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, AM, 2019.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I.M. (org.). A Constituição da normalização terminológica no Brasil. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da informação**, v. 24, n. 3, 1995.
- BARBOSA, Q.M.R.O. Um perfil lexical do português falado em comunidades Quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico volume II. 2013. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2013.
- BATISTA, B.C.L.L. **Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico**. 2019. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2019.

BECKER, B.; STENNER, C. Um futuro para a Amazônia. Oficina de Textos, 2008.

BENEDETTI, A.C. Os Impactos dos Assentamentos Rurais no Rio Grande do Sul. In: MEDEIROS, L.S.; LEITE, S. P. (Org.). **Assentamentos Rurais: mudança social e dinâmica regional**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004, p. 53-96.

BERBER SARDINHA, T. Questões metodológicas de análise de metáfora na perspectiva da linguística de corpus. **Gragoatá**. Niterói, n. 26, 2009, p. 81-102.

_____. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BERGAMASCO, S. M e NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais**. Editora Brasiliense: Coleção Primeiros Passos, São Paulo 2001.

BIDERMAN, M.T. C. Unidades complexas do léxico. **Revista Alfa**. v. 48, 2008.

_____. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. **Revista Alfa**. v. 47(1), 2003, p. 53-69.

_____. **Teoria linguística: linguística brasileira e computacional**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 2001.

_____. Terminologia e Lexicografia. **Revista TraTerm**, v. 7, 2001, p. 153-181. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230>. Acesso em: 7 de out. de 2022.

_____. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. **A ciência da lexicografia**. ALFA: Revista de Linguística, 1984.

_____. **A estrutura mental do léxico**. In: Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981. p.131-45

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, 1998, p. 81-118.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BLACK, M. Linguistic relativity: the views of Benjamin Lee Whorf. In: **The philosophical review**, v. 68, n. 2, p. 228-238, 1959.

BLOG DO NUPEAS. NUPEAS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia. Disponível em: <http://nupeas.blogspot.com/2017/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

BOAS, Franz. **Handbook of American indian languages**. US Government Printing Office, 1911.

BORBA, F.S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOURDIEU, P. **Méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1994.

BRITO, R. M. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

CAMARA JR., J. M. **História da linguística**: edição revista e comentada. 1. ed. rev.; tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Revisão e comentários de Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CARVALHEIRO, K. O. et al. **Trilhas da Regularização Fundiária para Comunidades nas Florestas Amazônicas**: Como decidir qual a melhor solução para regularizar sua terra? Brasil e Amazonas. RLI 2 Propaganda e Publicidade. 1ª ed. 2013.

CORRÊA, H.C.O. **O falar do caboclo amazonense: aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980 – Pontifícia. Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. O léxico do falar caboco e a cultura cabocla. **Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIONESTE** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

COSERIU, E. **Principios de la semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1981.

COSTA, R.P. **Um estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa, Maranhão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CRUZ, M.L.C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lexikon Editora, 2012.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DURANTI, A. **Antropologia Linguística**. Trad. Espanhola Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

FAPESP. **Amazônia contra a malária**. 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/amazonia-contra-a-malaria/>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

FIGUERAS, M^a C. J.; CASANOVA, P. C. **Antropología lingüística**. Madrid: Editorial Síntesis, 2019.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma, apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 25, 2001, p. 107-119.

FOLHA DE SÃO PAULO. **TRANSAMAZÔNIA: crime e abandono**. 2016. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~jrgarcia/macroeconomia_ecologica/Noticias/Transamaz%C3%B4nica%20-%20crime%20e%20abandono%20-%20Cotidiano%20-%20Folha%20de%20S.Paulo.htm#territorio-livre. Acesso em: 18 de set. de 2022.

FREIRE, L. Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. 2ª. edição, 5 vols. **Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1954.**

FREIRE, S.. **Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas.** Valer Editora, 2011.

FVS-AM. **Amazonas apresenta redução de 28% de casos de malária.** 2021. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=7067>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

GECKELER, H. **Semântica estrutural e teoría del campo léxico.** Versão Espanhola de Marcos Martínez Hernández. Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos: Madrid.1976.

GEERTZ, Clifford. Thick Description: Toward an interpretive theory of culture. **The interpretation of cultures: Selected essays**, p. 3-30, 1973.

GONÇALVES, R. T. **Relativismo linguístico ou como a língua influencia o pensamento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

GONÇALVES, S.M.G. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas:** um estudo de geolinguística. 2015. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2015.

HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía:** de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito.** Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Harl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes: 2003.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e semântica:** estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss Corporativo.** Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 13 nov. 2021.

IANNI, Octavio. **Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia.** Editora Vozes, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/canutama.html>. Acesso em 27 de out. de 2022.

IMAZON. Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. 2022. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/linha-do-tempo-entenda-como-ocorreu-a-ocupacao-da-amazonia/>. Acesso em 11 de out. de 2022.

ISQUERDO, A. N.; NUNES, J.F. Tabus Linguísticos: um estudo no campo léxico do corpo humano. In: CARDOSO, S.A.M. **Documentos 3:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M.G. (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFSM, 2004.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Orgs.). **As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.91-100.

JUSTINIANO, J. S. **Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

KRIEGER, M.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MAIA, E.G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM**. 2018. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 8º ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MEDEIROS, J, C. **Atlas Morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES**. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

MEDEIROS, L. S.; LEITE, S. P. (Ed.). **Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional**. Mauad Editora Ltda, 2004.

MELO, G. C. **Origem, formação e aspecto da cultura brasileira**. Lisboa: centro do livro brasileiro, 1974.

MENDONÇA JUNIOR, M.L. **Metodologia para Análise de Relevância de Publicações através de Rede de Citações**. 2015. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba, PR, 2015.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, A.C.A. **Rumo à Amazôncia, terra da fatura: Jean-Pierre Chabloz e os cartazes concebidos para o serviço especial de mobilização de trabalhadores para a Amazônia**. 2012. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2012.

MOURA, H. **Uma breve história da linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NOGUEIRA, A.C.F. **A subalternidade dos sujeitos rurais no Brasil: condição colonial dos assentamentos rurais no interior da Amazônia**. 2018. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

OLIVEIRA, W.P.; TRINDADE, J. R.B.; MACHADO, N.M. Borracha, Nordeste e Floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos. **Cadernos CEPEC**, v. 1, n.1, fevereiro de 2012.

OLIVEIRA, A.M.P.P; ISQUERDO, A.N. Apresentação. In: _____. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

ORTIZ, I.R.G. **O léxico amazônico nos manuscritos de Nicodemos Sena: o início de um projeto literário**. 2018. Dissertação – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2018.

PENNA, C.; ROSA, M.C. Estado, Movimentos e Reforma Agrária no Brasil: reflexões a partir do INCRA. **Lua Nova**. São Paulo, 95, p. 57-85, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/8CWq6rS9tTqfFk9x4m7Hz3z/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 de out. de 2022.

PIETROFORTE, A.V. S; LOPES, I.C. Semântica lexical. In: **Introdução à lingüística II: princípios de análise** [S.l: s.n.], 2014.

PNRA. Plano Nacional de Reforma Agrária. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/pp/a_pdfdht/plano_nac_reforma_agraria_2.pdf. Acesso em 22 de out. 2022.

PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Arco/libros, 2002.

POTTIER, B. **Linguística geral**. Teoria e descrição. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REIS, B.A.; IZIDIO, I.M. Rede de colaboração dos professores do Insitituo de Ciências Humans e Sociais da Universidade Federal Fluminense. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda, RJ, 2017.

RIOS, J. A. **Marcas, Memoria y Significado** – Análisis de Estructuras Semánticas. 2017.

SÁ, E. J. de. Variação lexical no falar amazonense: um estudo dialetal e metalexiconográfico das denominações para riacho/córrego. **Entrepalavras**. Fortaleza, v.11, n. esp., p. 213-226, ago. 2021.

SANCHES, V. “Os novos colonos”. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 1977.

SANTOS, C.S.; KRAJEVSKI, L.C. Assentamentos rurais e as modificações socioeconômicas no município de Rio Bonito do Iguaçu. **Revista Nera**. Presidente Prudente, n.41, p. 39-61, jan.-abr. 2018.

SANTOS, J.C.N. **Sustentabilidade de Agroecossistemas em áreas de Transição Agroecológica do Projeto de Assentamento São Francisco, em Canutama, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Agricultura no Trópico Úmido) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus, 2019.

SAPIR, E. **Language: An introduction to the study of speech**. Courier Corporation, 1921.

SAPIR, E. Culture, Genuine and Spurious. **The Uiverstiy of Chigado Press**. Jan. 1924, vol. 29, n. 4, p. 401-429. Acesso em 27 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2764185.pdf>.

SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. **Language**, vol.5, n. 4, 1929, p. 207-214. Acesso em: 26 de set. de 2022. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/409588>.

SAUSSURE, F.S. **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEABRA, M.C.T.C. Língua, Cultura e Léxico. In: SOBRAL, G.N.T; LOPES, N.S; RAMOS, J.M. (Orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO – SEPLANCTI. **Amazonas em Mapas**. 2016. Disponível em: https://www.sedecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/1a_Amazonas_em_Mapas_2015_em_novembro_de_2016.pdf.

Acesso em: 10 de dez. de 2022.

SILVA, Alexandre Leite dos Santos; BENDINI, Juliana do Nascimento; MEIRELES, Melise Pessoa Araújo; SANTOS, Michelli Ferreira. **Educação do campo: sujeitos, saberes e reflexões**. Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI: Picos, 2020.

SIPRA – BENEFICIÁRIOS DA REFORMA AGRÁRIA. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Disponível em: <https://www.gov.br/conecta/catalogo/apis/supra-reforma-agraria>. Acesso em: 11 de ago. 2021.

SIQUEIRA, A. S.N.; MAGALHÃES, M.L.P.; GONÇALVES, S.M.G. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. **Revista Intercâmbio**, v. XXVIII, p. 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

SOUZA, M. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SOUZA, V. L. **Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TAVARES, L. S. **Atlas Morfosintático da Microrregião do Madeira – AMSIMA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

UNESP. **Documentos Lantri: Laboratório de novas tecnologias e pesquisa em relações internacionais**. Disponível em: www.lantri.org/publicacoes. Acesso em: 19 de setembro de 2019.

VASCONCELOS, A. S. **A geolinguística do falar içaense: os (des)caminhos de sua identidade**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

VELHO, O. G. **Frente e Expansão e Estrutura Agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 1981.

VELLASCO, A.M.M.S. O léxico no falar do jovem candango e a influência da mídia televisiva. In: BORTONI-RICARDO, S.M.; VELLASCO, A.M.S.; FREITAS, V.A.L. **O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais**. Brasília: Editora; UNB, 2010, p. 75-120.

VILLALVA, A; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WHORF, Benjamin L. **Science and linguistics**. Indianapolis, IN, USA: Bobbs-Merrill, 1940.

WHORF, Benjamin L. **Relation of Habitual thought and Behavior to Language**. Language, thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf, edited by John B. Carroll, p. 134-59, 1944.

APÊNDICE A – FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Para uma melhor compreensão das lexias apresentadas no “Capítulo V”, elaboramos as fichas lexicográficas que contribuíram para a compreensão das definições dadas nas distintas obras lexicográficas selecionadas para este estudo, assim como as diferentes relações de sentidos apresentados por algumas lexias, conforme o contexto de uso dos assentados. Nesse contexto, as lexias estão organizadas, sequencialmente, de acordo com os campos lexicais: *assentamento, saúde, convívio e comportamento social, trabalho, meios de transporte, fauna, religião e crenças, jogos e diversões*. Ressaltamos também que as ordenações das lexias foram determinadas pelo número de ocorrências dentro do *corpus* de estudo.

1) CAMPO LEXICAL DE ASSENTAMENTO

1. Lugá sm	27 OCORRÊNCIAS
[...] <i>E CAra eu só tenho agradecê tudo aonde eu morei... o lugá onde me acolheu</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu falo pra ele num me vejo morando em outro lugá ...eu gosto muito daqui</i> (Entrevista 04M61).	
Etimologia: lugar , s.m. ‘espaço ocupado, localidade, cargo, posição’ XIII, logar XIII Do lat. <i>locālis</i> , de <i>lōcus</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Lugar , s.m. Lat. <i>locus</i> . A parte do espaço que qualquer corpo ocupa; a parte determinada do espaço que pode ser ocupada por um ou mais corpos. 2. Terra, povoado, pequena algeira. 3. Localidade, vivenda. 4. Residência. 5. Sítio, local. Aurélio – Lugar , s.m. [Do ant. <i>logar</i> <lat. <i>locale</i> (adj.), ‘[local’.] 1. Espaço ocupado; sítio. 2. Espaço. 3. Sítio ou ponto referido para determinado fim. Houaiss – Lugar , s.m [lat. <i>locālis</i> , e no sentido de ‘de lugar, local’, der. de <i>lōcus,i</i> , no sentido de ‘lugar’, pelo port. arc. <i>logar</i>]. 1. País, cidade, povoação, região não especificada. 1.1. área de limites definidos ou indefinidos. 1.2. parte do espaço que ocupa ou poderia ocupar uma coisa, um ser animado. 1.3. área apropriada para ser ocupada por pessoa ou coisa. 1.3.1 posição, posto considerado como sendo apropriado para alguém ou como lhe sendo devido.	
Observações:	
Definição: Espaço criado e ocupado pelos assentados de reforma agrária que constitui o Projeto de Assentamento São Francisco.	

2. Madêra sf	13 OCORRÊNCIAS
<i>É o nome de posto e eu a cho que nem o nome... eu acho dividido há muito tempo a tinta já apagô tudo... que é bem pequenininha... é de madêra ...acho que ele dá deste tamanhozinho aqui assim ó</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: madeira , s.f. ‘parte lenhosa das plantas, aplicável a criado por Ferrante Imperato (1599), provável-trabalhos de carpintaria e marcenaria’ XIII. Do lat. mente sob o modelo de madressilva. De <i>madre materia</i> , de <i>māter</i> ‘mãe’ ‘tronco das árvores’.	
Registro em dicionários: Freire – Madeira , s.f. Lat. <i>materia</i> . Substância compacta e sólida, que compõe a raiz, o tronco e o ramos das árvores e dos arbustos; parte lenhosa das plantas. Tudo que, sendo lenhoso, se emprega em construções e trabalhos de marcenaria e carpintaria. 3. Pau, bengala. 4. Denominação dada pelos seringueiros à árvore da borracha. Aurélio – Madeira , s.f. [Do lat. <i>materia</i> , por via pop.] Cerne das árvores, anatomicamente constituído pelo lenho secundário morto. 3. Árvore. 4. Entre os seringueiros, a seringueira. Houaiss – Madeira , s.f. lat. <i>materia</i> , <i>ae</i> no sentido de ‘matéria, madeira de construção, assunto, objeto’. 1. Tecido constituído especialmente de celulose e lignina formado pelo desenvolvimento do xilema secundário dos caules, ramos e raízes de árvores e arbustos; lenho. Cf. alburno, cerne. 2. Por metonímia. Esse tecido, retirado dos troncos e ramos principais das árvores, seco e cortado, usado especialmente como material de construção e combustível; madeiro, lenho. 4. Entre os seringueiros, a árvore da borracha. 5. Floresta, mata.	
Observações:	
Definição: Matéria retirada da floresta para o uso em construções e trabalhos de marcenaria.	
03. Garapé sm	13 OCORRÊNCIAS ~ Igarapé sm 10 OCORRÊNCIAS
<i>Aí ela chegô lá no igarapé... quando ela viu a lavôra do guaraná assim... aí as castanhêra/castanhêra quando ela veio tava com nove anos é... nove anos não... dez ano... esse ano faz onze ano... lá em cima cheio de bola em volta do guaraná assim pura castanha... lá em cima aquele bichona com dez anos hoje é... agora com dez anos... então aí o igarapé água correndo assim ó...ela chegou no igarapé ela se emocionô... MENINA DO CÉU...ufa... aí ficou sentada ali e eu só olhando a água correndo e fazendo pergunta e pergunta e a lágrima correndo...</i> (Entrevista 06SM67). <i>Esse aí é o/é o...como é o nome desse garapé? Agora tá difícil lembrá dele. É o...eu me esqueci o nome desse garapé</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: igarapé sm. ‘pequeno rio que corre entre duas ilhas Provavelmente do cast. <i>Iguana</i> e, este, do arua—ou entre uma ilha e a terra firme’ 1693. Do tupi que antilhano <i>iwana</i> <i>iguanodonte</i> 1899. Do ing. <i>*iara’pe</i> < <i>i’ara</i> ‘canoa’ + <i>’pe</i> ‘caminho’. <i>iguanodont</i> , formado pelo modelo de <i>mastodont</i> <i>igarité</i> → <i>igara</i> . (v. <i>mastodonte</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Igarapé , s.m. Pequeno canal, que apenas dá passagem a igaras ou a outros pequenos barcos. 2. Rio pequeno ou riacho navegável. Aurélio – Igarapé , s.m. [Do tupi]. Bras. Amaz. MS Rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes e que é ger. Navegável; os maiores denominam-se igarapés-açus e os menores, igarapés-mirins. Houaiss – Igarapé , s.m. [Tupi <i>*iara’pe</i> no sentido de ‘pequena corrente de água entre ilhas ou trechos de um rio’ (derivado de (o) <i>i’ara</i> no sentido de ‘canoa’ + <i>’pe</i> no sentido de ‘caminho’). 1. Riacho que nasce na mata e deságua em rio. 2. Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme.	
Observações:	
Definição: Pequeno curso de água ligado ao rio que se caracteriza por possuir pouca profundidade e estar localizado no interior da mata.	

04. Castanhêra sf	12 OCORRÊNCIAS
<i>Quando/quando eu tenho um problema de garganta eu costumo tomá chá da casca da castanhêra. A minha castanhêra tá ali ...esfolo uma... esfolo ôtra... tem que sé aquela casquinha de dentro... tem que tirá um pôquinho a de fora e pegá aquelas buchinha de dentro pra fazê chá (Entrevista 13SF42). Agora castanhêra de quinze metro...de doze...de vinte metro assim sabe... (Entrevista 06SM67).</i>	
Etimologia: castanha sf. ‘o fruto do castanheiro, planta da fam. das fagáceas’ XIII. Do lat. <i>castanĕa</i> , deriv. do gr. <i>kastanĕa</i> acastanhado adj. ‘de cor tirante a castanho’ 1858 castanheiro 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Castanhêra , s.f. O mesmo que <i>castinceira</i> . 4. Castanheiro, destinado à produção de fruto. Aurélio – Castanhêra , s.f. [De <i>castanha</i> + <i>-eira</i>]. 3. V. castanheiro. Houaiss – Castanhêra , s.f. [<i>castanha</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>castan(i/o)</i>]. 1. Mesmo que castanheiro (no sentido de ‘designação comum’).	
Observações:	
Definição: Árvore localizada na mata e muito utilizada na lavoura de guaraná, como técnica de reflorestamento.	

05. Castanha sf	12 OCORRÊNCIAS
<i>Tem castanha que ele plantô lá por dois mil e nove que ele plantô as primêras e já tá dando (Entrevista 04MF61). Então é o que eu planto é castanha (Entrevista 06SM67).</i>	
Etimologia: castanha – acastanhado 1836 sc .	
Registro em dicionários: Freire – Castanha , s.f. Lat. <i>castanea</i> . Fruto do castanheiro. Aurélio – Castanha , s.f. Do lat. <i>Castanea</i> , do grego <i>kástanon</i> . O fruto do castanheiro. Houaiss – Castanha , s.f. lat. <i>castanĕa</i> , <i>ae</i> no sentido de ‘castanha, castanheiro’. 1. Fruto capsular espinescente do castanheiro da europa (<i>Castanea sativa</i>), geralmente com três aquênios, castanhola, ouriço. 2. Aquênio contido nesse fruto, aproximadamente cordiforme, com casca corácea, por cuja cor se dá nome ao castanho e ao marrom, e polpa usada para produzir fécula, especialmente consumida assada ou cozida e em doces, como o marrom-glacê, recheios de toras etc.; coca.	
Observações:	
Definição: Forma generalizada pelos assentados para se referir a árvore denominada de castanhêra.	

06. Assentamento sm	11 OCORRÊNCIAS
<i>Foi ante deu/deu chegá aqui em dois mil e...é mil novecentos e noventa e sete é que foi criado o assentamento... (Entrevista 08JM64). Minha vida aqui no assentamento é assim. Só soltêro né?(Entrevista 10PM58).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Assentamento , s.m. De <i>assertar</i> + <i>-mento</i> . Ação ou efeito de assentar. 3. Causa sobre que se coloca ou assenta outra; assento. 4. Sítio ou situação de uma extensão de terra. 9. Antiga morada, habitação, residência, estabelecimento. Aurélio – Assentamento , s.m. De <i>assentar</i> + <i>-mento</i> . 1. Ato ou efeito de assentar(-se). 4. Ato ou efeito de fixar-se, de estabelecer residência em determinado lugar. 5. Ato, processo ou efeito de assentar. Houaiss – Assentamento , s.m. <i>assentar</i> + <i>-mento</i> . Ato ou efeito de assentar(-se). 4. Núcleo de povoamento <a. de colonos>. 4.1. Núcleo de povoamento constituído por camponeses ou trabalhadores rurais. 5. Listagem, especificação de terras devolutas ou desapropriadas, com a finalidade de nelas se fixarem camponeses sem-terra. 5.1. Ato ou efeito de se realizar a fixação do camponês a essas terras.	
Observações:	
Definição: Denominação geral para se referir ao local denominado de Projeto de Assentamento São Francisco.	

07. Abacaxi sm	07 OCORRÊNCIAS
<p><i>Assim tem que a gente...tem ingá... tem coco... tem biribá... tem laranja... tem manga... abacaxi</i> (Entrevista 01HM35). <i>Abacaxi ... eu amo</i> (Entrevista 03LF41).</p>	
<p>Etimologia: abacaxi, s.m. ‘fruto de uma planta bromeliácea’ (<i>Ananas sativus</i>) c 1767; ‘fig. coisa desagradável, problema de difícil solução’ XX. Do tupi *<i>iṽaka’ti</i> (<<i>i’ṽa</i> ‘fruta + *<i>ka’ti</i> ‘recente’).</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Abacaxi, s.m. Tupí-guar. <i>Ibá</i>, fruto + <i>cati</i>, rescendente. Fruto da mesma espécie do ananás, ao qual excede em aroma e sabor. 2. Planta da família das bromeliáceas, que produz esse fruto (<i>Bromelia ananás</i>). Aurélio – Abacaxi, s.m. Do tupi = ‘fruta recente’. 1. Planta bromeliácea (<i>Ananas sativus</i>), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. Houaiss – Abacaxi, s.m. tupi *<i>iwaka’ti</i> derivado de (o) <i>i’wa</i> no sentido de ‘fruta + <i>ka’ti</i> no sentido de ‘que recente’. 1. Planta terrestre (<i>Ananas comosus</i>) da família das bromeliáceas, de folhas lineares com brodos espinhosos, idênticas às da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 20 cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananaseiro, ananás-selvagem, ananás-silvestre, manaseiro, naná, nanás, pita.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Planta terrestre que produz uma fruta com aroma forte, geralmente, encontrada nas residências dos assentados.</p>	
08. Iscola sf	06 OCORRÊNCIAS ~ Iscolinha sf 01 OCORRÊNCIA
<p><i>As merendêras num tem formação...sabe cozinhá arroz com feijão como eu... aí bota pra merendêra... isso pra mim tinha que tê um respeito na educação...envolve desde/ desde da/quela/aquela/aquela secretária que faz a limpeza no...na iscola ...no banheiro da iscola</i> (Entrevista 06SM67). <i>Vai o Bastião procurá um lote lá no INCRA... "tudo bem Sebastião...só que o senhô vai tê que fazê a iscolinha aqui ó"</i> (Entrevista 06SM67).</p>	
<p>Etimologia: escola, s.f. ‘estabelecimento público ou privado onde se ministra sistematicamente ensino coletivo’ XIII. Do lat. <i>schōla</i>, derivado do grego <i>scholé</i>.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Escola, s.f. Lat. <i>schola</i>. Estabelecimento público ou particular onde se ensinam as ciências, literaturas, artes, etc. 2. O local onde esse estabelecimento está estabelecido. Aurélio – Escola, s.f. Do grego <i>scholé</i>, pelo latim <i>schola</i>. 1. Estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, ensino coletivo. 3. Espaço destinado a educação sistematizada em todos os níveis e modalidades, composta por professores, alunos e comunidade escolar. 6. Edifício onde funciona a escola. Houaiss – Escola, s.f. lat. <i>schōla</i>, <i>ae</i> no sentido de ‘lugar nos banhos públicos onde cada um espera a sua vez; ocupação literária, assunto, tese, lição, escola, sociedade, corporação [...]escola, lugar de estudo’. 1. Estabelecimento público ou privado onde se ministra o ensino coletivo. 2. Conjunto de professores, alunos e funcionários de uma escola. 3. Prédio em que a escola está estabelecida.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Estabelecimento público destinado a educação de ensino fundamental e médio tecnológico.</p>	

09. Terrêro sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Se você tem uma galinha no terrêro</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu gosto de vê as criação no terrêro</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: Terreiro XIII.	
Registro em dicionários: Freire – Terreiro , s.m. De <i>terra</i> + <i>eiró</i> . Espaço de terra, despejado, largo e plano. 2. Praça ou largo dentro de uma povoação. 4. Sítio ao ar livre onde há folguedos, cantos e bailados. 6. Porção de terra. Aurélio – Terreiro , s.m. Do latim <i>terrariu</i> , ou de <i>terra</i> + <i>-eiro</i> . 1. Espaço de terra plano e largo. Houaiss – Terreiro , s.m. lat. <i>terrariūs</i> , a, um no sentido de ‘relativo a terra, solo’, depois substantivado no neutro singular <i>terrariūm</i> , <i>ī</i> no sentido de ‘área de terra batida ou calçada, elevação de terra’. 1. Espaço de terra largo e plano. 1.3 pequeno quintal, frequentemente de terra batida.	
Observações:	
Definição: Espaço de terra localizado no entorno das residências, geralmente de terra batida.	
10. Tucumã sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Uns tucumã ali agora...tão vindo aqui atrás</i> (Entrevista 01HM35). <i>É mesmo...ela vem (atrás) de tucumã mesmo é</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: tucumã, s.m. ‘palmeira do gênero <i>Astrocaryum</i> (<i>A. tucuma</i>)’ c 1777, <i>tocumá</i> 1763 etc. Do tupi *tuku ‘mã	
Registro em dicionários: Freire – Tucumã , s.m. O mesmo que <i>tucumã</i> . Tucumã, ou Tucuman, s.m. Nome comum a várias palmeiras (<i>Astrocaryum tucuma</i> , Mart., <i>Bactris setosa</i>). Aurélio – Tucumã , s.m. Do tupi. 2. Palmeira arecácea (<i>Astrocaryum aculeatum</i> ou <i>A. Tucuma</i>) de até 20m, nativa desde a Colômbia e Pequenas Antilhas até o Norte do Brasil, geralmente solitária, de estipe espinhoso, folhas ascendentes, inflorescências eretas, frutos edules, amarelo-avermelhadas, e que é explorada pelo palmito e frutos, pelo óleo das sementes, de cujo culinário, e pela fibra das folhas, usado na feitura de redes e cordas. Houaiss – Tucumã , s.m. tupi tuku’ma. 1. Designação comum a algumas palmeiras dos gêneros <i>Astrocaryum</i> e <i>Bactris</i> , nativa do Brasil. 1.1. palmeira de até 20 m (<i>Astrocaryum aculeatum</i>), geralmente solitária, de estipe com faixas de espinhos negros, folhas ascendentes, inflorescência ereta, e frutos amarelos com tons avermelhados [...], [Nativa da Colômbia e de Trinidad ao Brasil (AC, AM, PA, RO), é explorada ou cultivada por seu palmito e frutos comestíveis, pelo óleo das sementes, usado em cozinha, e também pelas folhas, das quais se extrai fibra de tucum, usada em redes e cordas que resistem à água salgada.	
Observações:	
Definição: Fruto que possui fibras de tons amarelados-avermelhados bastante consumidos na região do Amazonas. A palmeira geralmente é conhecida por tucumanzeiro.	
11. Abóbora sf	05 OCORRÊNCIAS
<i>EnTÃO o que tava na minha/na minha memória era arroz... era feijão... era algodão... era mandioca... era melancia...era abóbora</i> (Entrevista 06SM67). <i>A gente tem aí abóbora</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: abóbora s.f. ‘fruto da aboboreira, planta da família das cucurbitáceas’ XV. Do lat. <i>apopëris</i> (apopores no séc. VI).	
Registro em dicionários: Freire – Abóbora , s.f. Lat. <i>apopores</i> ? Fruto da aboboreira. Aurélio – Abóbora , s.f. Do latim hisp. <i>Apopores</i> , poss. 1. Nome comum aos frutos comestíveis da aboboreira. Houaiss – Abóbora , s.f. origem duvidosa. 1. Furto de qualquer aboboreira, especialmente os das variedades da abóbora-menina (<i>Cucurbita máxima</i>), com polpa comestível, geralmente de um tom entre o alarajando e o vermelho, e os das variedades das abóbora-moranga (<i>Cucurbita pepo</i>), da chila (<i>Cucurbita ficilofia</i>) e da abóbora-cheirosa (<i>C. moschata</i>), as sementes também são comestíveis, frequentemente assadas e salgadas; abobra, bobra, jerimu, jerimum.	
Observações:	
Definição: Fruto de tom alaranjado ou avermelhado encontrado, geralmente, na horta dos assentados para consumo próprio.	

12. Difícultoso Adj.	05 OCORRÊNCIAS
<p><i>Era bem difícultoso o caminhozinho cheio de água... você tinha que andá nele</i> (Entrevista 01HM35). <i>É muito difícultoso pra ocê trazê um saco de milho de Porto Velho mandando pelo... no ônibus já cobram um absurdo lá na rua</i> (Entrevista 06LF41).</p>	
Etimologia: Do latim tardio <i>difficultāre</i> difícultoso XV.	
Registro em dicionários: Freire – Difícultoso ou Diffícultoso , adj. Em que há dificuldade, difícil. Aurélio – Difícultoso , adj. De <i>dificult-</i> , como em <i>dificultar</i> , + <i>-oso</i> . Que apresenta dificuldade, difícil. Houaiss – Difícultoso , adj. Radical de <i>dificultar</i> sob a forma alatinado. <i>Dificul-</i> + <i>-oso</i> . Em que há ou que apresenta dificuldade, difícil, árduo.	
Observações:	
Definição: Algo difícil de ser executado ou que apresenta muitas dificuldades.	
13. Goiaba sf	04 OCORRÊNCIAS
<p><i>Eu faço de goiaba</i> (Entrevista 03LF41).</p>	
Etimologia: goiaba , s.f. ‘fruto da goiabeira (<i>Psidium guajava</i>)’ 1858, <i>guayaba</i> 1577, <i>gouyaba</i> 1596	
Registro em dicionários: Freire – Goiaba , s.f. Guar. <i>cuiapa</i> . Fruto da goiabeira. 2. O mesmo que <i>goiabeira</i> . 3. Nome vulgar da <i>goiazita</i> . Aurélio – Goiaba , s.f. Variação de <i>guaiaba</i> . 1. O fruto da goiabeira. Houaiss – Goiaba , s.f. origem controversa. 1. O fruto da goiabeira (<i>Psidium guajava</i>); araçá-guaçu, araçá-mirim, araçauaçu, <i>guaiaba</i> , <i>guaiava</i> , <i>guava</i> , <i>guiaba</i> , <i>mepera</i> .	
Observações:	
Definição: Fruto da árvore conhecida como goiabeira. Possui polpa branca ou rosada com pequenas sementes.	
14. Jaca sf	04 OCORRÊNCIAS
<p><i>Tinha uma que era tirá jaca</i> (Entrevista 06SM67). <i>Tinha que batê em todas as jaca que tinha aquela que tava com a barriga fofo assim...tava meio fofo... amarrava a cordinha...cortava e descia ela</i> (Entrevista 06SM67).</p>	
Etimologia: jaca , s.f. ‘fruto da jaqueira, planta da família das moráceas’ XVI. Do malaiala <i>chakka</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Jaca , s.f. Do <i>tupi-guarani</i> . 2. O fruto da jaqueira. Aurélio – Jaca , s.f. Do malaiala <i>chakka</i> . 1. O fruto da jaqueira. Houaiss – Jaca , s.f. malaiala. <i>chakka</i> (no sentido definido) (cf. Dalgado). 1. Fruto da jaqueira, um sincarpo frequentemente enorme e pesado, geralmente cilíndrico ou subgloboso, com casca feita de pequenos cones verde-pardacentos, depois amarelos, e gomos amarelados, viscosos e doces, envolvendo semente grandes, também comestíveis depois de assadas.	
Observações:	
Definição: Fruto da árvore conhecida como jaqueira. Possui um aroma forte e polpa adocicada.	

15. Biribá sm	04 OCORRÊNCIAS
<p><i>Assim tem que a gente...tem ingá... tem coco... tem biribá (Entrevista 01HM35). "Ei fulano me arruma um biribá daquele". "Ah vai lá e tira pô" (Entrevista 01HM35).</i></p>	
<p>Etimologia: biribá, s.m. ‘planta da família das anonáceas’ <i>biriua</i> i 1631, <i>beribases</i> (pl) a 1667, <i>bribá</i> c 1777 etc. Do tupi *<i>mĩri’ua</i> < *<i>mĩra’embira</i>’ (forma paralela de <i>ĩ mĩra</i> ‘fibra, filamento’) + <i>ĩ ʷa</i> ‘fruta’.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Biribá, s.m. Árvore da família das anonáceas (<i>Rollinia orthopetala</i>, DC.). Aurélio – Biribá, s.m. 1. Biribazeiro. 2. O fruto dessa árvore. Houaiss – Biribá, s.m. tupi <i>ĩmbĩri’wa</i>, formado de <i>ĩ’mbĩra</i> no sentido de ‘fibra, embira’ + <i>ĩ’wa</i> no sentido de fruta [...]. 1. Designação comum a árvores da família das anonáceas, especialmente dos gêneros <i>Duguetia</i> e <i>Rollinia</i>, que ocorrem e/ou são cultivadas no Brasil, de folhas simples, flores frequentemente carnosas e frutos de bagas múltiplas, verdes, azulados, amarelados ou avermelhados, geralmente escamosos, grandes, globosos e de polpa doce, biribazeiro. 2. Fruto dessas árvores.</p>	
<p>Observações: Em freire (1954) também há <i>biriba</i>, <i>biribá de Pernambuco</i>, <i>biribá verdadeiro</i> para se referir à árvore.</p>	
<p>Definição: Fruto da árvore conhecida como biribazeiro.</p>	
16. Breu sm	04 OCORRÊNCIAS
<p><i>Antigamente queimavam breu ... não sei se você conhece breu... que tem no mato de acendê fogo... ele dá uma fumaça (Entrevista 01HM35). Você chega ali e tem aquele breu ali mesmo e você pode quebrá ele... aí cê tira um pedacinho... Cara é bem cheiroso (Entrevista 01HM35).</i></p>	
<p>Etimologia: breu, s.m. ‘substância semelhante ao pez negro, obtida pela evaporação parcial ou destilação da hulha ou outras matérias orgânicas’ XIV. Do fr. <i>Brai</i>, derivado do gaulês *<i>bracu</i>.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Breu, s.m. Do francês <i>brai</i>. Pez negro. 2. Substância sólida análoga ao pez negro, que se obtém pela destilação do alcatrão da hulha. 3. Matéria semelhante ao pez negro, formada de pez, sebo, etc. Aurélio – Breu, s.m. Do francês <i>brai</i>, do gaulês *<i>braca</i>. 1. Substância escura, inflamável, obtida de secreções resinosas de várias plantas, especialmente de coníferas, como algumas do gênero <i>Pinus</i> (v. <i>pínus</i>), ou da destilação do alcatrão; breu-de-colfônia, colofônia, colofônio. 2. Resina odorífera que exsuda do tronco de várias burseráceas; almécega, elemi, icica. Houaiss – Breu, s.m. provavelmente francês <i>brai</i> (sXII) ‘lodo’ e a partir de 1309 ‘breu’, de vocábulo pré-românico. 1. Sólido escuro, inflamável, obtido a partir de secreções resinosas de várias plantas, especialmente coníferas (<i>Pinus palustres</i>), ou da destilação do alcatrão; breu de colofônia, colofônia, colfônio [O breu é usado em adesivos, vernizes, isolantes, revestimentos etc. e também em plásticos e na fabricação de papel (engomagem)].</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Substância sólida inflamável de cor escura.</p>	
17. Chacrinha sf	04 OCORRÊNCIAS
<p><i>[...]num sei se cês passaram logo ali em dois irmãos...fazendinha... chacrinha ali dois irmãos (Entrevista 03LF41). Eu se/mas por enquanto na hora que eu achá um negócio ou que eu num achá eu tenho a ideia de dá uma trabalhadinha e comprá uma chacrinha lá (Entrevista 08JM64).</i></p>	
<p>Etimologia: chácara, s.f. ‘pequena propriedade campestre’ 1815. Do cast. <i>chácara</i>, derivado do a. quíchua <i>cákra</i> (hoje <i>cáhra</i>).</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Chacrinha, s.f. Pequena chácara. Aurélio – Chacrinha, s.f. 1. Reunião informal para grupo íntimo. 2. Confusão, balbúrdia, bagunça. Houaiss – Chacrinha, s.f. <i>chacra</i> + <i>-inha</i>, acepção ‘chácara pequena’. 1. Chácara pequena; chacarola.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Pequena propriedade de terra com uma casa, criação de animais e cultivo de frutas.</p>	

18. Ingá sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>Tem ingá</i> (Entrevista 01HSSM35). <i>Sei lá vai ficar chato cobrá dez reais de uma ingá dele assim... mesmo que ele tire bastante né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: ingá , s.m. ‘nome comum a diversas plantas da família das leguminosas’ 1763, <i>engá</i> 1587, <i>enga</i> 1617, <i>enguá</i> 1618 etc. Do tupi <i>i’na</i>	
Registro em dicionários: Freire – Ingá , s.m. ou f. Do tupi. Nome comum a diversas espécies vegetais da família das leguminosas-mimosáceas [...]. 2. Fruto da ingazeira. Aurélio – Ingá , s.m. Do tupi; tax. <i>Inga</i> . 1. Gênero de árvores e arbustos mimosáceos de folhas penadas, flores densas, brancas ou vermelhas, dotadas de longos estames, e frutos capsulares, que se caracterizam por terem sementes embebidas numa massa carnosa, não raro comestível; ocorrem em todo o Brasil. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, por exemplo, a <i>Inga edulis</i> (v. <i>ingá-cipó</i>). Houaiss – Ingá , s.m. latim científico, gênero <i>Inga</i> (1754); este, calcado no tupi <i>i’nga</i> no sentido de ‘nome comum a diversas plantas da família das leguminosas’. 1. Designação comum às árvores e arbustos do gênero <i>Inga</i> , da família das leguminosas, subfamílias mimosóidea, que reúne cerca de 350 espécies, as únicas com folhas penas dessa subfamília; nativas de regiões tropicais e temperadas das Américas, algumas cultivadas como sombreiras, como ornamentais ou pela polpa doce dos frutos. 2. Fruto dessas árvores.	
Observações:	
Definição: Fruto da árvore conhecida como ingazeira. Possui uma polpa adocicada envolta em uma semente de cor preta.	
19. Vereadô sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Não... que eles foram pra Canutama... negócio de vereadô ... essas coisa né?</i> (Entrevista 02JM27). <i>Eu nunca vi deputado aqui...mas vereadô ...prefeito... já viheram aí em época de campanha política</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: vereador , s.m. ‘membro de câmara municipal, edil’ XVI. Do arc. *VERE·A, por <i>vereda</i> + <i>-ador</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Vereador , s.m. De <i>verear</i> + <i>dor</i> . Aquele que vereia; membro da câmara municipal; camarista. Aurélio – Vereador , s.m. De <i>verear</i> + <i>-dor</i> . Membro eleito da câmara municipal; edil. Houaiss – Vereador , s.m. <i>vereador</i> , part. de <i>verear</i> , + <i>-or</i> . 1. Cada um dos membros do poder legislativo de um município; edil.	
Observações:	
Definição: Membro do poder legislativo de um município eleito pelo povo.	
20. Zero vírgula zero fras.	04 OCORRÊNCIAS
<i>Estrada ruim... é buraqêra balançando e o trem chacoalhando é zero vírgula zero aqui</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários há somente a presenta de zero e vírgula separadamente. Na entrevista zero vírgula zero refere-se a algo difícil.	
Definição: Refere-se a algo difícil, que não muda.	

21. Bêrada sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Eu uso mais na bêrada de estrada</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: beirada 1899.	
Registro em dicionários: Freire – Beirada , s.f. O mesmo que <i>beiral</i> . 2. Beira, margem. 3. Cercanias, arredores. Aurélio – Beirada , s.f. De <i>beira</i> + <i>-ada</i> . 1. Beira, margem, borda. Houaiss – Beirada , s.f. feminino substantivado de <i>beirado</i> , particípio de <i>beirar</i> . 2. Parte pequena ou estreita que se tira de um todo, junto à sua borda. 4. Região adjacente; arredor, vizinhança. 5. Faixa de terra em terrenos secos e alagados.	
Observações:	
Definição: Margem ou pequena parte de faixa de terra próxima à estrada.	
22. Carreadô sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Isso/isso tá parecendo carreadô</i> (Entrevista 09GM46). <i>Ficô quietinho pra vê o quê é que ia atravessá pra carreadô</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Carreador , s.m. Caminho de carro, no campo; carreadouro. Aurélio – Carreador , s.m. De <i>carrear</i> + <i>-dor</i> . 2. Trilha, vereda, picada. Houaiss – Carreador , adj. e s.m. radical do particípio <i>carreado</i> + <i>-or</i> ; o uso do sufixo <i>-or</i> , neste caso, é produto de uma determinada pela semelhança sonora com o sufixo <i>-ouro</i> ; a mesma confusão se observa em situações distensas de fala para palavra como bebedor por bebedouro, quarador por coradouro; no caso de carreador, o vocativo tornou-se aceito como sufixo <i>-or</i> , e assim vem sendo usado. 1. Diz-se de ou caminho por onde passam carros no campo. 2. Diz-se de ou caminho aberto no meio de uma lavoura, especialmente de café.	
Observações:	
Definição: Caminho estreito aberto na mata.	
23. Acerola sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Acerola também já tá botando</i> (Entrevista 03LF41). <i>Acerola</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Acerolo , s.f. <i>Árabe al-zarur</i> . O mesmo que <i>azaroleiro</i> . Aurélio – Acerola , s.f. Do árabe <i>az-zu</i> . Houaiss – Acerola , s.f. segundo JM, do árabe <i>az-za'arōra</i> no sentido de ‘nespereira, nêspira’, mesma origem de <i>azarola</i> ; para Corominas, o espanhol <i>acerola</i> (1611) e o português <i>azarola</i> provêm do (<i>az-za'rūra</i> no sentido de ‘cereja, assim como o argonês <i>azzarola</i> , documentado em 1365; o autor observa que o vocativo árabe se emprega desde a Síria e a Palestina até o Ocidente; é possível que no português, se tenham mantido, como divergentes, tanto <i>acerola</i> , por influência do espanhol, quando ao <i>azarola</i> . 1. Designação comum a algumas plantas do gênero <i>Malpighia</i> , da família das malpighiáceas, nativas da América tropical, amplamente cultivadas por seus frutos bacáceos, comestíveis, ricos em vitaminas C; cerejeira-das-antilhas, cerejeira-do-pará, ginjeira-da-jamaica. 1.1. fruto dessa planta.	
Observações:	
Definição: Fruto da planta conhecida como aceroleira. Possui cor avermelhado, muito consumida por ser rico em vitamina C.	

24. Carrada sf	02 OCORRÊNCIAS
[...] <i>vai vendê...chama as pessoa pa carregá o caminhão... no caso aí/aí ele sabe que aquele/aquela carrada custou cinco mil reais</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: carrada , s.f. ‘carga que um carro pode transportar de uma vez’ XVI; ‘fig. grande quantidade (mais usado no pl.)’ 1873.	
Registro em dicionários: Freire – Carrada , s.f. De <i>carro</i> + <i>ada</i> . 1. Quantidade que pode carregar um carro. 2. Porção de objetos que um carro transporta de uma vez. 3. Grande porção de qualquer cousa. Aurélio – Carrada , s.f. De <i>carro</i> + <i>-ada</i> . 1. Carga que um carro pode transportar de uma vez. 2. Grande quantidade. Houaiss – Carrada , s.f. <i>carro</i> + <i>-ada</i> . 1. Carga que um carro transporta ou pode transportar de uma só vez. 2. Grande quantidade.	
Observações:	
Definição: Grande quantidade de mercadorias ou objetos que são transportadas de uma única vez em carros ou caminhões.	
25. Dificuldade sf	02 OCORRÊNCIAS
[...] <i>Então enfrentemo tudo isso aí e tamo até hoje aqui...mas Graças a Deus com vida...com saúde né? {Graças a Deus} passemos a dificuldade... tem altos e baixo do dia a dia e vamo tocando no dia a dia né? Graças a Deus</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: dificuldade de- XV Do lat. <i>difficultas</i> – <i>ātis</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Dificuldade , ou Difficuldade , s.f. [Lat. <i>difficultas; difficultatem</i>]. Qualidade do que é difícil. 2. Aquilo que é difícil ou que torna difícil uma cousa. 3. Impedimento, estorvo, obstáculo, embaraço. 4. Dúvida, objeção. 5. Apuro, aperto, circunstância crítica. Aurélio – Dificuldade , s.f. [Do lat. <i>difficultate</i>]. 1. Caráter ou qualidade do que é difícil. 2. Aquilo que é difícil. 3. Obstáculo, estorvo, impedimento. 7. Situação crítica; apuro, aperto, abertura. Houaiss – Dificuldade , s.f. [Lat. <i>Difficūltas, ātis</i> (no sentido definido)]. 1. Qualidade ou caráter do que é difícil. 2. Aquilo que é difícil ou torna uma coisa difícil, custosa, penosa, árdua.	
Observações:	
Definição: Situação difícil ou circunstâncias que tornam algo difícil ou árduo.	
26. Poço artesiano fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Agora em julho eu mandei cavá um poço artesiano</i> (Entrevista 03LF41). <i>Aí eu tenho que buscá esses galão de água lá no vizinho lá que tem poço artesiano pra mim toma</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Poço artesiano , s. m. O que é aberto por meio de verruma ou broca, quando se procura veio ou lençol de água subterrânea, que em virtude do equilíbrio dos líquidos se eleva pela abertura, acima do nível do solo, ou sai em repuxo. Aurélio – Não consta. Houaiss – Poço artesiano . 1. Poço cavado perpendicularmente ao solo até atingir um lençol de água subterrâneo, também se diz apenas artesiano.	
Observações: No dicionário Aurélio consta somente poço, sendo poço natural ou artificial em que a água é impelida naturalmente até à superfície do solo, dispensando bombeamento.	
Definição: Poço cavado no solo com profundidade. A finalidade é de captar água para o consumo.	

27. Pupunha sf 02 OCORRÊNCIAS ~ pūpunha sf 02 OCORRÊNCIAS
<i>Tem a pupunha né?</i> (Entrevista 04MF61).
Etimologia: pupunha , s.f. ‘palmeira (<i>Guilielma speciosa</i>)’ 1833. Talvez do tupi, mas de étimo indeterminado.
Registro em dicionários: Freire – Pupunha , s.f. Fruto da pupunheira. 2. O mesmo que pupunheira. Aurélio – Pupunha , s.f. Do tupi. Palmeira arecácea (<i>Guilielma speciosa</i>) nativa da América Central à Amazônia, de troncos múltiplos, com até 20m, dotados de espinhos que formam anéis, folhas também densamente espinhosas e frutos vermelhos com ponta verde, muito apreciados, e que integram a dieta da população amazônica. 2. O seu fruto; babunha. Houaiss – Pupunha , s.f. segundo Nascimento, do tupi <i>pu’puna</i> (no sentido definido). 1. Palmeira de até 20 m (<i>Bactris gasipaes</i>), nativa da América Central à Amazônia, solitária ou cespitosa, estipe com anéis de espinhos, folhas verde-escuras, também armadas, com espinhos pretos, e frutos de polpa fibrosa, vermelho-amarelados, verde-amarelados ou ocre [...] [Amplamente disseminada no Brasil pelo furo saboroso e nutritivo, consumido após cozimento, e que, assado, fornece farinha, pela amêndoa, de se extrai óleo, e pelo palmito comestível.] 2. Fruto dessa planta.
Observações:
Definição: Fruto da palmeira conhecida como pupunheira. Possui cor alaranjado-esverdeado, geralmente consumido após o cozimento e também pode ser processado para gerar farinha ou óleo.
28. Projeto de assentamento fras. 02 OCORRÊNCIAS
<i>Projeto de Assentamento São Francisco</i> (Entrevista 05AM18).
Etimologia: Não consta.
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.
Observações:
Definição: Designação geral dada para o Projeto de Assentamento São Francisco.
29. Reflorestar V 02 OCORRÊNCIAS
<i>Aí já resolvi reflorestá né?</i> (Entrevista 06SM67). <i>Aí eu penso assim que pa podê reflorestá um pouco né?</i> (Entrevista 13SF42).
Etimologia: reflorestar XX.
Registro em dicionários: Freire – Reflorestar , v. Fazer o replantio em grande escala de matas em. Aurélio – Reflorestar , v. De <i>re-</i> + <i>floresta</i> + <i>-ar</i> . Plantar árvores para formar florestas em (lugar onde foi derrubada uma floresta). Houaiss – Reflorestar , v. <i>re-</i> + <i>florestar</i> . Fazer passar ou passar por processo de reflorestamento (área de floresta degradada geralmente pelo fogo ou pelo corte).
Observações:
Definição: Processo de plantar árvores em áreas desmatadas com o intuito de recuperar a floresta destruída.
30. Seringuêro sm 02 OCORRÊNCIAS
<i>Aí a minha mãe fala que lá tinha/ tinha um barraco de seringuêro lá onde o meu pai foi nessa terra que meu pai foi pa mora</i> (Entrevista 13SF42).
Etimologia: seringueiro 1890.
Registro em dicionários: Freire – Seringueiro , s.m. De <i>seringa</i> + <i>eiro</i> . Aquele que extrai o leite da seringueira e o prepara para se tornar em borracha. 2. Proprietário de seringal. 3. O mesmo que seringueira. Aurélio – Seringueiro , s.m. De <i>seringa</i> + <i>-eiro</i> . 1. Indivíduo que se dedica à extração do látex da seringueira e com ele prepara a borracha; apanhador, machadinho. Houaiss – Seringueiro , s.m. <i>seringa</i> + <i>-eiro</i> . 1. Trabalhador que extrai o látex da seringueira e com ele prepara a borracha; borracheiro, machadinho, apanhador.
Observações:
Definição: Indivíduo que extrai o leite da seringueira e que prepara a borracha.

31. Sova sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Da sova</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: sorva , s.f. 'fruto da sorveira, árvore da família das apocináceas, da floresta umidade, que se caracteriza pelos frutos bacáceos, comestíveis, de pequeno tamanho, e cujo látex é amargo, não servindo para beber' XVI. Do lat. <i>sorba</i> , pl. de <i>sorbum</i> -ī.	
Registro em dicionários: Freire – Sova , s.f. Ato ou efeito de sovar; tunda. Aurélio – Sorva , s.f. Do lat. <i>sorba</i> , pl. de <i>sorbum</i> . 1. Sorveira. 2. Árvore apocinácea (<i>Couma utilis</i>) da floresta densa, caracterizada pelas bagas, comestíveis, do tamanho de uma cereja. O látex é doce e pode ser bebido, servido para preparar a sorva. 3. Árvore apocinácea (<i>Couma guianensis</i>) da floresta úmida, caracterizada pelos frutos bacáceos comestíveis, e cujo látex é amargo, não servindo para beber. 4. O fruto da sorva ou da sorveira. Houaiss – Sorva , s.f. lat. <i>sorba,ae</i> , pl. de <i>sorbum,i</i> no sentido de 'sorva, fruto da sorveira'; ver <i>sorv</i> -. 1. Fruto da sorveira. 2 (1899) Mesmo que sorveira (<i>Couma guianensis</i>).	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir à árvore sorveira que produz um fruto comestível e também possui um leite adocicado, pode ser consumido.	
32. Temporãozinho Adj.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Só um temporãozinho ali pra mês de maio/só um temporãozinho mas aí insignificante</i> (Entrevista 06SFM67).	
Etimologia: Temporão , adj. 'que vem ou acontece fora do tempo próprio' XIII. Do lat. * <i>tempōrānus</i> (cláss. <i>tempōrānēus</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Temporão , adj. De <i>temporāneo</i> . Que vem ou sucede antes do tempo apropriado. 2. Que amadurece primeiro que outros (falando-se de frutos); prematuro. Aurélio – Temporão , adj. Do latim vulgar * <i>temporanu</i> , 'que vem ou se faz a tempo'. 1. Que vem ou acontece fora ou antes do tempo próprio; extemporâneo. Diz-se da flor que aparece ou do fruto que amadurece antes ou depois do tempo próprio; extemporâneo. Houaiss – Temporão , adj. lat.vulg. <i>temporānus</i> derivado de(o) latim clássico <i>temporanēus,a,um</i> no sentido de 'que ocorre ou se faz num dado tempo, no tempo certo'. 1 que vem ou ocorre antes ou fora do tempo apropriado.	
Observações:	
Definição: Colheita que ocorre antes da grande safra.	
33. Abacaba sf	01 OCORRÊNCIA ~ Bacaba sf
	01 OCORRÊNCIA
<i>Num me lembro...ah não o patuá... a abacaba</i> (Entrevista 06SM67). <i>Bacaba</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: bacaba , s.f. 'espécie de palmeira (<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.)' 1833, <i>ubacába</i> c 1777, <i>bacába</i> 1817. Do tupi * <i>iŷa'kaŷa</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Bacaba , s.m. Fruto da bacabeira. 2. Bebida preparada com o suco desse fruto. Aurélio – Bacaba , s.f. Do tupi = 'fruto oleoso'. 1. Palmeira arecácea (<i>Oenocarpus circumtextus</i>) de espique anelado, folhas penatífidas, flores de um branco amarelado e drupas de tom rosa escuro, comestíveis, com as quais se fabrica bebida vinosa. O palmito é alimentício, e do lenho se faz lanças e bengalas. 4. O fruto, oleaginoso ou comestível, das palmeiras do gênero <i>Oenocarpus</i> ; macaba. Houaiss – Bacaba , s.f. tupi <i>iwa'kawa</i> (de <i>i'wa</i> no sentido de 'fruta' + <i>kawa</i> no sentido de 'gorda, graxa'). 1 design. comum a várias plantas do gên. <i>Oenocarpus</i> , da fam. das palmas 1.1 palmeira de até 20 m (<i>Oenocarpus bacaba</i>), de estipe ereto, com anéis escuros e outros verde-oliva, flores branco-amareladas e drupas roxo-escuras; bacabaçu, bacabão, bacaba-vermelha, bacabeira, mucumucu [Nativa da Amazônia, os frutos e a semente oleaginosa são comestíveis, do lenho e das folhas fazem-se obras artesanais, e da polpa aquosa produz-se vinho de bacaba, o iuquicé.]	
Observações:	
Definição: Fruto da palmeira conhecida como bacabeira que produz um vinho oleaginoso, comestível.	

34. Avivê V	01 OCORRÊNCIA
<i>Existe ou existe pessoa que começa a modelá a vida de A... a vida de B a forma de avivê</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: viver, v. 'ter ou estar com vida, existir' XIII. Do lat. <i>vīvēre</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Viver , v. Lat. <i>vivere</i> . Ter vida, estar com vida; existir. 3. Gozar, apreciar (a vida). 4. Passar a vida; existir. 9. Encorporar à própria existência. 10. Conviver, frequentar a sociedade, entreter relações. 11. Passar a vida de certa maneira, em certo estado; proceder, portar-se, comportar-se. 13. Dominar, ter poder e influência de orem. Aurélio – Viver , v. Do latim <i>vivere</i> . 1. Ter vida; estar com vida; existir. 4. Gozar a vida, sabendo aproveitá-la. 11. Entreter relações; conviver. 13. Passar a vida (de certa maneira). 15. Gozar, desfrutar, fruir (a vida). 17. Experimentar; vivenciar. Houaiss – Viver , v. lat. <i>vīvo, is, vixi, victum, vivēre</i> no sentido de 'viver, estar em vida'. 2. aproveitar (a vida) no que ela tem de melhor; gozar (a vida), passá-la bem. 9. predicativo levar a vida (de certo modo ou em determinada condição).	
Observações:	
Definição: Aproveitar a vida de forma livre, com experiências novas e sem preocupação ou influência de outras pessoas.	
35. Cacuí sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Do cacuí</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Cacuí , s.m. Planta da família das esterculiáceas (<i>theobroma speciosum</i> , Spreng). Aurélio – Cacuí , s.m. De <i>cacau</i> + <i>í</i> . Arvoreta esterculiácea (<i>Theobroma speciosum</i>) que vive na floresta úmida, de flores vermelho-escuras, que desprendem odor de limão e se organizam em cachos inseridos no tronco, e cujo fruto é pequeno, até uns 10 cm, elipsoide, amarelo e revestido de pelos, com polpa doce, comestível e inodora; as sementes fornecem chocolate de boa qualidade. Houaiss – Cacuí , s.m. <i>cacau</i> + suf. dim. tupi '-i ou -im no sentido de 'pequena dimensão'. Árvore de até 8 m (<i>Theobroma speciosa</i>) da fam. das esterculiáceas, nativa das Guianas e Amazônia, de folhas oblongas, lanceoladas, flores vermelho-escuras e frutos amarelos, elipsoides, com polpa doce e comestível [É cultivado na Bahia, com algumas variedades, as flores são as maiores do gên. e das sementes se faz chocolate de boa qualidade.]	
Observações:	
Definição: Árvore que, geralmente, é encontrada na mata e produz um fruto doce e comestível.	
36. Cascalho sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Aqui fazendo a estrada/fazendo a estrada pa nós cascalho</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: cascalho , s.m. 'conjunto das lascas das pedras' 1500.	
Registro em dicionários: Freire – Cascalho , s.m. Lascas de pedra; pedra britada. 2. Mistura de areia, seixos e cascas de crutáceo. 3. Escóiras de ferro. 4. Aluviões auríferos ou diamantinas; camada de areia ou barro, solta ou compacta, onde se encontram o diamante e o carbonato. Aurélio – Cascalho , s.m. Do latim <i>quisquilia</i> , com influência de <i>casca</i> , ou deste mais <i>-alho</i> . 2. Pedra britada ou lascas de pedra, não raro misturadas com areia grossa e fragmentos de tijolos, utilizados em materiais de construção. Houaiss – Cascalho , s.m. origem controversa. 3 Pedra britada ou lascas de pedra, que ger. se misturam com areia e fragmentos de tijolos, compondo material muito utilizado em construções.	
Observações:	
Definição: Mistura de pedras pequenas, pedregulho, utilizado para a manutenção de estrada.	

37. Derradêra Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Maio é derradêra catada já</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: derradeiro , adj. 'último extremo' XIV. Do lat. * <i>derrat(r)arius</i> , de * <i>derretrarius</i> , de retro 'para trás'.	
Registro em dicionários: Freire – Derradeiro , adj. Que fica ou vem atrás ou depois; o último, o restante. 2. Final, extremo. Aurélio – Derradeiro adj. Do latim vulgar * <i>derretrariu</i> , <i>derratrariu</i> < latim <i>retro</i> , 'para trás'. 1. Quem vem atrás; que está depois; último. 2. Extremo, final; último. Houaiss – Derradeira , adj. lat. * <i>der(r)etrārius</i> no sentido de 'último, extremo', der. do lat. <i>de-</i> + lat.tar. <i>retrarius,a,um</i> (de retro no sentido de 'para trás'). 2 que marca o último termo numa ordem temporal.	
Observações:	
Definição: Que marca o último, fim da colheita.	
38. Espuleta sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Ah nós pegava póvora. Era espuleta</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Espuleta , s.f. Do italiano <i>spoletta</i> . 1. Artefato pirotécnico destinado a produzir a inflamação da carga de arrebentamento dos projéteis, nomomento conveniente. Houaiss – Espuleta , s.f. italiano <i>spoletta</i> (1567) 'artefato destinado a provocar a explosão da carga interna do projétil', dim. de <i>spola</i> no sentido de 'lançadeira', do gótico * <i>spōla</i> no sentido de 'carretel, carrete'. 2 pequeno artefato que recebe o impacto da agulha e serve para inflamar a carga de pólvora dos projéteis das armas de fogo; estopilha.	
Observações:	
Definição: Pequeno artefato utilizado para produzir a inflamação da carga de pólvora para a produção de pequenas bombas caseiras.	
39. Partidarista sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Então a gente num sabe onde é que nós estamo... aí acaba deixando nós/ nós como assim... vamo dizê assim...nós como os mais necessitado/os mais necessitado continua/ continua e essa turma partidarista aí vão só crescendo né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: partidarista 1899.	
Registro em dicionários: Freire – Partidarista , adj. e s.m. De <i>partidário</i> + <i>ismo</i> . Paixão partidária; proselitismo. Aurélio – Partidarista , adj.2g. e s.2g. De <i>partidário</i> + <i>-ista</i> . 1. Que, ou quem segue um partido. 2. Que, ou quem é apaixonado por um partido. Houaiss – Partidarista , adj. s.2g. <i>partidário</i> + <i>-ista</i> . 1 adepto ou seguidor de um partido. 2. Fanático por um partido.	
Observações:	
Definição: Quem faz parte ou segue algum partido político.	
40. Pokan sf	01 OCORRÊNCIA
<i>As fruta que eu tenho aqui é/já é/foi fruto que eu plantei. É pokan.</i> (Entrevista PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: A forma encontrada em Freire é <i>tangerina</i> , <i>laranja-cravo</i> , <i>mexerica</i> . No Aurélio foi <i>tangerina</i> , <i>bergamota</i> ou <i>vergamota</i> , <i>laranja-cravo</i> , <i>laranja-mimosa</i> , <i>mandarina</i> , <i>mexerica</i> e <i>mimosa</i> . No Houaiss há <i>poncã</i> , <i>mexerica</i> , <i>tangerina</i> , <i>loureiro-de-jardim</i> e <i>pixirica</i> para se referir ao fruto.	
Definição: Fruta cítrica de cor alaranjada que possui gomos adocicados e aroma forte.	

41. Pupuí sm	01 OCORRÊNCIA
<i>É da mata... é sova... tucumã... pupuí ... Qual é outra?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Fruto de coloração marrom, que possui uma casca dura, tem polpa com pequenas sementes e cheiro forte. É comestível, mas pouco adocicado.	
42. Reflorestamento sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Aí já comecei com a andiroba...com seringêra...com castanha... com copaiba...o cupuaçu e então é assim HOje/hoje aí como agrícola eu tenho o açaí/tenho o açaí...tenho o cupuaçu que tudo serve como reflorestamento.</i> (Entrevista 0SM67).	
Etimologia: reflorestamento XX.	
Registro em dicionários: Freire – Reflorestamento , s.m. De <i>reflorestar</i> + <i>mento</i> . Ação de reflorestar. Aurélio – Reflorestamento , s.m. De <i>reflorestar</i> + <i>-mento</i> . Ato ou efeito de reflorestar. Houaiss – Reflorestamento , s.m. <i>reflorestar</i> + <i>-mento</i> . Restabelecimento por meios naturais ou artificiais de uma área de floresta degradada geralmente pelo fogo ou pelo corte; reflorestação.	
Observações:	
Definição: Técnica utilizada para formar novas florestas a partir do plantio de árvores em áreas que foram desmatadas ou queimadas.	
43. Rudiava V	01 OCORRÊNCIA
<i>Mas a criança...olha num esquece... pode tê o brinquedo que fô mas essa brincadeira que ele num esquece Inf.: {qué vê quando chegá aqui em casa...a casa é grande aí eles rudiava a casa e quando se junta mais um...dois dos vizinho...meu Deus... o bicho pega fogo</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: rodear XV.	
Registro em dicionários: Freire – Rodear , v. De <i>roda</i> + <i>ear</i> . Andar à oda de; percorrer em volta ou em giro. 2. Passear em voltar de; tornar. 6. Fazer círculo próximo de; espetar em volta de; acercar-se de, cercar. 14. Servir de ambiente a; envolver. 16. Trazer par ajunto de si; cercar-se. Aurélio – Rodear , v. De <i>roda</i> + <i>-ear</i> . 1. Andar em roda de; percorrer em volta ou em giro; contornar; rodar, rondar. 7. Fazer companhia a; ter convivência com; cercar. Houaiss – Rodear , v. <i>roda</i> + <i>-ear</i> . 1 andar em volta de; contornar, rodar, voltear.	
Observações:	
Definição: O mesmo que andar em roda de, estar em volta de, contornar.	
44. Varedinha sm	01 OCORRÊNCIA
<i>[...] em alguém...algumas pessoas falam que/que iam a pé carregava as coisa nas costa... na varedinha que cortava lá e varava lá perto daquela chácara que agora é do Banco Bradesco...</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: vereda, sf. 'caminho estreito, atalho' 'fig. rumo, direção' XV. Do b. lat. <i>vereda</i> , + -ADOR.	
Registro em dicionários: Freire – Vereda , s.f. Latim <i>veredus</i> . Caminho estreito; atalho, senda. 2. Rumo, direção, careira, ordem ou modo de vida. 3. Grupo de matas cercadas de campo. 4. Local fértil, com vegetação abundante. Aurélio – Vereda , s.f. Do baixo-latim * <i>vereda</i> < <i>veredu</i> , 'cabalo de posta'. 1. Caminho estreito; senda. 3. Rumo, caminho, direção. Houaiss – Vereda , s.f. provavelmente baixo-latim. <i>verēda</i> , de <i>verēdus</i> , i no sentido de 'cavalo de viagem etc.', por extensão 'rumo, direção' e 'via, caminho'.	
Observações:	
Definição: Caminho estreito aberto no meio da mata.	

2) CAMPO LEXICAL DE SAÚDE

1. Malária sf	37 OCORRÊNCIAS
<p><i>O postinho que tinha é onde fazia lâmina né de malária. {Aham}. Eu nem sei se a menina inda tá trabalhando lá no postinho ou se é na casa dela...nem sei dirêto</i> (Entrevista 07JF62).</p> <p><i>Tinha dia que tava dois trabalhando... ôtro deitado... n'ôtro dia dois deitado e um trabalhando é assim... malária é direto... aquilo era bom pa criá força. Ai graças a Deus também dispois cabô... nunca mais deu. Eu tenho mais se dez ano que não deu malária mais ninguém né? Graças a Deus</i> (Entrevista 08JM64).</p>	
<p>Etimologia: malária, s.f. ‘infecção produzida por protozoários do de <i>trahère</i> malvadez 1881 malvado <i>maluas</i> gênero <i>Plasmodium</i>’ 1899. Do it. <i>malaria</i> ‘arinsa-xiii Provavelmente do ant. provençal <i>malvat</i>, de-lubre’, de <i>mala</i> ‘má, insalubre’ e <i>aria</i> ‘ar’ maláririv. do lat. med. <i>malifatus</i> ‘desgraçado’, de <i>malum</i> co xx <i>malario</i>·log·ia xx <i>malario</i>·terap·ia xx.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Malária, s.f. [Do ital]. Febre paludosa intermitente e remitente. Aurélio – Malária, s.f. [Do it. <i>malaria</i> < it. <i>mala aria</i>, ‘ar ruim’]. Med. Infecção que pode incidir no homem e noutros mamíferos, assim como em aves e anfíbios, causada por protozoários do gênero <i>Plasmodium</i>, transmitidos por picadas de mosquitos do gênero <i>Anopheles</i> do qual há cerca de 50 espécies. Houaiss – Malária, s. f. [it. <i>malaria</i>, formado de <i>mala</i>, fem. Do adj. it. <i>malo</i> no sentido de ‘mau’ e it. <i>aria</i> no sentido de ‘ar’, em referência à ant. teoria miasmática da doença]. 1. Doença aguda ou crônica causada pela presença de parasitas apicomplexos do gên. <i>Plasmodium</i> nos glóbulos vermelhos do sangue; é transmitida de pessoa infectada a pessoa não infectada pela picada de mosquitos do gên. <i>Anopheles</i> e caracteriza-se por acessos periódicos de calafrios e febre que coincidem com a destruição maciça de hemácias e com a descarga de substâncias tóxicas na corrente sanguínea ao fim de cada ciclo reprodutivo do parasita.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Doença causada pelo mosquito <i>Anopheles</i>, parecido com o pernillongo. Os sintomas são febre alta, calafrios, cansaço, dor de cabeça e no corpo. É muito comum na região amazônica.</p>	
02. Andiroba sf	22 OCORRÊNCIAS
<p><i>A andiroba/ a andiroba eu uso com/como é cicatrizante... tipo um antibiótico né?</i> (Entrevista 06SM67). <i>[...] Ai se quisé coloca a andiroba junto</i> (Entrevista 12JM50).</p>	
<p>Etimologia: andiroba sf. ‘planta da fam. das meliáceas’ a 1667, jnhanduroba 1618, jandiroba 1730 etc. Do tupi ñalĩ’rova (< ña’gĩ’ ‘óleo, azeite’ + ‘rova ‘amargo’) andirobal xx andirobeira 1895. ândito sm. ‘vestíbulo, corredor, galeria’ xvi.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Andiroba, s.f. Tipi-guar. <i>Nhandi</i> + <i>iroba</i>. O mesmo que andirobeira. 2. Fruto da andirobeira, do qual se extrai um óleo. 3. O mesmo que castanha mineira. Aurélio – Andiroba, s.f. [Do tupi = ‘óleo amargo’]. 1. Árvore meliácea (<i>Carapa guianensis</i>) de flores pequenas, amarelas e vermelhas, casca adstringente, madeira usada em marcenaria e carpintaria; das sementes se extrai azeite. Ocorre da Amaz. à BA. Houaiss – Andiroba, s.f. 1. Árvore de até 30 m (<i>Carapa guianensis</i>), da família das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, especialmente do Brasil (AMAZ a BA), com basca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, usado em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta e, outrora, no encolhimento de crânios: <i>andiroba-branca</i>, <i>andiroba-do-igapó</i>, <i>andiroba-suruba</i>, <i>andirobeira</i>, <i>andirova</i>, <i>nandiroba</i>.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Designação geral dada ao óleo que é extraído do fruto da árvore conhecida como andirobeira. É utilizada como anti-inflamatório.</p>	

3. Caxumba sf [Ssing.]	17 OCORRÊNCIAS
<i>Caxumba né? eu tive caxumba com mais de 40 anos</i> (Entrevista 04MF61). <i>Esse que faz inchá só um lado do quêxo/só d'um lado do quêxo...esse eu acho que seria a caxumba</i> (Entrevista 10 PM58).	
Etimologia: caxumba , s.f. '(Patol.) inflamação aguda da parótida' 1899. De origem incerta, talvez africana.	
Registro em dicionários: Freire – Caxumba , s.f. Inflamação infecciosa da parótida; trasorelho, papeira. 2. Esquinência, angina, amigdalite. Aurélio – Caxumba , s.f. [De or. Afri., poss. Pop.]. V. <i>parotidite epidêmica</i> . Houaiss – Caxumba , s.f. [Orig. duv.; Nei Lopes sugere “do quimbudo ou da fusão de <i>uhaxi</i> no sentido de ‘papeira’ com <i>humba</i> no sentido de ‘coisa redonda, forma circular’, ou de <i>kiatumba</i> , part. pas. <i>kutumba</i> no sentido de ‘inchar’]. Mesmo que <i>parotidite epidêmica</i> .	
Observações:	
Definição: Inflamação que ocorre somente em um lado do queixo, geralmente se manifesta em crianças.	
4. Friêra sf	17 OCORRÊNCIAS
<i>Micose né...friêra lá no Piauí né... mas aqui eu já aprendi que quer dizê uma micose que dá entre os dedo...Graças a Deus que no meu ainda num deu não...muita gente dá</i> (Entrevista 03LF41). <i>Quando anda/anda/andá descarço naquela lama aquele/quele aí parece que o micróbio pega aí dá aquela friêra. É. Exatamente. Falava friêra</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: fri-eira → frio, adj.sm. ‘que cedeu calor’ ‘insensível, indiferente’ ‘baixa temperatura’ XIII. Do lat. <i>friābilis</i> frieira XVIII.	
Registro em dicionários: Freire – Frieira , s.f. [De <i>frio</i>]. Inflamação produzida pelo frio e acompanhada de prurido e inchação: “Em nossa terra, chama o povo frieira à ulceração produzida entre os dedos e, geralmente, entre os pedartículos” (P. A. Pinto). Aurélio – Frieira , s.f. [De <i>frio</i> + <i>-eira</i>]. 1. Inflamação causado pelo frio, e acompanhada prurido e inchação; friagem. 2. Afecção cutânea, de origem vária, localizada nos pés, principalmente nos entrededos. Houaiss – Frieira , s.f. [<i>frio</i> + <i>-eira</i>]. 1. Inflamação cutânea, de cor arroxeadada, odorosa, acompanhada às vezes de bolhas e rachaduras, causada pela exposição do organismo ao frio.	
Observações:	
Definição: Inflamação ocasionada por fungos e que se aloja nos pés e mãos, entre os dedos. Apresenta bolhas, rachaduras e coceira na região afetada.	
5. Catapora sf	10 OCORRÊNCIAS
<i>Catapora né de primeiro. {Fica toda assim...} Sarampo né? é as doença que dava de primeiro</i> (Entrevista 04MF61). <i>Óia eu não sei nem falar o nome pro'cê viu? Eu sei desse negócio coçava aquelas bolinha assim {Aham} mesmo que dava que eu sabia que sempre dava isso aqui era catapora né? {Aham} é que dava muito... em nós deu quando era pequeno... aí coçava assim...num podia coçá que inframava né? É a catapora. {Aham} E aqui mermo Graças a Deus nunca mais vi falá mais nada também né? É.</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: catapora , s.f. ‘denominação vulgar da varicela’ fraco’ 1899. De origem obscura. 1899. Do tupi <i>*tata'pora</i> , de <i>ta'ta</i> ‘fogo’ + <i>'pora</i> catauari, s.m. ‘planta da fam. das caparidáceas’ ‘que salta, que irrompe’. 1886. Do tupi <i>*katava'ri</i> . <i>catapora</i> 1836 sc .	
Registro em dicionários: Freire – Cataporas , s.f. pl. Erupção cutânea, benigna, vulgarmente conhecida por bexigas doidas. Aurélio – Catapora , s.f. Do tupi = ‘fogo que salta’. Bras. Designação vulgar da varicela; tatapora. [Tb. Se usa no pl.]. Houaiss – Catapora , s.f. [Tupi <i>tata'pora</i> , formado de <i>ta'ta</i> no sentido de ‘fogo’ e <i>'pora</i> no sentido de ‘que salta, irrompe’]. Doença infecciosa aguda, comum na infância, provocada por vírus e caracterizada por febre e erupção maculopapular rápida, seguida de erupção vesiculoeritematosa muito pruriginosa.	
Observações:	
Definição: Infecção causada por vírus e caracterizada por bolhas que causam coceira. É comum na infância.	

6. Copaíba sf	10 OCORRÊNCIAS
<i>Machucado... pra tomá também que o óleo de copaíba (Entrevista 05AM18). É copaíba também pra dô de estômago (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: copaíba , s.f. 'planta da fam. das leguminosas, de que se extrai um óleo com propriedades medicinais' 1587, copahíba 1576, cupaigba c 1584 etc. Do tupi <i>kopa'íua</i> capaibal xx copaibeira -hi- 1873 copaibuçu copaubuçu 1587.	
Registro em dicionários: Freire – Copaíba ou Copahiba , s.f. O mesmo que <i>copaibeiro</i> . 2. Substância medicinal extraída do copaibeiro e de algumas outras árvores leguminosas. Aurélio – Copaíba , s.f. [Do tupi]. Árvore cesalpiniácea (<i>Copaifera langsdorfii</i>) frondosa, de madeira avermelhada usada em marcenaria, flores alavas com máculas róseas, reunidas em raminhos, sendo o fruto uma vagem drupácea que contém uma semente. Produz um óleo medicinal espesso, viscoso, de tonalidade que vai do amarelo ao pardo. Houaiss – Copaíba , s.f. [Tupi <i>kopa'íwa</i> no sentido de 'árvore da família das leguminosas, de que se extrai óleo com propriedades medicinais']. 1. Designação comum às árvores do gênero cesalpinioídea, nativas do Brasil, de boa madeira, e cujo córtex encerra óleo medicinal; copaibeira, óleo, pau-de-óleo. 1.1. Árvore de até 40 m (<i>Copaifera officinalis</i>), nativa do Brasil (AMAZ a PI), de casca rugosa, folhas compostas, flores brancas, e vagens carnosas; <i>bálsamo, copaiba-verdadeira, copaibeira, copaíba, cupaúba, cupiúba, jatobá-mirim, óleo-branco, óleo-de-copaíba, pau-de-óleo, pau-do-óleo</i> . 2. Por metonímia; Farmacologia. Óleo extraído dessas árvores, com inúmeras aplicações medicinais, especialmente como cicatrizante, antileucorreico e antitético; bálsamo do Brasil, bálsamo de copaíba, óleo de copaíba.	
Observações:	
Definição: Designação geral dada para o óleo extraído da árvore conhecida como copaibeira. É utilizada como anti-inflamatório.	
07. Óleo de andiroba fras.	06 OCORRÊNCIAS
<i>A gente usa bastante o óleo da andiroba (Entrevista 05AM18). Eu tô com ideia de quando eu tivé produzindo bastante mermo é comprá uma máquina de/de/de pro/prá tirá o óleo da andiroba né? (Entrevista 12JM50).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários Freire, Aurélio e Houaiss consta óleo, substância gordurosa ou líquida à temperatura normal, que se extrai de plantas ou sementes, de animais ou de minerais.	
Definição: Extraído do fruto andiroba após o cozimento. É muito utilizado devido às suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes.	
08. Pandemia sf	(08 OCORRÊNCIAS) ~ Pidemia sf (01 OCORRÊNCIA)
<i>Agora muitos comércio que eu vou entregava fechô agora nessa pandemia fechô (Entrevista 04MF61). Teve as festa do guaraná. Agora/agora parô com esse negócio da pandemia né? (Entrevista 08JM64).</i>	
Etimologia: pandem-ia 1899. Do lat. cient. <i>pandēmia</i> , deriv. do gr. <i>pandēmía</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Pandemia , s.f. Gr. <i>pandemia</i> . Doença que ao mesmo tempo ataca muitos indivíduos na mesma localidade. Aurélio – Pandemia , s.f. [Do gr. <i>pandemia</i>]. Doença epidêmica amplamente difundida. Houaiss – Pandemia , s.f. [gr. <i>pandēmía,as</i> no sentido de 'o povo inteiro']. Forma de manifestação de doença infectocontagiosa devida a mutações, com aumento de virulência do agente biológico, aliadas a más condições de higiene, caracterizada por alta morbidade e mortalidade, com similitude de sintomas e grande disseminação, em curto espaço de tempo, por várias regiões do planeta.	
Observações:	
Definição: Manifestação coletiva de uma doença infecciosa que se espalha rapidamente por diferentes regiões geográficas e alcança a todos mundialmente.	

09. Prisão de ventre fras.	06 OCORRÊNCIAS
<i>Óia é... só conheço por prisão de ventre mermo</i> (Entrevista 08JM64).	
<i>Oh na verdade eu num tenho esse problema de prisão de ventre</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Prisão de ventre , s.f. Dificuldade na defecação; constipação intestinal.	
Aurélio – Prisão de ventre , loc. 1. Dificuldade de evacuar, produzida por alteração do trânsito intestinal, e que gera retenção de fezes.	
Houaiss – Prisão de ventre , loc. Mesmo que constipação (no sentido de ‘retenção de fezes’).	
Observações:	
Definição: Dificuldade que a pessoa apresenta para evacuar, mesmo com muita vontade de ir ao banheiro.	
10. Bicarbonato sm	05 OCORRÊNCIAS
<i>E às vez me dá algum problema eu tomo o bicarbonato</i> (Entrevista 10PPOM58).	
<i>O bicarbonato ele é assim. Num pôco de água cê bota uma pitadinha de cabo de garfo assim dentro de um copo de água e mexe que ele dissolve</i> (Entrevista 10PPOM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Bicarbonato , s.m. De <i>bi</i> + <i>carbonato</i> . Que contém duas vezes mais ácido carbônico que o carbonato.	
Aurélio – Bicarbonato , s.m. De <i>bi</i> + <i>cabornato</i> . Qualquer sal que contém o ânion (HCO ₃), obtido por neutralização parcial do ácido carbônico; hidrogenocarbonato.	
Houaiss – Bicarbonato , s.m. <i>bi-</i> + <i>carbonato</i> VCI, por influência do inglês bicarbonate (1819). Sal ou ânion (HCO ₃ -) derivado do ácido carbônico; carbonato ácido.	
Observações:	
Definição: Composto químico utilizado para fins medicinais.	
11. Papêra sf	05 OCORRÊNCIAS
<i>Sim. Papêra (). Minha netinha...a irmã dele mais velha... sete ano ela tem hoje papêra. É ôtro...que ela fico sem...num podia erguê nada...diz que desse...é a papêra mermo né...caxumba... aqui chamam caxumba. Pra lá...no Piauí... é papêra que fala. Ela tem sete aninho</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: pap·eira → <i>papar</i> vb. ‘comer’ ‘extorquir’ XIII. Do lat. <i>papāre</i> <i>papeira</i> XVI.	
Registro em dicionários:	
Freire – Papeira , s.f. 2. Inflamação da parótida; trasorelho.	
Aurélio – Papeira , s.f. [De <i>papo</i> + <i>-eira</i>]. 2. Bras. N. N.E. Lus. V. parotidite epidêmica. 3. Bras. Pop. V. tireomegalia.	
Houaiss – Papeira , s.f. [<i>papo</i> + <i>-eira</i>]. Mesmo que parotidite epidêmica. 2. Mesmo que tireomegalia.	
Observações:	
Definição: O mesmo que <i>caxumba</i> .	
12. Agente de saúde fras.	05 OCORRÊNCIAS
<i>Só tem a Agente de Saúde que passa tregando os cloro</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Não consta.	
Houaiss – Não consta.	
Observações: Em Freire consta agente, que opera, que exerce alguma função. No Aurélio, agente, pessoa agente. No Houaiss, agente, que o quem atua, opera.	
Definição: Indivíduo que promove ações direcionadas à prevenção de doenças. Faz parte da rede básica de saúde.	

13. Capim Santo sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Tem umas plantas que assim... só não sei... Capim Santo né que/que é bom pra dormi</i> (Entrevista 03LF41). <i>Eu tenho Capim Santo</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Capim Santo , s.m. O mesmo que capim de cheiro. Aurélio – Capim Santo , s.m. Ver capim-cheiroso. Houaiss – Capim Santo , mesmo que capim-de-cheiro (<i>Kyllinga adorata</i>).	
Observações:	
Definição: Planta que apresenta folhas compridas, ásperas e com aroma forte. É muito utilizada na preparação de chá, para fins medicinais.	
14. Covid sf [Ssing.]	04 OCORRÊNCIAS
<i>Eu vim morar aqui por gostar de morar no sítio né e por causa da Covid né? Lá não tava tendo serviço... lá onde morava mais aí resolvimo vim pra cá mais por causa desse corona né... e por gostar né</i> (Entrevista 02JM27). <i>Esse ano num conseguimos dividir/divido essa covid aí a gente não conseguiu acesso</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – COVID-19 ou covid-19 , s.2g. [acrônimo do ingl. <i>coronavirus disease</i> ‘mal do coronavírus’ + (20)19, ano em que seu surto foi relatado à OMS (a 31 de dezembro)]. 1. (s.m). Cepa de coronavírus causadora de doença infecciosa cujos primeiros sintomas são febre, cansaço e tosse seca, podendo, em pessoas com outros problemas de saúde, agravar-se e causar dificuldade de respirar. 2. (s.f). A infecção por ele causada.	
Observações:	
Definição: Doença infecciosa causada pelo coronanírus SARS-CoV-2, em 2019.	
15. Hortelã Nm [Ssing.]	04 OCORRÊNCIAS
<i>Eu tenho hortelã</i> (Entrevista 06SM67). <i>Eu faço uso da/do hortelã</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: hortelã , s.f. ‘planta da família das labiadas’ XVI.	
Registro em dicionários: Freire – Hortelã ou Hortelan , s.f. Lat. <i>hortulanus</i> . Nome comum a várias plantas da família das labiadas. Aurélio – Hortelã , s.f. Do latim tardio <i>hortulana</i> , com dissimilação. 1. Erva lamiácea (<i>Mentha viridis</i>) rasteira, cujas morfologia e propriedades se assemelham às da hortelã-pimenta. Houaiss – Hortelã , s.f. lat. <i>hortulāna</i> , fem. de <i>hortulanus, a, um</i> no sentido de ‘de horta’. 1 Designação comum a diversas plantas do gênero <i>Mentha</i> , da família das labiadas, também conhecidas como menta.	
Observações:	
Definição: Planta utilizada para fins medicinais e, geralmente, usada na produção de chá para o combate de sintomas gripais ou outras doenças.	
16. Micose sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>Aí outro chama micose depende de quem é a pessoa que tá conversando contigo né?</i> (Entrevista 01SM35). <i>Mas aqui eu já aprendi que que dizê uma micose que dá entre os dedo</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: mic(o) elem. comp., do gr. <i>mýkēs -etos</i> ‘fungo’ ‘cogumelo’, que se documenta em vocábulos eruditos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional, particularmente no domínio das ciências biológicas micose my- 1881.	
Registro em dicionários: Freire – Micose ou Mycose , s.f. Grego. <i>Mukes</i> + <i>ose</i> . Saliência esponjosa, em forma de cogumelo. 2. Princípio açucarado da cravagem do centeio. 3. Qualquer enfermidade produzida por cogumelos. Aurélio – Micose , s.f. De <i>mic(o)</i> - + <i>-ose</i> . Doença infecciosa causada por fungo. Houaiss – Micose , s.f. <i>mico-</i> + <i>-ose</i> , pelo lat.cien. <i>Mycosis</i> , vocábulo proposto em 1856 por Virchow, calcado no gr. <i>mýkēs, ētos</i> no sentido de ‘fungo’ e suf. <i>-osis</i> no sentido de ‘-ose’ ‘processo mórbido, doença’.	
Observações:	
Definição: Infecção causada por fungos e, geralmente, apresenta coceira ou rachaduras entre os dedos.	

17. Sarampo sm [Ssing.]	04 OCORRÊNCIAS
<i>Que nem pa sarampo . Cé vê pa sarampo hoje em dia é mais difícil né?</i> (Entrevista 07JF62). <i>Sarampo</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: sarampo , s.m. '(Patol.) doença infecciosa, contagiosa em excesso, mais comum na infância, causada por um vírus, e caracterizada por erupção de manchas vermelhas sobre a pele' 1844. Der. Regres. de <i>sarampão</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Sarampo , s.m. Doença febril e contagiosa, caracterizada por pintas vermelhas na pele, e que ataca de preferência as crianças. Aurélio – Sarampo , s.m. Derivação regressiva de <i>sarampão</i> . Doença infecciosa causada por vírus de elevado poder de contágio, e que apresenta exantema e pode complicar-se, entre outras condições mórbidas, com bronquite e broncopneumonia devidas a infecção bacteriana secundária. Houaiss – Sarampo , s.m. <i>sarampão</i> tomado este, por etimologia popular, como forma aum., donde o grau positivo sarampo. 1. Doença exantematosa aguda provocada por vírus, caracterizada por febre, inflamação das mucosas do trato respiratório, erupção maculopapular generalizada seguida por descamação.	
Observações:	
Definição: Infecção causada por vírus e altamente transmissível através de tosse e espirros, geralmente afeta as crianças. Apresenta manchas avermelhadas na pele, febre e mal estar.	
18. Boldo sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>E quê mais...o boldo</i> (Entrevista 10PM58). <i>Tem o boldo</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: boldo , s.m. 'planta da família das monimiáceas' XX. De provável origem araucana.	
Registro em dicionários: Freire – Boldo , s.m. Árvore monimiácea do Chile (<i>Pneumus boldus</i> , <i>Molina</i>). Aurélio – Boldo , s.m. Do espn. <i>boldo</i> (do araucano, poss). Arbusto monimiáceo (<i>Peumus boldus</i>) sempre-verde, originário do Chile, cujas folhas e caules são considerados medicinais. Houaiss – Boldo , s.m. araucano <i>boldu</i> . 1 Árvore (<i>Peumus boldus</i>) da fam. das monimiáceas, nativa do Chile, de folhas lanceoladas e frutos doces, esp. cultivada pelos ramos e folhas, de que se faz chá, muito us. contra os males digestivos; <i>boldo-do-chile</i> , <i>folha-de-boldo</i> .	
Observações:	
Definição: Planta utilizada para a preparação de chás que auxiliam no tratamento de problemas relacionados a dores de estômago ou fígado.	
19. Curuba sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Ah tal tu tá com a curuba</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu chamo curuba</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Curuba , s.f. Do tupi. O mesmo que sarna. 2. Coceira. 3. Irritação da pele produzida pelo aparecimento de calombos grossos, especialmente nas verilhas. Aurélio – Curuba , s.f. Do tupi = 'sarna'. 3. O parasita que provoca a sarna. Houaiss – Curuba , s.f. segundo Nasc, tupi ku'ruba no sentido de 'sarna, bolota, caroço'. 4 Borbulha, caroço que se forma na pele, de natureza aquosa, gasosa ou purulenta.	
Observações:	
Definição: Irritação da pele pelo aparecimento de pequenos nós grossos que causam coceira.	

20. Erva cidrêra sf	03 OCORRÊNCIAS ~ Cidrêra sf	01 OCORRÊNCIA
<p><i>Eu tenho erva cidrêra</i> (Entrevista 03LF41). <i>Capim Santo... cidrêra ... é aquela sálvia... num sei se ocês conhecem que parece... então eu tenho é... nós gosta muito de chá... nós toma chá quase todo dia de noite</i> (Entrevista 04MF61).</p>		
Etimologia: Não consta.		
Registro em dicionários:		
Freire – Não consta.		
Aurélio – Erva-cidreira , s.f. 1. Planta lamiácea (<i>Melissa officinalis</i>) originária da região do mediterrâneo, de folhas ovais, flores brancas ou róseas e frutos que são aquênios oblongos, pardos e lisos; tem uso medicinal, como antiespasmódica, antinevrálgica e calmante. 2. Planta verbenácea (<i>Lippia geminata</i> ou <i>L. citriodora</i>) nativa da América do Sul, de folhas e flores muito aromáticas, que têm uso medicinal como digestivas e antiespasmódicas e, fornecem essência usada em perfumaria.		
Houaiss – Erva-cidreira , s.f. 1. erva aromática (<i>Melissa officinalis</i>) da fam. das labiadas, originária da região do Mediterrâneo, de folhas ovais, flores brancas ou róseas e aquênios oblongos, pardos e lisos, muito us. na medicina caseira, como antiespasmódico, antinevrálgico e calmante; melissa.		
Observações:		
Definição: Planta com folhas compridas e aromáticas, usada na produção de chá. É utilizada também para fins medicinais caseiros, principalmente como calmante.		
21. Impija sf	03 OCORRÊNCIAS ~ Impinja sf	03 OCORRÊNCIAS
<p><i>Tem a tal da impija</i> (Entrevista 07JF62). <i>Eu acho que é impinja né?</i> (Entrevista 10PM58).</p>		
Etimologia: impigem <i>empigem</i> 1813. De um ant. * <i>impigem</i> , deriv. Do lat. <i>impetigĭnem</i> . É variante de <i>impetigo</i> e <i>impetigem</i> .		
Registro em dicionários:		
Freire – Impigem , s.f. Lat. <i>impetigo</i> ; <i>impetiginem</i> . Designação vulgar do impetigo.		
Aurélio – Impigem , s.f. Do latim <i>impetigine</i> . 1. Designação imprecisa, comum a várias dermatoses.		
Houaiss – Impingem , s.f. ver em <i>impigem</i> ; f.hist. 1563 <i>êpingêe</i> , 1647 <i>empigem</i> , 1713 <i>empigem</i> . 1. designação vulgar de várias dermatoses; impigem . Impigem , s.f. lat. <i>impetĭgo, ĭnis</i> no sentido de 'erupção da pele'; comparativo <i>impetigem</i> , <i>impetigo</i> e <i>impingem</i> ; ver <i>impetig-</i> ; f.hist. 1576 <i>impigem</i> , 1562 <i>empigem</i> . Mesmo que <i>impingem</i> .		
Observações: Em Freire consta <i>impetigo</i> , dermatose auto-inoculável, caracterizada pelo aparecimento de pústulas de vários tamanhos, agrupadas ou isoladas, que se transformam em crostas espessas, gretadas e amarelas; <i>impigem</i> .		
Definição: Infecção na pele causada por fungos. Apresenta manchas avermelhadas e coceira.		
22. Mastruz sm	03 OCORRÊNCIAS	
<p><i>Eu faço uso da/do hortelã e do mastruz que é da região né?</i> ((Entrevista 10PM58).</p>		
Etimologia: mastruço , s.m. 'planta medicinal da família das <i>crucíferas</i> ' XV, <i>masturço</i> XVI Do lat. * <i>mastŭrtĭum</i> , por <i>nasturtium</i> .		
Registro em dicionários:		
Freire – Mastruz , s.m. Erva medicinal, também chamada mastruço (<i>Chenopodium ambrosioides</i> , L.).		
Aurélio – Mastruz , s.m. Mastruço.		
Houaiss – Mastruz , s.m. mesmo que mastruço (<i>Coronopus didymus</i>).		
Observações: Mastruço, s.m. prov. do lat. vulg. * <i>masturtiu</i> por <i>nasturtium, i</i> no sentido de 'mastruço (planta hortense). 1 erva de até 50 cm (<i>Coronopus didymus</i>), da fam. das crucíferas, vilosa e fétida, com folhas penatipartidas, flores frequentemente assépalas e síliquas bilobadas, nativa das Américas e cultivada por propriedades excitantes, peitorais, vermícidas e antiescorbúticas; <i>mastruço-do-brasil</i> , <i>mastruz</i> , <i>masturço</i> , <i>mentrasto</i> , <i>mentruz</i> .		
Definição: Planta medicinal utilizada para tratar da má digestão e fortalecer o sistema imunológico.		

23. Óleo de copaíba fras.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Machucado... pra tomá também que o óleo de copaíba e o óleo de andiroba... eu não lembro pra que especialidade...mas eles fazem bem</i> (Entrevista 05AM18). <i>Aí eu uso a andiroba e o óleo da copaíba</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Óleo branco , s.m. O mesmo que copaíba verdadeira. Óleo vermelho , s.m. Planta brasileira da família das leguminosas-papilionáceas (<i>Myrospermum erythroxyllum</i>). 3. O mesmo que <i>copaíba-jutái</i> . 4. O mesmo que <i>copaíba vermelha</i> . Aurélio – Não consta. Houaiss – Óleo de copaíba . Mesmo que <i>copaíba</i> . Conferir <i>óleo-de-copaíba</i> .	
Observações:	
Definição: Extraído do tronco da árvore conhecida como copaibeira. É muito utilizado devido às suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes.	
24. Sálvia sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>[...] é aquela sálvia ... num sei se ocês conhecem que parece</i> (Entrevista 04MF61). <i>A própria sálvia /a própria sálvia</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: salva , s.f. 'erva da família das labiadas (<i>Salvia officinalis</i>), nativa da região mediterrânea, usada como medicinal' XVI. Do lat. <i>salvia -ae</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Sálvia , s.f. Lat. <i>salvia</i> . O mesmo que salva das boticas. Salva, s.f. Lat. <i>salvia</i> . Nome de várias plantas labiadas, liliáceas, verbenácea e compostas. Aurélio – Sálvia , s.f. Do tax. <i>Salvia</i> (do lat. <i>Sálvia</i>). 1. Gênero de plantas <i>lamiáceas</i> , <i>herbáceas</i> ou arbustivas, dotadas de flores de vários tamanhos e cores que têm cálice aberto bilabiado e duas anteras, uma delas ereta e perfeita, e a outra descaída e estéril. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, por exemplo, a <i>Salvia officinalis</i> . Houaiss – Sálvia , s.f. lat.cien. gên. <i>Salvia</i> (1735), do lat. <i>salvia,ae</i> no sentido de 'salva'. 1 design. comum às ervas e arbustos do gên. <i>Salvia</i> , da fam. das labiadas, que reúne 900 espécies, nativas de regiões tropicais a áreas temperadas, esp. das Américas, do Himalaia e do sudoeste da Ásia [Muitas ocorrem na Turquia, várias são cultivadas como ornamentais, esp. <i>Salvia splendens</i> , nativa do sul do Brasil, por folhas usado como medicinais e em culinária, ou por frutos e sementes de que se fazem licores e outras bebidas, ou de que se extrai óleo us. em pintura.] 1.1 Mesmo que salva (<i>Salvia officinalis</i>).	
Observações:	
Definição: Planta medicinal utilizada para chá que auxilia no alívio de problemas relacionados à prisão de ventre ou azia.	
25. Barriga inchada fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>A barriga inchada né?</i> (Entrevista 12JM50). <i>É...tá com a barriga inchada.</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários Freire e Aurélio, consta barriga.	
Definição: Sensação desconfortável ou inchaço na região da barriga. Geralmente é causada por acúmulo de gases ou má digestão.	

26. Cocêrinha boa fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Rapaz tá com uma cocêrinha boa aí</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários consta coceira. Em Freire – Coceira, s.f. De <i>coçar</i> + <i>eira</i> . Grande comichão, prurido. 3. Sarna. No Aurélio – Coceira, s.f. De <i>coçar</i> + <i>-eira</i> . 2. Irritação cutânea causada pela ação de coçar, devida a prurido. E, no Houaiss – Coceira, s.f. <i>coçar</i> + <i>-eira</i> . 1 mesmo que prurido. 1.1 forte vontade de se coçar. 2. Irritação cutânea provocada pelo ato continuado de coçar(-se).	
Definição: Forte vontade de coçar uma área da pele, o que causa uma sensação gostosa de alívio.	
27. Chapéu de côro fras	02 OCORRÊNCIAS
<i>Tem chapéu de côro que eu acho que tem muita gente que nem conhece o que é chapéu de côro</i> (07JF62).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Chapéu de couro , s.m. Erva da família das alismatáceas, também chamada chá da campanha, erva do brejo e erva do pântano (<i>Echinodorus macrophyllum</i> , Micheli). Aurélio – Chapéu de couro , s.m. Variação de chapéu-de-coiro. Erva alismatácea (<i>Echinodorus macrophyllum</i>), ereta e ornamental, cujos frutos contém apenas uma semente, cujas flores são tidas por medicinais, e que vive em terrenos pantanosos de águas rasas; chá-da-campanha, erva-do-brejo, erva-do-pântano. Houaiss – Chapéu-de-couro , s.m. 1 angios erva (<i>Echinodorus macrophyllum</i>) da fam. das alismatáceas, nativa do Brasil (MG, SP até RS), que vegeta em locais pantanosos, de folhas coriáceas, flores dispostas em racemos e aquênios com uma semente; chá-da-campanha, erva-do-brejo, erva-do-pântano [A planta é ornamental e própria para aquários, tem uso medicinal e a infusão das folhas fornece chá laxativo.]	
Observações:	
Definição: Planta medicinal que possui propriedades anti-inflamatórias, utilizada para o tratamento de infecções, problemas de pele, dores reumáticas e artrite.	
28. Corona sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Aí resolvi vim pra cá mais por causa desse corona né e por gostá também</i> (Entrevista 02JM27). <i>Aí quando ela chegô...ela/ela pegô corona</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: corona , s.f. '(Bot.) conjunto de apêndices ligulares que se encontram nas corolas de muitas plantas' 1844. Do lat. <i>cōrōnam</i> , deriv. Do gr. <i>korōnē</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Corona , s.f. O mesmo que coroa. Aurélio – Corona , s.f. Do lat. <i>corona</i> 'coroa'. 1. Conjunto de apêndices ligulares que se encontram nas corolas de muitas plantas. Houaiss – Corona , s.f. lat. <i>corōna</i> ,ae no sentido de 'coroa'; divg. culto de coroa. 3 mesmo que coroa (no sentido de 'apêndice').	
Observações:	
Definição: Forma reduzida de coronavírus.	

29. Alergia sf	02 OCORRÊNCIAS ~ Alergia sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Isso é uma alergia né?</i> (Entrevista 10PM58). <i>Num é alergia não?</i> (Entrevista 04MF61).		
Etimologia: alergia s.f. ‘aversão, repulsa’ (Med.) hipersensibilidade a determinadas substâncias e agentes físicos’ XX. Do fr. Allergie.		
Registro em dicionários: Freire – Alergia ou Allergia , s.f. Grego <i>allos</i> + <i>ergon</i> + <i>ia</i> . 1. Intolerância do organismo para certos agentes físicos, químicos ou biológicos, apresentando sintomas anômalos, completamente diversos dos da ação comum do medicamento ou vírus. 2. Suscetibilidade anormal que o organismo adquire após a primeira ação de um medicamento ou vírus, reagindo diversamente à aplicação subsequente da mesma substância. 3. Suscetibilidade do organismo à ação de certas substâncias inofensivas para a maioria dos indivíduos da mesma espécie. Aurélio – Alergia s.f. De <i>al(o)-</i> + <i>-erg(o)-</i> + <i>-ia</i> . 1. Designação de hipersensibilidade causado por exposição a determinado antígeno, dito alergênico, sendo observadas reações imunológicas nocivas se houver subsequentes exposições a este mesmo alergênico. Houaiss – Alergia , s.f. fr. <i>allergie</i> (1922) ‘modificação de um organismo por um vírus tal que uma reinoculação desse organismo pelo mesmo vírus provoca reações diferentes daquelas provocadas com a primeira inoculação’. 1 reação anormal e específica do organismo após sensibilização por uma substância estranha que não gera problemas na maioria dos indivíduos.		
Observações:		
Definição: Condição que afeta o sistema imunológico e causa uma reação anormal no corpo, com distintos sintomas a partir do contato com diferentes substâncias externas como poeira, medicamentos e alimentos.		
30. Empachado Adj.		02 OCORRÊNCIAS
<i>Empachado que o povo fala muito né? Fica empachado né?</i> (Entrevista 04MF61).		
Etimologia: Empachar, v. ‘obstruir, empanturrar, empanzinar’ XV. Do ant. fr. <i>empechier</i> (hoje <i>empêcher</i>), deriv. Do lat. tard. <i>impediċare</i> <i>empachado</i> <i>êpachado</i> XIV.		
Registro em dicionários: Freire – Empachado , adj. De <i>empachar</i> . Obstruído, sobrecarregado, repleto, cheio. 5. Que tem o estômago muito sobrecarregado de alimento; empanturrado, empanzinado. Aurélio – Empachado , adj. Part. de <i>empachar</i> . 1. Diz-se do estômago muito cheio, sobrecarregado, obstruído. 2. Que tem o estômago empachado. Houaiss – Empachado , adj. part. de <i>empachar</i> ; ver <i>ped(i)-</i> e <i>empach-</i> ; f.hist. sXV <i>empachado</i> , sXV <i>êpachado</i> . 1.1 (1959) sobrecarregado de comida; empanturrado, empanzinado, farto.		
Observações:		
Definição: Sensação de estômago cheio, sobrecarregado de alimento.		
31. Favaca sf		02 OCORRÊNCIAS
<i>EnTÃO aí ó... não pra quem quisé...aí que mais? A favaca ... eu tenho o capim santo...a favaca...tenho o manjerição e aí arrocha no bucho que o gás sai que sai tinindo</i> (Entrevista 06SM67).		
Etimologia: alfavaca , s.f. planta hortense da fam. das labiadas’ [XVIII, alfauega XIV, alfauava XVI] Do ár. hisp. al-ḥabāqā.		
Registro em dicionários: Freire – Alfavaca , s.f. Árabe <i>al-hahaca</i> . Gênero de plantas da família das labiadas, de que muitas espécies são cultivadas nos jardins por causa do aroma e da beleza das folhas. Aurélio – Alfavaca , s.f. Do árabe <i>al-habaqa(t)</i> . 1. Arbusto lamiáceo (<i>Ocimum gratissimum</i>) lenhoso, de pequenas folhas ovadas, lanceoladas, serradas, flores lilases ou amarelo-esverdeadas, racemosas, e frutos capsulares; alfavaca-do campo, basilicão, manjerição, manjerição-cheiroso, manjerico, segurelha. Tem uso medicinal. Houaiss – Alfavaca , s.f. ár. <i>al-habāqa</i> , forma magrebina; var. alfava, alfabaca, alfávega e alfádega. 1 Comum a várias plantas, arbustivas ou herbáceas, do gên. <i>Ocimum</i> , da fam. das labiadas.		
Observações:		
Definição: Planta medicinal utilizada em chás que auxiliam no tratamento da prisão de ventre e que pode ser utilizada como tempero para alimentos.		

32. Garrafada sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Que faz remédio de planta? Eu mesmo não. A minha mãe ia direto. Pegava aquele de garrafada</i> (Entrevista 13SF42).	
<i>Uma mulhé que tinha lá que fazia os remédios. As garrafadas lá</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: garrafada 1873.	
Registro em dicionários:	
Freire – Garrafada , s.f. Conteúdo líquido de uma garrafa. 3. Beberagem que os curandeiros preparam e vendem às garrafas.	
Aurélio – Garrafada , s.f. De <i>garrafa</i> + <i>-ada</i> . 1. O conteúdo de uma garrafa. 2. Medicamento líquido contido em uma garrafa. 4. Beberagem de curandeiro aplicada como remédio.	
Houaiss – Garrafada , s.f. <i>garrafa</i> + <i>-ada</i> . 1 medicamento líquido. 1.1 beberagem preparada e vendida como remédio por curandeiros. 2 o conteúdo líquido de uma garrafa.	
Observações:	
Definição: Combinação de diversas plantas medicinais em conteúdo líquido, armazenado em garrafas, para o tratamento caseiro de diversas doenças.	
33. Gases sm	02 OCORRÊNCIAS
Gases (Entrevista 05AM18).	
[...] Gases (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Gases , s.m. Ventosidade do estômago ou dos intestinos.	
Aurélio – Gases , s.m. Do plural de gás. Vapores do estômago e dos intestinos; ventosidades.	
Houaiss – Gases , s.m. Mistura, no tubo digestório, de ar deglutido e produtos voláteis oriundos de fermentação.	
Observações:	
Definição: Gás intestinal que causa desconforto abdominal.	
34. Pano branco fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>É isso aí é negócio de pano branco né?</i> (Entrevista 08JM64).	
<i>Às vezes uma/pano branco</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Não consta.	
Houaiss – Pano branco, s.m. Mesmo que <i>pitíriase versicolor</i> .	
Observações: No Aurélio consta pitíriase, designação comum a diversas dermatoses caracterizadas pela produção de escamas que se esfarelam.	
Definição: Infecção causada por fungos que apresenta manchas brancas, escuras ou avermelhadas na pele.	
35. Remédio casêro fras.	02 OCORRÊNCIA
<i>Remédio casêro você fala?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Não consta.	
Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir aos remédios que são produzidos pela utilização de ervas medicinais de modo caseiro.	

36. Remédio natural fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Então eu acredito muito nessas pessoa assim que faz remédio casêro... remédio natural (Entrevista 01HM35).</i>	
<i>Até a associação tem uma bomba lá pra passá um remédio natural lá que eles falam que é pra não pegá (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Em Freire consta remédio, tudo o que cura ou a que se atribui a propriedade de curar; o que restabelece na economia a ordem, a marcha regula das funções perturbada por algum mal; medicamento que cura a dor física. No Aurélio consta remédio, aquilo que combate mal, dor ou doença. No Houaiss, substância ou recurso utilizado para combater uma dor, uma doença.	
Definição: Remédio produzido por plantas medicinais que são retirados diretamente da fonte, sem adição de qualquer outra substância que não seja a da planta.	
37. Vacinô V	02 OCORRÊNCIAS
<i>Veio. Vacinô quem tinha problema de saúde... vacinô todo mundo e acima de... (Entrevista 12JM50).</i>	
Etimologia: Vacinar -cci- 1844 adapt. do fr. <i>vacciner</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Vacinar ou Vaccinar , v. De <i>vacina</i> + <i>ar</i> . Inocularou transmitir por meio do vacinador a (alguém) a substância vacínica, que se extrai de outrem, recentemente vacinado. 2. Inocular em (alguém) o vírus de qualquer doença contagiosa, como meio preservativo da mesma doença. Aurélio – Vacinar , v. De <i>vacina</i> +- <i>ar</i> . 1. Introduz uma vacina no organismo de (homem ou outro animal), ou para criar imunidade em relação à infecção correspondente (variação preventiva) ou para desenvolver as defesas do organismo contra infecção já instalada (vacinoterapia). Houaiss – Vacinar , v. <i>vacina</i> + - <i>ar</i> ; ver <i>vacin(i/o)</i> -; f.hist. 1836 <i>vaccinar</i> . Imunizar o organismo de (pessoa, animal, coletividade ou de si próprio) contra agentes patogênicos (micróbios, vírus etc.), por meio de vacina.	
Observações:	
Definição: Dar ou receber uma vacina que contém o vírus, bactérias ou micróbios, para o desenvolvimento de anticorpos e criação de imunidade.	
38. Varicela sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Tem a varicela né? (Entrevista 07JF62).</i>	
<i>Varicela (Entrevista 08JM64).</i>	
Etimologia: varicela, s.f. ‘catapora’ 1858. Do fr. <i>varicelle</i> , de <i>variole</i> ‘variola’, com provável infl. de varicocèle ‘varicocele’.	
Registro em dicionários: Freire – Varicela ou Varicella , s.f. Francês <i>varicelle</i> . Doença infecciosa e contagiosa, ordinariamente benigna, caracterizada por uma erupção de pequenas bolhas, que secam ao cabo de alguns dias. Aurélio – Varicela , s.f. Do fr. <i>varicelle</i> . Doença infecciosa causada por vírus, contagiosa, de ordinário benigna, e que se caracteriza por febre acompanhada de máculas [v. mácula] que evoluem para pequenas bolhas, posteriormente surgindo crostas; embora, de ordinário, benigna, há casos em que apresenta gravidade, tanto em crianças como em adultos. Houaiss – Varicela , s.f. fr. <i>varicelle</i> (1764) (no sentido definido), der. irregular de <i>variole</i> no sentido de ‘variola’; f.hist. 1858 <i>varicélla</i> . Mesmo que <i>catapora</i> .	
Observações:	
Definição: Mesmo que catapora.	

39. Bicho de pé sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Cara depende porque é bem interessante porque no verão aqui dá muito...assim vamo sê bem sincero dá muito bicho de pé ... porque divido a terra tá muito seca né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Bicho de pé , s.m. Inseto parasitário do homem e dos animais (<i>Culex penetrans</i>). Aurélio – Bicho-de-pé , s.m. Ver <i>bicho-do-pé</i> . Houaiss – Bicho-de-pé , s.m. Inseto sifonáptero (<i>Tunga penetrans</i>) da fam. dos <i>tungídeos</i> , de presumida origem sul-americana; relativamente comum nas zonas rurais, a fêmea fecundada penetra na pele do homem ou de outros animais, causando ulceração.	
Observações: No dicionário de Freire há também <i>bicho de porco</i> para designar o <i>bicho de pé</i> . No Aurélio <i>bicho-do-pé</i> é inseto sifonáptero, hectopsílideo (<i>Tunga penetrans</i>) da região neotropical, cuja fêmea, fecundada, penetra na pelo do porco ou do homem, onde seu abdome se infla, repleto de ovos; originário da América do Sul, atualmente é encontrado também na África.	
Definição: Designação dada a um tipo de pulga que se hospeda no pé humano e desencadeia coceira e dor.	
40. Bicho geográfico sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Bicho geográfico né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Bicho-geográfico , s.m. Ver <i>larva migrans</i> .	
Observações: Nos dicionários de Freire e Aurélio consta bicho ser do reino animal, com exceção do homem; animal. No Houaiss, <i>Larva migrans</i> , loc. subs. larva nom. sing. de <i>larva,ae</i> no sentido de 'larva' e <i>migrans</i> nom. sing. de <i>migrans,antis</i> , part. pres. lat. de <i>migrāre</i> no sentido de 'migrar'.	
Definição: Designação dada à um parasita que habita o intestino de cães e gatos e se instala na pele humana. Causa irritação e coceira.	
41. Chá de noz moscada sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Rapaz...é tanto chá...é chá de noz moscada...é chá... principalmente de noz moscada...</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Em Freire consta chá, nome genérico de várias plantas de que se faz infusão. No Aurélio consta chá, designação comum a diversas plantas de que se faz essa infusão. No Houaiss chá, porção de folhas preparadas para infusão.	
Definição: Tipo de chá que auxilia no tratamento de prisão de ventre.	
42. Crajiru sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Tem aquele...como é que é? crajiru né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Planta medicinal encontrada na mata que auxilia no tratamento de anemia.	

43. Elergia de pele fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Elergia de pele né?</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Irritação ou reação inflamatória com o surgimento de coceira e/ou vermelhidão na pele.	
44. Erva Santa Maria sf	01 OCORRÊNCIA
<i>O nome mastruz que lá pra nós pra 'quela região é erva Santa Maria</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Erva de Santa Maria . s.f. Planta medicinal, quenopodiácea; mastruzo, mentruz. 2. Planta anual, o mesmo que berradura. Aurélio – Erva-de-santa-maria , s.f. De <i>erva</i> + <i>de</i> + o hag. <i>Santa Maria</i> . 1. Planta quenopodiácea (<i>Chenopodium ambrosioides</i>) de caule herbáceo e decumbente, cujas folhas são ovais, sinuosas e serradas, de cheiro muito ativo, sabor acre, consideradas vermífugas, sendo as flores esverdeadas, reunidas em glomérulos; cacica, caperçoba, erva-santa-maria, erva-de-bicho. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Planta medicinal também conhecida como mastruz.	
45. Falta de digestão fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>O que eu sinto de vez em quando é uns problema de falta de digestão né no estômago</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Sensação de desconforto, dor ou queimação na região próxima ao abdome, após a refeição.	
46. Inimia sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Faz do melão Caetano com picção pa/pa inimia é bom</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: anemia, s.f. ‘diminuição da hemoglobina do sangue circulante’ 1858. Do fr. <i>anémie</i> , deriv. do gre. <i>anaimía</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Anemia , s.f. Grego <i>anaimia</i> . Estado patológico caracterizado pela insuficiência da qualidade ou da quantidade do sangue. 2. Indivíduo anêmico. 3. Fraqueza. Aurélio – Anemia , s.f. Do grego <i>anaimía</i> . Deficiência de hemácias ou hemoglobina no sangue circulante. 2. Debilidade, fraqueza. Houaiss – Anemia , s.f. lat.cien. <i>anemia</i> ou <i>anaemia</i> e, este, do gr. <i>anaimía</i> no sentido de 'falta de sangue', talvez por infl. do fr. <i>anémie</i> (1722) (no sentido definido); ver <i>a(n)- e -emia</i> ; f.hist. 1845 <i>anémia</i> . 1 estado em que o número de hemácias e o teor de hemoglobina se encontram abaixo do normal, freq. produzindo sintomas como palidez, falta de energia e fadiga.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que aparenta ter ‘falta de sangue’ e apresenta cansaço, tontura e fraqueza.	

47. Machucado sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Machucado ... pra tomá também que o óleo de copaiba e o óleo de andiroba</i> (Entrevista 05AM18). <i>Tem uns que arde o dedo assim cê num aguenta abri o dedo do machucado</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: De origem controversa machucado 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Machucar , v. Espanhol machucar. Esmagar (qualquer corpo) com o peso ou dureza de outro; quebrar esmigalhando. Aurélio – Machucado , s.m. 3. Efeito de machucar-se; contusão, pisadura, machucadura, machucação, machucão. 4. Lugar ou parte machucada. Houaiss – Machucar , s.m. part. de machucar. 6 resultado da ação de machucar(-se); contusão, ferida, machucação, machucadura, machucão. 7 local que se machucou.	
Observações:	
Definição: Designação comum para qualquer tipo de ferimento ou lesão.	
48. Mamona sf	01 OCORRÊNCIA
<i>É mamona</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: mamona, s.f. ‘planta da fam. das euforbiáceas, o fruto dessa planta’ 1813. Do quimbundo um’mono, com interferência de mamão, provavelmente.	
Registro em dicionários: Freire – Mamona , s.f. Semente de rícino. Tecido de algodão, fabricado em Bengala. Aurélio – Mamona , s.f. Do quimb. mumono, com influência de mamão. 1. Planta euforbiácea (<i>Ricinus communis</i>) medicinal, de fruto capsular ovoide, achatado, de tamanho variável, com superfície lisa, brilhante e acinzentada, e da qual se extrai o óleo de rícino; mamoneira, mamoneiro, carrapateira, carrapateira-branca, carrapato, caturra. Houaiss – Mamona , s.f. 1 fruto da mamoneira, uma cápsula tricoca com espinescências moles; baga. 2 semente desse fruto, com tegumento rajado de preto e com uma pequena carúncula; baga, carrapato.	
Observações:	
Definição: Fruto da mamoneira utilizado como purgante, laxante, em que leva o indivíduo a defecar.	
49. Peida na cueca fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Ah aí a gente bagunça muito né? e aí tal sei lá tinha muitos "ei peida na cueca"</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Em freire consta peidar, de <i>peido</i> + <i>ar</i> . Emitir ventosidades pelo anus, com estrépito.	
Definição: Indica que uma pessoa está com prisão de ventre e solta gases com frequência.	
50. Peidão Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>[...] outro "ei peidão"</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Peidão , adj. Que peida muito. Aurélio – Não consta. Houaiss – Peidão , adj. e s.m. <i>peido</i> + <i>-ão</i> . Que ou aquele que peida muito.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que solta muitos gases expelidos pelo ânus.	

51. Rói-rói sm [repetição do V. roer na 3ª pessoa do sing. do presente indicativo]	01 OCORRÊNCIA
<i>Tem gente que fala rói-rói (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Rói-rói , s.m. Da 3ª pessoa do singular do presente indicativo de roer, repetida. 1. Ver reco-reco. 2. Ver zunidor. Houaiss – Rói-rói , s.m. 1 Mesmo que reco-reco (no sentido de 'haste'). 2. Mesmo que zunidor (no sentido de 'instrumento cerimonial').	
Observações:	
Definição: Infecção de pele causada por fungos, geralmente aparece entre os dedos dos pés. Apresenta vermelhidão, coceira e rachaduras na área afetada.	
52. Pé de sacaca fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Aqui eu tenho pé de sacaca (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários não consta pé de sacaca, mas apresenta-se a forma sacaca. Em Freire é o mesmo que cajucara. No Aurélio, arvoreta euforbiácea (<i>Croton cajucara</i>) da floresta úmida, de flores inconspícuas, reunidas em cachos, casca aromática, que entra na composição de saquinhos para perfurar roupa guardada, e madeira amarelada e mole. No Houaiss, Mesmo que cajucara (<i>Croton cajucara</i>).	
Definição: Árvore que possui casca e folhas utilizadas para chás e produção de óleo com fins medicinais, alívio de dores estomacais.	
53. Solta um gás fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Pra quem tá com prisão... solta um gás assim (Entrevista 01HM35).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Gases intestinais que são liberados quando uma pessoa está com prisão de ventre.	
54. Sucuba sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Sucuba também é uma árvore do mato né que dá um leite (Entrevista 12JM50).</i>	
Etimologia: sucuba, s.f. 'planta da família das apocináceas' sucúba c 1777, sucuba 1817 etc. Do tupi * <i>suku'üya</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Sucuba , s.f. Árvore silvestre, que destila, por incisão, um líquido branco. Aurélio – Não consta. Houaiss – Sucuba , s.f. f.hist. c1777 sucúba, 1817 sucuba, 1899 succuba. Mesmo que <i>sucuuba</i> .	
Observações:	
Definição: Árvore que possui propriedades medicinais e de onde se extrai o leite e as folhas para o tratamento de gastrites ou tumores.	

3) CAMPO LEXICAL DE CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

1. Irmão sm	21 OCORRÊNCIAS
<i>Eu e meus irmão ia um dia... uma semana... aí passava o resto do ano sem í né? (Entrevista 03LF41). Isso...esse menino que tá aí é meu irmão ...que eles vieram lá de Alvorada né? (Entrevista 07JF62).</i>	
Etimologia: irmão, s.m. 'filho dos mesmos pais ou de um deles apenas' 'membro de confraria' XIII, ermano XIII etc. Do lat. <i>germānus</i> coirmão coirmaão XIII desirmanar XVII germano adj. S.m. 'que procede do mesmo pai e da mesma mãe' 'fig. verdadeiro, puro' XVI.	
Registro em dicionários: Freire – Irmão , s.m. lat. <i>germānus</i> (sc. <i>frater</i>) 'nome da relação de parentesco entre duas ou mais pessoas que são filhas dos mesmos pais', masc. substv. de <i>germānus,a,um</i> no sentido de 'que é da mesma raça', por oposição a <i>affinis</i> no sentido de 'aparentado por aliança' e <i>adoptivus</i> no sentido de 'adotivo', de <i>germen,inis</i> no sentido de 'germe, renovo, pimpolho; descendente, progenitura, prole, raça, filho. 1 aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe; irmão bilateral, irmão germano. 4.1 fig. amigo íntimo e dedicado; companheiro inseparável. Aurélio – Irmão , s.m. Do latim <i>germanu</i> . 1. Filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai (irmão consanguíneo) ou só da mesma mãe (irmão uterino), em relação a outro(s) filho(s). 9. Companheiro; camarada; meu chapa. Houaiss – Irmão , s.m. lat. <i>germānus</i> (sc. <i>frater</i>) 'nome da relação de parentesco entre duas ou mais pessoas que são filhas dos mesmos pais', masc. substv. de <i>germānus,a,um</i> no sentido de 'que é da mesma raça' [...]. 1 Aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe; irmão bilateral, irmão germano. 4. Pessoa do sexo masculino a quem alguém se liga para um fim comum ou ajuda mútua ou a quem se considera unido por sentimentos de fraternidade universal. 4.1. Amigo íntimo e dedicado; companheiro inseparável.	
Observações:	
Definição: Aquele que possui algum tipo de ligação com o outro, seja afetiva, biológica ou adotiva.	
02. Mão de vaca fras.	13 OCORRÊNCIAS
<i>Mão de vaca. Como é que a gente vai tê um dinhêro que é pa gastá e num gasta né? Haja...é muita bobage pra eu... guarda...eu num guardo não... vai que amanhã eu vou me embora e fica a criá raiz (Entrevista 03LF41). Ah mão de vaca...mão fechada (Entrevista 11PM24).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Mão de vaca , s.2g. 3. Pop. Indivíduo mesquinho, avaro. [Pl.: mãos de vaca]. Houaiss – Mão de vaca , Loc. 4. Brasileirismo informal. Pessoa avarenta, pão-duro, sovina.	
Observações: No dicionário de Freire há “mão de finado” para referir-se a uma pessoa avarenta e sovina. Há também “mãos atadas” para pessoa sovina.	
Definição: Indivíduo que não gosta de gastar seu dinheiro e faz de tudo para economizar.	
03. Burro adj	12 OCORRÊNCIAS
<i>Eu chamo de burro mermo (Entrevista 11PM24). Eu falo/eu falo de burro (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: burro, adj. s.m. 'asno, jumento' 'ext. teimoso. estúpido' XIV. Do lat. <i>burrīcus</i> 'cavalo pequeno'.	
Registro em dicionários: Freire – Burro , adj. Lat. <i>burrus</i> . Asnático, tolo, estúpido, grosseiro. Aurélio – Burro , s.m. Derivação regressiva de burrico. 8. Indivíduo bronco, curto de inteligência; asno, burego, estúpido, imbecil, jerico, jegue, jumento, orelhudo. Adj. 12. Curto de inteligência, bronco, estúpido, imbecil, burego, asinino. Houaiss – Burro , adj e s.m. regr. do dim. lat. <i>bur(r)īcus</i> no sentido de 'cavalinho', que daria a acepção 'jumento' e, por extensão, 'indivíduo estúpido, pouco inteligente, teimoso'; pouco provavelmente origem do lat. <i>burrus,a,um</i> no sentido de 'de cor ruça' e 'corado, após comer e beber' que daria a acepção. 'estúpido' e daí, por extensão, 'jumento'; ver <i>burr-</i> . 34. Que ou aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo. 35. Que ou o que é ignorante, falto de informação, de cultura.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que apresenta dificuldades de aprender as coisas.	

04. Boi sm	11 OCORRÊNCIAS
<i>Então tipo assim um boi sem chifre é um animal indefeso... porque tem muita força... mas se não tivé um chifre pa furá o outro geralmente... boi né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: boi, s.m. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da família dos bovídeos’ XIII. Do lat. <i>bōvem</i> ;	
Registro em dicionários: Freire – Boi , s.m. Lat. <i>bos</i> ; <i>bovem</i> Quadrúpede ruminante, da família dos vovídeos, que serve principalmente para os trabalhos do campo ou de carga, e para a alimentação do homem (<i>Bos taurus</i>). Aurélio – Boi , s.m. Do latim <i>bove</i> . 1. Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bovídeo, pertencente ao gênero <i>Bos</i> . Os chifres são em par, ocos, não ramificados, permanentes. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem. Houaiss – Boi , s.m. lat. <i>bos</i> , <i>bōvis</i> no sentido de ‘boi, vaca’. 5. Marido ou companheiro traído pela mulher.	
Observações:	
Definição: Designação dada para o homem que é traído pela mulher.	
05. Calotêro sm	08 OCORRÊNCIAS
<i>[...] é calotêro e assim vai... (Entrevista 06SM67). É como fala... é calotêro né? [...] É melho calotêro que é mais fácil. Ai JESUS (Entrevista 04MF61).</i>	
Etimologia: calote sm. ‘dívida não paga e/ou contraída sem intensão de pagamento’ -llo- XVII De origem controvertida; talvez do fr. <i>culotte</i> , termo do jogo de dominó, que designa ‘as pedras com que cada parceiro fica na mão, por não poder colocá-las’ calotear 1813 caloteiro 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Caloteiro , s.m. [De <i>calote</i> + <i>eiro</i>]. Indivíduo que caloteia; mau pagador. Aurélio – Caloteiro , adj. e s.m. [De <i>calote</i> + <i>-eiro</i>]. Que, ou aquele que caloteia; fintador. V. <i>cangancheiro</i> . Houaiss – Caloteiro , adj. e s.m. [<i>calote</i> + <i>-eiro</i>]. 1. Que ou aquele que não paga conta(s) ou dívida(s) [...]. 2. P. ext. diz-se de ou indivíduo enganador, malandro, que vive de expedientes; driblador.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não paga as suas contas, dívidas.	
06. Chifrudo Adj.	07 OCORRÊNCIAS
<i>[...] Eu num vou chamá o cara... praticamente cê tá chamando ele de chifrudo... mas eu num vou chamar nunca o cara de... (Entrevista 01HM35). O homem que é traído pela esposa? Ele é um chifrudo...coitado (Entrevista 12JM50).</i>	
Etimologia: chifre s.m. ‘corno’ 1734. Do cast. chifle, deriv. de chiflar ‘assoviar’ chifrudo adj. ‘que tem chifre (grande)’ XX.	
Registro em dicionários: Freire – Chifrudo , adj. 2. Diz-se do indivíduo cuja mulher lhe é infiel. Aurélio – Chifrudo , adj. De <i>chifre</i> + <i>-udo</i> . 2. Bras. Chulo. V. <i>corno</i> . Houaiss – Chifrudo , adj. [<i>chifre</i> + <i>-udo</i>]. 2. Brasileirismo informal. Corno (no sentido de ‘cônjuge enganado’).	
Observações:	
Definição: Designação dada ao homem que é traído pela esposa.	
07. Seguro sm	07 OCORRÊNCIAS
<i>Eu falo cê é "mão de vaca". É/é seguro né? (Entrevista 08JM64). Isso é uma pessoa seguro né? (Entrevista 10PM58).</i>	
Etimologia: seguro, adj. ‘livre de perigo’ ‘firme’ XIII. Do lat. <i>sēcūrus</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Seguro , adj. Lat. <i>securus</i> . Livre de cuidado, de perigo ou de receios; isento de qualquer mal ou dano externo ou interno. 8. Prudente, circunspeto. Aurélio – Seguro , s.m. Do latim <i>securu</i> . 1. Livre de perigo. 2. Libre de risco; protegido, acautelado, garantido. 6. Prudente, ponderado, comedido, cauteloso. Houaiss – Seguro , s.m. lat. <i>secūrus,a,um</i> no sentido de ‘tranquilo, calmo, seguro, que não teme, que não receia’. 4 que age com cautela; cauteloso, prudente; circunspeto. 12. que não gosta de gastar; econômico, sovina, avarento.	
Observações:	
Definição: Pessoa que não gosta de gastar dinheiro, econômico.	

08. Xará sm	07 OCORRÊNCIAS
<i>Xará né? Ai JESUS</i> (Entrevista 04MF61). <i>É xará né?</i> (Entrevista 12AM50).	
Etimologia: xará, s2g. ‘pessoa que tem o mesmo nome que ou-xale’. Do tupi * <i>ša’ra</i> , de <i>še rera</i> ‘meu nome’.	
Registro em dicionários: Freire – Xará , s.m. e adj. Pessoa que tem o mesmo nome que outra; homônimo. Aurélio – Xará , s. 2g. 1. Pessoa que tem o mesmo nome de batismo que outra. Houaiss – Xará , s. 2g. [Segundo AGC, do tupi * <i>xa’ra</i> , de <i>xe rera</i> no sentido de meu nome’]. 1. Pessoa com nome de batismo idêntico ao de outra; xarapim; tocaio.	
Observações:	
Definição: Indivíduo com o mesmo nome ao de outro.	
09. Corno sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Corno mermo. Tanto ela quanto ele tem ôtro nome né. Tem ôtro tanto homem quanto a mulhé é isso aí</i> (Entrevista 03LF41). <i>O homem que é traído pela esposa tem que sê corno né? não é Andreza? Coitado</i> (Entrevista 04MS61).	
Etimologia: <i>corn(i)</i> - elem. comp., do lat. <i>cŕnu -ūs</i> ‘corno, chifre, ponta, extremidade’, que se documenta em alguns compostos formados no próprio latim (como <i>cornigero</i>) e em muitos outros formados nas línguas modernas.	
Registro em dicionários: Freire – Corno , s.m. [Lat. <i>cornu</i>]. 5. Marido a quem a mulher é infiel. Aurélio – Corno , s.m. [Do lat. <i>cornu</i>]. 8. Chulo. Marido de adúltera; cabrão, aspudo, cervo, faz de conte, cornudo, chifrudo, galheiro, galhudo, cabrum, mumu. Adj. 10. Chulo. Diz-se do marido de adúltera; chifrudo, galhudo, guampudo, aspudo. Houaiss – Corno , adj. s.m. [lat. <i>cornu,us</i> no sentido de ‘chifre, substância de que é feito o chifre, oq eu é feito de chifre, em forma de chifre’; ver <i>corn-</i> ; f.hist. sXIII <i>cornus</i>]. 13. (1879) que ou quem é traído pelo companheiro (diz-se esp. de marido ou namorado); cornaca, cornudo, guampudo.	
Observações:	
Definição: Designação dada para o homem que é traído pela esposa.	
10. Nó cego sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Nó cego né?</i> (Entrevista 07JF62). <i>É...Nó cego né?</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Nó cego , loc. Nó difícil ou impossível de desatar. Aurélio – Nó cego , loc. 1. Nó que não se pode desatar ou só a custo se desata. Houaiss – Nó cego , loc. [lat. <i>nōdus,i</i> (no sentido definido); f. hist. <i>Sxv noos</i>]. Nó (acp.l) que não se consegue desfazer.	
Observações: Nas entrevistas a expressão ‘nó-cego’ é utilizada para referir-se a uma pessoa que deixa as contas penduradas.	
Definição: Indivíduo que não paga as contas, dívidas; mal pagador.	
11. Sapatão sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Sapatão</i> (Entrevista 01HM35). <i>A gente fala sapatão né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Sapatão , s.m. Sapato grande. 2. Alcinha depreciativa dos portugueses em São Paulo na época da Independência. Aurélio – Sapatão , s.m. De <i>sapato</i> + <i>-ão</i> . 3. Lésbica. Houaiss – Sapatão , s.m. Aumentativo de sapato; na acepção ‘lésbica’ o termo se refere ao estilo de sapatos predileto, na década de 1970, pelas mulheres com essa opção sexual, cujo comportamento guardava relação com o movimento hippie. 4. Mesmo que lésbica.	
Observações:	
Definição: Designação dada para a mulher que gosta de mulher.	

12. Pé de boi sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Ela é o meu pé de boi sabe?</i> (Entrevista 08JOM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Pé de boi , s.m. Homem aferrado aos costumes antigos e que não quer saber de modas nem de inovações; burguês. 2. O que é assíduo ao serviço. Aurélio – Pé de boi , s.m. 1. Pessoa aferrada a costumes antigos, que desdenha inovações. 2. Pessoa muito trabalhadora, cumpridora das suas obrigações. Houaiss – Pé de boi , s.m. 1 (1946) indivíduo teimoso. 2 (1946) pessoa apegada aos antigos costumes, avessa a inovações. 3. trabalhador esforçado e assíduo ao serviço; batucador.	
Observações:	
Definição: Pessoa que trabalha muito e cumpre com todas as suas obrigações.	
13. Jumento sm	05 OCORRÊNCIAS
<i>Jumento. É o que o povo fala "ele não aprende nada aquele jumento"</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: jumento, s.m. ‘asno, burro, jegue’ <i>jumento</i> XIV Do lat. <i>jumentum</i> (< * <i>jougsmentom</i> , da raiz de <i>jeug</i> , a mesma de <i>jegum</i> ‘jugo a que se atrelam bois, cavalos’).	
Registro em dicionários: Freire – Jumento , s.m. Lat. <i>jumentum</i> . O mesmo que burro. Aurélio – Jumento , s.m. Do latim <i>jumentu</i> . 1. Animal mamífero perissodáctilo (<i>Equus asinus</i>), facilmente domesticável, muito difundido no mundo, e utilizado desde tempos imemoriais como animal de tração e carga. É unglado e tem pelo duro, de coloração extremamente variada, indo do castanho-fulvo ao cinza-escuro. 2. Ver burro. 3. Indivíduo muito bruto, muito grosseiro; cavalo. Houaiss – Jumento , s.m. lat. <i>jumentum,i</i> no sentido de 'qualquer animal de carga ou besta de puxar carro'. 2. (1914) Indivíduo pouco inteligente; burro.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não é considerado inteligente ou tem dificuldades de aprender as coisas.	
14. Mano sm	05 OCORRÊNCIAS
<i>Então... aí eu comecei a acompanhá eles trabalhando... só que era uma equipe que bebia demais mano</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu falo mano</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: irmão, s.m. ‘filho dos mesmos pais ou de um deles apenas’ ‘membro de confraria’. Do lat. <i>germānus</i> <i>mano</i> , 1572.	
Registro em dicionários: Freire – Mano , s.m. Fam. e Ant. O mesmo que irmão. 2. Tratamento familiar de cunhado ou cunhada para cunhado. 3. Ant. Amigo, vizinho, colega na conversação familiar. 5. Tipo, indivíduo. Adj. Muito amigo, íntimo, inseparável. Aurélio – Mano , s.m. Hipocorística de irmão. 1 Irmão. 2. Cunhado. 3. Amigo, camarada, colega. Adj. 4. Muito amigo, íntimo. Houaiss – Mano , s.m. hipocorístico de irmão; segundo AGC, talvez do espanhol <i>hermano</i> no sentido de 'irmão; indivíduo de uma irmandade ou confraria'; ver <i>irm-</i> . 1. Irmão bilateral ou irmão unilateral. 2. Aquele com quem se tem relação de afeto, de intimidade, de amizade; amigo, camarada, colega. Adj. 6. Muito amigo; íntimo.	
Observações:	
Definição: Designação dada para aquele que possui algum laço familiar ou íntimo em relação a outro, geralmente alguém do sexo masculino.	

15. Viado sm	05 OCORRÊNCIAS
<i>Viado</i> (Entrevista 11PM24). <i>Viado</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: veado, s.m. ‘qualquer animal que se caça habitualmente’ ‘mamífero artiodáctilo, da fam. dos cervídeos’ XIV. Do lat. <i>vēnātus -ūs</i> ‘caça’ ‘produto da caça’.	
Registro em dicionários: Freire – Veado , s.m. Lat. <i>venatus</i> . Zool. Quadrúpede ruminante de cornos ramificados (esgalhos), muito ligeiro e tímido (<i>Cervus elaphus</i>), suaçu. Aurélio – Veado , s.m. [Do lat. <i>venatu</i> , ‘caça morta’.] 4. Homossexual. Houaiss – Veado , s.m. [lat. <i>venātus,us</i> no sentido de ‘caça, produto de caça’.] 4. Homossexual do sexo masculino.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao homem que sente atração afetiva ou sexual por outro homem.	
16. Alcoólatra sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>É alcoólatra né? Bebe demais né?</i> (Entrevista 07JF62). <i>Alcoólatra</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: álcool, s.m. ‘líquido incolor, volátil, com cheiro e sabor característicos, muito usado na medicina doméstica’ ‘(Quím.) função oxigenada (isto é, composta de carbono, hidrogênio e oxigênio) que se caracteriza pela presença de um grupo hidroxila (OH) ligado diretamente a um átomo de carbono’ alcohol XVII alcoólatra XX.	
Registro em dicionários: Freire – Alcoólatra , s.m. De <i>álcool</i> + gr. <i>Latres</i> , de <i>latreuo</i> . Viciado em bebidas alcólicas; alcoólico, alcoolista, etilista. Aurélio – Alcoólatra , adj. s.2g. De <i>álcool</i> + <i>-latra</i> . Diz-se de, ou pessoa que se entrega ao alcoolismo, viciada na ingestão de bebidas alcólicas; alcoólico, alcoolista, etilista. Houaiss – Alcoólatra , adj. s. 2g. álcool + <i>-latra</i> ; ver <i>alcoo(l)</i> -. Que ou aquele que é viciado na ingestão de bebidas alcólicas; que ou aquele que se entrega à doença do alcoolismo; etilista forma menos usada: alcoolista.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que é dependente de álcool. Ingere bebida alcóolica com frequência.	
17. Amô sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Meu amô</i> (Entrevista 03LF41). <i>Às vezes chama uma pessoa...a pessoa chama a ôtra de amô</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: amor, s.m. ‘afeição, carinho, simpatia’ XIII. Do lat. <i>amorem</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Amor , s.m. Do lat. <i>amor</i> . Conjunto dos fenômenos cerebrais e afetivos que formam o instinto; sentimento que impele os seres para o que lhes parece belo, grandioso, digno. 2. Afeição de uma a outra pessoa de sexo diferente. 3. Afeição, ligação espiritual, grande amizade. 4. O objeto da afeição. Aurélio – Amor , s.m. Do latim <i>amore</i> . 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. 3. Sentimento de afeto ditado por laços de família. Houaiss – Amor , s.m. lat. <i>amor,ōris</i> no sentido de ‘amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo grande, paixão, objeto amado’. 2.6. Afeição baseada em admiração, benevolência ou interesses comuns; calorosa amizade; forte afinidade. 4. A pessoa ou a coisa amada ou apreciada (tb. us. no pl.).	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que se ama, no sentido de amoroso ou afetivo.	
18. Fala demais fras.	04 OCORRÊNCIAS
<i>Fala demais</i> (Entrevista 07JF62). <i>Realmente ele fala demais</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Expressão que intensifica um indivíduo que fala muito.	

19. Gay sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Aí tipo assim... sei lá acho que uma palavra normal né? gay assim ou... até porque eu não tenho nada contra né?</i> (Entrevista 01HM35). <i>gay...é mais a palavra certa mermo é () gay mermo</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Gay , Adj. Ver <i>guei</i> . Houaiss – Gay , adj. s. 2g. Inglês <i>gay</i> (sXIV) adj. no sentido de 'alegre'; 'homossexual', (1953) substantivo no sentido de 'homossexual', este do fr.méd. <i>gai</i> . Ver <i>homossexual</i> .	
Observações: No Aurélio <i>guei</i> , diz-se de homossexual.	
Definição: Designação dada ao indivíduo que sente atração por pessoas do mesmo sexo, geralmente atribuído aos homens.	
20. Leso Adj.	04 OCORRÊNCIAS
<i>Eu chamo leso...a gente fala assim "ele é leso"</i> (Entrevista 04MF61). <i>Eu digo é uma pessoa leso né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: leso → lesão. sf. 'alteração de um órgão (ou das funções) de um ser vivo' 'pancada' 'violação de um direito, prejuízo'. Do lat. <i>laesio -ōnis</i> leso 1843.	
Registro em dicionários: Freire – Leso , adj. Lat. <i>laesus</i> . Ferido, contuso. 2. Ofendido. 3. Tolhido, paralítico. 4. Atoleimado, apatetado. Aurélio – Leso , adj. [Do lat. <i>laesu</i>]. 1. Lesado. 3. Idiota, amalucado, lesado. s.m. 4. Indivíduo leso, idiota. Houaiss – Leso , .adj. s.m. [lat. <i>laesus,a,um</i> no sentido de 'ferido, danificado, estragado; prejudicado, lesado'.] 4. Que ou aquele que é ou age como doido, aloprado; desequilibrado, maluco.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que apresenta dificuldade de aprender as coisas.	
21. Mana sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>Eu butei internet mana ... porque eu já não...depois desse assalto aí... eu nem confio mais ficá sem/sem/sem comunicá com meus filhos lá na cidade né?</i> (Entrevista 03LF41). <i>Minha irmã falo mana</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: irmão, s.m. 'filho dos mesmos pais ou de um deles apenas' 'membro de confraria'. Do lat. <i>germānus</i> mana, 1572.	
Registro em dicionários: Freire – Mana , s.f. De <i>mano</i> . Ant. e fam. O mesmo que irmã. 2. Tratamento familiar, dado por uma cunhada ou cunhado a outra cunhada. 3. Ant. Tratamento afetuoso, que se dava a uma mulher, sem ideia de parentesco. Aurélio – Mana , s.f. Hipocorístico de irmã. Irmã. Houaiss – Mana , s.m. hipocorístico de irmão; segundo AGC, talvez do espanhol hermano no sentido de 'irmão; indivíduo de uma irmandade ou confraria'; ver <i>irm-</i> . 1. Irmão bilateral ou irmão unilateral. 2. Aquele com quem se tem relação de afeto, de intimidade, de amizade; amigo, camarada, colega. 4. usado como interlocutório pessoal. Adj. 6. muito amigo; íntimo.	
Observações:	
Definição: Designação dada para aquela que possui algum laço familiar ou íntimo em relação a outro, geralmente alguém do sexo feminino.	
22. Nega do leite fras.	04 OCORRÊNCIAS
<i>Quem fala muito é a nega do leite né?</i> (Entrevista 06SM67). <i>A nega do leite é assim...ela vem entregá leite e ela já começa tá/tá/tá/tá/tá...cá vizinha num sei quê o marido da vizinha que falou num sei o quê pra vizinha</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Parte de uma expressão que faz referência a uma pessoa que fala muito, falar mais do que nega do leite.	

23. Pregão sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Aí nós bota... tipo assim... pregão num tem?</i> (Entrevista 01HM35).	
<i>Rapaz...tem um pregão daqueles grande... pendura aí cara que é a conta</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: pregão → pregar, vb. ‘pronunciar sermões; apregoar, apostolar’.	
Registro em dicionários: Freire – Pregão , s.m. Lat. <i>proeconium</i> . 1. Ato de apregoar. Aurélio – Pregão , s.m. Do latim <i>praecone</i> . 1. Ato de apregoar. Houaiss – Pregão , s.m. lat. <i>praeco,ōnis</i> no sentido de 'pregoeiro público, arauto, o que proclama, anuncia ou diz em público'. 1. Ato ou efeito de apregoar; reclamo, preconício. 2. Divulgação de produtos, gritada ou cantada livremente por vendedores ambulantes.	
Observações: Na entrevista pregão refere-se à pessoa que deixa as suas contas penduradas.	
Definição: Designação dada ao indivíduo que não paga as contas, dívidas.	
24. Sapatona sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>[...] Ele não gostava... traiu e tipo assim ela tinha uma amiga que já era sapatona e tinha curiosidade como é que era</i> (Entrevista 01HSSM35).	
<i>Sapatona</i> (Entrevista 07JFCF62).	
Etimologia: sapato, s.m. ‘calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé’ XVI, ça- XIII De origem duvidosa, talvez do turco çabata sapata XVI sapataria çapataria XIII sapate·ado XVII sapate·ador XX sapatear XVII sapateira 1813 sapateiro 1813 sapatilha sapatilho 1873 sapatinho sm. ‘erva da fam. das euforbiáceas’.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Sapatona , s.f. Sapato com mudança de vogal temática; f.hist. sXIII çapata, c1543 sapata. 11 (d1950) Lésbica, sapatão.	
Observações: No dicionário de Freire encontrou-se a lexia sapatão (s.m.) no sentido de sapato grande e alcunha depreciativa do português em São Paulo na época da Independência. Já no dicionário Aurélio encontrou-se sapatão, (s.m.) com o sentido de lésbica.	
Definição: Designação dada a mulher que gosta de mulher.	
25. Bom dia cavalo fras.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Rapaz que conversa demais eu falo "rapaz quem conversa demais é bom dia cavalo né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Parte da expressão dada a pessoa que fala muito, quem fala demais dá bom dia a cavalo.	
26. Cachaceiro sm	03 OCORRÊNCIAS ~ Cachacêro sm 01 OCORRÊNCIA
<i>E nisso você vai entrando "e aê cachaceiro " "e aê bebo"</i> (Entrevista 01HM35).	
<i>Cachacêro né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: cachaça, s.f. ‘aguardente de cana-de-açúcar’ 1711. De origem controvertida cachaceiro 1899.	
Registro em dicionários: Freire – Cachaceiro , adj. De <i>cachaça</i> + <i>eiro</i> . Que abusa da cachaça, que se embriaga habitualmente com cachaça. Aurélio – Cachaceiro , s.m. De <i>cachaça</i> + <i>-eiro</i> . 2. Aquele que é dado ao uso excessivo da cachaça ou de outra bebida alcoólica; canista, biriteiro. Adj. Que é dado ao uso exagerado da cachaça ou de outra bebida alcoólica; biriteiro. Houaiss – Cachaceiro , adj. s.m. <i>cachaça</i> + <i>-eiro</i> . 1 Que ou quem costuma beber cachaça e, p.ext., ingerir qualquer outra bebida alcoólica imoderadamente; beberrão.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que faz uso de cachaça ou outras bebidas alcólicas habitualmente.	

27. Cu de cachaça fras.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Aprendi isso com a minha mamãe...minha mãe falava pro meu pai "o cu de cachaça já vem bêbado ali"</i> (Entrevista 03LF41).	
Cu de cachaça (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Pessoa que faz uso exagerado de cachaça ou de outra bebida alcoólica.	
28. Gatinha sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Eu gosto muito de falá "e aí gatinha ...tudo bem?"</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: gato sm. ‘animal doméstico da fam. dos felídeos’ ‘grampo’ ‘utensílio de tanoeiro para arquear vasilhas’ ‘peça metálica que une e segura duas peças de cantaria’ xiii. Do lat. trad. <i>cattus</i> gatinh·as 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Gatinha , s.f. 1. Pequena gata. Aurélio – Gatinha , s.f. De <i>gata</i> + <i>-inha</i> . 2. Adolescente muito bonita, graciosa. Houaiss – Gatinha , s.f. <i>gata</i> + <i>-inha</i> ; ver <i>gat-</i> ; 1713 é a data para a locução de gatinhas, e 1789, para a acepção ‘gata pequena’. 2. Moça graciosa e bonita.	
Observações:	
Definição: Designação dada para se referir ao outro de forma afetiva, geralmente utilizada para pessoa do sexo feminino.	
29. Miserável sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Ah é bem/é bem simples... miserável. "Tu é muito miserável né cara?"</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: miséria, s.f. ‘estado lastimoso, indignância, penúria, avareza’ XV. Do lat. <i>miserāre</i> , por <i>miserāri</i> miserável mjserauens pl. XV Do lat. <i>miserābilis</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Miserável , adj. Lat. <i>miserabilis</i> . Digno de compaixão; lastimoso, deplorável, lamentável, miserando. 3. Pobre; desprovido de recursos. 6. Avarento, sovina, somítico. S.m. 4. Homem avarento, sovina. Aurélio – Miserável , adj. Do lat. <i>miserabile</i> . 4. Próprio de quem é muito pobre; pobre, desgraçado, mísero. S. 2g. 8. Aquele que está na miséria, que é muitíssimo pobre; indigente. 9. Pessoa miserável. 10. Ver <i>ávaro</i> . Houaiss – Miserável , adj. lat. <i>miserābilis</i> , e no sentido de ‘digno de compaixão, que inspira compaixão, patético, triste, lamentável, deplorável’; o esp. <i>miserable</i> é de 1438 e a palavra pode nos ter chegado dele.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro.	
30. Panguão Adj.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Ah sei lá. O cara não pô eu sou muito panguão... sou muito parado... não consigo falar com as pessoa. Aí eu peguei e comecei a falar</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que apresenta dificuldade para aprender as coisas.	

31. Tagarela sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Tagarela</i> (Entrevista 04MF61). <i>Tagarela</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: tagarela, adj. s.2g. 'diz-se de, ou pessoa que fala muito e à toa' -lla 1813 De origem incerta, talvez de formação expressiva.	
Registro em dicionários: Freire – Tagarela , adj. De <i>tagarelar</i> . Diz-se de quem fala muito e à toa ou de quem é indiscreto. S.m. Indivíduo muito falador ou indiscreto. Aurélio – Tagarela , adj. De formação expressiva. 1. Que fala muito e à toa; galrão. S.2g. 2. Pessoa tagarela; tramela, taramela, tarelo, galrão. Houaiss – Tagarela , adj. e s.2g. origem controversa; provavelmente formação expressiva, conforme Nasc e AGC; para JM, regr. de <i>tagarelar</i> ; f.hist. 1789 <i>tagarella</i> substantivo 'aquele que fala muito'. 1. Que ou aquele que fala muito; linguarudo. 2. Que ou quem não guarda segredo; indiscreto.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que fala muito.	
32. Boy sm	02 OCORRÊNCIAS
"e aí boy" (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Boy , s.m. Inglês, f. red. de <i>office boy</i> . Ver <i>bói</i> . Houaiss – Boy , s.m. Redução do sintagma inglês <i>office boy</i> (1846) (no sentido definido). Ver contínuo (no sentido de 'empregado') forma aportuguesada.: <i>bói</i> .	
Observações:	
Definição: Designação direcionado ao outro, no sentido de termo afetivo para falar com algum irmão, parente ou amigo.	
33. Falta de interesse fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Eu acho que não é que tem dificuldade... eu acho que é falta de interesse mermo sabia?</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas.	
34. Fofoquêra sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Fofoquêra</i> (Entrevista 03LF41). <i>É fofoquêra né?</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: O suf. <i>-eiro -eira</i> forma substantivos de cunho popular, oriundos de outros substantivos, com as noções básicas de: (iii) indivíduo que manifesta uma determinada tendência ou demonstra um certo tipo de caráter (fofoqueira, hospitaleiro).	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Fofoqueiro , adj. De <i>fofoca</i> + <i>-eiro</i> . 1. Diz-se daquele que faz fofocas; mexeriqueiro, intrigante. S.m. Aquele que faz fofocas; mexeriqueiro, intrigante, leva e traz. Houaiss – Fofoqueiro , adj. s.m. <i>fofoca</i> (com <i>-c-</i> > <i>-qu-</i>) + <i>-eiro</i> . Que ou aquele que faz fofoca, que se intromete em assuntos alheios.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que fala demais.	

35. Home da cobra fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Ah o povo fala/o povo fala mais que o home da cobra né?</i> (Entrevista11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Parte de uma expressão para ser referir a pessoa que fala demais, fulano fala mais que o homem da cobra.	
36. Homossexual sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>ôtros homossexual</i> (Entrevista 03LF41). <i>Ah aí é homossexual</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: <i>hom(o)-</i> elem. comp., do gr. <i>homós</i> ‘igual, semelhante’, que se documenta em compostos formados no próprio grego, como homogêneo, por exemplo, e em vários outros introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional. <i>homos:sexu-al</i> 1899.	
Registro em dicionários: Freire – Homossexual , ou Homossexual , adj. De <i>homo</i> + <i>sexual</i> . Relativ a atos sensuais entre indivíduos do mesmo sexo. 2. Que pratica esses atos. Aurélio – Homossexual , adj. De <i>hom(o)-</i> + <i>sexual</i> . 1. Relativo à afinidade, atração e/ou comportamento sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. 2. Que tem essa afinidade e esse comportamento. S.2g. Pessoa homossexual. Houaiss – Homossexual , adj. <i>hom(o)-</i> + <i>sexual</i> ; ver <i>sex(i/o)-</i> ; f.hist. 1899 <i>homòsexual</i> , 1913 <i>homossexual</i> . 1. relativo a homossexualidade. 2. mantido por indivíduos do mesmo sexo (diz-se de relacionamento sexual). Adj e s.2g. 4. Que ou aquele que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao indivíduo que sente atração afetiva ou sexual por pessoas do mesmo sexo, homem com homem ou mulher com mulher.	
37. Lésbica sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Eu podia usar lésbica né?</i> (Entrevista 01HM35). <i>Lésbica</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: <i>lésbio</i> adj. ‘relativo à, ou próprio da ilha de Lesbos, na Grécia’ ‘diz-se do amor de uma mulher a outra’ XVII. Do lat. <i>lesbīus</i> , deriv. do gr. <i>lésbios</i> <i>lésbica</i> sf. XX.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Lésbica , s.f. F. subst. de <i>lésbico</i> . Mulher homossexual. Houaiss – Lésbica , s.f. feminino substantivação de <i>lésbico</i> ; f.hist. 1783 <i>lesbia</i> . Mulher homossexual.	
Observações:	
Definição: Designação dada a mulher que sente atração afetiva ou sexual por outra mulher.	
38. Mão fechada fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Mão fechada</i> (Entrevista 11PM24). <i>Aí é mão fechada</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Mão-fechada , adj. s.2g. De <i>mão</i> + o f. de <i>fechado</i> . Ver <i>avaro</i> . Houaiss – Mão-fechada , adj. s. 2g. Que ou aquele que é sovina; avarento, pão-duro.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que não gosta de gastar dinheiro.	

39. Meio lerdo fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>É meio lerdo né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas.	
40. Mia nega fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Ah eu...ah meu Deus eu falo "mia nega"</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se ao tratamento carinhoso dado a uma pessoa próxima, geralmente, a esposa.	
41. Mufino sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>É Mufino né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que não gosta de gastar dinheiro.	
42. Pá de cornos fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Dois...um pá de cornos</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao homem que foi traído pela mulher.	
43. Sem fé fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Incrédulo... sem fé né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas.	

44. Véiaco Adj.	02 OCORRÊNCIAS
<i>É véiaco</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: velhaco, adj. 'que ludibria propositadamente, ou por má índole' XIV. Do cast. bellaco, de origem incerta.	
Registro em dicionários: Freire – Velhaco , adj. Enganador, falaz, fraudulento, traiçoeiro. Aurélio – Velhaco , Adj. 1. Que ludibria de propósito ou por má índole. 2. Que é traiçoeiro ou fraudulento; patife, ordinário. Houaiss – Velhaco , adj. talvez o espanhol <i>bellaco</i> (sXIV) 'homem de má vida', este de origem controversa.; ver <i>velhac-</i> ; f.hist. c1560 <i>valhaco</i> . 1. Que propositadamente engana, ludibria; enganador. 2. Que age mal, trapaceia; traiçoeiro, ordinário, patife. S.m. Indivíduo que se utiliza de má-fé e que engana e prejudica outrem.	
Observações:	
Definição: Designação dada para se referir a pessoa que não paga suas contas, dívidas.	
45. Bebão sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Outros bebão</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: No Houaiss consta bebo, provavelmente redução de bêbedo; no cognato de vocábulo ligados a <i>beb-</i> há palavras pejorativa e eufemismo., sinon. e f.metf., alterações fônicas etc. usado para o tema controversa da ingestão de bebidas alcoólicas, ora depreciado, como vício, no plano social, ora valorizado, pelo prazer, no plano individual e afetivo; ver <i>beb-</i> . Regressivo de bêbedo.	
Definição: Designação dada a pessoa que bebe muito. Bêbado.	
46. Boi véio fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Ai boi véio</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se ao homem que é traído pela esposa.	
47. Branquela Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>A ôtra tem um apelido é branquela</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Branquelo , adj. s.m. De <i>branco</i> + <i>-elo</i> . Diz-se de, ou indivíduo de cor branca, de tez pálida. Houaiss – Branquelo , adj. e s.m. <i>branco</i> + <i>-elo</i> sufixo diminutivo pejorativo, com alterações <i>-c-/-qu-</i> ; ver <i>branc-</i> . Diz-se de ou indivíduo cuja pele é branca ou muito alva.	
Observações:	
Definição: Designação direcionada ao outro, no sentido de termo afetivo para falar com algum irmão, parente ou amigo.	

48. Cano sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Assim calotêro ou cano</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: cano, s.m. ‘qualquer espécie de tubo que permita escoamento de líquidos’ XIV.	
Registro em dicionários: Freire – Cano , s.m. De <i>cana</i> . Tudo para condução de gases ou de líquidos. Aurélio – Cano , s.m. De <i>cana</i> . 7. Mau negócio. Houaiss – Cano , s.m. cana, pela forma cilíndrica; ver <i>can(i)-</i> ; f.hist. sXIV cano, sXIV caño, sXV cãno. 6. Situação complicada ou coisa difícil; dificuldade, problema. 7. Transação comercial frustrada; mau negócio; fracasso.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que não paga suas contas, dívidas.	
49. Coincidência sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Coincidência né?</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Do lat. <i>incidens -entis</i> , part. pres. de <i>incidere</i> coincidência 1844.	
Registro em dicionários: Freire – Coincidência , s.f. Ato de <i>coincidir</i> . 2. Estado de duas cousas que coincidem. Aurélio – Coincidência , s.f. De <i>coincidir</i> + <i>-ência</i> . 1. Identidade ou igualdade de duas ou mais coisas. Houaiss – Coincidência , s.f. <i>coincidir</i> + <i>-ência</i> ; cp. fr. <i>coïncidence</i> (sXV); ver <i>cai-</i> . 1. Igualdade, identidade de duas ou mais coisas.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que possui o mesmo nome de outra.	
50. Descontrolado Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Pessoa muito/muito descontrolado né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Descontrolado , s.m. 3. Indivíduo descontrolado. Houaiss – Descontrolado , adj. e s.m. part. de <i>descontrolar</i> ; ver <i>rol-</i> . 2 que ou aquele que não se pode conter; que perdeu o domínio sobre si mesmo.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não possui ou perdeu o controle sobre algo, como as finanças.	
51. Economizadô Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Economizadô né?</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Economizador , adj. e s.m. De <i>economizar</i> + <i>dor</i> . O que economiza. Aurélio – Não consta. Houaiss – Economizador , adj. e s.m. <i>economizado</i> (part. de <i>economizar</i>) + <i>-or</i> . Que ou o que economiza.	
Observações: No Aurélio consta <i>economizar</i> , administrar com economia.	
Definição: Designação dado ao indivíduo que não gosta de gastar o seu dinheiro.	

52. Econômico Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Econômico</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: economia sf. 'a arte de bem administrar uma casa ou um estabelecimento particular ou público' xvi. Do lat. <i>oeconomia</i> , deriv. do gr. <i>oikonomía</i> econômico XVII.	
Registro em dicionários: Freire – Econômico , adj. Lat. <i>aeconomicus</i> . 1. Relativo à economia. 2. Conforme os preceitos da economia. 5. Que gasta com parcimônia; poupado. Aurélio – Econômico , adj. Do grego <i>oikonomikós</i> , pelo latim <i>oeconomicu</i> . 1. Relativo à economia. 4. Relativo a economias. 5. Que controla as despesas; parcimonioso nos gastos; poupado. Houaiss – Econômico , adj. grego <i>oikonomikós, é,ón</i> no sentido de 'relativo à administração de uma casa; hábil na administração de uma casa', pelo lat. <i>oeconomīcus, a, um</i> no sentido de 'bem-ordenado, bem-disposto, regular'. 3. que controla gastos, que evita desperdícios.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que faz uso de forma cautelosa ou evita fazer gastos excessivos, principalmente na área financeira.	
53. Ignorante Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu falo de ignorante</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Do lat. <i>ignōrāns -antis</i> , part. pres. de <i>ignorāre</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Ignorante , adj. e s.m. Lat. <i>ignorans, antis</i> . O que não tem instrução; o que não sabe nada. 2. O que não tem conhecimento de determinado assunto. Aurélio – Ignorante , adj. s. 2g. Do latim <i>ignorante</i> . 1. Diz-se de, ou pessoa que ignora, que não tem conhecimento de determinada coisa. 2. Diz-se de, ou pessoa que não tem instrução, que não sabe nada. Houaiss – Ignorante , adj. e s. 2g. lat. <i>ignōrans, āntis</i> particípio presente do verbo latino <i>ignorāre</i> no sentido de 'não saber, ignorar'; ver - <i>gno</i> -. 4. Que ou quem não tem conhecimento por não ter estudado, praticado ou experimentado; incompetente, inexperiente.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não tem conhecimento sobre algo.	
54. Inadimplente sm	01 OCORRÊNCIA
<i>É inadimplente né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Inadimplente , adj. Que falta às condições de um contrato. Aurélio – Inadimplente , adj. De <i>in-</i> + <i>adimplente</i> . Diz-se do devedor que inadimpla, que não cumpre no termo convencionado as suas obrigações contratuais; descumpridor. Houaiss – Inadimplente , adj. e s. 2g. <i>in-</i> + <i>adimplente</i> ; ver <i>plen(i)</i> -. 1. Que ou aquele que falta ao cumprimento de suas obrigações jurídicas no prazo estipulado. 2. Que ou quem não paga suas dívidas, caloteiro.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não paga as suas contas, dívidas.	
55. Incrédulo Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Incrédulo</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: <i>incrédulo</i> 1813. Do lat. <i>in-crēdūlus</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Incrédulo , adj. Lat. <i>incredulus</i> . Que só dificilmente crê. Que não tem fé religiosa. Aurélio – Incrédulo , adj. Do latim <i>incredulu</i> . 1. Fato de crença; ímpio; decrescente. 2. Próprio de quem não crê, de quem está duvidoso. Houaiss – Incrédulo , adj. e s.m. lat. <i>incredūlus, a, um</i> no sentido de 'incrédulo, que não tem fé'. 2. Que ou aquele que não acredita na realidade, na veracidade de uma coisa ou de um fato; céptico.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que apresenta dificuldade ou não acredita que pode aprender as coisas.	

56. Faladô Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Faladô</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: falar vb. ‘dizer, exprimir por palavras’ xiii. Do lat. <i>fabŭlāri</i> fala XIII. Deverbal de falar falador XIV.	
Registro em dicionários: Freire – Falador , s.m. De <i>falar</i> + <i>dor</i> . Pessoa que fala muito; pessoa loquaz. 2. Pessoa indiscreta, que não sabe guardar segredo, desacautelada e imprudente no que diz. Aurélio – Falador , adj. De <i>falar</i> + <i>-dor</i> . 1. Que fala muito. 2. Indiscreto, maledicente, maldizente, irreverente. S.m. 3. Aquele que fala muito. Houaiss – Falador , adj. s.m. radical do particípio <i>falado</i> + <i>-or</i> ; ver <i>fa-</i> . 1. Que ou o que fala muito. 2. Que ou o que fala mal dos outros; indiscreto, maledicente.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que fala demais.	
57. Fuxiquêro Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Fuxiquêro</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Fuxiqueiro , s.m. Intrigante, mexeriqueiro. Aurélio – Fuxiqueiro , adj. s.m. De <i>fuxico</i> + <i>-eiro</i> . Diz-se de, ou indivíduo que fuxica, intriga, mexerica; fuxiquento. Houaiss – Fuxiqueiro , adj e s.m. <i>fuxico</i> (<i>-c-</i> > <i>-qu-</i>) + <i>-eiro</i> ; ver <i>futric-</i> . Que ou o que fuxica, faz intrigas; fuxiquento.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que fala demais.	
58. Garoto sm	01 OCORRÊNCIA
<i>“E aí garoto”</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: garoto, s.m. ‘menino, rapazote’ 1813. De origem incerta.	
Registro em dicionários: Freire – Garoto , s.m. Rapaz vadio; gaiato. 2. Rapaz imberbe. Aurélio – Garoto , s.m. De origem incerta. 2. Rapaz sem educação, que anda a vadiar pelas ruas. 4. Ver menino. 5. Rapaz. Houaiss – Garoto , s.m. origem obscura; JM relaciona ao fr. gars (sXII) ‘rapaz’, do francês <i>garçon</i> , seguido do sufixo diminutivo <i>-oto</i> . 2. Rapaz imberbe; adolescente, menino.	
Observações:	
Definição: Refere-se ao termo afetivo utilizado para falar com algum irmão, parente ou amigo.	
59. Lerdeza sf	01 OCORRÊNCIA
<i>No meu caso eu acho que é lerdeza mermo assim da pessoa... falta de interesse mermo pô/pô aprendê...ah se a pessoa me ensiná uma coisa uma vez eu aprendo</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: lerdo adj. ‘pesado, estúpido, acanhado’ ‘lento nos movimentos’ XVI. De origem obscura lardeza XX.	
Registro em dicionários: Freire – Lerdeza , s.f. De <i>lerdo</i> + <i>eza</i> . Qualidade do que é tardio nos movimentos. Aurélio – Lerdeza , s.f. De <i>lerdo</i> + <i>-eza</i> . Qualidade de lerdo, tardio nos movimentos; lerdice. Houaiss – Lerdeza , s.f. <i>lerdo</i> + <i>-eza</i> ; ver <i>lerd-</i> . Qualidade ou condição de lerdo, característica do que apresenta movimentos retardados ou lentos; lerdice.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao indivíduo que tem dificuldades ou não tem capacidade de aprender as coisas.	

60. Linguarudo sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Linguarudo</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: língua — <i>linguaz</i> adj. ‘linguarudo, falador’ XV BERN 150 .	
Registro em dicionários: Freire – Linguarudo , adj. O mesmo que linguareiro. Aurélio – Linguarudo , Adj. De <i>língua</i> + <i>-r</i> + <i>-udo</i> . Ver <i>linguareiro</i> . Houaiss – Linguarudo , adj. e s.m. <i>língua</i> + <i>-r-</i> + <i>-udo</i> ; ver <i>lingu(o)-</i> . 1. Diz-se de ou indivíduo que fala demais; falador, tagarela, indiscreto, maldizente.	
Observações: No Aurélio linguareiro, que é falador, mexeriqueiro, maldizante, maledicente; de língua solta; solto de língua.	
Definição: Designação dada a pessoa que fala demais.	
61. Meu véio fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Meu véio</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Termo afetivo utilizado pela esposa para se dirigir ao esposo.	
62. Pão duro sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Pão duro</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Pão-durismo , s.m. De <i>pão-duro</i> + <i>-ismo</i> . Qualidade ou ação de pão-duro; mesquinhez, sovinice, avareza. Houaiss – Pão-duro , adj. e s. 2g. Mesmo que <i>avarento</i> .	
Observações:	
Definição: Indivíduo que não gosta de gastar o seu dinheiro.	
63. Pá de chifre fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Pá de chifre</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao homem que foi traído pela mulher.	
64. Pé de cana sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Pé de cana</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Pé de cana , s.m. Aquele que tem o hábito de se embriagar; bebedor.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que bebe muito, tem o hábito de se embriagar.	

65. Pé inchado sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Pé inchado</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que tem o hábito de se embriagar.	
66. Pinguço sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Uns chama de pinguço</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Pinguço , adj. Bêbedo. Aurélio – Pinguço , adj. De <i>pinga</i> + <i>-uço</i> . 1. Ver embriagado. s.m. Indivíduo dado à pinga; pingueiro, cachaceiro. Houaiss – Pinguço , adj. e s.m. pinga no sentido de 'bebida alcoólica, esp. aguardente de cana' + <i>-uço</i> ; ver <i>pend-</i> . 1. Diz-se de ou quem bebe pinga (no sentido de 'cachaça'). 1.1. Diz-se de ou aquele que se embriaga; bêbedo, cachaceiro.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que consome muito álcool, bebe demais.	
67. Safado sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Aí é safado</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: safar vb. 'tirar, puxando' 'desembaraçar' <i>çafar</i> XVI De origem obscura, talvez do ár. <i>zâh</i> safado 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Safado , adj. Tirado para fora. 2. Gasto ou deteriorado pelo uso; cotiado. 3. Apagado, gasto. 4. Desavergonhado, descarado. Aurélio – Safado , adj. Desavergonhado, descarado, cínico, impudente. S.m. 6. Indivíduo safado. Houaiss – Safado , adj. e s.m. part. de safar no sentido de 'lit. gasto com o uso; donde desavergonhado, vil, desprezível'; f.hist. 1450-1516 <i>çafado</i> , 1652 <i>çafado</i> . 6. Que ou o que não tem vergonha de seus atos censuráveis; descarado, desavergonhado, cínico.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao indivíduo que não paga as suas contas, dívida.	
68. Sapata sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Sapata</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: sapato sm. 'calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé' XVI, <i>ça-</i> XIII De origem duvidosa, talvez do turco <i>çabata</i> sapata XVI.	
Registro em dicionários: Freire – Sapata , s.f. Espanhol <i>zapata</i> . Sapato largo e grosso sem tação ou de tação raso. Aurélio – Sapata , s.f. De <i>sapato</i> . 1. Sapato largo, raso e grosseiro. 2. Estribo antigo, de metal, em forma de chinelo. Houaiss – Sapata , s.f. sapato com mudança de vogal temática; f.hist. sXIII <i>çapata</i> , c1543 sapata. 11 (d1950) Lésbica, sapatão.	
Observações:	
Definição: Designação dada a mulher que sente atração afetiva ou sexual por outra mulher. Mesmo que lésbica.	

69. Sem noção adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Ah esse é meio sem noção</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Sem-noção , adj. s.2g e 2n. Diz-se de ou indivíduo ou grupo de indivíduos insensato, a quem falta conhecimento, discernimento, consciência, bom senso, não raro bons modos.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que tem dificuldade de aprender as coisas.	
70. Talarico sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Talarico</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada a pessoa que fala demais.	
71. Veadagem sm	01 OCORRÊNCIA
<i>A gente fala que é muita veadagem né?</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Veadagem , s.f. De <i>veado</i> + <i>-agem</i> . Ato, dito ou trejeitos exagerados de certos homossexuais; bichice. Houaiss – Veadagem , s.f. <i>veado</i> + <i>-agem</i> . Comportamento ou trejeito chamativo que se atribui aos homens homossexuais; bichice, frescura, veadismo.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao homem que gosta de homem.	

4) CAMPO LEXICAL DE TRABALHO

01. Guaraná sm	122 OCORRÊNCIAS
<p><i>Pode-se dizer que a do guaraná é bem parecida com a colheita de uva... que é por tesoura de poda. Segura um cacho... corta o cacho e joga no balaio</i> (Entrevista 05AM18).</p> <p><i>O guaraná do mesmo jeito...o guaraná a gente colhe...por exemplo... a gente tá começando a colhê agora em outubro...novembro...já pode colhê ele e botá na sacolinha...tem uns detalzinho aí que depois a gente vê. Aí ó...aí a gente vamo plantá ele só novembro...dezembro do ano que vem...</i> (Entrevista 06SM67).</p>	
<p>Etimologia: guaraná sm. 'bebida refrigerante preparada com a massa das sementes da <i>Paullinia cupania</i>, planta da fam. das sapindáceas' 1881. Do tupi *<i>uara'na</i>.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Guaraná, s.m. Planta medicinal da família das sapindáceas, também chamada naranazeiro, uaraná. Aurélio – Guaraná, s.m. 1. Bot. Arbusto sapindáceo (<i>Paullinia cupana</i>) da floresta amazônica, de folhas trifoliadas, flores pequenas, alvacentas, e cuja cápsula fornece semente rica em substâncias excitantes (xantinas) e, por isso, adequadas à fabricação de refrigerantes e certos medicamentos; guaranazeiro. Houaiss – Guaraná, s.m. [Segundo JM, tupi <i>wara'ná</i>]. 1. Arbusto escandente de até 10 m (<i>Paullinia cupana</i>), da fam. das sapindáceas, de folhas com cinco folíolos, pequenas flores aromáticas em tirso, cápsulas septicidas e sementes subglobosas, com vários usos medicinais, esp. como tônicas e excitantes, e de que se fabricam refrigerantes; guaranazeiro, naranazeiro (Nativo da Amazônia, há séculos é cultivado entre os maués, pelas sementes, ger. transformadas em pasta, depois em bastão muito duro (o gênero em bastão), tradicionalmente limado em língua seca de pirarucu para ser reduzido a pó (o gênero em pó).</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Fruto da árvore conhecida como guaranazeiro. Possui uma cor avermelhada e uma semente utilizada na produção de bebidas ou triturada até formar um pó. Contém cafeína e propriedades estimulantes. É o tipo de cultura que gera renda para os assentados do PA São Francisco.</p>	
02. Plantar V	73 OCORRÊNCIAS
<p><i>A minha 'qui dentro ela é bem divertida né? que a gente de manhã cedo faz algumas coisa nossa da propriedade né? tipo plantá...</i>(Entrevista 01HM35).</p> <p><i>Eu já aprendi tanta coisa em tão pouco tempo assim fiz...que eu tinha tanta vontade de estudá mas a gente num podia porque tinha que plantá né?</i> (Entrevista 03LF41).</p>	
<p>Etimologia: Do lat. <i>plantātor -ōris</i> plantar XIV, prantar XV.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Plantar, v. Lat. <i>plantare</i>. Meter na terra (algum vegetal) para aí criar raízes. 2. Dispor na terra: semear, cultivar. 3. Fazer plantação em; amanho. 4. Fazer sementeira ou cultura. 5. Fazer, praticar. 6. Fincar na terra verticalmente. 7. Assentar, colocar, erigir. 8. Fixar. 9. Criar, fundar. 10. Deixar parado, fazer estacionar. 11. Pop. colocar-se, pôr-se ou conservar-se firmemente nalgum lugar. Aurélio – Plantar, v. [Do lat. <i>plantare</i>]. 1 Meter (um vegetal) na terra para aí enraizar. 2. Realizar a sementeira de; semear, cultivar. 3. Fazer plantação em; amanho. 4. Preparar (a terra) para a plantação, cultivar, amanho, arrotear. 5. Fincar verticalmente na terra. Houaiss – Plantar, v. lat. <i>planto,as,āvi,ātum,āre</i> no sentido de 'plantar, semear'; ver <i>plant-</i>; f.hist. sXIV plantou, sXIV <i>plantára</i>, sXV prantar. 1. Introduzir (uma semente ou muda de um vegetal) na terra ou sucedâneo, para que ali crie raízes e se desenvolva. 2. fazer o cultivo de; semear.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Ato de introduzir sementes ou mudas na terra até criar raízes e, posteriormente, cultivá-las.</p>	

03. Colher V	36 OCORRÊNCIAS
<i>O pessoal vem de Porto Velho colhê</i> (Entrevista 06SM67). <i>Aí vai chegando que eles é uma lavôra que cê não colhê ele tudo cai d'uma vez</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: colher v. 'tirar, apanhar, recolher' 'coletar, coligir' XIII. Do lat. <i>cōlligĕre</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Colher , v. Lat. <i>colligere</i> . Tirar ou separar da haste (flores, frutos ou folhas). 2. Recolher. Aurélio – Colher , v. Do lat. <i>colligere</i> , por via popular. 1. Tirar, desprender (flores, frutos, folhas) do ramo ou da haste; apanhar. Houaiss – Colher , v. lat. <i>colligo, is, llēgi, llectum, lligĕre</i> no sentido de 'juntar, reunir, apanhar'; a transformação do -l- em -lh- deve-se à 1ª pessoa do singular. do indicativo presente de acordo com a seguinte cadeia evolutiva lat. > port. <i>colligo</i> > * <i>collio</i> > <i>colho</i> , a partir daí se estendeu a todas as formas da flexão desse verbo; ver <i>leg-</i> ; f.hist. sXIII <i>colher</i> , sXIII <i>coller</i> . 1. tirar de (árvore, plantação, jardim etc.), separando de ramo ou haste (flores, frutos, folhas etc.); apanhar. 2. retirar ou recolher (algo) de.	
Observações:	
Definição: Ato de extrair, recolher ou separar os frutos da árvore em época de colheita.	
04. Muda sf	33 OCORRÊNCIAS
<i>Ele tem muda lá pra vendê</i> (Entrevista 03LF41). <i>Eu só sei que é...foi plantado setecentos pé...setecentas muda</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: muda, s.f. XV. Dev. de <i>mudar</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Muda , s.f. De <i>mudar</i> . Ato ou efeito de mudar ou mudar-se. 12. Planta tirada do viveiro para plantação definitiva. Aurélio – Muda , s.f. Dev. De <i>mudar</i> . 4. Planta tirada do viveiro para plantação definitiva. Houaiss – Muda , s.f. regr. de <i>mudar</i> ; ver <i>mut-</i> . 6.2 planta, no início de sua evolução, retirada de um viveiro para ser plantada em local definitivo	
Observações:	
Definição Refere-se à planta do guaraná ou cupuaçu em fase inicial de crescimento que permite a mudança ou troca para outros locais até estar apropriada para o plantio em um local definitivo.	
05. Roça sf	27 OCORRÊNCIAS
<i>Fiquei aqui dentro aí trabalhando...prantando um bocado de mandioca...uma roça de guaraná</i> (Entrevista 09GM46). <i>Como que era aqui antes de...{Antes de plantá} Antes de nós fazê essa roça?</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: roç-a→ roçar vb. 'pôr abaixo (vegetação), cortar, derrubar' 'atritar, esfregar' XIV. Do lat. * <i>ruptiāre</i> , de <i>ruptus</i> , part. de <i>rumpĕre</i> 'romper' roça XVI.	
Registro em dicionários: Freire – Roça , s.f. De <i>roçar</i> . Ação ou feito de roçar; roçadura. 2. Terra onde se roça o mato. 3. Terra cheia de mato. 5. Sementeira plantada entre o mato ou em terreno a que se roçou o mato. 6. Granja; terra de lavoura; lavoura, especialmente de mandioca. Aurélio – Roça , s.f. [Dev. de <i>roçar</i> .]. 2. Terreno onde se roça mato. 3. Sementeira plantada em terreno roçado ou no próprio mato. 4. Grande propriedade agrícola. 5. Bras. Terreno de pequena lavoura (em especial de mandioca, milho, feijão, etc.). 6. Bras. P. ext. Mandiocal. Houaiss – Roça , s.f. [regr. De <i>roçar</i> , ver <i>romp-</i> ; f.hist. 1552 roça no sentido de 'terra roçada', 1594 rossa, 1685 roça no sentido de 'terreno de lavoura']. 2. (1552) Terreno em que se faz a roçada. 3. Tereno com muito mato. 5 (1594) Terreno de lavoura, grande ou pequeno; plantação, plantio. 5.2 (1764) Brasileirismo. Terreno roçado, plantado de mandioca; mandiocal. 6. Sementeira cultivada entre o mato ou em terreno roçado.	
Observações:	
Definição: Área que foi derrubada para fins de plantio de culturas.	

06. Açaí sm	26 OCORRÊNCIAS ~ Açaizinho sm	01 OCORRÊNCIA
<p><i>Eu eu tô...a gente tá levando daqui pra lá no caso né porque num tem como a gente fazê derrubada... roçá muito sem tê condições de plantá sementes sem tê e também muda de plantio assim a gente num consegue né. Esses açaí eu tive que comprá lá naquela/naquela senhô que mora na BR ali perto do antigo Daron né...ele tem muda lá pra vendê</i> (Entrevista 03LF41).</p> <p><i>O açaí...esse açaí a gente/a gente compramo as muda já de um vivêro aí...mas aí aqui a gente usa a semente própria encantêra/encantêra ela...</i> (Entrevista 06SM67).</p>		
<p>Etimologia: açaí sm. ‘espécie de palmeira da subfam. das <i>ceroxilíneas</i>, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada’ <i>assaí</i> 1763, <i>açay</i> c 1767, <i>uaçai</i> c 1777 etc. Do tupi *<i>iyasa</i> ‘i.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – <i>Açaí</i> ou <i>Açahi</i>, s.m. Fruto do açaizeiro. Aurélio – <i>Açaí</i>, s.m. [Do tupi = ‘fruto que deita água’]. 1. Palmeira arecácea (<i>Euterpe olerácea</i>) de até 20m, com o tronco múltiplo, formando touceiras, que ocorre no Brasil desde a Amaz. Até a BA, em matas ciliares. As folhas têm até 2m, e os frutos, roxo-escuros, são muito apreciados, e deles se faz papa alimentícia, suco, etc. O palmito, de boa qualidade, é us., industrialmente, em conservas. 2. O fruto do açaí; juçara. Houaiss – Açaí, s.m. [tupi <i>iyasa</i> ‘i no sentido de ‘fruto que chora, isto é, que deita água; fruta ácida’; segundo DHPT, ‘espécie de palmeira, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada, açaizeiro’; f. hist. 1763 <i>assaí</i>, c1767 <i>açay</i>, 1772 <i>assai</i>, 1817 <i>assiah</i>, 1853 <i>açahi</i>, 1978 <i>açaí</i>]. 1. Palmeira cespitosa de até 25m (<i>Euterpe olerácea</i>), nativa da Venezuela, Colômbia, Equador, Guianas e Brasil (AM, PA, AP, MA), de estipe anelado e frutos roxo-escuros de polpa comestível, assim como o <i>palmito</i>; <i>açaí-branco</i>, <i>açaí-do-pará</i>, <i>açaizeiro</i>, <i>coqueiro-açaí</i>, <i>guaçaí</i>, <i>iuçara</i>, <i>juçara</i>, <i>palmeira-açaí</i>, <i>palmeira-jiçara</i>, <i>palmitero</i>, <i>palmito</i>, <i>piná</i>, <i>piriá</i>, <i>tucaniei</i>, <i>uaçaí</i>. 2. Fruto dessa planta.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Fruto da palmeira conhecida como açaizeiro. Designação geral para se referir ao açaizeiro. É encontrado com frequência na lavoura do guaraná como técnica de reflorestamento.</p>		
07. Cupuaçu sm	27 OCORRÊNCIAS ~ Cupu sm	02 OCORRÊNCIAS
<p>[...] <i>Você num tem uma dispôpadêra de cupuaçu... que nem a renda aqui é muito forte de cupuaçu... açaí... guaraná</i> (Entrevista 01HM35).</p> <p><i>A plantação do cupuaçu...cê planta... pega a semente... cê de quatro em quatro metro... cê pega a semente vai prantando... prantando a semente... pranta duas sementinha...</i>(Entrevista 08JM64).</p>		
<p>Etimologia: cupu sm. ‘fruto semelhante ao cacau’ XX. Do tupi *<i>ku’pu</i> cupuaçu ‘fruto do cupuaçuzeiro’ <i>cupuassú</i> 1817, <i>copuassú</i> 1833 etc.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Cupuaçú, s.m. Árvore malvácea (<i>Deltonea lútea</i>). 2. O fruto dessa árvore. 3. Árvore da família das esterculiáceas (<i>Theobroma grandiflora</i>, Schum.). 4. Fruto dessa árvore. Aurélio – Cupuaçu, s.m. [Do tupi = ‘<i>cupu grande</i>’]. 1. Árvore esterculiácea (<i>Theobroma grandiflorum</i>) grande ou pequena, cujo fruto, cápsula oblonga, tem polpa aromática, doce, comestível, usada em compotas e refrescos, e cujas sementes lembram, no sabor, o cacau-verdadeiro, sendo as flores vermelho-purpúreas com as margens alvas, e dispostas em panículas, cupuaçuzeiro. 2. O fruto dessa árvore. Houaiss – Cupuaçu, s.m. [Tupi *<i>kupua</i> ‘su no sentido de ‘planta da fam. das esterculiáceas, o fruto dessa planta’, formado de *<i>ku’pu</i> no sentido de ‘fruto semelhante, parecido ao cacau, ou que tem a forma do cacau’ + (gw)a’su no sentido de grande’; ver <i>cupu-</i> e <i>-açú</i>; f. hist. A 1776 <i>copu açu</i>, 1817 <i>cupuassú</i>]. 1. Árvore de até 20m (<i>Theobroma grandiflorum</i>) da fam. das esterculiáceas, nativa da Amazônia e Maranhão, de folhas dísticas, coriáceas, flores bracteadas que brotam dos galhos e frutos comestíveis ao natural, refrigerantes, muito usada em doces, e com sementes como as do cacau, das quais se extrai matéria graxa e aromática; cupu, cupuaçueiro, cupuaçuzeiro. 2. Árvore pequena (<i>Theobroma bicolor</i>) da mesma fam. nativa da Amazônia, de folhas grandes, cordadas, flores paniculadas e frutos comestíveis, com casca lenhosa, polpa branca, aromática, doce e enjoativa e sementes sucedâneas das do cacau; <i>cacau-da-nova-granada</i>, <i>cacau-do-peru</i>, <i>cupuaçueiro</i>, <i>cupuaçuzeiro</i>, <i>macambo</i>.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Fruto da árvore conhecida como cupuaçuzeiro. Possui polpa branca comestível, com aroma forte, não muito adocicada. É um tipo de cultura que gera renda para os assentados..</p>		

08. Feijão sm	18 OCORRÊNCIAS
<i>Já plantei feijão ...plantei tudo já... mas não pra mim</i> (Entrevista 02JM27). <i>Truxe oito espécie de feijão lá do Mato Grosso do Sul/Mato Grosso do Sul...São Paulo</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: feijão, s.m. 'fruto do feijoeiro, nome comum a várias plantas da família das leguminosas' <i>feijoes</i> pl. XIII Do lat. <i>faseolus</i> -i.	
Registro em dicionários: Freire – Feijão , s.f. Lat. <i>phaseolus</i> . Nome que se dá à semente de numerosas plantas pertencentes à família das leguminosas-papilionáceas, bem como às plantas mesmas, especialmente às espécies comestíveis e mais particularmente ao feijão comum, de que há grande variedade. Aurélio – Feijão , s.m. Do lat. * <i>phaseolonu</i> < lat. <i>phaseolu</i> . 1. Semente de feijoeiro. 2. Ver feijoeiro. Houaiss – Feijão , s.m. lat. <i>faseolus</i> ,i dim. de <i>phasēlus</i> ,i no sentido de 'feijão, vagem', adaptado do grego <i>phásēlos</i> ou <i>phasēolos</i> ,ou (no sentido definido), pelo vulgar; compare <i>faséolo</i> ; ver <i>faseol(i)</i> - e <i>fej-</i> . 1. Semente do feijoeiro; feijá (ANG), fijá (ANG). 2. Fruto do feijoeiro; vagem, fava, legume. 3. Designação comum a várias plantas da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, especialmente às do gênero <i>Phaseolus</i> e a algumas do gênero <i>Vigna</i> , frequentemente com vagens e/ou sementes comestíveis; feijoeiro.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir a grande variedade de sementes de plantas conhecida como feijoeiro. Faz parte das primeiras tentativas de cultivo dos assentados ao chegar no PA São Francisco.	
09. Veneno sm	17 OCORRÊNCIAS
<i>Tá lindo...ele nunca passou veneno lá</i> (Entrevista 04MF61). <i>Num passa o veneno não</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: veneno, s.m. 'substância que altera ou destrói as funções vitais' XVI, <i>venino</i> XV Do lat. <i>venēnum</i> -ī.	
Registro em dicionários: Freire – Veneno , s.m. Lat. <i>venenum</i> . Substância que, tomada interiormente ou aplicada sobre um corpo vivo, é capaz de lhe destruir ou alterar as funções vitais. Aurélio – Veneno , s.m. Do lat. <i>venenu</i> . 1. Designação genérica de substância que, ministrada por qualquer via, ou desenvolvida no próprio corpo, causa lesão orgânica ou distúrbio funcional, pela ação química que exerce. Houaiss – Veneno , s.m. lat. <i>venēnum</i> ,i no sentido de 'filtro, poção mágica para se fazer amar; remédio; veneno'; ver <i>vene(ni)</i> -; f.hist. sXV <i>veneno</i> , sXV <i>venino</i> . 1. Qualquer substância, preparada ou natural, que por sua atuação química é capaz de destruir ou perturbar as funções vitais de um organismo.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir a diversas substâncias químicas com fins de retenção de pragas ou doenças nas lavouras.	
10. Lavôra sm	16 OCORRÊNCIAS
<i>Eu preciso/eu preciso saí daqui porque eu fiz um investimento grande aqui na formação de/de lavôra de SAFIS...que são dois safi</i> (Entrevista 06SM67). <i>Ali conforme a/o guaraná é uma lavôra que cê planta uma vez só</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: lavoura <i>lauoira</i> XIII, <i>laboira</i> XIII Do lat. * <i>laboria</i> , de labor.	
Registro em dicionários: Freire – Lavoura , s.f. lat. <i>laboria</i> . Preparação do terreno para sementeira ou plantação. 2. Agricultura. 3. Ato de cultivar a terra. 4. Propriedade lavrada e cultivada. Aurélio – Lavoura , s.f. Dev. Do ant. <i>laborar</i> < lat. <i>laborare</i> , 'trabalhar'. 1. Preparação do terreno para a sementeira ou plantação; lavra. 2. Amanho e/ou cultivo da terra; lavra, lavradio, lavragem, lavramento; agricultura. 3. Terreno lavrado e cultivado; lavra, lavrada. Houaiss – Lavoura , s.f. origem controversa.; o vocábulo tem sido considerado regressivo de um antigo verbo <i>laborar</i> , do lat. <i>laborāre</i> no sentido de 'trabalhar, esforçar-se', usado com restrição de significação na acp. 'trabalhos de cultivo de campo, para plantação e colheita' [...].1. Ato de preparar o terreno para cultivá-lo. 2. O ato de cultivar, o cultivo da terra; agricultura, lavradio. 3. Extensão de terra que se cultiva ou cultivou; lavrada.	
Observações:	
Definição: Extensão de terra que foi cultivada com algum tipo de cultura, cultivo.	

11. Farinha sf	16 OCORRÊNCIAS
<i>Da mandioca cê faz a farinha</i> (Entrevista 01HM36). <i>Agora a farinha desde quando eu vim pra cá plantá mandioca</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: farinha, s.f. ‘pó a que se reduzem cereais moídos XIV, <i>farÿa</i> XIII, <i>farynna</i> XIII etc. Do lat. <i>farÿna</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Farinha , s.f. Lat. <i>farina</i> . 2. Pó obtido pela trituração de qualquer substância farinácea. Aurélio – Farinha , s.f. Do lat. <i>farina</i> . 1. Pó a que se reduzem os cereais moídos. 2. Pó em que se transformam, uma vez trituradas, certas sementes e raízes, e no Brasil com especialidade a farinha de mandioca. Houaiss – Farinha , s.f. lat. <i>farÿna,ae</i> no sentido de 'farinha de trigo, qualquer qualidade de farinha'; ver <i>far-</i> ; f.hist. sXIII <i>farynna</i> , sXIV <i>farinha</i> . 1. Pó obtido pela moagem de certos cereais. 2. Pó obtido pela trituração e moagem de certas sementes e raízes.	
Observações:	
Definição: É produzida a partir da trituração da mandioca, posteriormente torrada até fazer pequenos grãos de cor amarelada. O assentado faz todo o cultivo e preparo da farinha para consumo próprio.	
12. Mandioca sf	14 OCORRÊNCIAS
<i>Eu tenho uma mandioca... mas assim pra comê né?</i> (Entrevista 01HM35). <i>Fiquei aqui dentro aí trabalhando. Prantando um bocado de mandioca</i> (Entrevista 09GM64).	
Etimologia: mandioca, s.f. ‘planta da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot utilissima</i>), raiz tuberosa, comestível, que fornece amido, tapioca e farinha, e com a qual se preparam inúmeras iguarias’ 1549, 1557 etc., <i>mandioqua</i> 1556 etc. Do tupi <i>magi’oka</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Mandioca , s.f. Planta do Brasil, da família das euforbiáceas, chamada também maniva, manuba, e manduba (<i>Manihot utilissima</i>). 2. A raiz desta planta, formada de grandes tubérculos carnudos e ovais de que se extrai a fécula alimentícia chamada farinha de pau e tapioca. Aurélio – Mandioca , s.f. Do <i>tupi</i> . 1. Planta euforbiácea (<i>Manihot utilissima</i>) cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, mas da qual há espécies venenosas. 2. O tubérculo dessa planta. Houaiss – Mandioca , s.f. tupi <i>mandi’oka</i> no sentido de 'mandioca, raiz da planta chamada <i>mandi’iwa</i> , no tupi'; a fonte do latim científico. <i>Manihot</i> é o fr. <i>manihot</i> (1558), depois (1578) <i>maniot</i> e (1614) <i>manioc</i> , <i>emprrt.</i> ao port. ou esp. mandioca ou ao tupi-guarani <i>mandióg</i> ; Staden registra esta palavra num livro em alemão de 1557; grafias doc. no port., a partir de 1549: <i>mandioqua</i> , <i>mãdioca</i> , <i>mãdioqua</i> , <i>mamdioqua</i> , <i>mandiôca</i> , <i>mandiocha</i> , <i>mandiôca</i> , <i>mandioca</i> etc.; ver <i>mandioc-</i> . 1. Arbusto (<i>Manihot esculenta</i>) da fam. das euforbiáceas, nativo da América do Sul, de folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e tb. ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d'água e ração animal. 2. Raiz dessa planta.	
Observações:	
Definição: Raiz da planta que apresenta o nome científico de <i>Manihot Esculenta</i> . É cultivada para a produção da farinha de mandioca e extração do líquido tucupi pelos assentados.	
13. Roçadêra sf	13 OCORRÊNCIAS
<i>[...] pra limpá mesmo você passa a roçadêra né no meio</i> (Entrevista 01HM35). <i>Agora ele/ele trabalha com roçadêra</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Roçadeira , s.f. De <i>roçar</i> + <i>deira</i> . 1. Mulher que roça mato. 2. Mulher que lava ou esfrega as casas. Aurélio – Roçadeira , s.f. De <i>roçar</i> + <i>-deira</i> . Ver roçadoura. Houaiss – Roçadeira , s.f. rad. do part. <i>roçado</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>romp-</i> . 1. Foice ou enxada adequada para roçar; <i>roçadoira</i> , <i>roçadoura</i> .	
Observações: Em Freire consta roçadeiro, de <i>roçar</i> + <i>deiro</i> . Que roça ou serve para roçar (falando-se de instrumentos agrícolas): “foice roçadeira”.	
Definição: Instrumento utilizada para realizar a limpeza de capim presente na roça ou na lavoura.	

14. Adubo sm	12 OCORRÊNCIAS
[...] <i>um adubo pra podê vim melhó né?</i> (Entrevista 01HM35). <i>Nenhum tipo de adubo</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: adubar v. ‘preparar, arrumar, adornar, guisar’ XIII. Do a. fr. <i>adober</i> ‘armar cavaleiro’, deriv. do lat. <i>*addūbāre</i> e, este, do frâncico <i>*dubban</i> . ‘golpear, bater’; na Idade Média, era costume dar um pequeno golpe com a espada no ombro daquele que estava sendo armado cavaleiro <i>adubo</i> XIII.	
Registro em dicionários: Freire – Adubo , s.m. De <i>adubar</i> . Estrume; excremento de animais ou detritos vegetais, ricos em princípios químicos, biológicos ou minerais, que se aproveitam para regenerar os terrenos em que se fazem culturas agrícolas ou hortícolas. 2. Produto que se mistura à terra cultivável, para torna-la mais fértil ou produtiva. Aurélio – Adubo , s.m. Dev. De <i>adubar</i> . 1. Resíduos animais ou vegetais, ou substância química, que se misturam à terra para fertilizá-la; fertilizante. Houaiss – Adubo , s.m. regressivo de <i>adubar</i> ; ver <i>adub-</i> ; f.hist. sXIV <i>adubo</i> , sXIV <i>adobe</i> . 1. Conjunto de resíduos animais ou vegetais, ou produto mineral ou químico, que se mistura à terra para fertilizá-la ou regenerá-la.	
Observações:	
Definição: Conjunto de resíduos animais ou vegetais, ou mineral ou químico, utilizado na terra com o intuito de fertilizá-la para a realização do plantio de culturas.	
15. Coca sf	11 OCORRÊNCIAS
<i>Só tá nós com a Coca agora que é a turma do Amazonas né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada para se referir à empresa Coca-Cola Brasil.	
16. Macaxêra sf	12 OCORRÊNCIAS
<i>Lá varavam lá... carregando macaxêra nas costa para vendê né?</i> (Entrevista 03LF41). <i>Muita macaxêra aqui</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: macaxeira, s.f. ‘mandioca doce, aipim’ <i>macacheira</i> 1698, <i>maquaxeira</i> c 1631.	
Registro em dicionários: Freire – Macaxeira , s.f. Mandiba raspada. 2. Planta da família das euforbiáceas, também chamada mandioca doce, aipim (<i>Manihot palmata</i> , Muell. Arg.). Aurélio – Macaxeira , s.f. Var. de <i>macaxera</i> . Ver <i>mandioca</i> . Houaiss – Macaxeira , s.f. tupi <i>maka'xera</i> no sentido de 'mandioca mansa, aipim'; comparar <i>macaxera</i> e <i>macaxera</i> ; f.hist. 1608 <i>macacheira</i> , c1631 <i>maquaxeira</i> , c1777 <i>macaxeira</i> . 1. Mesmo que mandioca (<i>Manihot esculenta</i> , 'raiz'). 2. Mesmo que aipim (<i>Manihot palmata</i> , 'raiz').	
Observações:	
Definição: Possui cor branca, amarelada ou rosada e pode ser consumida após um breve período de cozimento. É muito consumida pelos assentados do PA São Francisco e faz parte dos tipos de cultura presentes no projeto.	

17. Urucum sm	09 OCORRÊNCIAS
<i>Aí tá... fica um pouco difícil né que eu tenho uns urucum aí... tem uns dois anos já... não consigo venda</i> (Entrevista 03LF41).	
<i>O urucum a gente tem mas a gente tá desanimado</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Urucum , s.m. O fruto do urucueiro. 2. Substância tintorial do urucueiro. 3. O mesmo que urucueiro. Aurélio – Urucum , s.m. Ver <i>urucu</i> . Houaiss – Urucum , s.m. tupi <i>uru'ku</i> no sentido de 'fruto de uma planta da família das bixáceas, de cuja polpa os indígenas extraíam uma substância tintorial vermelha com que pintavam o corpo e tingiam peças de algodão e artefatos diversos', donde 'vermelho'; documentado <i>urucu</i> em 1592, depois. <i>urucum</i> , por nasalização da tônica final; f.hist. 1592 <i>urucu</i> , 1616 <i>oroco</i> , 1782 <i>orucu</i> , 1858 <i>urucú</i> , 1928 <i>urucum</i> . 1. Árvore pequena (<i>Bixa orellana</i>) da família das bixáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, com folhas geralmente trilobadas, flores róseas, em panículas, e cápsulas grandes, rosadas ou roxas, e pardo-escuras quando secas, com espinhos moles e várias sementes; <i>açaíroa</i> , <i>açaíroeira-da-terra</i> , <i>achiote</i> , <i>bixa</i> , <i>caraza</i> (ANG), <i>diteke</i> (ANG), <i>diteque</i> (ANG), <i>iricuzeiro</i> , <i>quesri</i> (ÍND), <i>quisafu</i> (ANG), <i>urucueiro</i> , <i>urucuuba</i> , <i>urucuzeiro</i> , <i>ururu</i> [Com algumas variedades, é cultivada no Brasil e em outros países, como ornamental e pelas sementes e polpa que as envolve, com propriedades medicinais e especialmente usada para o fabrico de corantes.]	
Observações:	
Definição: Fruto da árvore conhecida como urucuzeiro. Possui cápsulas grandes constituídas por pequenas sementes que, após o processamento, produzem o colorau. Tipo de cultura presente na lavoura de alguns assentados do PA São Francisco.	
18. Enxadão sm	07 OCORRÊNCIAS
<i>O enxadão é reto...</i> (Entrevista 02JM27).	
<i>Tem enxadão</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: <i>enxada</i> sf. 'instrumento de capinar ou revolver a terra' <i>enxadão</i> <i>exadões</i> pl. XIV. Cp. ENXÓ.	
Registro em dicionários: Freire – Enxadão , s.m. O mesmo que alvião. Aurélio – Enxadão , s.m. De <i>enxada</i> + <i>-ão</i> . 1. Enxada grande. 2. Instrumento encabado, de ferro, com uma extremidade larga terminada em gume e a outra estreita como o bico da picareta, usado na agricultura ou no desaterro; alvião, marraco. Houaiss – Enxadão , s.m. <i>enxada</i> + <i>-ão</i> . 1. Enxada grande.	
Observações:	
Definição: Instrumento que se assemelha à enxada, usado para capinar ou cavar a terra.	
19. Itaúba sf	07 OCORRÊNCIAS
<i>Tem muda de Itaúba ali...muda de Itaúba ali. Lá pra esse mês que vem se começá chovendo bem vou tacá Itaúba no chão e vai sê lá no meio do guaraná que o guaraná tá cheio de castanha</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: <i>-ita-</i> elem. comp., do tupi <i>i'ta</i> 'pedra', que se documenta em inúmeros vocs. port. de origem tupi: <i>ibiraitá</i> , <i>itaimbé</i> , <i>itaúba</i> etc.	
Registro em dicionários: Freire – Itaúba , s.f. Nome comum a três espécies de árvores da família das lauráceas (<i>Ocotea megaphylla</i> , Meissn.; <i>Silvia itaúba</i> , Pax.; e <i>Silvia Duckei</i> , A. Samp.), também denominadas itaúba amarela. Aurélio – Itaúba , s.f. Do tupi = 'pedra-árvore'. Árvore laurácea (<i>Mezilaurus itaúba</i>) da Amazônia e Mato Grosso, de folhas espessas e obovado-oblongas, flores insignificantes, e cujos frutos são bagas negras, sendo a madeira, amarela, das mais resistentes, usada sobretudo em construção naval; itaúba-vermelha. Houaiss – Itaúba , s.f. tupi <i>*ita'iwa</i> derivado de(o) <i>i'ta</i> no sentido de 'pedra' + <i>iwa</i> no sentido de 'planta, árvore'; ver <i>-uba</i> . 2. Árvore (<i>Phoebe semicarpifolia</i>) da mesma família, nativa do Brasil (AM), de casca decídua, folhas ovais e inflorescências multifloras; paraturi.	
Observações:	
Definição: Árvore que produz uma madeira de alta durabilidade. É encontrada em áreas próximas à lavoura de guaraná como técnica de reflorestamento.	

20. Sacolinha sf	07 OCORRÊNCIAS
<i>Bota na sacolinha e aí ele germina ali</i> (Entrevista 06SM67). <i>Depois passa pa sacolinha</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Sacolinha, s.f. De <i>sacola</i> + <i>-inha</i> . Pequena sacola. Houaiss – Sacolinha, s.f. <i>saco</i> + <i>-ola</i> ; ver <i>sac(i/o)</i> -; f.hist. 1597 <i>sacola</i> , 1678 <i>saccola</i> . 3. Saco de tamanho pequeno ou médio, provido de alças e usado para transportar compras e objetos.	
Observações:	
Definição: Sacola pequena com furos utilizada para a germinação de plantas.	
21. Bucado sm	06 OCORRÊNCIAS
<i>Tem a professora Dinalva... tem o Jefinho... tem uns bucado aí que já foi confirmado</i> (Entrevista 02JM27). <i>A UFAM também veio um bucado aqui</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Bocado , ou Bocado , s.m. De <i>boca</i> + <i>ado</i> . 3. Pedação ou porção de qualquer cousa. Aurélio – Bocado , s.m. De <i>boca</i> (<i>ô</i>) + <i>-ado</i> . 2. Pedaco, porção. 3. Pequena quantidade de qualquer coisa. Houaiss – Bocado , s.m. <i>boca</i> + <i>-ado</i> ; ver <i>boc(a)</i> -. 4. Fração de uma coisa; pedaço, porção. 4.1. Pequena quantidade de algo.	
Observações:	
Definição: Refere-se a uma grande quantidade que não pode ser contada.	
22. Enxada sm	06 OCORRÊNCIAS ~ Enxadinha sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Pra gente fazermos/pa plantá enxada né?</i> (Entrevista 01HM35). <i>No começo a gente limpava de enxada eu e ele</i> (Entrevista 04MS61).	
Etimologia: <i>enxada</i> , s.f. 'instrumento de capinar ou revolver a terra' XVI, <i>axada</i> XIII, <i>exada</i> XIV Do lat. <i>*asciāta</i> , de <i>asciā</i> - <i>ae</i> (ou <i>ascēa</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Enxada , s.f. Lat. hip. <i>Asciata</i> . Instrumento geralmente na agricultura e na horticultura, e que serve para cavar a terra. Aurélio – Enxada , s.f. Do lat. <i>*asciata</i> < lat. <i>ascia</i> , 'enxó', 'sacho'; 'alvião'. 1. Instrumento de capinar ou revolver a terra. Houaiss – Enxada , s.f. lat. <i>*asciāta</i> derivado de <i>asciā,ae</i> no sentido de 'enxada, enxó, instrumento de lavar pedra ou terra', com alteração para <i>en-</i> do elemento inicial; f.hist. 1145 <i>eisada</i> (num doc. em baixo-latim), 1258 <i>axada</i> , 1364 <i>exadas</i> , sXV <i>enxada</i> , sXV <i>eixada</i> .	
Observações:	
Definição: Instrumento que possui uma lâmina de metal, com um buraco que permite o encaixe de um cabo de madeira, usado para capinar ou cavar a terra.	
23. Roçar V	06 OCORRÊNCIAS
<i>Porque num tem como a gente fazê derrubada... roçá muito sem tê condições de plantá sementes sem tê e também muda de plantio assim a gente num consegue né?</i> (Entrevista 03LF41). <i>Mande roçá</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: <i>roçar</i> , v 'pôr abaixo (vegetação), cortar, derrubar' 'atritar, esfregar' XIV. Do lat. <i>*ruptiāre</i> , de <i>ruptus</i> , part. de <i>rumpĕre</i> 'romper'.	
Registro em dicionários: Freire – Roçar , v. Lat. hip. <i>ruptiare</i> , de <i>ruptus</i> . Cortar rente; derribar; deitar abaixo. Aurélio – Roçar , v. Do lat. <i>*ruptiare</i> < lat. <i>ruptus</i> , part. passa. de <i>rumpere</i> , 'dilacerar', 'arrancar'. 1. Pôr abaixo (vegetação); cortar, derrubar. Houaiss – Roçar , v. lat. vulg. <i>*ruptiare</i> no sentido de 'limpar um campo de matos e ervas' derivado de (o) lat. <i>rūptus, a, um</i> part. pas. de <i>rumpĕre</i> no sentido de 'romper'; ver <i>romp-</i> . 1. Cortar, derrubar mato, arbustos, cipós (de um terreno), com auxílio espanhol de foice.	
Observações:	
Definição: Ação de cortar ou derrubar pequenos arbustos, capim ou mato presentes na mata ou nas plantações.	

24. Sapé sm	06 OCORRÊNCIAS
<p>[...] <i>cabei com o Sapé que eu preocupava mais com Sapé que aqui no Amazonas sai muito Sapé né?</i> (Entrevista 08JM64).</p> <p><i>O Sapé. Ele judia muito daqui e aí judia da terra porque a gente sem o veneno a gente num dá conta dele {Aham}</i> (Entrevista 12JAM50).</p>	
<p>Etimologia: sapé sm. 'planta da fam, das gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas' <i>sapee</i> 1575, <i>sape</i> 1575, <i>saper</i> 1579 etc. Do tupi <i>iasa'pe</i> <i>ensapez-ado</i> xx <i>sapez-al</i> xix, <i>sapezar</i> 1758 <i>sapez-eiro</i> xx.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Sapé, s.m. Bot. 1. O mesmo que capim-sapé. 2. O mesmo que capim-sapé macho. 3. O mesmo que capim-peba. Aurélio – Sapé, s.m. [Do tupi = 'o que alumia']. 1. Bras. Bot. V. <i>capim-sapé</i>. Houaiss – Sapé, s.m. [f. hist. 1575 <i>sapee</i>, 1759 <i>saper</i>]. Mesmo que sapê.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Espécie de capim que se desenvolve em terrenos pobres de nutrientes. É considerada uma praga no meio das plantações.</p>	
25. Tripice sm	06 OCORRÊNCIAS ~ Tripe sm 01 OCORRÊNCIA
<p><i>EnTÃO...a gente detectou uma praga agora na florada dele é o tripice/tripice e veio um pessoal aí... agrônomo aí... e falou então "esse tripice ele vai na flô suga a seiva da flô e a flô cai... não germina. Então cê perde aonde tem esse tripe..." mas aí a gente/a gente/a gente conseguiu um produto natural...um produto orgânico e demo combate ano passado</i> (Entrevista 06SFSM67).</p> <p><i>Tem/tem o tripice. O nome do inseto é tripice. Só que a gente não passa veneno no guaraná</i> (Entrevista 10PM58).</p>	
<p>Etimologia: Não consta.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Designação utilizada para se referir a uma praga que interfere no desenvolvimento da planta. O nome do inseto causador da praga é o Tripes.</p>	
26. Ensacar V	05 OCORRÊNCIAS
<p><i>Aí jogo dentro d'uma caixa de água de quinhentos litro. Aí passa ele e sai a casca e o caroço né? Aí a casca sobe e o caroço desce pra baixo. Aí tiro a casca jogo fora e pego o caroço. Ensaco. Aí jogo dentro da estufa. Aí com três dia tá seco o guaraná.</i> (Entrevista 08JMS64).</p> <p><i>Ensaca ele e coloca num lugá/num lugá que não seja no piso né?</i> (Entrevista 12JM50).</p>	
<p>Etimologia: Não consta.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Ensacar, ou Ensaccar, v. De <i>em</i> + <i>saco</i> + <i>ar</i>. Meter ou guardar em saco. Aurélio – Ensacar, v. De <i>en-</i> + <i>saco</i> + <i>-ar</i>. 1. Meter em saco (s). Houaiss – Ensacar, v. <i>en-</i> + <i>saco</i> + <i>-ar</i>; ver <i>sac(i/o)-</i>; f.hist. 1548 <i>emsaquado</i>, 1576 <i>ensacar</i>. 1. Pôr em saca ou saco; enfiar, enfiar.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Colocar algo dentro de um saco.</p>	

27. Adubar V	05 OCORRÊNCIAS
<i>É só isso mesmo num tê assim...e também a gente num tem condições de/de adubá a terra pra plantá certo tipo/tipo de plantações que dependem de/de adubo porque a terra é um pôco fraca</i> (Entrevista 03LF41). <i>Aqui cê pode prantá aí que num...só se adubá né?</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: adubar v. 'preparar, arrumar, adornar, guisar' XIII. Do a. fr. <i>adober</i> 'armar cavaleiro', deriv. do lat. <i>*addübāre</i> e, este, do frâncico <i>*dubban</i> . 'golpear, bater'; na Idade Média, era costume dar um pequeno golpe com a espada no ombro daquele que estava sendo armado cavaleiro.	
Registro em dicionários: Freire – Adubar , v. Lat. hip. <i>Addubare</i> , de <i>ad</i> + germ.-nórd. <i>dubba</i> + <i>ar</i> . Preparar com adubos. 2. Estrumar, para melhorar a terra destinada a culturas. Aurélio – Adubar , v. Do frâncio <i>dubban</i> , 'bater', pelo francês antigo <i>adober</i> . 2. Fertilizar (o terreno) com adubo; estrumar. Houaiss – Adubar , v. antigo francês <i>adober</i> , hoje <i>adouber</i> , (1100) 'equipar, armar um homem de guerra, (a1150) armar cavaleiro', (sXII) preparar as armas', do francês <i>*dubban</i> no sentido de 'bater, golpear'; na Idade Média, era costume dar um golpe com a espada no ombro daquele que estava sendo armado cavaleiro; os sentidos especializados advêm, segundo Nasc, do costume de dar uma pranchada com o pano da espada nas costas do cavaleiro, donde a acp. 'equipar, aprontar em geral', por extensão. 'preparar, temperar'; há quem admita um verbo latino <i>*addübāre</i> derivado de(o) francês <i>*dubban</i> ; a acepção 'fertilizar a terra para a cultura (com adubo)' deve-se provavelmente a uma extensão dos sentidos 'temperar, preparar'; comparar <i>adobar</i> no sentido de 'consertar'; ver <i>adub-</i> ; f.hist. sXIII <i>adubar</i> , sXIII <i>adoubar</i> . 1. Fertilizar (a terra) para cultura, usando-se adubo; estrumar.	
Observações:	
Definição: Preparar a terra com o uso de adubo orgânico ou fertilizantes químicos para o plantio.	
28. Lua nova sf	05 OCORRÊNCIAS
<i>[...] parece que demora mais... lua nova parece...uma coisa assim</i> (Entrevista 02JM27). <i>A macaxêra mermo se tu plantá na lua nova ...tu não dá bem</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Lua nova , s.f. Diz-se quando a lua está em conjunção ou quando se acha entre a Terra e o sol voltando para nós a sua face obscura. Aurélio – Lua nova , loc. Ver <i>lua</i> . Houaiss – Lua nova , loc. Fase em que a Lua tem a sua face obscura voltada para a Terra.	
Observações:	
Definição: Refere-se à fase da lua em que não se pode realizar a plantação de uma determinada cultura, gera atraso ou pouco produtividade.	
29. Arquêro sm	04 OCORRÊNCIAS ~ Alquêro sm 2 OCORRÊNCIAS
<i>Pelo meno um arquêro</i> (Entrevista 08JM64). <i>Eu/minha rocinha é pequena dá uns dois alquêro só</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: alqueire, s.m. 'medida de capacidade (aproximadamente 16 litros)' 'medida de área' XII. Do ár. <i>al-kârl</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Alqueire , s.m. Árabe <i>alkail</i> . 4. Medida agrária de valor variável conforme as regiões. Aurélio – Alqueire , s.m. Do árabe <i>al-kayl</i> , 'medida (de cereais)'. 3. Área de terreno cujo plantio comporta um alqueire de semeadura. Houaiss – Alqueire , s.m. Árabe <i>al-kâil</i> no sentido de 'a medida'; ver <i>alqueir-</i> ; f.hist. 1111 alqueires (num doc. em b.-lat.), 1269 <i>alqueire</i> , sXV <i>alqueyre</i> , sXV <i>alquere</i> . 2. Unidade de medida de superfície agrária. 3. Área de terreno que comporta um alqueire de semeadura (geralmente 100 braças de 2,20 m lineares)	
Observações:	
Definição: Refere-se à unidade de medida utilizada para a escolha do tamanho da roça ou da lavoura a ser plantada.	

30. Calcário sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Aí geralmente se você tivesse condições de mandá gradiá jogá um calcário ...uma semente... um adubo pra podê vim melhó né?</i> (Entrevista 01HM35).	
<i>Então o calcário é o mais em conta né pa gente comprá um saco aí sai botando num pezinho de tudinho uma xicarazinha e vai embora... mas tão bonitinho</i> (Entrevista LF41).	
Etimologia: calcário 1844. Do lat. <i>calcārius</i> 'relativo a cal'.	
Registro em dicionários: Freire – Calcário , adj. Lat. <i>calcarius</i> . Que tem cal, em que há cal. Aurélio – Calcário , adj. Do lat. <i>calcariu</i> , 'relativo a cal'. 1. Que contém cálcio, cálcico. Houaiss – Calcário , adj. lat. <i>calcarius, a, um</i> no sentido de 'relativo a cal', do lat. <i>calx, cis</i> , sob influxo do francês calcaire (1751); inglês <i>calcaire</i> (1833); acepção de zoo, pelo latim científico classe <i>Calcarea</i> ; ver cal(c)-; f.hist. 1801 <i>calcarea</i> , 1836 <i>calcário</i> , 1843 <i>calcarea</i> . 1. Relativo a cálcio ou que o contém; cálcico. 2. 2. Relativo a cal, que a contém ou é da sua natureza química.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir aos tipos distintos de calcário, substância química a base de cálcio, utilizado no solo.	
31. Cavadêra sf	04 OCORRÊNCIAS ~ Cavadeira 1 OCORRÊNCIA
<i>Eles/elas... é só a cavadêra pa cavá... as muda já era no saquinho né?</i> (Entrevista 04MF61).	
<i>Eu gosto da cavadêra que é pa fazê o buraco e a muiê vai prantando né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Cavadeira , s.f. De <i>cavar</i> + <i>deira</i> . Instrumento agrícola para cavar terra ou juntar ervas mondadas. Aurélio – Cavadeira , s.f. De <i>cavar</i> + <i>-deira</i> . 2. Peça de ferro, com gume, adaptada à extremidade dum pau, com que se abrem buracos para sementes no chão. Houaiss – Cavadeira , s.f. radical do participio <i>cavado</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>cav-</i> . 1. Peça de ferro dotada de gume, plana e trapezoidal que, presa a um cabo de madeira, serve para abrir buracos no solo.	
Observações:	
Definição: Instrumento que possui uma peça de ferro com uma lâmina afiada e que se adapta a um cabo de madeira para abrir buracos na terra.	
32. Companheira sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>Eu fiquei/cê sabe o que é o cabra perdê uma companheira e ficá quatro ano aí?</i> (Entrevista 08JM64).	
<i>Que a gente tem que valorizá é a companheira</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: companhia, s.f. 'aquilo ou aquele que acompanha' 'comitiva, séquito etc.' 'trato, convivência' <i>-nhyá</i> xv Do lat. vulg. <i>*compania</i> , através do a. port. <i>companha</i> , já documentado no séc. XIII <i>companheira</i> 1572.	
Registro em dicionários: Freire – Companheira , s.f. De <i>companheiro</i> . Mulher que faz companhia. 2. Cada uma das mulheres que trabalham, estudam ou vivem em comum. Aurélio – Companheira , s.f. Fem. De <i>companheiro</i> . 1. Mulher que acompanha. 2. Mulher em relação à pessoa com quem vive. 3. Esposa. Houaiss – Companheira , s.f. fem. de <i>companheiro</i> ; ver <i>pan(i)-</i> . 2. Mulher, em relação ao homem com quem convive maritalmente.	
Observações:	
Definição: Refere-se à mulher que acompanha o marido no trabalho.	

33. Florada sf	04 OCORRÊNCIAS
<i>Tá na florada ...tá lindo até o final do mês começa</i> (Entrevista 04MF61). <i>Agora quando fô meio de julho agora aí já vem a florada do Guaraná</i> (Entrevista (08JM64).	
Etimologia: florada, XVII.	
Registro em dicionários: Freire – Florada , s.f. De <i>flor</i> . Doce de flores de laranjeira. 2. Doce de ovos com a forma de flores. Aurélio – Florada , s.f. De <i>flor</i> + <i>-ada</i> . 1. 3. Abertura geral das flores de uma planta ou de um conjunto de plantas. Houaiss – Florada , adj. part. de <i>florar</i> ; ver <i>flor(i)-</i> ; f.hist. 1634 <i>florada</i> ; datado a partir do feminino substantivado. 1. Cheio de flores (diz-se de árvore, arbusto, jardim); florido, enflorado.	
Observações:	
Definição: Período em que a árvore do guaraná está com muitas flores, geralmente no verão amazônico. Aproximadamente três meses após a floração, o guaraná amadurece.	
34. Lua cheia nf	01 OCORRÊNCIAS
<i>A lua cheia diz que num presta</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Lua cheia , s.m. Indivíduo bochechudinho de cara redonda. Aurélio – Lua cheia , loc. Ver lua. Houaiss – Lua cheia , loc. Fase em que a Lua mostra à Terra a sua face inteiramente iluminada pelo Sol.	
Observações:	
Definição: Refere-se à fase da lua em que não se pode realizar a plantação de uma determinada cultura, gera atraso ou pouco produtividade.	
35. Motô sm	01 OCORRÊNCIAS
<i>Ele tem um motô aí um/uma máquina ali pa fazê o pó</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: motor, s.m. ‘tudo o que dá movimento a um maquinismo’ XIX. Adapt. do fr. <i>moteur</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Motor , s.m. 3. Toda potência ou força que imprime movimento a uma máquina. Aurélio – Motor , s.m. Do francês <i>moteur</i> . 2. Tudo o que dá movimento a um maquinismo; máquina, máquina motriz. Houaiss – Motor , s.m. lat. <i>motorius, a, um</i> adj. 'que põe em movimento' e lat. <i>mōtor, ōris</i> subst. 'o que se move ou movimentada alguma coisa', ambos do supino. <i>mōtum</i> , do verbo latino <i>movēre</i> no sentido de 'mover' (comparar especialmente motor, fr. <i>moteur</i> , it. <i>motore</i> , ing. motor, al. Motor). 3. (1858) Dispositivo ou mecanismo que produz força para acionar máquinas ou engenhos afins.	
Observações:	
Definição: Designação geral dada à uma máquina que auxilia na produção do pó do guaraná.	
36. Tapioca sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>[...] cê faz a tapioca</i> (Entrevista 01HM35). <i>fazê a tapioca ...</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: tapioca, s.f. ‘fécula alimentícia da mandioca’ 1587, <i>-qua</i> 1618 etc. Do tupi <i>tĩpĩ’oka</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Tapioca , s.f. Fécula da raiz da mandioca. 2. Beijú com uma camada de coco ralado no interior. Aurélio – Tapioca , s.f. Do <i>tupi</i> = “sedimento”, ‘coágulo’. 1. Beiju que tem no interior uma camada de coco ralado. 2. Fécula alimentícia que se extrai da mandioca; goma. Houaiss – Tapioca , s.f. Nasc registra o tupi <i>tĩpĩ’og</i> no sentido de 'sedimento, coágulo da mandioca crua coalhada'; DHPT registra <i>tĩpĩ’oka</i> no sentido de 'fécula alimentícia da mandioca'; f.hist. 1618 <i>tapiouca</i> , c1631 <i>tapiouquo</i> , 1663 <i>tapyoca</i> . 1. Fécula comestível, extraída das raízes da mandioca ou do aipim, com que se preparam pratos doces e salgados.	
Observações:	
Definição: Produto em pó extraído da mandioca ou macaxeira, com o qual se prepara o beiju de tapioca. Faz parte do conhecimento que o assentado tem sobre a tapioca.	

37. Balaio sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Segura um cacho... corta o cacho e joga no balaio</i> (Entrevista 05AM18). <i>Eu vô lá corto no balaio</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: balaio, s.m. 'tipo de cesto de palha' <i>-layo</i> XVI Do fr. <i>balai</i> , de origem gaulesa.	
Registro em dicionários: Freire – Balaio , s.m. Cesto de palha, taquara, cipó ou bambú, com tampa e semelhante na forma a um alguidar, para transportar ou guardar objetos miúdos. Aurélio – Balaio , s.m. Do francês <i>balai</i> , poss. 1. Cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; patuá. Houaiss – Balaio , s.m. orig.contrv.; JM sugere o francês <i>balai</i> 'feixe de giestas' (c1170), 'vassoura' (sXIII); f.hist. sXVI <i>balayo</i> . 1. Cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., usado para transporte ou para guardar objetos; patrona.	
Observações:	
Definição: Cesto de plástico ou de palha utilizado para a colheita do guaraná.	
38. Cavucar V	03 OCORRÊNCIAS
<i>Aí já sai cavucando e vai prantando ela</i> (Entrevista 08JM64). <i>Aí eu fui cavucando e ela já prantando as mudinha</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Cavucar , v. Variante prosódica de cavoucar. Aurélio – Cavucar , v. Var. de <i>cavoucar</i> . 1. Trabalhar com pertinácia; lutar pela subsistência; cavar. Houaiss – Cavucar , v. <i>cavoucar</i> , inicialmente com a redução do ditongo para <i>-o-</i> , posteriormente <i>-o- > -u-</i> ; ver <i>cavouc-</i> . 1. Revolver ou escavar (terra); cavar, cavoucar.	
Observações:	
Definição: Ação de cavar a terra.	
39. Colhêta sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Tempo da planta...da colhêta</i> (Entrevista 03LF41). <i>Todo ano tem colhêta</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Do lat. tard. <i>collēctor -ōris</i> <i>coletoria</i> <i>-llec-</i> XVI colheita sf. 'ato de colher (produtos agrícolas)' 'ext. o conjunto de produtos agrícolas de determinado período' <i>-llei- xiv, -lhey-</i> XIII Forma divergente e popular de coleta, do lat. <i>collēcta</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Colheita , s.f. Lat. <i>collecta</i> . Ato de recolher os produtos agrícolas. 2. Conjunto de produtos agrícolas de um ano. 3. O que se colher, o que se ajunta. Aurélio – Colheita , s.f. Do lat. <i>collecta</i> , por via pop. 1. Ato de colher (produtos agrícolas); apanha. 2. O conjunto dos produtos agrícolas de determinado período. Houaiss – Colheita , s.f. lat. <i>collecta,ae</i> no sentido de 'cota-parte, coisas coligidas, colheita', divergente popular de coleta, der. do part.pas. <i>collectus,a,um</i> de <i>colligēre</i> no sentido de 'juntar, reunir, apanhar'; segundo Nasc, a alt. do <i>-l-</i> > <i>-lh-</i> explica-se por infl. do radical do verbo colher; ver <i>leg-</i> ; f.hist. 1255 <i>coleyta</i> , 1331 <i>colheita</i> . 1. Ato ou efeito de colher produtos agrícolas; apanha. 2. O conjunto desses produtos colhidos num determinado período; safra. 3. Ato ou efeito de colher; colhimento, arrecadação, coleta.	
Observações:	
Definição: Ato de colher os frutos das plantações em um determinado período, safra.	

40. Maniva sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Aí cê tem que arrumá maniva...</i> (Entrevista 01HM35). <i>Aí depois vai fazendo os buraco e pronto com as maniva que eles falam</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Maniva , s.f. Tupi <i>mani-iva</i> . Planta da família das euforbiáceas, conhecida por maniveira e mandioca brava (<i>Manihot utilissima</i> , Pohl.). Aurélio – Maniva , s.f. Do <i>tupi</i> . 1. Manaíba. 2. Ver <i>mandioca</i> . Houaiss – Maniva , s.f. tupi <i>mandi'riwa</i> no sentido de 'maniva, planta, talo ou folha da mandioca', às vezes red. ao tupi <i>ma'ndi</i> ; VocPN registra o voc. <i>nheengatu maniyua</i> no sentido de 'pé de mandioca' (de <i>mani</i> no sentido de 'fécula, tipo de resina' + <i>yua</i> no sentido de 'planta, pé'); cp. port. mandioca e <i>-iba</i> . 1. Mesmo que mandioca (<i>Manihot esculenta</i> , 'raiz').	
Observações:	
Definição: Tronco da mandioca na fase adulta, geralmente é cortado em pequenos pedaços e plantados para gerar uma nova planta. Faz parte de um processo utilizado pelos assentados para a criação de uma nova roça.	
41. Minguante sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Eu planto na minguante /na minguante</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Minguante , s.m. O quarto minguante. 2. Declinação, decadência, quebra, diminuição, míngua. Aurélio – Minguante . De <i>mingar</i> + <i>-nte</i> . Adj. 1. Que míngua; decrescente, declinante. s.m. 3. Ver Quarto minguante. Houaiss – Minguante , Adj. <i>minguar</i> + <i>-nte</i> ; ver <i>men-</i> , prov. emprt. do esp. <i>menguante</i> (1256); f.hist. sXV <i>mynguante</i> , 1595 <i>mingoante</i> . 1. Que míngua; decrescente, declinante.	
Observações:	
Definição: Refere-se à fase da lua em que não se pode realizar a plantação de uma determinada cultura, gera atraso ou pouca produtividade.	
42. Pé de guaraná fras.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Por mil e duzentos pés de guaraná</i> (Entrevista 10PM58). <i>Aí que nem assim... todos os dias se tu passá em redó dum pé de guaraná ... ele vai tê um pouco pra tu colhé né?</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Na entrevista pé de guaraná refere-se à árvore do guaraná.	
Definição: Faz referência a uma única árvore de guaraná.	
43. Prantação sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Já tem mais prantação</i> (Entrevista 09GM46). <i>É arrumá essa estrada dirêto e o que nós precisa pra escoá a prantação até hoje nós sofre ainda com isso</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Do lat. <i>plantāre</i> <i>plantia</i> sf. 'plantação' XIV.	
Registro em dicionários: Freire – Plantação , s.f. Lat. <i>plantatio</i> ; <i>plantationem</i> . Ato ou efeito de plantar. 2. Terreno em que crescem plantas; conjunto de vegetais plantados. Aurélio – Plantação , s.f. Do lat. <i>plantatione</i> . 1. Ato ou efeito de plantar; plantio. 2. Terreno plantado; plantio. 3. Aquilo que se plantou. Houaiss – Plantação , s.f. lat. <i>plantatio,ōnis</i> no sentido de 'plantação'; ver <i>plant-</i> ; f.hist. sXIV <i>plantações</i> , sXIV <i>plantaçom</i> , sXV <i>plantação</i> ; registra-se a forma <i>plantagem</i> no sXIV. 1. Ato ou efeito de plantar; plantio. 2. Espaço plantado de um terreno; plantio.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir aos produtos oriundos das plantações.	

44. Tisôra sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Tisôra de podá</i> (Entrevista 05AM18). <i>Vai cortando na tisôra e pondo na frize né?</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: tesoura, s.f. ‘tipo de instrumento cortante’ -soi- XIV Do lat. <i>tōnsōrīa</i> (<i>forpex</i>) ‘ferramenta de barbeiro’ ‘que serve para cortar, aparar’.	
Registro em dicionários: Freire – Tesoura , s.f. Lat. tonsoria . Instrumento cortante formado por duas peças de ação, que se une no meio por um eixo e se abrem em cruz. Aurélio – Tesoura , s.f. Var. de <i>tesoira</i> < lat. <i>tonsoria</i> (ferramenta), ‘ferramentas de cortar’. 1. Instrumento cortante, constituído por duas lâminas reunidas por um eixo, sobre o qual se movem abrindo em cruz. Houaiss – Tesoura , s.f. lat. <i>tonsorius, a, um</i> no sentido de 'que serve para cortar, tosquiar, podar, raspar', do v.lat. <i>tondĕo, es, totōndi, tōnsum, dĕre</i> no sentido de 'cortar, segar, ceifar, podar, tosquiar'; substantivado de (ferramenta) <i>tonsoria</i> ou de <i>forfices tonsorias</i> no sentido de 'tesouras de tosquiar', com perda da nasalidade e metátese do r, <i>tesoira</i> , com dissimilação e alternância da semivogal, <i>tesoira</i> ou <i>tesoura</i> ; usada, por semelhança de forma, para o que tem elementos cruzados ou bifurcados e, por metáfora, para o que pode ferir ou cortar no plano moral; f.hist. sXIV <i>tesouras</i> , sXV <i>tizoura</i> , a1580 <i>tezoura</i> . 1. instrumento cortante, formado por duas lâminas de aço que se unem por um eixo sobre o qual se movem, abrindo em cruz.	
Observações:	
Definição: Instrumento que possui duas lâminas de aço afiadas, utilizado para realizar o corte do guaraná em época de colheita.	
45. Torrar V	03 OCORRÊNCIAS
<i>Torra tudo ali</i> (Entrevista 08JM64). <i>Com/porque ele vai lá torrá várias vezes né?</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: torrar, v. ‘ressequir, queimar de leve’ ‘assar, tostar’ XIV. Do lat. <i>*torrāre</i> (cláss. <i>torrĕre</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Torrar , v. Lat. <i>torrere</i> . Tornar muito seco ou ressequir, por meio do calor do lume ou do sol. 2. Tostar, torrificar. Aurélio – Torrar , v. Do lat. <i>torrere</i> , com mudança de conjugação. 1. Ressequir por meio do calor do fogo; ou ao sol. 2. Secar muito. Houaiss – Torrar , v. lat. <i>torrĕo, es, ui, tōstum, torrĕre</i> no sentido de 'secar; secar ao sol; torrar, tostar, assar'; ver <i>torr(e/i)-</i> . 1. Ressequir ao sol ou ao fogo; tornar demasiado seco. 2. Queimar levemente; tostar, torrificar.	
Observações:	
Definição: Ato de pôr o guaraná para secar, geralmente o processo é realizado em uma estufa.	
46. Tucupi sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Cê faz o tucupi ... que é aquele que... num sei se cê já ouviu falá daquele pato no tucupi e tal</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: tucupi, s.m. ‘tempero preparado com o suco da mandioca, misturado com pimenta’ c 1767. De origem tupi, mas de étimo indeterminado.	
Registro em dicionários: Freire – Tucupi , s.m. Molho de <i>manipueira</i> . 2. Suco da raiz da mandioca. Aurélio – Tucupi , s.m. Do <i>tupi</i> = ‘destilado’. Tempero e molho de <i>manipueira</i> com pimenta. Houaiss – Tucupi , s.m. <i>tupi tiku'pir</i> no sentido de 'destilado'; f.hist. 1833 <i>tocupí</i> . Espécie de molho feito com água de goma e pimenta, que acompanha vários pratos da cozinha do norte do Brasil.	
Observações:	
Definição: Líquido de cor amarelada extraído da mandioca.	

47. Atravessadô sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>Aí nós vendia pros atravessadô e pagava um pôco e não pagava e agora com eles não</i> (Entrevista 08JM64). <i>Ficava procurando se ainda tinha uns atravessadô né que comprava da gente pa revendê</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Atravessador , s.m. De <i>atravessar</i> + <i>dor</i> . O que atravessa. 2. O que compra por atacado, e, em geral, antes que sejam postos no mercado, gêneros de primeira necessidade para os revender com grande lucro; açambarcador, monopolizador. Aurélio – Atravessador , s.m. De <i>atravessar</i> + <i>-dor</i> . 1. Aquele que atravessa. 2. Intermediário. 3. Aquele que comprar mercadorias por preço baixo para revendê-las com grande lucro. Houaiss – Atravessador , adj. e s.m. rad. do part. <i>atravessado</i> + <i>-or</i> ; ver <i>ver(t/s)-</i> ; a datação é para o subst. 2.1. Que ou o que compra e revende com grande margem de lucro (diz-se de negociante).	
Observações:	
Definição: Indivíduo que exerce atividade de intermediário entre o produtor e o comerciante. Revende o produto.	
48. Bananêra sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Que nem esses dias eu tava limpando a bananêra aqui... cara eu num tô com conversa... num tô mentindo</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: banana, s.f. ‘fruto da bananeira, planta da fam. das musáceas’ XVI; ‘ext. pessoa frouxa, palerma, sem energia’ XVIII. De origem africana (termo da Guiné), mas de étimo indeterminado <i>bananada</i> 1899 <i>bananal</i> <i>bananais</i> pl. 1585 <i>bananeira</i> <i>-neyra</i> XVI .	
Registro em dicionários: Freire – Bananeira , s.f. De <i>banana</i> + <i>eira</i> . Planta herbáceo-arborescente, da família das musáceas, que produz a banana (<i>Musa paradisíaca</i>). 2. Denominação comum a outras planas herbáceas da família das musáceas, todas naturais dos países quentes. Aurélio – Bananeira , s.f. De <i>banana</i> + <i>-eira</i> . 1. Grande erva musácea, cujas folhas, amplas, têm bainhas que se enrolam umas nas outras, formando um pseudocaulé, e cujo verdadeiro caule é um rizoma subterrâneo, que dá origem a novas bananeiras. As flores, e depois os frutos, dispõem-se em cachos; os frutos, saborosos, e de grande poder alimentício, são bagas, cujas sementes já não existem. Houaiss – Bananeira , s.f. <i>banana</i> + <i>-eira</i> suf.fem. usada para plantas; ver <i>banan-</i> ; f.hist. 1593 <i>bananeyras</i> , 1782 <i>bananeira</i> . 1. Designação comum às ervas do gênero <i>Musa</i> , da família das musáceas, frequentemente grandes, semelhantes a árvores, com rizoma simpodial, pseudocaulé formado pelas bainhas maciças e sobrepostas das folhas amplas e longas, simples, venadas, fendidas pelo tempo, inflorescências cobertas por grandes brácteas, em longo pedúnculo pingente ou ereto, e bagas carnosas; banana, pacoba, pacobeira, pacova, pacová, pacoveira [São cultivadas desde a Antiguidade, com centenas de variedades e híbridos us. como ornamentais, medicinais, para extração de celulose e fibra têxtil e, esp. as derivadas de <i>Musa paradisíaca</i> , <i>M. acuminata</i> e <i>M. balbisiana</i> (através de cruzamentos e mutações, e que se reproduzem pelo rizoma), pelo fruto comestível e sem sementes, a banana, do qual tb. se fabrica farinha, açúcar, álcool, aguardente e vinagre.]	
Observações:	
Definição: Planta de folhas compridas que possui frutos agrupados em cachos. É plantada pelos assentados em suas respectivas propriedades.	
49. Butina sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Quando tá dia molhado eu tô de bota e quando tá enxuto é butina no pé né?</i> (Entrevista 08JOM64). <i>Sai um pôquinho na roça aí já molha a butina né?</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: botina, s.f. ‘bota de cano curto, geralmente para homens’ XVI. Do fr. <i>bottine</i> , de <i>botte</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Botina , s.f. Bota de cano curto. Aurélio – Botina , s.f. Do francês <i>bottine</i> . Bota de cano curto. Houaiss – Botina , s.f. francês <i>bottine</i> der. do fr. <i>botte</i> no sentido de ‘calçado de cano longo’; ver bota e bot-. 1. Mesmo que bota (no sentido de ‘calçado’). 3. (sXVI) Bota de cano baixo, geralmente de couro, fechada por cadarços ou elástico, us. mais freq. por homens.	
Observações:	
Definição: Espécie de bota de cano curto, geralmente utilizada por homens no verão.	

50. Carpir v	02 OCORRÊNCIAS
<i>Só carpia mermo</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: carpir, v 'ant. arrancar (o cabelo, as barbas) em sinal de dor'; 'ext. lamentar(se), chorar' XIII. Do lat. vulg. <i>carpire</i> (cláss. <i>carpĕre</i>) 'arrancar, lacerar, despedaçar'.	
Registro em dicionários: Freire – Carpir , v. Lat. <i>carpere</i> . 4. Arrancar, colher. 5. Tratar de (roça), desmoitando. Aurélio – Carpir , v. Do lat. <i>carpere</i> . 5. Limpar do mato (uma roça); capinar. Houaiss – Carpir , v. lat.vulg. <i>carpire</i> , do latim clássico <i>carpo, is, sī, ptum, ěre</i> no sentido de 'arrancar, desprender, reprender, atormentar, afligir'; f.hist. sXIV <i>carpyr</i> . 1. Arrancar (erva daninha); mondar.	
Observações:	
Definição: Processo de arrancar, capinar o mato ao redor de plantas.	
51. Glifosato sm	02 OCORRÊNCIAS ~ Glifosaco sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Óia o que eu uso mais agora pa matá mato é o Glifosato /Glifosato</i> (Entrevista 08JM64). <i>Do Glifosaco</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Glifosato , s.m. Do inglês <i>glyphosate</i> . Substância sintética, derivada de glicina, usada como herbicida, não seletivo [fórm.: C3 H8 NO5P]. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se a um herbicida utilizado para o controle de plantas daninhas encontradas na lavoura de guaraná e em outros tipos de cultura cultivadas pelos assentados.	
52. Mela sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>O feijão mermo tinha o tal do mela né que eles falaram</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: mela, s.f. 'doença dos vegetais que lhes impede o crescimento' 1813. Do lat. <i>magella</i> , dimin. de <i>macūla</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Mela , s.f. Lat. <i>melas</i> . Doença que ataca certos vegetais, não os deixando medrar e fazendo que os seus frutos se tornem pecos. Aurélio – Mela , s.f. Do lat. <i>magella</i> , por <i>macella</i> , dim. De <i>macula</i> , poss. 1. Doença dos vegetais, que lhes impede o crescimento. Houaiss – Mela , s.f. lat. <i>magella</i> por <i>macēlla, ae</i> , diminutivo de <i>macūla, ae</i> no sentido de 'mancha'; ver <i>macul-</i> ; f.hist. 1642 <i>mella</i> , 1716 mela no sentido de 'calvície parcial', 1716 mela no sentido de 'doença de plantas'. 1. Doença que ataca vegetais impedindo-os de medrar e causando o definhamento dos frutos.	
Observações:	
Definição: Doença que ataca as culturas e impede o crescimento das plantas e dos frutos.	
53. Muié trabalhadeira sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>A muié trabalhadeira</i> (Entrevista 08JM64). <i>Que fala é uma muié trabalhadeira</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: No Aurélio consta mulher trabalhadeira na entrada de trabalhadeira.	
Definição: Mulher que trabalha muito.	

54. Pimenta-do-reino sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Tem um remédio orgânico que a gente faz com o uso da pimenta-do-reino (Entrevista 05AM18).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Pimenta do reino , s.f. Planta da família das piperáceas (<i>Piper nigrum</i> , L.). 2. O fruto dessa planta, seco e moído. Aurélio – Pimenta-do-reino , s.f. De <i>pimenta</i> + <i>do</i> + <i>reino</i> . 1. Trepadeira piperácea (<i>Piper nigrum</i>) introduzida e intensamente cultivada no Brasil por japoneses, cujas flores são mínimas e se ordenam em espigas; bem como os frutos amarelos, que, dessecados e livres da película, constituem a pimenta. 2. O fruto dessa planta, seco ou moído. Houaiss – Pimenta-do-reino , s.f. 1. Trepadeira (<i>Piper nigrum</i>) da fam. das piperáceas, nativa do sul da Índia e Sri Lanka, com raízes adventícias, flores em espigas alongadas e drupas com uma única semente e mesocarpo finíssimo, mundialmente usada como condimento. 2. Fruto dessa planta, preto ou branco quando descascado; pimenta-redonda.	
Observações:	
Definição: Tipo de pimenta pequena, redonda, de cor preta e picante cultivada por alguns assentados no PA São Francisco. É utilizada como tempero.	
55. Produto orgânico fras.	02 OCORRÊNCIAS
<i>Mas aí a gente/a gente/a gente conseguiu um produto natural...um produto orgânico e demo combate ano passado (Entrevista 06SM67).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação geral dada ao produto que não é prejudicial às plantações, sendo produzido pelos próprios assentados.	
56. Teçado sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>Teçado pa cortá as maniva (Entrevista 01HM35).</i>	
Etimologia: terçado, s.m. ‘espada de folha curta’ <i>tarçado</i> XVI De terço, pois o seu tamanho era o de dois <i>terte(o)- ços</i> da espada.	
Registro em dicionários: Freire – Terçado , s.m. De <i>terçar</i> . Espada de folha larga e curta. Aurélio – Terçado , s.m. Part. de <i>terçar</i> . 1. Espada de folha curta; sabre. 2. Facão grande. Houaiss – Terçado , s.m. <i>terço</i> + <i>-ado</i> ; conforme Bluteau, assim chamada por ser uma espada curta e larga, à que faltava a terça parte de uma espada de marca, isto é, de uma espada de dimensões normais; ocorre também a forma alterada traçado; ver <i>tri-</i> . 1. Espada curta e larga; traçado. 2. Facão grande; traçado,	
Observações:	
Definição: Instrumento conhecido como facão. Possui uma espada longa e afiada embutida em um cabo de madeira, usado para realizar pequenos cortes em plantas ou árvores.	
57. Trop sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>O trop né? (Entrevista 08JM64). Agora eu tô usando só o trop (Entrevista 12JM50).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se a um herbicida utilizado para combater as ervas daninhas.	

58. Canelêra sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu uso a canelêra e a máscara/a máscara</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: caneleira, s.f. ‘peça para defesa das pernas’ -ley- XIV.	
Registro em dicionários: Freire – Caneleira , ou Canneleira , s.f. De <i>canela</i> + <i>-eira</i> . 4. Utensílio, também chamado caneleiro. 5. Espécie de polaina acolchoada que protege as pernas dos jogadores de futebol. 6. Peça de armadura que protegia a canela da perna; grevas. Aurélio – Caneleira , s.f. De <i>canela</i> + <i>-eira</i> . Peça para defesa das pernas, nas antigas armaduras. Houaiss – Caneleira , s.f. <i>canela</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>can(i)-</i> ; f.hist. 1361 <i>caneleyra</i> , sXV <i>canelleira</i> acepção de ANGIOS, 1446 caneleira acepção de MIL. 2 (1446) Parte da armadura de proteção da perna, entre o joelho e o pé; grevas (mais us. no pl.). 3. Proteção acolchoada usada na parte frontal da perna para resguardar de pancadas, pontapés etc.	
Observações:	
Definição: Peça de proteção da perna, localizada entre o joelho e o pé, usada para a prevenção de pancadas ou cortes.	
59. Encuivarar V	01 OCORRÊNCIA
<i>É bem por acaso que cê tem que limpá... aí cê tem que tipo assim... você roça a capoeira né? aí cê dá uma sabrecadinha. Ela queima na verdade. Aí cê vai encuivará ela.</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: coivara, s.f. ‘técnica indígena, ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, troncos e galhos de árvores para limpar o terreno e prepará-lo para a lavoura; terreno coberto de galhos e troncos quebrados’ 1863, <i>coibara</i> c 1607 De provável origem tupi <i>descoivariado</i> 1918 <i>encoivadar</i> 1876.	
Registro em dicionários: Freire – Encoivadar , v. O mesmo que <i>coivadar</i> . Aurélio – Encoivadar , v. De <i>em-</i> + <i>-coivara</i> + <i>-ar</i> . Juntar (o resto do mato não de todo queimado) em coivaras, nos preparativos dum roçado, para queimá-lo de novo; coivadar. Houaiss – Encoivadar , v. <i>en-</i> + <i>coivadar</i> . Mesmo que <i>coivadar</i> .	
Observações:	
Definição: Juntar os restos de matos ou galhos queimados em diversos pontos da roça.	
60. Farinhêra sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Como eu não tenho farinhêra aqui... mas ali na frente...na Josefa tem</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Farinheira , s.f. 2. Mulher que vende farinha. 4. Vasilha para guardar farinha; vaso especialmente destinado à farinha de mandioca ou de milho, servida às refeições. Aurélio – Farinheira , s.f. De <i>farinha</i> + <i>-eira</i> . 1. Mulher que vende farinha. 2. Vaso destinado à farinha de mandioca ou de milho servida às refeições. Houaiss – Farinheira , s.f. <i>farinha</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>far-</i> . 2. Recipiente para farinhas diversas utilizado durante as refeições.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao forno de farinha, recipiente arredondado depositado sob uma pequena parede feita de barro ou tijolos, utilizado para torrar a farinha.	
61. Lotação de cacho fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Às vezes dá cacho super/super lotação de cacho e acaba que o pé não consegue definir qual que ele vai brotar e não dá</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se ao pé de guaraná que possui muitos cachos que dificultam a geração do guaraná.	

62. Pé de cupuaçu fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu tenho mil pé de cupuaçu prantado ali e tá tudo produzindo também lá</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Na entrevista pé de cupuaçu refere-se a uma única árvore do cupuaçuzeiro.	
Definição: Na entrevista pé de cupuaçu refere-se a uma única árvore do cupuaçuzeiro	
63. Purgão sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Mas diz que tem um purgão aí</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Pulgão , s.m. De <i>pulga</i> . Nome vulgar dado a diversos insetos parasitos que vivem nos vegetais. Aurélio – Pulgão , s.m. De <i>pulga</i> + <i>ão</i> . Inseto homóptero, afidóideo, especialmente da família dos afidídeos, de 1 a 5mm de comprimento, corpo piriforme, ovalar ou túmido, uniformemente colorido de verde-alaranjado, pardo e outras cores, de consistência muito delicada, polimórfico, provido de tecas, alares ou ápteros. Alimentam-se dos vegetais, aos quais podem transmitir várias doenças. Houaiss – Pulgão , s.m. <i>pulga</i> + <i>-ão</i> ; ver <i>pulg(u)-</i> ; f.hist. sXIV <i>pulgon</i> . 1. designação comum aos insetos homópteros de pequeno porte, espanhol da família dos afidídeos, de corpo mole e geralmente sem asas; são comumente encontrados em grande quantidade sugando a seiva de plantas; <i>afideo</i> , <i>afidio</i> , <i>lêndea</i> , <i>mela</i> , <i>morilhão</i> , <i>piolho-de-planta</i> , <i>piolho-dos-vegetais</i> , <i>pulgão-de-planta</i> .	
Observações:	
Definição: Refere-se a um pequeno inseto que suga a seiva das plantas.	
64. Rastelo sm	01 OCORRÊNCIA
<i>O rastelo</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: rastelo, s.m. 'instrumento formado por uma fileira de dentes de ferro por onde se passa o linho a fim de se tirar a estopa' <i>rastrelo</i> XVI Do lat. <i>rāstellus</i> -ī.	
Registro em dicionários: Freire – Rastelo , ou Rastello , s.m. Lat. <i>rastellus</i> . 1. Fileira de dentes de ferro, por onde se passa o linho para o separar da estopa; sedeiro. 2. Grade com dentes de pau, para aplanar a terra lavradia. Aurélio – Rastelo , s.m. Do lat. <i>rastellu</i> . 1. Instrumento formado por uma fileira de dentes de ferro por onde se passa o linho a fim de se lhe tirar a estopa; sedeiro. 2. Instrumento constituído por uma grade com dentes de pau, com a qual se aplaina terra lavrada. Houaiss – Rastelo , s.m. lat. <i>rastēllus, i</i> no sentido de 'instrumento semelhante a uma enxada, com dentes de ferro ou madeira, empregado na lavoura simultaneamente como forcado, ancinho e enxada', diminutivo de <i>rastrum, i</i> e <i>raster, tri</i> ; ver <i>ras-</i> ; f.hist. 1552 <i>Rastello</i> top., sXVI <i>rastrelo</i> , 1526 <i>restelo</i> , 1789 <i>rastelo</i> . 2. Instrumento de agricultura e de jardinagem constituído de uma grade de dentes com cabo adaptado, próprio para limpar, aplanar, afogar a terra etc.; ancinho.	
Observações:	
Definição: Instrumento composto por dentes de ferro acoplado a um cabo de madeira, geralmente utilizado para fazer limpeza do terreno.	
65. Trituradô sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Aí passo no trituradô que é um motorzinho</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Triturador , adj. De <i>triturar</i> + <i>dor</i> . Que se triturou. 2. Moído. Aurélio – Triturador , adj. De <i>triturar</i> + <i>-dor</i> . 1. Que tritura. S.m. 3. Aparelho, de que há diversos tipos, usado nas fábricas de papel para transformar em pasta a matéria-prima, sendo comum o que consiste em armação de ferro dentro da qual giram dois cilindros paralelos, dotados de facas e de sulcos que se interpenetram. Houaiss – Triturador , adj. e s.m. rad. de <i>triturado</i> + <i>-or</i> ; ver <i>trit-</i> . 1. Que ou o que tritura. 2. Diz-se de ou aparelho que, em fábricas de papel, transforma em pasta a matéria-prima; jacaré.	
Observações:	
Definição: Aparelho utilizado para auxiliar na separação da casca do caroço do guaraná.	

5) CAMPO LEXICAL DE MEIOS DE TRANSPORTE

01. Tá lotado fras.	07 OCORRÊNCIAS
<i>Tá lotado</i> (Entrevista 02JM27). <i>O ônibus tá lotado ...num tem onde pegá na maçaneta</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Expressão utilizada para se referir a um ônibus ou carro está muito cheio, capacidade de ocupação esgotada, sem espaço.	
02. Carrocinha sf	06 OCORRÊNCIAS
<i>Aí tinha os equipamento de...então levaram as coisa dele tudo de valô e levaram a moto dele com a carrocinha cheio de trem</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Carrocinha , s.f. De <i>carroça</i> + <i>inha</i> . Pequena carroça. 2. Veículo fechado com gradeados para recolher os cães vadios, apanhados nas vias públicas. Aurélio – Carrocinha , s.f. [Dim. de <i>carroça</i>]. 1. Carroça de duas rodas usadas nos serviços de terraplanagem, puxada por um muar, e cuja caixa se inclina para a descarga, caçamba. Houaiss – Carrocinha , s.f. [<i>carroça</i> + <i>-inha</i>]. 1. Pequena carroça. 2. Espécie de carroça de duas rodas, usada em trabalhos de terraplanagem, e puxada por uma cavalgadura.	
Observações:	
Definição: Pequeno veículo utilizado para o transporte de cargas, geralmente é acoplado na parte traseira da moto.	
03. fretar V	05 OCORRÊNCIAS
<i>Alguns têm carro... otros freta pra levá ou trazê alguma coisa</i> (Entrevista 02JM27). <i>Freta um caminhão</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: frete, s.m. ‘aluguel de embarcação, carro etc.’ XIII. Do fr. <i>fret</i> e, este, do neerl. <i>vrecht</i> ‘preço do transporte’ <i>fretar</i> XIII.	
Registro em dicionários: Freire – Fretar , v. De <i>frete</i> + <i>ar</i> . Tomar ou ceder a frete. 2. Carregar por sua conta (uma embarcação). 3. Alugar (um barco, um carro, etc.) para condução de quaisquer pessoas ou cousas. 5. Ajustar por frete. Aurélio – Fretar , v. [<i>frete</i> + <i>-ar</i>] 1. Tomar ou ceder a frete; alugar. 3. Ajustar por frete. Houaiss – Fretar , v. [<i>frete</i> + <i>-ar</i>] 1. Assumir (carga ou embarcação), pagando um preço. 2. Dar ou tomar a frete (qualquer meio de transporte).	
Observações:	
Definição: Designação dada para se referir ao ato de transportar cargas de um local para outro distante.	
04. Lotado Adj.	03 OCORRÊNCIAS
<i>Mas geralmente assim pau véio né assim... alguma assim nós brinca quando tá bem lotado mesmo</i> (Entrevista 01HM35). <i>Lotado</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Lotado , adj. P. p. de <i>lotar</i> . Dividido em lotes. A que se calculou a lotação. 3. Que tem lotação completa. Aurélio – Lotado , adj. Cuja lotação está completa. 2. Muito cheio. Houaiss – Lotado , adj. part. de <i>lotar</i> ; f.hist. 1716 <i>lotar</i> . Que se lotou. 2. Cuja lotação está completa; cheio.	
Observações:	
Definição: Que não cabe mais ninguém, sem espaço, muito cheio.	

05. ôbinho sm	03 OCORRÊNCIAS ~ ôbus sm	01 OCORRÊNCIA
<p><i>No assentamento... então tá 'i menina. O pessoal usa muito/usa muito a moto/ moto né? Transporte do pessoal né? Tem o menino que faz ãa linha com um ôbinho/ôbinho/ôbinho e carros. Um tem um carro daqui...ôtro tem um carro dali e vai.</i> (Entrevista 06SM67).</p> <p><i>O ôbus vinha até lá em cima. Tinha o buliche lá. O buliche do Mauricio lá em cima antes da/na vorta lá em cima que vinha até lá só pra cá. A turma vinha tudo de a pé. Então enfrentemo tudo isso aí e tamo até hoje aqui. Mas Graças a Deus com vida. Com saúde né?</i>(Entrevista 08JM64).</p>		
<p>Etimologia: ônibus sm. ‘veículo automóvel para transporte público de passageiros’ <i>omnibus</i> 1838 Do fr. <i>omnibus</i> (originariamente na expressão <i>voiture omnibus</i>), deriv. do dativo latino pl. <i>omnibus</i> (de <i>omnis</i> -e) ‘para todos’.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Onibus, ou Omnibus, s.m. Lat. omnibus. Carruagem pública que percorre determinado itinerário e pára para deixar entrar ou sair passageiros. 2. Carro para transporte de pessoas em viagem. Aurélio – Ônibus, s.m.2g. [F.red. de <i>auto-ônibus</i>]. 1. Veículo automóvel para transporte público de passageiros, com itinerário preestabelecido. 2. Qualquer veículo com capacidade para grande número de passageiros. Houaiss – Ônibus, s.m.2g. [Lat. <i>omnibus</i> no sentido de ‘para todos’, dativo plural de <i>omnis</i> no sentido de ‘tudo, todo’, através do fr.<i>omnibus</i>, origin. <i>Voitura omnibus</i> (1828); ver <i>omni-</i> ou <i>oni-</i>; f.hist. 1858 <i>omnibus</i>]. 1. Veículo grande, automóvel, usado para o transporte coletivo (urbano, interurbano, intermunicipal, interestadual etc.) de passageiros, com rota prefixada. 1.1. P. ext. Qualquer veículo de grande porte usado para transportar passageiros.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Veículo utilizado para o transporte de cargas e passageiros ao mesmo tempo. Transporte coletivo pago.</p>		
06. Tá cheio fras.	02 OCORRÊNCIAS	
<p><i>Eu acho assim... tá cheio né?</i> (Entrevista 10PM58).</p> <p><i>Tá cheio</i> (Entrevista 11PM24).</p>		
<p>Etimologia: Não consta.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Expressão utilizada para se referir a um ônibus ou carro muito cheio, capacidade de ocupação esgotada, sem espaço.</p>		
07. Caminhoneta sf	02 OCORRÊNCIAS	
<p><i>Eu vejo você bem com uma caminhoneta assim...</i> (Entrevista 01HM35).</p> <p><i>Aí coloca na caminhoneta deles</i> (Entrevista 13SF42).</p>		
<p>Etimologia: caminhão sm. ‘veículo automóvel para transporte de cargas’ xix, -<i>mião</i> 1899 Adaptação do fr. <i>camion</i> <i>caminhonete</i> xx. Adaptação do fr. <i>camionnette</i>.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Caminhonete, s.f. [var. de <i>camionete</i>. Bras. Veículo automóvel de passageiros e pequena carga, de quatro ou seis rodas. Houaiss – Caminhoneta, s.f. mesmo que <i>caminhonete</i>.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Veículo utilizado para o transporte de cargas e pessoas, geralmente possui uma área aberta na parte da traseira, carroceria.</p>		

08. Muvuca sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>É uma muvuca só né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Muvuca (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Muvuca , s.f. 1. Grande aglomeração de pessoas, e consequente agitação, vozearia, etc. 2. Desorganização; balbúrdia; bagunça.	
Houaiss – Muvuca , s.f. [prov. quicongo <i>mvúka</i> no sentido de ‘febre intermitente’. 1. Aglomeração ruidosa de pessoas, especialmente jovens, em áreas públicas, bares etc., como forma de lazer; agito. 2. Grande confusão; tumulto.	
Observações:	
Definição: Designação dada para o veículo que possui muitas pessoas.	
09. Pau de arara sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>Ah uns chamam pau de arara... outros chama lá vem o pau velho. Tem vários meios que... lá vem o pau de arara... outro rapaz... não cara... bem interessante. Ai tipo assim, que nem... até porque é interessante que é uma pessoa que é bem merecedô... que ele traz tudo... se tivé cachorro... galinha... pato... cavalo... rapaz se entrá dentro... ele traz.</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – <i>Pau de arara</i> , s.m. 1. O mesmo que colher de vaqueiro. 2. Planta da família das leguminosas, também chamada fava de bolota (<i>Parkia pendula</i> , Benth). 3. Árvore da família das rubiáceas (<i>Sickingia tinctoria</i> , Schum).	
Aurélio – <i>Pau de arara</i> , s.m. 3. Caminhão coberto, com vras longitudinais na carroceria, às quais os passageiros se agarram, e usado principalmente no transporte de retirantes nordestinos para SP, MG e RJ. 4. Retirante que viaja num desses caminhões.	
Houaiss – Pau de arara , loc. 2. (déc. 1950) Caminhão que transporta retirantes nordestinos. 3. (déc. 1950) Nordeste que migra geralmente para o sudeste do Brasil, viajando em paus de arara (no sentido de ‘caminhão’).	
Observações:	
Definição: Designação dada para se referir a um carro com muita aglomeração de pessoas e cargas.	
10. Vanzinha sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Tem uma vanzinha que vem para cá né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Van , s.f. Ingl. f. red. de <i>caravana</i> , ‘caravana’. 1. Veículo de médio a grande porte, usado em geral para transporte de passageiro ou de carga. 2. Qualquer automóvel que presta serviço de transporte de passageiros (lícita ou ilícitamente); perua, kombi.	
Houaiss – Van , s.f. ing. <i>van</i> (1829) (no sentido definido), redução de <i>caravan</i> no sentido de ‘caravana’. Veículo automóvel para transporte coletivo de um número limitado de passageiros (geralmente entre oito e 16); também adaptado para comércio ambulante de refeições rápidas e transporte de mercadorias leves; caminhonete, perua.	
Observações:	
Definição: Veículo utilizado para o transporte de carga ou passageiros. Transporte coletivo.	

11. Jumentinho sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu chamo é o jumentinho</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: jumento, s.m. ‘asno, burro, jegue’ <i>gumento</i> XIV Do lat. <i>jumentum</i> (< * <i>jougmentom</i> , da raiz de <i>jeug</i> , a mesma de <i>jegum</i> ‘jugo a que se atrelam bois, cavalos’).	
Registro em dicionários: Freire – Jumento , s.m. Lat. <i>Jumentum</i> . O mesmo que <i>burro</i> . Aurélio – Jumento , s.m. Do lat. <i>jumentu</i> . 1. Animal mamífero perissodáctilo (<i>Equus asinus</i>), facilmente domesticável, muito difundido no mundo, e utilizado desde tempos imemoriais como animal de tração e carga. É unglado e tem pelo duro, de coloração extremamente variada, indo do castanho-fulvo ao cinza-escuro. Houaiss – Jumento , s.m. lat. <i>jumentum,i</i> no sentido de 'qualquer animal de carga ou besta de puxar carro'; ver <i>jug-</i> ; f.hist. sXIV <i>gumêto</i> , 1713 jumento. 1 Designação comum a diversos mamíferos do gênero <i>Equus</i> , da família dos equídeos; asno, burro.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao ônibus ou carro que não cabe mais ninguém.	
12. Lata de sardinha sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Vem uma lata de sardinha né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Lata de sardinha , s.f. Local ou veículo muitíssimo lotado. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Designação dada ao ônibus ou carro com pouco espaço, aglomeração de pessoas.	
13. Pega um coletivo fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Que paga vinte reais e desce lá no sinal e vai pro seu bairro cada um pega um coletivo né?</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se à pessoa que utiliza um veículo de transporte coletivo, geralmente é pago.	
14. Pau velho sm	01 OCORRÊNCIA ~ Pau véio sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Ôtros chama lá vem o pau velho</i> (Entrevista 01HM35). <i>Mas geralmente assim pau véio né assim...</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Refere-se ao ônibus que está muito velho.	
15. Transbordando de gente fras.	01 OCORRÊNCIA
<i>Tá transbordando de gente</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Expressão que remete ao excesso de pessoas ou cargas presentes em um ônibus ou carro.	

6) CAMPO LEXICAL DE FAUNA

01. Galinha sf	26 OCORRÊNCIAS
<i>Hoje eu não tenho gado mas tem galinha</i> (Entrevista 01HM35). <i>A gente cria bastante galinha</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: galináceo adj. sm. ‘relativo a, ou indivíduo dos galináceos, ordem de aves de patas não palmadas, bico curto e não adunco’. <i>galinha</i> xvi. Do lat. <i>gallina</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Galinha , ou Gallinha , s.f. Lat. <i>gallina</i> . A fêmea do galo. Aurélio – Galinha [Do lat. <i>gallina</i> .]. 1. Zool. Ave galiforme, fasianídea, a fêmea, adulta, do galo. Houaiss – Galinha , s.f. [lat. <i>gallīna,ae</i> no sentido de ‘femêa do galo (ave doméstica)’. 1. Fêmea do galo.	
Observações:	
Definição: Ave de criação doméstica que possui bico pequeno, penas e asas curtas.	
02. Onça sf	19 OCORRÊNCIAS
<i>Óia aqui disque tem onça... tem isso mas nunca vi onça... só vi rastro até hoje né? tô vinte ano... vai fazê vinte ano aqui nunca vi uma onça... só vi rastro de onça que eu ando té na fundiária aí... só vi rastro de onça... nunca vi onça</i> (Entrevista 08JM64). <i>Era/era bem grandona...um macho. Aí outro dia nós fomo caçá lá pra fundiária... daí tava de dia... de tarde...a gente sempre andava pra lá vê se achava porcão né? aí a gente foi quando a gente tava quase chegando na mata... aí ele escutô assim uma pisada assim...zuada...aí a gente parô... ficô quietinho pra vê o quê é que ia atravessá pra carreadô... que tem um carreadô que vara lá... aí a gente tava paradinha esperando...há pouco apareceu a onça pin... pintada não... pretona... preta... onça preta...nunca tinha visto. Té na televisão é difícil pra gente vê né? aí ela pegô e travessô...eu vi ela... bonita</i> (Entrevista 13SCF42).	
Etimologia: onça sf. ‘(Zool.) mamífero carnívoro da fam. dos felídeos (<i>Felis onca</i> L.)’ XVI. Do fr. <i>once</i> , deduzido do a. fr. <i>lonce</i> (com deglutinação do artigo), deriv. do lat. pop. <i>lyncea</i> (cláss. <i>lynx -cis</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Onça , s.f. Mamífero felino (<i>Felis uncia</i>). Aurélio – Onça , s.f. [Da mesma or. incerta que o esp. <i>onza</i> , cat. <i>Onça</i> e o fr. <i>once</i> ; poss. do lat. vulg. <i>*luncea</i> (<lat. cláss. <i>lynx,lyncis</i> < gr. <i>lýnx,lynkós</i>).]. 1. Zool. Grande felino das montanhas do N. da Ásia (<i>Phantera úncia</i>), de pelagem, que lembra a da pantera, com 1,30 m de comprimento. 2. Bras. Zool. V. jaguar. 3. Bras. P.ext.Zool. Designação comum a todos os felídeos brasileiros de grande porte. Houaiss – Onça , s.f. [Lat. vulg. <i>*lyncea</i> , do lat.cl. <i>lynx,cis</i> , (no sentido definido), este do gr. <i>lúgks,kós</i> (no sentido definido); para AGC e JM, pelo fr. <i>once</i> (sXIII), prov. der. por afêrese de <i>lonce</i> no sentido de ‘lince’, este empr. ao it. <i>lonza</i> (sXIII) ‘pantera’, que parece ter sido formado, já no tempo das cruzadas, diretamente do gr. <i>lúgks,kós</i> (no sentido definido); o -/- inicial teria sido interpretado como artigo, tendo sido, por isso, suprimido; cp.tb.esp. <i>onza</i> (1945), de mesma orig. que o port.]. 1. Mesmo que leopardo-das-neves (<i>Phantera úncia</i>). 2. Designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte. 3. Mesmo que onça-pintada (<i>Panthera onça</i>).	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir ao maior felino das Américas, geralmente encontrada na mata. Popularmente identificada por onça-pintada ou onça-preta.	

03. Pêxe sm	18 OCORRÊNCIAS
<p><i>A gente vai com a intenção de pegá os melhores pêxe ... mas não</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu num conheço muito de pêxe né dessa outras qualidade de pêxe que eu vejo, falá muito aqui né?</i> (Entrevista 08JM64).</p>	
<p>Etimologia: peixe, s.m. Animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras, com pele geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. <i>piscis</i> –is.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Peixe, s.m. Lat. <i>piscis</i>. Animal vertebrado que nasce e vive na água, e respira por guelras, locomovendo-se por meio de barbatanas. 2. O mesmo que peixão. Aurélio – Peixe, s.m. Do lat. <i>pisce</i>. 1. Designação comum aos animais cordados, gnatostomados, aquáticos, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele, geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca e que respiram por brânquias. Houaiss – Peixe, s.m. lat. <i>piscis, is</i> no sentido de 'peixe'; ver <i>peix-</i>; f.hist. sXIII <i>peixes</i>, sXIII <i>pexe</i>, sXIV <i>peyxes</i>, sXIV <i>pez</i>, sXV <i>pexees</i> acp. de ICT, sXV <i>piscis</i> acp. de ASTRL. 1. designação comum aos animais vertebrados, aquáticos, que possuem os membros transformados em nadadeiras sustentadas por raios ósseos, esqueleto ósseo ou cartilaginoso, coração dividido em duas cavidades e respiração branquial.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Designação geral dada a todos as espécies de peixes de água doce.</p>	
04. Porco sm	18 OCORRÊNCIAS
<p><i>Hoje eu não tenho gado mas tem galinha... tem porco ... tem cachorro</i> (Entrevista 01HM35). <i>Tem galinha... porco</i> (Entrevista 02JM27).</p>	
<p>Etimologia: porco, s.m. 'mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico' XIII. Do lat. <i>pōrcus</i> –ī.</p>	
<p>Registro em dicionários: Freire – Porco, s.m. Lat. <i>porcus</i>. Mamífero quadrúpede e paquiderme (<i>Sus domesticus</i>), que se engorda para servir de alimento e cuja carne é muito aproveitada em vários artigos de salchicharia. Aurélio – Porco, s.m. Do lat. <i>porcu</i>. 1. Mamífero bunodonte, artiodáctilo, não ruminante, com 44 molares, caninos curvos e incisivos inferiores alongados, formando uma pá; patas curtas com quatro dedos revestidos por cascos, cabeça de perfil triangular e focinho cartilaginoso. Origina-se do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico, e sua carne é bastante apreciada; cerdo. Houaiss – Porco, s.m. lat. <i>porcus, i</i> no sentido de 'porco, cochino', p.ext. 'homem gordo, barrigudo; glutão'; f.hist. 908 porcos (num doc. galego), sXIII porco. 1. Designação comum aos mamíferos artiodáctilos da infraordem dos suínos, especialmente aqueles da família dos suídeos, distribuídos pelo Velho Mundo; de corpo robusto, com pelos ger. esparsos e ásperos, pernas relativamente curtas, patas com dois cascos funcionais e dois não funcionais, focinho móvel dotado de um disco frontal cartilaginoso e longas presas formadas pelos caninos superiores.</p>	
<p>Observações:</p>	
<p>Definição: Animal mamífero encontrado como animal de criação.</p>	

05. Cobra sm	12 OCORRÊNCIAS
<i>Que nem sai bastante cobra essa época</i> (Entrevista 01HM35). <i>Agora aqui/aqui a cobra né num anda né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: cobra, s.f. ‘designação popular dos ofídios em geral’ <i>coobra</i> XIII, <i>coovra</i> XIII Do lat. tard. <i>colobra</i> (cláss. <i>colüber colūbra</i>).	
Registro em dicionários: Freire – Cobra , s.f. Lat. <i>colubra</i> . Designação vulgar dos ofídios em geral, principalmente das serpentes não venenosas. 2. Nome dado pelos europeus às espécies asiáticas, venenosas, da ordem dos ofídios e pertencentes ao gênero naja. 3. Objeto que tem forma semelhante à da serpente. Aurélio – Cobra , s.f. Do lat. <i>colubra</i> . 1. Designação popular dos ofídios venenosos ou não. Houaiss – Cobra , s.f. lat. <i>colūbra,ae</i> no sentido de 'serpente venenosa'; ver <i>cobr-</i> e <i>colubr-</i> ; f.hist. sXIII <i>coobra</i> , sXIII <i>coovra</i> , sXIII <i>cohobra</i> , sXV <i>cobra</i> . 1. Designação comum aos répteis escamados, carnívoros, da subordem das serpentes, de corpo alongado, membros e aberturas das orelhas externas ausentes, olhos imóveis e sem pálpebras, cobertos por escamas transparentes, língua delgada, bífida e protrátil e dentes cônicos, presentes na maxila, mandíbula e no teto da boca; malacatifa, serpente [Tecnicamente, as cobras são serpentes de dois gêneros da fam. dos elapídeos, encontrados na África e Ásia, e que correspondem às maiores serpentes peçonhentas do mundo.]	
Observações:	
Definição: Designação geral dada às serpentes, répteis rastejantes, venenosas ou não.	
06. Traíra sf	12 OCORRÊNCIAS ~ Trairinha sf 01 OCORRÊNCIA
<i>Tipo pega um pacu...traíra</i> (Entrevista 01HM35). <i>O único peixe que inda como uns pedacinho é só a traíra</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: traíra, s.f. ‘peixe da Pefam. dos caracídeos’ <i>tareira</i> 1587, <i>taraíra</i> 1610, <i>tararira</i> 1618, <i>tarayra</i> c 1631 etc. Do tupi <i>tare'ira</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Traíra , s.f. Peixe fluvial e lacustre, da família dos caracínídeos (<i>Hoplias malabaricus</i> , <i>Erythrinus erythrinus</i>). Aurélio – Traíra , s.f. [Var. de <i>taraíra</i> , do tupi.] 1. Bras. Zool. Peixe teleósteo, caracídeo (<i>Hoplias malabaricus</i>), distribuído por todo o Brasil. Tem dorso negro, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo, e é desprovido de nadadeira adiposa. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro e considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Comprimento: até 40cm. Houaiss – Traíra , s.f. [Tupi <i>tare'ira</i> no sentido de ‘peixe’. 1. Peixe telósteo, caraciforme, da família dos ertrinídeos (<i>Hoplias malabaricus</i>), encontrado em ambientes lênticos da América Central até a Argentina e de ampla distribuição no Brasil; com cerca de 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro, ventre branco e manchas escuras espalhadas no corpo, dentes fortes com quatro incisivos muito afiados, <i>cipó-de-viúva</i> , <i>dorme-dorme</i> , <i>jeju</i> , <i>maturaquê</i> , <i>peixe-preto</i> , <i>robafo</i> , <i>rubafó</i> , <i>taraíra</i> , <i>tararira</i> , <i>tarira</i> .	
Observações:	
Definição: Peixe pequeno frequente em igarapés e rios.	

07. Cutia sf	11 OCORRÊNCIAS ~	Cotia sf	03 OCORRÊNCIAS
<p><i>É difi...aqui a única coisa que/que/que eu encontro sempre e tem aqui...elas vem comê aqui... é a cutia. Ela come aqui. {vem atrás de tucumã}. Só cutia. É mesmo...ela vem (atrás) de tucumã mesmo é (Entrevista 04MF61).</i></p> <p><i>[...] é paca... cutia/cutia eu vejo porque vem perto de casa aí né? É. (Entrevista 08JM64).</i></p>			
<p>Etimologia: cutia sf. ‘mamífero roedor da fam. dos dasiproctídeos’ c 1584, cotia 1576, acuti c 1584 etc. Do tupi <i>aku’ti</i>.</p>			
<p>Registro em dicionários:</p> <p>Freire – Cutia, s.f. Pequeno mamífero roedor da família dos cávidas (<i>Dasyprocta aguti</i>, Ling.).</p> <p>Aurélio – Cutia, s.f. [Var. de <i>acuti</i>]. 1. Zool. Mamífero roedor, dasiproctídeo, gênero <i>Dasyprocta</i>, com sete espécies em território brasileiro. As cutias têm apenas vestígios de cauda, extremidades anteriores bem mais curtas que as posteriores, e pés compridos com cinco dedos, sendo três desenvolvidos, com unhas cortantes equivalentes a pequenos cascos, e o quinto dedo muito reduzido. Vivem nas matas e capoeiras, donde saem à tardinha para alimentar-se de frutos e sementes caídos das árvores. A coloração é variável entre as espécies.</p> <p>Houaiss – Cutia, s.f. [Tupi <i>aku’ti</i> no sentido de ‘mamífero roedor’; Thevet registra esta palavra (sob a forma <i>agoutin</i>) num livro em francês de 1557; cotia é de 1576, logo seguida de cutia (c1584), ambas forma aferética em relação ao tupi; ocorrem tb. f. mais próximas do étimo: <i>acuti</i>, <i>acuhi</i>, <i>aguti</i>, <i>acouti</i>; a alternância entre as grafias cotia e cutia deve-se ao nítido caráter variável da vogal média em posição pretônica; f. hist. 1792 cutias; Thevet registra esta palavra (sob a forma <i>agoutin</i>) num livro em francês de 1557]. 1. Designação comum aos roedores do gênero <i>Dasyprocta</i>, da família dos dasiproctídeos, representados no Brasil por cinco espécies com até 60 cm de comprimento e 4 kg, pelagem curta e áspera, escura no dorso e esbranquiçada ou amarelada nas partes inferiores, e cauda muito curta.</p>			
<p>Observações:</p>			
<p>Definição: Pequeno roedor, geralmente é encontrado nas residências dos assentados por causa da alimentação.</p>			
08. Paca sf	09 OCORRÊNCIAS ~	Paquinha sf	02 OCORRÊNCIAS
<p><i>Eu vou atrás de paca, mas só acho cutia. Nunca vi desse jeito pra dá aqui (Entrevista 02JM27).</i></p> <p><i>Ó um dia nós foi caçá paca bem aqui nesse sítio da frente... daí a gente...logo que a gente chegô aqui não tinha energia nem nada...aí a gente matô uma paca. Sempre eu vô com ele né? A gente faz os tempero lá... sempre a gente vai nós dois junto que vai caçá. Ai ele/aí ele atirô numa paca... aí eu falei pra ele vamo ficá mais um pouco... daqui a pouco nós vamo embora porque tá cedo ainda...daí nós ficô mais um pouco (Entrevista 13SF42).</i></p>			
<p>Etimologia: paca, s.f. ‘mamífero roedor da fam. dos dasiproctídeos (<i>Cuniculus paca</i>)’ a 1576, paqa 1595, paqua 1648 etc. Do tupi ‘<i>paka</i>’.</p>			
<p>Registro em dicionários:</p> <p>Freire – Paca, s.f. Quadrúpede roedor da América do Sul (<i>Cavia paca</i>, Lin.).</p> <p>Aurélio – Paca, s.f. [Do tupi]. 1. Bras. Zool. Roedor dasiproctídeo (<i>Agouti paca</i>), de hábitos noturnos, distribuídos do Sul do México ao Sul do Brasil, de pelame castanho-avermelhado tirante a marrom, lados do corpo com três a cinco listras longitudinais brancas, irregulares, ventre branco e cauda curtíssima, quase invisível. A cabeça é grande, com orelhas curtas e arredondadas, a maxila é proeminente, os olhos são grandes e, à noite, apresentam-se vermelhos. Vive sempre perto da água, onde busca refúgio quando perseguido. Adulto, pesa cerca de 10kg, e sua carne é apreciada.</p> <p>Houaiss – Paca, s.f. [Tupi ‘<i>paka</i> no sentido de ‘mamífero roedor’; o nome viria de um verbo indígena com o signif. De ‘acordar’; o animal era dito ‘sempre atento’, por vigiar a noite toda e só dormir de dia; Staden registra esta palavra (<i>backe</i>) num livro em alemão de 1557; f. hist. A1567 pacas, 1595 paqa, 1648 paqua, 1648 paças [sic], a 1667 pácas, c1698 pacca]. 1. Grande roedor noturno (<i>Agouti paca</i>), da fam. dos dasiproctídeos, encontrado do México ao sul do Brasil, ger. próximo aos rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 kg, cauda pequena e não visível e pelagem pardo-amarrozada, com três a quatro listras longitudinais formadas por grandes manchas brancas.</p>			
<p>Observações:</p>			
<p>Definição: Grande roedor de hábitos noturnos. Apresenta manchas brancas nas laterais do corpo e se alimenta de frutas, folhas e raízes de plantas.</p>			

09. Porvinha sm 07 OCORRÊNCIAS ~ Povinha sm 01 OCORRÊNCIA ~ Polvinha sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Logo que nós chegemu aqui tacava muito o tal do porvinha né? um bichinho bem miudinho que ferra assim</i> (Entrevista 07JF62). <i>Tem gente que chama povinha né?</i> (Entrevista 04MF61). <i>É polvinha né?</i> (Entrevista 04MF61).
Etimologia: Não consta.
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.
Observações:
Definição: Referem-se ao mosquito pólvora. Mesmo que maruim.
10. Caranguejêra sf 04 OCORRÊNCIAS
<i>Então assim quando começa a chovê... cê pode fazê... cê pode notá que vem vários bicho pra dentro de casa como aranha caranguejêra</i> (Entrevista 01HM35). <i>Caranguejêra é a época. Tem tempo que/que aparece muita caranguejêra. Essas grandona</i> (Entrevista 12JM50).
Etimologia: caranguejeira, s.f. ‘espécie de aranha’ 1873.
Registro em dicionários: Freire – Caranguejeira , s.f. Grande aranha peluda, cuja mordedura é venenosa (<i>Mygale avicularia</i>). Aurélio – Caranguejeira , s.f. De <i>caranguejo</i> + <i>-eira</i> . 1. Aranha de grande porte, migalomorfa, que não tece teia, se alimenta de pequenos vertebrados de sangue frio, e cujas picadas, embora dolorosas, não produzem chagas ulcerosas; aranhaçu. 2. Ver <i>aranha-caranguejeira</i> . Houaiss – Caranguejeira , s.f. caranguejo + <i>-eira</i> ; ver <i>cancer(i/o)-</i> ; f.hist. 1608 <i>caranguejeira</i> , 1853 <i>caranguejeira</i> . 1. aranha-caranguejeira (no sentido de ‘designação comum’)
Observações:
Definição: Espécie de aranha grande. Mesmo que aranha-caranguejeira.
11. Matêro sm 04 OCORRÊNCIAS
<i>Aqui na região a gente chama por matêro...mas é aquele veado campêro</i> (Entrevista 05AM18). <i>Aí ele falô assim "eu acho que tá vindo um matêro"</i> (Entrevista 13SF42).
Etimologia: Não consta.
Registro em dicionários: Freire – Mateiro , s.m. 6. Espécie de veado (<i>Cervus rufus</i>). Aurélio – Mateiro , s.m. De mata + <i>-eiro</i> . 8. Ver <i>veado-mateiro</i> . Houaiss – Mateiro , s.m. Redução de veado-mateiro.
Observações:
Definição: Espécie de veado. Mesmo que veado-mateiro.
12. Nambu sm 04 OCORRÊNCIAS ~ Nambúzinho sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Um nambu</i> (Entrevista 06SM67). <i>Nambu</i> (Entrevista 08JM64).
Etimologia: inambu, s.m. ‘ave da fam. dos tinamídeos’ <i>nambu</i> 1587, <i>jnhambu</i> 1618, <i>nãbu</i> 1624 etc. Do tupi <i>ina’mu</i> .
Registro em dicionários: Freire – Nambú , s.m. 2. Espécie de perdiz, de bico encarnado sem rabo. Aurélio – Nambu , s. 2g. Var. de <i>inhambu</i> . 1. Ver <i>inhambu</i> . Houaiss – Nambu , s.m. ver em <i>inhambu</i> ; f.hist. 1587 <i>nambu</i> , 1624 <i>nãbus</i> ; a datação é para a acp. de ORN. 2. Mesmo que <i>inhambu</i> (no sentido de ‘designação comum’).
Observações: No Aurélio <i>inhambu</i> é designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros <i>Tinamus</i> e <i>Crypturellus</i> , características da região neotropical, e desprovidas completa ou quase completamente da cauda.
Definição: Ave que se assemelha a uma galinha d’angola, de cor parda e que possui um belo canto.

13. Piau sm	04 OCORRÊNCIAS
<i>Tipo pega um pacu...traíra... piau...</i> (Entrevista 01HM35). <i>É mais aquele piau</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: piau, s.m. 'piaba' <i>pião</i> 1806 Do tupi * <i>pi'au</i> < <i>pi'ava</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Piau , s.m. Peixe fluvial (<i>Leporinus conirostris</i>). Aurélio – Piau , s.m. Do tupi = 'pele manchada'. 1. Ver piaba. Houaiss – Piau , s.m. f.hist. 1806 <i>piãos</i> , 1817 <i>piháus</i> , 1865 <i>piau</i> , 1898 <i>piáus</i> . 1. 1. Mesmo que piaba (no sentido de 'designação comum').	
Observações: No Aurélio piaba é designação comum a várias espécies de peixes caraciformes; piava, piau, aracu.	
Definição: Designação dada a várias espécies de peixes pintados.	
14. Sardinha sm	02 OCORRÊNCIAS4
<i>Aqui só a que compra no mercado mesmo...só essas sardinha...</i> (Entrevista 04MF61). <i>Sardinha</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: sardinha, s.f. 'designação comum a várias espécies de peixes teleosteos, isospôndilos, da fam. dos clupeídeos' XIV, <i>sardina</i> XIII Do lat. <i>sardīna</i> -ae.	
Registro em dicionários: Freire – Sardinha , s.f. Lat. <i>sardina</i> . Pequeno peixe da família dos clúpeos (<i>Clupea sardina</i> ou <i>sprattus</i>). 2. Nome dado a peixes de outras famílias, de aspecto exterior semelhante ao do precedente. Aurélio – Sardinha , s.f. Do lat. <i>sardina</i> . 1. Designação comum a várias espécies de peixes clupeídeos. Vivem aos cardumes e são utilizadas largamente, frescas ou industrializadas, na alimentação humana. Também se usam em óleos, farinhas e adubos. No rio Amazonas existem sete espécies de sardinhas verdadeiras. Houaiss – Sardinha , s.f. lat. <i>sardīna,ae</i> no sentido de 'sardinha, peixe abundante nas costas da Sardenha', da <i>sarda,ae</i> no sentido de 'sarda'; f.hist. 1242-1252 <i>sardinas</i> , 1257 <i>sardinas</i> , 1297 <i>sardiãs</i> , 1393 <i>ssardinhãs</i> , a1720 <i>sardinha</i> . 2. Designação comum a vários peixes clupeiformes, encontrados nos rios brasileiros, especialmente na região amazônica., que não possuem grande valor comercial	
Observações:	
Definição: Espécie de peixes pequeno encontrados nos rios.	
15. Anta sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Anta</i> (Entrevista 08JM640). <i>Só nunca vi anta de dia aqui</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: anta, s.f. 'mamífero da fam. dos tapirídeos' XVI. Do ár. hisp. e afric. <i>lamt</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Anta , s.f. ár. <i>lamta</i> . Espécie de paquiderme da família dos tapirídeos, animal originário da América e um dos maiores da fauna brasileira (<i>Tapirus americanus</i>). Aurélio – Anta , s.f. Do ár. <i>al-lam</i> + < ár. -hisp. e magrebino <i>lam</i> +. 1. Mamífero tapirídeo (<i>Tapirus terrestris</i>), distribuído desde a Colômbia até o Norte da Argentina. Atinge até 2m de comprimento por 1m de altura, tem quatro dedos na mão e três no pé, e pesa até 180kg. Pelo uniforme, pardacento. A cauda é muito curta, o nariz prolongado em tromba. Vive nas matas, mas proximidades de rios ou lagos, alimentando-se de frutas e folhas. Houaiss – Anta , s.f. ár. <i>lamta</i> (no sentido definido); a datação é para um animal do norte da África não identificado, referido na Crônica de cinco reis de Portugal e na Crônica da Tomada de Ceuta de Azurara (ver VHCPM), não a espécie sul-americana. 1. Mamífero perissodáctilo, florestal, da fam. dos tapirídeos (<i>Tapirus terrestris</i>), que ocorre da Colômbia ao Sul do Brasil; de corpo robusto e de grande porte, chegando a atingir 2 m de comprimento e a pesar 250 kg, pelos lisos, curtos e de coloração marrom-escura, nariz e lábio superior prolongados formando uma tromba; <i>acuré</i> , <i>antacuré</i> , <i>antagameleira</i> , <i>anta-sapateira</i> , <i>antaxuré</i> , <i>batuvira</i> , <i>pororoca</i> , <i>sapateira</i> , <i>tapiira</i> , <i>tapir</i> , <i>tapira</i> , <i>tapiretê</i> [Vivem ger. perto de rios ou lagos e se alimentam de frutos e folhas.]	
Observações:	
Definição: Animal de pelo liso, grande porte e coloração marrom-escura que vive na mata e se alimenta de frutas e folhas.	

16. Beija-flô sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>É a beija-flô ela/ela quando chega assim e entra dentro de casa diz que vai trazê notícia boa né?</i> (Entrevista 04MF61).	
<i>Beija-flô</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Beija-flor , s.m. De <i>beijar</i> + <i>flor</i> . Pequena e formosa ave americana que absorve o néctar das flores; colibri, cupa-flor, chupa-mel.	
Aurélio – Beija-flor , s.m. De <i>beijar</i> + <i>flor</i> . 1. Designação comum às aves apodiformes, troquilídeas, de voo muito veloz, e que se alimentam de néctar das flores e de insetos minúsculos.	
Houaiss – Beija-flor , s.m. 1. Designação comum às aves apodiformes da família dos troquilídeos, encontradas nas três Américas; de asas longas, bico longo e fino e língua muito comprida, us. para retirar o néctar das flores; <i>binga</i> , <i>chupa-flor</i> , <i>chupa-mel</i> , <i>colibri</i> , <i>cuitelinho</i> , <i>cuitelo</i> , <i>guanumbi</i> , <i>guanambi</i> , <i>guanumbi</i> , <i>guinumbi</i> , <i>pica-flor</i> [São capazes de voos velozes e pairados pela grande frequência de batida das asas.]	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir às aves pequenas e coloridas que possuem bico fino e se alimentam do néctar das flores.	
17. Carapanã sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>Aí quando começa a chovê aí vem...começa a dá carapanã</i> (Entrevista 01HM35).	
<i>Aqui todo mundo chama carapanã</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: carapanã sm. ‘mosquito’ <i>garapanazes</i> pl. 1763, <i>carapaná</i> 1817, <i>carapanans</i> pl. 1888 etc. Do tupi * <i>karapa’na</i> .	
Registro em dicionários:	
Freire – Carapanã , ou Carapanan , s.f. Espécie de mosquito de pernas compridas da família dos culicidas (<i>Culex fatigans</i>).	
Aurélio – Carapanã , s.m. [Do tupi.]. Bras. AM Zool. V. <i>mosquito</i> .	
Houaiss – Carapanã , s.m. [ver em <i>carapanã</i>]. Entologia; Amazônia, mesmo que mosquito (no sentido de ‘designação comum’).	
Observações:	
Definição: Designação geral para o mosquito sugador de sangue.	
18. Maruim sm	03 OCORRÊNCIAS ~ Maruizinhos sm 01 OCORRÊNCIA ~ Meruim sm 01 OCORRÊNCIA
<i>ôtros que chama é... maruim né?</i> (Entrevista 04MF61).	
<i>Só tem esses maruizinhos que ferram muito... mas o resto eu num sei fala</i> (Entrevista 03LF41).	
<i>Aqui nós fala é/o povo daqui fala meruim</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: maruim, s.m. ‘nome comum a vários mosquitos hematófagos’ <i>marigui</i> c 1584, <i>margui</i> 1587, <i>meruim</i> 1763 etc. Do tupi <i>mari’wi</i> .	
Registro em dicionários:	
Freire – Maruim , s.m. Mosquito dos terrenos pantanosos do Brasil, da família dos quironômidas (<i>Culicoides maruim</i> , Lutz).	
Aurélio – Maruim , s.m. Var. nasalada de maruí. Designação vulgar dos insetos dípteros, ceratopogonídeos. São nematóceros, de pequeno porte, com 1 a 2mm de comprimento, antenas com 14 artigos nos dois sexos. As larvas e ninfas vivem na água doce ou salgada; só as fêmeas são hematófagas. Transmitem a filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas.	
Houaiss – Maruim , s.m. tupi <i>mberu’wi</i> (de <i>mbe’ru</i> no sentido de ‘mosca’ + ‘(w)i no sentido de ‘pequeno’) com term. às vezes nasalada em maruim; var. devidas a flutuações na adp. ao port. de <i>mb-</i> > <i>m-/b-</i> , da assilábica <i>-w-</i> (precedida de <i>-u-</i> e seguida de <i>-i-</i>) que pode cair ou desenvolver-se como consoante velar <i>-gu-/qu-</i> , de contração ou não, sob infl. da líquida <i>-r-</i> , de sílabas pretônicas, cujas vogais podem abrir-se ou fechar-se; cp. <i>barigui</i> , <i>birigui</i> , <i>marigui</i> , <i>maringuim</i> etc.; f.hist. 1587 <i>marguins/marguis</i> , 1833 <i>maruim</i> , 1853 <i>maruhí</i> , 1935 <i>maroim</i> . design. comum a diversos mosquitos da fam. dos ceratopogonídeos, de até 2 mm de comprimento, cuja ocorrência no Brasil está associada aos manguezais; as fêmeas são hematófagas e transmissoras da filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas.	
Observações:	
Definição: Pequeno mosquito que possui uma picada dolorosa.	

19. Pernilongo sm	03 OCORRÊNCIAS ~ Pernilongozinho sm	01 OCORRÊNCIA
<p>Pernilongo (Entrevista 02JM27). <i>EnTÃO tem/tem...aqui num tem muito mosquito não. Tem um/um pernilongozinho pequenininho quando ele tá atacando bastante a gente...chove também.</i> (Entrevista 06SM67).</p>		
<p>Etimologia: pernilongo, 1890.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Pernilongo, s.m. 2. De <i>perna</i> + <i>longo</i>. 2. Variedade de mosquito (<i>Stegomyia fasciata</i>). Aurélio – Pernilongo, s.m. De <i>perna</i> + <i>-i-</i> + <i>longo</i>. Ave caradriforme, recurvirrostros (<i>Himantopus h. melanurus</i>), do Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, e grande parte do Brasil: RS, MT, SP, MG e BA. Coloração geral preta, com a cabeça e lado inferior brancos, e uma faixa da mesma cor do pescoço ao dorso. Vive em lagoas e terrenos alagadiços. 2. Ver mosquito. Houaiss – Pernilongo, s.m. <i>pern(i)-</i> + <i>longo</i>; ver <i>long-</i>; f.hist. 1853 <i>pernilongo</i>, 1877 <i>pernilongo</i>, 1899 <i>trebilongo</i>, 1899 <i>tremilongo</i>; a datação é para a acp. de ENT. 2. Mesmo que mosquito (no sentido de 'designação comum')</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Designação dada para mosquito sugador de sangue.</p>		
20. Tambaqui sm	03 OCORRÊNCIAS	
<p><i>Mas negócio de tambaqui principalmente esses que são de cativêro... num gosto não</i> (Entrevista 07JF62). <i>Óia pêxe que a gente sempre compra aqui que come qualquer tambaqui né?</i> (Entrevista 08JM64).</p>		
<p>Etimologia: tambaqui, s.m. 'peixe da fam. dos caracídeos' c 1698. Do tupi <i>*tamba'ki</i>.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Tambaqui, s.m. Peixe dos rios do Pará e do Amazonas, de carne muito apreciada. Aurélio – Tambaqui, s.m. Do <i>tupi</i>. 1. Designação comum aos peixes actinopterígios, caracídeos, do gênero colossoma, muito comuns na Amazônia. A espécie mais conhecida é o C. bidens, da bacia amazônica e do Paraguai, de coloração geral cinza, com laivos dourados no dorso, e abdome amarelado. Alimenta-se de frutos, que são utilizados na pesca com linha. É dos peixes melhores e mais comuns do mercado de Manaus (AM). Houaiss – Tambaqui, s.m. segundo DHPT, tupi <i>*tamba'ki</i> no sentido de 'peixe da fam. dos caracídeos'; para Nasc, tupi <i>tamba'ki</i>; f.hist. 1833 <i>tambaquê</i>, 1899 <i>tambaqui</i>. 1. Peixe teleosteo caracíforme da fam. dos caracídeos (<i>Colossoma macropomum</i>), encontrado no rio Amazonas e afluentes, que atinge 90 cm de comprimento e 13 kg de peso, com dorso cinza-escuro, ventre claro e nadadeira adiposa óssea com pequenos raios; <i>curupeté</i> [A população local considera sua carne a de melhor qualidade dentre os peixes.]</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Espécie de peixe de água doce de coloração parda e preta, encontrado em rios e cativêros.</p>		
21. Urutau sm	03 OCORRÊNCIAS	
<p><i>É o negócio da lua. {é o negócio da lua}. O urutau tá cantando por causa da lua cheia</i> (Entrevista 06SM67).</p>		
<p>Etimologia: urutau sm. 'ave caprimulgiforme da fam. dos nictibiídeos, coruja' <i>vrutagui</i> c 1594 Do tupi <i>uruta'üi</i>.</p>		
<p>Registro em dicionários: Freire – Urutau, s.m. Ave noturna de rapina, da família dos caprimulgídeos, também chamada chora-lua e mãe da lua (<i>Nyctibius grandis</i>, Gim.). Aurélio – Urutau, s.m. [Do <i>tupi</i>]. Bras. Zool. Designação comum a aves caprimulgiformes, nictibiídeas, gênero <i>Nyctibius</i>, com cinco espécies no Brasil, sendo a mais difundida a <i>N. griseus</i>. [Var.: <i>urutago</i>, <i>jurutau</i>; sin.: <i>preguiça</i>, <i>chora lua</i>, <i>manda-lua</i>, <i>ibijaú-guaçu</i>.] Houaiss – Urutau, s.m. [Tupi <i>uruta'gwi</i> no sentido de 'ave da família dos nictibiídeos, coruja', tb. adp. ao port. <i>jurutau</i> e <i>urutago</i>; f. hist. 1857 <i>urutáo</i>, 1876 <i>urutáu</i>, 1876 <i>urutauí</i>]. 1. Designação comum às aves caprimulgiformes da fam. dos nictibiídeo, gên. <i>Nyctibius</i>, de hábitos noturnos, que possui cabeça chata e larga com grandes olhos, boca ampla e bico pequeno com a ponta adunca; <i>chora-lua</i>, <i>ibijaú-guaçu</i>, <i>jurutau</i>, <i>mãe-da-lua</i>, <i>manda-lua</i>, <i>preguiça</i>, <i>urutago</i>. 1.1. Ave da fam. dos nictibiídeos (<i>Nyctibius griseus</i>), encontrada da Costa Rica à Bolívia, em todo o Brasil, na Argentina e no Uruguai; atinge 37 cm de comprimento e possui plumagem variando entre marrom ou cinzento e peto com desenho negro.</p>		
<p>Observações:</p>		
<p>Definição: Espécie de ave que possui um canto choroso e assustador.</p>		

22. Marimbondo sm	02 OCORRÊNCIAS ~ Maribondo sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Marimbondo</i> também (Entrevista 02JM27). <i>Já aconteceu de pegá várias ferradas de maribondo...mas inchá mesmo</i> (Entrevista 01HM35).		
Etimologia: marimbondo, s.m. 'nome comum a diversas espécies de vespas' maribondo 1813 Do quimb. <i>mari'mogo</i> .		
Registro em dicionários: Freire – Marimbondo , s.m. Espécie de vespão, que faz ninho nos beirais das casas, e cuja mordedura produz grande ardor. 2. Designação genérica das vespas, em quase todo o Brasil. Aurélio – Marimbondo , s.m. Do quimb. <i>ma</i> , pref. pl., + <i>rimbondo</i> , 'vespa'. 1. Designação comum aos insetos himenópteros, vespídeos, caracterizados por terem as asas anteriores, quando em repouso, longitudinalmente dobradas, a primeira célula discoidal muito longa, três células cubitais, e garra simples. O nome comum costuma estender-se aos vespídeos em geral, incluindo outras famílias, entre elas os pompilídeos ou marimbondos-caçadores e os eumenídeos, de garras dentadas. Houaiss – Marimbondo , s.m. quimb. <i>mari'mbondo</i> , comp. de <i>ma</i> pref. de plural + <i>rimbondo</i> no sentido de 'vespa', donde tb. maribondo; Castro registra o quimb. (<i>ma</i>) <i>di(m)bondo</i> ; f.hist. 1716 <i>maribonda</i> , 1789 <i>maribondo</i> , 1899 <i>marimbondo</i> . 1. Designação comum e imprecisa aos insetos himenópteros, esp. da fam. dos vespídeos e pompilídeos, sociais ou solitários, ger. maiores e dotados de ferrão, distinguindo-se das vespas por manterem as asas anteriores longitudinalmente dobradas quando estão pousados; caba.		
Observações:		
Definição: Designação geral para se referir a insetos que possuem ferrão e tem uma picada dolorosa.		
23. Rolinha sf	02 OCORRÊNCIAS	
<i>Caçá rolinha</i> . De vez em quando tava matando rolinha viu aqui (Entrevista 08JM64).		
Etimologia: Não consta.		
Registro em dicionários: Freire – Rolinha , s.f. Espécie de pomba pequena. Aurélio – Rolinha , s.f. De <i>rola</i> + <i>-inha</i> . 1. Ave columbiforme, columbídea (<i>Columbina minuta</i>). Houaiss – Rolinha , s.f. <i>rola</i> + <i>-inha</i> . 1.1. Mesmo que rola (no sentido de 'designação comum').		
Observações: No Houaiss rola é designação comum as aves columbiformes, da fam. dos columbídeos, dos gêneros <i>Columbina</i> , <i>Claravis</i> e <i>Uropelia</i> , que ger. possuem pequeno porte; <i>pomba-rola</i> , <i>rola-carijó</i> , <i>rola-pequena</i> , <i>rolinha</i> , <i>turuéi</i> .		
Definição: Designação geral dadas às pequenas aves.		
24. Pirarucu sm	02 OCORRÊNCIAS	
<i>Eu tinha/ eu tinha a gente até colocô pirarucu ali</i> (Entrevista 13SF42).		
Etimologia: pirarucu, s.m. 'peixe da fam. dos osteoglossídeos (<i>Arapaima giga</i>)' <i>piraurucu</i> c 1631, <i>pirorucú</i> 1763 etc. Do tupi <i>pirauru'ku</i> < <i>pi'ra</i> + <i>uru'ku</i> 'urucu'.		
Registro em dicionários: Freire – Pirarucu , s.m. Grande peixe de rio, da ordem dos fisóstomos, frequente nos rios da Amazônia e no Araguaia; arapaina, bodeco. Aurélio – Pirarucu , s.m. Do tupi = 'peixe vermelho'. 1. Peixe osteoglossídeo (<i>Arapaima gigas</i>), da bacia amazônica. Coloração escura com partes avermelhadas, sobretudo na porção posterior do corpo e nos flancos; nadadeiras dorsal e anal situadas na extremidade posterior do corpo; escamas muito grandes e ásperas; e comprimento de até 2,5m, peso de até 150kg. É o maior peixe fluvial de escamas. A pesca é feita com anzóis ou com arpão. A língua é usada para ralar o guaraná, e a escama para lixar unhas. Defende seus alevinos recolhendo-os na boca. A carne, fresca, salgada ou seca, é muito apreciada. Atualmente se usa também para piscicultura. Houaiss – Pirarucu , s.m. tupi <i>pirauru'ku</i> no sentido de 'peixe da família dos osteoglossídeos' derivado de(o) <i>pi'ra</i> no sentido de 'peixe' + <i>uru'ku</i> no sentido de 'tintura, almagre'; f.hist. c1631 <i>piraurucu</i> , 1763 <i>pirorocús</i> , c1777 <i>piráurucú</i> , 1786 <i>pirarucú</i> , 1833 <i>piraurucú</i> . Peixe osteoglossíforme da fam. dos osteoglossídeos (<i>Arapaima gigas</i>), da bacia amazônica, incluindo-se o Tocantins e o Araguaia, que pode atingir 2,60 m de comprimento e pesar 160 kg, sendo o maior peixe fluvial de escama; possui o corpo cilíndrico pardo-esverdeado e avermelhado escuro nos flancos; <i>anato</i> , <i>bodeco</i> , <i>pirosca</i> , <i>pirarucu</i> [Espécie introduzida nos açudes nordestinos em 1940; possui grande valor comercial, sendo salgado em alguns locais e, por isso, chamado de bacalhau brasileiro; sua língua muito áspera é geralmente utilizada para ralar o guaraná.]		
Observações:		
Definição: Maior peixe de água doce, geralmente encontrado em rios, lagos e pântanos da floresta.		

25. Tatu canastra sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>Eu acredito/eu acreditei numa história que ela falou que cê matá o tatu canastra ... num tem daqueles grandão?</i> (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Tatú , s.m. Nome comum a várias espécies de mamíferos desdentados do Brasil. Aurélio – Tatu-canastra , s.m. Mamífero desdentado, dasipodídeo (<i>Priodontes giganteus</i>), da região cisandina. É a maior das espécies existentes; mede cerca de 85cm de corpo e 45cm de cauda. Tem 11 a 13 cintas de placas móveis, 24 a 26 dentes em cada ramo maxilar, e a unha média da mão chega a 15cm. Não se adapta ao cativeiro. Houaiss – Tatu-canastra , s.m. Tatu de grandes dimensões (<i>Priodontes maximus</i>), encontrado na maior parte da América do Sul cisandina, com até 1 m de comprimento, corpo coberto por poucos pelos e patas anteriores dotadas de garras enormes, que auxiliam na escavação de buracos; <i>tatuaçu</i> [Espécie ameaçada de extinção, esp. devido à caça para obtenção de carne.]	
Observações:	
Definição: Espécie de animal que apresenta uma carapaça dura e resistente e garras longas.	
26. Catitu sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Catitu</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Catitú , s.m. O mesmo que <i>caititú</i> . Aurélio – Caititu , s.m. Do tupi. 1. Mamífero artiocátilo, taiacuideo (<i>Tayassu tajacu</i>), da região cisandina da América do Sul. Pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro, resultando numa coloração rosada; linha de longos pelos no pescoço, e patas pretas, com faixa característica em forma de colar branco cingindo o pescoço até os ombros. Houaiss – Caititu , s.m. tupi <i>taite'tu</i> no sentido de 'porco do mato'; a acp. 2 advém de o aparelho de ralar produzir um ruído que se assemelha ao que faz o animal; f.hist. 1610 <i>taiacetu</i> , 1618 <i>tahitetu</i> , 1730 <i>cahetatûs</i> , 1789 <i>caitetú</i> , sXVIII <i>taitetu</i> , sXVIII <i>caetetum</i> . 1. Mamífero artiodátilo da fam. dos taiacuideos (<i>Tayassu tajacu</i>), encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem cinza-escura com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; <i>catete</i> , <i>cateto</i> , <i>pecari</i> , <i>porco-do-mato</i> , <i>tateto</i> [Vive em bandos de até 20 indivíduos.]	
Observações: No Aurélio consta porco-do-mato, designação impropriamente dada aos taiacuideos queixada e caítitu. Diferem do porco doméstico por terem causa atrofiada, cerdas mais longas e mais rijas, apenas dois incisivos superiores e seis molares, e (o que é nele mais típico) uma glândula dorsal próxima da garupa que secreta uma substância oleosa como cheiro de almíscar. Vivem em bandos, às vezes de algumas dezenas de indivíduos, e alimentam-se de toda sorte de frutos e raízes da mata.	
Definição: Espécie de porco pequeno, geralmente encontrado na mata. É conhecido também como porco-do-mato.	
27. Curião sm	01 OCORRÊNCIA
<i>O curião também gosta d'uma lua cheia</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: curião, s.m. 'chefe da cúria entre os antigos romanos' -riões pl. XVI Do lat. <i>cūrīō -ōnis</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Curião , s.m. lat. <i>curio</i> ; <i>curionem</i> . Chefe de cúria entre os romanos. 2. Sacerdote romano, que presidia aos sacrifícios nas cúrias. Aurélio – Curião , s.m. Do lat. <i>curione</i> . Chefe de cúria entre os antigos romanos. Houaiss – Curião , s.m. lat. <i>curīo,ōnis</i> no sentido de 'membro de uma cúria, chefe dos sacerdotes de uma cúria'; f.hist. sXVI <i>curiões</i> . Entre os antigos romanos, chefe de uma cúria (no sentido de 'divisão').	
Observações:	
Definição: Tipo de pássaro.	

28. Japiim sm	01 OCORRÊNCIA
<i>E tem o japiim que'le é bem...sei lá quando ele canta assim é bem lindo</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Japiim , s.m. Ver <i>japim</i> . Houaiss – Japiim , s.m. segundo DHPT, prov. do tupi <i>yapi'i</i> 'nome comum a diversas aves' derivado de(o) <i>ya'pi</i> no sentido de ' <i>japu</i> ' + ' <i>i</i> no sentido de 'pequeno'; cp. <i>Japuí</i> . 1. Designação comum a diversas espécies de aves passeriformes da fam. dos emberizídeos, da subfam. dos icteríneos, de porte médio e coloração negra e amarela ou vermelha, que constroem ninhos pendentes em forma de bolsa; <i>bauá</i> , <i>bom-é</i> , <i>japuí</i> , <i>japuira</i> , <i>japujuba</i> , <i>joão-conguinho</i> , <i>xexéu-bauá</i> .	
Observações: No Aurélio <i>japim</i> é uma ave emberizídea icterínea (<i>Cacicus cela</i>), distribuída do Paraná ao Brasil central, de coloração negra, dorso inferior, uropígio, crisso e parte basal da cauda amarelo-vivos e bico claro. Constroem ninhos suspensos, próximos uns dos outros, e vivem na orla de florestas e matas.	
Definição: Espécie de ave de coloração preta e amarela ou vermelha.	
29. Jatuarana sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Jatuarana</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Jatuarana , s.f. Peixe de rio da família dos caracínidas (<i>Hemiodus microcephalus</i> , Gunther). Aurélio – Jatuarana , s.f. De or. Tupi. 1. Peixe hemiodontídeo (<i>Hemiodus microlepis</i>) da bacia amazônica, de até 25cm de comprimento, coloração clara com mácula negra sobre a linha lateral ao nível da porção posterior da nadadeira dorsal. Houaiss – Jaturarana , s.f. prov. do tupi; A.G. Cunha consigna, em DHTP, 'peixe da família dos caracídeos', sem registrar o étimo, com dúvida sobre a orig. Mesmo que <i>ubari</i> (<i>Hemiodus notatus</i>).	
Observações:	
Definição: Espécie de peixe que se alimenta de frutos e sementes, muito comercializado na região amazônica.	
30. Minhoca grande sf	01 OCORRÊNCIA
<i>A minhoca...se você achá a minhoca/a minhoca grande na terra seca aqui pode botá o balde na biquêra</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Minhoca-grande , s.f. Mesmo que <i>minhocuçu</i> (<i>Glossoscolex giganteus</i>).	
Observações: Em Freire e no Aurélio constam <i>minhocão</i> e <i>minhocuçu</i> . No Houaiss <i>minhocuçu</i> é grande minhoca da fam. dos glossoescolécídeos (<i>Glossoscolex giganteus</i>), com até 1,7 m de comprimento, encontrada esp. no solo de regiões florestadas; <i>minhocauçu</i> , <i>minhoca-grande</i> , <i>minhocão</i> [Em dias de chuva, é comumente observada na superfície da terra.]	
Definição: Espécie de minhoca que aparece em períodos chuvosos.	

31. Roederinha sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Sim é...tu conhece aquelas...paquinha não é...aquelas roederinha...aquelas que roía as goiaba bem aqui</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: No Aurélio consta roedor, espécie dos roedores, grande ordem de mamíferos, geralmente herbívoros, sendo muito escavadores, com aproximadamente 1800 espécies, distribuídos em três subordens, cada uma delas caracterizada pela estrutura da cabeça, especialmente o arco zigomático, a área pré-orbital e a disposição dos músculos masseteres, e o modo de roedura daí decorrente. Têm, na maxila e na mandíbula, um par de incisivos desprovidos de esmalte na parte posterior, o que lhes proporciona um crescimento contínuo. No Houaiss consta roedorinha, espécime dos roedores.	
Definição: Pequeno roedor. Mesmo que paquinha.	
32. Pirarara sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Pirarara mas é muito pôco</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: pirarara, s.f. 'peixe da fam. dos pimelodídeos' 1787. Do tupi * <i>pira'rara</i> < <i>pi'ra</i> + <i>a'rara</i> 'arara'.	
Registro em dicionários: Freire – Pirarara , s.m. Grande peixe de rio, da família dos silúridas (<i>Phractocephalus hemiliopterus</i>). Aurélio – Pirarara , s.f. De or. Tupi. Bagre pimelodídeo (<i>Phractocephalus hemiliopterus</i>) da região amazônica. Tem dorso castanho-escuro, flancos amarelos, ventre esbranquiçado, nadadeira caudal vermelha e as outras escuras, com manchas vermelhas. Comprimento de até 1,30m. Houaiss – Pirarara , s.f. tupi * <i>pira'rara</i> no sentido de 'peixe da família dos pimelodídeos' derivado de(o) <i>pi'ra</i> no sentido de 'peixe' + <i>a'rara</i> no sentido de 'arara'; f.hist. 1833 <i>pirarára</i> , 1899 <i>pirarara</i> . Peixe siluriforme da fam. dos pimelodídeos (<i>Phractocephalus hemiliopterus</i>), amazônico, com até 30 cm de comprimento, dorso marrom, flancos amarelados e ventre esbranquiçado, barbilhões, lábios e parte das nadadeiras vermelhas [Sua carne é us. apenas em regiões da Amazônia.]	
Observações:	
Definição: Espécie de peixe de couro que possui faixas amarelas ao longo do corpo.	
33. Surumbi sm	01 OCORRÊNCIA
<i>[...]quando pega um surumbi você fica muito alegre né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Surumbi , s.m. Gênero de peixes do norte do Brasil. Aurélio – Surumbi , s.m. Var. de <i>surubi</i> . Designação comum a bagres pimelodídeos, gêneros <i>Platystomatichthys</i> , <i>Pseudoplatystoma</i> e <i>Sorubimichthys</i> , de porte avantajado e cabeça-grande, achatada. Houaiss – Surumbi , s.m. Ver em <i>surubi</i> . Mesmo que bagre-rajado (<i>Pseudoplatystoma fasciatus</i>).	
Observações:	
Definição: Espécie de peixe liso que apresenta machas. Também é conhecido como pintado.	
34. Xexéu sm	01 OCORRÊNCIA
<i>O único animal aqui do mato que vi chegá aqui assim que eu sinto falta dos animal assim...os passáro né...pássaro tem bastante... Xexéu</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: xexéu, s.m. 'pássaro da fam. dos icterídeos' <i>chexéo</i> 1833, <i>chexéo</i> 1875, <i>chexéu</i> 1878 etc. De provável origem tupi, mas de étimo indeterminado.	
Registro em dicionários: Freire – Xexéu , s.m. Ave brasileira da ordem dos pásseres (<i>Cassicus</i>). Aurélio – Xexéu , s.m. Do tupi. V. <i>japim</i> . Houaiss – Xexéu , s.m. segundo Nasc, tupi <i>xe'xéu</i> , para a acp. de orn; nessa mesma acp., doc. no DHPT, sem identificação do étimo tupi; f.hist. 1833 <i>chexéo</i> , 1875 <i>chexéo</i> , 1878 <i>chexéu</i> , 1935 <i>xexéus</i> . 1. Mesmo que <i>japiim</i> (<i>Cacicus cela</i>).	
Observações:	
Definição: Espécie de ave de coloração amarela e preta que se alimenta de frutos e sementes.	

7) CAMPO LEXICAL DE RELIGIÃO E CRENÇAS

01. Superstição sf 09 OCORRÊNCIAS ~ Supestição sf 01 OCORRÊNCIA ~ Supertição sf 01 OCORRÊNCIA
<i>Que nem eu tenho muita superstição assim...</i> (Entrevista 01HM35). <i>Eu nem sei o que é superstição</i> (Entrevista 02JM27).
Etimologia: superstição sf. ‘crença em presságios’ ‘crendice’ -çam XVI Do lat. <i>superstitiō -ōnis</i> supersticioso XVI. Do lat. <i>superstitiōsus</i> .
Registro em dicionários: Freire – <i>Superstição</i> , s.f. Lat. <i>superstitio; superstitionem</i> . Sentimento da veneração religiosa fundado no temor ou ignorância e que conduz geralmente ao cumprimento de falsos deveres, a quimeras ou a uma confiança em cousas ineficazes; opinião religiosa fundada em preconceitos ou credices. 2. Observância religiosa e vã, praticada pelos antigos e proibida pela Igreja; prática supersticiosa. 3. Presságio infundado ou vão que se tira de acidentes ou circunstâncias meramente fortuitas, sem relação alguma com os acontecimentos de que se supõe que eles são prenúncio. 5. Crendice, preconceito. Aurélio – Superstição , s.f. [Do lat. <i>superstitione</i> .] 1. Sentimento religioso baseado no temor ou na ignorância, e que induz ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de coisas fantásticas e à confiança em coisas ineficazes; crendice. 2. Crença em presságios tirados de fatos puramente fortuitos. 3. Apego exagerado e/ou infundado a qualquer coisa. Houaiss – Superstição , s.f. [lat. <i>superstitiō,ōnis</i> no sentido de ‘superstição; observação escrupulosa; objeto de terror religioso; culto religioso, veneração; adivinhação, profecia’]. 1. Crença ou noção sem base na razão ou no conhecimento, que leva a criar falsas obrigações, a temer coisas inócuas, a depositar confiança em coisas absurdas, sem nenhuma relação racional entre os fatos e as supostas causas a eles associadas; crendice, misticismo. 2. Crença em presságios e sinais, originada por acontecimentos ou coincidências fortuitas, sem qualquer relação comprovável com os fatos dos quais se acredita sejam prenúncio.
Observações:
Definição: Relativo a crenças, não apresenta fundamento racional e lógico. Crença que leva a pessoa a acreditar ou ter medo de coisas infundadas.
02. Benedêra sf 08 OCORRÊNCIAS ~ Bezedeira sf 07 OCORRÊNCIAS
<i>Ah é benzedêra né? Minha mãe era benzedêra</i> (Entrevista 04MF61). <i>Reza? Minha vó benzia... era benzedêra né a minha avó. Só que ela/ela gostava mais assim de rezá os neto/os neto dela né?</i> (Entrevista 13SCF42).
Etimologia: benzed·eira → benzer vb. ‘consagrar ao culto divino ou chamar o favor do céu’ XIV, <i>bēizer</i> XIII, <i>beeyzer</i> XIV etc. Do lat. <i>benedictus</i> <i>benzedeira</i> 1813 <i>benzedura</i> 1813.
Registro em dicionários: Freire – Benzedeira , s.f. De <i>benzer</i> + <i>deira</i> . Mulher que pretende curar doenças com benzeduras. 2. Bruxa, feiticeira. Aurélio – Benzedeira , s.f. [De <i>benzer</i> + <i>-deira</i> .] 1. Mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio de benzeduras. 2. Bruxa, feiticeira. Houaiss – Benzedeiro , adj. e s.m. [rad. do part. <i>benzido</i> , com tema <i>-e-</i> da 2ª conj. +-eiro; ver bom-, <i>benz-e diz-</i> ; f. hist. 1500 <i>benzedeyros</i> , c1543 <i>benzedeyra</i> , 1712 <i>benzedeiro</i>]. 1. Que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo tb. o futuro; benzedor. 2. Que ou quem é bruxo, feiticeiro.
Observações:
Definição: Pessoa que afasta o mal por meio de rezas, geralmente utiliza galhos de plantas para o ato de benzer.

03. Olho gordo fras.	06 OCORRÊNCIAS
[...] é olho gordo . Num é, de inveja? (Entrevista 02JM27). Olho gordo. Olho gordo né? É. (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Olho gordo , Loc. Bras. Inveja, cobiça; olho grande. Houaiss – Olho gordo , Loc. Desejo ardente de possuir ou conseguir alguma coisa de outrem; inveja, cobiça, olho grande.	
Observações: Em Freire consta “ôlho de cobra”, “ôlho de matar pinto”, “ôlho de secar pimenta” para indivíduo de mau olhado.	
Definição: Indivíduo que tem inveja e pode prejudicar outra pessoa.	
04. Curandêra sf	04 OCORRÊNCIAS
É curandêra né? (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: curandeiro sm. ‘aquele que cura por meio de rezas ou feitiçarias’ <i>curadeiro</i> 1858 Do lat. <i>curand(u)</i> , gerundivo de <i>cūrāre</i> + <i>-eiro</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Curandeiro , s.m. Aquele que cura, sem título nem conhecimentos médicos. 2. Charlatão em medicina, que finge tratar doenças ou possessões diabólicas por meio de rezas. Aurélio – Curandeiro , s.m. [De * <i>curando</i> (< <i>curar</i> + <i>-ando</i>) + <i>-eiro</i>]. 1. Aquele que cura; indivíduo que se atribui (ou a quem é atribuída) a função, capacidade, poder ou conhecimento para curar. 2. Aquele que cura sem título nem habilitações, em geral por meio de rezas e feitiçarias. Houaiss – Curandeiro , adj. e s.m. [rad. do gerundivo do v. lat. <i>curāre</i> tomado sob a f. <i>curand</i> -+ <i>-eiro</i> ; ver <i>cur</i> -; a datação é para o subst. ‘quem procura tratar’]. 1. Que ou quem procurar tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, e ger. mediante práticas de feitiçaria, beberagens etc.; benzedeiro, carimbamba. 2. Adj. Que denota o uso de magias, rezas, beberagens etc. na cura de determinadas doenças. 3. s.m. Médico tradicional.	
Observações:	
Definição: Pessoa do sexo feminino que realiza cura de enfermidades por meio de rezas e ervas medicinais.	
05. Boto sm	02 OCORRÊNCIAS
Ah a lenda que eu conheço é do negócio do boto que eu conheço... boto que vira gente (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: boto, s.m. ‘cetáceo da fam. dos platanistídeos e delfínídeos’ 1813. De origem controversa.	
Registro em dicionários: Freire – Boto , s.m. Cetáceo da família dos delfinidas (<i>Sotalia brasiliensis</i>). Aurélio – Boto , s.m. 1. V. <i>peixe-boto</i> . Houaiss – Boto , s.m. lat.tar. <i>buttis</i> no sentido de 'barrica, odre de vinho'. 1. Designação comum a várias espécies de mamíferos cetáceos, marinhos ou de água doce, esp. os da fam. dos platanistídeos e delfínídeos; têm dimensões pequenas, ger. não alcançando mais que 2,5 m de comprimento (trasm.) e p.ext. 'golfinho fluvial de focinho longo peculiar do Amazonas'.	
Observações: No Aurélio peixe-boto é designação comum aos cetáceos odontocetos, delfínídeos (marinhos) e platanistídeos (fluviais).	
Definição: Espécie de mamífero marinho que se transforma em homem para encantar e seduzir as mulheres.	
06. Gato preto sm	03 OCORRÊNCIAS
Tinha um gato preto perto de casa... aí tem esse negócio de gato preto ... (Entrevista 02JM27).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Gato-preto , s.m. Ver <i>diabo</i> . Houaiss – Gato-preto , s.m. 1. <i>O diabo</i> .	
Observações:	
Definição: Gato doméstico que está associado a má sorte por ser da cor preta.	

07. Graças a Deus Loc. adv.	64 OCORRÊNCIAS
<i>Até porque hoje assim... Graças a Deus ... eu mudei muito...(Entrevista 01HM35). Minha infância foi boa... Graças a Deus (Entrevista 02JM27)</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Graças a Deus , loc. Felizmente, afortunadamente.	
Observações:	
Definição: Designação geral para se referir à proteção divina, uma coisa boa, felizmente.	
08. Coan sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Ah aqui eu falo pro meu marido ele fica dando risada é a coan né? A coan quando tá cantando diz que a gente vai saber notícia ruim né? (Entrevista 04MF61).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Coan (e/o)-, elemento de composição. Antepositivo do gr. <i>khoánē,ēs</i> ou <i>khóanos</i> , ou ‘funil, crisol’, em termos das ciências naturais do fim do sXIX em diante: <i>coanéfora</i> , <i>coaneforácea</i> , <i>coaneforáceo</i> , <i>cóano</i> , <i>coanócito</i> , <i>coanflagelado</i> , <i>coanoide</i> , <i>coanolemo</i> , <i>coanorragia</i> , <i>coanrrágico</i> , <i>coanossomo</i> , <i>coanotênia</i> .	
Observações:	
Definição: Um tipo de pássaro que traz notícia ruim.	
09. Corpus Criste sm 03 OCORRÊNCIAS ~ Corpus Cristo sm 01 OCORRÊNCIA	
<i>Então assim tipo Corpus Cristo... NOssa SENhora se xingasse (Entrevista 01HM35). Não sei se você já parô pra observá várias coisa disso... que nem Corpus Criste...hoje você fala assim "ah Corpus Criste" (Entrevista 01HM35).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Corpus Christi , s.m. Do lat. O mesmo que <i>Corpo de Deus</i> . 2. Festa que a Igreja celebra na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade, para comemorar solenemente a instituição da Eucaristia. Aurélio – Corpus Christi . Lat., ‘ <i>corpo de Cristo</i> ’. Festa do corpo de Cristo, celebrada na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade. Houaiss – Corpus Christi , loc. A festa do corpo de Cristo, a celebração mística do corpo de Cristo realizada na quinta-feira posterior ao domingo da Santíssima Trindade.	
Observações:	
Definição: Feriado cristão relacionado ao Corpo de Cristo.	
10. Olho grande sm 03 OCORRÊNCIAS ~ Zóio grande sm 02 OCORRÊNCIAS	
<i>É geralmente olho gordo... olho grande. É assim até porque nunca fui...eu sempre fui uma pessoa...se olho pra você hoje... eu vejo você bem com uma caminhoneta... assim tá bem estruturada... eu sempre fui uma pessoa assim de/de correr atrás e batalhar e conseguir também só que...boa pergunta cara porque tem muita gente que olha pra você com alguma coisa... casinha boa... um carro e já quer ter tudo que essa pessoa tem né? Realmente cara bem interessante essa pergunta (Entrevista 01HM35). Zóio grande né? (Entrevista 02JM27)</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Olho grande , Loc.1. Olho gordo. Houaiss – Olho grande , s. 2g. Indivíduo de olho grande. Conferir olho grande.	
Observações: Em Freire consta “olho de cobra”, “olho de matar pinto”, “olho de secar pimenta” para indivíduo de mau olhado.	
Definição: Indivíduo que tem inveja.	

11. Rezadêra sf	03 OCORRÊNCIAS
<i>Rezadêra</i> (Entrevista 05AM18). <i>Mas tem umas que chama rezadêra mermo</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Rezadeira , s.f. De <i>rezar</i> + <i>deira</i> . Mulher que faz rezas ou deita cartas, para prever o futuro e afugentar males. Aurélio – Não consta. Houaiss – Rezadeira , s.f. <i>rezado</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>cit-</i> . Mulher que reza muito ou faz rezas para afastar males, perigos, desgraças.	
Observações:	
Definição: Mulher que, por meio de rezas, pode curar ou afastar o mal.	
12. Invejosa Adj.	02 OCORRÊNCIAS
<i>É invejosa né?</i> (Entrevista 04MF61)	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Invejosa , s.f. Planta borragínea, também conhecida por vermelhão. Aurélio – Não consta. Houaiss – Invejosa , s.f. fem.substantivado do adj. invejoso; ver <i>vid-</i> . 1. Mulher que sente inveja.	
Observações:	
Definição: Uma pessoa que tem inveja de outra. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja.	
13. Invejoso Adj.	01 OCORRÊNCIA
<i>Invejoso né</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: invejoso XVI, <i>enveioso</i> XIV etc. Do lat. <i>invidiōsus</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Invejoso , adj. De <i>inveja</i> + <i>oso</i> . Que tem inveja. Aurélio – Invejoso , adj. Do lat. <i>invidiosu</i> . Que tem inveja. 2. Que denota ou revela inveja. s.m. 3. Indivíduo invejoso. Houaiss – Invejoso , adj. lat. <i>invidiōsus,a,um</i> no sentido de 'invejoso, que excita a inveja, invejado; que torna odioso, que provoca o ódio, odioso'; ver <i>vid-</i> ; f.hist. sXIV <i>enveioso</i> , 1572 <i>enuejoso</i> . 1. Que tem ou que revela inveja; ínvio. adj e s.m. 2. Que ou aquele que sente inveja, que ou quem revela, em seus gestos, palavras etc., inveja em relação a outrem.	
Observações:	
Definição: Uma pessoa que tem inveja de outra. Mesmo que <i>invejosa</i> . Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja.	
14. Inveja sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Num é de inveja?</i> (Entrevista 02JM27). <i>É inveja né?</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: inveja, s.f. 'desgosto ou pesar pelo bem dos outros' XVI, <i>enveja</i> XIII, <i>îvega</i> XIV etc. Do lat. <i>īnvidia</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Inveja , s.f. Lat. <i>invidia</i> . Misto de desgosto e ódio provocado pela prosperidade ou alegria de outrem. Desejo violento e pecaminoso de possuir ou gozar exclusivamente algum bem que outrem possui ou desfruta. 3. O próprio objeto que provoca esse desejo ou esse sentimento. Aurélio – Inveja , s.f. Do lat. <i>invidia</i> . 1. Desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem. 2. Desejo violento de possuir o bem alheio. Houaiss – Inveja , s.f. lat. <i>invidia,ae</i> (no sentido definido), de <i>invidus,a,um</i> no sentido de 'que tem ou lança mau-olhado, que tem inveja, invejoso', de <i>invidere</i> no sentido de 'olhar de modo malévol, lançar mau-olhado, donde invejar'; ver <i>vid-</i> ; f.hist. sXIII <i>enveja</i> , sXIV <i>îvega</i> . 1. Sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que sente o desejo de possuir algo ou vivenciar a experiência de felicidade de outra pessoa. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja.	

15. Pimentêra sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Isso... tirá a pimentêra ... a pimentêra morre...{um vizinho que tem bem ali... veio aqui admirô mas...} "Oh que planta linda" aí pegou assim nela... () não num é... é o que ele... (Entrevista 03LF41).</i>	
Etimologia: Do cast. <i>pimentón</i> pimenteira 1813.	
Registro em dicionários: Freire – Pimenteira , s.f. De <i>pimenta</i> + <i>eira</i> . Planta piperácea, que produz a pimenta. Aurélio – Pimenteira , s.f. De <i>pimenta</i> + <i>-eira</i> . 1. Pimenta. Houaiss – Pimenteira , s.f. <i>pimenta</i> + <i>-eira</i> ; ver <i>pint-</i> ; f.hist. 1058 <i>pimenteira</i> (num doc. em baixo-latim; JM s.v. <i>pimenta</i>), 1853 <i>pimenteiras</i> , 1877 <i>pimentêiras</i> (acp. de ETNOL). 1. Mesmo que <i>pimenta</i> (no sentido de 'design. comum a plantas dos gêneros <i>Capsicum</i> e <i>Piper</i> ').	
Observações:	
Definição: Designação dada a planta que produz pimenta, geralmente plantas em vasos.	
16. Assombrção sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Que o povo mais velho do nordeste...pra lá do norte...que eles contava muito (coisa) assim de assombrção (Entrevista 07JF62).</i> <i>Dizia a minha mãe que era assombrção (Entrevista 13SF42).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Assombrção , s.f. De <i>assombrar</i> + <i>cão</i> . Aparição de cousa que parece sobrenatural; alma do outro mundo, duende, fantasma. 2. Pavor, susto ou terror causado por alguma cousa inexplicável ou desconhecida. Aurélio – Assombrção , s.f. De <i>assombrar</i> + <i>-ção</i> . 1. Terror proveniente de causa inexplicável. 2. Pavor motivado pelo encontro ou aparição imaginária de coisas sobrenaturais. 3. Ver fantasma. Houaiss – Assombrção , s.f. <i>assombrar</i> + <i>-ção</i> ; ver <i>umbr(i/o)-</i> . 1. Ação ou efeito de assombrar(-se). 2. Sentimento de terror causado por coisas que não se podem explicar e que freq. são interpretadas como sobrenaturais. 3. Alma do outro mundo; fantasma, sombração.	
Observações:	
Definição: Aparição imaginária de coisas sobrenaturais, fantasma.	
17. Ambiciosa sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Uma pessoa que num tem Deus na vida é uma pessoa ambiciosa (Entrevista 06SM67).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Ambiciosa , s.f. 4. Indivíduo ambicioso. Houaiss – Ambiciosa , adj. lat. <i>ambitiōsus,a,um</i> no sentido de 'que rodeia, cerca, solicitador, intrigante, ambicioso, que deseja agradar, pomposo, rico'; ver <i>2i-</i> e <i>ambi(e)-</i> ; f.hist. 1548 <i>ambecioso</i> , 1572 <i>ambicioso</i> . 1. Que ou o que tem ambição; cobiçoso.	
Observações:	
Definição: Aquele ou aquela que busca a todo custo alcançar um objetivo. Citada por alguns assentados para responder a uma pergunta direcionada sobre o olhar de uma pessoa para outra, no sentido de ter inveja.	
18. Benzendô sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Benzendô (Entrevista 07JF62).</i>	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Benzedor , s.m. De <i>benzer</i> + <i>dor</i> . O que benze; benzedeiro. Aurélio – Benzedor , s.m. De <i>benzer</i> + <i>-dor</i> . Ver benzedeiro. Houaiss – Benzedor , adj. e s.m. rad. do part. benzido, com tema <i>-e-</i> da 2a conj. + <i>-or</i> ; ver <i>bon-</i> , <i>benz-</i> e diz; a data 1562 é para o subst. Mesmo que benzedeiro (no sentido de 'que ou quem afasta o mal').	
Observações:	
Definição: Indivíduo do sexo masculino que se destina a curar pessoas doentes por meio de rezas, preces. Geralmente, utiliza galhos de ervas.	

19. Curandêro sm	01 OCORRÊNCIA
<i>É curandêro né?</i> (Entrevista 13SF42).	
Etimologia: curandeiro, s.m. ‘aquele que cura por meio de rezas ou feitiçarias’ <i>curadeiro</i> 1858 Do lat. <i>curand(u)</i> , gerundivo de <i>cūrāre</i> + <i>-eiro</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Curandeiro , s.m. Aquele que cura, sem título nem conhecimentos médicos. 2. Charlatão em medicina, que finge tratar doenças ou possessões diabólicas por meio de rezas. Aurélio – Curandeiro , s.m. De * <i>curando</i> (< <i>curar</i> + <i>-ando</i>) + <i>-eiro</i> . 1. Aquele que cura; indivíduo que se atribui (ou a quem é atribuída) a função, capacidade, poder ou conhecimento para curar. Houaiss – Curandeiro , adj. e s.m. rad. do gerundivo do v.lat. <i>curāre</i> tomado sob a f. <i>curand-</i> + <i>-eiro</i> ; ver <i>cur-</i> ; a datação é para o subst. ‘quem procura tratar’. 1. Que ou quem procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, e ger. mediante práticas de feitiçaria, beberagens etc.; <i>benzedeiro</i> , <i>carimbamba</i> .	
Observações:	
Definição: Pessoa do sexo masculino que cura enfermidades por meio de rezas e ervas medicinais.	
20. Feitiço sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Ah um feitiço</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: feitiço, s.m. ‘bruxaria’ ‘objeto a que se atribuem poderes sobrenaturais, amuleto’ ‘encanto, fascinação’ XV. Do lat. <i>factīcius</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Feitiço , s.m. De <i>feito</i> + <i>iço</i> . Sortilégio, malefício de feiticeiros. Aurélio – Feitiço , s.m. De <i>feito</i> + <i>-iço</i> . 3. Malefício de feiticeiros. 4. Aquilo que é usado em feitiçaria. 5. Ver <i>bruxaria</i> . Houaiss – Feitiço , s.m. lat. <i>factīcius, a, um</i> no sentido de ‘artificial, não natural, imitativo, onomatopaico’; o port. feitiço e o espanhol <i>hechizo</i> , doc. no sXV, são concorrentes de bruxaria na área ibérica; observe-se que o port. feitiço foi, já no sXVI, usado em línguas africanas, donde foi tomado como emprt. pelo fr. <i>fétiche</i> , doc. já em 1605; ver <i>faz-</i> .	
Observações:	
Definição: Tipo de encanto, energias ruins direcionadas a um indivíduo.	
21. Macumba sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Macumba</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: macumba, s.f. ‘antigo instrumento musical de origem africana usado outrora nos terreiros’ ‘termo genérico para os cultos afro-brasileiros’ ‘quimbanda’ ‘despacho de rua’ XX. Do <i>quimbundo</i> , mas de étimo controverso.	
Registro em dicionários: Freire – Macumba , s.f. Rito espiritualista, que participa do catolicismo, do fetichismo e de superstições tupis; cerimônia fetichista de fundo negro com influência cristã, acompanhada de danças e cantos ao som de tambor. 2. Feitiçaria. Aurélio – Macumba , s.f. Do quimb. <i>Ma’kôba</i> . 1. Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. 2. O ritual desses cultos. 4. Magia negra. 5. Bruxaria. Houaiss – Macumba , s.f. orig. controversa.; o DCAB sugere o quimbundo <i>ma</i> no sentido de ‘o que assusta’ + <i>kumba</i> no sentido de ‘soar (assustadoramente)’ ou o prefixo plural <i>maku</i> + <i>mba</i> no sentido de ‘sortilégio’.	
Observações:	
Definição: Designação dada para qualquer forma de feitiço ou magia direcionada a uma pessoa.	

22. Mau olhar sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Mau olhar né?</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Mau olhar , s.m. Qualidade atribuída a certas pessoas de causarem desgraça àquelas para quem olham.	
Aurélio – Mau-olhado , s.m. De <i>mau</i> + <i>olhado</i> . 1. Qualidade que se atribui a certas pessoas de causarem desgraça àqueles para quem olham. 2. O mau efeito dessa qualidade.	
Houaiss – Mau-olhado , s.m. 1. Olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhar. 2. O suposto efeito de tal olhar; olhar.	
Observações:	
Definição: Mesmo que olho-gordo. Inveja de alguém, mediante o olhar direcionado a alguém.	
23. Macumbêro sm	01 OCORRÊNCIA ~ Macumbeiro sm 01 OCORRÊNCIA
<i>Macumbeiro</i> (Entrevista 02JM27).	
<i>Né? Tem umas que/tem umas que a gente chama macumbeiro[...]</i> (Entrevista 09GM46).	
Etimologia: macumbeiro, XX.	
Registro em dicionários:	
Freire – Macumbeiro , adj. e s.m. Adepto da macumba.	
Aurélio – Macumbeiro , s.m. [De <i>macumba</i> + <i>-eiro</i>]. 1. Partidário e/ou praticante da macumba. 2. Adj. Que é praticamente da macumba.	
Houaiss – Macumbeiro , adj. e s.m. [<i>macumba</i> + <i>-eiro</i>]. 2. Chefe de terreiro de macumba. 3. Adj. e s.m. Praticante ou frequentador assíduo de macumba. 4. P. ext. Que ou aquele que realiza feitiços; feiticeiro.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que realiza rezas ou feitiços, tanto para o bem quanto para o mal.	
24. Negativa sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu acho uma pessoa muito negativa né apesar de muitos num sabe</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Do lat. <i>negātor -ōris</i> negamento XVI negativa XV.	
Registro em dicionários:	
Freire – Negativa , s.f. Proposição com que se nega alguma cousa. 2. Negação. 3. Palavra que exprime negação.	
Aurélio – Negativa , s.f. 2. Ver <i>negação</i> .	
Houaiss – Negativa , s.f. fem.substantivado de negativo; ver <i>neg-</i> . 6. Proposição de conteúdo negativo, pela qual se exprime uma recusa, uma falta de concordância, uma proibição etc.	
Observações:	
Definição: Pessoa que tem um olhar de inveja para outra.	
25. Oio ruim sm	01 OCORRÊNCIA ~ Olho ruim sm 02 OCORRÊNCIA
<i>“tem os óio ruim”</i> (Entrevista 08JM64).	
<i>Ah eu...taí os meus menino eu mandava muito reza...benzê assim...que eu creio assim em gente que tem o olho ruim</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários:	
Freire – Não consta.	
Aurélio – Não consta.	
Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Indivíduo que possui um olhar de cobiça e inveja. Segundo as crenças, pode adoecer as pessoas e murchas plantas.	

26. Raizêro sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Raizêro né?</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Raizeiro , s.m. O mesmo que raizeiro. 2. Curandeiro que trata de doenças com raízes vegetais. Aurélio – Raizeiro , s.m. De <i>raiz</i> + <i>-eiro</i> . Curandeiro que trata doenças valendo-se de raízes vegetais. Houaiss – Raizeiro , s.m. <i>raiz</i> + <i>-eiro</i> ; ver <i>radic(i/o)</i> -. 1. Mesmo que raizeira. 2. Curandeiro que faz tratamentos com raízes; <i>raizista</i> , <i>remedista</i> .	
Observações:	
Definição: Indivíduo que realiza curas e tratamentos caseiros a partir de raízes de plantas medicinais.	
27. Rasga-mortalha sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Eu acredito muito naquela rasga-mortalha ... não sei se você já ouviu fala</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Rasga-mortalha , s.f. De <i>rasgar</i> + <i>mortalha</i> . Ver <i>narceja</i> . Houaiss – Rasga-mortalha , s.f. 1. Mesmo que narceja (<i>Gallinago paraguaiæ</i>).	
Observações: No Aurélio narceja é uma ave caradriforme, escolopácidea (<i>Capella paraguaiæ</i>), que, como residente ou como migratória, ocorre em toda a América do Sul tropical e temperada, inclusive em quase todo o Brasil. Tem dorso escuro com manchas e estrias amarelas, cabeça preta, com linha mediana e sobrelha amarelada, rêmiges escuras, uniformes, e lado ventral claro. Frequenta os brejos, onde nidifica, e se alimenta de artrópodes e outros invertebrados.	
Definição: Espécie de coruja que se atrela ao significado de morte. Acredita-se que quando a coruja sobrevoa a casa ou pousa no telhado, alguém da casa morrerá.	
28. Tendêra sm	01 OCORRÊNCIA
<i>A tendêra né?</i> (Entrevista 12JM50).	
Etimologia: Do lat. mod. tendo <i>-inis</i> , talvez latinização do fr. <i>tendon</i> , e com a infl. do lat. <i>tëndere</i> ‘tender’ <i>tendeira</i> sf. <i>-eyra</i> XIII.	
Registro em dicionários: Freire – Tendeira , s.f. De <i>tendeiro</i> . Mulher que vende em tenda. 2. Dona de tenda. Mulher de tendeiro. Aurélio – Tendeiro , s.m. De <i>tenda</i> + <i>-eiro</i> . 1. Homem que vende em tenda. 2. Proprietário de tenda. Houaiss – Tendeiro , s.m. <i>tenda</i> + <i>-eiro</i> ; ver <i>tend-</i> ; f.hist. sXIII <i>tendeyra</i> , 1390 <i>tendero</i> , 1391 <i>tendeiro</i> . 1. Dono ou vendedor de tenda.	
Observações:	
Definição: Mulher que realiza rezas, geralmente utiliza galhos de plantas.	
29. Quebranti sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Quebranti</i> (Entrevista 07JF62).	
Etimologia: quebranto, s.m. ‘tristeza, sofrimento’ XIII. De <i>quebrantar</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Quebranto , s.m. De quebrantar. Mau olhado; doença, desfalecimento do corpo ou mal que segundo a credence popular se comunica pelo olhar de certas pessoas e especialmente dos feiticeiros às crianças e aos animais. Aurélio – Quebranto , s.m. Dev. de quebrantar. 1. Ver quebrantamento. 2. Resultado mórbido que, segundo a superstição popular, o mau-olhado de certas pessoas produz em outras. Houaiss – Quebranto , s.m. regr. de quebrantar; ver <i>crep-</i> ; f.hist. sXIV <i>quebrãto</i> . 2.1. Efeito malévol, segundo a credence popular, que a atitude, o olhar etc. de algumas pessoas produzem em outras.	
Observações:	
Definição: Designação dada para a pessoa que está fraca, abatida e com dores no corpo devido ao efeito produzido por um mau olhado.	

8) CAMPO LEXICAL DE JOGOS E DIVERSÕES

01. Barata sf	11 OCORRÊNCIAS
<i>Brincá de barata também</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: barata, s.f. 'inseto ortóptero onívoro, da ordem dos blatários' XVI. Do lat. <i>blatta</i> .	
Registro em dicionários: Freire – Barata , s.f. Lat. <i>blata</i> . Gênero de insetos ortópteros noturnos, caseiros, menores que a carocha. Aurélio – Barata , s.f. Do lat. <i>blatta</i> , com <i>suarabácti</i> . Ortóptero onívoro, de corpo achatado e oval, que põe ovos em ootecas. Pode ser silvestre ou doméstico, e tem hábitos noturnos. Houaiss – Barata , s.f. lat. <i>blatta,ae</i> no sentido de 'bicho-de-conta, milípede, traça, caramujo' adaptado do verbo grego blaptō no sentido de 'estragar, deteriorar'; ver <i>barat-</i> . 1. Designação comum a todas as espécies de insetos ortópteros da família dos blatídeos; as de hábitos domésticos, por nutrirem-se de toda sorte de produtos, contaminam alimentos, têm odor desagradável e tornam-se pragas sérias; carocha.	
Observações:	
Definição: Brincadeira infantil em que as crianças correm atrás uma da outra.	
02. Amarelinha sf	06 OCORRÊNCIAS
<i>Amarelinha...conheci aqui já que lá num tinha naquele tempo não</i> (Entrevista 03LF41). <i>Ah brincá de amarelinha...nóis falava. Fazia aqueles quadradinho pulando... batendo assim... brincá de amarelinha. É/é.</i> (Entrevista 08JM64).	
Etimologia: amarelinha sf. 'jogo infantil' XX.	
Registro em dicionários: Freire – Amarelinha , s.f. [De <i>amarelo</i> + <i>inha</i>]. Jôgo infantil, que consta de casas riscadas no chão, por onde há-de passar uma pedrinha tocada pelo jogador, a pular num pé só. Nem a pedrinha pode parar sôbre os traços, nem o jogador pisá-los. Aurélio – Amarelinha , s.f. [Do fr. <i>Marelle</i> , donde, por etimologia popular, terá vindo amarela, a que se adicionou, efetivamente, o suf. Diminutivo.]. Bras. Jogo infantil que consiste em pular num pé só sobre casas riscadas no chão, exceto aquela em que cai a pedra que marca a progressão do brincante. Houaiss – Amarelinha , s.f. [orig. contrv. segundo Nasc, o fr. <i>marelle</i> (sXI) 'pedaço, fragmento de madeira', (sXII) 'peão', (sXIII-XIV) 'jogo com o peão', (1677) 'jogo infantil em que se usa um fragmento de madeira ou pedra pequena para jogar em uma figura riscada no chão, amarelinha', por etimologia popular, deu orig. à f. port. amarela a que se acrescentou o suf. <i>-inha</i> , por afetividade, AGC deriva de amarelo]. Brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio num só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objetivo semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto.	
Observações:	
Definição: Brincadeira em que as crianças riscam uma figura com vários quadrados no chão e jogam uma pedrinha para saírem pulando.	
03. Cobra-cega sf	09 OCORRÊNCIAS
<i>Nós chamava o brinquedo de cobra-cega né?</i> (Entrevista 07JF62). <i>Ah aquilo ali é cobra-cega</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Cobra-cega , s.f. Bras. Zool. 1. Designação genérica de anfíbios, gimnofionos, cecilídeos, esp. as espécies dos gêneros <i>Siphonops</i> e <i>Caecilia</i> , comuníssimos no Brasil [...]. Houaiss – Cobra-cega , s.f. 1. Designação comum aos anfíbios, ápodes, da ordem dos gimnofionos, encontrados na África, Ásia, América do Sul e Central, com até 1,5 cm de comprimento, corpo vermiforme da aparência de uma grande minhoca, pele lisa com sulcos transversais formando anéis e olhos reduzidos, situados sob a pele; cecília, cobra-pilão, ibicara, mãe-de-saúva, minhocão, ubijara [Vivem ger. enterrados em solo úmido, ou mesmo no substrato de rios.]	
Observações:	
Definição: Mesmo que cabra-cega.	

04. Istilingue sm 08 OCORRÊNCIAS ~ Estilingue sm 08 OCORRÊNCIAS
[...] <i>Aí quando tava bem seco mesmo, ficava ali, partia o talo, ficava só aquela liguinha dentro, aí eu fazia o estilingue, fazia bolinha de barro, aí quando todo mundo terminava de cozinhar eu ia e botava mais lenha no fogão, aí colocava uma lata em cima, aí eu fazia as bolinhas de barro pra ficar bem resistente</i> (Entrevista 01HM35). <i>Ah fala... istilingue é</i> (Entrevista 08JM64).
Etimologia: estilingue sm. ‘atiradeira’ XX. Provavelmente do ing. sling ‘funda’, com epêntese de um t para ajudar a pronúncia.
Registro em dicionários: Freire – Estilingue , ou Estillingue , s.m. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos. Aurélio – Estilingue , s.m. [Do ingl. <i>sling</i> , com epêntese, poss.]. V. atiradeira. Houaiss – Estilingue , s.m. [orig. obs.]. Arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros, atiradeira, bodoque.
Observações:
Definição: Designação comum para se referir ao pequeno instrumento utilizado para lançar pedras, geralmente é utilizado para caçar passarinhos. É constituído por uma forquilha de madeira com elástico.
05. Baladêra sm 06 OCORRÊNCIAS
<i>Estilingue o povo fala...mas eu uso mais baladêra</i> (Entrevista 11PM24).
Etimologia: baladeira → bala sf. ‘projétil geralmente metálico, arredondado ou ogival, encaixado na cápsula do cartucho’ XVII; ‘bras. certa guloseima açucarada’ XX. Do fr. <i>balle</i> , deriv. do it. <i>palla</i> e, este, do <i>longobardo</i> *ballo baladeira sf. ‘bras. atiradeira’ XX.
Registro em dicionários: Freire – Baladeira , s.f. Arma de arremesso, com que os meninos brincam. Aurélio – Baladeira , s.f. [De <i>bala</i> + <i>-deira</i>]. Bras. V. atiradeira. Houaiss – Baladeira , s.f. [rad. do part. <i>balado</i> (derivado de (o) *balar [<i>bala</i> + <i>-ar</i>]) + <i>-eira</i> ; ver <i>bal</i> -. Mesmo que atiradeira.
Observações:
Definição: Instrumento geralmente utilizado para caçar passarinhos. É constituída por uma forquilha de madeira, com elástico.
06. Pega-pega sm [repetição do v. pegar na 3ª pess. sing. pres. ind.] 06 OCORRÊNCIAS
<i>Pega-pega</i> (Entrevista 02JM27). <i>Pega-pega...pegadô</i> (Entrevista 06SM67).
Etimologia: Não consta.
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Pega-pega , s.m. [Da 3.ª pess. do sing. do pres. ind. de pegar, repetida.]. Bras. V. <i>pique</i> . Houaiss – Pega-pega , s.m. Ludologia, mesmo que pique (no sentido de ‘brincadeira infantil’).
Observações:
Definição: Brincadeira infantil em que a criança tem de correr atrás de outra e tocá-la.
07. Esconde-esconde sm [repetição do v. esconder na 3ª pess. sing. pres. ind.] 05 OCORRÊNCIAS
<i>A gente a gente brincava de cabra-cega... esconde-esconde à noite né quando tinha tempo né... quando tava morrendo de cansada nem isso...dava conta não [...]</i> (Entrevista 03LF41). <i>Esconde-esconde</i> (Entrevista 05AM18).
Etimologia: esconder vb. ‘encobrir, ocultar, não revelar’ XIV, as- XIII, abs- XIII Do lat. <i>abscondere</i> .
Registro em dicionários: Freire – Esconde-esconde , s.m. Espécie de jogo popular. Aurélio – Esconde-esconde , s.m. 2g. [Redupli. Da 3.ª pess. do sing. do pres. ind. do v. esconder.]. Jogo infantil em que uma criança deve sair à procura das demais, que se esconderam; jogo das escondidas, escondidas, escondido, manja, pegador, pique-esconde, tempo-será, bacondê. Houaiss – Esconde-esconde , s.m.2g. Jogo infantil em que um participante deve encontrar os demais, que se esconderam.
Observações:
Definição: Brincadeira em que uma criança se esconde e a outra tem de encontrá-la.

08. Cabra-cega sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>A gente/a gente brincava de cabra-cega ...</i> (Entrevista 03LF41).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Cabra-cega , s.f. Jogo ou folguedo em que uma pessoa, de olhos vendados, se esforça por apanhar outra, para ser por esta substituída. Aurélio – Cabra-cega , s.f. Brincadeira em que uma criança, vendada, tenta agarrar outra, para ser por esta substituída. Houaiss – Cabra-cega , s.f. cabra + adj. cego, no fem.; ver <i>cabr- e cec(i/o)</i> -. 1. Brincadeira infantil em que um participante fica vendado e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído; <i>batecondê</i> .	
Observações:	
Definição: Brincadeira em que coloca um pano sobre os olhos para tampá-los e a pessoa tem de pegar os demais integrantes.	
09. Xadrez sm	03 OCORRÊNCIAS
<i>É xadrez que fala né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: xadrez, s.m. ‘jogo, sobre um tabuleiro de 64 casas, alternativamente brancas e pretas’ ‘ext. tecido cujas cores estão dispostas em quadrados alternados, semelhante ao tabuleiro de xadrez’.	
Registro em dicionários: Freire – Xadrez , s.m. ár. <i>ax-xitrenj</i> . Jogo em que duas pessoas fazem mover num tabuleiro igual ao do jogo das damas, diferentes peças e em que o objetivo para cada parceiro é a tomada do rei do parceiro contrário e a defesa do seu. 2. O próprio tabuleiro onde se joga aquele jogo. Aurélio – Xadrez , s.m. Do arc. <i>axedrez, enxadrez</i> , ár. E persa <i>šatranġ</i> < sânscr. <i>chaturang</i> , lit., ‘os quatro membros’ (i.e., as quatro divisões do exército: elefantes, cavalos, carros e peões, representadas no jogo de xadrez). 2. O tabuleiro desse jogo. Houaiss – Xadrez , s.m. ár. <i>xatrandj</i> , do sânsc. <i>chaturanga</i> , literal 'os quatro membros' (as quatro divisões do exército, representadas no jogo de xadrez); f.hist. sXIV <i>açedrêche</i> , sXIV <i>asederex</i> , sXIV <i>asederez</i> , sXIV <i>eixedrez</i> , sXIV <i>ssedrez</i> , sXIV <i>xedrez</i> , sXVI <i>xadrez</i> . 1. Jogo que simula o conflito entre dois exércitos, cada qual composto de 16 peças passíveis de movimento em tabuleiro, subdividido em 64 casas, disputado com a utilização de intenso raciocínio lógico e estratégico, dispensando qualquer interferência da sorte [De remota orig. indiana, foi trazido ao Ocidente pelo islã, por volta do sXI.]	
Observações:	
Definição: Jogo de tabuleiro em duas pessoas fazem movimento de peças com o objetivo de pegar o rei.	
10. Banda de feijão sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Banda de feijão [...]. Abre o grão de feijão no meio...dois grãos de feijão no meio aí cê joga o trinta e um. Aí vai. Aí tem as posição... se cai as três/as três banda pra cima aí é trinta... não...as quatro banda pra cima é trinta. Se cai as quatro banda pra baixo é trinta e um e aí vai. Tem vinte e nove...tem vinte e sete... tem vinte e dois. Se cai dois pra cima dois pra baixo é vinte e dois. Rolo doido né?</i> (Entrevista 06SM67).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Brincadeira em que se abre o grão de feijão ao meio e joga as bandas. Se cair três bandas para cima, constitui trinta. Se cair quatro banda para baixo é trinta e um. O jogador que fizer mais ponto, ganha.	

11. Pira sf	02 OCORRÊNCIAS
<i>Ah meu Pai do Céu...era da pira</i> (Entrevista 03LF41)	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Pira , s.f. Fogueira onde se queimavam, ou queimam, cadáveres. 2. Qualquer fogueira. Houaiss – Pira , s.f. 1. Vaso em que arde um fogo simbólico. 2. Fogueira em que se queimavam cadáveres.	
Observações: Pira refere-se à brincadeira infantil conhecida como pega-pega.	
Definição: Brincadeira infantil em que a criança tem de correr atrás de outra e tocá-la.	
12. Congela sm	01 OCORRÊNCIA
<i>É do congela</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações: Nos dicionários há somente o verbo congelar, relacionado ao frio, fazer passar do estágio líquido ao estado sólido por ação do frio.	
Definição: Brincadeira em que a criança sai correndo atrás de outra e quando tocada deve permanecer parada, sem movimento, até outra pessoa tocá-la novamente.	
13. Pato-cego sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Pato-ceto</i> (Entrevista 11PM24).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Mesmo que cabra-cega.	
14. Seta sf	01 OCORRÊNCIA
<i>Lá onde nos morava era seta né?</i> (Entrevista 10PM58).	
Etimologia: seta, s.f. 'haste de madeira, guarnecida de uma ponta de ferro, e que se arremessa por meio de arco ou besta' XV, <i>seeta</i> XIII, <i>saeta</i> XIII.	
Registro em dicionários: Freire – Seta , s.f. Cast. <i>saeta</i> , do lat. <i>sagitta</i> . 8. Um dos nomes da atiradeira; peteca. Aurélio – Seta , s.f. Do lat. <i>sagitta</i> , pelo arc. <i>saeta</i> , <i>seeta</i> . Ver <i>atiradeira</i> . Houaiss – Seta , s.f. lat. <i>sagitta</i> , <i>ae</i> no sentido de 'flecha, seta', pelo port. antigo <i>saeta</i> , <i>seeta</i> ; ver <i>sagit(i)-</i> ; f.hist. 1209 <i>saetas</i> , sXIII <i>seeta</i> , sXIV <i>seeta</i> , sXVI <i>ssaeta</i> , sXV <i>setas</i> . 8. Mesmo que <i>atiradeira</i> .	
Observações: No Aurélio atiradeira é forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras.	
Definição: Mesmo que estilingue.	
15. Talo de mamão sm	02 OCORRÊNCIAS
<i>Aí tirava dois talo de mamão... esses talo de mamão cumprido né?</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Utilizado para a confecção das ligas de borracha para o estilingue a partir do leite da seringueira.	

16. Roba bandêra sm	04 OCORRÊNCIA
<i>roba bandêra não</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Rouba-bandeira , s.m. Mesmo que <i>pega-madeira</i> .	
Observações: Na entrevista rouba bandêra refere-se a uma brincadeira infantil.	
Definição: Brincadeira infantil em que participam dois grupos que se situam em lados opostos de uma divisória e têm uma bandeira. Vence quem conseguir pegar a bandeira do grupo adversário.	
17. Bolinha de barro sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Fazia bolinha de barro</i> (Entrevista 01HM35).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Bolinhas feitas com argila, geralmente é utilizada como munição para o estilingue ou baladeira.	
18. Brincá de roda sm	01 OCORRÊNCIA
<i>Brincá de roda né?</i> (Entrevista 04MF61).	
Etimologia: Não consta.	
Registro em dicionários: Freire – Não consta. Aurélio – Não consta. Houaiss – Não consta.	
Observações:	
Definição: Brincadeira em que as crianças giram em círculo, de mãos dadas e cantam cantigas.	
19. Taco sm	03 OCORRÊNCIA
<i>Pega-se dois/duas ripinha que a gente chama de taco</i> (Entrevista 05AM18).	
Etimologia: taco, s.m. ‘pau roliço, comprido, com que se impulsionam as bolas no jogo de bilhar’ ‘madeira de soalho para revestir pisos’ 1813. De origem obscura.	
Registro em dicionários: Freire – Taco , s.m. Sâncsc. <i>tag</i> . Haste de madeira lisa e torneada com que se impelem as bolas no bilhar. 2. Pau com que se toca a bola nos esportes do golf, do polo, do hockey, etc. Aurélio – Taco , s.m. De or. obscura, poss. onom. (express. do ruído que faz o taco ao tocar a bola). 1. Pau roliço, comprido, com que se impulsionam as bolas no jogo de bilhar. 2. Pau com que se toca a bola, nos esportes do golfê, do polo, do hóquei, etc. Houaiss – Taco , s.m. orig.contrv.; segundo Corominas, não há como afirmar se teve orig. germ. e passou às línguas român. ou vice-versa; o autor acrescenta que talvez seja imitação do ruído do tarugo ao ser pregado na parede; para Nasc, a orig. é obscura; cp. it. ta. 1. Peça de madeira longa e roliça com que se bate ou toca a bola em vários jogos (bilhar, golfe, polo, hóquei, críquete, beisebol etc.) cco, espanhol <i>taco</i> , ing. <i>tack</i> , médio holandês <i>tacke</i> ; compare taco e tação.	
Observações: Na entrevista taco refere-se a uma brincadeira que é disputada entre duplas.	
Definição: Jogo disputado entre duas duplas, sendo que uma fica de posse do taco, peça de madeira, e a outra de posse da bola. Vence quem conseguir derrubar a casinha, objeto depositado atrás da dupla.	

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Vida no assentamento

1. Como o assentamento foi criado?
2. Como era o assentamento quando chegou aqui?
3. Você acha que o assentamento sofreu mudanças significativas com o passar dos anos? O que melhorou? O que ainda falta?
4. Você sabe por que o assentamento tem esse nome?
5. Existe alguma lenda ou histórias sobre o assentamento?
6. No assentamento tem alguma festa comemorativa durante o ano? Se sim, qual (is)?
7. Como você vê a questão da saúde no assentamento? Fale sobre ela.
8. Como é a questão da educação no assentamento? Fale sobre ela.
9. Como é a questão da moradia no assentamento? Fale sobre ela.
10. Como é a questão do saneamento básico no assentamento? Fale sobre ele.
11. Como é obtida a água para o seu consumo?
12. Como se dá o fornecimento de energia elétrica?
13. Quais são os meios de comunicação que você tem acesso?
14. Como você divide as épocas do ano (inverno, verão, outono, primavera)?
15. Você tem algum conhecimento sobre quais as Instituições e Entidades que atuam no assentamento?
16. Há algum projeto social ou econômico sendo desenvolvido no assentamento? Se sim, quais são eles?
17. Há alguma colocação, igarapé ou rio que você acha importante para o assentamento? Se sim, fale sobre eles (pequeno, grande, foz)?
18. Você consome algum tipo de fruto da floresta? Se sim, qual (is)?
19. Você tem vontade de sair do assentamento? Morar em outro lugar?

2. Saúde

20. Quais as doenças mais comuns encontradas no assentamento?
21. Você faz uso de ervas e plantas medicinais encontradas na mata para tratar de doenças? Se sim, qual (is).
22. Como você chama a doença caracterizada por bolhas que causam coceira? (BATISTA, 2019).
23. Como você chama a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança? (CRUZ, 2004).
24. Qual termo você usa para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”? (CORRÊA, 1980).
25. Você sabe como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele com bordas marcadas e o centro mais claro, que causa muita coceira nas regiões afetadas? (BATISTA, 2019).
26. Como você chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras? (BATISTA, 2019).

3. Convívio e comportamento social

27. Como você chama a pessoa que fala demais?
28. Como você chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

29. Como você chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?
30. Como você chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?
31. Como você chama o homem que é traído pela esposa? (BATISTA, 2019).
32. Como você chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?
33. Como você chama uma pessoa que bebe demais?
34. Qual é o nome usado neste local para a mulher que gosta de mulher? (AZEVEDO, 2013).
35. Qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem? (AZEVEDO, 2013).
36. Qual o termo afetivo que você usa para falar com algum irmão, parente ou amigo? (CRUZ, 2004).

4. Trabalho

37. Você trabalha com o qual tipo de cultura (feijão, milho, mandioca, banana, guaraná, cacau)?
38. Você sempre trabalhou com essa cultura ou já trabalhou com outras culturas também?
39. Antes de preparar a terra para o plantio como era a área?
40. Como se escolhe o terreno para o plantio?
41. Como você determina o tamanho da área a ser plantada?
42. Como é feita a preparação da área para a plantação?
43. Quais são as ferramentas que você utiliza no trabalho?
44. O que você planta? É só uma variedade ou tem outras também que você trabalha? Qual as diferenças entre elas (raiz, tronco, caule, casca, folhas, flor e semente)?
45. Como é feito o plantio desta (s) cultura (s)?
46. Você chama mais trabalhadores para ajudar na plantação ou fazer a limpeza da área?
47. Você utiliza algum tipo de adubação? Se sim, quais os tipos?
48. Quais árvores de maior porte convivem com esta cultura?
49. Que outros tipos de plantas pequenas ou médias convivem/sobrevivem com esta cultura?
50. Qual o tempo certo de plantar?
51. Que instrumentos são usados na plantação?
52. Que equipamentos de proteção você usa?
53. Como é feita a limpeza da plantação?
54. Que instrumentos são usados?
55. Quais as pragas e doenças que atacam a cultura?
56. Como é feito o controle das pragas e doenças?
57. Como é feita a colheita e que instrumentos são utilizados?
58. Quais os tipos de produtos são produzidos a partir dessa cultura?
59. Você mesmo fabrica os produtos? Se sim, como?
60. Quais produtos podem ser feitos em casa /na cozinha a partir da cultura?
61. Você comercializa ou seu produto ou é somente para consumo familiar?
62. Como é armazenado o produto antes da venda?
63. Como é realizada a venda do produto?

5. Meios de transporte

64. Que meios de transportes são usados no assentamento?

65. Qual (is) o(s) tipo (s) de transporte (s) mais usado por você para fazer o transporte do produto das culturas? Descreva-o
66. Qual expressão você usa para dizer que uma moto, carro ou ônibus está até o máximo que pode suportar? (BATISTA, 2019).

6. Fauna

67. Você tem algum tipo de criação (bovino, aves, suínos, abelhas, psicultura)?
68. Que animais são geralmente encontrados na mata? Descreva-os.
69. Você já ouviu falar ou sabe de algum animal que anuncia algum presságio? (morte ou má sorte)?
70. Quais são os insetos (mosquitos) que você mais encontra na sua casa? Se sim, quais são eles?
71. Você realiza algum tipo de atividade de caça ou pesca? Se sim, como ela é feita por você?
72. Quais são os tipos de peixes que você consome? Descreva-os.
73. Você conhece outros peixes que possuem nomes diferentes, mas que são os mesmos?

7. Religião e crenças

74. Você tem religião? Fale um pouco sobre ela.
75. Você tem alguma superstição? Se sim, qual (is)?
76. Você já ouviu alguma história de fantasma? Se sim, fale sobre ela (s).
77. Que nome você dá àquele que o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo? (CRUZ, 2004).
78. Como você chama a mulher que faz rezas, geralmente com galho de plantas? (AZEVEDO, 2013).
79. Como você chama a pessoa que trata de doenças por meio de ervas e plantas? (AZEVEDO, 2013).
80. Como você chama o olhar de uma pessoa que parece ter inveja da outra. Quando alguém olha assim para a outra pessoa se diz que essa ela está botando o que na outra? (CRUZ, 2004).

8. Jogos e diversões

81. Da sua infância, você recorda de algum jogo ou brincadeira? Se sim, qual (is)?
82. Como você chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha que os meninos usam para matar passarinhos? (AZEVEDO, 2013).
83. Como você chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar outras? (AZEVEDO, 2013).
84. É de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado? (AZEVEDO, 2013).
85. Como você chama aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando? (AZEVEDO, 2013).